



"Fugas arrepiantes, duelos grandiosos
e amizade verdadeira em uma aventura
à moda antiga." PUBLISHERS WEEKLY

Revelações de Riyria

— † — volume 1 — † —

Michael J. Sullivan

ROUBO DE ESPADAS

*Assassinaram o rei. Incriminaram dois homens.
Escolheram a dupla errada.*

Michael J. Sullivan

Revelações de Riyria 01

ROUBO DE ESPADAS

Tradução de José Roberto O'Shea

Título Original: Theft Of Swords



E D I T O R A R E C O R D
R I O D E J A N E I R O • S Ã O P A U L O

Para minha esposa, Robin, parceira na vida e na aventura da construção desta série, a pessoa cujo trabalho e dedicação tornaram tudo possível.

Para minha filha, Sarah, que só quis ler a história depois de publicada.

Para Steve Gillick, por suas opiniões, e Pete DeBrule, que começou a coisa toda.

E para os integrantes do Dragonchow, o meu primeiro fã-clube.

Geografia, Religião e Política

REGIÕES CONHECIDAS DO MUNDO DE ELAN

Estreñdor: terras ermas ao norte

Império Erivan: terras dos elfos

Apeladorn: nações do homem

Arquipélago de Ba Ran: ilhas dos goblins

Westerlands: terras ermas ao oeste

Dacca: ilha dos homens do sul

NAÇÕES DE APELADORN

Avryn: reinos prósperos centrais

Trent: reinos montanhosos ao norte

Cális: região tropical a sudeste, comandada por chefes guerreiros

Delgos: república ao sul

REINOS DE AVRYN

Ghent: território eclesiástico da Igreja de Nyphron

Melengar: reino pequeno, porém antigo e respeitado

Warric: o mais poderoso dos reinos de Avryn

Dunmore: o mais jovem e menos desenvolvido dos reinos

Alburn: reino da floresta

Rhenydd: reino pobre

Maranon: reino produtor de alimentos. Pertencia a Delgos, porém foi perdido quando Delgos se tornou uma república

Galeannon: reino anárquico formado por colinas inférteis, local de grandes batalhas

OS DEUSES

Érebus: pai dos deuses

Ferrol: primogênito, deus dos elfos

Drome: segundo filho, deus dos anões

Maribor: terceiro filho, deus dos homens

Muriel: filha única, deusa da natureza

Uberlin: filho de Muriel e Érebus, deus das trevas

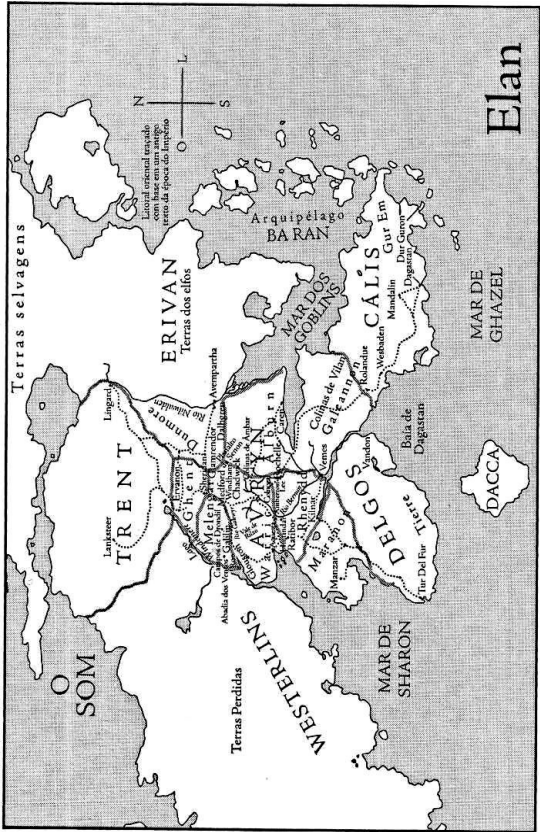
PARTIDOS POLÍTICOS

Imperialistas: pretendem reunir a humanidade em torno de um único líder descendente direto do semi-deus Novron

Nacionalistas: defendem ser comandados por um líder escolhido pelo povo

Monarquistas: desejam que o comando continue nas mãos de monarcas

independentes



Elan

Terras selvagens

SOM

TRENT

ERIVAN
Terras dos elfos

WESTERLINS
Terras Perdidas

Arquipélago
BARAN

MARDOS
GOBLINS

DEGOS

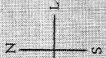
CALIS
Gur Em

DACCA

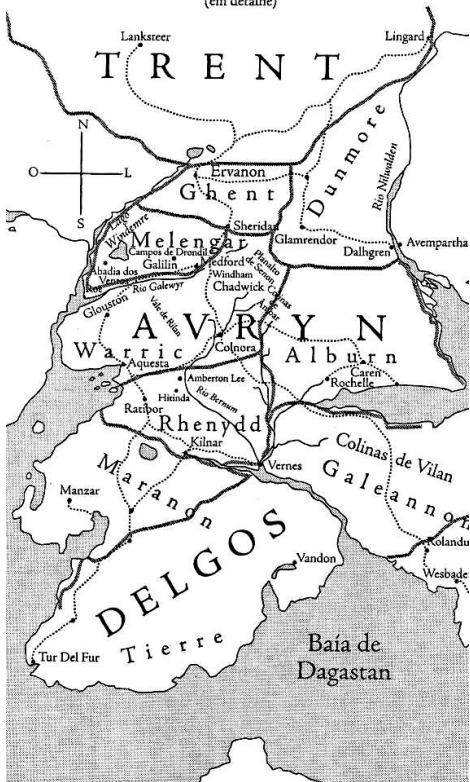
MAR DE
GHAZEL

MAR DE
SHARON

Litoral oriental traçado
com base em um antigo
texto da época do Império



AVRYN (em detalhe)



Livro I – A CONSPIRAÇÃO PELA COROA



Capítulo 1

CARTAS FURTADAS



Na escuridão, Hadrian pouco enxergava, mas podia ouvi-los: gravetos estalando, folhas sendo amassadas e o roçar na relva. Havia mais de um, mais de três, e eles estavam se aproximando.

— Nenhum dos dois se mova — ordenou uma voz áspera, vinda das sombras. — Nossas flechas estão apontadas para as costas de vocês, e vamos derrubá-los nas selas se tentarem fugir. — O indivíduo permanecia no breu da floresta, produzindo apenas um leve movimento nos galhos desfolhados. — Só queremos diminuir um pouco o peso da carga de vocês. Ninguém vai se machucar. Façam o que eu disser, e suas vidas serão poupadas. Se não... as levaremos também.

Hadrian sentiu um vazio no estômago, sabendo que a culpa era dele. Olhou para Royce, montado em sua égua cinzenta e suja, encapuzado, com o rosto escondido. A cabeça do amigo estava curvada e balançava suavemente. Hadrian não precisava ver seu rosto para saber a expressão estampada nele.

— Desculpe — disse ele.

Royce nada respondeu e apenas continuou sacudindo a cabeça.

Diante deles havia uma barreira de galhos recém-cortados bloqueando o caminho. Atrás estendia-se o longo e enluarado corredor da estrada vazia. Uma névoa pairava nos declives e nas ravinas, e em algum lugar um riacho invisível corria pelas pedras. Estavam em plena floresta, seguindo pela velha estrada do sul, engolidos por um extenso túnel de carvalhos e freixos, cujos galhos delgados cobriam o caminho, agitando-se e estalando no frio vento do outono. O vilarejo mais próximo ficava a quase um dia de cavalgada do local onde se achavam, e fazia horas que Hadrian não avistava uma casa sequer. Estavam sozinhos, no meio do nada... no tipo de lugar onde corpos jamais são encontrados.

O ruído das folhas esmagadas se intensificou e, finalmente, os ladrões entraram no estreito fecho de luz da lua. Hadrian contou quatro homens, mal-encarados e com espadas desembainhadas. Trajavam roupas toscas, gastas, de couro e lã,

imundas. Com eles havia uma jovem que empunhava um arco, com uma flecha encaixada e apontada. Ela se vestia como os demais, com calças e botas, e seus cabelos eram um emaranhado sem fim. Estavam todos cobertos de lama, uma sujeira entranhada, como se dormissem numa vala de terra.

— Eles não parecem ter muito dinheiro — disse um homem de nariz achatado. Alguns centímetros mais alto do que Hadrian, ele era o mais corpulento do bando, um brutamontes de pescoço musculoso e mãoszorras. Seu lábio inferior parecia ter sido rachado em consequência do mesmo golpe que lhe quebrara o nariz.

— Mas eles têm sacos cheios de apetrechos — disse a menina. A voz o surpreendeu. Ela era jovem e, apesar da sujeira, bela, e quase infantil. No entanto, o tom de voz era agressivo, feroz. — Olha só quanta coisa estão carregando. Para que tanta corda?

Hadrian não sabia ao certo se a pergunta tinha sido dirigida a ele ou ao bando. Em todo caso, não tinha a menor intenção de responder. Pensou em fazer uma gracinha, mas a jovem não parecia ser do tipo que se pode encantar com um elogio e um sorriso. Além disso, apontava a flecha para ele e, pelo jeito, seu braço estava ficando cansado.

— Eu quero aquela espada enorme nas costas daquele sujeito — disse o de nariz achatado. — Parece ter o tamanho certo para mim.

— Eu vou ficar com as outras duas que estão com ele. — A afirmação partiu de um homem que tinha o rosto dividido por uma cicatriz ligeiramente angulada, que passava pela ponte do nariz e por pouco não atingia o olho.

A jovem apontou a flecha para Royce.

— Eu quero a capa do baixinho. Vai me cair bem um capuz negro como esse.

Com olhos profundos e pele torrada pelo sol, o homem que estava mais próximo de Hadrian parecia ser o mais velho. Ele deu um passo à frente e segurou o cavalo de Hadrian pelo freio.

— É melhor ter muito cuidado agora. Nós já matamos muita gente nesta estrada. Idiotas que não nos obedeceram. Você não vai fazer nenhuma idiotice, vai?

Hadrian meneou a cabeça.

— Bom. Agora, joguem as armas no chão — disse o ladrão. — E então desmontem.

— O que você acha, Royce? — perguntou Hadrian. — Vamos dar umas moedas para eles, e assim ninguém vai se machucar.

Royce olhou para Hadrian. Um par de olhos surgiu dentro do capuz com um fulgor de desprezo.

— Eu só estou dizendo que a gente não quer encrenca, certo?

— Você não quer a minha opinião — disse Royce.

— Então quer dizer que você vai teimar comigo.

Silêncio.

Hadrian balançou a cabeça e suspirou.

— Por que você sempre dificulta as coisas? Eles não devem ser más pessoas... apenas pobres. Você sabe... só pegam o suficiente para comprar um pedaço de pão para alimentar a família. Você vai culpá-los por isso? O inverno se aproxima, e os tempos estão difíceis. — Ele fez um meneio com a cabeça na direção dos ladrões. — Certo?

— Eu nem tenho família — replicou o de nariz achatado. — Gasto meu dinheiro é com bebida.

— Você não está ajudando — disse Hadrian.

— E nem estou tentando. Ou vocês dois fazem o que estamos mandando, ou acabamos com vocês aqui e agora. — Ele enfatizou as palavras sacando do cinto um longo punhal e afiando-o na lâmina da espada.

Um vento frio uivava entre as árvores, sacudindo os galhos e levando consigo mais folhagem. Folhas vermelhas e douradas voavam, pairando em círculos, empurradas pelas rajadas ao longo da estrada estreita. Em algum lugar na escuridão uma coruja piou.

— Escutem, que tal se eu der a vocês a metade do nosso dinheiro? *A minha metade*. Assim, o prejuízo não vai ser total para vocês.

— A gente não quer a metade — disse o homem que segurava o cavalo. — A gente quer tudo, inclusive esses cavalos.

— Ora, esperem um minuto! Nossos cavalos? Roubar um dinheirinho até vai, mas roubar cavalos? Se forem pegos, serão enforcados. E vocês sabem que nós vamos registrar queixa no primeiro vilarejo a que chegarmos.

— Vocês são do norte, não são?

— Sim, saímos de Medford ontem.

O homem que segurava o cavalo meneou a cabeça, e Hadrian percebeu uma pequena tatuagem vermelha em seu pescoço.

— Pois é... esse é o problema. — O semblante dele se descontraiu, esboçando um ar de simpatia ameaçador justamente por parecer tão amável. — Vocês devem estar a caminho de Colnora... Bela cidade. Muitas lojas. Muita gente fina e rica. Muito comércio, e tem sempre muita gente nesta estrada, transportando todo tipo de coisa para vender para aqueles ricos. Mas, pelo jeito, vocês nunca

estiveram aqui no sul, não é? Lá em Melengar, o rei Amrath se dá o trabalho de manter patrulhas, vigiando as estradas. Mas aqui, em Warric, as coisas são um pouco diferentes.

O de nariz achatado se aproximou, passando a língua pelo lábio partido enquanto contemplava a enorme espada às costas de Hadrian.

— Você quer me dizer que é permitido roubar aqui?

— Não, mas o rei Ethelred vive em Aquesta, que fica incrivelmente longe daqui.

— E o conde de Chadwick? Ele não administra estas terras em nome do rei?

— Archie Ballentyne? — A simples menção do nome provocou risos nos outros ladrões. — Archie não dá a mínima para o que acontece com a plebe. Está ocupado demais escolhendo o que vai vestir. — O homem sorriu, exibindo dentes amarelados e dispostos nos ângulos mais estranhos. — Agora, larguem as espadas e desmontem. Depois, vocês podem caminhar até o Castelo de Ballentyne e bater à porta de Archie. Vejamos o que ele vai fazer. — Outra rodada de risos. — Então, a menos que vocês achem que este é o lugar ideal para morrerem... façam o que eu mandar.

— Você tinha razão, Royce — disse Hadrian, resignado. Retirou a capa e a depositou na garupa da sela. — A gente deveria ter saído da estrada, mas, sinceramente... sabe, a gente está no meio do nada. Quais eram as chances?

— A julgar pelo fato de que estamos sendo roubados... acho que seriam muito boas.

— É meio irônico... os Riyria sendo roubados. Chega a ser quase cômico.

— Isso não tem nada de cômico.

— Você disse Riyria? — perguntou o homem que segurava o cavalo de Hadrian. Hadrian assentiu e retirou as luvas, enfiando-as no cinto.

O homem soltou o cavalo e deu um passo para trás.

— O que foi, Will? — perguntou a menina. — O que é Riyria?

— Tem dois sujeitos em Melengar que são conhecidos como Riyria. — Ele olhou para os demais e baixou o tom de voz. — Tenho meus contatos lá no norte, lembram? Eles me disseram que dois sujeitos chamados Riyria trabalham nos arredores de Medford e também falaram para ficar longe deles se algum dia cruzassem meu caminho.

— E o que você quer fazer, Will? — disse o da cicatriz.

— Eu acho que a gente deve retirar os galhos e deixar esses dois seguirem viagem.

— O quê? Por quê? Nós somos cinco e eles são apenas dois — ressaltou o de

nariz achatado.

— Mas eles são os Riyria.

— E daí?

— E daí que os meus *contatos* lá do norte não são imbecis e avisaram a todo mundo para não encostar o dedo nesses dois. E os meus contatos não são pessoas delicadas. Se dizem para ficar longe desses homens, é porque têm um bom motivo.

O de nariz achatado os contemplou novamente, com uma expressão crítica.

— Tudo bem, mas como você sabe que esses dois são mesmo os Riyria? Vai acreditar na palavra deles?

Will fez um gesto em direção a Hadrian.

— Vejam as espadas que esse aí está carregando. Um homem que carrega uma espada pode saber usá-la, ou talvez não. Um homem que carrega duas provavelmente não entende nada de espada, mas quer dar a impressão de que entende. Mas um que carrega três... é peso demais. Ninguém anda por aí com tanto aço, a menos que ganhe a vida com isso.

Hadrian sacou do cinto duas espadas, com um gesto único e elegante. E girou uma delas na palma da mão.

— Esta aqui precisa de um novo cabo. Está começando a descascar. — Olhou para Will. — Vamos logo com isso? Parece que vocês estavam prestes a nos assaltar.

Os ladrões trocaram olhares de insegurança.

— Will? — perguntou a jovem. Ainda mantinha a corda do arco retesada, mas se mostrava bem menos confiante.

— Vamos retirar os galhos e deixá-los passar — decidiu Will.

— Tem certeza? — perguntou Hadrian. — Esse cavalheiro com o nariz arrebitado parece decidido a conquistar uma espada.

— Tudo bem — disse o de nariz achatado, olhando para as lâminas de Hadrian, cujo aço refletia o luar.

— Bem, se é isso que vocês querem...

Os cinco assentiram, e Hadrian embainhou as armas.

Will enfiou a espada na terra e acenou para os demais, apressando-se em retirar a barricada de galhos que bloqueava a estrada.

— Sabem de uma coisa? Vocês estão fazendo tudo errado — disse Royce.

Os ladrões pararam e ergueram o olhar, preocupados.

Royce sacudiu a cabeça.

— Essa barricada... o assalto. O local até que foi bem escolhido. Isso eu admito. Mas vocês deveriam ter nos atacado pelos dois lados.

— E, William... É William, não é? — perguntou Hadrian.

O homem recuou e fez que sim.

— Então, William, a maioria das pessoas é destra, por isso é melhor fazer a aproximação pela esquerda. Isso teria nos colocado em desvantagem, pois seríamos obrigados a manejar as armas diante do corpo para alcançar vocês. Já os que trabalham com arco e flecha devem vir pela direita.

— E por que só um arco? — perguntou Royce. — Ela só poderia acertar um de nós.

— E nem mesmo isso... — disse Hadrian. — Vocês perceberam o tempo que ela manteve o arco armado? Ou ela tem uma força extraordinária, o que eu duvido, ou então esse arco foi feito com madeira verde e não é capaz de lançar a flecha além de alguns poucos metros. Ela está representando um papel. Duvido que já tenha disparado uma flecha sequer.

— Já disparei, sim — disse a menina. — Sou boa arqueira.

Hadrian sacudiu a cabeça, sorrindo.

— Você estava com o indicador por cima da seta, minha cara. Se você tivesse disparado, as penas da flecha teriam triscado no seu dedo e o disparo jamais teria partido na direção que você pretendia.

Royce concordou.

— Invistam em bestas. Da próxima vez, fiquem escondidos e disparem algumas setas no peito dos alvos. Toda essa falação é bobagem.

— Royce! — repreendeu Hadrian.

— O que foi? Você sempre diz que eu devo ser mais gentil com as pessoas. Estou tentando ser prestativo.

— Não prestem atenção a ele. Se quiserem um conselho, precisam melhorar a barricada.

— Isso mesmo... da próxima vez, derrubem uma árvore no meio da estrada — disse Royce. Acenando em direção aos galhos, acrescentou: — Esta barricada aí está um vexame. E cubram o rosto, pelo amor de Maribor! O reino de Warric não é muito grande, e as pessoas podem se lembrar da cara de vocês. É claro que Ballentyne não vai se dar o trabalho de persegui-los por causa de alguns assaltos, mas um dia, numa taverna, alguém vai enfiar uma faca nas costas de vocês. — Royce se virou para William. — Você já pertenceu à Mão Carmim, certo?

Will se espantou.

— Quem disse? — E soltou o galho em que estava mexendo.

— Ninguém precisava me dizer. A Mão exige que os membros da guilda façam essa tatuagem idiota no pescoço. — Royce se voltou para Hadrian. — A idéia é fazer com que os membros pareçam intrépidos, mas, na realidade, a tatuagem apenas os identifica como ladrões pelo resto da vida. Se você parar pra pensar, tatuar essa mão vermelha em cada integrante é uma grande idiotice.

— Essa tatuagem é uma mão? — perguntou Hadrian. — Pensei que fosse uma galinha vermelha. Mas, agora que você disse, eu vejo que faz mais sentido ser uma mão.

Royce voltou a olhar para Will, inclinando a cabeça para o lado.

— É... parece mesmo uma galinha.

Will pôs a palma da mão sobre o pescoço.

Depois que o último galho foi removido, William perguntou:

— Quem são vocês, de fato? O que é Riyria? O pessoal da Mão nunca me contou. Só me disseram para ficar longe.

— Não temos nada de especial — respondeu Hadrian. — Somos apenas dois viajantes, cavalgando tranqüilamente numa agradável noite de outono.

— Falando sério — disse Royce. — Vocês precisam nos escutar se pretendem continuar nesse ramo. Afinal, nós vamos seguir o conselho de vocês.

— Que conselho?

Royce instigou de leve o cavalo e se pôs novamente em marcha pela estrada.

— Vamos visitar o conde de Chadwick, mas não se preocupem... não vamos falar de vocês.

Archibald Ballentyne tinha o mundo nas mãos, convenientemente contido em 15 cartas roubadas. Cada pergaminho fora escrito com extremo zelo, em caligrafia fina, elegante. Ele sabia que o autor acreditava que aquelas palavras eram profundas e que seu sentido expressava uma bela verdade. Archibald considerava o texto uma grande asneira, mas concordava com o autor que os pergaminhos continham um valor inestimável. Deu um gole no brandy, fechou os olhos e sorriu.

— Milorde?

Relutantemente, Archibald abriu os olhos, franziu o cenho e disse ao mestre de armas:

— O que foi, Bruce?

— O marquês chegou, senhor.

O sorriso de Archibald voltou aos lábios. Com todo o cuidado, ele dobrou as cartas, amarrou-as com uma fita azul e devolveu-as ao cofre. Fechou a pesada porta de ferro, passou a tranca e, com dois vigorosos puxões, testou a maçaneta, que não se moveu. Em seguida, dirigiu-se ao andar inferior para receber o convidado.

Quando chegou ao vestibulo, Archibald espiou Victor Lanakkin, que aguardava na antessala. Deteve-se, durante alguns instantes e observou o velho, que caminhava de um lado para outro. Contemplá-lo provocou em Archibald uma sensação de prazer. Embora dispusesse de um título superior ao seu, o marquês jamais causara grande impressão no conde. Talvez, no passado, Victor fosse um homem altivo, intimidante ou até charmoso, mas toda a sua glória fora perdida havia muito tempo, encoberta sob uma cabeleira grisalha e uma corcunda.

— Vossa Senhoria aceita algo para beber? — ofereceu um lacaio minúsculo ao marquês, com uma reverência formal.

— Não, mas você pode me trazer o seu conde — ordenou ele. — Ou devo sair à cata dele eu mesmo?

O lacaio se encolheu.

— Estou certo de que meu amo logo virá encontrá-lo, senhor. — O criado fez outra reverência e retirou-se, às pressas, por uma porta situada no lado oposto da sala.

— Marquês! — exclamou Archibald, com polidez, ao entrar. — É uma satisfação saber da sua chegada... e com tanta presteza.

— Você parece surpreso — respondeu Victor, com um tom de voz severo. Sacudindo na mão um pergaminho amassado, prosseguiu: — Você me envia uma mensagem destas e espera que eu me demore? Archie, quero saber o que está acontecendo.

Archibald disfarçou o descontentamento com o emprego de seu apelido de infância, *Archie*. O apelido lhe fora dado pela falecida mãe e era um dos motivos pelos quais ele não a perdoava. Quando era jovem, todos, dos cavaleiros aos criados, assim o chamavam, e Archibald sempre se sentira diminuído diante de tal intimidade. Ao se tornar conde, baixou uma lei determinando que qualquer pessoa que o chamasse daquela maneira fosse açoitada. Archibald não tinha poderes para impor o decreto ao marquês, e tinha certeza de que Victor assim o chamara proposadamente.

— Por favor, tente se acalmar, Victor.

— Não me diga o que fazer! — A voz do marquês ecoou pelas paredes de pedra. Ele se aproximou, colocando-se a poucos centímetros do rosto do conde, e olhou

dentro de seus olhos. — Você escreveu aqui que o futuro de minha filha Alenda está em jogo e mencionou provas. Agora preciso saber: ela está ou não correndo perigo?

— Está, com toda a certeza — respondeu o conde calmamente —, mas não é algo iminente, esteja certo. Não há qualquer conspiração para um rapto, e ninguém planeja assassiná-la, se for esse o seu receio.

— Então por que você me enviou esta mensagem? Se você quase me fez matar os cavalos da minha carruagem e adoecer de tanta preocupação sem necessidade, vai se arrepender...

Erguendo uma das mãos, Archibald interrompeu a ameaça.

— Eu posso garantir, Victor, não foi sem necessidade. No entanto, antes de debatermos a questão, vamos até o aconchego do meu gabinete, onde poderei lhe mostrar as provas que mencionei.

Victor o encarou com uma expressão sombria, mas concordou.

Os dois cruzaram o vestibulo, passaram pelo grande salão de baile e atravessaram a porta de acesso aos aposentos internos do castelo. Enquanto seguiam por vários corredores e escadarias, a atmosfera mudava dramaticamente. No saguão principal, tapeçarias e entalhes de pedra adornavam as paredes, e o piso era trabalhado em fino mármore. Contudo, além da entrada, não havia demonstrações de grandeza, e paredes de pedra desnudas constituíam o traço predominante.

Segundo padrões arquitetônicos, ou mesmo quaisquer outros, o Castelo de Ballentyne era absolutamente comum. Nenhum grande rei ou herói jamais chamara aquele castelo de lar. Tampouco era reduto de lendas, histórias de fantasmas ou batalhas. Em vez disso, era o epítome da mediocridade e do mundano.

Depois de vários minutos atravessando corredores, Archibald se deteve diante de uma imponente porta de ferro. Cravos imensos, impressionantes, sustentavam-nas dobradiças, mas não se via tranca ou maçaneta. De cada lado posicionava-se um guarda corpulento e bem armado, portando alabardas. Quando Archibald se aproximou, um deles deu três leves batidas à porta. Uma portinhola foi aberta e, no instante seguinte, o corredor reverberou o ranger de um ferrolho sendo destravado. Quando a porta se abriu, as dobradiças gemeram, produzindo um barulho ensurdecedor.

Victor protegeu os ouvidos com as mãos.

— Pelo amor de Mar! Peça a um dos seus criados que conserte esta porta!

— Jamais — replicou Archibald. — Esta é a entrada da Torre Cinzenta, meu gabinete de estudo. Aqui é o meu refúgio, e eu quero sempre poder ouvir esta

porta se abrindo de qualquer ponto do castelo, como agora.

Atrás da porta, Bruce saudou ambos com uma reverência extremamente formal. Segurando uma lamparina à frente, ele os acompanhou pela subida de uma escada de caracol. No meio da subida, Victor desacelerou o ritmo, a respiração parecendo ofegante.

Archibald parou educadamente.

— Peço desculpas pela longa subida. Eu já nem a percebo. Devo ter subido esta escada mil vezes. Quando meu pai era o conde, este era o único local onde eu podia ter privacidade.. Ninguém se dava o trabalho de ir até lá em cima. Embora não alcance a altura majestosa da Torre da Coroa em Ervanon, trata-se da torre mais alta do meu castelo.

— Não tem quem deseje vir aqui apenas para contemplar a vista? — especulou Victor.

O conde deu uma risadinha.

— Seria de se esperar, mas esta torre não tem janelas, motivo pelo qual é o local perfeito para o meu gabinete particular. As portas foram instaladas a fim de proteger os objetos que me são caros.

Ao chegarem ao topo da escada, depararam-se com outra porta. Archibald retirou do bolso uma chave grande, destrancou-a e fez um gesto, convidando o marquês a entrar. Bruce voltou a ocupar seu posto do lado de fora do gabinete e fechou a porta.

A saída era grande e redonda, com um teto amplo. O mobiliário era escasso: uma grande escrivaninha bagunçada, duas poltronas perto de uma pequena lareira, uma mesinha ao centro. O fogo ardia por trás de uma simples tela metálica, iluminando quase todo o gabinete. Velas fixadas às paredes forneciam iluminação aos espaços que restavam, enchendo o recinto com um agradável e inebriante aroma de mel e salifan.

Archibald sorriu ao perceber que Victor olhava para a escrivaninha revirada, entulhada de pergaminhos e mapas.

— Não se preocupe, senhor. Antes de sua chegada, escondi todos os meus planos comprometedores para dominar o mundo. Por favor, queira se sentar. — Archibald indicou o par de poltronas perto da lareira. — Descanse um pouco da longa viagem enquanto sirvo uma bebida para nós.

O velho fez uma careta e resmungou:

— Basta de cerimônias. Agora que estamos aqui, vamos logo ao que interessa. Explique o que significa essa coisa toda.

Archibald ignorou o tom do marquês. Podia se dar o luxo de ser cortês, agora que

estava prestes a exigir o prêmio. Esperou até que o marquês ocupasse a poltrona.

— O senhor está ciente de que eu tenho interesse em sua filha Alenda, não está?

— perguntou Archibald, dirigindo-se à escrivãzinha para servir duas taças de brandy.

— Sim, ela já me disse.

— Ela disse por que rejeita minha corte?

— Não gosta de você.

— Ela mal me conhece — contra-argumentou Archibald, levantando um dedo.

— Archie, foi por isso que me chamou aqui?

— Marquês, eu ficaria grato se o senhor me chamasse pelo meu nome. E inadequado me chamar pelo apelido, visto que meu pai está morto e agora o detentor do título sou eu. Em todo caso, sua pergunta é pertinente. Como o senhor sabe, sou o décimo segundo conde de Chadwick. Reconheço que nossas terras não são das mais vastas e que a família Ballentyne não é das mais influentes, mas não sou destituído de mérito. Controlo cinco vilarejos e doze povoados, além das Montanhas Senon. No momento, comando mais de sessenta mestres de armas e conto com a lealdade de vinte cavaleiros, inclusive Sir Enden e Sir Breckton, talvez os dois maiores cavaleiros vivos. As exportações de lã e couro de Chadwick causam inveja por todo o reino de Warric. Fala-se até em sediar-mos aqui os Jogos de Verão, naquele mesmo gramado que o senhor cruzou ao entrar em meu castelo.

— Sim, Archie... digo, *Archibald*, estou perfeitamente ciente do status de Chadwick no mundo. Não preciso que você me dê uma aula sobre exportações.

— O senhor também está ciente de que o sobrinho do rei Ethelred jantou aqui comigo em mais de uma ocasião? E que o duque e a duquesa de Rochelle me perguntaram se jantaria com eles nas Festas do Inverno este ano?

— Archibald, esta conversa está um tanto entediante. A que ponto você pretende chegar?

Archibald franziu o cenho diante da indiferença do marquês. Levou as duas taças de brandy até Victor, entregando-lhe uma, e ocupou a poltrona vazia. Deteve-se um instante para bebericar sua bebida.

— Eu quero chegar ao seguinte ponto: considerando minha posição, meu status e meu futuro promissor, a rejeição de Alenda não faz o menor sentido. Decerto não será por causa de minha aparência. Sou jovem, atraente e sigo a moda internacional à risca, visto apenas sedas importadas, as mais caras do mundo. Os outros pretendentes dela são velhos, gordos ou calvos... vários deles reúnem essas três características.

— Talvez aparência física e riqueza não sejam as únicas preocupações de minha filha — respondeu Victor. — As mulheres nem sempre pensam em política e poder. Alenda é o tipo de jovem que segue o coração.

— Mas ela também segue a vontade do pai. Estou certo?

— Não estou entendendo.

— Se o senhor dissesse a ela que se casasse comigo, ela se casaria. O senhor poderia lhe dar uma *ordem*.

— Então foi por isso que me coagiu a vir aqui? Lamento, Archibald, mas foi uma perda de tempo para você e para mim. Não tenho a menor intenção de forçá-la a desposar quem quer que seja, muito menos você. Ela me odiaria pelo resto da vida. Para mim, os sentimentos da minha filha são mais importantes do que as implicações políticas do casamento. Eu a amo profundamente. De todos os meus filhos, ela é a minha maior alegria.

Archibald deu mais um gole no brandy e refletiu sobre as palavras de Victor. Resolveu abordar a questão de outro ângulo.

— E se o casamento fosse pelo bem dela? Para salvá-la do que seria um desastre inevitável?

— Você me advertiu em relação a algum perigo para me fazer vir até aqui. Vai finalmente se explicar, ou prefere ver se este velho ainda pode manejar uma lâmina?

Archibald desconsiderou o que sabia ser uma ameaça vã.

— Quando Alenda insistiu em rejeitar a minha corte, deduzi que algo deveria estar errado. As negativas dela eram ilógicas. Eu sou bem-relacionado, e minha estrela está na ascendente. Então, descobri o verdadeiro motivo da recusa: sua filha já está envolvida com outra pessoa. Alenda está tendo um caso amoroso, um caso secreto.

— Custa a crer nisso — declarou Victor. — Ela não mencionou pessoa alguma. Se tivesse interesse em alguém, ela me diria.

— Não me surpreende que tenha escondido do senhor a identidade do homem. Ela está com vergonha, pois sabe que o relacionamento vai levar desgraça à família de vocês. O homem de quem ela gosta é um reles plebeu, sem uma gota de sangue nobre nas veias.

— Você está mentindo!

— Posso garantir que não. O problema vai além, eu receio. O nome dele é Degan Gaunt. O senhor já ouviu falar dele, não? Ele é famoso. É o líder daquele movimento nacionalista em Delgos. O senhor sabe que, lá no sul, ele provocou uma comoção entre seus parceiros plebeus. Estão todos contaminados pela idéia

de trucidar a nobreza e estabelecer poder próprio. Ele e sua filha têm se encontrado em Windermere, perto do mosteiro. Eles se vêem quando o senhor está viajando e ocupado com questões de Estado.

— Isso é ridículo. Minha filha jamais...

— O senhor não tem um filho lá? — indagou Archibald. — Na abadia... ele é monge, não é?

Victor assentiu.

— Meu terceiro filho, Myron.

— Talvez ele os esteja ajudando. Eu fiz umas averiguações e parece que seu filho é um rapaz bastante inteligente. É possível que esteja arquitetando os encontros para a querida irmã e intermediando a correspondência dos dois. A coisa está feia, Victor. Logo você, marquês de um rei incondicionalmente imperialista... e sua filha se envolve com um revolucionário, se encontra com ele no reino de Melengar, partidário dos monarquistas, e seu filho arma a coisa toda. O que o rei Ethelred diria se soubesse disso? Nós dois sabemos que você é leal, mas outros podem duvidar. Ainda que eu saiba que não passam de ilusões de uma jovem inocente, as escapadas da menina podem arruinar a honra da sua família.

— Você está *louco* — retrucou Victor. — Myron foi para a abadia pouco depois de completar quatro anos. Alenda nunca sequer falou com ele. Isso tudo é uma tentativa descarada de me obrigar a pressionar Alenda a se casar com você, e eu sei por quê. Você não ama Alenda. Você quer é o dote dela: o Vale de Rilan. Muito convenientemente, aquelas terras fazem limite com as suas, e é isso o que você deseja na realidade. Bem, isso e a chance de elevar seu status, casando-se com uma jovem cuja família é mais importante do que a sua, social e politicamente. Você é uma figura patética.

— Figura patética, é mesmo? — Archibald depôs a taça e retirou de dentro da camisa uma chave, presa a uma corrente de prata. Levantou-se e cruzou o gabinete, dirigindo-se a uma tapeçaria que representava um príncipe de Cális a cavalo raptando uma nobre de cabelos claros. Afastou a tapeçaria para expor um cofre secreto. Inserindo a chave, abriu a pequena porta metálica.

— Tenho uma pilha de cartas, escritas pelo próprio punho de sua querida filha, que comprovam o que estou dizendo. Elas falam de amor eterno pelo abjeto camponês revolucionário.

— Como conseguiu essas cartas?

— Eu as furtei. Na época em que queria descobrir a identidade do meu rival, tomei providências para que ela fosse seguida. O destino das cartas era a abadia, e fiz com que fossem interceptadas. — De dentro do cofre, Archibald retirou

uma pilha de pergaminhos e os depositou no colo de Victor. — Ei-las! — declarou, triunfante. — Leia as aventuras de sua filha e decida se não será melhor para ela se casar comigo.

Archibald retornou à poltrona e ergueu a taça de brandy em sinal de vitória. Tinha vencido. Para evitar a ruína política, Victor Lanaklin, o grande marquês de Glouston, ordenaria à filha que o desposasse. O marquês não tinha escolha. Se Ethelred ficasse sabendo do caso, Victor talvez fosse até acusado de traição. Reis imperialistas exigiam que os nobres espelhassem sua postura política e sua devoção à Igreja. Embora Archibald duvidasse que Victor fosse, de fato, simpaticamente monarquista ou nacionalista, o menor indício de conduta imprópria seria razão suficiente para o rei expressar insatisfação. No mínimo, Victor se exporia a um vexame danoso do qual a Casa de Lanaklin talvez nunca se recuperasse. A única atitude sensata, por parte do marquês, seria concordar com o casamento.

Finalmente, Archibald seria proprietário daquela fronteira e talvez, com o passar do tempo, pudesse controlar toda a região pantaneira. Com Chadwick à direita e Glouston à esquerda, seu poder na corte iria rivalizar com o do duque de Rochelle.

Olhando aquele velho grisalho, com seu belo traje de viagem, Archibald quase sentiu pena. No passado distante, o marquês gozara de reputação por ser astuto e destemido. Tal distinção viera com o título. O marquês não era um nobre qualquer, tampouco um mero intendente ou um simples conde. Victor era responsável pela guarda das fronteiras do reinado. Tratava-se de uma missão séria, que exigia um líder competente, um homem sempre alerta e experiente em batalhas. No entanto, os tempos haviam mudado, e agora vizinhos pacíficos ocupavam os limites de Warric, de modo que o grande guardião se tornara complacente, e seu vigor enfraquecera por falta de uso.

Enquanto Victor abria as cartas, Archibald contemplava o próprio futuro. O marquês tinha razão. Ele queria mesmo as terras relativas ao dote de Alenda. Contudo, ela era atraente, e a idéia de forçá-la a compartilhar de sua cama era bastante sedutora.

— Archibald, isto é alguma brincadeira? — questionou Victor.

Abstraindo-se de seus pensamentos, Archibald largou a bebida.

— Como assim?

— Estes pergaminhos estão em branco.

— O quê? Você está cego? Veja isso... — Archibald parou ao ver as folhas em branco nas mãos do marquês. Ele agarrou e abriu outras folhas, apenas para ver mais pergaminhos em branco. — Isto é impossível!

— Será que foram escritos com tinta invisível? — disse Victor, com um sorriso forçado.

— Não... eu não entendo... Estes nem são os mesmos pergaminhos! — Ele verificou o interior do cofre e constatou que estava vazio. A perplexidade se transformou em pânico. Ele escancarou a porta e chamou ansiosamente por Bruce. O mestre de armas entrou correndo, de espada em punho. — O que aconteceu com as cartas que estavam dentro do cofre? — gritou Archibald para o soldado.

— Eu... eu não sei, meu senhor — respondeu Bruce, embainhando a espada e perfilando-se perante o conde.

— Como assim não sabe? Você deixou o posto em algum momento durante a noite?

— Não, senhor, é claro que não.

— Alguém, qualquer pessoa que seja, entrou em meu gabinete na minha ausência?

— Não, meu senhor, isso é impossível. O senhor tem a única chave.

— Então, pelo amor de Maribor, onde estão aquelas cartas? Eu mesmo as coloquei dentro do cofre. Eu as estava lendo quando o marquês chegou. Sai por alguns minutos. Como é que as cartas podem ter simplesmente desaparecido?

A cabeça de Archibald girava. As cartas estiveram em suas mãos minutos antes. Ele as trancara dentro do cofre. Disso tinha certeza.

Onde teriam ido parar?

Victor esvaziou a taça e se pôs de pé.

— Se você não se importa, *Archie*, já vou indo. Isso tudo foi para mim uma tremenda perda de tempo.

— Victor, espere. Não vá. As cartas existem. Eu posso garantir que estavam nas minhas mãos!

— Claro que estavam, *Archie*. Da próxima vez que quiser me chantagear, sugiro que prepare um blefe melhor.

Victor atravessou o gabinete, passou pela porta e desapareceu escada abaixo.

— É melhor você pensar bem no que eu disse, Victor! — gritou Archibald depois que ele se foi. — Eu vou encontrar aquelas cartas. Vou mesmo! Vou levá-las a Aquesta! Vou apresentá-las à corte!

— O que deseja que eu faça, meu senhor? — perguntou Bruce.

— Espere aí, seu imbecil. Eu preciso pensar.

Archibald passou os dedos trêmulos pelos cabelos e começou a andar de um lado

para outro dentro do gabinete. Voltou a examinar os pergaminhos. Eram inclusive feitos com um material diferente daquele utilizado nas cartas que ele tantas vezes lera. Apesar da certeza de tê-las devolvido ao cofre, abriu todas as gavetas e revirou os pergaminhos que estavam sobre a escrivaninha. Serviu-se de mais uma dose e atravessou o gabinete. Arrancando a tela que protegia a lareira, escarafunchou as cinzas com o atiçador de brasas em busca de vestígios de pergaminho queimado. Absolutamente frustrado, atirou ao fogo as folhas em branco. Esvaziou a taça com um só gole e desabou numa das poltronas.

— Elas estavam aqui agora mesmo... — disse Archibald, atônito. Aos poucos, uma solução foi se formando em sua mente. — Bruce, as cartas foram furtadas. O ladrão não pode estar longe. Quero que vasculhe o castelo inteiro. Bloqueie todas as saídas. Ninguém pode sair. Nem os criados, nem os guardas... ninguém sai... reviste todos!

— Imediatamente, meu senhor — respondeu Bruce, e então fez uma pausa. — E o marquês, meu senhor? Devo detê-lo, também?

— Claro que não, seu imbecil. As cartas não estão com ele!

Com o olhar fixo no fogo, Archibald ouviu os passos de Bruce, que descia correndo a escada de acesso à torre. Sozinho, restaram a ele os estalidos das labaredas e uma centena de perguntas sem respostas. Por mais que pensasse, não conseguia determinar como o ladrão tinha agido.

— Senhor? — A voz tímida de um laçao o despertou de seus pensamentos. Archibald lançou um olhar sombrio ao homem que enfiara a cabeça pelo vão da porta entreaberta, o que fez com que o laçao respirasse fundo antes de falar. — Senhor, lamento importuná-lo, mas há um problema no pátio que requer a sua atenção.

— Que tipo de problema? — rosnou Archibald.

— Bem, meu senhor, não estou muito a par dos detalhes, mas tem algo a ver com o marquês, senhor. Fui enviado para solicitar a sua presença... isto é, solicitar respeitosa e a sua presença.

Archibald desceu a escada, perguntando-se se o velho teria caído morto à sua porta, o que não seria lá tão terrível. Ao chegar ao pátio, no entanto, encontrou o marquês vivo... e furioso.

— Finalmente, Ballentyne! O que você fez com a minha carruagem?

— A sua o quê?

Bruce se aproximou de Archibald e o chamou de lado.

— Senhor — sussurrou ele ao ouvido do conde. — Parece que a carruagem e os cavalos do marquês desapareceram, senhor.

Archibald ergueu um dedo em direção ao marquês. Levantando a voz, disse:

— Já vou falar com você, Victor. — Em seguida, virou-se para Bruce e sussurrou: — Você disse que *desapareceram*? Como isso é possível?

— Eu não sei, senhor, mas o guarda do portão informou que o marquês e o cocheiro, ou melhor, que dois indivíduos que ele achou que fossem o marquês e o cocheiro saíram pelo portão principal.

Sentindo-se subitamente mal, Archibald virou-se para se dirigir ao marquês, cujo rosto pegava fogo.

Capítulo 2

ENCONTROS



Várias horas depois do anoitecer, Alenda Lanakin chegou de carruagem ao pobre Distrito Baixo de Medford. A taverna Rosa e Espinho se escondia em meio a casebres de telhados irregulares numa ruela sem nome, que, na visão de Alenda, não passava de um beco. Um temporal recente encharcara o calçamento de pedra, e poças de água se espalhavam pela rua. Carruagens espirravam a água imunda na porta do estabelecimento, deixando filetes de lama na parede e nas velhas pranchas de madeira.

De uma porta próxima saiu um homem calvo, suado e sem camisa, carregando um panelão de cobre. Sem qualquer cerimônia, esvaziou o conteúdo no meio da ruela: restos de ossos de vários animais cozidos. Imediatamente, meia dúzia de cães atacaram as sobras. Figuras miseráveis, mal-iluminadas pela luz bruxuleante que se filtrava pelas janelas da taverna, gritaram com os animais, enfurecidas, numa língua irreconhecível para Alenda. Várias delas atiraram pedras nos cães esqueléticos, que giraram e saíram correndo.

— *Tem certeza* de que este é o local certo, milady? — perguntou Emily, avaliando o ambiente. — Não é possível que o visconde de Winslow tenha nos chamado a um lugar destes.

Alenda examinou a imagem do caule retorcido e espinhento com um único botão de rosa pintada na tabuleta empenada que pendia acima da porta. A rosa vermelha tornara-se cinza, e o caule desbotado parecia uma cobra enrascada.

— Deve ser aqui mesmo. Não creio que haja em Medford outra taverna chamada Rosa e Espinho.

— Eu apenas... não posso acreditar que ele tenha nos convocado a um... lugar destes!

— Estou gostando tão pouco deste lugar quanto *você*, mas foi aqui que combinamos. Não vejo outra opção — respondeu Alenda, surpresa diante de sua própria bravura.

— Eu sei que a senhorita já está cansada de ouvir o que vou dizer, mas acho que estamos agindo mal. Não deveríamos estar lidando com *ladrões*. Não se pode confiar neles, milady. Preste atenção nas minhas palavras: essa gente que a senhorita contratou vai acabar enganando a senhorita, assim como enganam e roubam qualquer outra pessoa.

— Ainda assim, já que viemos até aqui, podemos muito bem ir em frente.

Alenda abriu a porta da carruagem e pisou na rua. Assim que o fez, percebeu, com preocupação, que muitos dos vadios que ali se aboletavam a observavam atentamente.

— Uma moeda de prata — disse o cocheiro, um velho rude, que não se barbeava havia vários dias. Em volta dos olhos apertados do velho havia tantas rugas que Alenda se perguntou como ele conseguia enxergar para conduzir a carruagem.

— Ah, sim... sabe, senhor, a minha intenção era pagá-lo no retorno — explicou Alenda. — Nós vamos ficar pouco tempo aqui.

— Se a senhorita quer que eu espere, vai ter um custo extra. E quero receber logo o dinheiro que a senhorita já me deve, caso resolva não voltar.

— Que absurdo. Posso garantir ao senhor que vamos voltar.

A expressão do homem se manteve inabalável. E, pela lateral da carruagem, ele deu uma cusparada que atingiu o chão próximo aos pés de Alenda.

— Ora! Muito bem! — Alenda retirou da bolsa uma moeda e entregou-a ao cocheiro. — Aqui está a moeda de prata, mas não saia daqui. Não sei ao certo quanto tempo vamos demorar, mas, como eu disse, *vamos* voltar.

Emily desceu da carruagem, ajeitou o capuz de Alenda e se certificou de que a blusa estava devidamente abotoada. Desdobrou a capa de sua senhora e então fez o mesmo com a sua própria.

— Bem que gostaria de poder informar àquele cocheiro idiota quem eu sou — sussurrou Alenda. — Aí eu poderia dizer a ele poucas e boas.

As duas mulheres usavam capas de lã similares e, colocados os capuzes, pouco mais que o nariz ficava visível. Alenda franziu o cenho e afastou de sua capa as mãos nervosas de Emily.

— Você está sendo muito maternal, Emmy. Tenho certeza de que não somos as primeiras mulheres a entrar nesta taverna.

— Mulheres, sim, mas duvido que alguma dama já tenha entrado aí.

Ao passarem pela estreita porta de madeira da taverna, foram agredidas por um forte cheiro de fumaça, álcool e banheiro sujo. A algazarra de vinte conversas competindo por supremacia enchia o recinto, enquanto um violinista executava uma canção alegre. Diante do balcão do bar, algumas pessoas dançavam,

batendo com os calcanhares no assoalho de madeira empenada, acompanhando o ritmo de uma giga. Copos tilintavam, punhos esmurravam mesas, e as pessoas riam e dançavam com mais intensidade do que Alenda julgava digno.

— O que faremos agora? — perguntou a voz de Emily do interior do capuz de lã.

— Acho que devemos procurar o visconde. Fique perto de mim.

Alenda pegou Emily pela mão e abriu caminho, serpenteando por entre as mesas, evitando esbarrar nos dançarinos e num cachorro que lambia alegremente cerveja derramada no chão. Em toda a sua vida, Alenda jamais estivera num lugar daqueles. Homens de uma aparência horrenda a cercavam. A maioria era maltrapilha, e vários estavam descalços. Ela viu apenas quatro mulheres no local, todas serviam bebidas e se apresentavam indecentemente, com vestidos rasgados e seios quase à mostra. Alenda deduziu que a maneira como se vestiam era um convite para os homens avançarem sobre elas. Uma fera desdentada e cabeluda agarrou uma das serventes pela cintura. Arrastando-a para seu colo, ele esfregou as mãos por todo o corpo da mulher. Alenda ficou chocada ao ver a jovem rir em vez de gritar.

Finalmente, Alenda o avistou. O visconde Albert Winslow não vestia o gibão, calção e meias típicos, mas uma simples camisa de algodão, calças de lã e um colete justo de camurça. O traje não era destituído de adornos. Ele usava um belo, embora não ostentoso, chapéu de pluma. Estava sentado a uma pequena mesa, ao lado de um homem truncado e de barba negra vestido com roupas baratas de trabalho.

Ao vê-las se aproximar, Winslow se levantou e pegou cadeiras para que se sentassem.

— Bem-vindas, senhoras — disse ele, exibindo um sorriso alegre. — É uma satisfação saber que as senhoras vieram ao meu encontro hoje. Por favor, queiram se sentar. Posso lhes oferecer uma bebida?

— Não, obrigada — respondeu Alenda. — Eu não gostaria de me demorar muito. Meu cocheiro não tem muita consideração, e eu gostaria de concluir nosso negócio antes que ele resolva nos abandonar aqui.

— Compreendo e, devo dizer, é muito sábio de sua parte, senhorita. Mas lamento dizer que sua encomenda ainda não chegou.

— Não chegou? — Alenda sentiu Emily pressionar sua mão em sinal de solidariedade. — Ocorreu algum problema?

— Infelizmente, eu não sei. Veja bem, não estou a par dos detalhes dessa operação. Não costumo me envolver em questões insignificantes. No entanto, é importante que a senhorita compreenda que o trabalho não foi fácil. Diversas coisas podem ter ocorrido e provocado o atraso. As senhoras têm certeza de que

não aceitam algo para beber?

— Não, obrigada — respondeu Alenda.

— Ao menos se sentem, sim?

Alenda olhou de relance para Emily, cujo semblante expressava tão somente preocupação. Enquanto se sentavam, ela murmurou para Emily:

— Eu sei, eu sei... eu não deveria negociar com ladrões.

— Não tenha dúvida, senhorita — disse o visconde com firmeza. — Eu não desperdiçaria seu tempo, ou seu dinheiro, nem colocaria em risco sua condição social se não tivesse plena confiança no resultado.

O barbudo sentado à mesa deu uma risadinha. Era moreno, tinha aspecto abatido e a pele curtida como couro. Suas mãos enormes estavam calejadas e sujas. Alenda o observou levar a caneca aos lábios. Quando a abaixou, gotas de cerveja escorreram livremente pelo bigode e pingaram no tampo da mesa. Alenda decidiu que não gostava dele.

— Este é Mason Grumon — explicou Winslow. — Desculpem-me por não tê-lo apresentado antes. Mason é ferreiro aqui no Distrito Baixo. Ele é... um amigo.

— Aqueles homens que as senhoras contrataram são muito bons — disse Mason. A voz dele lembrava a Alenda o ruído das rodas de sua carruagem passando por uma estrada de cascalho.

— São mesmo? — perguntou Emily. — Será que conseguiriam roubar os velhos tesouros de Glenmorgan que estão na Torre da Coroa, em Ervanon?

— Que história é essa? — questionou Winslow.

— Certa vez, ouvi contar que ladrões roubaram o tesouro da Torre da Coroa, em Ervanon, e que devolveram tudo na noite seguinte — explicou Emily.

— Por que alguém faria uma coisa dessas? — perguntou Alenda.

O visconde deu uma risadinha.

— Tenho certeza de que não passa de uma lenda. Nenhum ladrão sensato faria isso. A maioria das pessoas não compreende a maneira como eles atuam. A realidade é que a maioria rouba para forrar o bolso. Arrombam casas ou assaltam viajantes nas estradas. Os mais ousados raptam nobres e pedem resgates. Às vezes, chegam a cortar o dedo da vítima e enviá-lo a algum ente querido. Isso demonstra quanto são perigosos e obriga a família a levar a sério as exigências feitas. De modo geral, são, com toda a certeza, uma gente detestável. Querem apenas lucrar... e com o menor esforço possível.

Alenda sentiu a mão sendo novamente pressionada. Dessa vez, o aperto foi tão intenso que ela se contraiu.

— Agora, os ladrões de melhor status formam guildas, como se fossem corporações de pedreiros ou marceneiros, embora bem mais secretas, as senhoras sabem. Esses são bem organizados e fazem do roubo um negócio. Dividem territórios, onde são estabelecidos monopólios de furto. Muitas vezes, fazem acordos com as milícias ou senhores locais, que, mediante o pagamento de uma taxa, os deixam trabalhar relativamente em paz, desde que evitem determinados alvos e obedeçam a certas regras.

— Que regras podem ser acordadas entre oficiais de uma província e criminosos confessos? — perguntou Alenda, cética.

— Ah, acho que a senhorita ficaria bastante surpresa se constatasse o número de negociatas necessárias à preservação do bom funcionamento de um reino. Existe, no entanto, mais um tipo de malfeitor... o independente, ou, falando francamente, o ladrão contratado. Esses pilantras são contratados para determinado serviço, como, por exemplo, subtrair um objeto em posse de algum nobre. Códigos de honra ou *medo de vexame* — disse ele, piscando o olho — obrigam alguns nobres e comerciantes abastados a procurar esse tipo de profissional.

— Então, eles roubam qualquer coisa a pedido de qualquer um? — perguntou Alenda. — Esses que o senhor contratou para mim, por exemplo.

— Não, não a pedido de qualquer um... apenas daqueles que se dispõem a pagar um valor que faça jus ao serviço.

— Então, não importa se o cliente for criminoso ou rei? — intrometeu-se Emily. Mason deu uma risada e disse:

— Criminoso ou rei, que diferença faz? — Pela primeira vez durante o encontro ele exibiu um largo sorriso, revelando várias falhas na boca.

Enojada, Alenda voltou a atenção para Winslow, que olhava para a porta, fixando a vista acima dos frequentadores da taverna.

— As senhoras vão ter de me dar licença por um instante — disse ele, levantando-se subitamente. — Preciso de mais uma cerveja, e as serventes estão ocupadas. Cuide das damas, Mason, por favor.

— Eu não sou ama de leite, seu fujão imbecil! — gritou Mason quando o visconde saiu da mesa e avançou através da multidão.

— Eu... eu não admito que o senhor se refira à minha ama nesses termos — declarou Emily, corajosamente, ao ferreiro. — Ela não é um bebê. Ela possui um título de nobreza, e *o senhor* deve se colocar no seu devido lugar.

A fisionomia de Mason se tornou grave.

— *Isto aqui* é o meu lugar. Eu moro aqui ao lado. Meu pai ajudou a construir esta

taverna dos infernos. Meu irmão trabalha aqui como cozinheiro. Minha mãe trabalhava aqui como cozinheira também e morreu atropelada por uma das suas carruagens cheias de luxo e nobreza. Isto aqui é o *meu* lugar. *As senhoras* é que devem se colocar no seu devido lugar. — Mason esmurrou o tampo da mesa, fazendo as velas e as damas saltarem.

Alenda puxou Emily para perto de si. *No que fui me meter?* Começava a achar que Emily tinha razão. Nunca deveria ter confiado em Winslow, aquele vagabundo. Nada sabia sobre ele, exceto que tinha comparecido ao Baile de Gala do Outono, em Aquesta, na condição de convidado do lorde Daref. Melhor do que ninguém, ela já deveria saber que nem todos os nobres são nobres.

Mantiveram-se caladas até que Winslow retornou, sem a cerveja.

— Senhoras, poderiam por gentileza me seguir? — convocou o visconde.

— O que houve? — perguntou Alenda, preocupada.

— Por favor, apenas venham comigo... por aqui.

Alenda e Emily saíram da mesa e seguiram Winslow em direção à porta de trás, através da bruma de fumaça de cachimbo e da pista de obstáculos, constituída por dançarinos, cães e bêbados. O cenário nos fundos da taverna fez com que tudo o que elas haviam presenciado até então parecesse pura virtude. Entraram num beco quase indescritível. Havia lixo por toda parte e excrementos, lançados pelas janelas superiores, misturados com lama numa vala a céu aberto. Tábuas de madeira serviam como pontes para cruzar o fétido riacho de lodo, e as senhoras se viram obrigadas a suspender as saias à altura dos tornozelos enquanto avançavam com dificuldade.

Uma ratazana disparou do centro de uma pilha de lenha e foi se juntar a outras duas no meio do esgoto.

— O que viemos fazer neste beco? — sussurrou Emily, com voz trêmula, ao ouvido de Alenda.

— Eu não sei — respondeu Alenda, esforçando-se desesperadamente para controlar o medo. — Acho que você tem razão, Emmy. Eu jamais deveria ter negociado com essa gente. O visconde pode dizer o que quiser, mas pessoas como *nós* simplesmente não deveriam fazer negócio com pessoas como *elas*.

O visconde as levou até uma cerca de madeira, passando então por duas choupanas e chegando a um estábulo improvisado. O abrigo era pouco mais que um galpão com quatro baias, cada uma contendo feno e um balde de água.

— É uma satisfação revê-la, senhorita — disse um homem que estava em frente ao estábulo.

Alenda reconheceu que se tratava do grandalhão da dupla, mas não foi capaz de se lembrar do nome do sujeito. Ela os vira rapidamente num encontro organizado

pelo visconde, numa estrada erma, numa noite mais escura do que aquela. Agora que a lua estava quase cheia e que ele deixara o capuz cair às costas, Alenda pôde ver seu rosto. Era alto, com traços e trajes rudes, mas não tinha aparência perversa ou ameaçadora. Rugas, talvez produzidas pelo riso, marcavam os cantos de seus olhos. Alenda julgou sua postura surpreendentemente alegre, até cordial. Não podia deixar de considerá-lo atraente, algo que ela própria não esperava sentir por alguém que encontrasse num local como aquele. Vestia couro e lã encardidos, e estava bem armado. Do lado esquerdo, levava uma espada curta com um cabo simples. Do direito, uma mais longa e larga, igualmente simples. Finalmente, pendurada às costas, havia uma gigantesca, quase do seu tamanho.

— Meu nome é Hadrian, caso a senhorita tenha esquecido — disse ele e, em seguida, fez uma reverência. — E quem é essa dama adorável que a acompanha?

— Está é Emily, minha criada.

— Uma criada? — Hadrian fingiu surpresa. — Uma jovem tão formosa... pensei que fosse uma duquesa.

Emily inclinou a cabeça, e, pela primeira vez naquela jornada, Alenda a viu sorrir.

— Espero que não tenhamos feito a senhorita esperar muito. O visconde me disse que ele e Mason lhes fizeram companhia.

— Sim, fizeram.

— O Sr. Grumon lhes contou a história trágica da mãe dele, atropelada por uma intempestiva carruagem real?

— Ora! Sim, ele contou. E devo dizer que...

Hadrian ergueu as mãos, simulando um gesto de defesa.

— A mãe de Mason está viva e saudável. E reside na Vila dos Artesãos, numa casa bem melhor que o buraco onde Mason mora. Nunca foi cozinheira da Rosa e Espinho. Ele conta essa história a todas as damas e os cavalheiros que encontra só para colocá-los na defensiva e fazer com que se sintam culpados. Aceitem minhas desculpas.

— Bem, obrigada. Ele foi um tanto grosseiro, e seus comentários me perturbaram bastante, mas agora... — Alenda fez uma pausa. — O senhor... quero dizer, o senhor tem... O senhor conseguiu pegá-las?

Hadrian ofereceu um cálido sorriso e então, virando-se de lado, gritou na direção do estábulo:

— Royce?

— Se você soubesse dar um bom nó, eu não estaria demorando tanto — disse

uma voz vinda lá de dentro. No instante seguinte, a outra metade da dupla apareceu e se juntou ao grupo.

Alenda se lembrava melhor dele, pois era o mais estranho dos dois. Era mais baixo que Hadrian e tinha traços finos, além de cabelos e olhos castanho-escuros. Trajava camadas de roupas pretas com uma túnica à altura dos joelhos e uma capa comprida e esvoaçante, que o cercava como uma sombra. Não se via em sua posse uma arma sequer. Apesar da estatura mais baixa e da aparente ausência de armas, Royce inspirou medo em Alenda. O olhar frio, o rosto desprovido de expressão e o modo ríspido carregavam a cordialidade de um predador.

De dentro da túnica, Royce retirou um maço de cartas amarradas com uma fita azul. Ao entregá-las, ele disse:

— Conseguir estas cartas antes que Ballentyne as mostrasse ao seu pai não foi fácil. Foi uma situação das mais arriscadas, mas obtivemos sucesso. É melhor a senhorita queimá-las antes que algo assim aconteça de novo.

Alenda fitou o pacote de cartas enquanto um sorriso de alívio cruzava seu rosto.

— Eu... eu mal posso acreditar! Não sei como o senhor conseguiu, e não sei como agradecê-lo!

— O pagamento será bem-vindo — respondeu Royce.

— Ah, sim, é claro.

Ela entregou o maço de cartas a Emily, desamarrou a pequena bolsa que trazia à cintura e a entregou ao ladrão. Rapidamente, ele examinou seu conteúdo, voltou a fechá-la e a lançou para Hadrian, que a enfiou no colete e se dirigiu ao estábulo.

— É bom a senhorita tomar cuidado. Essa sua brincadeira com Gaunt é perigosa — disse Royce.

— O senhor leu minhas cartas? — indagou ela, receosa.

— Não. O pagamento que a senhorita nos ofereceu não seria o suficiente para nos obrigar a isso.

— Então, como vocês sabem...

— Ouvimos a conversa entre seu pai e Archibald Ballentyne. O marquês reagiu como se não acreditasse nas acusações feitas pelo conde, mas tenho certeza de que acreditou. Com ou sem carta, seu pai agora vai ficar atento. Contudo, o marquês é um bom homem e vai fazer a coisa certa. Acho que ficou tão aliviado com o fato de Ballentyne não ter provas a serem levadas à corte que esse romance não vai aborrecê-lo muito. No entanto, como eu disse, é melhor a senhorita tomar mais cuidado no futuro.

— Como é que gente como *vocês* sabem coisas a respeito do meu pai?

— Ah, desculpe-me. Eu disse o pai da senhorita? Eu estava me referindo a outro marquês, aquele cuja filha sabe agradecer.

Alenda sentiu como se Royce tivesse desferido um tapa em seu rosto.

— Fazendo amigos, Royce? — perguntou Hadrian, trazendo dois cavalos do interior do estábulo. — A senhorita vai ter de desculpar o meu amigo. Ele foi criado por lobos.

— Esses cavalos pertencem ao meu pai!

Hadrian assentiu.

— Deixamos a carruagem atrás de uns arbustos, ao lado da ponte do rio. A propósito, é possível que eu tenha estragado um dos gibões de seu pai. Deixei o gibão e o restante das coisas dele dentro da carruagem.

— Estava usando as roupas de meu pai?

— Como eu disse — repetiu Royce —, a coisa foi arriscada, muito arriscada.

O local era conhecido como Sala Obscura por causa dos negócios ali realizados, mas a pequena sala nos fundos da Rosa e Espinho nada tinha de sombria. Velas fixadas em luminárias presas às paredes e sobre a mesa, além de um bom fogo na lareira, produziam uma luz cálida e aconchegante. Uma fileira de caçarolas de cobre, reminiscências do tempo em que a sala funcionava também como despensa, pendia de uma viga de madeira. Havia espaço para apenas uma mesa e algumas cadeiras, mas a mobília era mais do que suficiente para os propósitos em vista.

A porta se abriu, e um pequeno grupo entrou no recinto. Royce se serviu de uma taça de vinho, sentou-se perto do fogo, descalçou as botas e esticou os dedos dos pés diante do calor. Hadrian, o visconde Albert Winslow, Mason Grumon e uma bela jovem se sentaram nas cadeiras dispostas em torno da mesa. Gwen, a proprietária da taverna, sempre preparava um bom banquete quando eles voltavam de um serviço, e aquela noite não foi diferente. As opções do jantar incluíam uma jarra de cerveja, carne assada, uma grande fatia de pão doce que tinham acabado de assar, batata cozida, um pedaço de queijo branco enrolado em tecido, cenouras, cebolas, e pickles enormes, tirados de um barril que sempre ficava atrás da bancada do bar. Tratando-se de Royce e Hadrian, Gwen não fazia economia, e serviu ainda uma garrafa de vinho Montemorcey, importada de Vandon. Gwen sempre guardava uma dessas, pois era o vinho favorito de Royce. Embora tudo parecesse apetitoso, Hadrian não se mostrou interessado. Sua atenção estava focada na mulher.

— Então, como foram as coisas ontem à noite? — perguntou Esmeralda, sentada no colo de Hadrian e servindo-lhe uma caneca espumante de cerveja fabricada

na própria taverna. O nome verdadeiro dela era Falina Brockton, mas todas as mulheres que lá trabalhavam utilizavam apelidos por questão de segurança. Esmeralda, uma pária inteligente e alegre, era a garçonete mais antiga da Rosa e Espinho, além de ser uma das duas únicas mulheres autorizadas a entrar na Sala Obscura durante uma reunião.

— Estava frio — disse Hadrian, passando o braço em volta da cintura de Esmeralda. — Assim como a cavalgada até aqui. Por isso, estou precisando muito de calor. — Puxou-a para mais perto de si e começou a beijar seu pescoço, em meio a uma onda de cachos morenos.

— Nós fomos pagos, não fomos? — perguntou Mason.

O ferreiro começara a preparar um pratarraz no instante em que se sentara. Mason era filho do maior artífice de Medford na geração anterior. herdara a oficina do pai, mas a perdera em consequência da combinação de jogo e azar. Expulso da Vila dos Artesãos, acabou indo parar no Distrito Baixo, onde fabricava ferraduras e pregos, ganhando dinheiro suficiente para manter a fornalha funcionando, comprar bebida e, de vez em quando, pagar por uma refeição. Para Royce e Hadrian, ele tinha três vantagens: contentava-se com pouco dinheiro, morava perto e era solitário.

— Fomos, sim. Alenda Lanakin nos pagou as quinze moedas de ouro — disse Royce.

— Grande negócio! — declarou Winslow alegremente, batendo palmas.

— E as minhas flechas? Funcionaram direito? — perguntou Mason. — Ficaram bem presas nas telhas?

— Elas fincaram bem — disse Royce. — O problema foi conseguir arrancá-las.

— O mecanismo de soltura falhou? — perguntou Mason, preocupado.

— Mas eu pensei que... bem, não sou flecheiro. Vocês deveriam ter procurado um flecheiro. Eu disse a vocês, não disse? Eu sou ferreiro. Trabalho com aço, não com madeira. A serra de dentes finos que eu fiz... aquilo funcionou, não foi? Aquilo é produto de ferreiro, pelo amor de Mar! Mas as flechas não são, ainda mais do tipo que vocês queriam. Não, senhor. Eu disse que vocês deveriam ter procurado um flecheiro, e vocês deveriam mesmo.

— Calma, Mason — disse Hadrian, reaparecendo por trás da cabeleira de Esmeralda. — Entre fincar e soltar, fincar era mais importante, e a coisa funcionou perfeitamente.

— Claro que funcionou. As pontas das flechas são de metal, e eu conheço metal. Mas estou chateado porque a cordinha para soltá-las não funcionou. Corno foi que vocês a pegaram de volta? Vocês não a deixaram lá, deixaram?

— Não podíamos, senão o guarda teria visto a corda na próxima ronda - disse

Royce.

— Então, o que vocês fizeram?

— Eu gostaria é de saber como vocês fizeram a coisa toda — disse Winslow. A exemplo de Royce, ele estava recostado numa cadeira, com os pés para cima e o caneco na mão. — Vocês nunca me dão os detalhes dessas operações.

O visconde Albert Winslow descendia de uma antiga linhagem de aristocratas sem-terra. Anos atrás, um dos antepassados de Winslow perdera o feudo da família. Agora, restara apenas o título. Isso bastava para abrir portas fechadas a camponeses e comerciantes, e constituía um degrau acima da baronagem comum. Quando Royce e Hadrian o conheceram, Winslow morava num celeiro em Colnora. A dupla investiu um pouco em roupas e numa carruagem, e o visconde pôde, condignamente, desempenhar o delicado papel de intermediário em assuntos relacionados à nobreza. Com recursos fornecidos pela dupla, o visconde costumava freqüentar bailes e cerimônias, patrulhando o cenário político em busca de oportunidades de negócios.

— Você tem visibilidade demais, Albert — explicou Hadrian. — Não podemos correr o risco de ver o nosso aristocrata predileto arrastado a um calabouço onde vão cortar suas pálpebras e arrancar suas unhas até confessar no que está metido.

— Mas, se me torturarem e eu não souber o plano, como é que vou me salvar?

— Tenho certeza de que vão acreditar em você depois da quarta unha — disse Royce, com um sorriso cruel.

Albert fez uma careta e deu mais um longo gole na cerveja.

— Mas agora vocês podem me contar, não podem? Como foi que passaram por aquela porta de ferro? Quando me encontrei com Ballentyne, fiquei com a impressão de que nem mesmo um anão com um conjunto completo de ferramentas conseguiria abri-la. Não tinha nem fechadura que pudesse ser arrombada ou tranca para ser levantada.

— Bem, essa informação foi bastante útil — disse Royce. — Foi por isso que evitamos totalmente aquela porta.

O visconde pareceu confuso. Começou a falar, mas calou-se e serviu-se de uma fatia de carne assada. Royce deu um gole no vinho, e, enquanto bebia, Hadrian assumiu o comando da mesa.

— Escalamos o exterior da torre leste, ou melhor, Royce escalou e me lançou uma corda. Ela não tinha a altura necessária, mas era a que ficava mais perto da torre que nos interessava. Usamos as flechas de Mason para ligar uma à outra. Pendurados, com a corda presa entre os joelhos, cruzamos aos poucos o espaço vazio.

— Mas aquela torre não tem janelas — protestou Albert.

— E quem falou em janela? — intrometeu-se Royce. — As flechas ficaram no *telhado* da torre mais alta.

— É, como eu disse: aquelas flechas foram muito bem-feitas — disse Mason com orgulho.

— Então vocês chegaram à torre... mas como conseguiram entrar? Pela chaminé? — indagou Albert.

— Mão, era apertada demais, e ontem à noite havia fogo na lareira — disse Hadrian. — Então usamos a segunda ferramentazinha de Mason, uma pequena serra, e fizemos uma abertura no telhado. Tudo corria dentro dos planos, até que Archibald resolveu fazer uma visita ao gabinete. Imaginamos que em algum momento ele iria embora, então esperamos.

— Deveríamos ter simplesmente descido no gabinete, cortado a garganta dele e pegado as cartas — afirmou Royce.

— Mas não tínhamos sido pagos para isso, tínhamos? — lembrou Hadrian. Em resposta, Royce revirou os olhos. Ignorando-o, Hadrian prosseguiu: — Como eu estava dizendo, ficamos à espera, e o vento no telhado estava de cortar. O filho da mãe deve ter ficado no gabinete cerca de duas horas.

— Coitadinho — ronronou Esmeralda, e roçou o nariz no rosto de Hadrian, como se fosse uma gata.

— A boa notícia foi que ele resolveu examinar as cartas enquanto nós o observávamos pela abertura que tínhamos feito no telhado, e ficamos sabendo o local exato do cofre. Então apareceu uma carruagem no pátio, e vocês nem imaginam de quem era.

— O marquês chegou enquanto vocês estavam no telhado? — perguntou Albert com a boca cheia de carne assada.

— Isso mesmo... foi então que o nosso tempo ficou apertado. Archibald saiu da torre para se encontrar com o marquês, e nós entramos em ação.

— E então vocês abriram o telhado como quem abre uma abóbora — disse Esmeralda, adivinhando.

— Exatamente. Eu segurei a corda para Royce descer até o gabinete. Ele limpou o cofre, deixou lá dentro as cartas falsas, e eu o icei de volta. No instante em que recolocávamos a telha cortada, Archibald e Victor entraram. Ficamos quietos, esperando, pois não queríamos que ele nos ouvisse. Inacreditavelmente, ele resolveu mostrar as cartas naquela hora. Juro que foi engraçado ver a reação de Archibald ao descobrir os pergaminhos em branco. Então começou uma grande gritaria, e decidimos aproveitar a chance para descer de corda até o pátio.

— Impressionante. Eu disse a Alenda que, às vezes, surgem problemas durante um serviço, mas eu não fazia idéia da veracidade das minhas palavras. Nós

deveríamos ter reajustado o valor que cobramos — interveio Albert.

— Eu cheguei a pensar nisso — respondeu Royce —, mas você conhece Hadrian... Mesmo assim, com esse negócio, lucramos dos dois lados.

— Mas esperem, vocês ainda não explicaram como conseguiram retirar a corda da lateral da torre, já que o mecanismo de soltura não funcionou.

Royce suspirou.

— Não queira saber.

— Por que não? — O ferreiro olhou de um para o outro. — É segredo?

— Eles querem saber, Royce — disse Hadrian com um sorriso forçado.

Royce fez uma careta.

— Ele cortou a corda com uma flecha.

— Ele... o quê? — perguntou Albert, sentando-se tão abruptamente que os pés estrondaram no assoalho.

— Hadrian usou outra flecha para cortar a corda.

— Mas isso é impossível — declarou Albert. — Ninguém acerta numa corda a... sei lá... uma distância de sessenta metros, e no escuro!

— Era noite de *lua cheia* — disse Royce, corrigindo-o. — Não vamos : Drnar a coisa ainda mais difícil do que foi. Não se esqueça de que tenho de aturar esse sujeito. Além disso, ele não acertou logo no primeiro disparo.

— Quantas flechas foram? — Esmeralda quis saber.

— O que foi, querida? — perguntou Hadrian, limpando a espuma da roca com a manga da camisa.

— De quantas flechas você precisou para cortar a corda, seu bobinho?

— Seja sincero — disse Royce a Hadrian.

Hadrian fez uma careta.

— Quatro.

— Quatro? — disse Albert. — Fiquei bem mais impressionado quando imaginei que tivesse sido uma única flecha, mas, mesmo assim...

— Você acha que o conde vai descobrir? — perguntou Esmeralda.

— Na primeira chuva, acho que vai — disse Mason.

Ouviu-se uma tripla batida à porta, e o ferreiro truncado empurrou a cadeira para trás, levantou-se e atravessou a sala.

— Quem é? — perguntou ele.

— Sou eu, Gwen.

Destravando o ferrolho, ele abriu a porta, e entrou uma mulher exótica, com longos cabelos negros e deslumbrantes olhos verdes.

— Que beleza... uma mulher não pode entrar na sala dos fundos da sua própria casa.

— Desculpe, menina — disse Mason, fechando a porta —, mas Royce arranca minha pele se eu abrir a porta sem perguntar primeiro.

Gwen DeLancy era um enigma do Distrito Baixo. Tendo imigrado da distante nação de Cális para Avryn, ela sobreviveu na cidade como prostituta e vidente. A tez morena, os olhos amendoados e as maçãs salientes eram características nitidamente estrangeiras. O talento para maquiagem os olhos e o sotaque oriental conferiam a ela um sedutor ar de mistério que os nobres consideravam irresistível. No entanto, Gwen não era uma prostituta qualquer. Em apenas três anos, ela havia prosperado, adquirindo participação em alguns estabelecimentos comerciais do distrito. Somente a aristocracia podia possuir terras, mas comerciantes vendiam participações em negócios. Em pouco tempo ela era sócia ou única proprietária de um amplo setor da Vila dos Artesãos e da maior parte dos estabelecimentos do Distrito Baixo. A Casa de Medford, mais conhecida como A Casa, era seu negócio mais lucrativo. Apesar de localizado num beco, nobres locais e de toda a região freqüentavam esse caro bordel. Gwen gozava da reputação de ser discreta, sobretudo em relação a homens que não pudessem ser vistos freqüentando o local.

— Royce — disse Gwen —, um cliente visitou A Casa esta noite. Queria muito falar com um de vocês. Marquei um encontro para amanhã à noite.

— Você o conhece?

— Eu perguntei às meninas. Nenhuma delas o conhece.

— Ele utilizou os serviços?

Gwen meneou a cabeça.

— Não, queria apenas informações sobre os ladrões profissionais. É engraçado que os homens sempre acham que uma prostituta sabe de tudo, mas acham também que a prostituta vai levar os segredos *deles* para o túmulo.

— Quem falou com ele?

— Tulipa. Ela disse que o homem é estrangeiro, tem pele morena e também tem sotaque. Talvez seja de Cális, mas não cheguei a falar com ele, portanto não saberia dizer com certeza.

— Estava sozinho?

— Tulipa não disse que ele estava acompanhado.

— Quer que eu fale com ele? — perguntou Albert.

— Não, eu falo — disse Hadrian. — Se ele está bisbilhotando por aqui, provavelmente procura alguém mais com o meu perfil do que com o seu.

— Se você quiser, Albert, venha ao encontro amanhã e vigie a porta — acrescentou Royce. — Eu fico de olho na rua. Apareceu alguma cara nova por aqui?

— O movimento tem sido grande, tem algumas pessoas que não conheço. Neste momento, há quatro caras novas lá no bar — respondeu Gwen — e, algumas horas atrás, havia outras cinco.

— Ela tem razão — confirmou Esmeralda. — Eu mesma servi os cinco.

— Qual era a aparência deles? Viajantes?

Gwen balançou a cabeça.

— Soldados, eu acho. Não estavam de farda, mas dava para perceber.

— Mercenários? — perguntou Hadrian.

— Acho que não. De modo geral, os mercenários são encrenqueiros, ficam agarrando as meninas, gritando, arrumando briga... vocês sabem como é. Esses eram tranquilos, e um deles era nobre, eu acho. Ao menos, os demais se referiam a ele como barão não sei das quantas... Trumbul... acho que era isso.

— Eu vi uns sujeitos assim lá na rua Wayward ontem — comentou Mason. — Mais ou menos uma dúzia.

— Tem alguma coisa acontecendo na cidade? — perguntou Royce.

Uma troca de olhares de dúvida.

— Você acha que pode ter algo a ver com os boatos sobre aquelas mortes, lá para os lados do rio Nidwalden? — perguntou Hadrian. — Talvez o rei esteja recrutando o apoio da nobreza.

— Você está se referindo aos elfos? — perguntou Mason. — Eu ouvi alguns boatos.

— Eu também — comentou Esmeralda. — Disseram que os elfos atacaram um vilarejo ou algo assim. Ouvi dizer que mataram todo mundo... até gente que dormia.

— Quem disse isso? Tem alguma coisa errada — comentou Albert. — Nunca vi um elfo sequer olhar no olho de alguém, quanto mais atacar uma pessoa.

Royce pegou as botas e a capa e se dirigiu à porta.

— Você nunca viu um elfo, Albert — disse ele, e se retirou bruscamente.

— O que foi que eu disse? — perguntou Albert, olhando para os demais com um ar inocente.

Esmeralda deu de ombros.

Hadrian pegou a bolsa de Alenda e a atirou em direção ao visconde.

— Não precisa se preocupar. Às vezes Royce fica meio mal-humorado. Vamos lá... dívida aí os lucros.

— Mas Royce tem razão — disse Esmeralda, parecendo satisfeita por saber de algo que os demais desconheciam. — Os elfos que atacaram o povoado eram elfos *selvagens*, de raça pura. Os mestiços que andam por aqui não passam de um bando de beberrões preguiçosos.

— Mil anos de escravidão podem deixar um povo assim — assinalou Gwen. — Você pode pagar logo a minha parte, Albert? Preciso voltar ao trabalho. Hoje vamos receber na Casa a visita do bispo, do juiz e da Irmandade dos Barões.

Hadrian ainda estava dolorido pelo esforço físico do dia anterior quando se sentou a uma mesa vazia perto do bar e se pôs a observar os clientes que estavam na Sala do Losango. O nome derivava do formato incomum do recinto, um retângulo alongado, resultado da maneira como a construção encaixava no terreno da rua Wayward. Hadrian conhecia, ao menos de vista, quase todas as pessoas que estavam no local. Acendedores de lampião, cocheiros, lateiros... eram os freqüentadores que costumavam passar por lá, depois do expediente, para comer alguma coisa. Todos tinham a mesma aparência exausta, desgastada e até suja, e se sentavam com o rosto curvado sobre o prato. Usavam camisas de tecido grosso, próprias para o trabalho, e calças largas, amarradas à cintura como um saco. Escolhiam aquela sala porque era a menos barulhenta, e ali podiam comer em paz. Um dos presentes, no entanto, destacava-se dos demais.

O indivíduo estava sentado sozinho, no fundo da sala, com as costas voltadas para a parede. Nada havia sobre a mesa, exceto a vela que costuma ficar sobre as mesas de uma taverna. Ele não pedira qualquer bebida ou comida. Usava um chapéu de feltro, com aba larga e um dos lados preso por uma vistosa pluma azul. Seu gibão, por cima de uma camisa de cetim dourado, exibia um rico brocado vermelho e preto e era provido de ombreiras. A cintura, ele trazia um sabre, preso a um cinto de couro trabalhado que combinava com as botas pretas de cano alto. Fosse lá quem fosse, não estava se escondendo. Hadrian notou que embaixo da mesa havia uma trouxa, sobre a qual ele mantinha um dos pés.

Depois que Royce enviou Esmeralda com o recado de que não havia ninguém à espreita na rua, Hadrian se levantou, cruzou a sala e parou diante da cadeira vazia, em frente ao estranho.

— Posso lhe fazer companhia? — perguntou ele.

— Depende — respondeu o homem, e Hadrian percebeu o sotaque ligeiramente

despojado daquele nativo de Cális. — Estou procurando um representante de uma organização chamada Riyria. O senhor representa esse grupo?

— Isso depende do que o senhor pretende — respondeu Hadrian com um sorrisinho.

— Neste caso, por favor, sente-se.

Hadrian se sentou e esperou.

— Eu sou o barão Delano DeWitt e desejo contratar homens de talento. Sui informado de que aqui nesta área há homens habilidosos, que trabalham mediante pagamento.

— Que tipo de habilidades o senhor está procurando?

— Competência em furtos — respondeu DeWitt simplesmente. — Estou em posse de um item que precisa desaparecer. Se possível, eu gostaria que o item desaparecesse completamente. Mas é preciso que isso aconteça hoje à noite.

Hadrian sorriu.

— Sinto muito, mas tenho certeza de que a Riyria não trabalha em tais circunstâncias. E arriscado demais. Espero que o senhor compreenda.

— Peço desculpas pelo prazo. Tentei contatar a organização ontem à noite, mas me disseram que isso não seria possível. Tenho condições de rizer com que o risco valha a pena.

— Lamento, mas eles têm regras bastante severas.

Hadrian começou a se levantar.

— Por favor, escute. Eu fiz algumas averiguações. Pessoas que conhecem bem a cidade me disseram que existe uma dupla de profissionais independentes que aceita esse tipo de trabalho se o pagamento for adequado. Como eles conseguem sobreviver à margem das guildas é questão plausível de especulação, mas o fato é que conseguem. Isso confirma a reputação deles, não é mesmo? Se o senhor conhece esses homens, esses integrantes da Riyria, eu imploro: peça a eles que me deem assistência.

Hadrian avaliou o sujeito. De início, pensara que fosse mais um nobre autocentrado, interessado em dar risadas em algum banquete real. Agora, entretanto, o comportamento do homem havia se alterado. Em sua voz havia um toque de desespero.

— Qual é a grande importância desse item? — perguntou Hadrian, reclinando-se na cadeira. — E por que ele precisa desaparecer hoje à noite?

— O senhor já ouviu falar no conde Pickering?

— Mestre esgrimista, vencedor do Escudo de Prata e do Laurel de Ouro? Tem

uma esposa lindíssima, chamada... Belinda, eu acho. Ouvi dizer que ele já matou ao menos oito homens em duelos por causa da maneira como olharam para ela, ou assim reza a lenda.

— O senhor está incrivelmente bem informado.

— Faz parte do meu trabalho — admitiu Hadrian.

— Num embate com espadas, o conde foi derrotado apenas por Braga, o arquiduque de Melengar, e isso foi durante um torneio de exibição, num dia em que o conde não pôde lutar com sua espada favorita. Foi obrigado a usar uma substituta.

— Ah, isso mesmo — disse Hadrian, falando tanto para si quanto para DeWitt. — É ele quem tem a tal rapieira especial, que sempre o acompanha num duelo, sobretudo quando a briga é para valer.

— Isso! Ao tratar dessa rapieira, o conde é muito supersticioso.

DeWitt nada mais disse durante alguns instantes e parecia um tanto desconcertado.

— O senhor olhou muito para a esposa do conde? — indagou Hadrian.

O homem concordou e curvou a cabeça.

— Fui desafiado para um duelo, amanhã, ao meio-dia.

— E o senhor quer que a Riyria fure a espada do conde. — Era uma afirmação, não uma pergunta, e DeWitt assentiu mais uma vez.

— Estou acompanhando a comitiva do duque DeLorkan de Dagastan. Chegamos a Medford faz dois dias, a fim de participar de um acordo comercial promovido pelo rei Amrath. Um banquete de boas-vindas nos foi oferecido, e Pickering estava lá. — Nervoso, o barão enxugou o rosto. — Eu nunca estivera em Avryn... pelo amor de Maribor! Eu não sabia quem ele era! Eu nem sabia que ela era esposa dele até o momento em que ele me bateu com a luva na cara.

Hadrian suspirou.

— Isso não é um serviço fácil. Roubar uma rapieira de estimação da cabeceira da cama do...

— Ah! Mas eu facilitei a coisa — disse DeWitt. — O conde, assim como eu, está hospedado com o rei para participar das negociações. Os aposentas dele ficam bem perto dos aposentos do meu duque. No começo da noite, entrei no quarto dele e peguei a espada. Havia muita gente por lá. Entrei em pânico e a joguei na primeira porta aberta que vi. É preciso que a rapieira seja retirada do castelo antes que ele sinta falta, pois qualquer busca certamente vai resultar na localização da arma.

— Então, onde está a rapieira agora?

— Na capela real — disse ele. — O local não é vigiado e fica num corredor, logo depois de um quarto vazio, e esse quarto tem uma janela. Eu rosso providenciar para que ela fique aberta esta noite. E, na parede de fora, abaixo da janela, tem uma trepadeira. Na verdade, vai ser até fácil.

— Então, por que *o senhor* não faz o serviço?

— Se ladrões forem pegos com a rapieira, o máximo que vai acontecer e eles perderem as mãos, mas, se *eu* for pego, minha reputação estará arruinada!

— Posso entender o motivo de sua preocupação — disse Hadrian com sarcasmo, mas DeWitt pareceu nem perceber.

— Exatamente! Agora que o senhor viu que eu já fiz a maior parte do trabalho, a coisa não parece tão difícil, não é? Antes que o senhor responda deixe-me fazer um acréscimo à proposta.

Com certa dificuldade, o barão retirou a trouxa que estava sob o pé e a colocou sobre a mesa. Ouviu-se um tilintar quando o saco bateu na madeira.

— Aqui dentro o senhor vai encontrar cem moedas de ouro.

— Entendo — respondeu Hadrian, olhando fixamente para o saco e tentando manter o ritmo da respiração. — E o senhor vai pagar adiantado?

— Evidentemente, eu não sou bobo. Sei como essas coisas funcionam. Vou pagar a metade agora e a outra metade quando a rapieira me for entregue.

Hadrian respirou fundo, meneando a cabeça e tentando manter a serenidade.

— Então, o senhor está oferecendo *duzentas* moedas de ouro?

— Isso mesmo — disse DeWitt com um olhar preocupado. — Como o senhor pode perceber, a coisa é muito importante para mim.

— Bem, se o serviço vai ser fácil como o senhor diz...

— Então o senhor acha que eles vão aceitar? — perguntou ele ansiosamente.

Hadrian se recostou na cadeira exatamente no momento em que DeWitt se inclinava para a frente, cheio de expectativa. DeWitt parecia um homem diante de um juiz, aguardando a sentença por um homicídio.

Royce o mataria se ele aceitasse. Uma das regras básicas estabelecidas por eles próprios para a Riyria era jamais aceitar trabalhos em cima da hora. Precisavam de tempo para fazer os devidos levantamentos de dados, verificar relatos e definir alvos potenciais. Contudo, o único crime cometido por DeWitt tinha sido olhar para uma bela mulher no momento errado, e Hadrian sabia que a vida do homem estava em suas mãos. O sujeito não tinha a menor chance de contratar outros profissionais. Conforme o próprio DeWitt mencionara, nenhum ladrão independente, exceto eles dois, se atreveria a aceitar um trabalho numa cidade onde operava uma guilda. Os mestres da Mão Carmim não permitiriam

que seus rapazes realizassem tal trabalho, pelo mesmo motivo que levava Hadrian a querer recusá-lo. Por outro lado, Hadrian não era exatamente um ladrão e desconhecia as diversas deliberações da guilda. Royce tinha crescido nas ruas de Ratibor, sobrevivendo das carteiras que furtava. *Ele* era o ladrão profissional, ex-integrante da temerária Guilda do Diamante Negro. Hadrian era um guerreiro, um soldado que preferia lutas limpas e luz do dia.

Hadrian nunca se sentia inteiramente à vontade quando realizava a maioria dos serviços que prestavam aos nobres. Eles sempre queriam envergonhar um rival, magoar uma ex-amante ou conquistar mais prestígio no estranho e deturpado mundo da política, onde há muito em jogo. A aristocracia os contratava porque era abastada e tinha condições financeiras de pagar pelos seus joguinhos. Para os nobres, a vida era isto: um grande jogo de xadrez, com cavalos, reis e peões. Não existiam o bem e o mal, nem o certo e o errado. Tudo era questão de política. Um jogo dentro de um jogo, com as suas próprias regras e carente de valores. As rixas dos aristocratas, no entanto, propiciavam à dupla um terreno fértil do qual obter lucros. Os nobres não eram apenas ricos e mesquinhos, mas também um tanto obtusos. Não fosse assim, como poderiam Royce e Hadrian receber dinheiro do conde de Chadwick para interceptar cartas enviadas por Alenda Lanaklin a Degan Gaunt e ainda duplicar os ganhos, trocando de lado e roubando-as de volta? Eles simplesmente pediram a Albert que contatasse Alenda, informando-lhe que Ballentyne estava em poder das cartas e se oferecendo para providenciar a restituição. O negócio deles era lucrativo, mas também escuso. Era mais um jogo num mundo em que heróis não passavam de lendas e a honra era um mito.

Hadrian tentava racionalizar a questão e pensar que o que ele e Royce faziam não era tão terrível assim. Afinal, Alenda tinha plenas condições de pagar pelo trabalho. Gente como Mason e Esmeralda precisava mais de dinheiro que a filha de um marquês rico. Além disso, talvez a experiência tenha servido de lição para ela, uma lição cujo resultado seria a preservação da reputação do pai, bem como das terras da família. Ainda assim, era como se estivesse mentindo para si mesmo, tentando convencer a própria consciência de que estava fazendo a coisa certa ou, ao menos, de que não era a coisa errada. Hadrian queria um trabalho que tivesse mérito, um trabalho por meio do qual pudesse salvar a vida de um homem, um homem cujas intenções remetiam à velha noção de virtude.

— Certo — disse ele.

Quando Hadrian acabou de falar, a Sala Obscura ficou silenciosa e tensa, tamanha era a expectativa. Apenas três homens estavam presentes e, quando Hadrian concluiu, ele e Albert voltaram a atenção para Royce. Conforme esperado, o ladrão não parecia satisfeito, e começou a mover a cabeça lentamente antes mesmo de abrir a boca.

— Eu não acredito que você aceitou esse trabalho — queixou-se.

— Escute aqui, eu sei que está em cima da hora, mas a história dele é verdadeira, certo? — perguntou Hadrian. — Você o seguiu de volta ao castelo. Ele foi convidado pelo rei Amrath. Não se desviou do caminho. Parece mesmo ser de Cális, e nenhuma das meninas de Gwen ouviu falar qualquer coisa que desminta as afirmações dele. O serviço parece limpo.

— *Duzentas moedas de ouro* para entrar por uma janela aberta e surrupiar uma rapieira... você não acha isso suspeito? — perguntou Royce, com descrença e espanto.

— Ao meu ver, é a realização de um sonho — comentou Albert.

— Talvez lá em Cális as coisas sejam feitas de modo diferente. Cális fica bem longe daqui — argumentou Hadrian.

— Não fica *tão longe* assim — disparou Royce de volta. — E como é que esse DeWitt anda por aí com tanto ouro? Será que ele sempre viaja para encontros comerciais carregando sacos cheios de moedas? Por que ele trouxe todo esse dinheiro?

— Talvez não tenha trazido. Talvez tenha vendido um anel valioso esta noite ou, quem sabe, tenha conseguido um empréstimo em nome do duque DeLorkan. Vai ver que foi o próprio duque que forneceu o ouro a ele. Tenho certeza de que os dois não chegaram até aqui montados em dois pôneis. É provável que o duque viaje com uma grande caravana de carruagens. Para eles, talvez, centenas de moedas de ouro não sejam algo raro. — O tom de voz de Hadrian ficou mais sério. — Você não estava lá. E não viu o sujeito. Ele está às vésperas de algo que será praticamente uma execução. De que vale ter ouro se a pessoa estiver morta?

— Nós acabamos de concluir um trabalho. Eu pretendia tirar uns dias de folga, e agora você nos comprometeu com outro — disse Royce, suspirando. — Você disse que DeWitt estava com medo?

— Ele estava suando frio.

— Então é isso. Você quer fazer o serviço porque a causa é justa. Você acha que arriscar o pescoço não é problema desde que a gente possa se congratular no fim.

— Pickering vai matá-lo... você sabe disso. E ele não terá sido o primeiro.

— Nem o último.

Hadrian suspirou e, cruzando os braços, reclinou-se na cadeira.

— Você tem razão, haverá outros. Então imagine se a gente surrupiar a espada e acabar com essa coisa toda. Imagine que o conde nunca mais a veja. Pense nos

felizardos que poderão olhar para Belinda sem medo.

Royce deu uma risada.

— Então agora é uma questão de serviço público?

— E ainda teremos as duzentas moedas de ouro — acrescentou Hadrian. — Isso é mais dinheiro do que ganhamos em um ano. O frio está chegando, e com essa grana a gente pode descansar o inverno todo.

— Bem, agora você está dizendo algo que faz sentido. Isso seria bom — admitiu Royce.

— E serão poucas horas de trabalho. Uma escalada rápida e um furto. *Você* sempre diz que o Castelo de Essendon é mal vigiado. Vamos dar conta do trabalho e estaremos nas nossas camas antes de o sol raiar.

Royce mordeu o lábio inferior e fez uma careta, recusando-se a olhar para o parceiro.

Hadrian percebeu a brecha e avançou:

— Você se lembra do frio que fez naquela torre. Pense no frio que vai fazer daqui a alguns meses. Você tem agora a chance de passar um inverno seguro e quentinho, comendo bem e bebendo seu vinho predileto. Além disso — Hadrian se aproximou mais —, vai ter neve. E você detesta neve.

— Tudo bem, tudo bem. Pegue os nossos apetrechos. A gente se encontra lá no beco.

Hadrian sorriu.

— Eu sabia que em algum lugar aí batia um coração.

Lá fora, a noite ficava cada vez mais fria. As estradas estavam cobertas por uma fina geada. A neve, de fato, não tardaria. Apesar do que Hadrian dissera, Royce na realidade não detestava neve. Gostava do jeito como a neve corria o Distrito Baixo, vestindo-o com uma elegante capa branca. No entanto, tal beleza tinha um custo: rastros eram visíveis na neve, o que dificultava em muito o trabalho. Hadrian tinha razão: depois daquela noite eles teriam dinheiro suficiente para passar o restante do inverno em serena hibernação. Com o montante em mãos, poderiam até considerar abrir um negócio que fosse legal. Royce sempre pensava nisso quando entrava um bom dinheiro, e ele e Hadrian haviam debatido a questão mais de uma vez. Um ano antes, pensaram em abrir uma vinícola, mas chegaram à conclusão de que a empreitada não lhes convinha. Esse era sempre o problema. Nenhum dos dois conseguia identificar um negócio legal que fosse ideal para eles.

Ele parou em frente à Casa de Medford, no fim da rua Wayward, do lado oposto

à Rosa e Espinho. A Casa tinha quase as mesmas dimensões que a taverna, e Gwen havia pensado em construir puxados que unissem os dois estabelecimentos, de maneira que os clientes pudessem ir e vir livremente, sem se expor às intempéries ou aos olhares da população. Gwen DeLancy era genial. Royce jamais conhecera uma pessoa como ela. Era excepcionalmente astuta e inteligente e também a pessoa mais transparente e franca que conhecera na vida. Para ele, ela era um paradoxo, um mistério inescrutável: era uma pessoa honesta.

— Achei mesmo que você daria uma passadinha aqui — disse Gwen, saindo no pórtico da Casa e cobrindo os ombros com uma capa. — Eu estava espiando pela porta.

— Você tem bons olhos. A maioria das pessoas não consegue me enxergar quando caminho por uma rua escura.

— Então vai ver que você queria ser visto. Veio me visitar, não veio?

— Eu só queria ter certeza de que você recebeu a sua parte ontem à noite.

Gwen sorriu. Enquanto ela sorria, Royce não pôde deixar de notar o quanto seus cabelos brilhavam ao luar.

— Royce, você sabe que não precisa me pagar. Eu dou o que você quiser.

— Não — insistiu Royce. — Nós usamos o seu estabelecimento como base. Isso é perigoso, e por isso você deve receber uma parte dos ganhos. Nós já conversamos sobre isso.

Ela se aproximou e pegou na mão dele. O toque era morno e reconfortante naquele ar gelado.

— Mas a Rosa e Espinho não seria minha se não fosse por você. Provavelmente eu nem estaria viva...

— Não sei do que você está falando, minha senhora — disse Royce, e fez uma reverência formal. — Eu posso provar que nem estava na cidade na noite em questão.

Ela o encarou ainda sorrindo. Ele adorava vê-la feliz, mas, naquele momento, aqueles olhos verdes ardentes buscavam algo. Royce desviou o olhar, soltando a mão dela.

— Escute, Hadrian e eu vamos fazer aquele trabalho. E temos de agir esta noite, então eu preciso...

— Você é um homem estranho, Royce Melborn. Eu me pergunto se um dia ainda vou conhecê-lo direito.

Royce fez uma pausa e disse suavemente:

— Você já me conhece melhor do que qualquer mulher deveria, melhor do que

seria seguro... para nós dois.

Gwen se aproximou ainda mais. Os saltos de seus sapatos rangeram no chão congelado, nos olhos intensos uma súplica.

— Tome cuidado, sim?

— Eu sempre tomo.

Com a capa voando ao vento, Royce se afastou. Gwen o observou até ele entrar numa sombra e desaparecer.

Capítulo 3

CONSPIRAÇÕES



A bandeira com a insígnia do falcão coroado tremulava na torre mais alta do Castelo de Essendon, indicando a presença do rei. O castelo era a sede do reino de Melengar, que, embora não fosse dos mais vastos e poderosos, era antigo e respeitado. O castelo, uma estrutura imponente, com muros e torres cinzentas elaborados, ficava no centro da capital de Medford, onde se encontravam quatro distritos ou bairros: Praça dos Nobres, Vila dos Artesãos, Distrito Comum e Distrito Baixo. A exemplo da maioria das cidades de Avryn, Medford era protegida por muros sólidos. No entanto, o castelo contava com as próprias muralhas, que o separavam do restante da cidade. A muralha interna, encimada por ameias onde exímios arqueiros montavam guarda, não circundava totalmente o castelo. Em vez disso, conectava-se a uma grande torre, majestosa, que servia de barreira na parte posterior. A altura da torre e a largura do fosso que cercava sua base garantiam a segurança do lar do monarca.

Durante o dia, comerciantes conduziam carroças até a muralha do castelo, posicionando-se em ambos os lados do portão, formando um vilarejo de barracas, vendedores, malabaristas e credores, todos dispostos a ganhar algum dinheiro à custa dos habitantes do castelo. Esse comércio local desaparecia ao cair do sol, pois, do crepúsculo ao amanhecer, os cidadãos não podiam passar a menos de 20 metros dos muros do castelo. A obediência a essa restrição era garantida por arqueiros reais, treinados para disparar contra quem se aproximasse demais durante a noite. Duplas de guardas, usando malhas de aço e capacetes exibindo a insígnia do falcão de Melengar, patrulhavam o perímetro. Os guardas faziam a ronda tranquilamente, com os polegares enfiados no cinto da espada, muitas vezes conversando sobre os acontecimentos do dia ou sobre os planos para quando estivessem de folga.

Royce e Hadrian observaram o ritmo da ronda dos guardas durante uma hora antes de avançarem até a parte posterior da torre. Conforme DeWitt havia explicado, jardineiros negligentes tinham deixado de podar uma trepadeira de

galhos grossos que escalava a pedra. Infelizmente, os galhos não chegavam à altura das janelas. Naquela noite fria de fim de outono, tiveram que encarar a gélida travessia do fosso, a nado. A hera, no entanto, se mostrou firme, e a subida foi fácil, como se a trepadeira fosse uma escada.

— Agora eu sei por que DeWitt não quis fazer ele mesmo — sussurrou Hadrian para Royce enquanto se penduravam na hera. — Depois de congelar na água do fosso, eu acho que, se cair agora, vou me partir em pedaços.

— Pense no número de penicos que são esvaziados naquele fosso todos os dias — disse Royce enquanto enfiava um pequeno cravo, com um orifício numa das pontas, entre dois blocos de pedra.

Hadrian olhou para as janelas que, conforme supunha, seriam dos quartos e se contraiu ao pensar nas implicações do comentário.

— Eu podia ter passado sem essa — comentou. Em seguida, retirou da bolsa um arreio e o prendeu ao orifício do cravo.

— Só estou tentando distrair você para parar de pensar no frio — disse Royce, introduzindo mais um cravo.

Embora entediante e tenso, o processo transcorreu com uma rapidez impressionante, e eles alcançaram a janela mais baixa antes que os guardas completassem a ronda. Royce verificou as persianas, que, conforme prometido, estavam abertas. Ele abriu uma delas, apenas alguns milímetros, e olhou o interior. No instante seguinte, pulou a janela e acenou para Hadrian.

Uma pequena cama, coberta por um dossel grená, estava encostada no centro de uma das paredes. Ao lado dela havia uma cômoda, com uma bacia acoplada. A única outra peça de mobília era uma cadeira simples, de madeira. Uma tapeçaria igualmente simples, cuja estampa mostrava cães perseguindo um cervo, cobria a maior parte da parede oposta. Tudo estava arrumado, mas a decoração era árida. Não havia botas ao lado da porta, tampouco uma capa atirada sobre a cadeira, e a colcha não exibia qualquer dobra ou vinco. O quarto não estava sendo utilizado.

Hadrian permaneceu calado perto da janela enquanto Royce atravessava o quarto em direção à porta. Hadrian notou que o outro pisava de leve no piso, antes de transferir o peso à passada seguinte. Certa vez, Royce contara que fazia um trabalho num sótão quando pisou numa tábua fraca e caiu pelo teto de um aposento. Aquele piso era de pedra, mas até mesmo pedra às vezes apresentava falhas na argamassa, ou continha armadilhas ou alarmes. Royce alcançou a porta, onde se agachou e aguçou os ouvidos. Fez um gesto com a mão, indicando o ato de caminhar, e então começou a contar os dedos, para orientar Hadrian. Seguiu-se uma pausa, e ele então repetiu o sinal. Hadrian atravessou o quarto para se juntar ao parceiro, e os dois se sentaram e aguardaram em silêncio

durante vários minutos.

Depois de um tempo, com as mãos enluvadas, Royce girou o ferrolho mas não abriu a porta. Passadas firmes soaram do lado de fora, botas pesadas sobre o piso de pedra, primeiro um passo, depois outro. Quando elas ficaram inaudíveis, Royce entreabriu a porta e espiou. O corredor estava vazio.

Diante deles havia uma passagem estreita, iluminada por tochas bastante espaçadas, cujas chamas formavam sombras ondulantes, criando nas paredes uma impressão de movimento. Entraram na passagem, fecharam a porta com toda a cautela e avançaram rapidamente cerca de 15 metros até uma porta dupla enfeitada com dobradiças douradas e uma fechadura de metal. Royce experimentou a porta e sacudiu a cabeça. Ajoelhou-se e retirou do cinto um pequeno estojo de ferramentas, e Hadrian se posicionou na outra extremidade da passagem. De onde estava, Hadrian podia ver todo o corredor, em ambas as direções, assim como parte da escada à direita. Ficou atento a qualquer problema, e este chegou antes do esperado.

Souo um ruído no corredor, e Hadrian ouviu o som abafado de saltos de botas sobre as lajotas de pedra se aproximando. Ainda ajoelhado, Royce cutucou a fechadura, e os passos se aproximaram ainda mais. Hadrian levou a mão ao cabo da espada, mas, finalmente, o ladrão conseguiu abrir a porta. Pedindo à sorte que o cômodo estivesse vazio, os dois entraram. Royce fechou a porta silenciosamente, e os passos seguiram adiante.

Estavam dentro da capela real. Inúmeras velas ardiam em ambas as laterais. Sustentando um glorioso teto em forma de abóbada, colunas de mármore se erguiam perto do centro da capela. Quatro fileiras de bancos de madeira se alinhavam de cada lado da nave central. Adornos em formato de cinco-folhas e ornamentos típicos da Igreja de Nyphron decoravam as paredes. Por trás do altar viam-se imagens de Maribor e Novron em alabastro. Novron, representado como um homem forte e atraente, no auge da juventude, estava ajoelhado. O deus Maribor, esculpido como uma figura poderosa, exuberante, de barba longa e capa esvoaçante, encimava a figura de Novron, depositando uma coroa sobre a cabeça do jovem. O altar consistia numa bancada de madeira, com três portas largas e um tampo de mármore rosado. Em cima do altar havia duas velas acesas e um grande livro dourado aberto.

DeWitt dissera a Hadrian que deixara a espada atrás do altar, e para lá eles seguiram. Ao se aproximarem da primeira fileira de bancos, ambos ficaram paralisados. Ali, de bruços no meio de uma poça de sangue ainda fresco, jazia o corpo de um homem. O cabo arredondado de um punhal se projetava de suas costas. Enquanto Royce fez uma rápida busca pela espada de Pickering, Hadrian verificou sinais vitais no corpo. O homem estava morto, e a espada desaparecera. Royce tocou o ombro de Hadrian e apontou a coroa de ouro, que

rolara para trás de uma pilastra. A gravidade da situação se abateu sobre ambos. Era hora de sair dali.

Dirigiram-se à porta. Royce se deteve um instante para aguçar o ouvido e se certificar de que a passagem estava livre. Saíram da capela, fecharam a porta e seguiram pela passagem até o quarto.

— *Assassinos!*

O grito soou tão próximo e tão terrível que ambos se viraram, sacando as armas. Hadrian tinha numa das mãos a espada longa e na outra a curta. Royce empunhava um reluzente punhal de lâmina branca.

Diante da porta aberta da capela havia um anão barbudo.

— *Assassinos!* — gritou o anão novamente, mas o grito já não era necessário.

Já era possível ouvir passos, e no instante seguinte soldados com as armas em punho surgiram no corredor, vindos de todos os lados.

— *Assassinos!* — O anão continuava a apontar para eles. — Mataram o rei!

Royce levantou o ferrolho e empurrou a porta do quarto, mas esta não cedeu. Fez uma nova tentativa, mas ela não se mexia.

— Larguem as armas ou vamos retalhar vocês aí mesmo! — ameaçou um soldado. Era um sujeito alto, com um bigode espesso que se eriçou quando o homem trincou os dentes.

— Quantos você acha que são? — sussurrou Hadrian.

As paredes ecoavam o ruído da chegada de mais soldados.

— Muitos — respondeu Royce.

— Logo, logo, serão menos — garantiu Hadrian.

— Não vai dar, não consigo abrir a porta, não temos saída. Acho que alguém pôs uma tranca pelo lado de dentro. Não temos condições de lutar contra toda a guarda do castelo.

— Abaixem as armas, agora! — gritou o soldado que estava no comando e deu um passo à frente, erguendo a espada.

— Maldição! — Hadrian deixou cair as espadas. Royce fez o mesmo.

— Peguem-nos! — bradou o soldado.

Alric Essendon despertou, assustado com a comoção. Não se encontrava em seus aposentos. A cama em que estava deitado era bem menor que a sua, e não tinha o familiar dossel de veludo. As paredes eram de pedra, e apenas uma pequena cômoda e uma mesa com uma bacia decoravam o local. Sentou-se, esfregando

os olhos, e logo se deu conta de onde estava. Pelo jeito, tinha pegado no sono horas atrás. Olhou para Tillie, de quem via, acima da colcha, as costas e o ombro nus. Alric se perguntou como ela conseguia continuar dormindo com toda aquela gritaria. Pulou da cama e bateu o recinto à procura do camisolão. Distinguir suas roupas das dela era fácil, mesmo no escuro. As dela eram de linho barato, as dele, de seda.

Acordada pelo movimento, Tillie perguntou, sonolenta:

— Algum problema?

— Nada, pode continuar dormindo — respondeu Alric.

Ela era capaz de dormir no meio de um furacão, mas, quando ele saía da cama, ela sempre acordava. Não era culpa dela o fato de ele haver pegado no sono, mas a culpava mesmo assim. Alric não gostava de acordar ali. Quando isso acontecia, odiava Tillie ainda mais e tinha consciência do paradoxo. Ao longo do dia, a carência que ela demonstrava em relação a ele o atraía, mas pela manhã essa mesma carência o repelia. Dentre todas as criadas do castelo, entretanto, ela era a mais bela, sem sombra de dúvida. Alric não se entusiasmava com as aristocratas que seu pai convidava à corte. Eram arrogantes e consideravam a própria virgindade mais valiosa que a coroa. Ele as achava enfadonhas e irritantes. Seu pai discordava. Alric tinha apenas 19 anos, mas o pai já o pressionava a escolher uma noiva.

— Um dia você será rei — dizia Amrath. — O seu primeiro dever para com o reino é gerar um herdeiro.

O pai falava em casamento como se fosse uma profissão, e Alric encarava o matrimônio da mesma maneira. Para ele, casamento, ou qualquer outro tipo de "trabalho", deveria ser evitado ou, ao menos, adiado ao máximo.

— Quem me dera o senhor passasse a noite inteira comigo... — tagarelou Tillie enquanto ele vestia o camisolão.

— Nesse caso, você deve se sentir grata por eu ter cochilado durante tanto tempo.

Com os dedos dos pés, ele bateu o assoalho em busca dos chinelos e, encontrando-os, enfiou os pés no forro de lã.

— Eu me sinto grata, senhor.

— Boa noite, Tillie — disse Alric ao sair pela porta.

— Boa... — Alric fechou a porta antes que ela concluísse a saudação.

Geralmente, Tillie dormia com as outras criadas num dormitório perto da cozinha. Alric costumava levá-la para um pequeno quarto vazio, no terceiro andar do castelo, por uma questão de privacidade. Não gostava de levar jovens

para o próprio quarto, pois ficava imediatamente ao lado do quarto do pai. O quarto vazio ficava na ala norte do castelo e, por ser menos ensolarado, era sempre mais frio do que os aposentos reais. Ele se embrulhou no camisolão e seguiu pelo corredor até a escada.

— Já verifiquei todos os andares de cima, capitão. Ele não está aqui. — Alric ouviu alguém dizer a apenas dois passos de distância. Pelo tom de voz áspero, ele deduziu se tratar de uma sentinela. Raramente falava com sentinelas, mas, quando o fazia, notava que eram sempre bruscos, como se as palavras fossem item escasso.

— Continuem a busca e desçam às masmorras, se necessário. Eu quero todos os cômodos revistados, cada copa, cada armário, cada guarda-roupa. Entendido?

Alric conhecia bem aquela voz. Era de Wylín, o capitão da guarda.

— Sim, senhor, imediatamente!

Alric ouviu os passos da sentinela, correndo degraus abaixo, e viu o soldado parar subitamente assim que o olhou nos olhos.

— Eu o encontrei, senhor! — gritou a sentinela com alívio.

— O que está acontecendo, capitão? — perguntou Alric no momento em que Wylín e outros três guardas do castelo desciam correndo a escada.

— Vossa Alteza Real! — O capitão se ajoelhou ligeiramente, curvando a cabeça, e em seguida se levantou de um salto. — Benton! — exclamou ele, dirigindo-se ao soldado. — Eu quero mais cinco homens protegendo o príncipe *neste instante*. Vamos!

— Sim, senhor! — O soldado bateu continência e subiu correndo a escada.

— Para me proteger? — perguntou Alric. — O que está acontecendo?

— Seu pai foi assassinado.

— Meu pai? O quê?

— Sua Majestade, o rei... foi encontrado na capela real, apunhalado nas costas. Dois suspeitos já foram detidos. O anão Magnus confirmou. Ele os viu assassinar seu pai, mas não pôde impedi-los.

Alric ouviu a voz de Wylín, mas não conseguiu entender as palavras, pois não faziam o menor sentido. *Meu pai está morto?* Ele falara com o pai pouco antes de ir ao quarto de Tillie, havia menos de cinco horas. *Como poderia estar morto?*

— Eu devo insistir para que Vossa Alteza permaneça aqui, sob intensa vigilância, até que eu conclua a varredura do castelo. É possível que aqueles dois não estivessem sozinhos. No momento, dei ordens para...

— Insista o quanto quiser, Wylín, mas saia do meu caminho. Quero ver o meu

pai! — exigiu Alric, empurrando o capitão.

— O corpo do rei Amrath foi levado aos aposentos reais, Alteza.

O corpo!

Alric não quis mais ouvir coisa alguma. Correu escada acima, os chinelos voando longe.

— Fiquem perto do príncipe! — gritou Wylín depois que ele se foi.

Alric chegou à ala real. No corredor havia uma pequena multidão, que abriu caminho quando ele se aproximou. Ao chegar à capela, encontrou a porta aberta e vários ministros ali reunidos.

— Meu príncipe! — ouviu seu tio Percy chamar, mas Alric não se deteve. Estava decidido a chegar até o pai.

Não era possível que estivesse morto!

Ele virou o corredor, passou pelos próprios aposentos e entrou correndo na suíte real. Ali, a porta dupla também estava aberta. Diversas damas, trajando camisolões e capas, estavam do lado de fora, em prantos. Dentro da suíte, duas idosas se ocupavam em lavar numa bacia panos manchados de vermelho.

De pé, ao lado do leito, via-se a irmã de Alric, Arista, com um camisolão dourado e grená. Ela se agarrava com tanta força ao dossel da cama que seus dedos estavam embranquecidos. Arista fitava a figura sobre o colchão com olhos ao mesmo tempo secos e arregalados de pavor.

Sobre os lençóis brancos do leito real jazia o rei Amrath Essendon. Ainda usava as roupas de quando Alric o vira mais cedo naquela mesma noite. Seu rosto estava pálido, e os olhos, fechados. Perto do canto dos lábios havia uma pequena gota de sangue coagulado.

— Meu príncipe... quero dizer, Vossa Majestade Real — corrigiu-se o tio, seguindo Alric enquanto este entrava nos aposentos. Seu tio sempre aparentara mais idade que seu pai. Os cabelos estavam bastante grisalhos, e o rosto, cheio de rugas. No entanto, exibia o porte esbelto e elegante de um espadachim. Ainda ajeitava a capa quando entrou no recinto. — Graças a Maribor, Vossa Majestade está bem. Chegamos a pensar que Vossa Majestade tivesse encontrado um destino semelhante.

Alric não conseguia pronunciar uma palavra sequer. Ficou paralisado, fitando o corpo inerte do pai.

— Majestade, não se preocupe. Eu cuidarei de tudo. Sei como este momento é difícil. Vossa Majestade ainda é um rapaz, e...

— Do que você está falando? — Alric olhou para ele. — Cuidar de quê? Do que você vai cuidar?

— De diversas coisas, Majestade. É preciso garantir a segurança do castelo, investigar como isto aconteceu, capturar os responsáveis, providenciar os funerais e, evidentemente, a coroação.

— Coroação?

— Vossa Majestade agora é rei. Precisamos providenciar a cerimônia da coroação, mas isso, naturalmente, pode esperar até que tudo o mais esteja resolvido.

— Mas eu pensei... Wylín me disse que os assassinos foram capturados.

— Ele capturou dois. Preciso me certificar de que não haja outros.

— O que vai acontecer com eles? — Alric desviou o olhar para a forma inerte do pai. — Com os assassinos... o que vai acontecer com eles?

— Isso depende do senhor, Vossa Majestade Real. O destino deles está em suas mãos, a menos que o senhor prefira que eu lide com a questão, já que ela pode ser extremamente desagradável.

Alric se virou para o tio.

— Eu quero que eles morram, tio Percy. Eu quero que sofram terrivelmente e depois morram.

— É claro, Vossa Majestade, é claro. Garanto que haverão de sofrer e morrer.

Os calabouços do Castelo de Essendon ficavam dois andares abaixo do solo. Água se infiltrava por fissuras nas paredes, encharcando a superfície de pedra. Fungos brotavam na argamassa entre os blocos de pedra, e mofo cobria a madeira das portas, das banquetas e dos baldes. Um cheiro azedo e bolorento se misturava ao fedor de podridão, e os corredores ecoavam os lamentos dos condenados. Apesar dos rumores que corriam pelas tavernas de Medford, a capacidade dos calabouços do castelo era limitada. É desnecessário dizer que os carcereiros conseguiram um lugar para os regicidas. Transferiram alguns prisioneiros para designar uma cela exclusiva para Royce e Hadrian.

A notícia da morte do rei não tardou a correr, e pela primeira vez em vários anos os detentos tinham algo interessante sobre o que conversar.

— Quem diria que eu viveria mais que o velho Amrath — murmurou uma voz grave. O sujeito deu uma risada, que logo se transformou em um acesso de tosse e cusparadas.

— Será que existe a chance de o príncipe revogar as nossas sentenças diante de toda essa situação? — perguntou uma voz mais fraca e mais jovem. — Quer dizer, isso é possível, não é?

A pergunta foi recebida com um longo silêncio, mais tosse e um espirro.

— O guarda disse que apunhalaram o filho da mãe pelas costas dentro da capela

dele. O que isso nos ensina sobre devoção? — perguntou outra voz, jovem e amargurada. — Pelo jeito, ele estava pedindo coisa demais ao homem lá em cima.

— Os que fizeram o serviço estão na nossa antiga cela. Tiraram Danny e eu de lá pra colocar os dois. Eu vi os sujeitos quando nos transferiram... um grandalhão o outro pequeno.

— Alguém os conhece? Vai ver que estavam querendo libertar alguns de nós e se distraíram, não é?

— É preciso muita coragem pra matar um rei dentro do castelo dele. Esses homens não vão nem ser julgados, nem mesmo pra constar. Estou surpreso que ainda estejam vivos.

— Vai ter tortura em praça pública antes da execução. As coisas por aqui têm estado calmas demais. Faz anos que não temos uma boa sessão de tortura.

— Então, por que acham que eles fizeram isso?

— Por que não pergunta a eles?

— Ei, vocês aí! Estão conscientes aí nessa cela? Ou eles bateram tanto que vocês ficaram dementes?

— Talvez estejam mortos.

Não estavam mortos, mas não podiam falar. Royce e Hadrian estavam acorrentados à parede do fundo, com os tornozelos presos por travas de ferro e mordanças de couro na boca. Fazia pouco mais de uma hora que estavam ali, mas a pressão nos músculos de Hadrian já era dolorosa. Os soldados haviam confiscado seus apetrechos, suas capas, botas e túnicas, deixando aos dois apenas as calças como proteção contra a umidade e o frio da masmorra.

Presos à parede, os dois escutavam as divagações dos outros prisioneiros. A conversa foi interrompida pelo ruído de passos pesados. A porta da carceragem se abriu, batendo contra a parede interna.

— Por aqui, Vossa Alteza Real... quero dizer, Vossa Majestade Real — disse o carcereiro rapidamente.

Uma chave de metal girou na fechadura. A porta da cela rangeu e se abriu. Quatro guarda-costas reais escoltaram o príncipe e seu tio, Percy Braga, ao interior da cela. Hadrian reconheceu Braga, arquiduque e lorde conselheiro de Melengar, mas nunca tinha visto Alric. O príncipe era jovem, não teria mais de 20 anos. Era baixo, magro e de aparência delicada, seus cabelos castanho-claros lhe caíam pelos ombros, e a barba ainda era rala. Decerto a estatura e os traços físicos haviam sido herdados da mãe, pois o antigo rei era um homenzarrão corpulento e peludo. O príncipe usava um camisolão de seda, com uma grande espada comicamente presa à cintura por um cinto de couro maior que o normal.

— Esses são os homens?

— Sim, majestade — respondeu Braga.

— Uma tocha — ordenou Alric, estalando os dedos com impaciência. Um soldado removeu uma tocha do suporte preso à parede e a entregou ao príncipe. Alric olhou com cara feia para a tocha. — Segure-a perto do rosto deles. Eu quero vê-los bem. — Alric os encarou. — Não estou vendo marcas? Não foram açoitados?

— Não, Majestade — disse Braga. — Eles não resistiram à prisão, e o capitão Wylín achou por bem trancafiá-los enquanto vasculhava o castelo. Aprovei a decisão. Não temos certeza se esses dois agiram sozinhos.

— Não, é claro que não. Quem deu ordens para que fossem amordaçados?

— Não sei, Majestade — respondeu Braga. — O senhor quer que as mordanças sejam retiradas?

— Não, tio Percy... Ah! Não posso mais chamá-lo assim, não é mesmo?

— O senhor é rei agora, Majestade. Pode me chamar como quiser.

— Não é digno... não para um governante, mas *arquiduque* é tão formal... vou chamá-lo de Percy, está bem?

— Já não me cabe aprovar suas decisões, Senhor.

— Percy será, então... e mantenha-os amordaçados. Não quero ouvir suas mentiras. O que mais diriam, a não ser que são inocentes? Assassinos capturados sempre negam os crimes. Que opção teriam? A menos que pretendam usar os últimos instantes de vida para cuspir na cara do rei. Não lhes permitirei tal satisfação.

— Eles poderiam nos dizer se agiram sozinhos ou a mando de alguém. Poderiam nos dizer quem seria essa pessoa, ou pessoas.

Alric continuou a examiná-los. Seu olhar se fixou num sinal retorcido, em formato de M, no ombro esquerdo de Royce. Ele apertou os olhos e, frustrado por não conseguir decifrar a marca, arrancou a tocha da mão do guarda e a segurou tão perto do rosto de Royce que este se contraiu.

— O que é isso aqui? Parece uma tatuagem, mas não é.

— Trata-se de uma marca, Majestade — respondeu Braga. — A Marca de Manzant. Pelo jeito, essa criatura já esteve detida no Cárcere de Manzant.

Alric pareceu perplexo.

— Eu não sabia que prisioneiros eram libertados de Manzant, e nunca ouvi falar de alguém que houvesse fugido.

Braga parecia igualmente perplexo.

Alric então se adiantou e passou a inspecionar Hadrian. Ao ver a pequena medalha de prata pendurada ao pescoço do ladrão, revirou-a com pouca curiosidade, e então a soltou, com desprezo.

— Não importa — disse Alric. — Não me parecem do tipo que se dispõe a dar com a língua nos dentes. Amanhã cedo, levem-nos à praça central e torturem-nos. Se disserem algo que valha a pena, que sejam decapitados.

— Se não disserem?

— Se não disserem, que sejam esquartejados aos poucos. Exponham as vísceras deles ao sol... e que o médico real os mantenha vivos o máximo possível. Ah! E, antes da sessão de tortura, quero que os arautos façam várias proclamações. Eu quero que uma multidão compareça. As pessoas precisam saber qual é o castigo para traição.

— Como quiser, Senhor.

Alric começou a se dirigir à porta mas parou. Deu meia-volta e esbofeteou Royce com as costas da mão.

— Ele era meu pai, seu imundo inútil!

O príncipe se retirou, deixando os dois ali, pendurados e impotentes, aguardando o alvorecer.

Hadrian não sabia havia quanto tempo exatamente estavam pendurados à parede. Talvez duas ou três horas. As vozes anônimas dos outros detentos ficaram cada vez menos freqüentes, até pararem por completo, silenciadas pelo tédio ou pelo sono. A mordaca que cobria a boca de Hadrian ficara encharcada de saliva, e não estava fácil respirar. Seus pulsos estavam machucados no local onde os ferros roçavam, e suas costas e pernas também doíam. Para piorar, o frio enrijecia os músculos, intensificando o sofrimento. Sem querer olhar para Royce, ele fechava os olhos ou fitava a parede oposta. Fazia isso também para não ter de pensar no que aconteceria quando o sol nascesse. Sua mente estava tomada por um sentimento de auto-condenação: era tudo culpa dele. Estavam ali por causa de ter insistido em desprezarem as regras. A morte deles era sua culpa.

A porta se abriu, e novamente um guarda-costas real, dessa vez acompanhado por uma mulher, entrou na cela. Ela era alta, esbelta e usava um camisolão dourado e grená de seda, que tremeluzia como fogo à luz da tocha. Era bonita, com cabelos castanho-avermelhados e pele clara.

— Retirem as mordacas deles — ordenou ela rispidamente.

Os carcereiros se apressaram em desafivelar as correias e remover as mordacas.

— Agora, deixem-nos... todos vocês.

Os carcereiros saíram prontamente.

— Você também, Hilfred.

— Alteza, eu sou o seu guarda-costas. Eu preciso ficar para...

— Eles estão acorrentados à parede, Hilfred — retorquiu ela, e então respirou fundo a fim de se acalmar. — Não se preocupe comigo. Agora, por favor, saia e vigie a porta. Não quero ser interrompida por quem quer que seja. Entendido?

— Como quiser, Alteza. — O guarda fez uma reverência e saiu da cela, fechando a porta.

Ela avançou, examinando os dois com toda a atenção. No cinto, trazia um punhal cravejado de pedras. Hadrian reconheceu a lâmina comprida e ondulada, tipicamente utilizada por ocultistas orientais para realizar encantamentos. Naquele momento, ele estava mais interessado na outra utilização do punhal... como arma mortífera. Ela brincava com o cabo em formato de dragão como se pretendesse sacar a arma e atacá-los a qualquer momento.

— Sabe quem sou? — perguntou ela a Hadrian.

— A princesa Arista Essendon — respondeu ele.

— Muito bem. — Ela sorriu para ele. — E você? E não venha com mentiras. Vocês estarão mortos em menos de duas horas, portanto, para que mentir?

— Hadrian Blackwater.

— E você?

— Royce Melborn.

— Quem mandou vocês aqui?

— Um homem chamado DeWitt — respondeu Hadrian. — Ele é membro da comitiva do duque DeLorkan, que veio de Dagastan, mas não fomos enviados para matar seu pai.

— Por que foram enviados? — As unhas pintadas da princesa tamborilavam o cabo prateado do punhal enquanto seus olhos permaneciam cravados neles.

— Para roubar a espada do conde Pickering. DeWitt disse que, ontem à noite, num jantar aqui, o conde o desafiara a um duelo.

— E o que estavam fazendo na capela?

— Foi lá que DeWitt disse ter escondido a espada.

— Entendo... — Ela fez uma pausa momentânea enquanto seu semblante pétreo parecia hesitar. Seus lábios começaram a tremer, e lágrimas encheram-lhe os olhos. Ela deu as costas a eles, tentando se recompor. Arista curvou a cabeça, e Hadrian pôde ver que seu corpo frágil estremecia.

— Escute — disse Hadrian —, por mais incrível que pareça, nós não matamos seu pai.

— Eu sei — disse ela, ainda de costas para eles.

Royce e Hadrian trocaram olhares.

— Vocês foram enviados aqui para que fossem responsabilizados pelo assassinato. Ambos são inocentes.

— A senhorita está... — começou Hadrian, mas se deteve. Pela primeira vez desde a captura, sentia uma ponta de esperança, mas resolveu se conter. Virou-se, então, para Royce. — Ela está sendo sarcástica? Geralmente, você percebe essas coisas melhor do que eu.

— Não desta vez — disse Royce, com a fisionomia tensa.

— Eu não posso acreditar que ele se foi — murmurou Arista. — Eu lhe dei um beijo de boa-noite... há apenas algumas horas. — Ela respirou fundo e se apurou, antes de se virar para eles. — Meu irmão já determinou o destino de vocês. Serão torturados até a morte pela manhã. Estão construindo um cadafalso, onde serão esquarterados.

— Nós já ouvimos os detalhes... da boca do seu irmão — disse Royce com tristeza.

— Ele agora é rei. Não posso impedi-lo. Está decidido a castigá-los.

— A senhorita poderia falar com ele — disse Hadrian, esperançoso. — Poderia dizer a ele que somos inocentes. Poderia falar sobre DeWitt.

Arista enxugou os olhos com a parte interna dos pulsos.

— Não existe DeWitt. Não houve jantar algum aqui ontem à noite, nem duque de Cális, e o conde Pickering não visita o castelo há meses. Mesmo que tudo isso fosse verdade, Alric não acreditaria em mim. Ninguém neste castelo acreditaria em mim. Não passo de uma menina emotiva. Vão dizer: "Ela está abalada. Está perturbada." Não posso impedir a execução de vocês hoje, assim como não pude salvar a vida do meu pai ontem à noite.

— A senhorita sabia que ele morreria? — perguntou Royce.

Ela fez que sim, lutando novamente com as lágrimas.

— Eu sabia. Fui informada de que seria morto, mas não acreditei. — Ela fez uma pausa para examinar o rosto dos prisioneiros. — Digam-me, o que vocês fariam para sair com vida deste castelo antes do amanhecer?

Os dois se entreolharam num silêncio de espanto.

— Eu faria qualquer coisa — disse Hadrian. — E você, Royce?

O parceiro concordou.

— Devo dizer que concordo com isso.

— Eu não posso impedir a execução — explicou Arista —, mas posso providenciar para que escapem deste calabouço. Posso lhes devolver suas roupas e armas, e posso dizer a vocês como chegar ao sistema de esgoto que corre por baixo do castelo. Acho que os canais os levariam para fora da cidade. Quero deixar claro que nunca os explorei pessoalmente.

— Eu... eu jamais imaginaria isso — disse Hadrian, duvidando do que estava ouvindo.

— É imperativo que, quando escaparem, vocês deixem a cidade.

— Não creio que isso seja um problema — explicou Hadrian. — É exatamente o que faríamos.

— E... tem mais uma coisa: vocês precisam raptar meu irmão.

Seguiu-se uma pausa enquanto os dois trocavam um olhar.

— Espere, espere um instante. A senhorita quer que nós *raptemos* o príncipe de Melengar?

— Tecnicamente, ele agora é rei de Melengar — disse Royce, corrigindo o parceiro.

— Ah, sim! Eu tinha me esquecido — murmurou Hadrian.

Arista foi até a porta da cela, espiou pela portinhola e então voltou.

— Por que a senhorita quer que raptemos seu irmão? — indagou Royce.

— Porque quem matou meu pai agora vai matar Alric, e antes da coroação, eu suponho.

— Por quê?

— Para acabar com a dinastia de Essendon.

Royce a encarou.

— Isso não coloca a senhorita em risco também?

— Sim, mas não estou sob grande ameaça enquanto Alric viver. Ele é o príncipe herdeiro. Eu não passo da irmã bobinha. Além disso, um de nós precisa ficar aqui para descobrir quem assassinou meu pai.

— E o seu irmão não seria capaz de fazer isso? — perguntou Hadrian.

— Meu irmão está convencido de que os assassinos são *vocês*.

— Ah, sim! A senhorita queira me desculpar, mas é que um minuto atrás eu estava prestes a ser executado, e agora vou raptar um rei. As coisas estão mudando um pouco rápido demais pro meu gosto.

— O que devemos fazer com seu irmão depois que o retirarmos da cidade? —

perguntou Royce.

— Eu quero que o levem até o Cárcere de Gutaria.

— Nunca ouvi falar nesse lugar — disse Royce, e olhou para Hadrian, que sacudiu a cabeça.

— Não estou surpresa, pouca gente conhece. Trata-se de uma prisão eclesiástica, mantida exclusivamente pela Igreja de Nyphron. Fica na margem norte do lago Windermere. Vocês sabem onde é?

Ambos assentiram.

— Sigam pela beira do lago e tomem uma velha estrada que sobe por umas colinas. Eu quero que vocês levem meu irmão ao encontro de um prisioneiro chamado Esrahaddon.

— E depois disso?

— E só isso — disse ela. — Eu espero que esse prisioneiro possa explicar toda a situação a Alric, ao menos o suficiente para que ele se dê conta do que está acontecendo aqui.

— Então — disse Royce — a senhorita quer que escapemos deste calabouço, raptemos o rei, cruzemos os campos com ele a tiracolo, evitemos soldados que, suponho eu, não vão aceitar nossa versão da história e alcancemos uma prisão secreta para que seu irmão possa visitar um detento?

Arista não parecia estar se divertindo.

— É isso, ou então podem ser torturados até a morte dentro de quatro horas.

— O plano me parece muito bom — declarou Hadrian. — Royce?

— Eu gosto de qualquer plano em que eu não sofra uma morte horrenda.

— Ótimo. Vou mandar aqui dois monges para ministrar a extrema-unção. Vou determinar que sejam soltos da parede para poderem se ajoelhar. Vocês vão pegar as batinas deles, prendê-los nos mesmos ferros em que estavam presos e amordaçá-los com as mesmas mordaças. Os pertences de vocês estão logo ali, na sala da carceragem. Vou dizer ao carcereiro que levarão os pertences para doação. Vou mandar meu guarda-costas pessoal, Hilfred, escoltá-los até a cozinha, que ainda permanecerá fechada por mais uma ou duas horas. Vocês vão ficar sozinhos lá. O tampo do ralo da fossa é móvel para que o lixo possa ser varrido para o esgoto. Vou convencer meu irmão a ir sozinho ao meu encontro na cozinha. Vocês são bons lutadores, não são?

— Ele é. — Royce meneou a cabeça indicando Hadrian.

— Meu irmão não é... Portanto, vocês deverão dominá-lo facilmente. Mas não o machuquem.

— Eu vou fazer uma pergunta que vai parecer um tanto idiota — disse Royce. — Mas que garantia a senhorita tem de que não vamos simplesmente matar o seu irmão, deixar o corpo dele apodrecendo no esgoto e depois desaparecer?

— Nenhuma — respondeu ela. — Assim como vocês, eu não tenho escolha.

Os monges não apresentaram dificuldade. Vestidos com suas batinas e devidamente ocultados pelos capuzes, Hadrian e Royce escapuliram da cela. Hilfred estava do lado de fora, à espera, e rapidamente os escoltou até a cozinha, onde, sem dizer uma única palavra, deixou-os a sós. Royce, que sempre tivera excelente visão noturna, conduziu Hadrian pelo labirinto escuro, cheio de panelões e pratos empilhados. Com mangas longas e os hábitos largos e compridos, os dois navegavam por aquele mar perigoso, onde um gesto em falso poderia derrubar uma pilha de louça e soar um alarme.

Até aquele momento, o plano de Arista estava dando certo. A cozinha estava, de fato, vazia. Livraram-se dos trajes monásticos e vestiram as próprias roupas. Localizaram a fossa central, sobre a qual havia uma grande tampa de ralo. Embora a tampa de ferro fosse bastante pesada, conseguiram removê-la sem fazer muito barulho. Tiveram a grata surpresa de constatar que degraus de ferro facilitariam a descida para o vazio. Lá do fundo vinha um ruído de água corrente. Hadrian encontrou uma despensa repleta de legumes e bateu até encontrar um saco de aniagem cheio de batatas. Em silêncio, esvaziou-o e limpou-o, separando alguns fios de corda.

Estavam longe da liberdade, mas o futuro se mostrava bem mais promissor do que minutos antes. Embora Royce nada dissesse, Hadrian se sentia culpado. Enquanto esperavam juntos, a culpa e o silêncio se tornaram insuportáveis.

— Você não vai falar "Eu não disse?" — sussurrou Hadrian.

— De que adianta isso agora?

— Ah, então você vai guardar isso para jogar na minha cara no futuro, num momento mais propício?

— Não vale a pena comentar sobre isso agora, você não acha?

Pela porta entreaberta da cozinha logo surgiu o brilho distante de uma tocha, e Hadrian ouviu vozes se aproximando. Diante disso, os dois se posicionaram. Royce se sentou à mesa, de costas para a porta. Vestiu o capuz e fingiu estar curvado sobre um prato de comida. Hadrian ficou ao lado da porta, segurando a adaga pela lâmina.

— Pelo amor de Maribor! Por que aqui?

— Porque estou oferecendo um prato de comida ao pobre velho e um lugar para ele se lavar.

Hadrian reconheceu as vozes de Alric e Arista e deduziu que estavam quase

diante da porta da cozinha.

— Não entendo por que não pudemos trazer os guardas, Arista. A gente nunca sabe... pode haver outros assassinos.

— É por isso que você precisa falar com ele. Ele diz que sabe quem contratou os matadores, mas se recusa a falar com uma mulher. Afirma que só vai conversar com você, e somente se estiver sozinho. Escute, a esta altura, já não sei mais em quem confiar, nem você sabe. Não dá para ter certeza de quem é o responsável, e é possível que algum guarda esteja envolvido. Não se preocupe, ele é um velho, e você, um espadachim habilidoso. Precisamos descobrir o que ele tem a dizer. Você não quer saber?

— É claro, mas por que você acha que ele sabe alguma coisa?

— Eu não tenho certeza de coisa alguma. E ele não está pedindo dinheiro, apenas uma nova chance. A propósito, leve essas roupas para ele. — Seguiu-se uma breve pausa. — Olhe, ele me parece confiável. Acho que, se estivesse mentindo, pediria ouro ou terras.

— Mas, isso é... tão estranho. Nem Hilfred está com você. É como se estivesse caminhando sem sua sombra. É inquietante... é isso. Só o fato de descer até aqui com você é... sei lá, você e eu, nós... sei lá. Nós somos irmãos, mas nos vemos pouco. Eu acho que nos últimos anos só falei com você uma dezena de vezes, e isso somente quando visitamos os Campos de Drondil em férias. Você sempre se tranca naquela torre, fazendo sei lá o quê, mas agora...

— Eu sei que é estranho — respondeu Arista. — Eu concordo. Parece até aquela noite do incêndio. Ainda tenho pesadelos com aquilo. Eu me pergunto se vou ter pesadelos sobre a noite de hoje.

A voz de Alric ficou mais suave.

— Não é esse o meu ponto. É só que, na verdade, nunca nos demos muito bem. Mas agora... você é o único membro que me resta da família. Pode parecer estranho dizer isso, mas, de repente, isso se tornou importante para mim.

— Você está dizendo que devemos nos tornar amigos?

— Digamos que devemos parar de ser inimigos.

— Eu não sabia que éramos inimigos.

— Você tem inveja de mim desde o dia em que a nossa mãe disse que irmãs mais velhas não ascendem ao trono enquanto houver irmãos mais jovens habilitados a ser reis.

— Não tenho nada!

— Eu não quero brigar. Talvez eu queira sim que sejamos amigos. Agora sou rei, e vou precisar da sua ajuda. Você é mais esperta do que a maioria dos ministros.

Nosso pai sempre disse isso. E você teve ensino universitário, o que é mais do que eu fiz.

— Confie em mim, Alric. Eu sou mais do que uma amiga. Eu sou sua irmã mais velha, e vou zelar por você. Agora, entre aí e veja o que esse homem tem a dizer.

No momento em que Alric entrou na cozinha, Hadrian golpeou sua nuca com o cabo da adaga. O príncipe perdeu os sentidos e caiu no chão com um baque surdo. Arista entrou correndo.

— Eu disse para não machucá-lo! — reclamou ela.

— Ele estaria gritando pelos guardas agora mesmo — explicou Hadrian. Ele amordaçou o príncipe e cobriu sua cabeça com o saco de aniagem. Royce amarrrou os tornozelos de Alric com os fios de corda retirados do saco.

— Mas está tudo bem com ele?

— Ele vai sobreviver — respondeu Hadrian enquanto amarrava as mãos e os braços do príncipe inconsciente.

— E isso é mais do que o destino que ele tinha reservado para nós — acrescentou Royce, apertando o nó nos tornozelos do príncipe.

— Vocês precisam se lembrar de que Alric estava convicto de que vocês mataram o pai dele — disse a princesa. — Como reagiriam?

— Não cheguei a conhecer meu pai — respondeu Royce, indiferente.

— Se fosse a sua mãe, então.

— Royce é órfão — explicou Hadrian enquanto eles continuavam a amarrar o príncipe com os fios retirados do saco. — Não cheguei a conhecer nem o pai nem a mãe.

— Acho que isso explica muita coisa. Então imaginem como vocês vão tratar a pessoa que os enviou à capela real... depois que encontrarem essa tal pessoa. Duvido que serão muito caridosos quando se virem cara a cara com ele. Em todo caso, me deram a sua palavra. Por favor, façam o que pedi e cuidem bem do meu irmão. Não se esqueçam de que salvei a vida de vocês hoje. Espero que isso faça com que mantenham a palavra.

Ela entregou a trouxa que o irmão deixara cair.

— Aqui dentro há uma muda de roupas que deve caber nele. Era do filho do mordomo, e acho que ele é do tamanho de Alric. Ah... retirem o anel do dedo dele, mas o mantenham em segurança. O anel tem o selo real de Melengar e é uma prova de identidade. Sem ele, a menos que encontrem alguém que o conheça pessoalmente, Alric passa por um camponês qualquer. Devolvam-lhe o anel quando chegarem à prisão. Vai precisar dele para entrar.

— Nós vamos fazer a parte que nos cabe — disse Hadrian enquanto ele e Royce carregavam o corpo amarrado do príncipe até o ralo aberto. Royce removeu do dedo de Alric o grande anel azul-marinho e o enfiou no bolso do colete. Em seguida, desceu ao fundo da fossa. Usando a corda que estava amarrada aos tornozelos de Alric, Hadrian baixou o príncipe de cabeça para baixo até Royce. Em seguida, Hadrian pegou uma tocha e a entregou a Royce. Depois, entrou no buraco e recolocou a tampa do ralo. Ao pé dos degraus de ferro havia um túnel, com 1,5 metro de largura por pouco mais de 1 metro de altura, pelo qual fluía uma rasa corrente de imundície.

— Lembrem-se — sussurrou a princesa pela da tampa do ralo. — Sigam para o Cárcere de Gutaria e falem com Esrahaddon. E, por favor, garantam a segurança do meu irmão.

O príncipe emitia uma série de resmungos por baixo do saco de aniagem. Embora não entendessem exatamente o que ele dizia, Royce e Hadrian constataram que ele se esforçava para conseguir gritar e também que estava bastante indignado com a situação.

O contato com a água fria que entrava no esgoto pelo rio Galewyr reavivara o príncipe. Avançavam agora com água pela cintura. Embora o cheiro estivesse melhor, a temperatura não estava. Olhando para o fim da fossa, eles podiam ver que a primeira luminosidade do amanhecer, ainda pálida, delineava a transição entre a floresta e o céu. A noite esvanecia rapidamente, e eles ouviram o sino da Catedral de Mares chamando para o culto matinal. Em breve, a cidade despertaria.

Hadrian calculou que deveriam estar embaixo da Praça dos Nobres, não muito longe da Vila dos Artesãos, onde a cidade se encontrava com o rio. Determinar a localização era fácil, pois aquela era a única área que contava com um sistema de esgoto subterrâneo. Uma grade de metal bloqueava a saída, e Hadrian ficou aliviado ao constatar que ela era fechada por dobradiças e uma fechadura em vez de rebites. Royce logo arrombou a fechadura, e as dobradiças enferrujadas cederam sob os pontapés de Hadrian. Com a grade aberta, Royce pôde verificar se o caminho estava livre, enquanto Hadrian permaneceu na saída do esgoto com Alric.

O príncipe conseguira se livrar da mordaca, e Hadrian podia agora entender as palavras que ele pronunciava.

— Eu vou mandar açoitar vocês até a morte! Soltem-me... imediatamente!

— Fique quieto! — respondeu Hadrian. — Ou vou empurrá-lo para dentro do rio, e vamos ver como o senhor se sai na água, com as mãos e os pés atados.

— Você não se atreveria! Eu sou o rei de Melengar, seu porco!

Hadrian deu uma rasteira no príncipe, que caiu de cara na água. Depois de deixá-lo se debater durante alguns instantes, levantou-o.

— Agora cale a boca, senão da próxima vez vou deixá-lo se afogar.

Alric tossiu e cuspiu, mas não disse mais uma palavra.

Royce voltou, entrando no conduto do esgoto sem fazer o menor ruído.

— Estamos bem próximos do rio. Encontrei um barco perto do ancoradouro de um pescador e tomei a liberdade de requisitá-lo em nome de Sua Majestade. O bote está logo ali, num barranco, no meio do junco.

— Não! — protestou o príncipe, que sacudiu os ombros violentamente. — Vocês têm de me soltar. Eu sou o rei!

Hadrian o agarrou pela garganta e sussurrou ao ouvido dele:

— Eu não mandei você ficar calado? Se der um pio, vai nadar.

— Mas...

Hadrian submergiu a cabeça do príncipe e depois a suspendeu, para que ele pudesse respirar um pouco. Em seguida, afundou-a mais uma vez.

— Nem mais um pio — rosnou Hadrian.

Alric cuspiu, e Hadrian, arrastando o príncipe, seguiu Royce até o barranco.

A embarcação era pouco maior que um barco a remo, desbotada pelo sol e cheia de redes e pequenas boias pintadas. O forte cheiro de peixe que exalava do barco ajudava a neutralizar o fedor de esgoto. Uma lona, estirada para formar uma pequena tenda, que servia de abrigo ou local para guardar apetrechos de pesca, cobria a popa. Enfiaram o príncipe embaixo da lona, amarrando-o junto às redes e às boias.

Com uma longa vara que encontrara dentro do barco, Hadrian empurrou a embarcação para longe da margem. Royce se valeu do pequeno leme, e a corrente se encarregou de levá-los rio abaixo. Perto das cabeceiras, a correnteza do Galewyr era forte, e não faltou velocidade. Não foi fácil manter o barco no centro do rio, pois a correnteza os empurrava rapidamente para o oeste. No momento em que o céu mudava de um cinza-carvão para um tom frio, de aço, eles passaram à sombra da cidade de Medford. Do rio, podiam avistar a grande torre do Castelo de Essendon, a bandeira com a insígnia do falcão tremulando a meio mastro em homenagem ao rei morto. A bandeira era um bom sinal, mas quanto tempo levaria para que o desaparecimento do príncipe fosse descoberto, e a bandeira, recolhida?

O rio demarcava o limite sul da cidade, correndo ao longo da Vila dos Artesãos. Armazéns espaçosos, de dois andares, construídos com tijolos cinzentos, alinhavam-se pela margem, e grandes rodas de madeira se projetavam de

dentro da água, captando a corrente que impulsionava as pedras de moinho. Como as águas rasas do Galewyr impediam a passagem de grandes navios, diversos atracadouros eram utilizados por barcas de casco chato, que traziam mercadorias de Roe, um vilarejo portuário. Havia também pieres construídos pela indústria pesqueira que permitiam acesso direto aos mercados de peixe, onde polias suspendiam grandes redes para despejar os peixes para serem limpos. À luz do amanhecer, gaivotas já voavam em círculos acima dos atracadouros, onde os pescadores começavam a recolher as linhas lançadas de seus barcos. Ninguém reparou nos homens que desciam o rio na pequena embarcação. Mesmo assim, eles se mantiveram abaixados até que os últimos sinais da cidade desaparecessem por trás dos barrancos que margeavam o rio.

A luz do dia se tornou mais intensa, assim como a força da correnteza. Começaram a aparecer pedras, e o canal do rio ficou mais profundo. Nem Royce nem Hadrian eram exímios navegadores, mas fizeram o possível para se esquivar das pedras e dos bancos de areia. Royce permaneceu no leme, enquanto Hadrian, ajoelhado, utilizava a vara para evitar que a proa se chocasse contra obstáculos. Em alguns momentos esbarravam em pedras submersas e o casco sacolejava subitamente, produzindo um ruído profundo e desagradável. Quando isso ocorria, eles ouviam o príncipe gemer. Fora essa situação, ele se manteve calado, e a viagem foi tranqüila.

Mais tarde, o sol ficou a pino, o rio se tornou bem mais largo e se transformou numa corrente suave, com margens arenosas e pastagens exuberantes ao fundo. O Galewyr separava dois reinos. Ao sul ficava Glouston, o pântano setentrional do reino de Warric. Ao norte ficava Galilin, a maior província de Melengar, administrada pelo conde Pickering. No passado, o rio fora objeto de uma disputa ferrenha entre dois guerreiros intrépidos, mas esse tempo tinha ficado para trás. Agora, era uma fronteira pacífica entre dois bons vizinhos, e ambas as margens exibiam paisagens adoráveis, serenas e pastorais, repletas de montes de feno e gado pastando.

O dia começou a ficar mais quente que o esperado. Com a estação já bastante avançada, havia poucos insetos. O chiado das cigarras desaparecera, e até os sapos estavam quietos. O único som audível era o da leve brisa correndo pela relva seca. Hadrian se recostou no barco, apoiando os pés na lateral do barco e a cabeça na trouxa com as roupas do filho do mordomo. Ele havia se livrado da capa e das botas e abrira a camisa. De forma semelhante, Royce se deitara com as pernas para cima, manobrando o barco com toda a tranqüilidade. O odor adocicado do salifan silvestre enchia o ar, a fragrância se tornando mais pungente, pois o salifan sobrevivera à primeira geada do ano. A não ser pela falta de comida, o dia se revelava esplêndido, e teria sido mesmo que eles não tivessem escapado de uma morte bárbara poucas horas antes.

Hadrian inclinou a cabeça para trás, permitindo que a luz do sol refletisse diretamente em seu rosto.

— Quem sabe a gente não vira pescador?

— Pescador? — perguntou Royce um tanto cético.

— Isto aqui é muito bom, não é? Nunca tinha percebido como é bom o barulho de água batendo num barco. Estou gostando de tudo: o zumbido das libélulas, a vegetação ribeirinha, as margens se distanciando lentamente.

— Os peixes não pulam para dentro do barco, sabia? — assinalou Royce. — É preciso lançar as redes, recolhê-las, escamar, abrir a barriga dos peixes e depois cortar a cabeça. Pescador não fica à deriva...

— Falando nesses termos, começa a parecer demais com um trabalho de verdade — disse Hadrian e, com a mão em forma de concha, pegou água no rio e molhou o rosto quente. Em seguida, passou os dedos umedecidos pelos cabelos e suspirou de satisfação.

— Você acha que ele ainda está vivo? — perguntou Royce, meneando a cabeça em direção a Alric.

— Claro — respondeu Hadrian sem se dar o trabalho de olhar. — Deve estar dormindo. Por que pergunta?

— Eu estava pensando numa coisa. Você acha que uma pessoa pode se sufocar dentro de um saco de aniagem encharcado?

Hadrian suspendeu a cabeça e olhou para o príncipe inerte.

— Eu ainda não tinha pensado nessa possibilidade. — Levantou-se e sacudiu Alric, mas o príncipe não me mexeu. — Por que você não falou nisso antes?! — disse ele, sacando o punhal. Então cortou os fios de corda e retirou o saco.

Alric j azia imóvel. Hadrian se abaixou para ver se ele respirava. Naquele instante, o príncipe desferiu um violento pontapé em Hadrian, lançando-o contra Royce. Alric começou a desamarrar os pés, mas Hadrian o alcançou antes que conseguisse soltar o primeiro nó. Em seguida, imobilizou-o no fundo do barco, prendendo suas mãos acima da cabeça.

— Passe-me mais corda — rosnou Hadrian para Royce, que assistia à luta com tácita satisfação. Com displicência, Royce lançou um pequeno anel formado por fios. Quando finalmente acabou de amarrar o príncipe, Hadrian se sentou para descansar.

— Está vendo — disse Royce —, *isso* é que é pescaria. A diferença é que peixe não dá pontapé, obviamente.

— Tudo bem. A idéia não é das melhores. — Hadrian esfregou o lado do corpo que o príncipe havia chutado.

— Ao me agredirem, vocês dois assinaram as próprias sentenças de morte! Vocês sabem disso, não sabem?

— Existe aí certa redundância, o senhor não acha, Majestade? — indagou Royce.

— O senhor *havia* nos condenado à morte hoje.

O príncipe se virou de lado e inclinou a cabeça para trás, semicerrando os olhos diante da forte luz do sol.

— Vocês! — exclamou ele, atônito. — Como foi que vocês... Arista! — Seus olhos se fecharam numa expressão de ódio. — Ela tem inveja, não é? Minha querida irmã está por trás disso tudo! Ela contratou vocês para matar meu pai, e agora pretende acabar comigo, para que *ela* possa reinar!

— O rei era pai *dela* também. Além disso, se quiséssemos matar você, não acha que já estaria morto? — perguntou Royce. — Por que nos dariamos o trabalho de arrastá-lo rio abaixo? Poderíamos ter cortado sua garganta, amarrado pedras ao seu corpo e nos livrado de você horas atrás. Devo dizer que tal destino ainda seria bem melhor do que o que tinha reservado para nós.

O príncipe refletiu sobre a questão durante alguns instantes.

— Então é resgate o que vocês querem. Vocês pretendem me vender a quem pagar mais? Ela prometeu que vocês lucrariam com a minha venda? Vocês são tolos se acreditam nisso. Arista jamais permitirá uma coisa dessas. Ela quer me ver morto. Para ascender ao trono, ela tem de me ver morto. Vocês não vão lucrar nem um centavo!

— Escute aqui, reizinho chato. Nós não matamos o seu pai. Na verdade, por incrível que pareça, eu achava o velho Amrath um bom rei, até onde reis podem ser bons. E também não vamos pedir resgate ou vender você.

— Ora! Com certeza não estão me arrastando como um porco para conquistar a minha estima. Agora, o que exatamente vocês *pretendem* fazer comigo? — O príncipe se contorceu nas cordas, mas acabou se aquietando.

— Se quer mesmo saber, estamos tentando salvar sua vida. Por mais estranho que pareça — disse Hadrian.

— Vocês estão o *quê*? — perguntou Alric, perplexo.

— Sua irmã acha que alguém que reside no castelo, o mesmo indivíduo que matou seu pai, pretende matar todos os membros da família real. Como o senhor seria provavelmente a próxima vítima, ela nos libertou para que pudéssemos raptá-lo, para sua própria segurança.

Alric colocou as pernas dobradas sob o corpo e conseguiu se sentar, apoiando as costas numa pilha de bóias listradas de vermelho e branco. Ele os encarou durante um momento.

— Se Arista não contratou vocês para matar meu pai, o que vocês estavam fazendo no castelo ontem à noite?

Hadrian apresentou um resumo do encontro com DeWitt, relato que o príncipe ouviu sem interrompê-lo.

— E aí Arista procurou vocês no calabouço com essa história... pedindo que vocês me raptassem para minha própria segurança?

— acredite — disse Hadrian —, se houvesse outro meio de escapar de lá, nós o teríamos deixado para trás.

— Então vocês acreditaram nela? São mais tolos do que eu pensava — retrucou Alric, sacudindo a cabeça. — Vocês não percebem o que ela está fazendo? Ela quer o reino só para ela.

— Se fosse assim, por que ela nos pediria para raptá-lo? — perguntou Royce. — Por que simplesmente não encomendou seu assassinato, como foi feito com seu pai?

Alric refletiu durante alguns instantes enquanto seu olhar se desviou para o fundo do barco. Então, meneou a cabeça, assentindo.

— Ela bem que deve ter tentado — disse ele, e voltou a olhar para os dois. — Eu não estava nos meus aposentos ontem à noite. Saí para um encontro e peguei no sono. Foi então que ouvi o barulho. E provável que o assassino estivesse à minha procura, mas não me achou. Depois disso, guardas estiveram ao meu lado o tempo todo, até que Arista me convenceu a ir sozinho até a cozinha. Eu deveria ter desconfiado que ela estava me traíndo.

Alric apoiou as pernas amarradas sobre o monte de redes.

— Nunca pensei que ela tivesse a frieza de matar o nosso pai, mas ela é assim mesmo, sabem? E extremamente esperta. Contou essa história, sobre traição, e a história foi crível porque é verdadeira. Só mentiu ao dizer que não sabia quem era o traidor. Depois que o assassino contratado por ela não conseguiu me achar, ela recorreu a vocês. Com toda a certeza, vocês prefeririam o rapto à morte, e então ela os envolveu.

Royce não respondeu, mas olhou de relance para Hadrian.

— E tinha este barco — prosseguiu o príncipe, olhando em torno —, perfeito para vocês, esperando à beira do rio.

Alric fez um gesto com a cabeça, indicando a lona.

— Que sorte, não? Ter um barco com uma cobertura como esta para poderem me esconder... Com um bom barco e o rio, vocês não seriam tentados a se afastar da água. Não se pode subir o rio a partir da cidade. As corredeiras perto das nascentes são perigosas demais. A única direção possível é o mar. Ela sabe

exatamente onde estamos, e aonde vamos. Ela disse aonde deveriam me levar? E algum lugar rio abaixo?

— Para o lago Windermere.

— Ah! Para a Abadia dos Ventos? Não fica longe de Roe, e este rio segue naquela direção. Vem mesmo a calhar! Evidentemente, jamais chegaremos lá — disse o príncipe. — Arista vai posicionar matadores ao longo das margens. Eles vão nos executar. Ela vai dizer que vocês dois me mataram, assim como mataram meu pai. E, naturalmente, os guardas enviados irão matá-los quando tentarem escapar. Então ela vai preparar um belo funeral para mim e para meu pai. E no dia seguinte vai convocar o bispo Saldur para oficializar a coroação.

Royce e Hadrian se mantiveram calados.

— Vocês querem mais provas? — continuou o príncipe. — Vocês disseram que o sujeito que os contratou se chama DeWitt? Disseram que ele é de Cális? Arista esteve em Cális há apenas dois meses. Talvez tenha feito novas amizades por lá. Talvez tenha prometido terras em Melengar em troca de ajuda com um pai inoportuno e um irmão que era um obstáculo entre ela e a coroa.

— Precisamos sair deste rio — disse Royce a Hadrian.

— Você acha que ele está certo? — perguntou Hadrian.

— A esta altura, isso não vem ao caso. Mesmo que esteja errado, o dono do barco vai denunciar o roubo. Quando vazar a notícia do desaparecimento do príncipe, os fatos serão relacionados.

Hadrian se levantou e olhou rio abaixo.

— Se eu fosse eles, mandaria um pelotão de cavalaria pela margem do rio, caso a gente parasse, e outro pela estrada de Westfield, para nos interceptar em Wicend Ford. Isso não levaria mais de três ou quatro horas.

— O que significa que é possível que já estejam lá — concluiu Royce.

— Precisamos sair do rio — disse Hadrian.

Do barco, agora era possível avistar Wicend Ford, uma região plana e pedregosa, onde subitamente o rio se alargava e ficava raso o bastante para ser atravessado a pé. Um lavrador chamado Wicend havia construído um pequeno abrigo próximo à água, onde seus animais podiam pastar e beber livremente. Era um local aprazível. Arbustos de heldaberry ladeavam as margens e um grupo de salgueiros amarelos se debruçava tanto sobre o rio que seus galhos tocavam a água, criando pequenas ondas e delicados redemoinhos na superfície.

No instante em que o barco se aproximou do remanso, arqueiros escondidos fizeram chover flechas da margem. Uma delas atingiu a beirada da

embarcação, provocando um ruído surdo. Uma segunda e uma terceira flechas atingiram a insígnia do falcão estampada nas costas do manto do príncipe. A figura que vestia o manto tombou e desapareceu no fundo do barco. Outras flechas atingiram o peito do timoneiro, que caiu dentro da água, e o homem que manejava a vara, que simplesmente perdeu os sentidos.

Por trás dos arbustos e dos salgueiros surgiram seis homens, vestidos em tons de marrom, verde sujo e dourado. Entraram no rio e conseguiram pegar o barco, que seguia à deriva.

— Agora é oficial: estamos mortos — declarou Royce com humor. — O mais interessante é que as primeiras flechas foram para Alric.

Os três estavam deitados, escondidos no mato no topo de uma colina de onde avistavam o rio acima de Wicend Ford. A menos de 100 metros à direita ficava a estrada de Westfield. A partir daquele ponto, a estrada corria pela margem até Roe, onde o rio desaguava no mar.

— Agora acreditam em mim? — perguntou o príncipe.

— Isso prova apenas que alguém está tentando matá-lo e que esse alguém não somos nós. Tampouco são soldados, ou ao menos não estão de uniforme, portanto não podem ser identificados — disse Royce.

— Como é que ele consegue ver tanta coisa... as flechas, as roupas? A esta distância, eu só vejo o movimento e algumas cores — disse Alric.

Hadrian deu de ombros. O príncipe agora usava as roupas do filho do mordomo: uma túnica cinza larga, um culote de lã desbotado, meias marrons e uma capa de lã manchada e puída, além de comprida demais. Calçava um par de sapatos que eram pouco mais do que bolsas de couro macio presas nos tornozelos. Embora o príncipe já não estivesse amarrado, Hadrian segurava uma corda atada à cintura dele. Também mantinha consigo a espada do novo rei.

— Estão se aproximando do barco — anunciou Royce.

Tudo o que Hadrian conseguia enxergar eram movimentos e vultos nas sombras embaixo das árvores, até que um dos homens surgiu sob a luz do sol e segurou a proa do barco.

— Não vai demorar até que se deem conta de que "mataram" três feixes de gravetos embrulhados em roupas velhas — disse Hadrian a Royce. — Portanto, é melhor a gente andar rápido.

Royce assentiu e prontamente desceu correndo a colina.

— O que ele está fazendo? — perguntou Alric, espantado. — Ele vai morrer... e ainda vai causar a nossa morte.

— E uma questão de opinião — disse Hadrian. — Fique quieto.

Royce se esgueirou pelas sombras das árvores, e em pouco tempo Hadrian o perdeu de vista.

— Aonde ele foi? — perguntou o príncipe, a perplexidade estampada no rosto.

Mais uma vez Hadrian deu de ombros. Lá embaixo, os agressores convergiam em torno do barco, e Hadrian ouviu um grito. Não compreendeu as palavras, mas viu alguém segurando o embrulho que representara Alric, ainda com as flechas espetadas. Dois homens permaneceram ao lado do barco enquanto os demais voltaram à margem. Naquele instante, Hadrian percebeu um movimento nas árvores. Uma tropa de cavalos amarrados uns aos outros trotava, colina acima, em direção a ele e Alric. Da margem, subiam gritos de alarme e xingamentos enquanto algumas figuras corriam pelo campo e tentavam subir o morro.

Quando os cavalos se aproximaram, Hadrian avistou Royce, todo encolhido e pendurado entre a parelha que corria à frente. Hadrian pegou dois dos cavalos, agarrou a rédea de um deles e rapidamente amarrou uma guia à cabeçada do outro. Mandou Alric montar. Ouviram-se gritos de fúria quando o trio foi localizado pelos arqueiros. Dois ou três se detiveram para lançar flechas, mas os disparos morro acima não atingiram os alvos. Antes que os arqueiros pudessem se aproximar, os três montaram e galoparam em direção à estrada.

Royce os conduziu por cerca de 1,5 quilômetro a noroeste, até o local onde as estradas de Westfield e Stonemill se cruzavam. Dali, Hadrian e Alric seguiram para oeste. Royce, levando a tropa de cavalos capturados, ficou para trás para esconder os rastros, e então seguiu para o norte. Uma hora mais tarde, ele os alcançou e tinha apenas a própria montaria. Saíram da estrada, atravessando um campo aberto, e se afastaram do rio. No entanto, continuaram seguindo para oeste.

Os cavalos agora suavam e bufavam. Ao chegar à campina, desaceleraram o ritmo da cavalgada. Quando alcançaram o bosque, pararam e desmontaram. Alric achou uma pequena clareira e ali se sentou, ajeitando a túnica, que não lhe caía bem. Royce e Hadrian aproveitaram a chance para examinar os animais. Não havia marcas, símbolos, pergaminhos ou qualquer emblema que identificasse os agressores. E, fora uma besta e um punhado de setas deixadas na montaria de Hadrian, as demais nada tinham além das selas.

— Seria de se esperar que tivessem, ao menos, um pouco de pão. E quem viaja sem água? — reclamou Hadrian.

— Evidentemente não pretendiam cavalgar durante muito tempo.

— Por que ainda estou amarrado? — perguntou o príncipe, irritado. — Isto é humilhante demais.

— Não quero que o senhor se perca — respondeu Hadrian com um sorrisinho.

— Não há motivo para continuarem me arrastando. Eu aceito que vocês não mataram meu pai. A esperta da minha irmã os enganou. O que é compreensível. Ela é muito inteligente. Enganou a mim também. Agora, se não se importam, eu gostaria de voltar ao meu castelo para surpreendê-la antes que ela reúna forças e envie todo o exército à minha caça. E quanto a vocês dois, sigam para onde Maribor quiser. Pouco me importo.

— Mas sua irmã disse... — começou a falar Hadrian.

— A minha irmã acaba de tentar nos matar, ou vocês não perceberam?

— Não temos provas de que tenha sido ela. Se o deixarmos voltar a Essendon, e ela estiver certa, o senhor estará correndo ao encontro da morte.

— E que provas temos de que não foi ela? Vocês ainda pretendem me escotar até onde ela mandou? Não acham que ela vai preparar outra armadilha? Acho bem mais provável que eu venha a morrer nesta estrada do que em qualquer outra. Escutem: a vida é minha, eu acho que é justo a decisão caber a mim. Além disso, que diferença faz para vocês se eu viver ou morrer? Eu estava prestes a torturá-los até a morte. Lembram-se?

— Sabe de uma coisa? — Royce fez uma pausa. — Nisso ele tem razão.

— Nós prometemos a ela — lembrou Hadrian —, e ela salvou a nossa vida. Não vamos esquecer isso.

Alric levantou as mãos e revirou os olhos.

— Pelo amor de Mar! Vocês são *ladrões*, não são? Não venham me dizer que se preocupam com questões de honra! Além disso, ela também acabou de traí-los, pondo em risco a vida de vocês. Não vamos esquecer *isso*!

Hadrian ignorou o príncipe.

— Não sabemos se ela foi responsável pelo ataque. E, de fato, *nós prometemos*.

— Mais uma boa ação? — perguntou Royce. — Você se lembra da situação em que a nossa última boa ação nos colocou?

Hadrian suspirou.

— Pronto! Não demorou muito, não foi? Sim, eu sei que errei, mas isso não quer dizer que eu esteja errado desta vez. O Windermere fica a, digamos, cerca de quinze quilômetros daqui, certo? A gente pode chegar lá ao anoitecer. Poderíamos fazer uma parada na abadia. Os monges têm obrigação de acolher os viajantes. Isso faz parte da doutrina ou do código deles, sei lá. A gente está precisando comer alguma coisa, você não acha?

— Talvez eles saibam algo sobre a carceragem — especulou Royce.

— Que carceragem? — perguntou Alric, nervoso, se levantando.

— O Cárcere de Gutaria... é para lá que a sua irmã nos mandou levá-lo.

— Para me prender? — perguntou o príncipe, receoso.

— Não, não. Ela quer que o senhor fale com alguém lá, um sujeito chamado... Esra... como era mesmo?

— Haddon, eu acho — disse Hadrian.

— Não importa. O senhor sabe alguma coisa sobre essa carceragem?

— Não, nunca ouvi falar — respondeu Alric. — Se bem que me parece o tipo de lugar onde monarcas indesejáveis desaparecem quando uma irmã ladina rouba o trono deles.

O cavalo de Royce bateu com a cabeça em seu ombro, instando-o a um afago enquanto contemplava a situação.

— Estou cansado demais para pensar com clareza. Duvido que qualquer um de nós esteja em condições de tomar uma decisão sensata a esta altura, e, considerando o que está em jogo, não queremos nos precipitar. Vamos então só até a abadia. Lá, a gente conversa com os monges e vê o que eles podem nos dizer acerca da carceragem. Então a gente decide o que fazer. Isso não parece prudente?

Alric deu um suspiro pesado.

— Se eu tenho de ir, será que posso, ao menos, merecer a dignidade de assumir o comando do meu próprio cavalo? — Seguiu-se uma pausa antes que ele acrescentasse: — Eu lhes dou minha palavra de rei. Não tentarei fugir até chegarmos a essa abadia.

Hadrian olhou para Royce, que assentiu. Em seguida, pegou a besta que estava atrás da sela. Firmou-a no solo, puxou a corda até a primeira trava e armou uma seta.

— Não é que a gente não confie no senhor — disse Royce enquanto Hadrian armava a besta. — É que, ao longo dos anos, a gente aprendeu que, entre os nobres, honra costuma ser inversamente proporcional ao nível hierárquico. Por isso, preferimos confiar em métodos mais concretos ao tratar de determinadas motivações, como sobrevivência. O senhor já sabe que não queremos matá-lo, mas, se algum dia já esteve galopando livremente e o cavalo estancou, deve saber também que a morte é sempre uma possibilidade e ossos quebrados são quase uma certeza.

— Existe, ainda, o perigo de eu errar o alvo e acabar não acertando o cavalo — acrescentou Hadrian. — Tenho boa pontaria, mas até os melhores arqueiros erram. Então, respondendo à sua pergunta, sim, pode assumir o comando do seu

cavalo.

Viajaram em ritmo moderado, porém constante, pelo resto do dia. Royce os guiou por campos, campinas e trilhas pelo meio de bosques. Mantiveram-se distantes das estradas e dos vilarejos até que já não houvesse mais nenhum dos dois. Até as fazendolas já haviam desaparecido conforme a terra perdia o aspecto domesticado e adentravam a região montanhosa de Melengar. À medida que subiam, a floresta se tornava mais espessa, com um número decrescente de trilhas. Ravinas davam em pântanos, e morros se tornavam penhascos. Aquela região inóspita, a oeste de Melengar, carecia de terra arável e permanecia despovoada. A área era o hábitat de lobos, alces, cervos, ursos, marginais e qualquer um que desejasse a solidão, como os monges da Abadia dos Ventos. Homens civilizados evitavam a região, e aldeões supersticiosos temiam aqueles bosques escuros e aquelas montanhas íngremes. Havia uma série de mitos sobre ninfas que atraíam homens até suas covas aquáticas, lobisomens que devoravam quem ali se perdesse e espíritos do mal que apareciam no meio da mata, em forma de luzes esvoaçantes, atraindo crianças a suas cavernas escuras e subterrâneas. Além dos vários supostos perigos sobrenaturais, uma quantidade de obstáculos naturais já era suficiente para que a região fosse evitada.

Hadrian nunca questionava as opções feitas pelo parceiro quanto ao caminho ou ao rumo a ser seguido. Ele sabia por que Royce mantinha distância da estrada de Westfield, uma via livre e direta ao longo do rio até a aldeia de pesca chamada Roe. Apesar da localização isolada, à foz do Galewyr, Roe se transformara, de um pequeno cais inerte, em um próspero porto marítimo. Enquanto propiciasse alimento, abrigo e suposta segurança, Roe seria visada. A outra opção de via livre e direta era a estrada de Stonemill, no sentido norte, rota que Royce fingiu seguir, simulando um rastro que levaria qualquer pessoa a supor que pretendiam ir em direção a Campos de Drondil. Cada caminho tinha suas vantagens, que também eram conhecidas por aqueles que os seguissem. Consequentemente, optaram por avançar pelo meio da mata, seguindo as trilhas dos animais que encontravam.

Depois de cruzarem um trecho da floresta particularmente denso, saíram inesperadamente no alto de uma serra, de onde se vislumbrava o bellissimo pôr do sol que banhava o vale de Windermere e refletia no lago Windermere, um dos mais profundos de toda a região de Avryn. Por ser profundo a ponto de impedir o crescimento de vegetação, as águas eram cristalinas. Elas cintilavam nas ondulações e fissuras dos três morros circundantes, que determinavam o formato do lago, um triângulo alongado e irregular. As colinas se projetavam acima da linha das árvores, revelando cumes áridos, pedregosos e desprovidos de vegetação. Hadrian mal conseguia avistar uma edificação de pedra no topo da montanha mais ao sul. Além do vilarejo de Roe, a Abadia dos Ventos era o único sinal de civilização numa área de muitos quilômetros.

Os três seguiram vale abaixo, na direção da construção, mas a noite caiu antes que chegassem à metade do caminho. Felizmente, uma luz no interior da abadia os guiava. O cansaço de dois dias tensos e insones, combinado à jornada exaustiva e à falta de comida, começava a pesar sobre Hadrian, que supôs que o mesmo estivesse ocorrendo com Royce, embora o parceiro demonstrasse menos do que ele. O príncipe era visivelmente o mais esgotado. Alric cavalgava à frente de Hadrian. Sua cabeça se curvava mais e mais a cada passada do cavalo até quase cair da sela. Então ele se aprumava e ficava ereto, mas o processo logo começava novamente.

A despeito do dia quente, a noite trouxe consigo uma friagem cortante, e, à luz amena da lua nascente, a respiração dos homens e dos cavalos enchia de vapor o frio ar noturno. Acima, as estrelas brilhavam como diamantes espalhados pelo céu. Ao longe, o pio das corujas e o canto penetrante dos grilos enchiam o vale. Se não estivessem exauridos e famintos, os três talvez descrevessem a viagem daquela noite como "linda". Mas eles apenas trincavam os dentes e se concentravam na trilha adiante.

Começaram a subir a montanha mais ao sul. Royce os conduzia com extrema perícia por uma trilha em zigue-zague que só os olhos dele podiam enxergar. As roupas gastas e leves do filho do mordomo não protegiam contra o frio, e em pouco tempo o príncipe já tremia. Para piorar, à medida que subiam, a temperatura caía e o vento se tornava mais intenso.

As árvores começaram a dar lugar a pequenos arbustos, e o solo se tornou uma mescla de pedras cobertas de fungo e musgo. Finalmente, alcançaram os degraus da Abadia dos Ventos.

As nuvens haviam avançado, e a lua já não era visível. Na escuridão, enxergavam pouco além dos degraus e da luz que os guiava. Desmontaram e se aproximaram do portão. Um arco de pedra encimava uma entrada talhada na própria rocha. Já não se ouvia o canto dos grilos, tampouco o pio das corujas, apenas o vento constante rompia o silêncio.

— Olá! — gritou Hadrian. Passados alguns instantes, chamou novamente. Estava prestes a chamar pela terceira vez quando viu uma luz se agitando no interior. Como um vaga-lume que voa entre árvores invisíveis, a luz desaparecia por trás de pilastras e paredes e ressurgia cada vez mais perto. A medida que se aproximava, Hadrian constatou que o estranho fogo-fátuo era um homenzinho trajando um velho hábito e portando uma lamparina.

— Quem é? — perguntou ele com uma voz suave e tímida.

— Viajantes — respondeu Royce. — Estamos com frio, cansados e precisamos de um local para repousar.

— Quantos são os senhores? — O homem colocou a cabeça para fora e ergueu a

lâmpada. Deveu-se para examinar cada rosto. — São só os três?

— Sim — respondeu Hadrian. — Viajamos o dia inteiro sem comida. Gostaríamos de desfrutar da célebre hospitalidade dos monges de Maribor. Os senhores teriam lugar para nós?

O monge hesitou e então disse:

— Eu... eu suponho que sim. — Deu um passo atrás, abrindo caminho para eles.
— Entrem, vocês podem...

— Nós temos cavalos — interrompeu Hadrian.

— É mesmo? Isso é uma novidade! — respondeu o monge, mostrando-se impressionado. — Ah, eu gostaria de vê-los, mas já é tarde e...

— Não, eu só estou querendo saber se haveria um local onde eles pudessem passar a noite. Um celeiro ou talvez um galpão?

— Ah, entendo. — O monge fez uma pausa, batendo com um dedo no lábio, com ar pensativo. — Ah, bem, nós tínhamos um belo estábulo para vacas, ovelhas e bodes, mas não vai ser possível utilizá-lo esta noite. Tínhamos também cercados para animais, onde criávamos porcos, mas também não vai dar para usá-los.

— Podemos amarrá-los em frente a algum local, se possível — sugeriu Hadrian.

— Eu acho que vi um ou dois arbustos.

O monge concordou, mostrando-se aliviado por a questão estar resolvida. Depois que guardaram as selas no alpendre, o homenzinho os conduziu até um local que se assemelhava a um grande pátio interno.

Sob a luz fraca da lâmpada que o monge carregava, Hadrian não podia enxergar muito além do caminho de pedra, e estava cansado demais para explorar o local, ainda que o monge se inclinasse a mostrar sua residência. A abadia tinha um forte cheiro de fumaça, que remetia a imagens de lareiras acesas e camas quentinhas.

— Pedimos desculpas por acordá-lo — disse Hadrian suavemente.

— Ah, não se preocupe — respondeu o monge. — Eu não durmo muito. Eu estava lendo, no meio de uma frase, quando escutei o chamado dos senhores. Um grande susto. É raro ouvir alguém por aqui em plena luz do dia, quanto mais numa noite escura.

Colunas de pedra se erguiam sob o céu nublado, e as silhuetas negras de várias estátuas pontuavam o espaço. O cheiro de fumaça se tornou mais intenso, mas o único fogo aparente era o da lâmpada na mão do monge. Chegaram a um pequeno lance de escada de pedra, e o monge os conduziu degrau abaixo a um recinto que parecia um porão feito de pedras toscas.

— Os senhores podem ficar aqui — disse o monge.

Os três olharam a pequena toca, que, para Hadrian, parecia menos acolhedora que as masmorras do Castelo de Essendon. O porão estava entulhado com pilhas de lenha, feixes de gravetos e urze, dois barris de madeira, um penico, uma pequena mesa e uma cama. Durante alguns instantes ninguém falou.

— Não é muito, eu sei — disse o monge, lamentoso —, mas, neste momento, é tudo o que posso oferecer.

— Será o suficiente, obrigado — garantiu Hadrian. Estava tão cansado que queria apenas se deitar e se proteger do vento. — Seria possível nos emprestar algumas cobertas? Como o senhor pode ver, nada trazemos conosco.

— Cobertas? — O monge pareceu preocupado. — Bem, aqui tem uma. — Ele apontou para a cama, sobre a qual havia uma coberta fina dobrada.

— Eu sinto muito não poder oferecer mais. Os senhores podem ficar com a lamparina, se quiserem. Eu conheço o caminho, não preciso dela.

O monge saiu sem dizer mais uma palavra, talvez com receio de que pedissem outra coisa.

— Ele nem perguntou nossos nomes — disse o príncipe.

— E que surpresa agradável, não? — Royce apontou para o recinto enquanto o percorria segurando a lamparina. Hadrian o observou se inteirar de tudo o que havia no porão: cerca de uma dezena de garrafas de vinho escondidas no fundo, um pequeno saco de batatas sob um monte de palha e um pedaço de corda.

— Isso é inaceitável — disse Alric, irritado. — E claro que uma abadia deste porte tem acomodações superiores a este buraco.

Hadrian encontrou e guardou um velho par de sapatos de pano antes de se deitar no solo do porão.

— Sou obrigado a concordar com Vossa Majestade. Já ouvi grandes histórias sobre a hospitalidade desta abadia. Pelo jeito, ficamos com as migalhas.

— A questão é a seguinte: por quê? — disse Royce. — Quem mais estará aqui? Tem que ser mais de um grupo, ou uma comitiva imensa, para restar apenas este buraco. Somente a nobreza viaja com séquitos tão numerosos. Talvez estejam à nossa procura. Talvez estejam ligados àqueles arqueiros.

— Duvido. Se estivéssemos em Roe, acho que teríamos mais motivos para nos preocupar — argumentou Hadrian, espreguiçando-se e bocejando. — Além disso, quem estiver aqui já estará dormindo e, provavelmente, não estará à espera de visitantes a esta hora da noite.

— Ainda assim, vou me levantar cedo e dar uma espiada por aí. Talvez precisemos sair às pressas.

— Não antes do café da manhã — disse Hadrian, sentando-se no chão e

chutando longe as botas. — Precisamos comer, e eu sei que as abadias são conhecidas pela qualidade da comida. Na pior das hipóteses, você pode roubar alguma coisa.

— Certo, mas Sua Alteza não deve sair por aí. Ele precisa ser discreto.

De pé, no meio do porão, com nojo estampado no rosto, Alric disse:

— Eu não acredito que estou sendo submetido a uma situação dessas.

— Pense nisso como férias — sugeriu Hadrian. — Por um dia, ao menos, o senhor pode fingir não ser ninguém, não passar de um camponês comum, quem sabe o filho de um ferreiro.

— Não — disse Royce, preparando um local para dormir, mas sem descalçar as botas. — Eles podem querer que ele faça alguma coisa, por exemplo, que manuseie um martelo. E olhe só essas mãos. Qualquer pessoa será capaz de ver que ele está mentindo.

— A maioria das pessoas trabalha com as mãos, Royce — destacou Hadrian. Cobriu-se com a própria capa e se virou de lado. — Que emprego um camponês poderia ter que os monges desconheçam e que não cause calos nas mãos?

— Ele pode ser um ladrão... ou uma prostituta.

Ambos olharam para o príncipe, que se contraiu diante de tais perspectivas.

— Vou ficar com a cama — disse Alric.

Capítulo 4

WINDERMERE



A manhã estava fria e úmida. Um céu pesado e cinzento despejava uma cortina de chuva ininterrupta sobre a abadia. O dilúvio escorria pelos degraus de pedra e se acumulava na entrada do porão. Quando a poça atingiu os pés de Hadrian, ele constatou que estava na hora de se levantar. Virou-se de barriga para cima e esfregou os olhos. Não tinha dormido bem. Sentia-se tenso e debilitado, e o ar frio da manhã gelava seus ossos. Sentou-se, passou a imensa mão pelo rosto e olhou ao redor. Sob a fraca luz matinal, o cubículo parecia ainda mais precário que na noite anterior. Afastou-se da poça e procurou as botas. Alric ficara com a cama, mas não parecia em melhor estado. Apesar de ter se embrulhado na coberta, tremia de frio. Royce não estava por ali.

Alric abriu um olho e fixou a visão em Hadrian enquanto este calçava as botas.

— Bom dia, *Vossa Alteza* — disse Hadrian em tom de troça. — Dormiu bem?

— Foi a pior noite que já passei na vida — rosnou Alric através dos dentes cerrados. — Nunca sofri tanto como neste buraco úmido e gelado. Cada músculo do meu corpo dói, minha cabeça está latejando, e não consigo parar de bater os dentes. Volto para casa hoje. Vocês podem até me matar, mas só a morte vai me deter.

— Imagino que isso seja um não. — Hadrian se levantou, esfregou os braços vigorosamente e olhou para a chuva.

— Por que você não faz algo de útil e acende uma fogueira antes que a gente morra de frio? — resmungou o príncipe, cobrindo a cabeça com a coberta fina, como se fosse um capuz.

— Não acho boa idéia fazer fogo neste porão. Por que não damos uma corridinha até o refeitório? Assim poderemos nos aquecer e comer ao mesmo tempo. Tenho certeza de que lá dentro vai ter um belo fogo aceso. Esses monges acordam cedo. É provável que já estejam trabalhando há horas, fazendo pão, recolhendo ovos e batendo manteiga para visitantes como nós. Eu sei que Royce

quer que fique escondido, mas acho que ele não esperava que o inverno chegasse tão cedo e tão úmido. Eu acho que, se mantiver o capuz sobre a cabeça, não vai haver problema algum.

O príncipe se sentou, exibindo um olhar ansioso.

— Qualquer cômodo com uma porta seria melhor do que isto aqui.

— Talvez — ouviram Royce dizer lá fora. — Mas vocês não encontrarão cômodo disponível aqui.

O ladrão surgiu no instante seguinte, encapuzado e com a capa encharcada pela chuva. Depois de entrar no porão, livrou-se da capa se sacudindo como um cachorro. A água respingou em Hadrian e Alric. Ambos se encolheram, e, com uma careta, o príncipe abriu a boca para dizer algo, mas se conteve. Royce não estava sozinho. Atrás dele vinha o monge que os recebera na noite anterior. O homem estava ensopado. O hábito de lã pesava de tão encharcado, o cabelo lhe escorria junto às faces. A tez tinha um tom pálido, os lábios arroxeados tremiam e os dedos estavam enrugados, como se tivesse nadado durante muito tempo.

— Eu o encontrei dormindo lá fora — disse Royce e rapidamente pegou uma pilha de lenha. — Myron, tire esse hábito. Você precisa se secar.

— Myron? — perguntou Hadrian com ar de curiosidade. — Myron Lanakin? — Hadrian achou que o monge tivesse meneado a cabeça em sinal afirmativo, mas o homem tremia tanto que não era possível saber.

— Vocês se conhecem? — perguntou Alric.

— Não, mas conhecemos a família dele — disse Royce. — Passem a coberta para ele.

Alric se espantou e se agarrou à coberta.

— Entregue a coberta a ele — insistiu Royce. — A coberta é *dele*. Este tonto nos cedeu o quarto dele ontem à noite e ficou num canto do claustro, açoitado pelo vento, onde quase congelou.

— Eu não entendo — disse Alric com relutância, removendo a coberta dos ombros. — Por que você dormiria lá fora, na chuva, enquanto...

— A abadia pegou fogo — disse Royce. — Só sobrou o que era de pedra. Aquilo que atravessamos ontem à noite não era um pátio interno... era a abadia. O teto ruiu. As construções anexas não passam de pilhas de cinza. Está tudo em ruínas.

O monge despiu o hábito e Alric lhe entregou a coberta. Myron se apressou em cobrir os ombros e, sentando-se, encolheu os joelhos junto ao peito, para que também ficassem dentro da coberta.

— Onde estão os outros monges? — perguntou Hadrian. — Onde estão eles?

— Eu... eu os en... terrei. A maioria no jardim — disse Myron, batendo os dentes.

— O so... lo não é tão duro lá. Es... pero que eles não se in... comodem. Todos nós gos... távamos muito do jardim.

— Quando foi que isso aconteceu?

— Há duas noites — respondeu Myron.

Chocado com a notícia, Hadrian não quis fazer mais perguntas, e o porão ficou em silêncio. Royce fez uma fogueira perto da entrada, utilizando vários pedaços de lenha e um pouco do óleo da lamparina. Conforme o fogo aumentava, as paredes de pedra refletiam o calor, e logo o local começou a se aquecer.

Durante um bom tempo, ninguém falou. Royce cutucou o fogo com um pedaço de pau, revolvendo as brasas incandescentes, que soltavam faíscas e espocavam. Permaneceram sentados, olhando para as labaredas, escutando o fogo estalar enquanto lá fora o vento uivava e a chuva castigava o topo do morro. Sem olhar para o monge, Royce disse, com uma voz sombria:

— Vocês tinham sido trancados dentro da igreja quando o fogo se alastrou, não foi, Myron?

O monge não respondeu. Seu olhar continuava fixo no fogo.

— Eu vi a corrente e a tranca no meio das cinzas. Ainda estava travada.

Myron, com os braços em volta dos joelhos, começou a se balançar lentamente.

— O que aconteceu? — perguntou Alric.

Myron continuou calado. Vários minutos se passaram. Finalmente, o monge desviou o olhar, até então pregado no fogo. Não olhou para os dois. Em vez disso, fitou um ponto distante, lá fora, na chuva.

— Eles chegaram e nos acusaram de traição — disse ele em voz baixa. — Eram mais ou menos uns vinte... cavaleiros, e tinham elmos cobrindo o rosto. Eles nos reuniram e nos empurraram para dentro da igreja. E trancaram as portas. Então, começou o incêndio.

"A fumaça logo encheu o interior. Eu ouvia meus irmãos tossindo, lutando para respirar. O abade guiou as orações até tombar. A igreja queimou rapidamente. Nunca pensei que tivesse tanta madeira seca ali. Ela parecia tão bem-construída. Os acessos de tosse se tornaram menos intensos e menos frequentes. Em algum momento, não consegui enxergar mais. Meus olhos ficaram cheios de lágrimas e então desmaiei. Acordei com a chuva. Os homens e seus cavalos haviam desaparecido... e tudo o mais também se fora. Eu estava sob um púlpito de mármore, na nave inferior, e meus irmãos à minha volta. Procurei outros sobreviventes, mas não havia."

— Quem fez isso? — inquiriu Alric.

— Não sei o nome deles, nem a mando de quem agiram, mas suas túnicas

estampavam um cetro e uma coroa — disse Myron.

— Imperialistas — concluiu Alric. — Mas por que atacariam uma abadia?

Myron não respondeu. Apenas continuou olhando para a chuva. Passado um longo tempo, finalmente Hadrian perguntou, num tom de voz consolador:

— Myron, você disse que eles os acusaram de traição. Qual foi, exatamente, a acusação?

O monge permaneceu calado. Continuava embrulhado na coberta, com o olhar fixo. Finalmente, Alric quebrou o silêncio.

— Não compreendo. Não dei ordem alguma para que esta abadia fosse destruída, e me recusa a acreditar que meu pai tenha expedido o mesmo. Por que os imperialistas fariam uma coisa dessas, sobretudo sem eu ficar sabendo?

Royce lançou um olhar severo e tenso em direção ao príncipe.

— O que foi? — perguntou Alric.

— Eu achei que já tivéssemos decidido que era importante manter a discrição.

— Ah, por favor! — O príncipe fez um aceno de indiferença com uma das mãos. — Não creio que esteja correndo perigo de morte se este monge souber que sou o rei. Olhem para ele. Eu já vi ratos afogados que pareciam mais fortes do que ele.

— Rei? — murmurou Myron.

Alric o ignorou.

— Ora! Quem vai dar com a língua nos dentes? E, em todo caso, voltarei para Medford ainda hoje. Além de ter de lidar com uma irmã traidora, pelo jeito, tenho de descobrir por que estão acontecendo coisas no meu reino sobre as quais eu nada sei. Preciso cuidar disso.

— Talvez não tenha sido um dos seus nobres — disse Royce. — Eu gostaria de saber... Myron, isso teria algo a ver com Degan Gaunt?

Myron se remexeu, demonstrando nervosismo, e uma expressão de angústia apareceu em seu rosto.

— Preciso pendurar uma corda para secar o meu hábito — disse ele enquanto se levantava.

— Degan Gaunt? — indagou Alric. — O revolucionário ensandecido? O que ele teria a ver com isso?

— Ele é um dos líderes do movimento nacionalista, e dizem que está atuando nesta área — explicou Hadrian.

— Movimento nacionalista... Nome imponente para uma corja daquelas — disse Alric em tom de desprezo. — São uma espécie de partido dos camponeses.

Aqueles radicais querem que plebeus tenham voz no governo.

— Talvez Degan Gaunt estivesse utilizando a abadia para algo além de encontros amorosos — especulou Royce. — Talvez estivesse se encontrando também com simpatizantes do movimento. Vai ver que seu pai sabia disso, ou talvez isso tenha até algo a ver com a morte dele.

— Vou pegar um pouco de água para fazer um café para nós. Vocês devem estar com fome — disse Myron, pendurando o hábito e pegando alguns vasilhames para recolher um pouco de água da chuva.

Alric não prestou atenção ao monge, seu foco estava em Royce.

— Meu pai jamais teria dado ordens para um ataque tão hediondo! Ele ficaria mais aborrecido se os imperialistas invadissem a abadia do que se os revolucionários nacionalistas a utilizassem para reuniões. Os planos dos revolucionários não passam de sonhos, mas os imperialistas são organizados. E contam com o apoio da Igreja. Minha família sempre foi monarquista, defensora da soberania de cada reino e do direito divino que os reis têm de governar por meio da nobreza. Nosso maior temor não é que alguma corja pretenda se organizar e desafiar o domínio da lei. Nossa preocupação é que, algum dia, os imperialistas encontrem o Herdeiro de Novron e exijam que os reinos das quatro nações de Apeladorn jurem fidelidade a um novo império.

— Sim, vocês querem que as coisas permaneçam exatamente do jeito como estão — comentou Royce. — Mas, visto que o senhor é o rei, isso não me surpreende.

— Você é, sem dúvida, um nacionalista inveterado, que defende a decapitação de toda a nobreza, a redistribuição de suas terras aos camponeses e a participação deles no governo — disse Alric, dirigindo-se a Royce. — Isso resolveria todos os problemas do mundo, não é mesmo? E isso, com certeza, favoreceria gente como *ocê*.

— Para falar a verdade — retrucou Royce —, não tenho inclinações políticas. Esse tipo de coisa atrapalharia o meu trabalho. Nobre ou plebeu, todos mentem, roubam e me pagam para fazer o trabalho sujo deles. Não importa quem esteja no governo, o sol sempre brilha, as estações se alternam e as pessoas conspiram. Se for para rotular, eu diria que sou individualista.

— E é por isso que os nacionalistas nunca serão suficientemente organizados a ponto de constituírem uma verdadeira ameaça.

— Delgos parece ser bem-administrada, e é uma república... governada pelo povo.

— Eles não passam de um bando de donos de lojinhas.

— Talvez sejam um pouco mais que isso.

— Isso não importa. O que importa é: por que imperialistas haveriam de se preocupar com um punhado de revolucionários reunidos em Melengar?

— Talvez Ethelred pensasse que o marquês estivesse conspirando com eles para... como foi mesmo que o senhor disse... cortar as cabeças dos nobres?

— Lanaklin? Você só pode estar brincando. Victor Lanaklin não é nacionalista. Os nacionalistas são plebeus que querem roubar o poder dos nobres. Lanaklin é imperialista, como toda a nobreza de Warric. São fanáticos religiosos que querem um governo único, sob o comando do Herdeiro de Novron. Acham que ele vai promover a união de todos milagrosamente e propiciar uma era mítica e paradisíaca. Isso é tão delirante quanto os sonhos dos nacionalistas.

— É possível que toda essa coisa não tenha passado de um romance — sugeriu Hadrian.

Alric suspirou e balançou a cabeça, resignado. Levantou-se e esticou as mãos diante do fogo.

— Então, quanto tempo vai demorar para sair o café, Myron? Estou faminto.

— Lamento não ter muito a oferecer — disse Myron, colocando uma pequena grelha sobre o fogo. — Tenho algumas batatas dentro de um saco ali no canto.

— Aquilo é tudo o que você tem, não é? — perguntou Royce.

— Sinto muito — respondeu Myron, mostrando-se sinceramente pesaroso.

— Não, eu estou querendo dizer que aquelas batatas são a única comida que *você* tem. Se nós as comermos, nada restará.

— Ah, tudo bem. — Ele deu de ombros, como se não tivesse importância. — Eu dou um jeito. Não se preocupem comigo — disse ele em tom otimista.

Hadrian pegou o saco, olhou o interior e então o entregou ao monge.

— Há apenas oito batatas aqui dentro. Quanto tempo você pretende ficar por aqui?

Myron não respondeu imediatamente, mas, afinal, falou, sem se dirigir a ninguém em especial:

— Não vou a lugar algum. Preciso ficar. Preciso consertar isto aqui.

— Consertar o quê? A abadia? Isso é trabalho demais para um homem sozinho.

Ele sacudiu a cabeça.

— A biblioteca, os livros. Era nisso que eu estava trabalhando quando os senhores chegaram ontem à noite.

— A biblioteca se foi, Myron — lembrou Royce. — Os livros foram todos queimados. Agora são cinzas.

— Eu sei. Eu sei — disse ele, removendo dos olhos o cabelo molhado. — É por isso que eu preciso fazer a repositição.

— E como vai fazer isso? — perguntou Alric com um sorrisinho desdenhoso. — Vai reescrever todos os livros de memória?

Myron assentiu.

— Eu estava reescrevendo a página 53 da *História de Apeladorn*, de autoria de Antun Bulard, quando os senhores chegaram. — Myron foi até uma escrivaninha improvisada e trouxe uma pequena caixa. Dentro dela havia cerca de vinte páginas de pergaminho e várias folhas feitas de casca de árvore. — Acabou meu pergaminho. Pouca coisa sobreviveu ao fogo, mas a casca de árvore serve bem.

Royce, Hadrian e Alric examinaram os escritos. Myron escrevia com uma letra miúda e meticulosa, que preenchia todos os espaços da página. Nenhum milímetro era desperdiçado. O texto estava completo, inclusive com uma paginação que não correspondia às folhas do próprio pergaminho, mas às do documento original.

Contemplando o texto magnificamente reproduzido, Hadrian perguntou:

— Como consegui memorizar tudo isso?

Myron sacudiu os ombros.

— Memorizo todos os livros que leio.

— E você tinha lido todos os livros da biblioteca que existia aqui?

Myron assentiu.

— Eu dispunha de muito tempo.

— Quantos livros havia aqui?

— Trezentos e oitenta e dois livros, quinhentos e vinte e quatro rolos de pergaminho e mil, duzentos e treze pergaminhos avulsos.

— E você se lembra de cada um?

Myron assentiu mais uma vez.

Os três ficaram boquiabertos.

— Eu era o *bibliotecário* — disse Myron, como se isso explicasse tudo.

— Myron — falou Royce subitamente —, em todos aqueles livros, você leu alguma coisa sobre um local chamado Cárcere de Gutaria ou sobre um prisioneiro chamado Esra... haddon?

Myron negou com a cabeça.

— Pelo jeito, ninguém escreveria sobre uma prisão secreta — disse Royce, aparentando decepção.

— Mas o local foi mencionado algumas vezes num rolo de pergaminho, e uma vez num pergaminho avulso. Neste último, porém, em vez do nome Esrahaddon aparece a palavra *prisioneiro*, e Gutaria aparece como *Carceragem Imperial*.

— Pelas barbas de Maribor! — exclamou Hadrian, olhando com espanto para o monge. — Você realmente memorizou a biblioteca inteira, não é mesmo?

— Por que "Carceragem Imperial"? — perguntou Royce. — Arista disse que era de natureza eclesiástica.

Myron encolheu os ombros.

— Talvez porque no tempo do império a Igreja de Nyphron e o governo estivessem unidos. *Nyphron* é o termo arcaico para *imperador*, derivado do nome do primeiro imperador, Novron. Então, Igreja de Nyphron significa *adoradores do imperador*, e tudo o que fosse associado ao império fazia parte da Igreja.

— É por isso que os membros dela estão tão empenhados em encontrar o Herdeiro — acrescentou Royce. — Para eles, o Herdeiro seria um deus, e não apenas um governante.

— Havia diversos livros interessantes sobre o Herdeiro do império — disse Myron, com entusiasmo. — E sobre especulações quanto ao paradeiro dele...

— E sobre a tal prisão? — perguntou Royce.

— Bem, esse assunto quase não é abordado. A única referência direta aparecia num rolo de pergaminho intitulado *Cartas recolhidas de Dioyllion*. O original chegou aqui certa noite, cerca de vinte anos atrás. À época, eu tinha apenas quinze anos, mas já trabalhava como assistente na biblioteca quando um sacerdote ferido e agonizante nos trouxe o pergaminho. Chovia naquela noite, tanto quanto agora. Levaram-no para a enfermaria e me disseram que cuidasse dos pertences dele. Peguei sua sacola, que estava encharcada, e lá dentro encontrei pergaminhos de todos os tipos. Fiquei com medo de que a água os danificasse e então os abri, para que secassem. Enquanto estavam abertos, não pude resistir, e comecei a lê-los. É difícil, para mim, resistir à leitura. Embora não parecesse ter melhorado, dois dias depois o sacerdote partiu, levando consigo os rolos de pergaminho. Ninguém conseguiu convencê-lo a ficar. Ele parecia amedrontado. Os pergaminhos continham correspondências expedidas pelo arcebispo de Venlin, chefe da Igreja de Nyphron à época da dissolução do império. Uma das cartas era um decreto pós-imperial que determinava a construção da carceragem, e foi por isso que achei o documento importante, de um ponto de vista histórico. A carta revelava que, assim que o imperador desapareceu, a Igreja passou a deter poderes governamentais. Achei a questão fascinante. Era também curioso que a construção de uma prisão merecesse tamanha prioridade, considerando o período turbulento. Agora percebo que se tratava de um pergaminho raro, mas, evidentemente, eu não sabia disso à época.

— Espere um minuto — interrompeu Alric. — Então, uma prisão construída há... novecentos anos ainda existe no meu reino e eu nada sei a respeito?

— Bem, a julgar pela data do pergaminho, a construção teria iniciado há... novecentos e noventa e seis anos e duzentos e cinqüenta e quatro dias. A edificação foi uma empreitada de fôlego. Uma das cartas registra o recrutamento de artesãos talentosos de todas as partes do mundo para projetá-la e construí-la. As maiores mentes e as técnicas mais avançadas de engenharia foram arroladas. A prisão foi esculpida na própria rocha, na encosta de uma montanha, ao norte do lago. Foi fortificada não apenas com metal, pedra e madeira, mas também feitiços milenares e poderosos. Finalmente, quando a obra foi concluída, acreditava-se tratar-se da prisão mais segura do mundo.

— Os criminosos daquela época deviam ser mesmo terríveis para justificar tamanho esmero — disse Hadrian.

— Não — replicou Myron com serenidade. — Era apenas um.

— Um? — perguntou Alric. — Uma carceragem inteira para prender um homem?

— O nome dele era Esrahaddon.

Hadrian, Royce e Alric trocaram olhares de surpresa.

— O que diabo ele fez? — perguntou Hadrian.

— De acordo com tudo o que eu li, ele foi o responsável pela destruição do império. A carceragem foi construída especificamente para ele.

Incrédulos, os três encararam o monge.

— E como foi que ele conseguiu destruir o império mais poderoso que o mundo já viu? — perguntou Alric.

— Esrahaddon tinha sido conselheiro de alta confiança do imperador, mas o traiu, matando toda a família imperial, à exceção de um filho, que, milagrosamente, conseguiu escapar. Conta-se, inclusive, que ele destruiu a capital imperial, Percepliquis. O império se rendeu ao caos e à guerra civil após a morte do imperador. Esrahaddon foi capturado, julgado e preso.

— Por que não foi simplesmente executado? — perguntou Alric, o que rendeu a ele olhares frios da parte dos ladrões.

— Execução é a sua resposta a todo e qualquer problema? — perguntou Royce em tom de descaso.

— Às vezes, é a melhor solução — respondeu Alric.

Myron recolheu os vasilhames que levava para fora e reuniu a água numa única panela. Acrescentou as batatas e levou a panela ao fogo.

— Então Arista nos mandou trazer o irmão para encontrar um prisioneiro que tem mais de mil anos. Alguém mais percebe nisso um pequeno problema? — perguntou Hadrian.

— Estão vendo! — exclamou Alric. — Arista está mentindo. Ela deve ter encontrado o nome de Esrahaddon enquanto estudava na Universidade de Sheridan e não se deu conta da época em que ele viveu. É impossível que Esrahaddon ainda esteja vivo.

— Talvez esteja — disse Myron casualmente, mexendo as batatas dentro da panela que estava sobre o fogo.

— Como isso é possível? — indagou Alric.

— Porque ele é um mago.

— Quando você diz mago — começou Hadrian —, você quer dizer que ele era um estudioso, ou que sabia fazer truques com cartas de baralho e ilusionismo, ou que talvez soubesse preparar soníferos? Royce e eu conhecemos um sujeito assim, que é capaz de fazer essas três coisas, mas não consegue impedir a morte.

— De acordo com os relatos que ouvi — explicou Myron —, os magos daquela época eram diferentes. Chamavam a magia de Arte. A maior parte dos saberes acumulados pelo império ruiu com sua dissolução. Por exemplo, as habilidades milenares da luta Teshlor, que tornava os guerreiros invencíveis, ou as técnicas de construção de abóbadas gigantescas, ou a perícia de forjar espadas capazes de cortar pedra. Assim como esses talentos, a arte da magia se perdeu com o desaparecimento dos verdadeiros magos. Os relatos apontam que, nos dias de Novron, os cenzars, como se chamavam os magos, detinham poderes inacreditáveis. Conta-se que sabiam provocar terremotos, tempestades, e que podiam até esconder o sol. Os maiores magos da época formaram um grupo denominado Grande Conselho de Cenzars. Os integrantes do conselho eram a nata do governo.

— É mesmo? — comentou Alric, pensativo.

— Você chegou a ler algo sobre onde exatamente ficava essa prisão? — perguntou Royce.

— Não, mas havia uma ligeira referência na obra *Tese sobre simbolismo arquitetônico no Império Novroniano*, de Mantuar. Esse foi o pergaminho que mencionei, no qual o nome de Esrahaddon aparece substituído. O pergaminho estivera enfiado numa prateleira por anos até que o encontrei, um dia, enquanto limpava um velho setor da biblioteca. Estava em mau estado, mas mencionava a data da construção e falava um pouco sobre os indivíduos que a haviam encomendado. Se não tivesse lido as *Cartas recolhidas de Dioylion*, eu jamais teria feito a ligação entre as duas referências, porque, como falei, o pergaminho

não mencionava o nome da prisão ou do prisioneiro.

— Não entendo como esse cárcere pode existir em Melengar sem que eu saiba — disse Alric, balançando a cabeça. — E como é que Arista sabe disso? E por que quer que eu vá até lá?

— Eu pensei que o senhor acreditasse que ela quisesse enviá-lo até lá para ser morto ou aprisionado — lembrou-o Hadrian.

— Para mim isso faz mais sentido que esse mago de mil anos — comentou Royce.

— Talvez — murmurou Alric —, mas... — Vasculhando o solo com os olhos em busca de respostas, o príncipe levou um dedo aos lábios. — Vamos considerar o seguinte: se ela, de fato, quisesse me ver morto, por que escolheria um local tão ermo? Poderia tê-los enviado a este mosteiro, assim como um exército para confrontá-los, e ninguém teria ouvido um grito sequer. É desnecessário, e complicado demais, arrastar-me a um local totalmente desconhecido. Por que ela haveria de mencionar esse tal Erahaddon, ou mesmo o Cárcere de Gutaria?

— Agora acha que ela estava dizendo a verdade? — perguntou Royce. — Acha realmente que um homem de mil anos está lá esperando para falar com você?

— Eu não iria tão longe, mas... bem, vamos considerar a possibilidade de ele existir. Imaginem o que eu poderia aprender de um homem desses, um conselheiro do último imperador.

Hadrian riu do comentário.

— Agora começou a falar como um rei.

— Pode ser o calor do fogo, ou o cheiro das batatas sendo cozidas, mas começo a achar que talvez seja uma boa idéia pagar para ver onde tudo isso vai terminar. E, vejam, o temporal está diminuindo. Acho que, em breve, a chuva vai parar. E se Arista não me quiser morto? E se houver, de fato, algo lá que eu precise descobrir, algo relacionado à morte do nosso pai?

— Seu pai foi morto? — perguntou Myron. — Eu sinto muito.

Alric ignorou o monge.

— Em todo caso, não me agrada a existência dessa prisão milenar no meu reino sem que eu saiba. Pergunto-me se meu pai, ou o pai dele, tinha conhecimento disso. Mil anos remontam a uma época que precede, em vários séculos, o surgimento de Melengar. O cárcere foi construído quando esta região ainda era disputada na Grande Guerra Civil. Se for possível que um homem viva mil anos, e se esse Erahaddon foi conselheiro do último imperador, acho que convém falar com ele. Qualquer nobre em Apeladorn daria o braço direito pela oportunidade de conversar com um autêntico conselheiro imperial. Como disse o monge, tantos saberes foram perdidos quando o império ruiu, tanto conhecimento

ficou esquecido no tempo... Quanta coisa ele deve saber? Quantas vantagens um homem desses traria a um jovem rei?

— Mesmo que não passe de um fantasma? — perguntou Royce. — É improvável que haja um homem de mil anos numa prisão ao norte desse lago.

— Se o fantasma falar, que diferença faz?

— A diferença é que a idéia me agradava muito mais quando você *não* queria ir — disse Royce. — Pensei que Esrahaddon fosse algum velho barão exilado por seu pai, que tinha resolvido pedir sua cabeça, ou talvez a mãe de algum meio-irmão bastardo aprisionada para não contar nada. Mas isso? É ridículo!

— Não vamos esquecer a promessa que vocês fizeram à minha irmã — disse Alric sorrindo. — Vamos comer. Essas batatas já devem estar boas. Eu poderia comê-las todas sozinho.

Mais uma vez Alric ganhou de Royce um olhar reprovisor.

— Não se preocupem com as batatas — disse Myron. — Tenho certeza de que há mais na horta. Estas eu encontrei enquanto cavava os... — Ele parou no meio da frase.

— Não vou me preocupar, monge, porque você vem conosco — disse Alric.

— O... o quê?

— É evidente que você é um homem sábio. Estou certo de que nos será útil nas mais diversas situações que nos aguardam. Portanto, vai servir ao seu rei.

Myron encarou Alric, piscou duas vezes rapidamente e então empalideceu.

— Sinto muito, mas eu... eu não posso fazer isso — respondeu ele docilmente.

— Talvez seja melhor vir conosco — disse Hadrian. — Você não pode ficar aqui. O inverno não tarda, e você não vai sobreviver.

— Mas os senhores não compreendem — protestou Myron com um tom de voz mais tenso, e sacudiu a cabeça obstinadamente. — Eu... eu não posso ir embora.

— Eu sei. Eu sei. — Alric ergueu a mão para conter o protesto. — Você tem de reescrever todos esses livros. É uma missão justa e nobre. Sou plenamente favorável. É preciso que mais gente possa ler. Meu pai foi um grande entusiasta da Universidade de Sheridan. Chegou a enviar Arista para estudar lá. Imaginem! Uma moça na universidade! Em todo caso, concordo com a visão de meu pai em relação à educação. Mas olhe à sua volta, homem. Você não tem pergaminho, e lhe resta pouca tinta. Se escrever esses livros, onde vai guardá-los? Aqui dentro deste buraco? Sem proteção contra as intempéries? Eles serão destruídos e voarão com o vento. Depois que visitarmos esse tal cárcere, eu o levo de volta a Medford e tomo providências para que possa trabalhar no seu projeto. Vou providenciar um gabinete adequado, talvez alguns assistentes para

auxiliá-lo no que for necessário.

— É muita bondade, mas eu não posso. Sinto muito. O senhor não compreende...

— Compreendo perfeitamente. Você é, obviamente, o terceiro filho do marquês Lanakin, o que ele mandou embora para evitar uma divisão indesejada de suas terras. Você é um homem singular... um monge erudito, dotado de memória fotográfica, além de aristocrata. Se seu pai não o quer, eu posso, certamente, utilizar os seus préstimos.

— Não — protestou Myron —, não é isso.

— O que é então? — perguntou Hadrian. — Você está isolado aqui, passando frio nesta toca suja de pedra, embrulhado numa mísera coberta, diante de um banquete que se resume a batatas cozidas... O seu rei oferece a você um verdadeiro baronato e ainda reclama?

— Eu não quero ser ingrato, mas eu... bem... eu nunca saí desta abadia.

— Como assim? — perguntou Hadrian.

— Eu nunca saí daqui. Cheguei aqui com quatro anos. E nunca saí daqui... nunca.

— Certamente já esteve em Roe, o vilarejo de pescadores? — perguntou Royce. Myron sacudiu a cabeça. — Nem em Medford? Nem nas redondezas? Você ao menos já foi até o lago, pescar ou fazer uma caminhada?

Myron voltou a sacudir a cabeça.

— Nunca saí das imediações da abadia. Nem mesmo até o pé da montanha. Duvido que consiga sair daqui. Só de pensar nisso, já sinto náusea.

Myron verificou se o hábito já estava seco. Hadrian notou que sua mão estava trêmula, embora ele tivesse parado de tremer de frio já houvesse algum tempo.

— Então foi por isso que ficou tão fascinado com os cavalos — disse Hadrian à meia-voz — Mas você já havia visto cavalos antes, certo?

— Vi cavalos da janela da abadia quando, em raras ocasiões, recebíamos visitantes em montarias. Mas nunca cheguei a tocar em um. Sempre quis saber como seria montar. Os livros falam de cavalos, torneios, batalhas e corridas. Os cavalos são muito queridos. Um rei, o rei Bethamy, chegou a deixar ordens para que seu cavalo fosse enterrado no mesmo túmulo que ele. Tem muita coisa sobre a qual eu já li mas nunca vi... mulheres, por exemplo. Elas são também muito freqüentes em livros e poemas.

Os olhos de Hadrian se arregalaram.

— Você nunca viu uma mulher?

Myron balançou a cabeça.

— Bem, alguns livros tinham ilustrações que as representavam, mas...

Hadrian apontou o polegar em direção a Alric.

— E eu que pensava que o príncipe levava uma vida reclusa...

— Mas ao menos você já viu sua irmã — disse Royce. — Ela já esteve aqui.

Myron nada disse. Desviou o olhar e se ocupou em remover a panela do fogo e servir as batatas.

— Vai me dizer que ela vinha aqui para encontrar Gaunt e nunca fez questão de vê-lo? — perguntou Hadrian.

Myron deu de ombros.

— Meu pai veio me ver uma vez há mais ou menos um ano. O abade teve de me dizer quem ele era.

— Então você jamais participava dos encontros ocorridos aqui? — observou Royce. — Você não organizava os encontros? Não cuidava dos detalhes?

— *Não!* — gritou Myron e chutou uma das panelas vazias que estavam no chão.

— *Eu... nada... sei... sobre... cartas... e... minha... irmã!*

Ele recuou até uma das paredes do porão, ofegante, lágrimas enchendo seus olhos. Nenhum deles abriu a boca enquanto o observavam ali, acuado, agarrado à coberta e fitando o chão.

— Desculpem-me... desculpem-me. Eu não deveria ter gritado com os senhores. Desculpem-me — disse Myron, enxugando os olhos. — Não, eu nunca me encontrei com minha irmã, e só vi meu pai aquela vez. Ele me fez jurar silêncio. Não sei por quê. Nacionalistas... monarquistas... imperialistas... nada sei sobre essas coisas.

A voz do monge soava distante, oca, sofrida.

— Myron — começou a dizer Royce —, você não sobreviveu porque estava embaixo de um púlpito de pedra, não é?

Lágrimas voltaram a encher os olhos do monge, e seus lábios estremeeceram. Ele sacudiu a cabeça.

— Primeiro, eles nos obrigaram a vê-los espancar e tirar sangue do abade — disse Myron com a voz embargada. — Queriam que falássemos sobre Alenda e umas tais cartas. Então disseram que minha irmã estava enviando mensagens disfarçadas em forma de cartas de amor, mas que não estava se encontrando com ninguém. Aquilo era invenção. As cartas eram providenciadas por meu pai e recolhidas por um emissário de Medford. Depois que descobriram que meu pai tinha nos feito uma visita, começaram a me interrogar. — Myron engoliu em seco e inspirou, ofegante. — Mas não me machucaram. Nem sequer tocaram em mim. Perguntaram se meu pai estava do lado dos monarquistas, conspirando com Melengra contra Warric e a Igreja. Queriam saber quem mais estava

envolvido. Eu não disse uma palavra. Eu não sabia de nada. Juro que não sabia. Mas eu poderia ter dito alguma coisa. Poderia ter mentido. Eu poderia ter dito: "Sim, meu pai é monarquista e minha irmã é uma traidora!" Mas não disse. Não abri a boca. Sabem por quê?

Myron olhou para eles, lágrimas escorrendo pelas faces.

— Não falei nada porque meu pai tinha me feito jurar *silêncio*. — Ele se deteve durante um instante e então disse: — Eu fiquei *em silêncio* enquanto eles trancavam a igreja. Eu fiquei *em silêncio* enquanto a incendiavam. E, *em silêncio*, ouvi os gritos dos meus irmãos. Foi tudo minha culpa. Deixei meus irmãos morrerem por causa de um juramento que tinha feito a um homem que era um estranho para mim.

Myron caiu em prantos. Escorregou pela parede e ficou encolhido no chão, cobrindo o rosto com os braços.

Hadrian serviu as batatas, mas Myron se recusava a comer. Na esperança de que mais tarde Myron as comesse, ele guardou algumas das que sobraram.

Quando a refeição frugal terminou, o hábito do monge já estava seco, e ele se vestiu. Hadrian se aproximou e colocou as mãos nos ombros de Myron.

— Por mais que me desagrade dizer isso, o príncipe tem razão. Você precisa vir conosco. Se o deixarmos aqui, provavelmente vai acabar morrendo.

— Mas eu... — Ele parecia assustado. — Aqui é o meu lar. Sinto-me bem neste lugar. Meus irmãos estão aqui.

— Eles estão todos mortos — disse Alric secamente.

Hadrian fez uma careta para o príncipe e então se virou para Myron.

— Escute, está na hora de tocar sua vida para a frente. Tem muita coisa lá fora além de livros. Imagino que você queira ver algumas delas. Além do mais, o seu *rei* — ele pronunciou esta última palavra em tom de sarcasmo — precisa de você.

Myron suspirou profundamente, engoliu em seco e concordou.

A chuva amenizou e, por volta do meio-dia, parou completamente. Depois que empacotaram os pergaminhos pertencentes a Myron e os poucos suprimentos que conseguiram recolher dos escombros da abadia, estavam prontos para partir. Royce, Hadrian e Alric aguardaram à entrada da construção demolida, mas Myron não veio se juntar a eles. Finalmente, Hadrian saiu à procura do monge e o encontrou no jardim em ruínas. Cercado de colunas de pedra cobertas de fuligem, o espaço tinha sido um pátio central, comum a todas as dependências da abadia. Havia vestígios de canteiros e mudas pelo caminho de pedras agora coberto de cinzas. No centro do claustro, um grande relógio de sol, feito de pedra, encimava um pedestal. Hadrian imaginou a beleza daquele claustro antes do

incêndio.

— Estou com medo — disse Myron a Hadrian no momento em que este se aproximou. Olhando fixamente para a grama chamuscada, o monge se encontrava sentado num banco de pedra, igualmente queimado, com os cotovelos apoiados sobre os joelhos e o queixo nas palmas das mãos. — Isso deve parecer estranho para você. Mas, para mim, tudo aqui é tão familiar. Eu sei até quantos blocos de pedra compõem este caminho ou as paredes do gabinete. Sei quantas vidraças existiam na abadia, e o dia e a hora exatos em que o sol se posiciona diretamente acima da igreja. E me lembro de que o irmão Ginlin comia com dois garfos porque tinha jurado nunca tocar uma faca. E que o irmão Heslon era sempre o primeiro a despertar e sempre cochilava durante as orações matinais.

Myron apontou o extremo do jardim, em direção ao toco enegrecido de uma árvore.

— O irmão Renian e eu enterramos um esquilo ali quando tínhamos dez anos. Uma árvore brotou na semana seguinte. Dava flores brancas na primavera, e nem mesmo o abade conseguiu identificar a espécie. Todo mundo na abadia a chamava de Árvore do Esquilo. Todos achamos que fosse um milagre e que talvez o esquilo fosse um agente de Maribor que estava nos agradecendo por termos sido atenciosos com seu amiguinho.

Myron fez uma pausa e se valeu das mangas compridas do hábito para enxugar o rosto enquanto olhava para o toco da árvore. Em seguida, desviou o olhar e se voltou novamente para Hadrian.

— No inverno, a neve se acumulava até a altura da janela do segundo andar, e era como se fôssemos esquilos, vivendo numa toca aconchegante, todos seguros e aquecidos. E cada um de nós era extremamente hábil naquilo que fazia. Ginlin fazia um vinho tão leve que evaporava em contato com a língua, deixando apenas um sabor maravilhoso. Fenitiliano fabricava os sapatos mais quentes e macios. A gente caminhava na neve e parecia cue ainda estava dentro da abadia. Dizer que Heslon tinha jeito para cozinhar seria um insulto. Ele preparava pratos de ovos mexidos com queijos, pimenta, cebola e bacon, tudo num molho cremoso, leve e bem-temperado. Depois dos ovos, ele servia fornadas de pão doce com cobertura de mel e canela, carne de porco defumada, lingüiça de salifan, massas folhadas, manteiga sem sal fresquinha e um bule de cerâmica cheio de chá de menta. E isso era apenas o café da manhã.

Myron sorriu com os olhos fechados e um ar sonhador estampado no rosto.

— O que Renian fazia? — perguntou Hadrian. — O amigo com quem você enterrou o esquilo? Qual era a especialidade dele?

Myron abriu os olhos, mas demorou a responder. Olhou de volta para o toco da

árvore e disse suavemente:

— Renian morreu aos doze anos. Pegou uma febre. Nós o enterramos ali mesmo, ao lado da Árvore do Esquilo. Ali era o lugar que ele mais gostava no mundo. — Myron se deteve e inspirou, um tanto ofegante. Uma careta repuxou o canto de sua boca, esticando seus lábios. — Desde aquele enterro, todas as manhãs, eu o saúdo com um bom-dia. Costumo me sentar aqui para dizer a ele como a árvore está. Quantos brotos surgiram ou quando a primeira folha amarelou ou caiu. Nos últimos dias, fui obrigado a mentir porque não tive coragem de dizer que a árvore já não existe.

Lágrimas rolaram dos olhos de Myron, e seus lábios tremiam enquanto ele contemplava o toco da árvore.

— Passei a manhã inteira tentando me despedir dele. Eu tenho tentado... — Ele gaguejou e enxugou os olhos. — Eu tenho tentado explicar por que preciso deixá-lo agora, mas, sabe, Renian só tem doze anos, e acho que ele não consegue entender. — Myron cobriu o rosto com as mãos e chorou.

Hadrian pressionou um dos ombros de Myron.

— A gente espera você lá no portão. Não tem pressa.

Quando Hadrian voltou, Alric disse, irritado:

— Por que essa demora toda? Se ele vai nos causar tantos problemas, é melhor o deixarmos para trás.

— Nós não vamos deixá-lo para trás, e esperaremos o tempo que for necessário — disse Hadrian.

Alric e Royce trocaram olhares, mas nada disseram.

Myron se juntou a eles poucos minutos depois, trazendo uma pequena sacola que continha todos os seus pertences. Embora estivesse visivelmente abatido, assim que viu os cavalos, seu estado de espírito melhorou.

— Ora! — exclamou ele.

Hadrian pegou Myron pela mão como se fosse uma criança e o levou até a égua baia, a sua montaria. A égua, inquieta, transferindo continuamente o peso do corpo imenso de uma pata à outra, olhou para Myron com seus grandes olhos castanhos.

— Eles mordem?

— Geralmente não — respondeu Hadrian. — Aqui... você pode acari- ciá-la no pescoço.

— E tão... *grande* — disse Myron com um olhar apavorado. E levou a mão à boca, como se fosse passar mal.

— Por favor, monte logo nessa égua, Myron. — A voz de Alric sugeria irritação.

— Não preste atenção nele — disse Hadrian. — Você pode montar na minha garupa. Eu monto e puxo você para cima, está bem assim?

Myron concordou, mas sua expressão indicava que não estava nada bem. Hadrian montou, e em seguida estendeu o braço. Fechando os olhos, Myron ficou na ponta dos pés, e Hadrian o puxou para cima. O monge segurou firme e escondeu o rosto nas costas largas do cavaleiro.

— Lembre-se de respirar, Myron — disse Hadrian enquanto virava a égua e voltava à trilha em zigue-zague, agora uma descida.

A manhã começou fria, mas, com o passar das horas, esquentou um pouco. Ainda assim, a temperatura não estava tão agradável quanto no dia anterior. Entraram no vale e seguiram em direção ao lago. Tudo ainda estava úmido em consequência da chuva, e o capim crescido, agora amarronzado pelo outono, molhava os pés e as pernas dos cavaleiros. O vento vinha do norte, soprando contra o rosto deles. Acima, um bando de gansos voava em formação, grasnando no céu cinzento. O inverno não tardaria. Em pouco tempo, Myron superou o medo e levantou a cabeça para olhar ao redor.

— Por Maribor! Eu não fazia idéia de que o mato podia crescer tanto. E as árvores são tão altas! Sabe, vi ilustrações de árvores grandes como estas, mas achava que os artistas tinham exagerado.

O monge começou a se mexer para a esquerda e para a direita, tentando ver tudo que o cercava. Hadrian deu uma risadinha.

— Myron, você não para quieto... parece um filhote de cachorro.

O lago Windermere surgiu como uma poça de metal ao pé das montanhas áridas. Embora fosse um dos maiores lagos de Avryn, os promontórios dos penhascos obstruíam grande parte da vista. A extensa superfície refletia o céu sombrio e parecia gelada e vazia. A não ser pela presença de alguns pássaros, era pequeno o movimento nas fissuras pedregosas.

Chegaram à margem ocidental. Milhares de pedras do tamanho de um punho fechado, polidas e achatadas pela ação da água, formavam uma espécie de pavimentação, onde puderam andar e ouvir o barulho manso do lago. De vez em quando, voltava a chover. Viam a chuva se aproximando pela superfície do lago, e o horizonte, antes nítido, ficava borrado conforme as gotas quebravam o silêncio. Então a chuva parava, e as nuvens giravam, indecisas.

Royce, como sempre, guiava o pequeno grupo. Aproximou-se da margem norte e localizou o que pareciam ser os resquícios de uma estrada velha e esquecida, que dava acesso às montanhas ao longe.

A agitação de Myron finalmente começava a diminuir. Ele continuou na garupa

de Hadrian, mas se manteve imóvel durante um bom tempo.

— Myron, está tudo bem aí? — perguntou Hadrian.

— Hein? Ah, sim. Desculpe. Eu estava vendo o jeito como os cavalos andam. Já os velho observando há alguns quilômetros. Que animais fascinantes! Os pés de trás parecem pisar exatamente nos pontos onde os da frente acabaram de pisar. Mas acho que não são pés, não é mesmo? São cascos! É isso! Eles têm cascos. *Enylina*, em nossa língua antiga.

— Língua antiga?

— Era o antigo idioma do império. Hoje em dia, pouca gente fora do clero tem conhecimento dela. Trata-se de uma língua morta. Mesmo no tempo do império, só era empregada nos cultos da igreja, mas até essa prática já se tornou obsoleta, e ninguém mais escreve em língua antiga.

Hadrian sentiu que Myron apoiava a cabeça nas suas costas, e, durante o restante da cavalgada, cuidou para que o monge não cochilasse e caísse da garupa.

Eles se afastaram da margem do lago e entraram num desfiladeiro, que se tornava cada vez mais pedregoso à medida que subiam. Quanto mais avançavam, mais evidente ficava para Alric que o caminho um dia fora uma estrada larga. A trilha em si era lisa demais para ser natural. Mesmo assim, com o passar do tempo, pedras haviam rolado dos pontos mais elevados, formando fissuras dentro das quais brotavam ervas daninhas. Séculos haviam se passado, mas ainda restavam vestígios de algo muito antigo e esquecido.

Apesar do frio, da chuva intermitente e das estranhas circunstâncias que cercavam a presença deles naquele local, Alric não estava tão infeliz quanto aparentava. Naquele dia a jornada se caracterizava por uma curiosa serenidade. Raramente o príncipe viajava com tamanha simplicidade, ou sob condições climáticas tão inclementes, e a experiência o cativava justamente pela estranheza. O silêncio intenso, a luminosidade opaca, as batidas dos cascos dos cavalos no solo, tudo sugeria aventura de um modo que ele jamais vivenciara. Suas escapadas mais ousadas eram sempre organizadas e assistidas pela criadagem. Ele nunca estivera sozinho como agora, e nunca correria perigos verdadeiros.

No barco, Alric ficara furioso. Jamais fora tratado com tamanho desrespeito. Atacar um membro da família real era delito punível com pena de morte, e a maioria das pessoas evitava até mesmo tocar nele. Ser tangido como um animal era o cúmulo da humilhação. Jamais passara pela sua cabeça que algo de mal pudesse lhe ocorrer. Sua expectativa era de que o resgate fosse vir a qualquer momento. Mas essa possibilidade diminuía dramaticamente à medida que adentravam a floresta, a caminho de Windermere.

Alric fora sincero ao afirmar que aquela tinha sido a pior noite de sua vida, mas, pela manhã, depois que a chuva parou e ele fez uma refeição, sentiu-se bem melhor. A perspectiva de procurar o cárcere misterioso e o suposto prisioneiro prometia uma verdadeira aventura. Talvez, mais do que qualquer outra coisa, isso mantivesse sua mente ocupada. Precisava sobreviver e descobrir a identidade de um assassino, e isso o impedia de passar o tempo lamentando a morte do pai.

De vez em quando, durante a cavalgada, quando o silêncio reinava por algum tempo, a mente de Alric focalizava a morte do pai. Ele voltava aos aposentos reais e via o rosto pálido do pai e aquela pequena gota de sangue coagulado no canto dos lábios. Alric supunha que devesse sentir algo. Supunha que devesse chorar, mas isso nunca acontecia. Ele nada sentia, e se perguntava por quê.

Àquela altura, no castelo, todos estariam de luto, e pelos corredores reverberaria o pranto, como ocorrera na ocasião da morte de sua mãe. Nada de música, nada de risos, e parecera que o sol deixara de brilhar durante mais de um mês. Sentiu-se aliviado, quase feliz, quando o período de luto terminou. Em parte, tal reação provocava nele um sentimento de culpa, mas era também como se houvesse se livrado de um grande peso. Esse seria o cenário no castelo: semblantes pesados, choro, e os sacerdotes lhe entregando uma vela para que ele a segurasse e caminhasse em torno do ataúde enquanto eram entoados os cânticos. Ele participara do ritual quando criança e detestara a experiência. Felizmente, não estava no castelo agora, encurralado e afogado naquele poço sem fundo de tristeza. Amanhã teria de lidar com tudo aquilo, mas hoje se sentia aliviado por estar numa estrada distante, prescindindo da companhia de qualquer pessoa ilustre.

Royce parou seu cavalo. Estavam sozinhos, pois os outros tendiam a vir mais atrás, uma vez que o último cavalo carregava duas pessoas.

— Por que paramos? — perguntou Alric.

— O terreno está ficando plano, portanto devemos estar chegando. O senhor já se esqueceu de que isto pode ser uma armadilha?

— Não — disse o príncipe. — Estou plenamente ciente do fato.

— Bom... então, nesse caso, adeus, Majestade — disse Royce.

Alric ficou atônito.

— Você não vem?

— Sua irmã nos pediu apenas para trazê-lo até aqui. Se quer ir ao encontro da morte, isso é problema seu. Nossa obrigação está feita.

Imediatamente Alric se sentiu um tolo por ter achado que fosse positivo estar sozinho na companhia de estranhos. Não podia perder seus únicos guias sob pena

de nunca mais encontrar o caminho de volta. Pensando rapidamente, ele disse:

— Então suponho que este seja o momento ideal para eu lhe informar que estou concedendo a você e a Hadrian, oficialmente, o título de *guardiões do rei*, pois tenho certeza de que não pretendem me matar. Agora, a obrigação de vocês é defender a vida do seu rei.

— É mesmo? Quanta gentileza, Majestade — disse Royce, exibindo um sorriso amarelo. — E suponho que este seja o momento ideal para eu lhe informar que não sirvo a reis... a menos que seja pago.

— Não? — Alric sorriu com ironia. — Muito bem. Então, pense no seguinte: se eu sobreviver e voltar ao Castelo de Essendon, revogarei, com satisfação, as ordens de execução que pesam sobre vocês e perdorei a invasão ao meu castelo. Por outro lado, se eu morrer aqui, ou se for preso e trancafiado dentro desse cárcere, vocês jamais poderão voltar a Medford. Meu tio já os rotulou como assassinos flagrantes. Estou certo de que já estão sendo procurados. Meu tio Percy pode parecer um perfeito cavalheiro, mas, acredite, eu conheço o lado mau dele, que pode ser bastante assustador. É o melhor espadachim de Melengar. Sabia disso? Portanto, se lealdade ao soberano não basta, convém levar em conta os benefícios práticos decorrentes da minha sobrevivência.

— A capacidade de convencer terceiros de que sua vida vale mais do que a deles deve ser pré-requisito para ser rei.

— Não é um pré-requisito, mas, sem dúvida, ajuda — respondeu Alric com um sorrisinho.

— Mas isso vai ter um custo — retrucou Royce, e o sorriso do príncipe desapareceu. — Digamos, cem moedas de ouro.

— Cem? — protestou Alric.

— Acha que sua vida vale menos? Além disso, foi esse o valor prometido por DeWitt, portanto, a quantia me parece justa. Mas ainda tem outra coisa. Se vamos atuar como seus guardiões, terá de nos obedecer. Não posso protegê-lo se não me obedecer, e disso não abro mão, pois não apenas a sua vidinha boba, como também o meu futuro estarão em jogo.

Alric bufou de raiva. Não estava gostando do jeito como era tratado. Eles deveriam se sentir honrados por servi-lo. Além disso, ele os estava absolvendo de crimes graves, e, em vez de demonstrar gratidão, o sujeito exigia pagamento. Era bem o tipo de comportamento que ele esperava de ladrões. Contudo, precisava deles.

— A exemplo de todo bom governante, em determinados momentos vou precisar de conselheiros competentes. Mas lembrem-se de quem sou e de quem serei quando voltarmos a Medford.

Quando Hadrian e Myron os alcançaram, Royce disse:

— Hadrian, acabamos de ser promovidos a guardiões do rei.

— O pagamento aumentou?

— Aumentou, sim. E nosso peso diminuiu. Devolva a espada ao príncipe.

Hadrian entregou a enorme espada de Amrath a Alric, que colocou no ombro o cinturão de couro e afivelou a arma. A espada era grande demais, e Alric se sentiu um tanto ridículo. No entanto, achou que sua aparência estava melhor agora, devidamente armado e montado.

— O capitão da guarda pegou esta espada das mãos do meu pai e a entregou a mim... isso aconteceu há apenas duas noites. Esta espada pertenceu a Tolin Essendon e foi passada de rei a príncipe durante setecentos anos. Somos uma das dinastias mais antigas de Avry n.

Royce desmontou e entregou as rédeas do cavalo a Hadrian.

— Vou inspecionar o terreno e me certificar de que não haja surpresas nos aguardando.

O ladrão partiu rapidamente, correndo meio abaixado. Entrou nas sombras do desfiladeiro e desapareceu.

— Como é que ele faz isso? — perguntou Alric.

— Assustador, não? — disse Hadrian.

— Como foi que ele fez isso? — Myron olhava para um talo de junco que tinha arrancado pouco antes de deixarem a margem do lago. — Aliás, estas coisas são maravilhosas.

Aguardaram durante vários minutos. Ao ouvirem o canto de um pássaro, Hadrian deu o comando para seguirem em frente. A estrada virava à esquerda, depois à direita, e novamente avistaram o lago, agora ao longe, parecendo uma enorme poça cintilante. A estrada se tornou mais estreita e, finalmente, terminou. De cada lado o terreno era em aclave, mas adiante a trilha acabava num rochedo íngreme, com mais de 50 metros de altura.

— Será que erramos o caminho? — perguntou Hadrian.

— Supostamente, trata-se de um cárcere *escondido* — lembrou Alric.

— Eu achei que o fato de estar aqui, neste fim de mundo, já significava *escondido* — disse Hadrian. — Quero dizer, quem não souber de antemão que a prisão fica localizada aqui virá até este lugar fazer o quê?

— Se o cárcere foi construído pelas mentes mais brilhantes do que restou do império — rebateu Alric —, vai ser difícil encontrá-lo e mais difícil ainda entrar.

— Reza a lenda que foi construído por anões — explicou Myron.

— Que beleza... — disse Royce. — Será mais um Drumindor.

— Tivemos dificuldade para entrar numa fortaleza construída por anões em Tur Del Fur alguns anos atrás — explicou Hadrian. — A coisa foi feia. É melhor a gente descansar. Isto aqui pode demorar um bom tempo.

Royce examinou o rochedo. A rocha diretamente acima da trilha estava exposta, como se tivesse sido descascada recentemente. Embora musgo e pequenas plantas brotassem nas fissuras em outros pontos, não havia qualquer tipo de vegetação nas proximidades da face do rochedo.

— Há uma porta por aqui, tenho certeza — disse o ladrão, passando as mãos pela pedra. — Malditos anões. Não consigo encontrar dobradiças, fendas, emendas.

— Myron — perguntou Alric —, você leu alguma coisa sobre o modo de abrir a porta do cárcere? Já ouvi dizer que anões gostam de charadas, e às vezes eles transformam sons em chaves, palavras que, ao serem pronunciadas, abrem portas.

Myron sacudiu a cabeça enquanto desmontava do cavalo.

— Palavras que abrem portas? — Royce olhou para o príncipe com ceticismo.

— O senhor está se referindo a contos de fadas?

— Uma porta invisível já me remete a contos de fadas — retrucou Alric. — Então parece adequado.

— Não é invisível. O senhor está vendo o rochedo, não está? A porta está apenas bem camuflada. Os anões são capazes de cortar a pedra com tanta precisão que não se vêem emendas.

— Você há de convir, Royce — disse Hadrian —, que os anões fazem coisas impressionantes com pedra.

Royce o fitou por cima do ombro com olhos arregalados.

— Não me diga uma coisa dessas.

Hadrian sorriu.

— Royce não gosta muito das criaturas.

— Abre-te, em nome de Novron! — exclamou Alric subitamente, num tom imperativo, e sua voz ecoou pelas encostas rochosas.

Royce deu meia-volta e encarou o príncipe com um olhar mordaz.

— Não faça mais isso!

— Ora! *Você* não estava conseguindo nada aí. Eu achei que, já que se tratava, ou ainda se trata, de um cárcere eclesiástico, talvez um comando de natureza religiosa pudesse abrir a porta. Myron, existe algum ditame religioso para abrir portas? Você deve saber isso. Existe algo assim?

— Não sou sacerdote de Nyphron. A Abadia dos Ventos era um mosteiro dedicado a Maribor.

— Ah, isso é verdade — concordou Alric, decepcionado.

— Eu conheço a Igreja de Nyphron — esclareceu Myron —, mas, como não pertença a ela, não tenho conhecimento de códigos ou cânticos secretos e coisas do gênero.

— É mesmo? — disse Hadrian. — Eu pensei que os monges da Abadia dos Ventos fossem uma espécie de irmãos mais pobres e mais jovens da Igreja de Nyphron.

Myron sorriu.

— Se fosse o caso, seríamos os irmãos mais velhos, mas certamente mais pobres. O culto ao imperador Novron é relativamente recente, iniciado poucas décadas depois da morte dele.

— Então quer dizer que os monges da Abadia cultuam Maribor enquanto os Nyphron cultuam Novron?

— Quase isso — respondeu o monge. — A Igreja de Nyphron também cultua Maribor, mas a ênfase recai sobre Novron. A principal diferença depende do que a pessoa procura. Nós, monges, acreditamos numa devoção pessoal a Maribor e buscamos a vontade dele em locais tranquilos. É por meio de antigos rituais, e no silêncio, que ele nos fala ao coração. Nossa busca é conhecer Maribor cada vez mais. A Igreja de Nyphron, por outro lado, busca conhecer a vontade de Maribor. Eles acreditam que o nascimento de Novron demonstra a vontade de Maribor no sentido de assumir diretamente o controle do destino da humanidade. Por isso se envolvem muito na política. Vocês conhecem a história de Novron, não conhecem?

Hadrian contraiu os lábios.

— Hurm... ele foi o primeiro imperador e derrotou os elfos muito tempo atrás. Não sei muito bem por que isso o fez deus.

— Na verdade, ele não é um deus.

— Então por que tanta gente o idolatra?

— Acredita-se que Novron seja filho de Maribor, enviado para nos ajudar no nosso momento de maior desespero. São seis os deuses verdadeiros. Érebus é o pai de todos os deuses e foi ele que criou o mundo de Elan. Ele gerou três filhos e uma filha. O primogênito, Ferrol, é mestre em magia e criou os elfos. O segundo filho, Drome, é o mestre que criou os anões. O caçula é Maribor, e foi ele, evidentemente, que criou o homem. A filha de Érebus, Muriel, criou os animais, os pássaros, os peixes e o mar.

— Até agora são cinco.

— Sim, mas existe também Uberlin, filho de Érebus e Muriel.

— O deus das trevas — interveio Alric.

— É... já ouvi falar dele... mas, espere... você está dizendo que o pai gerou um filho com a própria filha?

— Foi um engano terrível — explicou Myron. — Embriagado e enfurecido, Érebus violentou Muriel. Da união dos dois resultou o nascimento de Uberlin.

— Isso deve ter causado constrangimento nas reuniões de família... violentar a própria filha e tudo o mais — disse Hadrian.

— Muito constrangimento. Na realidade, os filhos de Érebus, Ferrol, Drome e Maribor, mataram o pai por causa do incidente. Quando Uberlin tentou defender o pai, os três se voltaram contra ele e aprisionaram o sobrinho, ou eu devia dizer *irmão*? Acho que é sobrinho e irmão, não é? Em todo caso, eles trancaram Uberlin nas profundezas de Elan. Embora

Uberlin resultasse de um estupro terrível, Muriel ficou desolada ao perder o filho e nunca mais falou com os irmãos.

— Então ficamos com cinco deuses.

— Não exatamente. Muita gente crê que os deuses sejam imortais. Em alguns cultos, Erebus ainda vive e perambula por Elan na forma de um homem que busca perdão por seu crime.

O dia escurecia e o vento se intensificava, anunciando a possibilidade de outro temporal. Os cavalos começaram a ficar assustados, e Hadrian foi acalmá-los. Alric se levantou e deu uma volta, friccionando as pernas e reclamando por estar dolorido em consequência da cavalgada.

— Myron? — chamou Hadrian. — Você pode me ajudar a retirar as selas dos cavalos? Acho que a gente não vai prosseguir tão cedo.

— Claro — disse o monge com entusiasmo. — Mas como se faz isso?

Juntos, Hadrian e Myron livraram os animais das selas e das cargas e guardaram os apetrechos embaixo de uma pequena laje de pedra. De vez em quando, Myron reunia coragem para acariciar o pescoço dos cavalos. Depois que tudo foi ajeitado, Hadrian sugeriu que Myron recolhesse um pouco de capim para os animais enquanto ele iria ao encontro de Royce.

Seu parceiro estava sentado na trilha, observando o rochedo. Em certos momentos, o ladrão se levantava, examinava uma parte do paredão e voltava a se sentar, resmungando.

— Então? Como é que vai ser?

— Odeio anões — respondeu Royce.

— A maioria das pessoas odeia.

— Sim, mas eu tenho motivo. Esses filhos da mãe são as únicas criaturas capazes de fabricar caixas que eu não consigo abrir.

— Você vai conseguir. A coisa não vai ser fácil e vai demorar, mas você vai conseguir. O que eu não entendo é por que Arista nos mandou até aqui, sabendo que não poderíamos entrar.

Royce ficou de cócoras, embrulhando-se na capa. Seu olhar se mantinha focado, mas ele não escondia a frustração.

— Eu não consigo ver nada. Se conseguisse enxergar uma brechinha, então, quem sabe... mas como vou arrambar uma fechadura se nem sequer encontro a porta?

Hadrian deu um tapinha em seu ombro para animá-lo antes de voltar para o lado de Myron, que acabara de alimentar os cavalos e se juntara a Alric, sentado ao lado do paredão do rochedo.

— Alguma novidade? — perguntou Alric num tom de voz ligeiramente irritado.

— Nada por enquanto, mas vamos deixá-lo em paz. Royce vai descobrir um jeito. É apenas questão de tempo. — Hadrian voltou a atenção a Myron. — Estive pensando naquilo que você me disse há pouco. Se Uberlin é considerado deus, por que Novron não é? Afinal, ambos são filhos de deuses, certo?

— Não, não. A rigor, ele é um semi-deus: parte deus, parte homem. É o seguinte: Maribor enviou Novron para... bem, deixe-me recuar um pouco na história. É certo que Ferrol era o primogênito e, quando criou os elfos, estes se espalharam, ainda que lentamente, por toda Elan. Quando Drome apareceu, seus filhos foram agraciados com o controle do mundo subterrâneo. Então os filhos de Maribor ficaram sem espaço. Daí a humanidade foi obrigada a sofrer nos locais mais precários que sobraram.

— Então os elfos ficaram com os melhores lugares e nós ficamos com as sobras? Isso não parece muito justo — disse Hadrian.

— Bem, os nossos antepassados também não gostaram disso. Sem falar que nós, humanos, nos reproduzimos com mais rapidez do que os elfos, cuja expectativa de vida é bem mais longa. Isso resultou em superpopulação, e a coisa piorou depois que os anões foram obrigados a subir à superfície.

— Obrigados? Por quem?

— Lembra-se de que eu disse que os deuses prenderam Uberlin no mundo subterrâneo? Pois bem, ele criou sua própria raça, assim como fizeram Drome, Maribor e Ferrol.

— Ah! Os goblins. Posso imaginar que tenham tornado o ambiente menos *aconchegante* lá embaixo.

— Precisamente. Com o crescimento da humanidade e o aparecimento dos anões, nossos antepassados ficaram, digamos, encurralados. Então suplicaram ajuda a Maribor. Ele ouviu as súplicas e ludibriou o irmão para que este confeccionasse a grande espada Rhelacan. Depois, convenceu o outro irmão, Ferrol, a enfeitiçar a espada. Faltava apenas encontrar um guerreiro que a manejasse. Então, disfarçado, Maribor foi a Elan e se deitou com uma mortal. A união gerou Novron, o Grande, que uniu todas as tribos humanas e comandou uma guerra contra os elfos. Armado com Rhelacan, Novron foi vitorioso, e assim teve início o domínio da humanidade, liderada por Novron, que unira todos os homens.

— Certo. Isso faz sentido, mas quando começamos a cultuar Novron como deus?

— Isso foi depois da morte dele. A Igreja de Nyphron foi criada em louvor a Novron, o salvador da humanidade. A nova Igreja se tornou a religião oficial do império, mas, longe de Percepliquis, a capital imperial, havia gente que não esquecia os antigos costumes e insistia em idolatrar Maribor.

— E esses seriam vocês, ou seja, os monges de Maribor?

Myron assentiu.

Durante a conversa, nuvens de tempestade continuavam a se formar, ocupando o céu e escurecendo a região. A luz remanescente apresentava um tom estranho, conferindo à paisagem um ar surreal. Em pouco tempo o vento começou a soprar com força pelo desfiladeiro, levantando muita poeira. A distância, ouvia-se o barulho de trovões.

— Alguma novidade com a porta, Royce? — perguntou Hadrian. Estava sentado, com as costas apoiadas no paredão do rochedo e as pernas estiradas, batendo com a ponta de uma bota na outra. — Porque, pelo jeito, vamos ter mais uma noite gelada e úmida... só que, desta vez, sem abrigo nenhum.

Royce resmungou algo indecifrável. Lá embaixo, emoldurada pelas encostas do desfiladeiro, a superfície do lago brilhava como um espelho voltado para o céu. A cada momento, a água se iluminava, pois um raio faiscava ao longe. Royce voltou a resmungar.

— O que você disse? — perguntou Hadrian.

— Eu estava pensando no que você falou há pouco. *Por que* Arista nos mandou até aqui, sabendo que não poderíamos entrar? Ela deve ter pensado que conseguiríamos entrar. Talvez, para ela, a coisa fosse óbvia.

— Talvez seja uma questão de magia — disse Alric, embrulhando-se mais na capa.

— Basta de palavras encantadas — disse Royce. — Fechaduras são mecânicas. Acredite. Eu sei alguma coisa sobre o assunto. Os anões são muito inteligentes e hábeis, mas não fazem portas que se abrem por causa de um som.

— Eu só falei nisso porque Arista sabia fazer um pouco de magia, portanto, vai ver que, para ela, era fácil entrar.

— Fazer um pouco de *qué?* — perguntou Hadrian.

— De magia.

— Sua irmã é bruxa? — perguntou Myron, incomodado.

Alric riu.

— Sem dúvida, sim, mas não tem muito a ver com poderes mágicos. Ela frequentou a Universidade de Sheridan durante alguns anos e estudou teoria da magia. Ela não foi muito longe, mas aprendeu a fazer algumas coisas. Por exemplo, ela tranca a porta do quarto dela por meio de um passe de mágica, e acho que conseguiu fazer com que a condessa Amril adoecesse quando as duas disputavam um rapaz. A pobre Amril ficou coberta de furúnculos durante uma semana.

Royce olhou para Alric.

— Como assim... tranca a porta com um passe de mágica?

— A porta do quarto dela não tem tranca, mas ninguém, exceto ela, consegue abri-la.

— Você já viu sua irmã abrir a porta?

Alric sacudiu a cabeça.

— Bem que eu gostaria.

— Myron — disse Royce —, você já leu alguma coisa sobre fechaduras e chaves misteriosas? Talvez algo associado aos anões?

— Existe a lenda de Iberius e o gigante, na qual Iberius usa uma chave feita por anões para abrir o baú que contém o tesouro do gigante, mas o baú não era mágico... era apenas enorme. Existe também a Gargantilha de Liem, que aparece na obra *O mito dos esquecidos*, que só se destravava quando o indivíduo que a usava morresse... acho que isso não ajuda muito, não é? Humm... deixe-me pensar... é possível que tenha algo a ver com fechaduras de pedra.

— Fechaduras de pedra?

— Não são mágicas, mas foram inventadas pelos anões. São pedras preciosas que interagem com outras e produzem pequenas vibrações. Fechaduras de pedra são utilizadas quando diversas pessoas precisam destrancar e abrir um mesmo recipiente. Basta ter uma pedra compatível. Quando se trata de recipientes mais

valiosos, a fechadura pode depender de determinada lapidação, capaz de produzir alterações de ressonância. Os joalheiros mais talentosos sabem fabricar fechaduras que mudam de uma estação para outra, permitindo que, ao longo do ano, pedras diferentes possam abrir a fechadura. Foi isso que ensinou a noção da pedra zodiacal, pois certas pedras têm mais força em determinados meses do ano. Eu já...

— É isso — interrompeu Royce.

— É isso... o quê? — perguntou Alric. Royce enfiou a mão no bolso da jaqueta e retirou um anel azul-escuro.

Alric deu um salto e exclamou:

— Esse é o anel do meu pai. Dê-me já isso aí!

— Muito bem — disse Royce, lançando o anel em direção ao príncipe. — Sua irmã nos mandou entregar o anel ao senhor quando chegássemos à prisão.

— Ela disse isso? — Alric pareceu surpreso. Colocou no dedo o anel, que, como a espada, era grande demais, e o objeto rotacionou por causa do peso da pedra. — Pensei que ela tivesse ficado com ele. Este anel tem o selo real. Ela poderia tê-lo usado para recrutar nobres, promulgar leis ou se anunciar como mandatária. Com este anel, ela poderia ter assumido o controle de tudo.

— Talvez ela *estivesse* dizendo a verdade — sugeriu Hadrian.

— Não vamos nos precipitar nos julgamentos — advertiu Royce. — Primeiro, vamos ver se a coisa funciona. Sua irmã disse que você precisaria do anel para entrar na prisão. Pensei que fosse para identificá-lo na condição de rei, mas agora acho que o sentido das palavras dela era mais literal. Se eu estiver certo, basta encostar o anel à rocha e portas gigantescas se abrirão.

Então todos se reuniram diante do paredão do rochedo, em torno de Alric, na expectativa do acontecimento dramático.

— Vai lá, Alric... vai em frente.

O príncipe girou o anel, de modo que a pedra ficasse para cima, fechou o punho e encostou a joia no penhasco. Instantaneamente, a mão desapareceu dentro da rocha. Alric recuou, soltando um grito.

— O que aconteceu? — perguntou Royce. — Doeu?

— Não, eu apenas senti uma coisa fria, mas não consegui tocá-la.

— Tente novamente — disse Hadrian.

Alric não pareceu muito satisfeito com a sugestão, mas assentiu. Dessa vez ele empurrou mais, e todos viram sua mão desaparecer inteiramente, até o pulso, antes que ele recuasse mais uma vez.

— Fascinante — murmurou Royce, apalpando e constatando a solidez da rocha.

— Por essa eu não esperava.

— Isso quer dizer que ele tem de entrar sozinho? — perguntou Hadrian.

— Não tenho muita certeza de que quero me enfiar numa pedra sozinho — disse Alric com temor na voz.

— Bem, talvez não haja escolha — respondeu Royce —, se você deseja mesmo falar com o tal mago. Mas não vamos desistir tão cedo. Passe-me o anel por um instante.

Apesar da disposição anteriormente demonstrada em pegar o anel, Alric agora não hesitou em entregá-lo. Royce o pôs no dedo e, ao encostar a pedra na superfície do rochedo, a mão dele penetrou a rocha, conforme acontecera com a de Alric. Royce retirou a mão. Em seguida, removeu o anel e, segurando-o com a mão esquerda, esticou a direita. Novamente, sua mão penetrou a pedra.

— Então não é preciso ser o príncipe, nem usar o anel no dedo. Basta tocá-lo. Myron, você não disse que a pedra preciosa provoca vibrações?

Myron concordou.

— Ela cria uma ressonância específica com determinados tipos de rochas.

— Vamos tentar agora de mãos dadas — sugeriu Hadrian.

Alric e Royce deram as mãos e ambos penetraram a rocha.

— É isso! — declarou Royce. — Um último teste. Todos de mãos dadas. Vamos ver se funciona com quatro pessoas. — Deram as mãos, e todos conseguiram atravessá-la. — Atenção: tenham certeza de só romper a corrente depois de voltarem as mãos para este lado. E precisamos tomar algumas decisões antes de prosseguir. Já vi muita coisa estranha, mas nada como isto. Não faço a menor idéia do que pode nos acontecer se entrarmos nesta rocha. Então, Hadrian, o que você acha?

Hadrian coçou o queixo.

— E um risco, com certeza. Considerando algumas das decisões que tomei recentemente, vou deixar esta para você. Se achar que devemos prosseguir, então, por mim, tudo bem.

— Devo admitir — respondeu Royce — que estou bastante curioso, portanto, se ainda quiser ir em frente, príncipe, vamos acompanhá-lo.

— Se tivesse de ir sozinho, eu não iria — disse Alric. — Mas também estou curioso.

— Myron? — perguntou Royce.

— E os cavalos? Será que vão ficar bem?

— Tenho certeza de que sim.

— Mas e se nós não voltarmos? Eles vão morrer de fome, não vão?

Royce suspirou.

— São eles ou nós. Você vai ter que escolher.

Myron hesitou. Raios e trovões rasgavam o céu, então começou a chover.

— Será que a gente não pode soltá-los caso não...

— Não pretendo fazer planos baseados na expectativa da nossa morte. Vamos precisar dos cavalos quando voltarmos. Eles ficam aqui... você fica também?

O vento respingou chuva no rosto do monge no momento em que ele dirigiu um derradeiro olhar aos cavalos.

— Eu vou — disse ele finalmente. — Só espero que eles fiquem bem.

— Certo — disse Royce. — Vamos fazer o seguinte: eu entro primeiro, usando o anel. Alric vem atrás de mim, depois Myron, e Hadrian entra por último. Depois que entrarmos, vamos romper a corrente em ordem inversa: primeiro Hadrian, depois Myron, depois Alric. Entrem no mesmo ponto que eu entrar, e não passem à minha frente. Quero evitar qualquer tipo de armadilha. Alguma pergunta?

Todos sacudiram a cabeça, exceto Myron.

— Espere um instante — disse ele, e correu até o local onde haviam guardado seus pertences. Encontrou a lanterna e o acendedor que trouxera da abadia e parou para acariciar os focinhos molhados dos cavalos. — Agora estou pronto — disse ele quando se reuniu ao grupo.

— Muito bem... vamos lá. Todos de mãos dadas e sigam-me — disse Royce enquanto formavam a corrente e avançavam. Um por um, penetraram no rochedo. Hadrian foi o último. Quando a barreira atingiu o seu ombro, ele respirou fundo, como se estivesse nadando, e mergulhou a cabeça na rocha.

Capítulo 5

ESRAHADDON



Entraram numa escuridão total. O ar estava seco, parado e pesado. O único som era o da água da chuva pingando de suas roupas. Hadrian deu alguns passos adiante para se certificar de que havia atravessado completamente a barreira antes de soltar a mão de Myron.

— Está vendo alguma coisa, Royce? — perguntou ele, num sussurro tão baixo que mal podia ser ouvido.

— Não, nada. Fiquem todos parados até que Myron acenda a lmparina.

Hadrian ouviu o monge apalpar os objetos no escuro. Inclinou a cabeça, buscando algo que pudesse focalizar. Não havia coisa alguma. Era como se estivesse de olhos fechados. Myron riscou um pequeno bastão de metal contra o acendedor, e uma explosão de fagulhas iluminou o colo do monge. No clarão, Hadrian viu rostos que os encaravam no escuro. Surgiram por um instante e voltaram a desaparecer quando a luz se extinguiu.

Ninguém se mexeu ou falou enquanto Myron voltava a riscar a superfície inflamável. Dessa vez, o fogo pegou e o monge acendeu o pavio da lmparina. A luz revelou um corredor estreito, com cerca de apenas 1 metro e meio de largura, e um teto tão alto que se perdia na escuridão. Ao longo de ambas as paredes havia esculturas em relevo representando rostos, como se pessoas avançassem para vê-los por trás de uma cortina cinza. Como se captadas num momento de angústia eternamente petrificado, os rostos apavorantes olhavam para o grupo com bocas abertas e olhos esbugalhados.

— Passe a lmparina — pediu Royce, com uma voz suave.

No momento em que a lmparina se moveu das mãos de Myron para as de Royce, a luz iluminou mais rostos. Para Hadrian, eles pareciam gritar para os invasores, mas o corredor continuava tranqüilo e silencioso. Alguns estavam com os olhos esbugalhados de medo, outros os haviam fechado, como se não quisessem ver algo assustador demais.

— Alguém por aqui tem um gosto mórbido para decoração — disse Royce ao pegar a lamparina.

— Felizmente, são apenas esculturas. Imaginem se pudéssemos ouvi-las — comentou Alric.

— Por que acha que são esculturas? — perguntou Hadrian, esticando a mão a fim de tocar o nariz de uma mulher de olhar assombrado. Esperava sentir o calor da pele, e se sentiu aliviado quando seus dedos tocaram a pedra fria. — Talvez tenham soltado a pedra preciosa cedo demais.

Royce ergueu a lamparina.

— O corredor continua.

— Mais rostos? — perguntou Alric.

— Mais rostos — confirmou o ladrão.

— Pelo menos não estamos na chuva — disse Hadrian, tentando animar o grupo. — Poderíamos ainda estar lá at... — Ao se virar para trás, ele levou um susto. O corredor se estendia infinitamente. — Onde está o paredão que acabamos de atravessar? — Ele deu um passo e esticou os braços. — Não é uma ilusão. O corredor não tem fim.

Voltando-se para o grupo, Hadrian viu Royce apalpando ambas as laterais da passagem. Ao contrário do que acontecera no paredão, suas mãos não penetraram a superfície.

— É... isso vai tornar a coisa mais difícil — murmurou o ladrão.

— Deve haver outra saída, certo? — perguntou Alric com a voz um tanto trêmula.

O ladrão olhou para trás, depois para a frente, e suspirou.

— É melhor prosseguirmos na direção em que entramos. Alric, tome o seu anel de volta... embora eu não saiba que utilidade ele pode ter aqui dentro.

Royce conduziu o grupo pela passagem, atento a tudo que fosse suspeito. Supostamente, o corredor não tinha fim. Apesar de parecer perfeitamente reto e plano, Hadrian se perguntava se os anões não o teriam construído numa curva imperceptível, fechando-se em forma de círculo. Perguntava-se também quanto óleo haveria na lamparina de Myron. Em pouco tempo estariam num breu total.

A ausência de qualquer variação no ambiente impossibilitava avaliar a duração da caminhada. Após algum tempo, surgiu ao longe uma luminosidade. Uma luzinha subia, descia e ziguezagueava. À medida que a luz se aproximava, um eco de passadas firmes também parecia ficar mais próximo. Finalmente Hadrian conseguiu enxergar uma figura carregando uma lamparina. Era um sujeito alto e esbelto, e trajava uma armadura de escamas, comprida e com capuz. Por cima

da armadura, usava um tabardo vermelho e dourado, que brilhava à luz da lamparina. O tabardo exibia um brasão de armas formado por uma coroa celestial e um cetro cravejado de pedras preciosas sobre um escudo dividido em quatro partes e ladeado por leões enfurecidos. À cintura, o homem trazia uma espada bem polida e ornamentada, e na cabeça tinha um elmo pontudo e prateado, ricamente decorado com uma borda de folhas douradas de hera. Por baixo do elmo, os olhos eram escuros, e o semblante ainda mais sombrio.

— Por que estão aqui? — Seu tom de voz era acusatório e ameaçador.

Seguiu-se uma pausa, e então Royce respondeu:

— Estamos aqui para ver um prisioneiro.

— *Isso não é permitido* — respondeu ele com firmeza.

— Então Esrahaddon ainda vive? — perguntou Alric.

— *Não pronuncie esse nome!* — bradou a sentinela, olhando por cima do ombro em direção às trevas. — Não aqui...*já* aqui. Os senhores não deveriam ter vindo.

— Isso talvez seja verdade, mas agora estamos aqui e precisamos ver Esra... o prisioneiro — replicou Royce.

— Isso não será possível.

— Pois faça com que se torne possível — ordenou Alric, com um tom de voz alto e imperativo, destacando-se por trás dos demais. — Eu sou o rei Alric de Melengar, senhor da terra na qual você está. Não lhe compete dizer a mim o que é ou *não* é possível dentro dos limites do meu reino.

A sentinela deu um passo para trás e olhou para Alric com um ar crítico.

— Falta-lhe a coroa, *rei*.

Alric sacou a espada. A despeito do tamanho da arma, ele a manejou com destreza e a apontou para a sentinela.

— Posso não ter coroa, mas compenso a falta com a espada.

— De nada lhe serve essa espada. Os residentes deste lugar já não temem a morte. — Hadrian não sabia se tinha sido o peso das palavras da sentinela ou da espada, mas o fato foi que Alric baixou a arma. — Tem provas de sua condição?

Alric estendeu a mão fechada.

— Este é o selo de Melengar, símbolo da dinastia de Essendon e emblema deste reino.

A sentinela fitou o anel e assentiu.

— Se é o soberano deste reino, tem o direito de entrar. Mas saiba: aqui se pratica magia. Fará bem em me seguir de perto.

Ele deu meia-volta e os conduziu pelo mesmo caminho pelo qual chegara.

— Você reconhece o brasão de armas no tabardo do guarda? — sussurrou Hadrian para Myron enquanto seguiam a sentinela.

— Sim, é o brasão do Império Novroniano, usado pela guarda de Percepliquis. É muito antigo.

Para alívio de Hadrian, o guia os levou ao fim do corredor coberto de rostos. Alcançaram então uma imensa caverna, com o teto em formato de abóbada, esculpido na própria rocha e sustentado por pilares da mesma pedra. Tochas penduradas nas paredes revelavam a magnífica dimensão do recinto, que parecia grande o suficiente para conter toda a população de Medford. Cruzaram a caverna, atravessando pontes estreitas sobre precipícios e passando por arcos que se erguiam como grandes árvores cujos galhos sustentavam a montanha acima.

Não havia qualquer sinal de madeira, tecido ou couro. Tudo — cadeiras, bancos, mesas, prateleiras e portas — era de pedra. Fontes enormes, construídas igualmente de pedra, borbotavam água de nascentes invisíveis. As paredes e o piso careciam de tapeçarias e tapetes. Em vez disso, cada centímetro da pedra era entalhado com sinais intrincados: símbolos estranhos, com desenhos complexos e retorcidos. Alguns tinham sido esculpidos com mão pesada, ao passo que outros demonstravam sutileza. Em alguns momentos, Hadrian olhava de lado e achava que os sinais esculpidos se alteravam à proporção que eles avançavam. Então, olhando mais atentamente, descobriu que não se tratava de ilusão. As alterações eram sutis, como o movimento de teias de aranha, no rastro da passagem do grupo.

Seguiram adiante, e a sentinela que os escoltava não se detinha nem hesitava. Caminhava em ritmo acelerado, o que obrigava Myron, cujas pernas eram curtas, a quase correr para acompanhá-lo. Os passos do grupo reverberavam nas paredes da caverna de pedra. Os únicos outros sons que Hadrian ouvia eram vozes, murmúrios distantes de conversas escondidas, mas eram demasiado fracos e ele nada conseguia entender. Não havia como saber se os sons eram emitidos por habitantes camuflados pelos cantos ou se resultavam de alguma ilusão produzida pela pedra.

Mais além começaram a surgir outras sentinelas, perfiladas ao longo da trilha que seguiam. A maioria usava um traje idêntico ao do guia que os escoltava, mas outras, na parte central do cárcere, vestiam armadura negra com um brasão simples que estampava uma coroa quebrada. Elmos de aspecto sinistro escondiam os rostos desses indivíduos, perfilados em posição de sentido. Nenhum deles se mexia ou pronunciava uma palavra sequer.

Hadrian perguntou a Myron acerca do brasão de armas exibido por aqueles

homens.

— A pluma é usada pela antiga ordem dos cavaleiros de Seret — explicou o monge, falando baixo. — A ordem foi fundada oitocentos anos atrás, por lorde Darius Seret, incumbido pelo patriarca Linnev da missão de encontrar o Herdeiro de Novron. A coroa quebrada simboliza a dissolução do império que desejam restaurar.

Finalmente eles chegaram ao lugar que, imaginou Hadrian, seria o destino final. Entraram numa câmara de forma oval com uma porta incrivelmente alta ao fundo. Esculpida em pedra, ela era emoldurada por ornamentos brilhantes, finos como teias de aranha, que pareciam orgânicos. Como as nervuras de uma folha, ou brotos delicados e retorcidos de uma raiz, a moldura da porta se estendia até se perder nas sombras. De cada lado da porta havia obeliscos imponentes, com runas esculpidas na pedra chanfrada. Entre os obeliscos e a porta, labaredas azuis ardiam em braseiros suspensos em altos pedestais.

Um homem estava sentado numa cadeira suspensa, atrás de uma escrivaninha de pedra com quase dois metros de altura e ricamente ornada com arabescos. De cada lado da escrivaninha ardiam velas da grossura de um barril e duas vezes mais altas do que um homem. Tantas gotas de cera já haviam escorrido pela lateral delas, o que fez Hadrian deduzir que, originalmente, deviam ser da altura da grande porta.

— Visitantes — anunciou o guia ao escrívão, que, até aquele momento, estivera concentrado redigindo algo num livro gigantesco com uma pena preta. A barba grisalha do homem tocava o chão. Marcado de rugas profundas, seu rosto se assemelhava à casca de uma velha árvore.

— Como os senhores se chamam? — perguntou o escrívão.

— Eu sou Alric Brendon Essendon, filho de Amrath Essendon, rei de Melengar, senhor do reino, e quero uma audiência com o prisioneiro.

— E os outros? — O escrívão apontou os demais.

— São meus criados... os guardiões do rei e meu capelão.

O escrívão se levantou da cadeira e se inclinou para a frente, no intuito de examinar de perto cada integrante do grupo. Olhou nos olhos de cada um por alguns instantes antes de voltar ao assento. Molhou o bico da pena e virou a página do livro. Depois de escrever durante alguns instantes, perguntou:

— Por que deseja ver o prisioneiro? — Com a pena em prontidão, ele aguardou a resposta.

— Meus interesses não são da sua conta — respondeu Alric em um tom de voz monárquico.

— Isso talvez seja verdade. No entanto, o prisioneiro é da minha conta, e, se

pretende se encontrar com ele, o interesse é *meu*. Preciso saber qual é a sua intenção. Caso contrário, não posso permitir a entrada, seja você rei ou não.

Alric o encarou durante algum tempo antes de se render.

— Quero interrogá-lo acerca da morte do meu pai.

O escrivão refletiu sobre essas palavras, e então rabiscou algo na página do grande livro. Quando acabou, ergueu os olhos.

— Muito bem. Pode entrar na cela, mas terá de obedecer às nossas regras. Elas existem para sua própria segurança. O homem com quem deseja falar não é um indivíduo comum. Trata-se de uma entidade, um demônio milenar que conseguimos aprisionar aqui. Acima de tudo, nossa missão é mantê-lo confinado. Como pode supor, ele quer muito escapar. É astuto e está sempre nos testando. Busca constantemente uma falha, uma brecha ou uma fissura na rocha.

"Primeiro, prossigam diretamente até a cela. Não se detenham. Segundo, permaneçam na galeria. Não tentem descer até a jaula. Terceiro, e mais importante: jamais façam o que ele pedir. Não se deixem enganar. Ele é inteligente e ardiloso. Formulem as perguntas e então saiam. Entendido?"

Alric assentiu.

— E que Novron tenha piedade dos senhores.

No mesmo instante, as grandes portas rangeram ao longo da junção central e lentamente começaram a se abrir. O ruído áspero de pedra contra pedra ecoou até que, finalmente, as portas se escancararam. Diante deles havia uma longa ponte sobre um abismo. A ponte tinha 1 metro de largura, era lisa como vidro e não parecia mais espessa que uma folha de pergaminho. Ao final da ponte se erguia uma coluna de rocha negra. A torre era como uma ilha: sua única ligação visível com o mundo era aquela ponte frágil.

— Podem deixar a lanterna. Ela não será necessária — afirmou o escrivão. Royce assentiu, mas não a deixou para trás.

No momento em que cruzaram a soleira da porta, Hadrian ouviu o que soava como um canto fraco e melancólico, como se mil indivíduos entoassem um cântico fúnebre. A canção triste e opressiva trouxe à sua mente as piores lembranças e provocaram nele tamanha infelicidade que ele perdeu o ânimo. Seus pés ficaram pesados, sua alma seregelou. Avançar exigia grande esforço.

Depois que o grupo atravessou o batente, a porta começou a se fechar e acabou batendo, produzindo um estrondo. A câmara estava bem iluminada, embora a fonte de luz não fosse visível. Era impossível avaliar a altura e a profundidade do abismo. Ambas pareciam se estender infinitamente.

— As outras prisões são como *esta*? — perguntou Myron, a voz trêmula, enquanto eles começavam a atravessar a ponte passo a passo.

— Suponho que esta seja diferente — respondeu Alric.

— Acreditem, eu conheço prisões — disse Royce. — Esta aqui é diferente.

O grupo permaneceu calado durante a travessia. Hadrian vinha por último, atento a cada passada. Na metade da ponte, ele parou e olhou rapidamente para ver como os demais estavam se saindo. Myron mantinha os braços abertos como um equilibrista. Alric, meio agachado, tinha as mãos estiradas como se a qualquer momento pudesse precisar engatinhar. Royce, entretanto, avançava de cabeça erguida e olhava para os lados, examinando os arredores.

Apesar da aparência, a ponte era sólida. O grupo conseguiu atravessá-la e entrou na torre negra através de uma pequena abertura em forma de arco. Assim que a deixaram para trás, Royce deu meia-volta e se dirigiu a Alric.

— Foi um tanto descuidado ao revelar sua identidade lá na entrada, Majestade — disse ele, repreendendo o monarca. — Não me lembro de termos combinado que o senhor deveria chegar e logo dizer: "Querem saber? Eu sou o novo rei, venham me matar."

— Você não acha que há assassinos aqui dentro, acha? Eu bem que pensava que isso fosse uma armadilha, mas olhem só este lugar! Arista jamais poderia ter armado uma situação como esta. Você acha sinceramente que outras pessoas vão conseguir entrar pela porta do penhasco como nós fizemos?

— Acho é que não há razão para corrermos riscos desnecessários.

— Riscos desnecessários? Está falando sério? Não pensa que atravessar uma ponte estreita e escorregadia para cruzar um precipício insondável seja um risco? Assassinos são a menor das nossas preocupações.

— O senhor sempre dá tanto trabalho assim a quem o está protegendo?

A única resposta de Alric foi um olhar de desprezo.

O arco dava acesso a um corredor em forma de túnel, que, por sua vez, levava a um salão redondo. Construída como um anfiteatro, a galeria era composta por escadas e patamares com bancos de pedra que formavam anéis, uns sob os outros, o que atraía a atenção para o centro do recinto. Ao pé das escadas havia um balcão e, cerca de 6 metros abaixo, um palco circular. Depois que desceram as escadas, Hadrian constatou que o palco estava vazio, exceto por uma cadeira e o homem que nela se sentava.

Vindo do alto, um intenso fecho de luz branca iluminava a figura sentada. Ele não parecia muito velho, e os cabelos castanhos, caídos nos ombros, eram apenas ligeiramente grisalhos. Olhos escuros e taciturnos se encaixavam sob uma testa protuberante. Nas maçãs do rosto não havia sinal de pelos, o que surpreendeu Hadrian, pois os poucos bruxos e magos que conhecera usavam longas barbas como marca da profissão. Ele trajava um manto magnífico, cuja cor Hadrian

não conseguia determinar. O paramento brilhava, numa mescla de azul-escuro e cinza-esfumaçado, mas, nos pontos em que estava dobrado ou vincado, via-se um tom verde-esmeralda ou, às vezes, turquesa. O homem estava sentado, cercado pelo manto, com as mãos apoiadas no colo e escondidas pelas dobras do tecido. Parecia uma estátua, sem dar qualquer indicação de estar ciente da presença do grupo.

— E agora? — sussurrou Alric.

— Fale com ele — respondeu Royce.

O príncipe olhou ao redor, pensativo.

— Aquele homem lá embaixo não pode ter mil anos, pode?

— Não sei. Aqui dentro, tudo parece possível — disse Hadrian.

Myron olhou em volta do salão e ergueu os olhos em direção ao teto invisível com uma expressão sofrida.

— Aquele cântico... me fez lembrar da abadia, do incêndio, e parece até que estou ouvindo novamente os... gritos deles.

Hadrian tocou gentilmente o ombro de Myron.

— Ignore esse cântico — disse Royce ao monge, e em seguida se virou para Alric. — Tem de falar com ele. Não podemos ir embora até que faça isso. Agora, faça a pergunta que o trouxe aqui.

— O que devo dizer? Se ele for, de fato, um mago do antigo império... se, de fato, serviu ao último imperador, como devo abordá-lo?

— Pergunte o que ele anda fazendo — sugeriu Hadrian. A sugestão mereceu um sorriso forçado por parte de Alric. — Não... falando sério, olhe lá embaixo. É apenas ele e uma cadeira. Não há livros nem cartas, nada. Quase enlouqueci de tédio na Rosa e Espinho durante uma nevasca no inverno passado. Como acha que ele está se sentindo tendo passado *mil anos* sentado naquela cadeira?

— E como é que a pessoa não enlouquece ouvindo esse cântico o tempo todo? — acrescentou Myron.

— Certo. Já sei o que vou perguntar. — Alric se virou para se dirigir ao bruxo. — Desculpe-me pelo incômodo, senhor. — O homem sentado ergueu lentamente a cabeça e piscou, em reação à forte luz que vinha de cima. Parecia exausto, com um olhar pesado. — Desculpe-me por incomodá-lo. Eu sou Alric Ess...

— Sei bem quem és — interrompeu Esrahaddon. Seu tom era descontraído e sereno, e a voz, gentil e amena. — Onde está tua irmãa?

— Minha o quê?

— Vossa *irmana*, Arista.

— Ah! Minha *irmã*.

— *Ir-mã* — repetiu o bruxo atentamente, e suspirou, sacudindo a cabeça.

— Não está aqui.

— Por que não veio ela?

Alric olhou primeiro para Royce e em seguida para Hadrian.

— Pedei que viessemos em seu lugar — respondeu Royce.

Olhando para o ladrão, o mago perguntou:

— E quem és tu?

— Eu? Não sou ninguém — respondeu Royce.

Esrahaddon estreitou os olhos para encarar o ladrão e ergueu uma das sobranceiras.

— Talvez sim, talvez não.

— Minha irmã me instruiu a vir aqui falar com o senhor — disse Alric, voltando a atrair a atenção do mago. — Sabe por quê?

— Fui eu quem disse a ela que aqui o enviasse.

— Truquezinho legal, visto que está trancafiado dentro de uma rocha — observou Hadrian.

— *Legal?* — indagou Esrahaddon. — Queres dizer que se trata de algo legítimo? Porque nada vejo de ilegal na questão. — Os quatro homens reagiram com olhares de perplexidade. — Mas não pretendo me deter nisso. Arista concedeu-me a graça de sua presença durante um ano ou mais, ainda que seja difícil perceber a passagem do sol dentro deste buraco tenebroso. Ela se vê como estudante de magia, mas vosso mundo não promove escolas de magos. Uma grande necessidade levou-a a buscar meu conselho. Pedei-me que lhe ensinasse saberes há muito esquecidos. Dentro destas paredes estou trancafiado, e o tempo irrestrito corre entre meus dedos. Meu único alento é o som de minha própria voz. Então aquiesci, por piedade. Notícias do novo mundo vossa princesa me trouxe. Em contrapartida, ofereci-lhe dádivas... dádivas de sabedoria.

— Sabedoria? — perguntou Alric, preocupado. — Que tipo de sabedoria?

— Bagatelas. Vosso pai não esteve enfermo há pouco tempo? Um *lixir curadeiro* ensinei-lhe a preparar. — Todos olharam para ele, atônitos. O olhar de Esrahaddon se desviou. Ele parecia buscar algo. — Outro termo ela chamou. Era... — Seu rosto se contraiu no esforço da concentração até que, por fim, ele fez uma careta e balançou a cabeça.

— Elixir curandeiro? — perguntou Myron.

O mago olhou para o monge cuidadosamente.

— Deveras!

— O senhor ensinou a Arista o preparo de uma poção a ser ministrada ao meu pai?

— Assustador, não? Um demônio como eu... prescrevendo poções ao vosso rei. Contudo, veneno não fabriquei e morte não causei. Também ela se assustou, e a mim desafiou, e bebemos da mesma taça para comprovar a ausência de qualquer perversidade. Chifres não fiz crescer e mortes não causei, e vosso soberano sarou logo que bebeu.

— Isso não explica por que Arista me mandou vir aqui.

— A morte visitou vossa casa?

— Como sabe disso? Sim, meu pai foi assassinado — disse Alric.

O bruxo suspirou e assentiu.

— Previ que uma terrível maldição pesava sobre o destino de vossa família, mas ouvidos vossa irmã não me deu. Contudo, disse-lhe que aqui vos enviasse caso a morte acossasse ou acidentes se abatessem sobre a dinastia de Essendon.

Esrahaddon olhou diretamente para Hadrian, para Royce e então para Myron.

— Inocentes acusados são vossos companheiros? Pois assim a aconselhei: leais serão os acusados de atos tenebrosos.

— Então sabe quem matou meu pai?

— O nome não tenho e vidente não sou. Mas o arco do qual partiu a flecha é isento. Vosso pai morreu pela mão de um homem aliado ao inimigo que me detém.

— A Igreja de Nyphron — disse Myron baixinho, mas o mago escutou e seus olhos fitaram o monge.

— Por que a Igreja de Nyphron haveria de matar meu pai?

— Porque surdas e cegas são as paixões do homem quando o faro é aguçado. Atentos eles são e atentos escutam estas paredes, pois, apesar do ato benigno e caridoso, meus carcereiros pensaram que minha mão apontava para vosso pai como Herdeiro de Novron.

— Espere um instante — interrompeu Alric. — A Igreja não quer a morte do Herdeiro. O objetivo da existência dela é a restauração dele ao trono e a criação da Nova Era Imperial.

— Mil anos não arrancam a verdade da mentira. A morte pediu e a morte buscou o sangue do deus. Por uma verdade estou encarcerado.

— Como assim?

— Sozinho, amordaçado e enterrado, acorrentado num mausoléu forrado de

pedra, sou mantido preso. Testemunha dessa distorção da verdade sou, a única luz numa noite infinda. A Igreja, bastião da fé, serpente perversa cujas presas ceifaram a vida do imperador e de sua família... de toda a família, com uma exceção. Se o Herdeiro for encontrado, poderei testemunhar e provas contra a infâmia produzirei. Pois fui eu quem lutou para salvar o nosso senhor.

— A história que ouvimos é que *você* matou a família imperial e é o responsável pela destruição de todo o império — disse Hadrian.

— De onde partiu tal lenda? Da língua ferina de serpentes? Acredita, sinceramente, que um homem pode possuir tamanho poder?

— Por que acha que mataram o imperador? — indagou Alric.

— Não se trata de palpite. Não se trata de suposição. Falo de memória... tão clara como se fosse ontem. Eu *sei*. Foi então que salvei da morte pela ação de mãos devotas o único filho do imperador.

— Então está nos dizendo que viveu na época do imperador. Espera que acreditemos que tem mais de novecentos anos? — perguntou Royce.

— Falas em dúvidas, mas isso não tenho. Perguntas feitas, perguntas respondidas.

— Isso é *apenas* uma resposta, assim como isto aqui é *apenas* uma prisão — contra-argumentou Royce.

— Ainda não entendo o que tudo isso tem a ver com meu pai. Por que a Igreja haveria de querer a morte dele?

— Mantido vivo por força de encantamento estou, pois somente eu posso encontrar o Herdeiro. Estas serpentes esperam que eu escape e atire em suas mãos o rebento de Novron. Interesse nele demonstrei. Por bondade, honrei vosso pai, e, no afã de eximir almas sofridas de qualquer indicio de culpa, a Igreja eliminou o rei. Mais sangue manchará mãos vermelhas. Jamais esperei isso... e me admira a sede odiosa por eles demonstrada. E, portanto, adverti Arista quanto a perigos e portentos nefastos.

— E foi por isso que me trouxe aqui? Para me explicar tudo isso? Para que eu compreendesse?

— Não! Eu te convoquei, mas foi para outro propósito.

— E qual seria esse propósito?

O bruxo olhou para o grupo com um ar que revelava um toque de diversão.

— Fuga.

Ninguém disse coisa alguma. Myron se sentou num banco de pedra e sussurrou para Hadrian:

— Você tem razão. A vida fora da abadia é mais empolgante do que ficar lendo

livros.

— Quer que o ajudemos a fugir? — perguntou Royce, incrédulo. Estendeu as mãos abertas e olhou ao redor. — *Daqui?*

— É necessário.

— É também impossível. Já saí de várias situações difíceis na minha vida, mas nada que se compare a isto aqui.

— E pouco sabes. O que vês é o que há de mais simples. Paredes, guardas e o precipício são o de menos. Não imaginas os feitiços que me imobilizam! Fechaduras encantadas travam todas as portas deste lugar. Como fumaça e sonho, desaparecem subitamente. A ponte, também, já feneceu. Olha e vê... ela já não existe.

Cético, Royce ergueu uma sobrancelha.

— Alric, preciso do seu anel.

O príncipe entregou o anel ao ladrão, que subiu as escadas e desapareceu dentro do túnel. Passados alguns minutos, ele retornou e devolveu a jóia a Alric. Com um leve meneio de cabeça, Royce confirmou suas suspeitas.

Hadrian voltou a atenção ao mago, que prosseguiu:

— Mais infelicidade e temeridade apontam as runas que forram as paredes deste cárcere. A magia defende esta pedra ofensiva, e nem a força do golpe nem a sagacidade do mago são capazes de abrir o portal desta jaula detestável. O que tu ouves como eufonia distorcida, esse pranto lamuriento, é o que ofende o ouvido. Nesse emaranhado de símbolos encantados novos feitiços não podem se manifestar. Além disso, o que poderia frustrar a esperança e atormentar a mente mais que o fato de que o próprio tempo jaz cativo sob este pulso rancoroso, suspenso e imóvel? É por isso que os anos acenam ao passar, em fuga, jamais tocando esta caverna ou seus habitantes. Ao se juntar a mim, não envelheceste um fio de cabelo e tampouco sentireis fome ou sede... desde que aqui entrastes. Impactante, pois esta proeza, esta obra-prima da montanha, foi construída para abrigar uma única alma.

— Hein? — perguntou Alric.

— Ele disse que magia alguma opera aqui dentro e... e... que o tempo aqui não passa — explicou Myron.

— Eu não acredito — desafiou Alric.

— Levai a mão ao peito e procurai o batimento de vosso coração.

Myron espalmou os dedos sobre o tórax e soltou um pequeno guincho.

— E, com todos esses obstáculos, você espera que nós o ajudemos a escapar? — disse Hadrian.

O bruxo respondeu com um sorriso demoníaco.

— Embora queira muito saber como — disse Royce —, estou mais curioso ainda para saber por quê. Se todo esse esforço foi feito para prendê-lo aqui, é provável que tenham tido bons motivos. Você já nos disse o que queríamos ouvir. Já basta. Por que seríamos tolos a ponto de ajudá-lo a fugir?

— São poucas as opções.

— Nossas opções são muitas — contra-argumentou Alric com bravura. — Sou o rei e dito as ordens por aqui. Você é quem está sem poderes.

— Ah, não sou eu quem impede vosso caminho, ó príncipe. Dissestes bem, sem poderes estou... prisioneiro fraco e amarrado. É com nossos carcereiros que deveis argumentar. Embora cada palavra que proferimos seja avaliada e anotada, peço-vos que conclameis vossa soltura, e encontrareis tão somente o silêncio. Gritai e ouvi o eco ficar sem resposta. Presos comigo por paredes ou pela morte eles vos querem.

— Mas, se estão ouvindo, sabem que não sou o Herdeiro — disse Alric, mas a bravura em sua voz desaparecera.

— Chamai e constatai qual verdade prevalecerá.

A preocupação de Alric era visível em seu rosto enquanto ele olhava primeiro para Hadrian e depois para Royce.

— Talvez ele esteja certo — disse o ladrão em voz baixa.

A preocupação se transformou em pânico, e o príncipe se pôs a bradar comandos, exigindo liberdade. Não houve qualquer resposta, nem o som da grande porta se abrindo nem o da aproximação de guardas que os escoltassem até a saída. Todos, exceto o mago, pareciam preocupados. Alric esfregou as mãos, e Myron se levantou e segurou no corrimão do balcão, como se, caso o soltasse, o mundo pudesse escapar de suas mãos.

— Foi tudo uma armadilha afinal — disse Alric. E se virou para Royce. — Minhas desculpas por duvidar da sua paranóia, pois ela era procedente.

— Nem eu esperava por isto. Talvez haja outra saída.

Royce se sentou num dos bancos do anfiteatro e adotou o mesmo ar contemplativo de quando buscava um meio de entrar no cárcere.

Todos se mantiveram calados durante algum tempo. Finalmente, Hadrian se aproximou de Royce e murmurou:

— Então, parceiro, está na hora de você me dizer que tem um plano inusitado e mirabolante para nos tirar daqui.

— Bem, eu tenho um, mas ele parece tão assustador quanto a alternativa...

— E qual é esse plano?

— Vamos fazer o que o bruxo nos pede.

Olharam para o homem sentado lá embaixo. O manto dele exibia agora um novo tom de azul. Hadrian acenou para que os demais se acercassem e explicou o plano de Royce.

— Isso não seria um engodo? — perguntou Alric falando baixo. — O escrivão nos advertiu que não fizéssemos o que ele dissesse.

— Está se referindo àquele sujeito bonzinho que sumiu com a nossa ponte e se nega a nos deixar sair? — retrucou Royce. — Não vejo alternativa, mas, se algum de vocês tiver outra idéia, eu gostaria de saber.

— Eu só queria voltar a ouvir as batidas do meu coração — disse Myron, apalpando o peito com um ar pálido. — Isto é extremamente perturbador. Eu quase me sinto morto.

— Majestade?

Alric olhou para o ladrão com uma expressão de raiva.

— Eu apenas gostaria de registrar que, como um guardião real, você não é muito competente.

— É meu primeiro dia nessa função — respondeu Royce secamente.

— E aqui estou eu, preso num cárcere eterno. Estremeço só em pensar o que aconteceria ao final de uma semana...

— Escutem, não vejo alternativa para nós — disse Royce ao grupo. — Ou fazemos o que o mago diz, na esperança de que ele possa nos tirar daqui, ou aceitamos ficar aqui eternamente, ouvindo este canto pavoroso.

O cântico lamuriento era tão horrível que Hadrian sabia que, se continuasse escutando aquilo, acabaria louco. Tentava ignorá-lo, mas, como acontecia com Myron, o canto trazia lembranças desagradáveis de pessoas e lugares. Hadrian reviu a decepção estampada no rosto do pai quando ele saiu de casa para ingressar no Exército. Reviu o tigre ensangüentado, ofegante, agonizando aos poucos, e ouviu a voz de centenas de pessoas clamando o nome: "*Galenti!*" Chegara a uma conclusão: qualquer coisa seria melhor do que permanecer naquele lugar.

Royce se levantou e voltou ao balcão. Lá embaixo, o bruxo aguardava tranqüilamente.

— Suponho que, se ajudarmos na sua fuga, você vá garantir nossa saída também.

— Deveras.

— E não existe um meio de saber se você está dizendo a verdade, certo?

O bruxo sorriu.

— Lamentavelmente, não.

Royce suspirou de maneira audível.

— O que devemos fazer?

— Pouquíssimo. Basta que vosso príncipe, esse rei voluntarioso e ainda imaturo, recite alguns versos.

— *Versos?* — Alric empurrou Hadrian e se posicionou ao lado de Royce no balcão. — Que versos?

O mago se levantou e chutou de lado a cadeira, revelando quatro dísticos rabiscados no chão.

— É impressionante a beleza que o tempo pode ensejar — disse o mago visivelmente orgulhoso. — Lede, e assim será.

Hadrian leu mentalmente os versos bem iluminados pelo facho de luz que vinha de cima.

*O senhor deste reino e guardião da chave
Seu mentor prendeu, sem qualquer entrave.*

*Injusto, declaro, e a hora é chegada
De sua alma escapar desta morada.*

*Por virtude do dom que herdei,
Por direito inato, sou rei.*

*Proclamo, pois, por decreto real,
Livres Esrahaddon, o mago, afinal.*

- Como isso vai ser possível? — perguntou Alric. — Você disse que feitiços não funcionam aqui.

— Deveras, e tampouco sois feiticeiro. Estais tão somente concedendo liberdade, de acordo com o que a lei permite ao governante legítimo deste reino... leis baixadas antes do surgimento de Melengar, leis constituídas a partir de suposições falsas acerca da longevidade do poder e de quem poderia, com o tempo, vir a detê-lo. E, neste momento, neste lugar, sois o soberano legítimo. Sois o legítimo e indiscutível soberano desta terra, e, como tal, as trancas podem ser por vós abertas. Aqui travas e trancas são forjadas com palavras enfeitiçadas... palavras cujos significados se alteraram ao longo do tempo.

"Este cárcere, construído sobre o solo que outrora pertencia à potência imperial, diante da ausência do imperador assassinado, ajoelhou-se perante o patriarca da

Igreja de Nyphron. Dentro destas paredes não caiu um grão de areia que não marcasse a passagem do tempo sem o trovão da guerra. Exércitos marcharam e terras se dividiram, o império perdeu para o capricho dos guerreiros. Então, por meio de luta sangrenta, estas montanhas deram à luz Melengar, reino soberano, governado por nobre rei. Os privilégios outrora reservados apenas ao patriarca agora pertencem a vós. A vós, bom rei de Melengar, que detendes poderes para corrigir o erro há tanto tempo impune. Nove séculos de poeira enterraram a inteligência, caro rei, pois estes carcereiros já não sabem ler suas próprias runas!"

Ao longe, Hadrian ouviu o ranger de pedra sobre pedra. Fora da cela, a grande porta se abria.

— Pronunciai estas palavras, meu senhor, e acabai com novecentos anos de uma prisão injusta.

— De que vale isso? — perguntou Alric. — Este lugar está cheio de guardas. Como é que vamos sair daqui?

O bruxo exibiu um largo sorriso.

— Vossas palavras haverão de afastar a barreira do feitiço e permitir que eu volte a praticar a Arte.

— Você vai nos enfeitiçar. Vai é desaparecer!

O ruído de passos reverberou pela ponte, que, evidentemente, tinha reaparecido. Hadrian subiu correndo os degraus da galeria para verificar o interior do túnel.

— Os guardas estão vindo! E não parecem muito satisfeitos.

— Se vai fazer o que ele pede, é melhor agir logo — disse Royce a Alric.

— Estão com as espadas em punho! — gritou Hadrian. — Isso nunca é um bom sinal.

Com os olhos arregalados, Alric disse ao mago:

— Quero a sua palavra de que você não vai nos deixar aqui.

— Tendes minha palavra, meu senhor, com prazer. — O mago inclinou a cabeça em sinal de respeito.

— É bom que isto funcione — murmurou Alric e procedeu à leitura das palavras rabiscadas no chão lá embaixo.

Royce correu para o lado de Hadrian, posicionado à saída do corredor. Este pretendia se valer da falta de espaço dentro do túnel para limitar a vantagem numérica dos guardas, enquanto Royce se colocou logo atrás dele. Em uníssono, desembainharam suas espadas, preparando-se para o ataque iminente. Ao menos vinte homens invadiram a galeria. Hadrian logo reconheceu a expressão que ardia nos olhos dos guardas. Ele havia lutado incontáveis batalhas e conhecia as

mais diversas faces da luta. Já vira medo, precipitação, ódio e até loucura. O que agora avançava em sua direção era fúria, uma fúria cega e intensa. Hadrian observou o homem que liderava a investida, avaliando, pela seqüência de suas passadas, qual perna estaria à frente quando ele estivesse ao alcance de golpes. E fez o mesmo em relação ao homem que vinha atrás do primeiro. Preparando-se para atacar, ergueu as espadas, mas os guardas pararam. Hadrian esperou um instante, com as espadas ainda em riste, mas eles não avançavam.

— Vamo nos daqui. — Ele ouviu a voz de Esrahaddon, vinda de trás.

Hadrian deu meia-volta e constatou que o bruxo já não estava no palco do anfiteatro. Ele passara por Hadrian calmamente e ziguezagueava por entre guardas imobilizados.

— Vamos, vamos — chamou-os o bruxo.

Sem dizer uma palavra, o grupo se apressou em seguir o mago. Ele os conduziu pelo túnel e pela ponte, que havia reaparecido. Na prisão reinava um silêncio estranho, e foi então que Hadrian se deu conta de que a música tinha parado. O único som remanescente era o das passadas do grupo reverberando sobre o chão de pedra.

— Ficai tranquilos, pois os perigos passados já não procedem — disse Esrahaddon a eles com convicção.

Aceitaram a orientação e se mantiveram calados. Para passar pelo escrivão, que espiava através da grande porta, seriam obrigados a quase roçar seu rosto apavorado. No momento em que passava pelo sujeito, cuidando para não esbarrar, Hadrian viu que os olhos dele se mexiam. Tenso, perguntou:

— Eles podem nos ver ou ouvir?

— Não. De uma brisa fantasmagórica não passais, sois apenas um calafrio e uma baforada de ar.

O bruxo os guiou sem hesitação, dobrando aqui e ali, cruzando pontes e subindo escadas com total confiança.

— Será que estamos mortos? — sussurrou Myron, arregalando os olhos diante de cada guarda paralisado pelo qual passava. — Talvez estejamos *todos* mortos. Talvez sejamos fantasmas.

Hadrian chegou a pensar que Myron poderia estar certo. Tudo estava tão quieto, tão vazio. O movimento fluido do mago e seu manto esvoaçante, que agora emitia uma luz prateada, mais brilhante que qualquer lâmparina ou tocha, apenas intensificavam a atmosfera surreal.

— Não compreendo. Como isto é possível? — perguntou Alric, desviando de dois guardas vestidos de preto que vigiavam a terceira ponte. Ele abanou a mão na frente do rosto de um dos guardas, que não reagiu. — Foi você quem fez isso?

— É *ithinal*.

— Hein?

— Uma caixa mágica. O poder de alterar o tempo escapa ao entendimento do homem, pois o escopo é demasiado amplo, e o campo, demasiado extenso. Contudo, basta delimitar o espaço, confinar o efeito e domesticar a palavra selvagem. Nestas paredes, meus colegas de outrora teceram complexos feitiços. Para produzir magia e afetar o tempo, precisei apenas ajustar uma ou duas fibras do tecido para transcendermos nossa fase.

— Então os guardas não conseguem nos ver, mas isso não explica por que estão aí, parados — disse Hadrian. — Nós desaparecemos, e você escapou. Por que não estão nos procurando? Não deveriam estar trancando todas as portas para nos encerrar?

— Dentro destas paredes as areias do tempo estão trancadas para todos, exceto para nós.

— Você virou a coisa pelo avesso! — exclamou Myron.

Por cima do ombro, Esrahaddon dirigiu ao monge um olhar de aprovação.

— É a terceira vez que me impressionas. Como é mesmo teu nome?

— Ele ainda não se apresentou a você — respondeu Royce pelo monge.

— Demoras a confiar nas pessoas, não é mesmo, amigo do capuz negro? Isso é sábio. Deve-se mesmo lidar com cautela ao tratar com sábios e magos. — Esrahaddon piscou para o ladrão.

— Como assim, "virou pelo avesso"? — perguntou Alric. — Quer dizer que para eles o tempo parou enquanto nós seguimos livremente?

— Deveras. Embora o tempo ainda avance, o ritmo é bastante lento. Inconscientes eles permanecem, selados num instante perdido.

— Começo a ver por que tinham medo de você — disse Alric.

— Novecentos anos fiquei preso por ter salvado o filho de um homem a cuja proteção e assistência juramos entregar nossas vidas. Extremamente generosa será a recompensa que hei de oferecer, pois não há momento pior do que ficar preso por toda a eternidade.

Alcançaram a grande escadaria de acesso ao corredor de entrada e iniciaram a longa e exaustiva escalada pelos degraus de pedra.

— Como conseguiu se manter lúcido? — perguntou Hadrian. — Ou será que o tempo fluiu num instante, como um sonho... assim como está acontecendo com eles?

— Fluiu sim, mas não tão rapidamente, quando mensurado em séculos. A cada

dia uma batalha eu lutei. Paciência é talento que um praticante da Arte adquire. Contudo, houve momentos em que... bem, quem pode dizer o que é ser lúcido?

Quando se aproximaram do corredor dos rostos, Esrahaddon contemplou a extensão da passagem e fez uma pausa. Hadrian percebeu que o bruxo se contraiu.

— O que foi? — perguntou ele.

— Estes rostos, assim congelados, são dos operários que construíram este cárcere. Cheguei aqui no fim da construção. Uma cidade de barracas cercava o lago. Centenas de artesãos, com suas famílias, atenderam ao chamado e vieram fazer sua parte pelo imperador caído. Assim era o caráter de Sua Majestade Imperial. Todos lamentavam-lhe a morte, e poucos na vastidão do império não dariam a vida, de bom grado, por ele. Tachado de traidor, vi muito ódio naqueles olhos. Orgulhosos, eles construíram meu mausoléu.

O olhar do bruxo percorria cada rosto.

— Reconheço alguns deles: pedreiros, escultores, cozinheiros e as esposas. A Igreja, com receio de que segredos escapassem de lábios inocentes, assim os congelou. Todos os que aqui vedes foram ludibriados por uma mentira. Quantos morreram? Quantas baixas para que fosse guardado um segredo que nem um milênio foi capaz de obliterar?

— Não tem porta lá embaixo — advertiu Alric ao mago.

Esrahaddon ergueu os olhos para ele, como se despertasse de um sonho.

— Não sejas tolo. Entrastes por uma porta — disse ele, e os conduziu pelo corredor com passadas firmes. — Estáveis apenas fora da fase.

Ali, no local mais escuro do cárcere, o manto de Esrahaddon se tornou ainda mais luminoso, fazendo-o parecer um vaga-lume gigantesco. Logo, chegaram diante de um paredão de pedra e, sem hesitar ou se deter, Esrahaddon o atravessou. Os demais o seguiram às pressas.

A luz brilhante de uma bela manhã de outono quase os cegou no momento em que cruzaram a barreira. O céu azul e o ar frio e fresco foram muito bem-vindos. Hadrian respirou fundo e se alegrou com o aroma da relva e das folhas caídas, odor que ele nem sequer notara antes de entrar no cárcere.

— É estranho. Deveria ser noite e estar chovendo, acho. Não estivemos lá dentro por mais do que algumas horas, não é?

Esrahaddon encolheu os ombros e reclinou a cabeça para contemplar o sol. Em seguida, respirou fundo diversas vezes, suspirando de felicidade cada vez que expirava.

— Inesperados são os ganhos do tempo mutante. Que dia será? Convém indagar.

Hoje, amanhã ou depois de amanhã. É possível que dezenas ou centenas tenham passado. — O mago pareceu se divertir com a expressão assustada estampada no rosto do grupo. — Não vos preocupeis. É provável que apenas algumas horas tenham corrido.

— Isso é bastante desagradável — disse Alric. — Perder a noção do tempo.

— Deveras, pois eu perdi novecentos anos. Todos os que conheci estão mortos, o império se foi, e quem sabe em que estado se encontra o mundo. Se o que vossa irmã contou é verdade, muita coisa mudou.

— A propósito — disse Royce —, ninguém usa palavras como *deveras* ou *outrora*. E já não se emprega *vós* e *tu* como você faz.

O mago refletiu sobre a questão durante alguns instantes e então assentiu.

— No meu tempo, cada classe tinha seu modo de falar. Pensei que fôsseis de uma classe inferior e, no caso do rei, que fosse pouco instruído.

Alric arregalou os olhos.

— E você quem fala estranho, não nós.

— Deveras. Então, precisarei falar como... *vocês*. Embora esse modo de falar seja... grosseiro e inadequado.

Hadrian, Royce e Myron se ocuparam em selar os cavalos, que continuavam exatamente no local onde tinham sido deixados. Myron sorriu, visivelmente feliz por estar, mais uma vez, em contato com os animais. Ele os afagava ao mesmo tempo que se perguntava como amarrar a cilha.

— Não temos cavalo sobrando, e Hadrian já tem gente na garupa — explicou Alric, olhando para Royce, que não deu o menor sinal de aquiescência. — Pelo jeito, Esrahaddon vai ter de cavalgar comigo.

— Desnecessário será, pois seguirei meu próprio caminho.

— Ah, isso não. Você vem comigo. Temos muito o que conversar. Você foi conselheiro do imperador e evidentemente acumula talentos e saberes. Preciso muito de uma pessoa como você. Esrahaddon será conselheiro real.

— Não, tal coisa seria um choque para nós... — Ele suspirou, e então prosseguiu: — Não, *isso* seria um choque para... *você*... mas não escapei para lhe prestar auxílio com *seus* problemas ínfimos. De questões mais prementes devo me ocupar, questões das quais me distanciei por tempo demasiado.

O príncipe ficou estupefato.

— Que tipo de questão pode ter depois de passados novecentos anos? Afinal, não me diga que precisa ir para casa cuidar do seu rebanho. Se for uma questão de remuneração, saiba que será bem pago e que vai viver com todo o luxo que eu puder oferecer. E, se acha que pode ganhar mais em algum outro lugar, saiba

que apenas o rei Ethelred, de Warric, é capaz de oferecer tanto quanto eu, e não queira trabalhar para um sujeito desses... pode acreditar. O homem é um imperialista radical, além de fiel servo da Igreja.

— Não busco remuneração.

— Não? Veja o seu estado. Você não tem nada... não tem comida nem onde dormir. Acho que deve avaliar melhor a sua situação antes de rejeitar a minha oferta. Além disso, até por gratidão você deveria me ajudar.

— Gratidão? Será que o significado desta palavra também mudou? No meu tempo, isso significava demonstrar reconhecimento por um favor prestado.

— E ainda significa. Eu o salvei. Eu o libertei daquele lugar.

Esrahaddon ergueu uma das sobranceiras.

— Vós... *você* me libertou para conquistar a *sua* liberdade. Nada devo a *você* e, se devesse, já teria quitado a dívida quando o libertei.

— Mas o único motivo que me trouxe aqui foi a possibilidade de obter sua colaboração. Estou herdando um trono em consequência de um assassinato! Ladrões me raptaram e me arrastaram pelo reino nos primeiros dias do meu reinado. Ainda não sei quem matou meu pai nem como encontrar os assassinos. Preciso de ajuda. Você deve saber centenas de coisas que as grandes mentes de hoje desconhecem...

— Milhares... mas não vou com *você*. Precisa cuidar do seu reino. Meu caminho me leva a outros lugares.

Alric enrubesceu de tanta frustração.

— Insisto que me acompanhe e se torne meu conselheiro. Não posso permitir que se vá. Quem pode saber que problemas é capaz de causar? Você é uma pessoa perigosa.

— Sim, deveras, caro príncipe — disse o bruxo, e seu tom de voz se tornou grave.

— Então permita-me oferecer-lhe um conselho gratuito: não empregue a palavra *insistir* quando se referir a mim. Por ora você está lidando apenas com um chuveiro. Não provoque um dilúvio.

Alric se contraiu.

— Quanto tempo vai demorar até que a Igreja comece a procurá-lo? — perguntou Royce calmamente.

— O que estás... — O mago suspirou. — O que *você* está insinuando?

— Você trancou tudo dentro do cárcere para que ninguém perceba que escapou. Mas, se voltarmos e começarmos a nos gabar de termos propiciado a sua libertação, a busca não vai tardar — disse Hadrian.

O mago o encarou.

— Está me ameaçando?

— Por que eu faria uma coisa dessas? Como já sabe, não tenho nada a ver com isso. Sem falar que seria uma imbecilidade ameaçar um bruxo. Mas o negócio é o seguinte: o rei, nosso amigo aqui, não é tão esperto como eu. Pode se embriagar e começar a contar histórias na primeira taverna em que chegarmos, como os nobres costumam fazer. — Esrahaddon olhou para Alric, cujo rosto, antes ruborizado, agora se tornava pálido. — O fato é que fizemos toda esta jornada para descobrir quem matou o pai de Alric, e sabemos pouco mais do que sabíamos antes de partir.

Esrahaddon deu um sorrisinho displicente.

— Muito bem. Por piedade, como morreu seu pai?

— Foi esfaqueado — explicou Alric.

— Com que tipo de faca?

— Um punhal militar... comum. — Alric fez um gesto, mantendo as mãos separadas cerca de 30 centímetros. — Mais ou menos deste tamanho. A lâmina era chata e o cabo arredondado.

Esrahaddon assentiu.

— Onde ocorreu o esfaqueamento?

— Na capela real.

— Em que parte do corpo?

— Ah, no alto das costas, do lado esquerdo, acho.

— Há janelas ou portas laterais na capela?

— Não.

— Quem encontrou o corpo?

— Estes dois aqui. — Alric apontou para Royce e Hadrian.

O mago sorriu e balançou a cabeça.

— Não, além deles, quem anunciou a morte do rei? Quem deu o alarme?

— Foi o capitão Wylín, meu mestre de armas. Ele chegou rapidamente à cena e capturou estes dois.

Hadrian se lembrou da noite em que o rei Amrath tinha sido morto.

— Não, não foi assim. Havia um anão lá. Ele deve ter entrado no corredor no momento em que saíamos da capela. Deve ter visto o corpo do rei no chão, e então começou a gritar. Depois disso, os soldados apareceram... com uma presteza surpreendente, devo mencionar.

— Aquele era Magnus — disse Alric. — Faz meses que trabalha como pedreiro no castelo.

— Vós vistes... *vocês viram* esse anão vindo pelo corredor? — perguntou o mago.

— Não — respondeu Hadrian, e Royce confirmou a resposta, sacudindo a cabeça.

— E, quando *vocês* entraram na capela, o corpo do rei era visível da porta?

Hadrian e Royce sacudiram a cabeça.

— Então está tudo resolvido — disse o mago, como se tudo estivesse totalmente esclarecido. Confuso, o grupo olhou para ele. Esrahaddon suspirou. — O anão matou Amrath.

— Não é possível — disse Alric em tom de desafio. — Meu pai era um homem alto, e a punhalada foi desferida de cima para baixo. Um anão não poderia tê-lo apunhalado no alto das costas.

— Seu pai estava na capela, como um monarca devoto, ajoelhado e com a cabeça inclinada. O anão o matou enquanto ele rezava.

— Mas a porta estava trancada quando entramos — disse Hadrian. — E não havia mais ninguém no recinto além do rei.

— Ninguém que *vocês* pudessem ver. A capela tem um altar, com um sacrário?

— Tem, sim.

— Assim como tinham as capelas há mil anos. As religiões mudam lentamente. O sacrário provavelmente é pequeno demais para acomodar um homem, mas não para um anão. Depois que matou o rei, ele trancou a porta e esperou até que *vocês* encontrassem o corpo. Estando a porta trancada, nenhum guarda noturno ou criado encontraria o corpo antes da hora. Somente um ladrão habilidoso poderia entrar na capela, o que, suponho eu, um de *vocês* dois é. — Ele olhou diretamente para Royce ao pronunciar essas últimas palavras. — Depois que *vocês* saíram, o anão deixou o sacrário, abriu a porta e soou o alarme.

— Então o anão é agente da Igreja?

— Não. — O mago suspirou com um olhar frustrado. — Anão algum levaria consigo um reles punhal. As tradições dos anões mudam mais lentamente ainda que as da religião. O punhal foi dado por aquele que o contratou. Se encontrarem tal pessoa, terão encontrado o verdadeiro assassino.

Perplexos, todos olharam para o mago.

— Isso é incrível — disse Alric.

— Não, não foi tão difícil concluir. — O mago inclinou a cabeça em direção ao desfiladeiro. — *Duro* foi escapar. *Duro* é falar como *vocês* falam. Elucidar o

assassinato do rei Amrath foi... macio?

— Macio? — disse Hadrian. — Você quer dizer...*fácil*.

— Como pode *fácil* ser o antônimo de *duro*? Sentido não há.

Hadrian deu de ombros.

— Mas é isso mesmo.

Esrahaddon pareceu decepcionado.

— Lamentavelmente, esta é toda a assistência que posso oferecer quanto à questão. Por conseguinte, agora seguirei meu caminho. Como eu disse, tenho assuntos a tratar. Minha ajuda terá sido o bastante para impedir que alguém dê com a língua nos dentes?

— Dou-lhe a minha palavra — disse Alric, estendendo-lhe a mão.

O mago olhou para a mão aberta de Alric e sorriu.

— Vossa palavra me basta.

Deu meia-volta e, sem mesmo um gesto de despedida, pôs-se a descer o morro.

— Você vai a pé? Este lugar aqui fica no fim do mundo — gritou Hadrian para ele.

— Estou ansioso por fazer a jornada — respondeu o bruxo sem olhar para trás. Descendo pela velha estrada, ele fez a curva e desapareceu.

Os demais montaram em seus cavalos. Myron parecia agora mais à vontade com os animais e, confiante, subiu na garupa com Hadrian. Nem se preocupou em segurar firme até o momento em que começaram a descer o desfiladeiro, regressando pela mesma direção em que haviam chegado. Hadrian supunha que haveriam de passar por Esrahaddon durante a descida, mas chegaram lá embaixo sem vê-lo.

— Sujeito extraordinário, não acha? — perguntou Hadrian, ainda procurando sinais da presença do bruxo.

— O modo como consegui sair daquele lugar me leva a questionar o que fizemos hoje ao libertá-lo — disse Royce.

— Não é para menos que o imperador foi tão bem-sucedido — disse Alric, franzindo o cenho e torcendo as pontas das rédeas. — Mas a coisa não deixou de ser ultrajante. Vocês sabem, não costumo estender a mão, mas, quando o faço, espero que ela seja aceita. A reação dele foi um insulto.

— Não sei se foi grosseria da parte dele não apertar a sua mão. Acho que ele não podia — disse Myron. — Apertar sua mão, quero dizer.

— Por que não?

— O livro *Cartas recolhidas de Dioylion* inclui um trecho sobre o encarceramento de Esrahaddon. A Igreja mandou decepar as mãos dele para limitar sua capacidade de lançar feitiços.

— Ah! — disse Alric.

— Por que tenho a sensação de que esse tal Dioylion não morreu de causas naturais? — perguntou Hadrian.

— Ele deve ser um daqueles rostos na parede do corredor — comentou Royce, esporeando o cavalo morro abaixo.

Capítulo 6

REVELAÇÕES AO LUAR



- Disseram que estava me procurando, tio? — disse a princesa Arista, entrando no gabinete. Vinha seguida do guarda-costas Hilfred, que, obedientemente, perfilou-se à porta. Ainda de luto pela morte do pai, ela vestia uma elegante túnica preta com um colete prateado. De postura ereta e alta, sempre de cabeça erguida, ela mantinha o ar monárquico.

O arquiduque Percy Braga se levantou quando ela entrou.

— Sim, quero lhe fazer algumas perguntas. — Ele retomou o assento atrás da escrivaninha. O tio também trajava preto. O gibão, a capa e o chapéu eram de veludo, o que fazia ressaltar, mais do que nunca, a corrente de ouro que lhe designava o nível hierárquico. Seus olhos pareciam cansados pela falta de sono, e em seu rosto se via a sombra da barba por fazer.

— É mesmo? — disse ela, encarando-o. — Desde quando o lorde conselheiro convoca a regente para um interrogatório?

Percy ergueu os olhos e também a encarou.

— Não há provas da morte do seu irmão, Arista. Você ainda não é a regente.

— Não há provas? — Ela foi até a mesa central do gabinete, coberta por mapas do reino. Os mapas, por sua vez, estavam cobertos de bandeirinhas indicando os locais onde patrulhas, pelotões e companhias faziam buscas. Ela pegou um manto sujo sobre a mesa que exibia o brasão de armas de Essendon, com a figura do falcão. Enfiando os dedos nos buracos abertos na parte posterior do manto, ela o atirou sobre a escrivaninha. — Como chama isto aqui?

— Chamo de manto — respondeu o arquiduque asperamente.

— Este manto é do meu irmão, e estes buracos parecem indicar que um punhal ou uma flecha o penetrou. Os dois homens que mataram meu pai também mataram Alric. E atiraram o corpo dele no rio. Meu irmão está morto, Braga! Eu ainda não ordenei minha coroação apenas porque estou respeitando o devido

período de luto. Esse período logo chegará ao fim, portanto, veja bem como fala comigo, tio, ou posso esquecer nossos laços de sangue.

— Enquanto não encontrar o corpo, Arista, devo supor que seu irmão esteja vivo. Sendo assim, ele ainda é o governante legítimo, e continuarei a fazer tudo o que estiver ao meu alcance para encontrá-lo, a despeito de sua interferência. Devo isso a seu pai, que me confiou a posição que ocupo.

— Caso não tenha percebido, meu pai está morto. É melhor o senhor prestar mais atenção aos vivos, ou não será lorde conselheiro de Melengar por mais muito tempo.

Braga começou a dizer algo e então se deteve, inspirando profundamente para se acalmar.

— Você vai responder às minhas perguntas ou não?

— Pode fazer as perguntas. Eu decido depois que as ouvir.

Tranqüilamente, ela voltou à mesa onde estavam os mapas e se sentou sobre o tampo. Cruzou as longas pernas à altura dos tornozelos e, absorta, examinou as próprias unhas.

— O capitão Wylin relatou que concluiu o interrogatório dos carcereiros que trabalham na masmorra. — Braga se levantou da escrivaninha, colocando-se diante de Arista. Em suas mãos, ele tinha um pergaminho para o qual olhou, como referência. — Wylin informa que você visitou os prisioneiros depois que seu irmão e eu os deixamos. Diz também que você levou consigo dois monges, os quais foram, mais tarde, encontrados amordaçados e presos no lugar dos prisioneiros. Isso é verdadeiro?

— Sim — respondeu ela sem rodeios. O arquiduque continuou a encará-la, e o silêncio cresceu entre os dois. — Sou uma mulher supersticiosa, e queria me certificar de que eles receberiam a extrema-unção para que suas almas não penassem depois da execução.

— Consta que você tenha dado ordens para que os prisioneiros fossem retirados dos ferros que os prendiam. — Braga deu mais um passo em direção a ela.

— Os monges me disseram que os prisioneiros precisavam se ajoelhar. Não vi mal algum naquilo. Eles estavam dentro de uma cela, com um exército de guardas do lado de fora.

— Consta ainda que você tenha entrado na cela com os monges e dado ordens para que a porta fosse fechada.

O arquiduque deu mais um passo. Estava agora constrangedoramente próximo, estudando seus gestos e suas expressões.

— Consta, por acaso, que deixei a cela antes dos monges? Ou que eu não estava

lá quando os brutamontes os agarraram? — Arista deu um pulo da mesa, obrigando o tio a dar um passo para trás. Então passou por ele e se dirigiu à janela, de onde se avistava o pátio interno do castelo. Um homem cortava e empilhava lenha para o inverno iminente. — Admito que não foi a coisa mais inteligente que fiz na vida, mas nunca pensei que pudessem escapar. Eram apenas dois! — Ela continuou a olhar pela janela, ainda com ar distraído. Seu olhar se desviou do lenhador para as árvores, que já haviam perdido todas as folhas. — Então, é só isso que deseja saber? Tenho a permissão do conselheiro para voltar às minhas tarefas de rainha deste reino?

— Certamente, minha cara. — O tom de voz de Braga se tornou mais cálido. A princesa se afastou da janela e se encaminhou para a saída. — Ah, mas ainda tem uma coisa.

Arista parou no batente da porta e olhou por cima do ombro.

— O que é?

— Wylín informa, também, que o punhal que foi utilizado para matar seu pai desapareceu. Você faz idéia de onde ele esteja?

Ela se virou para encará-lo.

— O senhor agora está me acusando de roubo?

— É apenas uma pergunta, Arista. — O arquiduque mal conseguia esconder a irritação. — Não precisa ser tão impertinente comigo. Estou apenas tentando fazer o meu trabalho.

— O seu trabalho? Acho que está indo muito além do seu trabalho. Não, eu nada sei sobre o punhal, e pare de me importunar com acusações disfarçadas de perguntas. Se fizer isso novamente, nós vamos ver quem manda aqui!

Indignada, Arista se retirou do gabinete de Braga, seguida por Hilfred, que precisou dar uma corrida para acompanhá-la. Ela atravessou a torre e seguiu diretamente aos seus aposentos. Depois de ordenar a Hilfred que guardasse a porta, subiu correndo a escada até a sua torre particular. Entrou em seu quarto, bateu a porta e a trancou com um toque da pedra preciosa que pendia de seu colar.

Parou ofegante, pressionando as costas contra a porta. Tentou se recompor. Parecia que o recinto balançava como um arbusto ao vento. Nos últimos tempos, essa sensação se tornara freqüente. Era como se o mundo rodopiasse em torno dela. E, no entanto, aquele local era seu santuário, seu refúgio. Ali a princesa se sentia segura, ali guardava seus segredos, ali podia praticar sua magia e sonhar seus sonhos.

Embora fosse uma princesa, seu quarto era bastante modesto. Ela já vira os aposentos de filhas de condes, e até uma baronesa dispunha de cômodos mais

requintados. Em comparação, seu quarto era um tanto pequeno e austero. Isso era, no entanto, opção dela. Poderia ter escolhido aposentos mais espaçosos, ou ricamente decorados, mas preferiu a torre por causa do isolamento e das três janelas, de onde era possível vislumbrar todas as terras que cercavam o castelo. Cortinas pesadas, em tom grená, encobriam as paredes de pedra, do chão ao teto. Esperara que as cortinas impedissem a entrada do frio, mas, infelizmente, não era o caso. As noites de inverno costumavam ser extremamente frias, apesar das tentativas de manter a pequena lareira acesa. No entanto, as cortinas faziam o ambiente parecer mais confortável e quente. Sobre um pequeno leito com dossel havia quatro almofadas imensas. O espaço não permitia uma cama maior. Ao lado dela havia uma mesinha, com uma jarra dentro de uma bacia. Ao lado ficava o guarda-roupa, que a mãe legara a ela junto com um baú. O baú, de construção sólida e dotado de uma grande fechadura, ficava ao pé da cama. Os únicos outros itens de mobiliário do quarto eram uma penteadeira, um espelho e uma pequena cadeira.

Ela atravessou o quarto e se sentou à penteadeira. O espelho que ficava ao lado tinha um desenho exuberante. O cristal era de rara limpidez, e a moldura lateral era constituída por dois elegantes cisnes nadando em direções opostas. Também o espelho pertencera à sua mãe. Ela se recordava, com afeto, das noites em que, sentada diante dele, observava a mãe pentear seus cabelos. Sobre a mesa ela guardava a coleção de escovas, que eram muitas, provenientes de cada reino visitado por seu pai em missão oficial, e incluíam uma com cabo de pérolas, vinda de Wesbaden, e uma de ébano com cerdas de espinhas de peixe, da exótica cidade portuária de Tur Del Fur. Agora, ao olhar as escovas, ela se lembrava dos tempos em que seu pai voltava para casa com uma das mãos escondida nas costas e um brilho no olhar. O espelho com os cisnes e as escovas de cabelo eram tudo que restara de seus pais.

Com um gesto brusco, ela lançou as escovas pelo chão do quarto. *Por que teve de chegar a este ponto?* Começou a chorar baixinho; já não importava. Ainda tinha coisas a fazer. Dera início a determinadas ações que, agora, precisavam ser concluídas. Braga estava ficando cada dia mais desconfiado... o tempo urgia.

Ela destrancou e abriu o baú, retirando uma trouxa de pano roxo ali escondida. Que ironia, pensou, o fato de tê-lo usado. Naquele pedaço de tecido seu pai embrulhara a última escova que lhe dera. Colocou a trouxa sobre a cama e, cuidadosamente, abriu-a, expondo o punhal de cabo arredondado. A lâmina ainda estava manchada com o sangue de seu pai.

— Só falta um serviço para você — disse ela à faca.

A taverna Jarra de Prata era um chalé simples, localizado nas cercanias da

provincia de Galilin. A parte inferior era construída de pedra bruta e argamassa. Vigas de carvalho, caiadas de branco, sustentavam o espesso telhado de sapê, cinzento de tão velho. Nas laterais, janelas confeccionadas com painéis de vidro de má qualidade, cortados em formato de losango, encimavam arbustos de heldaberry. Havia vários cavalos amarrados a estacas e outros tantos no interior de um pequeno estábulo, ao lado da taverna.

— Parece um local bem freqüentado, se considerarmos que fica tão longe de tudo — comentou Royce.

Rumando para leste, o grupo viajara o dia inteiro. Como sempre, a jornada por regiões inóspitas tinha sido fatigante. No momento em que o crepúsculo caiu, chegaram às terras cultivadas de Galilin. Passaram por campos arados e por prados até finalmente se depararem com uma pequena estrada. Como nenhum deles sabia ao certo onde estavam, decidiram seguir pela tal estrada até alcançar algum marco. Para grata surpresa deles, a taverna Jarra de Prata foi a primeira construção que encontraram.

— Bem, Majestade — disse Hadrian —, o senhor certamente poderá voltar ao castelo a partir deste local... se ainda for essa a sua intenção.

— É mesmo hora de voltar — disse Alric —, mas primeiro preciso comer. Esta taverna serve comida decente?

— Isso lá importa? — Hadrian riu. — A esta altura, um rato morto há três dias já serviria. Vamos, podemos, ao menos, compartilhar uma refeição. E, como você não tem dinheiro no bolso, eu o convido. Espero que permita que eu deduza o gasto do meu imposto a pagar.

— Não será preciso. A gente acrescenta a despesa ao preço do serviço — interveio Royce. Ele olhou para Alric e acrescentou: — Não esqueceu que ainda nos deve cem coroas, esqueceu?

— Vocês serão pagos. Vou pedir ao meu tio que separe o dinheiro. Poderão pegá-lo no castelo.

— Espero que não se importe se esperarmos alguns dias... só para não corrermos riscos.

— Claro que não — concordou o príncipe.

— E se enviarmos um emissário para receber o dinheiro em nosso nome? — perguntou Royce. Alric o encarou. — Um emissário que não saiba onde estamos caso ele seja capturado?

— Ora! Por favor, vocês não estão exagerando um pouco na cautela agora?

— Nunca se pode falar em cautela demais — respondeu Royce.

— Olhem! — gritou Myron de repente, apontando para o estábulo.

Os três deram um salto, assustados com a impulsividade do monge.

— Ali tem um cavalo *marrom!* — disse o monge, espantado. — Eu não sabia que existia cavalo marrom!

— Pelo amor de Mar, monge! — Alric sacudiu a cabeça, gesto copiado por Royce e Hadrian.

— Eu... não sabia — disse Myron timidamente. A empolgação, no entanto, ainda era visível quando ele acrescentou: — Em que outras cores eles vêm? Existe cavalo verde? Azul? Como eu gostaria de ver um azul.

Royce entrou e retornou alguns minutos depois.

— Não vi problema algum. Está um pouco cheio, mas não vejo nada fora do comum. Alric, mantenha o capuz sobre a cabeça e gire o anel para que o selo fique voltado para baixo, ou, melhor ainda, retire o anel do dedo até chegar ao castelo.

Logo à entrada da taverna havia um pequeno vestibulo de pedra, onde diversos mantos e casacos pendiam de uma floresta de ganchos presos à parede. Sobre uma prateleira via-se um punhado de bengalas, de vários tamanhos e formatos. E acima dela havia outra, contendo uma variedade de chapéus e luvas surradas.

Assim que cruzaram a porta, Myron se pôs a admirar o recinto.

— Eu li acerca de tavernas — disse ele. — No livro *Os contos dos peregrinos*, um grupo de viajantes passa a noite em uma, onde resolvem contar histórias de suas andanças, apostando para ver qual seria a melhor de todas. E um dos meus livros prediletos, embora o abade não gostasse muito que eu o lesse. O livro é um pouco indecente. Aquelas páginas contêm diversos relatos sobre mulheres... relatos nem sempre elogiosos. — Myron examinou a aglomeração com entusiasmo. — Há mulheres aqui?

— Não — respondeu Hadrian, desanimado.

— Ah... eu queria ver uma mulher. Elas ficam trancadas, como tesouros?

Hadrian e os outros apenas riram.

Myron olhou para eles, perplexo, e então encolheu os ombros.

— Mesmo assim, isto aqui é incrível. Tanta coisa para ver! Que cheiro é esse? Não é comida, é?

— Fumaça de cachimbo — explicou Hadrian. — Provavelmente não era uma atividade comum na abadia.

Cerca de meia dúzia de mesas enchiam o pequeno recinto. Uma lareira de pedra, ligeiramente torta e com caçarolas prateadas penduradas em ganchos, dominava uma das paredes. Ao lado ficava o bar, construído com troncos de madeira bruta ainda com a casca. Havia no local mais ou menos 15 homens,

alguns dos quais observaram com interesse a entrada do grupo. A maioria era um tanto brutalhada: trabalhadores braçais e latoeiros. A fumaça de cachimbo vinha de um grupo de sujeitos mal-humorados sentados perto do bar, e uma nuvem da mesma fumaça pairava à altura dos olhos por todo o ambiente, produzindo um odor denso, que se mesclava ao cheiro de madeira queimada na lareira e de pão assando. Royce os conduziu a uma mesa redonda e vazia perto da janela, de onde podiam ver os cavalos do lado de fora.

— Vou pedir alguma coisa para nós — ofereceu-se Hadrian.

— Que belo lugar! — declarou Myron, correndo os olhos pelo recinto.

— Tanta coisa acontecendo, tanta conversa. Na abadia não era permitido falar durante as refeições, portanto imperava um silêncio sepulcral. É claro que a gente burlava a regra recorrendo à linguagem de sinais. Isso deixava o abade louco, pois deveríamos concentrar nossa atenção em Maribor; mas há momentos em que simplesmente é preciso pedir a alguém que passe o sal.

Assim que chegou ao balcão, Hadrian sentiu que alguém se aproximava ameaçadoramente por trás.

— Você deveria ser mais cuidadoso, meu amigo — sussurrou um homem.

Hadrian se virou lentamente e deu uma risada ao ver de quem se tratava.

— Não preciso ser mais cuidadoso, Albert. Tenho um guarda-costas.

— Hadrian fez um gesto em direção a Royce, já posicionado atrás do visconde.

Albert, que vestia uma capa suja e puída, e não baixara o capuz, deu meia-volta e se deparou com a cara fechada de Royce.

— Eu estava só brincando.

— O que está fazendo aqui? — murmurou Royce.

— Escondendo... — começou Albert, mas se calou, pois a garçonete se aproximava, trazendo uma jarra de cerveja com muita espuma e quatro canecas.

— Você já comeu? — perguntou Hadrian.

— Não. — Albert lançou um olhar desejoso para a jarra.

— Pode me trazer mais uma caneca e mais um prato de comida? — pediu Hadrian ao homenzarrão que estava atrás do bar.

— Claro — respondeu o homem, entregando mais uma caneca. — Trago a comida assim que ficar pronta.

Voltaram à mesa, seguidos pelo visconde. Por um momento, Albert olhou com curiosidade para Myron e Alric.

— Este aqui é Albert Wilson, um conhecido nosso — explicou Hadrian enquanto

Albert pegava mais uma cadeira e se chegava à mesa. — E estes são...

— Clientes — interrompeu Royce prontamente. — Portanto, nada de falar de negócios, Albert.

— A gente esteve fora da cidade... viajando... nesses últimos dias — disse Hadrian. — Tem novidades lá de Medford?

— Muitas — respondeu Albert falando baixo, enquanto Hadrian servia a cerveja. — O rei Amrath morreu.

— É mesmo? — Hadrian fingiu surpresa.

— A Rosa e Espinho foi fechada. Soldados reviraram o Distrito Baixo. Muita gente foi presa e levada para a cadeia. Em volta do Castelo de Essendon e nas entradas da cidade há um pequeno exército. Consegui sair no último minuto.

— Um exército em volta do castelo? Por quê? — perguntou Alric.

Royce fez um gesto pedindo a ele que se acalmasse.

— E Gwen?

— Está tudo bem com ela... acho — respondeu Albert, olhando para Alric com bastante curiosidade. — Ao menos estava tudo bem quando saí. Eles a interrogaram, e algumas garotas levaram uns empurrões, mas não passou disso. Ela está preocupada com vocês. Acho que esperava que voltassem da... viagem... alguns dias atrás.

— Quem são "eles"? — perguntou Royce com um tom de voz absolutamente frio.

— Bem, muitos pertenciam à guarda real, mas contavam também com um monte de novos aliados. Lembram-se daqueles forasteiros com os quais falamos lá na cidade há alguns dias? Estavam com a guarda real, portanto devem estar a serviço do príncipe herdeiro, acho. — Mais uma vez, Albert olhou para Alric. — Vasculharam a cidade inteira e perguntaram às pessoas se haviam visto uma dupla de ladrões que atuava no Distrito Baixo. Foi então que resolvi cair fora. Saí da cidade e fui para oeste. Lá estava tudo do mesmo jeito. Patrulhas por toda parte. Estão revistando estalagens e tavernas, arrastando gente para o meio da rua. Até agora, consegui me manter longe. A última coisa que ouvi foi que instauraram um toque de recolher em Medford.

— Então você continuou seguindo para oeste? — perguntou Hadrian.

— Até aqui. Este foi o primeiro lugar aonde cheguei que ainda não foi vasculhado.

— O que explica a grande quantidade de gente — mencionou Hadrian. — Os ratos sempre pulam fora de um navio que está afundando.

— É... muita gente chegou à conclusão de que Medford já não é uma cidade

pacata — explicou Albert. — Achei melhor passar uns dias aqui e só voltar depois que tiver certeza da situação.

— Você teve alguma notícia do príncipe ou da princesa? — perguntou Alric.

— Não, nada em especial — respondeu o visconde, dando um gole na cerveja e ainda encarando o príncipe.

A porta dos fundos da taverna se abriu, e uma figura esbelta entrou. O homem estava imundo, coberto de trapos, e usava um chapéu que mais parecia um saco. Segurava uma pequena bolsa perto do peito e se deteve um instante, correndo os olhos pelo recinto com um ar nervoso. Caminhou apressado até o fundo do bar, onde o taverneiro encheu com alimentos um saco em troca da bolsa.

— Vejam só o que temos aqui — comentou um sujeito troncado, levantando-se de uma das mesas. — Tire o chapéu, elfo. Mostre-nos essas orelhas.

O miserável maltrapilho se agarrou ao saco e olhou para a porta. Então outro homem que estava no bar se adiantou e bloqueou o caminho do elfo.

— Eu disse para tirar o chapéu! — ordenou o troncado.

— Deixe-o em paz, Drake — disse o taverneiro. — Ele só quer um pouco de comida. Ele nem vai comer aqui dentro.

— Eu não acredito que você sirva *esse povo*, Hall. Você não sabe que eles estão matando gente lá em Dunmore? Raça imunda. — Drake esticou o braço com a intenção de tirar o chapéu do elfo, mas este se esquivou agilmente. — Está vendo como são? Bem rapidinhos quando querem, mas preguiçosos se a gente os obriga a trabalhar. Isso aí é pura encrenca. Se permitir que entrem aqui, um dia vão te apunhalar pelas costas e roubar cada centavo seu.

— Ele não está roubando nada — disse Hall. — Ele vem aqui uma vez por semana para comprar mantimentos para a família. Este tem uma companheira e uma criança. As duas estão muito doentes. E eles vivem na floresta. Faz um mês que a guarda da cidade de Medford os expulsou de lá.

— É? — continuou Drake. — Se ele vive na floresta, onde consegue dinheiro para comprar comida? Você rouba, não é, meu rapaz? Você rouba de gente decente? Invade fazendas? É por isso que os xerifes expulsam vocês das cidades, porque são todos ladrões e beberrões. A guarda de Medford não quer vocês nas ruas deles, e eu não quero vocês nas nossas!

Um sujeito que estava atrás do infeliz arrancou o chapéu dele, expondo os cabelos negros e as orelhas pontudas.

— Elfozinho imundo — disse Drake. — Onde conseguiu esse dinheiro?

— Já falei para você deixá-lo em paz — insistiu Hall.

— Eu acho que ele roubou o dinheiro — disse Drake, e sacou do cinto um punhal.

Desarmado, o elfo se manteve imóvel, olhando alternadamente para os homens que o ameaçavam e para a porta da taverna.

— Drake? — disse Hall, com um tom de voz mais baixo e mais grave. — Deixe o elfo em paz, ou eu juro que você nunca mais vai ser servido aqui.

Drake ergueu o olhar em direção a Hall, que era bem mais forte do que ele e empunhava um facão.

— Se, mais tarde, quiser sair pela floresta em busca dele, isso é problema seu. Mas não quero briga aqui na minha taverna. — Drake guardou o punhal. — Vá embora... vá logo — disse Hall ao elfo, que, cautelosamente, passou pelos sujeitos e escapuliu porta afora.

— Aquilo era mesmo um elfo? — perguntou Myron, perplexo.

— É um mestiço — respondeu Hadrian. — A maioria das pessoas já não acredita que ainda existam elfos puros.

— Tenho pena deles — disse Albert. — Eram escravos no tempo do império. Vocês sabiam disso?

— Bem, na realidade, eu... — começou a dizer Myron, mas se calou ao ver que Royce balançara a cabeça levemente e lhe dirigira um olhar reprovador.

— Por que ter pena deles? — perguntou Alric. — A vida deles não era pior do que a dos nossos servos hoje em dia. E agora estão livres, o que não é o caso dos servos.

— Os servos estão presos à terra, é verdade, mas não são escravos — disse Albert, corrigindo-o. — Não podem ser comprados e vendidos. Suas famílias não são separadas, e não são criados como animais, alojados em chiqueiros ou mortos por diversão. Ouvi dizer que faziam isso com os elfos. É verdade que agora estão livres, mas são excluídos da sociedade. Não conseguem trabalho, e você acabou de ver o que têm de aturar para conseguir comida.

A expressão de Royce se tornara mais fria do que de hábito, e Hadrian sabia que estava na hora de mudar de assunto.

— Pode não parecer — disse ele —, mas Albert é nobre. E um visconde.

— Visconde de Winslow? — disse Alric. — De qual propriedade?

— Infelizmente, de nenhuma — retrucou Albert antes de tomar um bom gole de cerveja. — Meu avô, Harlan Winslow, perdeu as terras da família quando caiu em desgraça com o rei de Warric. Embora, a bem da verdade, a propriedade não fosse lá grande coisa. Segundo ouvi, não passava de um terreno pedregoso nas margens do rio Bernum. O rei Ethelred, de Warric, apoderou-se daquela terra alguns anos atrás.

"Ah! Que histórias meu pai me contou sobre as dificuldades que meu avô passou

tentando levar a vida na condição vergonhosa de nobre sem terra! Ele deixou uma pequena quantia em dinheiro para meu pai, mas foi logo gasta para manter as aparências de que ele ainda era nobre e rico. Eu é que não tenho o menor problema com a idéia de engolir o orgulho se for para encher o estômago."

Albert semicerrou os olhos e se dirigiu a Alric:

— Você me parece familiar. Nós já nos encontramos alguma vez?

— Se já nos encontramos, foi, com certeza, um encontro rápido — respondeu Alric.

A comida chegou, e a mastigação substituiu a conversa. A refeição nada tinha de especial: um pedaço de presunto cozido demais, batata cozida, repolho, cebola e um pão de fôrma meio passado. No entanto, depois de quase dois dias comendo batata pura, para Hadrian aquilo era um banquete. Como a luz exterior se tornava mais e mais fraca, um menino que trabalhava na taverna começou a acender as velas que estavam sobre as mesas, e eles aproveitaram para pedir mais uma jarra de cerveja.

Embora estivesse relaxado, Hadrian notou que, a todo momento, Royce olhava através da janela. Depois da terceira olhadela, Hadrian se inclinou para ver qual seria o grande atrativo. Com a escuridão do lado de fora, a janela mais parecia um espelho. Hadrian enxergava apenas o próprio rosto.

— Quando foi o ataque à Rosa e Espinho? — perguntou Royce.

Albert deu de ombros.

— Há dois ou três dias, acho.

— Estou me referindo à hora do dia.

— Ah! Foi à noite. Na hora do pôr do sol... ou logo após. Suponho que a intenção fosse pegar o pessoal na hora do jantar. — Albert fez uma pausa e, subitamente, empertigou-se na cadeira enquanto seu contentamento se transformava em preocupação. — Ah... não me agrada comer e sair correndo, mas, se vocês não se importam, vou cair fora daqui. — Em seguida, levantou-se e saiu, às pressas, pela porta dos fundos. Royce voltou a olhar através da janela, e parecia agitado.

— O que foi? — perguntou Alric.

— Temos visita. Fiquem calmos até constataremos do que se trata...

A porta da Jarra de Prata se escancarou, e oito homens usando cotas de malha e tabardos que estampavam o falcão de Melengar entraram na taverna. Viraram algumas mesas próximas à porta, espalhando bebida e comida pelo chão. Com espadas em punho, os soldados encararam os presentes. Ninguém que estava no estabelecimento se mexeu.

— Em nome do rei, esta taverna e todos os presentes devem ser revistados. Quem resistir ou tentar fugir será executado!

Os soldados se dividiram, formando grupos. Um grupo começou a puxar os homens que estavam sentados às mesas, empurrando-os até a parede e dispondos lado a lado. Outro subiu a escada e foi até o sótão enquanto um terceiro desceu ao porão da taverna.

— Isto aqui é um negócio honesto! — protestou Hall enquanto era empurrado em direção à parede, junto aos demais.

— Cale a boca, ou a gente vai atear fogo no lugar — disse um homem que acabava de entrar. Este não usava armadura nem a insígnia de Melengar. Em vez disso, trajava roupas comuns, em tons e subtons de cinza.

— A companhia de vocês foi um prazer, cavalheiros — disse Alric, dirigindo-se aos companheiros de mesa —, mas parece que chegou a minha escolta.

— Cuidado — disse Hadrian no momento em que o príncipe se levantava.

Alric foi até o centro da sala, removeu o capuz e se perfilou, mantendo o queixo elevado.

— O que procuram, homens de Melengar? — indagou ele com um tom de voz alto e claro, atraindo a atenção de todos.

O homem de roupa cinza se virou e, ao ver o rosto de Alric, exibiu um sorriso de surpresa.

— Ora! Estamos procurando pelo senhor, Vossa Alteza — disse ele, fazendo uma elegante reverência. — Fomos informados de que o senhor fora raptado e que talvez estivesse morto.

— Como podem ver, não ocorreu nem uma coisa nem outra. Agora, deixem em paz esta boa gente.

Seguiu-se uma breve hesitação por parte dos soldados, mas o homem de cinza meneou a cabeça, e o pelotão se perfilou. O homem de cinza se aproximou diretamente de Alric. Olhou o príncipe de alto a baixo, com uma expressão inquisitiva.

— Os seus trajes estão um tanto quanto exóticos, não é, Majestade?

— Meus trajes não são da sua conta, senhor...

— Barão, Majestade, barão Trumbul. A presença de Vossa Majestade é requisitada no Castelo de Essendon. O arquiduque Percy Braga ordenou que o encontrássemos e o escoltássemos de volta ao castelo. Ele está preocupado com seu bem-estar, considerando-se os acontecimentos recentes.

— Na verdade, estou a caminho do castelo. Os senhores poderão, portanto, atender ao arquiduque e a mim, fornecendo a devida escolta.

— Excelente, meu senhor. Vossa Majestade viaja sozinha? — Trumbul olhou para os demais, ainda sentados à mesa.

— Não — respondeu Alric —, este monge está comigo e também segue para Medford. Myron, despeça-se dessa boa gente e venha conosco. — Myron se levantou e, com um sorriso, acenou para Royce e Hadrian.

— Somente ele? Só um? — O barão olhou para os dois remanescentes.

— Sim, só um.

— O senhor tem certeza? Correu o boato de que o senhor fora capturado por dois ladrões.

— Meu caro barão — respondeu Alric com severidade —, acho que não me esqueceria de algo assim. E a próxima vez que o senhor se atrever a questionar o seu rei talvez seja a última. Está com sorte por eu estar de bom humor, pois acabei de comer e estou cansado demais para me ofender por qualquer coisa. Agora, dê ao taverneiro uma moeda de ouro em pagamento pela minha refeição e pela sua invasão.

Por um momento, ninguém se mexeu, e então o barão disse:

— Naturalmente, Majestade. Desculpe-me pelo atrevimento. — Então ele fez com a cabeça sinal para um soldado, que retirou do bolso uma moeda e a lançou em direção a Hall.

— Então, Majestade, podemos ir?

— Sim — respondeu Alric. — Espero que tenham uma carruagem para mim. Estou farto de cavalgar, e pretendo dormir o restante do caminho.

— Lamento muito, Majestade, mas não dispomos de uma carruagem. Podemos providenciar uma assim que chegarmos ao vilarejo, bem como um traje mais adequado para o senhor.

— Acho que terei de me contentar com isso.

Alric, Myron, Trumbul e o pelotão deixaram a taverna. Ouviu-se um breve debate através da porta aberta enquanto eram designadas as montarias. Pouco depois, ecoou na noite o som de cascos se afastando.

— Aquele era o príncipe Alric Essendon? — perguntou Hall, aproximando-se da mesa deles e espiando pela janela. Nem Royce nem Hadrian responderam.

Depois que Hall voltou ao bar, Hadrian perguntou:

— Você acha que devemos segui-los?

— Ah, não comece... já fizemos a nossa boa ação do mês... duas, na realidade, se incluímos DeWitt. Só quero ficar aqui e relaxar um pouco.

Hadrian concordou e esvaziou a caneca de cerveja. Ficaram ali sentados, em

silêncio, enquanto ele olhava pela janela e tamborilava com os dedos na superfície da mesa.

— O que foi?

— Você notou as armas daquele pelotão?

— Por quê? — perguntou Royce, irritado.

— Bem, eles estavam usando rapieiras *Tiliner* em vez dos alfanjes típicos da guarda real de Medford. O acabamento das rapieiras era de aço, e não de ferro, e os pomos não tinham marcas. Ou o arsenal real elevou seus padrões de exigência, ou aqueles homens são mercenários, provavelmente da região leste de Warric. Não seriam os mais indicados para integrar a equipe de busca de um monarca. E, se eu não estiver enganado, Trumbul é o nome do sujeito que Gwen apontou como o suspeito, lá na Rosa e Espinho, na véspera do assassinato.

— Está vendo — disse Royce, irritado —, este é o problema com as suas boas ações... elas nunca terminam.

A lua estava na ascendente no momento em que Arista colocou o punhal no parapeito da janela. Embora ainda fosse demorar um pouco até o luar refletir na lâmina, todos os demais preparativos já haviam sido providenciados. De manhã, ela pegara algumas ervas na despensa da cozinha e colhera outras na horta. Para encontrar uma raiz de mandrágora do tamanho certo, precisara de quase duas horas. A tarefa mais difícil, no entanto, tinha sido descer até o mausoléu do pai e cortar um cacho de seus cabelos. No início da noite, ela havia triturado a mistura utilizando um cadinho e um pilão enquanto entoava cânticos de feitiçaria para ligar os elementos. Depois, borrifara o pó na lâmina manchada e recitara as palavras finais do feitiço. Agora, faltava apenas a ação do luar. Ela deu um salto, assustando-se com uma batida à porta.

— Alteza? Arista? — chamava o arquiduque.

— O que foi, tio?

— Podemos conversar um instante, minha cara?

— Sim, um momentinho. — Arista fechou as cortinas, escondendo o punhal no peitoril. Guardou o cadinho e o pilão no baú, trancando a tampa. Limpando as mãos, parou diante do espelho para ajeitar o cabelo. Foi até a porta e, com um toque do colar, abriu-a.

O arquiduque entrou, ainda de gibão preto, com os polegares enganchados no cinto da espada. A pesada corrente que identificava a função de conselheiro reluzia na luz da lareira. Ele olhou o quarto com uma expressão crítica.

— Seu pai não gostava que seus aposentos fossem aqui em cima. Sempre quis que morasse lá embaixo, com o restante da família. Acho até que ele sofria um pouco com sua decisão de se isolar desse jeito, mas você sempre foi uma pessoa

solitária, não é mesmo?

— Qual é o propósito da sua visita? — perguntou ela, irritada, sentando-se na cama.

— Você tem sido áspera comigo ultimamente, minha cara. Eu por acaso a ofendi? Você é minha sobrinha, e acaba de perder seu pai... e, talvez, seu irmão. É tão impossível crer que eu esteja interessado em seu bem-estar? Que seu estado de espírito me preocupe? Tem gente que comete... atos inesperados em momentos de dor ou raiva.

— Meu estado de espírito está bom.

— Está mesmo? — perguntou ele, erguendo uma sobrancelha. — Você passou os últimos dias isolada aqui dentro, o que não é saudável para uma jovem que acaba de perder o pai. Acho que seria melhor você ficar junto à sua família.

— Eu não tenho mais família — disse ela com firmeza.

— *Eu* sou sua família, Arista. Sou seu tio, mas você se recusa a enxergar isso, não é? Quer me ver como um inimigo. Talvez essa seja a maneira de você lidar com a dor. Fica o tempo todo aqui nesta torre e, quando sai da sua fortaleza, é para criticar as minhas tentativas de localizar o seu irmão. Não entendo por quê. Também me pergunto por que não a vi chorar pela perda de seu pai. Vocês dois eram bastante chegados, não eram?

Braga se dirigiu à penteadeira cujo espelho era emoldurado por cisnes e parou, pois percebeu que pisara em algo. Pegou uma escova de cabelo com cabo de prata que estava no chão.

— Esta escova foi presente do seu pai. Eu estava com ele quando foi comprada. Ele não quis que um empregado fizesse a compra. E foi pessoalmente às lojas de Dagastan para escolher a escova certa. Acho, sinceramente, que para ele aquele foi o momento mais importante da viagem. Você deveria tomar mais cuidado com objetos importantes como este.

Ele repôs a escova sobre a bancada, ao lado das demais. Em seguida, voltou a atenção para a princesa.

— Arista, sei que você tinha medo de que ele a obrigasse a se casar com algum rei velho e antipático. Suponho que a idéia de ficar aprisionada no interior das paredes invisíveis do casamento a deixasse apavorada. Mas, a despeito do que você pensasse, ele *a amava*. Por que não chora por ele?

— Eu posso lhe garantir, tio, que estou muito bem. Quero apenas me manter ocupada.

Braga continuou a percorrer o pequeno aposento, examinando-o detalhadamente.

— Ah... e essa é mais uma questão — disse ele. — Você tem se mantido tão

ocupada, mas não vai tentar encontrar o assassino do seu pai? Eu tentaria, se fosse você.

— Esse trabalho não cabe *ao senhor?*

— Cabe. E tenho me empenhado continuamente, dia e noite, há dias... tenha certeza disso. O meu objetivo, como você deve saber, é encontrar seu irmão, na esperança de salvar a vida dele. Espero que entenda as minhas prioridades. Você, no entanto, não tem feito muita coisa, a não ser atuar como *regente*, conforme tem se apresentado.

— O senhor veio aqui me acusar de ser preguiçosa? — perguntou Arista.

— Você tem sido preguiçosa? Duvido. Desconfio que tenha estado bastante ocupada nos últimos dias, quiçá nas últimas semanas.

— Está insinuando que eu matei meu pai? Pergunto porque isso seria uma insinuação das mais perigosas.

— Não estou insinuando coisa alguma, Alteza. Estou apenas tentando entender por que demonstrou tão pouco pesar pela morte de seu pai e tão pouca preocupação com o bem-estar de seu irmão. Diga-me, cara sobrinha, o que estava fazendo no meio dos carvalhos hoje à tarde, de onde saiu com uma cesta coberta? Ouvei também que andou bisbilhotando lá na despensa.

— O senhor mandou alguém me seguir?

— Pelo seu próprio bem — disse ele com um tom de voz amável e seguro, dando um tapinha nas costas de Arista. — Como eu disse, estou preocupado. Sei de pessoas que acabaram com a própria vida depois de perdas como as que você sofreu. É por isso que a tenho vigiado. Contudo, no seu caso, isso não se faz necessário, não é mesmo? Você não tem, absolutamente, se ocupado com a idéia de suicídio.

— Por que diz isso? — respondeu Arista.

— Furtar ervas da despensa e colher raízes sugere o preparo de alguma poção, ou algo que o valha. Você sabe, discordei do seu pai quando ele permitiu que você frequentasse a Universidade de Sheridan, ainda mais quando deixou você estudar com Arcadius, aquele mago tolo. As pessoas vão achar que você é bruxa. A plebe se assusta facilmente com o que não compreende, e a idéia de que a princesa é uma bruxa pode ser uma fagulha capaz de provocar um desastre. Eu aconselhei seu pai a não deixar você frequentar aquela universidade, mas ele acabou permitindo.

O arquiduque caminhou em volta da cama, ajeitando as cobertas dis-
traidamente.

— Ainda bem que meu pai não deu ouvidos ao senhor.

— É mesmo? Pode ser. Na realidade, não teve grande importância. Não foi tão terrível assim. Afinal, Arcadius é inofensivo, não é? O que ele poderia ensinar a você? Truques com cartas de baralho? Como se livrar de verrugas? Ao menos, isso era o máximo que eu achava que ele poderia ensinar. Mas ultimamente tenho andado meio... preocupado. Talvez ele tenha ensinado algo importante. Talvez falado sobre um nome... *Esrahaddon*?

Arista ergueu o olhar abruptamente e então tentou disfarçar a surpresa.

— Sim, eu bem que estava desconfiado. Você quis saber mais, não foi? Você quis aprender magia séria, mas Arcadius não era grande conhecedor. No entanto ele conhecia uma pessoa competente. E lhe falou sobre *Esrahaddon*, um mago antigo capaz de desvendar os segredos do universo e controlar as forças primordiais dos elementos. Posso imaginar sua satisfação ao descobrir que um mago desse gabarito estava preso bem aqui, no seu reino. Na condição de princesa, você tem autoridade para visitar o prisioneiro, mas nunca pediu permissão ao seu pai, não é? Receava que ele negasse. Mas você deveria ter falado com ele, Arista. Se tivesse, ele teria dito que *ninguém* pode entrar naquela prisão. A Igreja deu todas as explicações a Amrath no dia da coroação. Ele ficou sabendo que *Esrahaddon* era extremamente perigoso e sobre o que era capaz de fazer com pessoas inocentes como você. Aquele monstro lhe ensinou magia séria, não foi, Arista? Ele ensinou magia negra, estou certo?

O arquiduque semicerrou os olhos, e sua voz já não simulava qualquer amabilidade. Arista não respondeu.

— O que ele lhe ensinou?, eu me pergunto. Certamente não terão sido truques para serem exibidos em festinhas. É provável que não tenha lhe mostrado como provocar raios, ou fazer a terra rachar, mas tenho certeza de que ensinou coisinhas simples... coisinhas simples, mas úteis... não foi?

— Não sei do que está falando — disse ela, levantando-se. No entanto, seu tom de voz deixava transparecer uma ponta de medo. Queria se afastar do tio. Dirigindo-se à penteadeira, pegou uma escova e se pôs a escovar os cabelos.

— Não sabe? Diga-me, minha cara, onde está o punhal que matou seu pai e que ainda está manchado com o sangue dele?

— Eu já disse que nada sei sobre isso — respondeu ela, observando-o através do espelho.

— Sim, você disse mesmo, não foi? Mas, de todo modo, eu custo a crer. Você é a única pessoa interessada naquele punhal... um interesse nefasto. Um interesse maléfico.

Arista se voltou bruscamente, mas, antes que pudesse abrir a boca, Braga prosseguiu:

— Você traiu seu pai. Você traiu seu irmão. Agora pretende me trair... e com o mesmo punhal! Acha que sou tolo?

Arista olhou para a janela e pôde constatar, mesmo com a cortina fechada, que o luar havia finalmente refletido sobre a lâmina. Braga seguiu o olhar da princesa, e uma expressão de perplexidade surgiu em seu semblante.

— Por que só aquela janela está com a cortina fechada?

Ele se virou e abriu a cortina com um gesto brusco, revelando o punhal exposto ao luar. A visão o fez cambalear, e Arista soube que o feitiço tinha se concretizado.

Não haviam avançado muito, apenas alguns quilômetros. A viagem prosseguia com lentidão, e o cansaço, somado ao estômago cheio, deixou Alric tão sonolento que ele tinha receio de cair do cavalo. O estado de Myron também não era bom, e ele cavalgava atrás de um dos guardas, com a cabeça inclinada. Seguiam por uma estradinha isolada de terra e passaram por algumas fazendolas e pontes de tábuas. À esquerda havia um milharal já ceifado, no qual restavam apenas talos vazios e secos. À direita ficava um bosque escuro, cheio de pinheiros e carvalhos, cujas folhas já haviam sido espalhadas pelo vento e cujos galhos desnudos se estendiam por cima da estrada.

Era mais uma noite fria, e Alric jurou para si mesmo que nunca mais voltaria a cavalgar à noite. Sonhava com o momento em que se enfiaria na cama, diante da lareira acesa, talvez bebericando uma taça de vinho aquecido, quando o barão subitamente ordenou uma parada.

Trumbul e cinco soldados se aproximaram de Alric. Dois desmontaram e pegaram as rédeas dos cavalos do príncipe e de Myron. Outros quatro seguiram adiante, saindo do campo de visão de Alric, enquanto três deram meia-volta e retornaram pelo mesmo caminho pelo qual vieram.

— Por que paramos? — perguntou Alric, bocejando. — Por que os soldados se dividiram?

— Esta estrada é perigosa, Majestade — explicou Trumbul. — Precisamos tomar algumas precauções. É preciso manter soldados na vanguarda e na retaguarda quando se escolta alguém como o senhor em tempos como o que vivemos agora. Assaltantes, goblins, lobos... nunca se sabe o que pode aparecer no caminho. Existe até a lenda de um fantasma sem cabeça que assombra esta estrada. Não sabia disso?

— Não, não sabia — respondeu o príncipe, que não gostou do súbito ar de informalidade com que o barão o tratava.

— Ah, sim, dizem que é o fantasma de um rei que morreu nesta região. Na verdade, não se tratava de um rei, mas de um príncipe herdeiro, que um dia

talvez fosse coroado. Reza a lenda que, certa noite, o príncipe voltava para casa, acompanhado por seus valentes soldados, quando um deles resolveu cortar a cabeça do infeliz e guardá-la num saco. — Trumbul parou, pegou um saco de aniagem que estava em seu cavalo e o entregou ao príncipe. — Um saco como este aqui.

— Que brincadeira é essa, Trumbul? — indagou Alric.

— Não é brincadeira nenhuma, Ilustríssima Alteza. E que eu acabo de me dar conta de que, para ser pago, não preciso levá-lo inteiro de volta ao castelo. Basta levar uma parte. Apenas sua cabeça já é o suficiente. Vamos poupar o cavalo de carregar o peso todo até lá... sempre me preocupo com o bem-estar dos cavalos. Por isso, faço o possível para poupá-los.

Alric esporeou o cavalo, mas o sujeito segurou as rédeas com firmeza, e o animal apenas girou bruscamente. Trumbul aproveitou a sacudidela repentina da montaria e puxou o príncipe para o chão. Alric tentou usar a espada, mas Trumbul desferiu um pontapé no seu estômago. Incapaz de respirar, Alric caiu de joelhos no chão.

Em seguida, Trumbul voltou a atenção para Myron, que permaneceu montado em sua sela, com os olhos arregalados, enquanto o barão se aproximava.

— E você me é familiar — disse Trumbul, puxando Myron de cima do cavalo e virando a cabeça do monge em direção ao luar. — Ah, sim... já me lembrei. Você é o monge não muito prestativo da abadia que a gente incendiou. Não deve se lembrar de mim, não é? Naquela noite, eu estava de elmo e com o visor fechado. Todos estávamos. Quem nos contratou insistiu que escondêssemos o rosto. — Trumbul encarou o monge, cujos olhos se encheram de lágrimas. — Não sei se deveria lhe matar ou não. Fui instruído a poupar sua vida para que você pudesse dar uma mensagem ao seu pai, mas pelo jeito você não estava indo para casa. Além disso, a instrução de manter você vivo dizia respeito àquele outro trabalho, pelo qual, infelizmente para você, já fomos pagos. Portanto, acho que estou livre para fazer o que quiser.

Num gesto inesperado, Myron deu um pontapé tão forte no joelho do barão que este o soltou. O monge, então, pulou por cima de um tronco caído e correu em direção ao bosque escuro, quebrando gravetos e galhos de árvores enquanto desaparecia na noite. Berrando de dor, o barão tomou.

— Agarrem-no! — gritou ele, e dois soldados saíram no encalço de Myron.

Ouviu-se uma comoção em meio às árvores. Alric ouviu o grito de Myron, pedindo socorro, seguido pelo som de uma espada sendo desembainhada. Outro grito foi bruscamente interrompido, seguido por um silêncio. Ainda segurando o joelho, Trumbul amaldiçoou o monge.

— Bem-feito para esse maldito!

— Está tudo bem com você, Trumbul? — perguntou o guarda, segurando o cavalo de Alric.

— Estou bem. Só preciso de alguns instantes. Esse monge maldito me chutou com força!

— Ele agora não vai chutar mais ninguém — acrescentou outro soldado.

Lentamente, o barão se levantou e apalpou a perna. Em seguida, andou até Alric e desembainhou a espada.

— Agarrem-no pelos braços com firmeza. Não deixem que ele toque em mim, rapazes.

O guarda que cavalgava à frente de Myron desmontou e segurou o braço esquerdo de Alric, enquanto outro segurava o direito.

— Cuidado para não nos atingir por engano — disse ele.

O sorriso de Trumbul brilhou ao luar.

— Eu nunca me engano. Se eu atingir alguém, é porque a pessoa mereceu.

— Se você me matar, meu tio vai encontrá-lo onde quer que você se esconda!

Trumbul deu um risinho sarcástico.

— Seu tio é quem vai nos pagar pela sua cabeça. Ele quer vê-lo morto.

— O *qué?* Você está mentindo!

— acredite se quiser — disse o barão, rindo. — Virem-no de costas para eu conseguir um golpe certeiro na nuca. Quero um belo troféu. Detesto quando tenho de desferir vários golpes.

Alric lutou, mas os dois soldados eram mais fortes do que ele. Imobilizaram os braços do príncipe atrás das costas, obrigaram-no a se ajoelhar e enfiaram sua cabeça no chão. Ouviu-se o ruído de gravetos estalando no mato ao lado da estrada.

— Vocês precisaram de muito tempo para acabar com aquele mongezinho — disse Trumbul. — Mas chegaram a tempo de assistir ao *grand finale* da noite.

Os dois soldados que seguravam Alric torceram seus braços com mais violência para imobilizá-lo. O príncipe lutou com todas as forças, gritando com o rosto colado ao chão.

— Não! Pare! Não podem fazer isso! Pare!

Seu esforço foi em vão. Os soldados o mantinham completamente imobilizado. Anos no manejo de espadas e escudos em plena batalha haviam transformado os braços deles em aço. O príncipe não representava nenhuma dificuldade para

eles.

Alric se preparou para o golpe. Mas, em vez de ouvir a lâmina de Trumbul cortando o ar da noite, ouviu um gargarejo estranho, seguido por um baque surdo. Os guardas que o seguravam aliviaram a pressão. Um deles simplesmente o largou, e Alric ouviu passadas rápidas enquanto o sujeito se afastava correndo. O outro levantou o príncipe, agarrando-o por trás. O barão jazia morto no solo. Ao lado do corpo havia dois homens. Na escuridão, Alric via apenas as silhuetas, que não eram dos homens que tinham perseguido Myron mata adentro. O que estava mais perto do barão empunhava uma faca que refletia uma luz macabra ao luar. Ao lado deste havia outro, mais alto, truncado, com uma espada em cada mão. Mais uma vez, ouviu-se o ruído de gravetos estalando na mata próxima.

— Ei! Venham todos aqui! Agora! — gritou o soldado que ainda usava Alric como escudo.

Os dois guardas que seguravam os cavalos soltaram as rédeas e empunharam suas espadas. Seus semblantes, entretanto, deixavam transparecer o medo que sentiam. Myron saiu do bosque e surgiu ao luar, e sua respiração ofegante formava pequenas nuvens no ar frio da noite.

Alric ouviu a voz de Royce:

— Seus amigos não vão aparecer. Estão todos mortos.

Os dois guardas que empunhavam espadas trocaram um olhar e saíram em disparada estrada afora, em direção à taverna Jarra de Prata. O que ficou, ainda agarrado a Alric, olhou ao redor, apavorado. No momento em que Royce e Hadrian deram um passo à frente, ele soltou um palavrão, largou o príncipe e saiu correndo. Alric não conseguia parar de tremer enquanto enxugava as lágrimas e limpava o rosto. Hadrian e Royce o ajudaram a se levantar. Ele se pôs de pé, cambaleante, e olhou para os homens que estavam ao redor.

— Eles iam me matar — disse ele. — Eles iam *me matar!* — gritou ele.

Com um gesto brusco, empurrou Royce e Hadrian e, empunhando a espada que pertencera a seu pai, cravou-a no torso do cadáver de Trumbul. Então, deu um passo, ainda trôpego, e contemplou, ofegante, o corpo estendido diante de si com a espada oscilando para a frente e para trás cravada nas costas. Pouco depois, surgiram alguns homens que se aproximavam da estrada em sentidos opostos. Muitos haviam partido da Jarra de Prata, e portavam armas toscas. Alguns estavam sujos de sangue, mas nenhum parecia ferido. Dois traziam os cavalos que Royce, Hadrian e Alric montavam desde Wicend Ford. Havia também uma figura magra, coberta de farrapos e com um chapéu disforme. Esse indivíduo carregava apenas um pedaço de pau.

— Não escapou nenhum — xleclarou Hall ao se aproximar do grupo. — Um

tentou, mas o mestiço o encontrou. Agora entendo por que você pediu que ele viesse. No escuro, o filho da mãe enxerga melhor que uma coruja.

— Conforme combinado, vocês podem ficar com os cavalos e tudo o que eles carregam — disse Hadrian. — Mas é melhor vocês enterrarem os corpos hoje à noite para evitar problemas pela manhã.

— Ele é mesmo o príncipe? — perguntou um dos homens, fitando Alric.

— Na verdade — disse Hadrian —, acho que você está diante do novo rei de Melengar.

Seguiu-se um burburinho de interesse, e alguns chegaram a ensaiar uma reverência, embora Alric não tenha prestado atenção. Ele guardara a espada e agora revistava o corpo de Trumbul. Os homens se reuniram na estrada, examinando os animais, as armas e os apetrechos que acabavam de capturar. Hall assumiu o comando e passou a dividir o espólio da melhor maneira possível.

— Dê ao elfo um dos cavalos — disse Royce.

— O *quê*? — perguntou o taverneiro, boquiaberto. — Você quer que a gente dê um cavalo para *ele*? Tem certeza? Sabe... a maioria desses homens não tem cavalo que preste.

Drake o interrompeu prontamente.

— Escute aqui, todos lutamos com a mesma bravura. Ele pode ficar com uma parte como qualquer um de nós, mas essa imundície não vai sair daqui com cavalo nenhum.

— Não o mate, Royce — disse Hadrian imediatamente.

O príncipe ergueu os olhos e viu Drake dar um passo para trás enquanto Royce avançava sobre ele. A fisionomia do ladrão expressava uma serenidade sinistra, mas seu olhar queimava.

— O que diz o rei? — perguntou Drake às pressas. — Ele é o rei... certo? A rigor, os cavalos são dele, certo? Os soldados do rei estavam montando esses cavalos. Ele deve decidir, certo?

Seguiu-se uma pausa enquanto Alric se levantou e encarou a pequena multidão. O príncipe se sentia nauseado. Suas pernas estavam bambas, os braços doíam e ele sangrava pelos arranhões na testa, no queixo e na face. Estava coberto de terra. Não morrera por uma questão de segundos, e o medo da morte ainda não o deixara. Notou que Hadrian se aproximara de Myron, que chorava num canto à direita, e sabia que estava prestes a imitar o comportamento do monge, mas não podia fazê-lo, pois era o rei. Trincoou os dentes e olhou para os homens. Um bando de rostos sujos e manchados de sangue o encarava. Ele não conseguia refletir com clareza. Seu pensamento ainda estava em Trumbul. Ainda estava furioso e se sentia humilhado. Então olhou para Royce, para Hadrian, e voltou a

encarar o grupo.

— Façam o que estes dois homens lhes disserem — declarou ele lenta, clara e friamente. — Eles são os guardiões do rei. Quem desobedecer será executado. — Depois que ele falou, imperou o silêncio. E, então, Alric montou em seu cavalo. — Vamos!

Hadrian e Royce trocaram um olhar de surpresa e montaram também. O monge havia parado de chorar, mas seguia ainda atordoado. Hadrian o puxou para a garupa de seu cavalo.

No momento em que tomaram a estrada, Royce parou o cavalo ao lado de Hall e Drake e, com toda calma, disse:

— É melhor o mestiço ganhar um cavalo, ou, quando eu voltar, todos os habitantes do povoado terão de se ver comigo e, pelo menos uma vez, o que eu fizer vai ter respaldo legal.

Durante algum tempo, os quatro cavalgaram em silêncio. Finalmente, Alric praguejou:

— Meu próprio tio! — Apesar do esforço para se conter, seus olhos se encheram de lágrimas.

— Estive pensando nisso — mencionou Hadrian. — O arquiduque é o próximo na linha de sucessão ao trono, depois de você e de Arista. Mas, sendo ele da família, imaginei que fosse tão visado quanto o senhor. Acontece que ele não é seu tio legítimo, é? O sobrenome dele é Braga, e não Essendon.

— Ele se casou com a irmã de minha mãe.

— Ela ainda está viva?

— Não, faleceu há anos, num incêndio. — Alric deu um soco no cepilho da sela.

— Ele me ensinou a manejar a espada! É meu tio... e está querendo me matar!

O silêncio prevaleceu durante um bom tempo, e então Hadrian finalmente perguntou:

— Aonde estamos indo?

Alric sacudiu a cabeça como se despertasse de um sonho.

— Como? Ah... para Campos de Drondil, para o castelo do conde Pickering. Ele é... foi... um dos nobres em que meu pai mais confiava, um dos nossos melhores amigos. É também o líder mais poderoso do reino. Lá, em uma semana posso reunir um exército e marchar contra Medford. E que Maribor tenha piedade do homem, ou tio, que tentar me impedir!

— Era isto que você estava procurando? — perguntou o arquiduque a Arista, pegando o punhal. Ele segurou a arma de maneira que ela pudesse ler o nome Percy Braga escrito sobre a lâmina com o sangue do pai. — Pelo jeito, você

aprendeu mesmo algumas coisinhas com Esrahaddon. No entanto, isto aqui não constitui prova alguma. Não matei seu pai com este punhal. Nem sequer estava perto da capela quando ele foi assassinado.

— Mas o senhor foi o mandante. Talvez não tenha fincado o punhal no corpo dele, mas foi responsável pelo assassinato. — Arista enxugou as lágrimas que enchiam seus olhos. — Ele confiava no senhor. Todos nós confiávamos. O senhor fazia parte da nossa família!

— Certas coisas são mais importantes que a família, minha cara... segredos, segredos importantes que precisam ser protegidos a qualquer custo. Por incrível que pareça, eu gosto de você, do seu irmão e do seu...

— Não ouse dizer isso! — gritou ela. — O senhor matou meu pai!

— Foi necessário. Se você soubesse a verdade, compreenderia o que está realment em jogo. Existem razões para a morte de seu pai e de Alric.

— E eu?

— Você também, lamento informar. Mas tais assuntos precisam ser tratados com delicadeza. Um assassinato não é algo raro, e o desaparecimento de Alric veio em boa hora. Se tudo tivesse acontecido conforme o planejado, teria sido bem mais suspeito. Suponho que seu irmão encontre a morte em algum lugar longe daqui. O meu plano inicial era que você morresse em algum acidente lamentável, mas você facilitou as coisas para mim. Vai ser fácil convencer a corte de que foi a seu mando que aqueles dois ladrões eliminaram seu paje seu irmão. Sabe, já espalhei o boato de que a história está mal-contada. Na noite em que seu pai foi morto, dei ordens para que o capitão Wylín e um pelotão ficassem de prontidão. Simplesmente vou dizer que, não conseguindo cometer o duplo homicídio, você achou por bem soltar os assassinos. Temos várias testemunhas que podem confirmar as providências que tomou naquela noite. Vou anunciar seu julgamento sem demora e convocar o comparecimento de toda a nobreza à corte. Todos vão ouvir depoimentos acerca de sua traição e de seus maus atos. Vão ficar sabendo que a sua formação em feitiçaria a transformou numa assassina gananciosa.

— O senhor não se atreveria! Se me colocar diante da nobreza, direi a verdade.

— Isso vai ser difícil, pois você estará amordaçada. Afinal... — ele contemplou o próprio nome reluzindo na lâmina —, você é uma bruxa, e não podemos permitir que nos enfeite. Eu cortaria sua língua agora mesmo se tal ato não levantasse suspeita contra mim, pois ainda não anunciei o julgamento.

Braga olhou ao redor mais uma vez e meneou a cabeça.

— Eu estava errado. Aprovo a opção que você fez por estes aposentos. Eu tinha outros planos para esta torre, mas agora acho que é o local perfeito para você

aguardar o julgamento, isolada de todos. Considerando o tempo que costuma passar aqui praticando feitiçaria, ninguém vai sentir sua falta.

O arquiduque se foi, levando consigo o punhal. Quando ele saiu, Arista viu ao lado da porta um anão barbado empunhando um martelo. Assim que a porta foi fechada, ela ouviu o barulho de marteladas e soube que tinha sido trancafiada.

Capítulo 7

CAMPOS DE DRONDIL



Os quatro cavalgaram durante a maior parte da noite. Só pararam quando Myron cochilou na garupa de Hadrian e caiu do cavalo. Mantendo os animais selados, dormiram um pouco, escondidos no meio de um capinzal cerrado. Logo voltaram à estrada e seguiram por um pomar silvestre. Cada um se ocupou de uma ou duas árvores, comendo as frutas em plena cavalgada. Não viram muita coisa antes do alvorecer. Então começaram a surgir alguns camponeses. Um velho passou por eles, conduzindo um carro de bois carregado de leite e queijo. Mais adiante, uma jovem levava uma cesta com ovos. Myron a olhou atentamente enquanto ela passava, e a jovem olhou para ele, sorrindo com timidez.

— Não fique encarando, Myron — disse Hadrian. — Ela vai pensar que você está querendo alguma coisa.

— As mulheres são ainda mais bonitas que os cavalos — observou o monge, olhando por cima do ombro enquanto a jovem se afastava.

Hadrian riu.

— É, são mesmo, mas eu não diria isso a *elas*...

Mais adiante surgiu um morro, e em cima dele havia um castelo. A edificação em nada se assemelhava ao Castelo de Essendon; parecia mais uma fortaleza do que a residência de algum nobre.

— Campos de Drondil — disse Alric.

O príncipe mal abrira a boca desde as tribulações da noite anterior. Não se queixara da longa cavalgada nem da noite fria. Seguia em silêncio, os olhos fixos na trilha que se estendia à sua frente.

— Nome estranho para um castelo — comentou Hadrian.

— Foi construído por Brodic Essendon durante as guerras que sucederam a queda do reino do intendente — disse Myron. — O filho de Brodic, Tolin, o Grandê,

concluiu o trabalho, derrotou Lothomad, o Calvo, e proclamou a si mesmo o primeiro rei de Melengar. A batalha foi travada num campo pertencente a um lavrador chamado Drondil, e mais tarde toda esta região ficou conhecida como Campos de Drondil. Ao menos, é essa a história.

— Quem foi esse Lothomad? — perguntou Hadrian.

— Foi um rei de Trent. Depois que Glenmorgan III foi executado, Lothomad aproveitou a oportunidade e marchou com seus exércitos para o sul. Ghent e Melengar fariam hoje parte de Trent se não fosse por Tolin Essendon.

— É por isso que o chamam de "o Grande", acho.

— Exatamente.

— Belo projeto. O formato de estrela de cinco pontas impede que os paredões sejam escalados sem que se perceba.

— É a fortaleza mais inexpugnável de Melengar — disse Alric.

— Mas o que trouxe os Essendon a Medford? — perguntou Royce.

— Depois das guerras — explicou Myron —, Tolin achou que era deprimente morar numa fortaleza tão sombria. Então construiu o Castelo de Essendon, em Medford, e cedeu Galilin ao seu general mais fiel, Seadric Picklerinon.

— Foi o filho de Seadric que abreviou o nome para a forma Pickering — acrescentou Alric.

Hadrian percebeu um olhar distante no rosto do príncipe, um sorriso melancólico em seus lábios.

— Minha família sempre foi chegada aos Pickering. Não temos parentesco sangüíneo, mas Mauvin, Fanen e Denek sempre foram como irmãos para mim. Quase sempre celebramos a Festa do Inverno e a Festa do Verão com eles.

— Aposto que os outros nobres não gostam muito disso — comentou Royce. — Especialmente aqueles que *são* parentes sangüíneos.

Alric concordou.

— Mas a inveja nunca os levou a qualquer ação. Ninguém se atreve a desafiar um Pickering. Eles gozam de uma fama lendária como espadachins. Dizem que Seadric aprendeu a velha arte do Tekchin com o último sobrevivente dos cavaleiros da ordem Fauld.

— Quem? - perguntou Hadrian.

— O que eu ouvi... o que Mauvin me contou... é que era uma irmandade surgida depois do império, dedicada à preservação das habilidades dos antigos cavaleiros teshlor.

— E quem eram esses cavaleiros?

— Os teshlor? — Alric olhou para ele de relance, espantado. — Os teshlor foram os maiores guerreiros de todos os tempos. Eram responsáveis pela segurança do próprio imperador. No entanto, como tudo o mais, as técnicas deles se perderam com a queda do império. Mesmo assim, o que Seadric aprendeu com a ordem dos Fauld, o que, a meu ver, constituía uma pequena fração dos conhecimentos dos teshlor, foi suficiente para transformá-lo num mito. Esse aprendizado secreto tem sido transferido fielmente de pai para filho, geração após geração, e tal conhecimento confere à família Pickering franca vantagem em situações de combate.

— A gente já sabe desses detalhes — murmurou Hadrian. — Então, como eu estava dizendo, é um belo projeto arquitetônico... a não ser pela presença daquelas árvores. — Ele acrescentou, apontando o pomar. — Aquele arvoredo pode dar cobertura para um exército invasor.

— Este morro não era como está agora — explicou Alric. — O terreno era vazio. Os Pickering plantaram este pomar algumas gerações atrás. Assim como aquelas roseiras e aqueles rododendros. Faz quinhentos anos que Campos de Droncil não vivência uma batalha. Acho que os condes não viram problema em plantar árvores frutíferas que pudessem também proporcionar sombra e flores. Hoje em dia, a grande fortaleza de Seadric Picklerinon não passa de uma casa de campo.

Chegaram à entrada, e Alric os fez seguir adiante sem se deter.

— Ei! Alto lá! — ordenou uma sentinela obesa, segurando um doce numa das mãos e um litro de leite na outra. A arma jazia no chão, ao seu lado. — Onde os senhores pensam que vão, entrando direto desse jeito, como se isso aqui fosse uma colônia de férias?

Alric baixou o capuz, e a sentinela deixou cair o doce e o litro de leite.

— Eu... eu sinto muito, Alteza — disse ele, perfilando-se tropeçadamente. — Não sabia que o senhor chegaria hoje. Ninguém me disse nada. — Ele limpou as mãos e, com os dedos, espanou as migalhas caídas sobre o uniforme. — Os demais membros da família real também virão?

Alric o ignorou, avançando portão adentro e cruzando a ponte que dava acesso interior do castelo. Os demais o seguiram sem dizer uma única palavra enquanto a sentinela mantinha neles o olhar fixo, absolutamente perplexa.

Assim como o exterior, o interior do castelo oferecia poucas indicações do legado bélico. O pátio era um jardim aprazível, composto por moitas e pequenas árvores meticulosamente podadas. Bandeiras em tons de verde e dourado pendiam de cada lado do pórtico da torre, esvoaçando na brisa da manhã. A grama estava bem-cortada, embora um tanto amarelada em consequência do inverno. Carroças, em sua maioria carregadas de cestos vazios que

provavelmente seriam utilizados na colheita das frutas, podiam ser vistas embaixo de um toldo verde. No fundo de um dos cestos ainda havia algumas maçãs. Perto de um celeiro, onde vacas mugiam pedindo para serem ordenhadas, havia um estábulo. Um cão, com um espesso pelo preto e branco, roía um osso ao lado de um poço de pedra, e uma família de patos brancos seguia em fila perfeita, perambulando e grasnando livre e alegremente pelo caminho. Os criados do castelo andavam de um lado para o outro, ocupados com suas tarefas matinais, buscando água, rachando lenha, cuidando dos animais e muitas vezes quase pisando nos patos. Ao lado do galpão de um ferreiro, onde um homem corpulento martelava uma lâmina em brasa, dois jovens esgrimiam ao ar livre. Ambos usavam elmos e empunhavam pequenos escudos. Um terceiro estava sentado de costas para os degraus de acesso à torre. Este assinalava, numa lousa, com um pedaço de giz, os pontos ganhos pelos outros dois na disputa.

— Levante mais o escudo, Fanen! — exclamou a figura mais alta.

— E as minhas pernas?

— Não vou tentar atingir suas pernas. Não quero baixar a minha espada, pois isso o deixaria numa posição de vantagem; mas você precisa manter o escudo elevado se quiser bloquear um golpe que venha de cima para baixo. Esse ainda é seu ponto fraco. Se eu bater com força, e você não estiver em guarda, pode até cair de joelhos. Nesse caso, de que valem as suas pernas?

— Se eu fosse você, seguiria o conselho dele, Fanen! — gritou Alric, dirigindo-se ao rapaz. — Mauvin é um asno, mas sabe se defender.

— Alric! — O mais alto retirou o elmo e correu para abraçar o príncipe enquanto este desmontava. Ao ouvirem o nome de Alric, vários criados que estavam no pátio ergueram o olhar, surpresos.

Mauvin era quase da idade de Alric, só que mais alto e com ombros bem mais largos. Exibia uma cabeleira negra despenteada e uma fileira de dentes brancos e brilhantes, que reluziram no momento em que ele sorriu para o amigo.

— O que você está fazendo aqui... e, pelo amor de Mar, que roupas são essas? Está com um aspecto horrível. Cavalgou a noite inteira? E isso aí no seu rosto... você levou um tombo?

— Tenho más notícias. Preciso falar com seu pai imediatamente.

— Não sei se ele já está de pé, e costuma ficar de mau humor se for acordado muito cedo.

— Não vou poder esperar.

Mauvin olhou fixamente para o príncipe e seu sorriso esvaneceu.

— Então esta visita não é casual?

— Não, eu bem que gostaria que fosse.

Mauvin se virou para o mais novo dos irmãos e disse:

— Denek, vá acordar nosso pai.

O rapaz que segurava a lousa sacudiu a cabeça.

— Eu é que não vou...

Mauvin avançou em direção ao irmão.

— Vá, agora! — gritou ele, e o caçula, assustado, correu para a torre.

— O que foi? O que aconteceu? — perguntou Fanen, deixando o elmo e o escudo sobre o gramado e se aproximando de Alric para abraçá-lo.

— Vocês tiveram alguma notícia de Medford nos últimos dias?

— Não que eu saiba — respondeu Mauvin, agora com um ar mais preocupado.

— Nenhum emissário? Nenhum despacho para o conde? — insistiu Alric.

— Não, Alric... o que foi?

— Meu pai está morto. Foi assassinado dentro do castelo por um traidor.

— O quê? — Mauvin arfou, dando um passo para trás. Foi mais uma interjeição ao que uma pergunta.

— Não é possível! — exclamou Fanen. — O rei Amrath está morto? Quando isso aconteceu?

— Para falar a verdade, não sei quanto tempo faz. Os dias que se seguiram ao assassinato foram confusos, e perdi a noção do tempo. Se a notícia ainda não chegou aqui, suponho que tenha acontecido há poucos dias.

Os criados interromperam suas tarefas e se deixaram ficar em volta deles, atentos à conversa. O barulho constante do martelo do ferreiro parou, e os únicos ruídos que se ouviam no pátio eram o distante mugido da vaca e o grasnar dos patos.

— O que está acontecendo? — perguntou o conde Pickering, saindo de dentro da torre e protegendo os olhos semicerrados contra a claridade do sol matinal. — O menino entrou todo ofegante e disse que era urgente.

O conde, homem de meia-idade, magro, com narigão arqueado e a barba precocemente grisalha bem-aparada, vestia um robe em tons de roxo e dourado por cima do camisolão. Sua esposa, Belinda, apareceu por trás dele, ajeitando o robe e olhando para o pátio com expressão nervosa. Hadrian aproveitou a cegueira momentânea de Pickering para arriscar um longo olhar em direção à condessa. Era, de fato, tão bela quanto se dizia. Vários anos mais jovem do que o marido, tinha um corpo esbelto, estonteante, e naquele momento os cabelos louros caíam por seus ombros de um jeito que ela jamais usaria em público.

Hadrian agora entendia por que o conde sentia tanto ciúme.

— Ora! — disse Myron, dirigindo-se a Hadrian e virando-se para olhar melhor.

— Quando olho para ela, nem penso em cavalo!

Hadrian desmontou e ajudou Myron a descer do cavalo.

— Eu sei do que você está falando, amigo, mas acredite no que vou lhe dizer: *aquela é* uma mulher para a qual você *definitivamente* não quer ficar olhando.

— Alric? — disse o conde. — O que diabo está fazendo aqui numa hora dessas?

— Pai, o rei Amrath foi assassinado — respondeu Mauvin com a voz trêmula.

Na fisionomia de Pickering se estampou o choque. Lentamente, ele baixou o braço e encarou o príncipe.

— Isso é verdade?

Alric assentiu com ar grave.

— Já faz alguns dias. Um traidor apunhalou meu pai pelas costas enquanto ele rezava.

— Um traidor? Quem?

— Meu tio, o arquiduque e lorde conselheiro... Percy Braga.

Royce, Hadrian e Myron encontraram, pelo olfato, a cozinha depois que Alric se retirou para uma conversa em particular com o conde Pickering. Ali encontraram Ella, uma cozinheira de cabelos brancos que, com satisfação, lhes preparou um café da manhã reforçado, na expectativa de ouvir os boatos em primeira mão. A comida em Campos de Drondil era muito superior à que fora servida na taverna Jarra de Prata. Ella trouxe várias porções de ovos, massa folhada, manteiga fresca sem sal, bifês, bacon, broas, batatas temperadas e molho, além de uma jarra de sidra e, de sobremesa, torta de maçã com calda de bordo.

Comeram na atmosfera relativamente serena da cozinha. Hadrian não disse muito mais do que Alric já revelara no pátio, contudo mencionou que Myron tinha vivido em reclusão, no monastério. Ella ficou fascinada com tal fato e interrogou o monge impiedosamente.

— Então você nunca tinha visto uma mulher até hoje, benzinho? — perguntou a cozinheira a Myron, que acabava de engolir a última fatia de torta. O monge comera com avidez, e um halo de fragmentos de maçã e de massa de torta circundava sua boca.

— Você é a primeira com quem falo — respondeu Myron como quem se vangloria de um grande feito.

— É mesmo? — disse Ella com um sorriso, fazendo-se de tímida. — Isso é uma grande honra. Faz anos que não sou a primeira de um homem. — A cozinheira riu, mas Myron apenas olhou para ela, atônito.

— E bonita a sua casa — disse Myron. — Parece tão... sólida.

Ela voltou a rir.

— Não é minha, bobinho. Eu só trabalho aqui. Pertence à nobreza, como todos os lugares bonitos. Nós, a ralé, vivemos em casebres e brigamos pelo que eles jogam fora. A gente é mais ou menos como cachorro, não é? Não, não estou reclamando. Os Pickering não são maus. Não são tão metidos como alguns dos outros nobres, que acham que o sol nasce e se põe só para o prazer deles. O conde nem quer camareira. E nem pede ajuda para se vestir. E, mais de uma vez, já o vi buscar água. Aquele ali é maluquinho. E os filhos puxaram o pai. A gente vê isso até no jeito como arream os cavalos. Fanen... Ora! Outro dia o vi manejando o martelo do pedreiro. Ele tinha pedido a Vern para mostrar como consertar uma lâmina. Agora eu pergunto: quantos nobres vocês já viram pedindo para aprender o ofício de ferreiro? Alguém quer mais uma caneca de sidra?

Eles sacudiram a cabeça e, um depois do outro, bocejaram.

— Já Lenara, essa puxou à mãe. Formam um belo par aquelas duas. São belas e perfumadas como as rosas, mas têm os seus espinhos. O gênio das duas é de dar medo. A filha é pior do que a mãe. Costumava treinar com os irmãos e sempre surrava Fanen, até que descobriu que é uma dama e que damas não fazem esse tipo de coisa.

Os olhos de Myron se fecharam, a cabeça pendeu, a cadeira virou e o monge caiu no chão. Ele despertou sobressaltado e se pôs de joelhos.

— Ah, desculpem-me... não tive a intenção de...

Ella riu tanto que não conseguiu responder e apenas acenou com a mão.

— A noite foi longa para você, meu querido — finalmente ela conseguiu dizer.

— Deixa que eu arrumo um lugarzinho para você lá nos fundos antes que essa cadeira o jogue no chão de novo.

Myron curvou a cabeça e disse em voz baixa:

— Eu tenho o mesmo problema com cavalos.

Alric relatou a história aos Pickering durante o café da manhã. Assim que terminou, o conde despachou os filhos e convocou os assessores para dar início a um extenso recrutamento em Galilin. Enquanto Pickering expedia ordens, Alric deixou o salão central e saiu andando pelos corredores do castelo. Era a primeira

vez que ficava sozinho desde a morte do pai. Até então, sentira-se como se estivesse sendo levado pela correnteza de um rio, empurrado pelos acontecimentos que o cercavam. Tinha chegado a hora de assumir o controle do próprio destino.

Alric viu pouca gente nos corredores. Além de uma armadura ou outra e de um quadro ou outro dispostos pelas paredes, não havia muita coisa que desviasse sua atenção. Campos de Drondil, embora menor que Essendon, parecia mais amplo graças à sua planta horizontal, que se estendia por quase todo o topo do morro. Enquanto o Castelo de Essendon possuía várias torres e aposentos imponentes que se erguiam por vários andares, o ponto mais alto de Campos de Drondil ficava no quarto andar. Sendo uma fortaleza, a resistência ao fogo era um fator crucial; portanto, o telhado era de pedra, e não de madeira, o que exigia paredes espessas, capazes de sustentar tamanho peso. Como as janelas eram pequenas e afundadas nos paredões, a luminosidade era pouca, e o interior se assemelhava a uma caverna.

Ele se lembrava de que, quando criança, corraera por aqueles corredores, perseguindo Mauvin e Fanen. Brincavam de lutas e batalhas, sempre vencidas pelos Pickering. No entanto, ele sempre triunfava, lembrando-lhes do fato de que um dia seria rei. Aos 12 anos, era maravilhoso provocar um amigo vencedor dizendo: "Tudo bem, mas um dia vou ser rei. Você vai ter que se curvar diante de mim e me obedecer." A idéia de que, para que se tornasse rei, seu pai precisaria morrer não lhe ocorria. Tampouco fazia idéia do que significasse o título.

Agora sou rei.

Para ele, isso sempre parecera estar num futuro muito, muito distante. Seu pai era um homem vigoroso, e Alric esperava viver muitos anos na condição de príncipe herdeiro. Poucos meses antes, durante a Festa do Verão, ele e Mauvin tinham feito planos de embarcar numa viagem de um ano em visita aos quatro cantos de Apeladorn. Planejaram conhecer Delgos, Cális e Trent, e chegaram a pensar numa tentativa de localizar as lendárias ruínas da cidade de Percepliquis. Descobrir e explorar a capital do antigo Império Novroniano era, para eles, um sonho de infância. Pretendiam encontrar fortuna e aventuras na cidade perdida. Mauvin tinha esperança de descobrir segredos perdidos das artes marciais dos cavaleiros teshlor, e Alric queria descobrir a velha coroa de Novron. Embora houvessem mencionado a viagem aos respectivos pais, nada falaram acerca de Percepliquis. Isso pouco importava, visto que ninguém sabia a localização da cidade perdida, mas o simples ato de procurar a capital do antigo império era considerado heresia. No entanto, caminhar pelos célebres salões de Percepliquis era, provavelmente, o sonho de todo menino em Apeladorn. No entanto, para Alric, a adolescência acabara.

Agora sou rei.

Sonhos daqueles dias infundáveis de aventuras extravagantes nas fronteiras do reino, tomando cerveja de má qualidade, dormindo ao relento e amando mulheres anônimas, voaram pelo ar como fumaça ao vento. Em vez daqueles sonhos, ele agora visualizava salões com paredes de pedra, repletos de velhos carrancudos. Em algumas ocasiões, presenciara debates na corte, presididos por seu pai, e ouvira clero e nobreza exigirem menos impostos e mais terras. Um conde chegara a pedir a execução de um duque e a expropriação de suas terras como indenização pela perda de uma vaca premiada. O pai ouvia, supunha Alric, entediado e infeliz, o secretário da corte ler em voz alta as inúmeras petições e queixas sobre as quais o rei deveria se pronunciar. Quando criança, Alric pensara que ser rei era poder fazer o que bem desejasse. Com o passar dos anos, porém, percebeu o verdadeiro sentido da função: intermediar e contemporizar. O rei não podia governar sem o apoio dos nobres, e estes estavam sempre insatisfeitos. Sempre queriam algo e esperavam que o rei os satisfizesse.

Agora sou rei.

Para Alric, ser rei era como cumprir uma sentença carcerária. Haveria de passar o resto da vida servindo ao povo, aos nobres e à família, assim como fizera seu pai. Perguntava-se se Amrath sentira o mesmo quando o pai falecera. Nunca pensara nisso: Amrath, o homem, e os sonhos que ele teria sacrificado eram conceitos inusitados para o jovem príncipe. Perguntava-se se o pai fora feliz. Quando se lembrava dele, as imagens que vinham à mente eram a barba espessa e os olhos brilhantes e sorridentes. Seu pai era muito sorridente. Alric se questionava se era pela satisfação de ser rei ou porque a companhia do filho proporcionava a ele um merecido descanso das questões de Estado. Alric sentiu um súbito desejo de rever o pai. Gostaria de ter separado um tempo para conversar com ele, de homem para homem, de lhe pedir conselhos e orientação para se preparar para aquele momento. Sentia-se sozinho e inseguro quanto à sua capacidade de desempenhar a tarefa que tinha pela frente. Acima de tudo, tinha vontade de simplesmente desaparecer.

O barulho estridente de metal batendo acordou Hadrian. Depois do café da manhã preparado por Ella, saíra andando pelo pátio. O dia estava ficando bastante frio, mas ele encontrou um local ao sol, no gramado, para tirar um cochilo. Achou que mal pregara os olhos, mas, quando voltou a abri-los, já passava do meio-dia. Do lado oposto do pátio, os irmãos Pickering haviam recomeçado a prática da esgrima.

— Ataque, Fanen! — ordenou Mauvin com a voz abafada pelo elmo.

— Por quê? Você vai ganhar de mim de novo!

— Você tem de aprender.

— Não vejo por quê — protestou Fanen. — Eu nem quero me dedicar à vida

militar, ou a torneios. Sou o segundo filho. Vou acabar em algum mosteiro, empilhando livros.

— Segundos filhos não vão para abadias. Os terceiros é que vão. — Mauvin levantou o visor e sorriu para Denek — Os segundos filhos ficam à espera. Você precisa ser treinado para estar pronto caso eu morra de alguma doença rara. Se eu não morrer, você vai perambular pelas terras do reino e vai ter de se virar sozinho. Ou seja, vai ganhar a vida como mercenário, ou no circuito dos torneios. Se tiver sorte, pode conseguir trabalho como intendente, capitão ou mestre de armas de algum conde ou duque. Nos dias de hoje, isso é quase tão bom quanto um título de nobreza. E você não vai conseguir esse tipo de trabalho, nem se manter como mercenário ou espadachim, se não souber lutar. Agora me ataque novamente... e, desta vez, se prepare, dê um passo e avance.

Hadrian se aproximou do local onde os rapazes lutavam e se sentou no gramado perto de Denek, para observar melhor. Denek, que tinha apenas 12 anos, olhou para ele, curioso.

— Quem é você?

— Meu nome é Hadrian — respondeu ele e estendeu a mão. O menino apertou sua mão com uma força exagerada. — Você é Denek, certo? O terceiro filho do conde Pickering? Talvez deva conversar com o meu amigo Myron, pois vejo que está destinado ao mosteiro.

— Não estou! — gritou o garoto. — Não vou para mosteiro nenhum! Eu sei lutar tão bem quanto Fanen.

— Isso não me surpreenderia — disse Hadrian. — Fanen tem pé chato e nenhum equilíbrio. E não vai melhorar muito, pois Mauvin se concentra muito na direita e hesita muito com a esquerda.

Denekriu para Hadrian e então se virou para os irmãos, dizendo:

— Hadrian disse que vocês lutam como meninas!

— Como? — disse Mauvin, bloqueando mais um ataque frustrado de Fanen.

— Ah, nada — falou Hadrian, tentando recuar e fazendo uma careta para Denek, que continuava rindo. — Obrigado! — disse ele para o garoto.

— Quer dizer que você acha que ganha de mim num duelo? — perguntou Mauvin.

— Não, não é nada disso. Eu só estava dizendo que não acho que Denek vai ter de ir para o mosteiro.

— Isso porque nós lutamos como meninas — acrescentou Fanen.

— Não, não é nada disso.

— Dê a sua espada para ele — ordenou Mauvin a Fanen.

Fanen lançou a espada em direção a Hadrian. A arma fincou no solo a cerca de 30 centímetros dos pés dele. O cabo oscilou para a frente e para trás como um cavalo de pau.

— Você é um dos ladrões aos quais Alric se referiu, não é? — Mauvin brandiu a espada no ar com uma destreza que não empregava nas lutas de brincadeira com o irmão. — Apesar da grande aventura da qual vocês participaram, não me lembro de Alric ter mencionado sua grande habilidade com uma lâmina.

— Ora, ele deve ter se esquecido — brincou Hadrian.

— Você conhece a fama dos Pickering?

— Sua família é conhecida pela habilidade no manuseio de espadas.

— Então você *já conhece* a nossa fama? Meu pai é o segundo melhor esgrimista de Avryn.

— Ele é o melhor — protestou Denek — Ele teria vencido o arquiduque se tivesse lutado com a espada dele, mas foi obrigado a usar outra espada, resada demais.

— Denek, quantas vezes vou precisar lhe dizer que, ao se referir à reputação de uma pessoa, não convém ficar dando desculpas quando se perde uma luta. O arquiduque venceu o duelo. Você precisa aceitar esse fato — advertiu Mauvin. Voltando a atenção a Hadrian, ele disse: — Falando em duelos, por que você não pega essa espada para eu fazer uma demonstração de Tekchin?

Hadrian pegou a espada e entrou no ringue de terra onde os rapazes estiveram lutando. Fez uma finta, seguida de uma estocada, facilmente bloqueada por Mauvin.

— Tente novamente — disse Mauvin.

Hadrian experimentou um golpe um pouco mais sofisticado. Dessa vez, moveu-se para a direita, girou para a esquerda e então tentou atingir a coxa de Mauvin. Mas Mauvin reagiu com extrema precisão, antecipando a finta e bloqueando a lâmina mais uma vez.

— Você luta como um bandido de rua — comentou Mauvin.

— Porque é isso o que ele é — confirmou Royce, vindo da torre. — Um estúpido bandidão de rua. Já vi uma velha dar uma surra nele com uma colher de pau. — E desviou a atenção para Hadrian. — No que você se meteu agora? Parece que esse menino vai comer o seu couro.

Mauvin se contraiu e encarou Royce.

— Quero lembrar que sou filho de um conde, e, portanto, você deve se referir a mim como *lorde* ou, no mínimo, *senhor*, e não como *menino*.

— Cuidado, Royce, ou você vai ser o próximo — disse Hadrian, descrevendo um

círculo, em busca de uma brecha. Ensaçou novo ataque, mas foi outra vez interceptado.

Mauvin, então, avançou, com passos rápidos. Escorou e prendeu a espada de Hadrian junto ao cabo da sua, posicionou uma das pernas atrás dele e o derrubou no chão.

— Não sou páreo para você — admitiu Hadrian enquanto Mauvin estendia a mão para ajudá-lo a se levantar.

— Tente mais uma vez! — gritou Royce.

Hadrian dirigiu-lhe um olhar irritado e então viu que uma jovem entrava no pátio. Era Lenara. Ela vestia uma túnica longa e dourada, quase no tom de seus cabelos. Era tão bela quanto a mãe e veio se juntar ao grupo.

— Quem é ele? — perguntou a garota, apontando Hadrian.

— Hadrian Blackwater — disse ele, fazendo uma reverência.

— Bem, Sr. Blackwater, parece que meu irmão o derrotou.

— Sem dúvida — reconheceu Hadrian, ainda limpando a poeira do corpo.

— Não há por que se envergonhar. Meu irmão é um exímio espadachim... e às vezes até exagera. Ele tem o desagradável hábito de espantar possíveis pretendentes.

— Eles não estão à sua altura, Lenara — disse Mauvin.

— Tente mais uma vez — repetiu Royce. Havia em sua voz um evidente tom de malícia.

— Vamos? — convidou Mauvin educadamente, fazendo uma reverência.

— Ah, sim! — disse Lenara, animando-se e batendo palmas. — Não tenha medo. Ele não vai matá-lo. Nosso pai não gosta que eles machuquem ninguém.

Dirigindo a Royce um sorriso maldoso, Hadrian encarou Mauvin e dessa vez não esboçou qualquer gesto defensivo. Ficou imóvel, mantendo a espada baixa. Seu olhar era frio, e ele fitava os olhos do oponente.

— Em guarda, seu tonto — disse Mauvin. — Ao menos *tente* se defender.

Hadrian ergueu a espada lentamente, mais em resposta ao pedido de Mauvin do que como atitude defensiva. Mauvin deu um passo à frente, brandindo subitamente a espada, com o objetivo de desequilibrar Hadrian. Em seguida, girou por trás de Hadrian, que era maior do que ele, e tentou derrubá-lo mais uma vez. Mas Hadrian também girou e, com uma das pernas, atingiu Mauvin na parte posterior dos joelhos, jogando-o no chão.

Mauvin olhou com um ar de curiosidade para Hadrian enquanto este o ajudava a se levantar.

— Vejo que o nosso bandidão de rua tem seus truques — murmurou Mauvin com um sorriso.

Então Mauvin avançou sobre Hadrian com uma seqüência de estocadas laterais, mas a maioria delas cortou o vento à medida que o ladrão se esquivava. Os gestos de Mauvin pareciam um turbilhão, e a lâmina da espada brandia com tamanha rapidez que o olhar mal podia acompanhar. O metal tinha conforme Hadrian aparava os golpes com sua espada, interceptando-os um a um.

— Cuidado, Mauvin! — gritou Lenara.

O embate logo passou de uma disputa amistosa a uma briga séria. Os golpes se tornaram mais céleres, violentos e próximos. O som metálico das lâminas começou a reverberar pelos muros do pátio. Os grunhidos e as imprecções se tornaram mais raivosos. Prosseguiram assim durante algum tempo, os dois lutando frente a frente. De súbito Mauvin executou uma manobra brilhante. Após fingir um movimento para a esquerda, ele girou para a direita, desferindo uma estocada e descrevendo uma volta completa, expondo as costas a Hadrian. Vendo o oponente vulnerável, Hadrian reagiu da forma esperada, mas Mauvin, milagrosa e instintivamente, interceptou a lâmina sem mesmo vê-la. Girando novamente, Mauvin dirigiu a espada para o lado que Hadrian deixara desprotegido. Antes que Mauvin concretizasse o golpe, porém, Hadrian colou seu corpo ao dele, evitando que o golpe atingisse suas costas. Com um de seus braços, Hadrian prendeu o braço com que o oponente segurava a espada e então apontou a espada para a garganta do jovem. Os irmãos de Mauvin tiveram um sobressalto. Royce apenas deu uma risadinha, expressando um prazer sinistro. Afrouxando a pressão do braço, Hadrian soltou Mauvin.

— Como fez isso? — perguntou Mauvin. — Eu lhe apliquei um Revés Vishin perfeito. É um dos golpes mais avançados de Tekchin. Ninguém até hoje conseguiu escapar desse golpe.

Hadrian sacudiu os ombros.

— Para tudo na vida tem uma primeira vez.

Ele atirou a espada em direção a Fanen, e a arma cravou no solo, entre os pés do menino. Ao contrário da vez anterior, o cabo não oscilou, pois a espada fincara de lado. Olhando com espanto para Hadrian, Denek disse, dirigindo-se a Royce:

— A tal velha deve ter sido uma megera, e a colher de pau deve ter sido das grandes.

— Alric?

O príncipe tinha entrado numa das despensas do castelo e estava sentado no batente amplo de uma janela em formato de arco, olhando para as colinas a oeste. O som da voz do amigo o despertou de seus pensamentos, e só então ele

percebeu que estava chorando.

— Desculpe — disse Mauvin —, mas meu pai está procurando por você. Os nobres que convocamos começaram a chegar, e acho que ele quer que fale com eles.

— Não tem problema — respondeu Alric, enxugando o rosto e olhando mais uma vez através da janela para o sol poente. — Já faz muito tempo que estou aqui. Acho que perdi a noção do tempo.

— É fácil perder a noção do tempo aqui. — Mauvin caminhou pela despensa e retirou uma garrafa de vinho de dentro de um caixote. — Você se lembra daquela noite em que a gente conseguiu vir até aqui e bebeu três destas?

Alric assentiu.

— Eu passei muito mal.

— Eu também, mas ainda conseguimos participar da caça ao cervo no dia seguinte.

— Não queríamos que ninguém soubesse que tínhamos bebido.

— Pensei que fosse morrer. E, quando voltamos, descobrimos que Arista, Lenara e Fanen tinham nos entregado.

— Eu me lembro.

Mauvin examinou o amigo atentamente.

— Você vai ser um bom rei, Alric. Tenho certeza de que seu pai se orgulharia de você.

Durante alguns instantes, Alric ficou calado. Pegou uma garrafa de dentro de um caixote e sentiu seu peso em uma das mãos.

— Agora é melhor eu voltar. Tenho responsabilidades. Não posso me esconder aqui e ficar bebendo vinho como antigamente.

— Ora! A gente pode se você quiser — disse Mauvin com um sorriso travesso.

Alric sorriu e o abraçou.

— Você é um grande amigo. É uma pena que agora a gente não vá mais sair em busca de Percepliquis.

— Tudo bem... e... nunca se sabe. Talvez a gente chegue lá um dia.

Enquanto saíam da despensa, Alric bateu as mãos, limpando a poeira que ali se fixara ao abraçar Mauvin.

— Fanen já está bom a ponto de jogá-lo no chão?

— Não, foi aquele ladrão que veio com você, o grandalhão. Onde o encontrou? A habilidade dele com a espada é sem igual. É simplesmente extraordinária.

— É mesmo? Vindo de um Pickering, isso é um elogio e tanto.

— Acho que, desse jeito, o mito dos Pickering não vai durar muito: meu pai foi vencido por Percy Braga, e agora eu sou derrubado por um desordeiro comum. Será que daqui a pouco outros nobres não vão começar a nos desafiar para usurpar nossas terras e o nosso título?

— Se naquele dia seu pai tivesse nas mãos a espada dele... — Alric fez uma pausa. — Por que o seu pai não estava com a espada?

— Não sabia onde a havia deixado — disse Mauvin. — Ele tinha certeza de que a deixara no quarto, mas, no dia seguinte, não a encontrou. Um criado a achou mais tarde, naquele mesmo dia, num local estranho.

— Bem, com ou sem a tal espada, eu afirmo, Mauvin, que seu pai ainda é o melhor espadachim do reino.

Royce, Hadrian e Myron continuaram a desfrutar da hospitalidade dos Pickering por meio de um farto almoço e um jantar, servidos no calor aconchegante da cozinha comandada por Ella. Passaram boa parte do dia cochilando, recuperando o sono perdido nos dias anteriores. A noite, já voltavam a se sentir eles mesmos.

Hadrian tinha agora uma "sombra", pois Deneko seguia por toda parte. Depois da ceia, o rapaz convidou Hadrian, Royce e Myron para observar o recrutamento das tropas de um de seus pontos de observação favoritos. O menino os conduziu à plataforma acima do portão principal. De lá, avistavam livremente o exterior e o interior do castelo.

No início da noite, as pessoas começaram a chegar. Pequenos grupos de cavaleiros, barões, escudeiros, soldados e autoridades municipais se acercavam e montavam acampamentos do lado de fora do castelo. Estandartes com as insígnias de várias famílias nobres eram visíveis no pátio, indicando a presença da nobreza em consonância com o juramento de lealdade. Quando a lua surgiu, cerca de trezentos homens já estavam reunidos, acampados em torno de fogueiras. As barracas pontilhavam a encosta do morro e se estendiam pelos pomares.

Vern, ao lado de outros cinco ferreiros vindos de diversos vilarejos, trabalhou além do horário, compartilhando fornalha e bigorna. Trabalhavam para atender pedidos de última hora. O restante do pátio estava igualmente movimentado, com todas as lamparinas acesas e todas as oficinas em atividade. Quem trabalhava com couro fazia ajustes nos arreios e nos elmos. Flecheiros fabricavam feixes de setas, empilhadas como lenha contra uma das paredes do estábulo. Carpinteiros fabricavam grandes escudos retangulares de madeira. Até os açougueiros e os padeiros trabalhavam duro, ensacando refeições compostas de carnes defumadas, pães, cebola e nabo.

— Aquela bandeira verde com o martelo é a insígnia do lorde Jerl — disse Denek. A temperatura despencara, e a respiração do menino se condensava numa névoa gelada. — Passei um verão nas terras dele dois anos atrás. Ficam bem na orla da Floresta de Longwood, e eles adoram caçar. Têm uma dezena dos melhores cães do reino. Foi lá que aprendi a atirar com arco e flecha. Aposto que você sabe atirar muito bem com arco e flecha, não é, Hadrian?

— Tenho fama de ser bom arqueiro.

— Aposto que tem melhor pontaria do que qualquer um dos filhos do lorde Jerl. Ele tem seis filhos, e todos se consideram os melhores arqueiros da província. Meu pai nunca nos ensinou a arte do arco e flecha. Ele diz que não faz sentido, pois nunca vamos lutar nas fileiras do exército. Ele nos ensinou a nos concentrar na espada. Mas não sei qual será a utilidade disso para mim se eu for parar num mosteiro. Vou ficar lendo o dia todo.

— Na verdade, tem muita coisa para se fazer numa abadia — explicou Myron, ajeitando melhor a coberta por cima dos ombros. — Na primavera, você vai passar a maior parte do tempo trabalhando na horta, e no outono é preciso fazer a colheita, cuidar do processo de preservação dos alimentos e preparar a cerveja. Até no inverno temos trabalho, cerzindo e limpando. É claro que a maior parte do tempo é dedicada à oração, seja em conjunto, na capela, ou em silêncio, no claustro. E depois tem...

— Acho que prefiro ser soldado de infantaria — disse Denek com um suspiro e uma careta. — Ou, quem sabe, posso me juntar a vocês dois e virar ladrão! Deve ser tremendamente emocionante correr pelo mundo, realizando missões arriscadas em nome do rei e da nação.

— É claro que você acha isso... — murmurou Hadrian.

Abaixo deles, um cavaleiro solitário se aproximava do portão principal a galope.

— Aquela não é a insígnia de Essendon? — perguntou Royce, apontando a bandeira com a imagem do falcão transportada pelo cavaleiro.

— É — disse Denek, surpreso. — É o estandarte do rei. Esse homem é o emissário de Medford.

Eles trocaram olhares um tanto aturdidos no momento em que o emissário entrou e desapareceu no interior do castelo. Havia continuado a conversar com Myron, que ainda se empenhava em convencer Denek de que a vida no mosteiro não era das piores, quando Fanen surgiu correndo pela plataforma.

— Até que enfim achei vocês! — gritou ele. — Meu pai mandou metade dos criados do castelo procurá-los.

— Por nós? — indagou Hadrian.

— Sim — disse Fanen. — Ele quer falar com os dois ladrões nos aposentos dele

imediatamente.

— Você não roubou prataria, roubou, Royce? — perguntou Hadrian.

— Aposto que tem mais a ver com seu flerte com Lenara hoje à tarde e com seu exibicionismo ao derrotar Mauvin — retorquiu Royce.

— Aquilo foi culpa sua — disse Hadrian, apontando o dedo.

— Não é nada disso — afirmou Fanen, interrompendo-os. — A princesa Arista será executada por traição amanhã de manhã!

No passado, o salão central de Campos de Droncil fora a sede da primeira corte de Melengar. Ali, o rei Tolin redigira e assinara a Carta de Droncil, instituindo oficialmente o reino. Agora, envelhecido e desbotado, o pergaminho emoldurado pendia numa das paredes, num local de destaque, entre pesadas cortinas cor de vinho amarradas com cordões e pingentes de seda dourada. Atualmente, o salão era o local onde o conde Pickering despachava assuntos oficiais. Hesitantes, Royce e Hadrian adentraram o recinto.

Em torno de uma mesa, no centro do salão, havia uma dezena de homens com trajes refinados, típicos da nobreza. Hadrian reconheceu a maioria dos presentes, e achava que seria capaz de adivinhar a identidade dos que não reconhecia. Havia condes, barões, intendentess e oficiais. A liderança da região leste de Melengar estava reunida diante deles. À cabeceira da mesa estava Alric, e à sua direita, o conde Pickering. Mauvin se perfilara atrás do conde e, no momento em que Hadrian e Royce entraram, Fanen se posicionou ao lado do irmão. Alric vestia roupas finas, sem dúvida emprestadas por um dos Pickering. Fazia menos de vinte e quatro horas que Hadrian não via o príncipe, mas este já parecia bem mais velho.

— Você disse a eles por que foram convocados? — perguntou o conde Pickering ao filho.

— Eu disse que a princesa estava prestes a ser executada — respondeu Fanen. — E nada mais.

— Fui chamado pelo arquiduque Percy Braga — explicou o conde Pickering, exibindo o despacho — para comparecer ao Castelo de Essendon a fim de testemunhar o julgamento sumário da princesa Arista, acusada de feitiçaria, traição e assassinato. Braga a acusou não apenas da morte de Amrath, mas também de Alric. — Furioso, ele atirou o despacho sobre a mesa, desferindo um soco sobre o documento. — O salafrário quer se apoderar do reino!

— A situação é pior do que eu pensava — disse Alric, e resumiu a questão para os ladrões: — Meu tio planejou matar meu pai e a mim e imputar ambos os assassinatos a Arista. Ele pretende executá-la e ficar com o reino. Ninguém vai descobrir a trama. Vai enganar a todos, passando-se pelo grande defensor do

reino. Tenho certeza de que o plano vai dar certo. Eu também suspeitava dela até poucos dias atrás.

— É verdade. Faz tempo que corre o boato de que Arista pratica feitiçaria — confirmou Pickering. — Braga não terá a menor dificuldade em condená-la. As pessoas têm medo daquilo que desconhecem. A idéia de que uma mulher possa ter poderes mágicos é assustadora para velhos que ocupam posições consolidadas. E, deixando de lado o medo de feitiçaria, a maioria dos nobres não gosta da idéia de ter uma mulher no trono. O veredicto já está definido. A sentença será aplicada prontamente.

— Mas se o príncipe chegar — disse o barão Enild — e ficar evidente que ele está vivo, então...

— Isso é exatamente o que Braga quer — declarou Sir Ecton. — Ele não está conseguindo encontrar Alric. Há vários dias ordena buscas, mas não consegue localizá-lo. Ele quer, digamos, desentocá-lo antes que o príncipe tenha a chance de reunir um exército para atacá-lo. Ele conta com a juventude e a falta de experiência do príncipe. A intenção dele é manipulá-lo para que suas reações decorram da emoção e não da razão. Como não pôde encontrá-lo, vai atraí-lo com uma isca.

— Até agora só dispomos da metade das nossas forças — argumentou Pickering, lamentando-se. Aproximou-se de um grande mapa de Melengar pendurado na parede oposta à da velha Carta e deu um tapa sobre a região oeste. — Nossos cavaleiros mais valentes estão muito longe daqui e, tendo sido encarregados de recrutar os contingentes mais numerosos, vão demorar a voltar. Levarão cerca de oito horas, talvez dezesseis para retornar. Mesmo se decidíssemos empregar apenas as forças de Galilin, só conseguiríamos atacar amanhã à noite. Até lá Arista já estará morta. Eu poderia marchar com as tropas que disponho agora e deixar ordens para o envio de reforços, mas tal divisão colocaria em risco todo o nosso exército. Não podemos pôr em risco o reino pelo bem de uma mulher, ainda que se trate da princesa.

— A julgar pelos mercenários que encontramos na taverna — disse Alric ao grupo —, desconfio que o arquiduque esteja prevendo um ataque e tenha reforçado suas defesas, contratando guerreiros leais a ele.

— Já deve contar com sentinelas avançadas e emboscadas — continuou Ecton. — Ao primeiro sinal do nosso avanço, ele vai informar aos nobres reunidos para o julgamento que marchamos a mando de Arista e vai instá-los a defender Essendon. Não temos como avançar enquanto não dispusermos de mais tropas.

— A espera — disse Alric com tristeza — vai implicar a imolação de Arista na fogueira. Mais do que nunca, sinto-me culpado por não ter confiado nela. Ela salvou minha vida. Agora, a dela está em jogo e não há muito que eu possa fazer.

— Ele olhou para Hadrian e Royce. — Não posso ficar sentado, impassível, e deixar que ela morra. Mas agir com precipitação seria loucura.

O príncipe se levantou e se aproximou dos ladrões.

— Fiz averiguações a respeito de vocês dois desde que chegamos aqui. Vocês não me contaram a história toda. Pensei que fossem ladrões comuns. Imaginem a minha surpresa ao descobrir que são celebridades. — Alric correu os olhos pelos demais nobres presentes. — Corre por aí que vocês possuem talentos extraordinários para missões quase impossíveis, envolvendo sabotagem, roubo, espionagem e, em alguns casos, até assassinatos. Não venham negar agora. Muitos dos aqui presentes já me confidenciaram que utilizaram seus serviços.

Hadrian olhou para Royce e em seguida para os rostos dos homens que os cercavam. Então assentiu, um tanto constrangido. Não havia ali apenas ex-clientes, mas também ex-vítimas.

— Fui informado de que vocês agem por conta própria e que não pertencem a guilda alguma. Operar com tamanho grau de autonomia não é fácil. Fiquei sabendo mais numa conversa de poucas horas com estes indivíduos do que durante vários dias na companhia de vocês. Mas o que eu sei, o que descobri por mim mesmo, é que vocês salvaram a minha vida duas vezes: uma para cumprir uma promessa feita à minha irmã e outra por um motivo que me escapa. Ontem à noite vocês desafiaram o poderio do lorde conselheiro e me resgataram, diante de uma força superior, composta por assassinos treinados. Ninguém lhes pediu para agir, ninguém os culparia se tivessem me deixado morrer. Vocês não esperavam qualquer recompensa pelo meu resgate e, mesmo assim, me salvaram. Por quê?

Hadrian olhou para Royce, que se manteve calado.

— Ora! — começou a dizer, olhando para o chão. — Acho que... a gente acabou simpatizando...

Alric sorriu e se dirigiu aos presentes.

— A vida do príncipe de Melengar, o futuro rei, foi salva... não por seu exército, não pelos leais guarda-costas e não por uma grande fortaleza, mas por dois ladrões traiçoeiros e atrevidos que não tiveram o bom senso de se afastar.

O príncipe deu um passo à frente e pôs cada uma das mãos sobre um dos ombros dos dois ladrões.

— Já lhes devo muito, e não tenho o direito de exigir, mas peço que demonstrem mais uma vez essa mesma falta de bom senso. Por favor, salvem minha irmã e cobrem de mim o preço que quiserem.

— Mais uma boa ação, um serviçozinho de última hora — resmungou Royce, enfiando suprimentos no alforje da sela.

— É verdade — disse Hadrian, pendurando no ombro a correia da espada —, mas pelo menos esse serviço *vai ser pago*.

— Você deveria ter dito a ele o verdadeiro motivo que nos levou a salvá-lo de Trumbul: se ele morresse, nunca receberíamos as cem moedas.

— Esse foi o *seu* motivo. Mas veja... com que frequência a realeza solicita os nossos serviços? Se a notícia correr, vamos poder elevar o nosso preço.

— Se a notícia correr, a gente vai ser enforcado.

— É... bem lembrado. Mas pense: ela salvou a nossa pele. Se Arista não tivesse nos ajudado a escapar da masmorra, nossas cabeças estariam agora enfeitando postes do Festival do Outono em Medford.

Royce fez uma pausa e suspirou.

— Eu não disse que a gente não deveria fazer o trabalho, disse? Falei para o príncipezinho que a gente faria o serviço. Mas não espere que eu comece a pular de alegria.

— Eu só queria que você ficasse menos descontente com a decisão — disse Hadrian.

Royce o encarou.

— Tudo bem, tudo bem. Já vou cuidar dos cavalos. — Ele pegou seus apetrechos e se dirigiu ao pátio, onde uma neve fina começava a cair.

Pickering fornecera aos ladrões dois dos seus garanhões mais velozes, bem como todos os suprimentos necessários. Ela preparou um lanche e uma substancial refeição para a viagem. Pegaram capas de lã pesadas para se proteger do frio e cachecóis escuros, embrulhados na parte inferior do rosto para impedir que o vento gelado os açoitasse.

— Espero que em breve possamos nos reencontrar — disse Myron enquanto eles preparavam as montarias. — Vocês dois são as pessoas mais fascinantes que conheci na vida, embora eu não tenha conhecido muita gente, não é mesmo?

— O que vale é a intenção — respondeu Hadrian, e deu um abraço apertado no monge, pegando o homenzinho de surpresa. No momento em que eles subiam em suas selas, Myron curvou a cabeça e orou em voz baixa.

— Pronto — disse Hadrian a Royce. — Agora temos Maribor ao nosso lado. Você pode relaxar.

— Na verdade — disse Myron com brandura —, eu estava rezando pelos cavalos. Mas, vou rezar *por vocês* também — acrescentou ele prontamente.

Alric e os Pickering vieram até o pátio para se despedir da dupla. Até Lenara apareceu, envolta num manto de pele branca. A gola macia estava levantada, escondendo a parte inferior de seu rosto. Somente os olhos estavam visíveis.

— Se vocês não conseguirem tirá-la de lá — disse Pickering —, tentem atrasar a execução até a chegada das nossas forças. E, quando as forças chegarem, é bom protegerem Arista. Tenho certeza de que Braga a mataria num ato de desespero. Ah, e tem mais uma coisa: não queiram enfrentar o arquiduque. Ele é o melhor esgrimista de Melengar. Deixem-no para mim. — O conde deu um tapinha na bela rapieira que pendia de seu cinto. — Na próxima vez, terei comigo a minha espada, e ele vai sentir sua aguilhoada.

— Eu estarei no comando do ataque a Essendon — informou Alric. — E meu dever enquanto governante. E, se vocês chegarem até a minha irmã e eu tombar antes que tudo isso chegue ao fim, digam-lhe que sinto muito por ter desconfiado dela. Digam-lhe... — A voz dele ficou embargada. — Digam-lhe que eu a amo e que acho que ela será uma excelente rainha.

— O senhor mesmo dirá isso a ela, Majestade — garantiu Hadrian.

Alric assentiu e então acrescentou:

— E me desculpem pelo que eu disse a vocês naquela hora. Vocês são os melhores guardiões que um rei pode ter. Agora vão. Salvem minha irmã, senão vou jogar os dois de volta na masmorra!

Em suas selas, Royce e Hadrian fizeram uma respeitosa reverência. Em seguida, viraram os cavalos, espolearam e saíram a galope. Passaram pelo portão e desapareceram na noite fria e escura.

Capítulo 8

JULGAMENTOS



A manhã do julgamento de Arista Essendon chegou com a primeira neve, Embora não tivesse dormido, Percy Braga não sentia o menor cansaço. Desde que deflagrara o processo na manhã anterior, quando despachara o anúncio do julgamento, centenas de detalhes exigiram sua atenção direta. Estava reexaminando a lista de testemunhas quando, após uma leve batida à porta de seu gabinete, um criado entrou.

— Lamento perturbá-lo, senhor — disse o homem, fazendo uma reverência. — O bispo Saldur está aqui. Ele diz que o senhor deseja vê-lo.

— É claro, é claro, faça-o entrar — respondeu o arquiduque.

O velho clérigo entrou, trajando seus paramentos vermelhos e pretos. Braga atravessou o gabinete e beijou seu anel enquanto o bispo fazia uma reverência.

— Obrigado por ter vindo tão cedo, Excelência. O senhor aceita alguma coisa? Quer que eu mande servir um café da manhã?

— Não, obrigado. Já me alimentei. Na minha idade, é comum acordar cedo, queira ou não queira. Por que o senhor mandou me chamar?

— Eu só queria me certificar de que o senhor não teria dúvidas sobre seu testemunho de hoje. Podemos rever o depoimento agora caso haja alguma dúvida. Separei um momento para isso.

— Ah, entendo — respondeu o bispo com um lento meneio de cabeça. — Não creio que seja necessário. Estou bem ciente do que é esperado.

— Ótimo... então acho que está tudo em ordem.

— Excelente — disse o bispo, e desviou o olhar em direção a uma garrafa: — Isso que estou vendo é brandy?

— Sim, o senhor aceita uma taça?

— Não costumo beber tão cedo, mas se trata de uma ocasião especial.

— Sem dúvida, Excelência.

O bispo se sentou perto da lareira enquanto Braga servia duas taças da bebida e lhe entregava uma.

— Ao novo regime a ser instituído em Melengar! — propôs o arquiduque. O cristal tiniu no ar como um sino no momento em que as taças se tocaram. Então cada qual tomou um grande gole.

— Tem algo especial em se tomar um bom brandy num dia de neve — observou Saldur com um tom de satisfação na voz. O religioso tinha cabelos brancos e olhar manso. Sentado à luz da lareira, envolvendo a taça com a mão enrugada, ele parecia o típico avô bondoso. Mas Braga não se enganava. Saldur jamais teria chegado aonde chegara se não fosse absolutamente implacável. Na condição de bispo, era um dos principais representantes da Igreja de Nyphron e do clero do reino de Melengar. Residia e trabalhava na grande Catedral Mares, edificação tão imponente quanto e decerto mais amada que o Castelo de Essendon. Em relação à influência, Braga estimava que, dos dezenove bispos que constituíam a liderança dos fiéis, Saldur era um dos três mais importantes.

— Quanto tempo falta para o início do julgamento? — perguntou Saldur.

— Vamos começar daqui a mais ou menos uma hora.

— Devo dizer que cuidou de tudo muito bem, Percy — disse Saldur sorrindo. — A Igreja está bastante satisfeita. Nosso investimento em você foi substancial, mas, pelo jeito, fizemos uma boa escolha. Quando se lida com esquemas há tanto tempo, como é o nosso caso, é difícil saber se infiltramos as pessoas certas nos lugares certos. Cada adesão precisa ser levada a termo com sutileza. Não queremos levantar suspeitas de que estamos jogando com cartas marcadas. Quando chegar a hora, é preciso parecer que todos os reinos aceitam voluntariamente a formação do Novo Império. Admito que tinha minhas dúvidas a seu respeito.

Braga ergueu uma sobrancelha.

— Estou surpreso com essa declaração.

— Bem, quando arquitetou seu casamento com a irmã de Amrath, você não parecia ter o perfil de um rei. Era um esquelético e pretensioso...

— Isso faz quase vinte anos — protestou Braga.

— É bem verdade. Mas já naquela época pude perceber a sua habilidade com a espada e a sua ferrenha convicção imperialista. Eu tinha medo de que, sendo tão jovem, você talvez... bem... será que não mudaria de opinião? Mas provou que eu estava enganado. Tornou-se um administrador competente, e a sua capacidade de se adaptar diante de eventos inesperados, como no caso da reviravolta provocada por Arista, comprova a sua aptidão para resolver problemas.

— Bem, devo admitir que as coisas não correram exatamente como planejei. A fuga de Alric foi algo inesperado. Eu subestimei a princesa, mas pelo menos ela teve a bondade de me fornecer meios para incriminá-la.

— Então o que precisamente você pretende fazer em relação ao irmãozinho caçula de Arista? Você sabe onde ele está?

— Sim, está em Campos de Dondil. Recebi vários relatos sobre o recrutamento em curso em Galilin. As tropas estão se reunindo no castelo dos Pickering.

— E você não está preocupado com isso?

— Digamos que eu gostaria de ter agarrado o fedelho antes que ele chegasse às terras dos Pickering. Mas vou cuidar dele assim que acabar com a irmã. Pretendo aniquilá-lo antes que possa angariar grande apoio. Ele tem se mostrado um tanto escorregadio. Escapuliu das minhas mãos em Wicend Ford. Não apenas conseguiu fugir, como levou cavalos dos meus homens. Achei que seria fácil encontrá-lo e designei tropas para vigiar estradas, vales e aldeias, mas durante vários dias não soubemos o paradeiro dele.

— E foi então que ele conseguiu chegar até as terras dos Pickering?

— Não, não — disse Braga. — Consegui agarrá-lo. Uma patrulha o prendeu na taverna Jarra de Prata.

— Então não estou entendendo. Por que ele não está aqui?

— Porque a minha patrulha nunca voltou. Um emissário trouxe a notícia de que Alric tinha sido capturado, mas os demais desapareceram. Mandeí investigar e obtive relatos impressionantes. Segundo consta, dois sujeitos que viajavam com o príncipe reuniram um grupo de habitantes locais e emboscaram os patrulheiros.

— Você sabe quem são esses dois que ajudaram Alric?

— Não sei os nomes, mas o príncipe se referiu a eles como "guardiões do rei". No entanto, tenho certeza de que são os dois ladrões que tentei incriminar pela morte de Amrath. De algum modo, o príncipe conseguiu mantê-los a seu serviço. Deve ter oferecido uma fortuna, talvez até terras e títulos. O menino é mais esperto do que eu pensava. Mas não tem problema, já tomei providências para lidar com ele e seus amigos. Há várias semanas que venho engrossando as fileiras do exército de Melengar com mercenários leais ao meu dinheiro. Amrath não ficou sabendo. Uma das vantagens de ser lorde conselheiro é não precisar do selo real em todas as ordens.

Ouviu-se mais uma batida à porta, e o criado voltou a entrar.

— O conde de Chadwick está aqui para vê-lo, meu senhor.

— Archibald Ballentyne? O que ele está fazendo aqui? Livre-se dele.

— Não, espere — disse o bispo, intervindo. — Eu pedi ao conde que viesse. Por

favor, faça-o entrar.

O criado fez uma reverência e saiu, fechando a porta atrás de si.

— O senhor deveria ter falado comigo antes — disse Braga. — Sinto muito, Excelência, mas estou ocupado demais hoje para receber a visita de um nobre da vizinhança.

— Sim, sim. Sei que você está bastante ocupado, mas a Igreja tem suas prioridades. Como você bem sabe, seu reino não é o único no qual temos interesse. O conde de Chadwick tem certa importância para nós. É jovem, ambicioso e se deixa levar pelo sucesso. Vai ser bom para ele constatar em primeira mão o que é possível fazer quando você possui os amigos certos. Além disso, um aliado na fronteira sul vai ser útil para você também.

— Está insinuando que eu devo aliciá-lo e afastá-lo do rei Ethelred?

— Ethelred é um bom imperialista, isso eu admito, mas só pode haver um imperador. Não há por que o imperador não ser você, desde que continue a se mostrar merecedor. Ballentyne tem muitos trunfos que podem ser úteis a essa empreitada.

— Ainda não sou nem rei, e você já está falando em imperador?

— A Igreja não teria sobrevivido três mil anos se não pensasse no futuro. Ah, ei-lo aqui. Entre, Archibald. — Archibald Ballentyne entrou, espanando a neve da capa e batendo os pés. — Deixe a capa ali e venha para perto do fogo, rapaz. A jornada de carruagem deve ter sido gélida.

Archibald atravessou o gabinete e beijou o anel do bispo, que não se levantara.

— Bom dia, Excelência — disse ele, e então se virou e reverenciou o arquiduque.

— Meu senhor.

Retirou a capa e a sacudiu com cuidado. Atônito, olhou ao redor.

— Seu criado saiu sem levar minha capa.

— Deixe a capa aí em qualquer lugar — instruiu Braga.

O conde olhou para ele, horrorizado.

— Esta capa é de tecido adamacado do exterior, e o bordado é feito com linha de ouro. — Naquele instante, o criado retornou, trazendo uma cadeira confortável. — Ah, até que enfim. Tome, leve isto e, pelo amor de Maribor, não pendure num gancho — disse ele, entregando a capa ao criado, que fez uma reverência e se retirou.

— Brandy? — perguntou Braga.

— Ah, meu bom senhor, sim — respondeu Archibald. Braga lhe entregou uma taça que continha um líquido cor de âmbar.

— Agradeço sua vinda, Archibald — disse o bispo. — Receio não termos muito tempo para conversar neste momento. Melengar está em polvorosa hoje. Mas acabei de dizer a Braga que talvez fosse útil para nós três termos uma conversinha.

— Estou sempre às suas ordens, Excelência. Sou sempre grato pela oportunidade de me encontrar com o senhor e com o novo rei de Melengar — disse Archibald sem qualquer cerimônia. Saldur e Braga trocaram olhares. — Ora! Por favor, isso não é mais segredo. O senhor é arquiduque e lorde conselheiro. O rei Amrath e o príncipe estão mortos. Caso execute a princesa, a coroa será sua. Foi tudo muito bem planejado. Aceite os meus parabéns. Assassinato em plena luz do dia, diante dos nobres... vão aclamá-lo enquanto o senhor rouba a coroa.

Braga se contraiu.

— O senhor está me acusando de...

— Claro que não — disse o conde, interrompendo-o. — Eu não acuso ninguém. O que tenho a ver com as questões de Melengar? Meu soberano é Ethelred, de Warric. O que acontece no seu reino não é da minha conta. Quero apenas oferecer as minhas *sinceras* congratulações — ele ergueu a taça e meneou a cabeça em direção ao bispo — a ambos os senhores.

— Como é o nome desse seu joguinho, Ballentyne? — perguntou Braga em tom de provocação enquanto ele e Saldur examinavam atentamente o jovem conde.

Archibald voltou a sorrir.

— Meus prezados cavalheiros, não estou jogando. Estou sendo sincero quando me declaro simplesmente admirado. Sobretudo diante do meu recente fracasso. Tentei um esquema no intuito de elevar a minha condição, mas fui malsucedido.

Braga se divertia com aquele conde vaidoso. Agora percebia o que o bispo enxergava em Ballentyne e ficara curioso.

— Lamento saber que sofreu reveses. O que exatamente você pretendia?

— Bem, adquiri algumas cartas e tentei chantagear o marquês de Glouston para que ele me cedesse a mão da filha, de modo que eu pudesse me apoderar do Vale de Rilan. As cartas estavam trancadas no meu cofre, na minha torre particular, e eu estava prestes a apresentá-las a Victor pessoalmente. Tudo estava perfeito, mas, de repente... *puf*. — Archibald fez um gesto, abrindo a mão. — As cartas sumiram. Como um passe de mágica.

— O que aconteceu com elas? — perguntou Saldur.

— Foram furtadas. Ladrões serraram um buraco no telhado da minha torre e em questão de minutos entraram e pegaram as cartas... embaixo do meu nariz.

— Impressionante — comentou Saldur.

— Deprimente, isso sim. Fizeram-me passar por bobo.

— Você pegou os ladrões? — perguntou Braga.

Archibald sacudiu a cabeça.

— Infelizmente não, mas agora sei quem são. Levei dias para descobrir. Ninguém sabia que eu tinha as cartas. Então, as únicas pessoas que poderiam levar as cartas eram os mesmos ladrões que eu havia contratado para furtá-las para mim. Demônios ladinos. São conhecidos como Riyria. Não sei bem por que as furtaram. Talvez quisessem me cobrar em dobro, mas não lhes darei esse gostinho, é claro. Vou contratar alguém para interceptar as próximas cartas expedidas da Abadia dos Ventos.

— Então as tais cartas eram correspondência trocada entre o marquês de Glouston e o rei Amrath? — perguntou Saldur.

Archibald olhou para o bispo, surpreso.

— Palpite interessante, Excelência. Não, eram cartas de amor trocadas entre a filha do marquês e o amante nacionalista, Gaunt. Minha intenção era que Alenda se casasse comigo a fim de poupar Victor do vexame de ver a filha envolvida com um plebeu.

Saldur deu uma risadinha.

— Eu disse algo engraçado?

— Você tinha em mãos mais do que imaginava — informou-o Saldur. — Aquelas cartas não eram de amor e tampouco eram destinadas a Degan Gaunt.

— Com todo o respeito, Excelência, as cartas estavam em meu poder. Eram endereçadas a ele.

— Sem dúvida, eram... mas aquilo não passava de uma precaução caso alguém como você as descobrisse. Foi uma manobra bastante esperta, de fato. Seria um belo subterfúgio se interceptassem a correspondência. Degan Gaunt, na condição de amante, creio eu, significa o anseio de Lanakin por uma revolução que derrubasse Ethelred. Se declarasse suas opiniões abertamente, o marquês poderia ser executado. Aquelas cartas eram, na realidade, mensagens codificadas de Victor Lanakin, enviadas por Alenda a um emissário do rei Amrath. O marquês de Glouston é um traidor do reino e da causa imperialista. Se tivesse se dado conta, você teria toda a região de Glouston, além da cabeça de Victor, como presente de casamento.

— Como o senhor sabe disso?

— O arquiduque Braga tomou conhecimento do esquema quando o falecido rei lhe pediu que desse dinheiro ao emissário diretamente, sem fazer qualquer registro do pagamento. Ele, evidentemente, me contou tudo.

Archibald permaneceu calado e bebeu o restante do brandy de um só gole.

— Mas espere um instante. Por que ele contaria tudo ao senhor?

— Porque, como imperialista que se preze, Percy sabe que é importante manter a Igreja informada sobre esse tipo de coisa.

Archibald olhou para Braga, perplexo.

— Mas você é monarquista, não é? Ou seja, como é possível o lorde conselheiro de Melengar ser imperialista?

— Como? — perguntou Saldur com um sorriso.

— Casando-se com um membro da família real — assinalou Braga.

— A Igreja vem infiltrando imperialistas em posições importantes próximas aos tronos de quase todos os reinos monarquistas de Avryn, e até mesmo nas nações de Trent e Cális — explicou Saldur. — Em consequência de incidentes inesperados, esses indivíduos são agora governantes na maioria desses reinos. A Igreja entende que, quando o Herdeiro finalmente for encontrado, a transição será mais branda se os diversos reinos já estiverem prontos para declarar sua aliança.

— Incrível.

— De fato. Quero adverti-lo, no entanto, que você não vai conseguir obter mais cartas. Não haverá mais encontros na Abadia dos Ventos. Infelizmente, fui obrigado a pedir ao arquiduque que desse uma lição nos monges por terem acobertado o esquema. A abadia foi incendiada com os monges presos lá dentro.

— O senhor imolou seus próprios pastores do rebanho de Maribor? — perguntou Archibald a Saldur.

— Quando Maribor nos enviou Novron, este veio em forma de guerreiro para destruir nossos inimigos. Nosso deus não tem medo de sangue. Além disso, muitas vezes é preciso podar os galhos mais fracos para que a árvore cresça frondosa. Matar os monges foi uma necessidade, mas poupei um deles, o filho de Lanakin, a fim de que ele pudesse voltar para casa e contar ao pai sobre as mortes. Não podemos correr o risco de que monarquistas conspirarem contra nós, não é? — Saldur sorriu. O velho clérigo deu mais um gole no brandy, e, passado o momento sinistro, Braga se viu novamente diante da imagem do avô bondoso.

— Então você queria se apoderar de Glouston, Archibald? — perguntou Braga, voltando a encher a taça do conde. — Acho que o subestimei. Diga-me, caro conde, ficou mais aborrecido por ter perdido as terras ou Alenda?

Archibald acenou com uma das mãos como se quisesse derrubar uma mosca.

— Ela seria apenas um bônus. Eu queria as terras.

— Entendo. — Braga olhou para Saldur, que sorriu e meneou a cabeça. —

Talvez ainda consiga as terras. — Braga voltou a se dirigir ao conde. — Comigo no trono de Melengar, vou precisar de um forte aliado imperialista protegendo minha fronteira sul com Warric.

— O rei Ethelred chamaria isso de traição.

— E como você chamaria?

Archibald sorriu e tamborilou os dedos no raro cristal lapidado da taça de brandy, produzindo um som agradável.

— Oportunidade.

Braga se sentou e esticou os pés em direção à lareira.

— Se eu ajudá-lo a obter as terras de Lanaklin e você declarar aliança a mim, Melengar vai superar Warric e se tornar o reino mais poderoso de Avryn. Do mesmo modo, Chadwick vai se tornar a província mais poderosa.

— Isso se Ethelred não declarar guerra — advertiu Archibald. — Reis não gostam de perder uma quarta parte do seu reino, e Ethelred não é do tipo que evita retaliação. Ele gosta de lutar. E mais... sabe lutar. E agora tem o melhor exército de Avryn.

— É verdade — disse Braga. — Mas não tem um general competente para assumir o comando. Não tem nenhum oficial com o talento do seu Sir rreckton. Aquele sujeito é um grande líder. Se você romper com Warric, será que pode contar com o apoio dele?

— A lealdade de Breckton a mim é inabalável. O pai dele, lorde Belstrad, é um cavaleiro à moda antiga. E incutiu nos filhos valores nobres. Nem Breckton nem o irmão dele... como é mesmo o nome? O caçula dos Belstrad... que está na Marinha... *Wesley*. Eles não cometeriam a desonra de se opor a um homem ao qual houvessem jurado fidelidade. Reconheço, no entanto, que às vezes a noção de honra deles pode ser inconveniente, lembro-me de que, certa vez, um criado deixou cair na lama meu chapéu de fustão novinho. Quando pedi a Breckton que decepasse a mão do destrambelhado, ele se recusou. E ainda ficou vinte minutos me explicando o código de honra de um cavaleiro. Ah, sim, meu senhor, ele é deveras leal à Casa de Ballentyne, mas eu preferia um homem menos leal que obedecesse sem questionar. É bem possível que, se eu romper com Warric, Breckton se recuse a lutar, mas tenho certeza de que não faria oposição a mim. A meu ver, o próprio Ethelred merece mais atenção, pois é um excelente comandante.

— É verdade — admitiu Braga —, mas também sou. Eu bem que gostaria de lutar com ele. Já disponho de um exército experiente, assim como de um bom número de mercenários prontos para o embate. E tenho condições de recrutar mais gente se necessário. O resultado para ele seria a perda de Warric, e isso

pode ser o caminho para a conquista do restante de Avryn e, quem sabe, de toda a área de Apeladorn.

Dessa vez Archibald deu uma risadinha.

— Ora! Admiro a sua capacidade *de pensar grande*. Vejo que haveria muitas vantagens em ser seu aliado. Você contempla mesmo o título de imperador?

— Por que não? Se estou destinado a conquistar, o patriarca vai querer se aliar a mim, como a Igreja fez com Glenmorgan. Se eu prometer alguns direitos à Igreja, ele talvez até me declare como o Herdeiro. Então ninguém vai se opor a mim. Em todo caso, isso seria para o futuro. Estamos nos precipitando. — Braga voltou a atenção para o bispo. — Quero agradecer, Excelência, por ter convocado esta reunião. Foi muito instrutiva. No entanto, são quase dez horas, e acho que está na hora de iniciar o julgamento de Arista. Mas eu gostaria de convidá-lo a ficar, Archibald. Acho que posso lhe oferecer um presente para demonstrar meu compromisso com você, o novo amigo de Melengar.

— Sinto-me lisonjeado, meu senhor. Será uma satisfação desfrutar da sua companhia, e estou certo de que seu presente, seja lá qual for, há de ser generoso.

— Você disse que os ladrões que frustraram o seu esquema para chantagear Victor Lanaklin são conhecidos como Riyria?

— Sim, eu disse. Por que pergunta?

— Bem, parece que nós dois temos interesse nesses pilantras. Eles também têm sido uma pedra no meu caminho. Como você já descobriu, eles não têm o menor respeito pelos clientes que os contratam e são capazes de se voltar contra quem os emprega. Eu também os contratei para um serviço e agora constatei que estão trabalhando contra mim. Suspeito que os dois venham aqui hoje, e tenho planos para capturá-los. Se de fato aparecerem, vou julgá-los com Arista. É bem possível que os três sejam queimados vivos no início da noite.

— O senhor é mesmo muito generoso — respondeu Archibald com um meneio de cabeça e um sorriso nos lábios.

— Achei que fosse gostar do presente. Você disse, logo ao chegar, que Alric está morto, e, de fato, eu me encarreguei de espalhar essa notícia. No entanto, infelizmente, ele não está... isso é, ainda não. Arista conseguiu que os tais ladrões o levassem daqui na noite em que Amrath morreu. Acredito que Alric os tenha contratado, e que eles vão tentar salvá-la. Há indícios de que utilizaram a rede de esgoto para sair do castelo, portanto tomei algumas precauções nesse sentido. A grade da cozinha foi selada, e Wylín, o capitão da guarda do castelo, estará a postos com seus melhores homens para fechar o portão de acesso ao rio depois que passarem. Cheguei a ponto de deixar o local desguardado para torná-lo mais

atraente. Se tivermos sorte, o idiota do príncipe vai querer brincar de heroizinho e virá com eles. Se ele vier... xeque-mate!

Archibald assentiu com visível satisfação.

— O senhor é mesmo impressionante.

Braga ergueu a taça, e brindou:

— A mim!

— Ao senhor! — Archibald bebeu à saúde de Braga.

Ouviu-se uma forte batida à porta.

— Entre! — exclamou Braga, irritado.

— Lorde conselheiro! — Um dos mercenários contratados por Braga irrompeu no gabinete. Suas faces e o nariz estavam vermelhos, e a armadura pingava. Em sua cabeça e nos ombros ainda havia vestígios de neve.

— Sim? O que foi?

— A sentinela que vigia a muralha encontrou pegadas na neve seguindo para o rio, perto da rede de esgoto, meu senhor.

— Excelente — respondeu Braga, esvaziando a taça. — Leve oito homens para reforçar a posição do capitão Wylín à beira do rio. Não quero que eles escapem. Lembre-se: se o príncipe estiver com eles, deve ser eliminado imediatamente. Não permita que Wylín o impeça. Quanto aos ladrões, quero-os vivos. Tranque-os no calabouço e amordace-os como da outra vez. Vou utilizá-los para incriminar ainda mais Arista e pretendo queimá-los todos juntos.

O soldado fez uma reverência e saiu.

— Agora, cavalheiros, como eu dizia, vamos nos juntar ao juiz e aos outros nobres. Estou ansioso para dar início a esse julgamento.

Levantaram-se e, caminhando lado a lado, saíram os três juntos pelas portas duplas.

O sol matinal, amplificado pelo efeito da neve, entrava como uma forte luz branca pela grade do canal subterrâneo que dava acesso ao rio. A luminosidade do inverno, fragmentada pelo teto reluzente, revelava as pedras antigas cobertas de mofo e musgo. A umidade congelada nas paredes do esgoto refletia a luz, reproduzindo-a, de um lado e do outro, até desaparecer nos confins da escuridão. Na penumbra, os soldados espreitavam, agachados e com frio. Seus pés estavam imersos até os tornozelos na água imunda e gelada que escorria entre suas pernas, vinda dos ralos do castelo e seguindo em direção ao rio. Durante quase quatro horas, tinham permanecido em silêncio, mas agora ouviam o ruído de passos se aproximando. O chapinhar na água suja ecoava pelas paredes do canal de esgoto, e ao longe as sombras brincavam contra a pedra.

Com um gesto de mão, Wylin ordenou à tropa que parasse e ficasse em silêncio. Antes de avançar, precisava ter certeza de que a retaguarda estava a postos e de que a presa seria avistada. Havia muitas alas no sistema de esgoto para as quais dois homens poderiam correr e se esconder no escuro. Ele não queria ter de perseguir aqueles ratos por um labirinto de túneis. Não era apenas o fato de aquele local ser desagradável, mas, como Wylin sabia, o arquiduque queria a presença dos ladrões nas festividades programadas para a manhã seguinte e ficaria desgostoso se a apreensão demorasse muito.

Pouco depois, foram avistados. Dois homens, um alto e de ombros largos, o outro mais baixo e magro. Vestiam capas pesadas, de inverno, com o capuz sobre a cabeça, e avançavam lentamente, detendo-se de vez em quando para olhar ao redor.

— Lembre-me de parabenizar Sua Majestade pela excelência da rede de esgotos do reino — disse um deles em tom de zombaria.

— Ao menos a lama está mais quente do que o rio — respondeu o outro.

— É... que pena hoje ser o dia mais frio do ano. Por que não poderia ser no auge do verão?

— Estaríamos aquecidos, sem dúvida, mas consegue imaginar o cheiro?

— Por falar em cheiro, acha que já estamos perto da cozinha?

— Você é que está me conduzindo. Não consigo ver nada aqui dentro.

Wylin fez um gesto com o braço.

— *Vamos, agora! Peguem-nos!*

Os guardas do castelo saíram de suas posições num túnel adjacente e atacaram os dois. Da retaguarda, vieram mais soldados, bloqueando qualquer possibilidade de recuo. As tropas cercaram a dupla, com espadas em punho e escudos erguidos.

— Cuidado — disse Wylin —, o arquiduque avisou que eles são cheios de surpresas.

— Eu é que vou fazer uma surpresa — disse um dos soldados que vinham por trás. Dando um passo à frente, ele atingiu o mais alto com o cabo da espada, derrubando-o no chão. Outro soldado desferiu um golpe com o escudo, e o segundo homem tombou, inconsciente.

Wylin suspirou, arregalou os olhos para a tropa e então sacudiu os ombros.

— O plano era levá-los andando, mas... tudo bem. Acorrentem e amordacem os dois e os levem para a masmorra. E, pelo amor de Maribor, tirem as cabeças deles de dentro da água antes que se afoguem. Braga quer os dois vivos.

Os soldados assentiram e puseram mãos à obra.

— Esta sessão da Suprema Corte de Melengar foi convocada, legitimamente, no intuito de examinar alegações apresentadas contra a princesa Arista Essendon pelo lorde conselheiro, arquiduque de Melengar, Percy Braga. — A voz potente do presidente da corte reverberou pelo salão. — A princesa Arista é acusada de traição à Coroa, dos assassinatos do pai e do irmão e de prática de bruxaria.

O maior salão do castelo, a Suprema Corte de Melengar tinha um teto de catedral, janelas com vitrais e paredes cobertas com emblemas e brasões das famílias nobres do reino. Os bancos e os balcões estavam repletos de espectadores. A nobreza e os comerciantes abastados da cidade se acotovelavam para assistir ao julgamento da princesa. Do lado de fora, a plebe, reunida desde o amanhecer, aguardava na neve as notícias do desenrolar do processo. Um muro de soldados envergando armaduras fazia a contenção da multidão.

O tribunal em si era um quadrado com patamares escalonados, abrigando fileiras de poltronas onde sentavam-se os nobres mais ilustres do reino. Vários assentos estavam vagos, mas havia quorum para atender aos objetivos de Braga. Em consequência do frio matinal, a maioria dos juizes ainda usava mantos de pele, aguardando até que o fogo aceso na grande lareira aquecesse o recinto. Na frente do salão via-se o trono vazio, como um fantasma assombrando o tribunal. A presença do trono constituía um lembrete eloqüente da gravidade e da dimensão do julgamento. O veredicto decidiria quem seria o próximo a sentar-se ali e a controlar as rédeas do reino.

— Esta corte judicial, integrada por homens de bem e sábios, agora ouvirá as alegações e examinará as provas. Que Maribor lhes conceda sabedoria.

O presidente da corte ocupou seu assento, e então se levantou um homem obeso, com uma barbicha que contornava a boca diminuta. O indivíduo vestia mantos caros, que esvoaçavam quando ele passava diante do júri, olhando nos olhos de cada jurado.

— Senhores jurados — disse o advogado, realizando com o braço um gesto dramático. — Os senhores já sabem que o nosso bom rei Amrath foi assassinado sete dias atrás dentro deste castelo. E provavelmente também estão cientes de que o príncipe Alric desapareceu, tendo sido supostamente, raptado e assassinado. Como é possível acontecer coisas dessa natureza dentro das paredes do castelo do próprio rei? E possível que um rei *seja* assassinado. É possível que um príncipe *seja* raptado. Mas os dois incidentes na mesma noite, um depois do outro? Como isso é possível?

A multidão se manteve calada, esforçando-se para ouvir cada palavra.

— Como é possível dois assassinos entrarem no castelo sem serem vistos, apunhalarem o rei e, depois de capturados e trancados no calabouço, conseguirem escapar? A fuga por si só já é incrível, pois a cela na qual os dois

estavam presos era vigiada por soldados experientes. E eles não estavam apenas presos. Estavam acorrentados à parede, pelos punhos e pelos tornozelos. No entanto, o mais impressionante, o mais inacreditável, é que, depois de escapar milagrosamente, eles não fugiram! Não fugiram! Tendo sido informados, ainda no cativeiro, que em consequência do crime hediondo por eles cometido seriam executados e esquartejados ao amanhecer, o que sem dúvida seria uma morte dolorosa e pavorosa, ambos permaneceram no castelo, com centenas de soldados dispostos a atirá-los de volta à masmorra. Em vez de fugir para salvar as próprias vidas, foram em busca do príncipe, a personalidade mais ilustre e bem-guardada do castelo, e o raptaram! Volto a lhes perguntar: como isso é possível? Estariam os guardas cochilando? Seriam incompetentes a ponto de deixar escapar os assassinos do rei? Ou será que os assassinos contaram com alguma ajuda?

"Poderia isso ser obra de um dos guardas? Algum espião estrangeiro? Até algum barão ou conde tido como leal? Não! Nenhum deles teria autoridade para sequer entrar no calabouço e *ver* os assassinos... muito menos para libertá-los. Não, senhores jurados, naquela noite, pessoa alguma no castelo tinha autorização para ingressar naquela masmorra, exceto uma: a princesa Arista! Sendo ela filha da vítima, quem poderia lhe negar o direito de cuspir na cara dos homens que mataram seu pai tão barbaramente? Mas ela não foi até lá para humilhar os assassinos. Foi até lá para ajudá-los a terminar o trabalho por ela iniciado!"

A multidão emitiu um burburinho.

— Isto é um acinte! — exclamou um velho que fazia parte do júri. — Acusar a pobre moça da morte do pai... o senhor deveria se envergonhar! E onde está ela? Por que não está presente para refutar essas acusações?

— Lorde Valin — disse o advogado —, é uma honra tê-lo conosco hoje. Este tribunal em breve convocará a princesa. Ela não estará aqui durante a apresentação dos fatos, etapa entediante e desagradável da qual esta corte deseja poupá-la. Além disso, as testemunhas poderão falar livremente, sem a presença da futura rainha, caso ela seja inocentada. E ainda há outras razões, mais constrangedoras, sobre as quais falarei no devido momento.

Essas palavras não alteraram o estado de espírito de lorde Valin, mas ele parou de protestar e sentou-se.

— A corte de Melengar convoca Reuben Hilfred como testemunha.

O advogado se deteve enquanto o soldado, um homenzarrão trajando malha de aço e um tabardo com a insígnia do falcão, apresentou-se diante do tribunal. Sua postura era altiva e ereta, mas sua expressão nada tinha de amigável.

— Hilfred — dirigiu-se o advogado a ele —, qual é sua posição aqui no Castelo de Essendon?

— Sou o guarda-costas pessoal da princesa Arista — respondeu ele à corte em alto e bom som.

— Diga-nos, Reuben, qual é a sua patente?

— Sou o sargento-chefe.

— É uma patente elevada, não é?

— É uma patente respeitada.

— Como foi que chegou a essa patente?

— Fui escolhido por algum motivo.

— Por algum motivo? Por algum motivo? — repetiu o advogado, rindo abertamente. — Não é verdade que o capitão Wylin recomendou sua promoção com base em quatro anos de lealdade inabalável à Coroa? Ademais, não é verdade que *o próprio rei* o apontou para servir de guarda-costas da princesa depois que você arriscou a vida para salvá-la do incêndio que matou a rainha-mãe? Você não foi agraciado *pelo próprio rei* com uma condecoração por bravura? Tudo isso não é verdadeiro?

— Sim, senhor.

— Percebo em você um toque de constrangimento por estar aqui, Reuben. Estou certo?

— Sim, senhor.

— Isso é porque você é leal à sua princesa, e não deseja participar de qualquer procedimento capaz de prejudicá-la. Isso é uma qualidade admirável. No entanto, você é também um homem honrado e, como tal, deve falar a verdade em seu testemunho diante deste tribunal. Então diga-nos, Reuben: o que aconteceu na noite em que o rei foi assassinado?

Hesitante, Hilfred transferiu o peso do corpo de um pé para o outro, respirou fundo e disse:

— Já era tarde, e a princesa dormia em seu leito. Eu estava de prontidão, na escadaria da torre, quando o rei foi encontrado. O capitão Wylin me disse que verificasse se tudo estava bem com a princesa Arista. Antes que eu chegasse à porta dos aposentos, ela saiu, assustada com o barulho.

— Como estava vestida? — perguntou o advogado.

— Ela trajava um vestido... Não me lembro qual.

— Mas ela estava devidamente vestida, não estava? Não estava de robe, nem de cam isolá?

— Sim, ela estava vestida.

— Você trabalha como guarda-costas da princesa há anos. Ela costuma dormir

de vestido?

— Não.

— Nunca?

— Nunca.

— Suponho que, sem dúvida, você guardasse a porta dos aposentos dela enquanto ela se arrumava para refeições ou trocava de roupa após uma viagem. Ela costuma ter criadas que a ajudam a se vestir?

— Sim.

— Quantas?

— Três.

— E quanto tempo leva para se vestir?

— Não tenho certeza.

— Basta um palpite. A corte não espera que você seja absolutamente preciso.

— Talvez vinte minutos.

— Vinte minutos, auxiliada por três criadas. Isso é, na verdade, pouco tempo, considerando todos os laços e colchetes necessários para se compor a maioria das vestimentas femininas. Agora, quanto tempo, aproximadamente, decorreu entre a descoberta do corpo do rei e o momento em que a princesa saiu dos seus aposentos?

Hilfred hesitou.

— Quanto tempo? — insistiu o advogado.

— Dez minutos, talvez.

— Dez minutos? Foi isso o que disse? E, quando ela saiu, quantas criadas a acompanhavam?

— Nenhuma que eu tenha visto.

— Impressionante! A princesa despertou subitamente no escuro e conseguiu vestir seus trajes elaborados em dez minutos... e sem o auxílio de uma criada sequer!

O advogado cruzou a sala, de cabeça baixa, em reflexão, um dedo batendo nos lábios. Deteve-se, de costas para Hilfred. Então, como se um pensamento repentino lhe ocorresse, girou bruscamente.

— Diga-nos, como ela recebeu a notícia da morte do rei?

— Ficou chocada.

— Chorou?

- Tenho certeza de que sim.
- Mas você *a viu* chorar?
- Não.
- O que aconteceu em seguida?
- Ela foi ao encontro do príncipe Alric, nos aposentos dele, e ficou surpresa ao constatar que ele não estava lá. Então ela...
- Um momento, por favor. Ela foi até os aposentos de *Alric*? Ela recebe a notícia da morte do pai e sua primeira reação é ir até o quarto do irmão? Você não achou estranho o fato de ela não ter corrido imediatamente para o lado *do pai*? Afinal, ninguém lhe dissera que *o irmão* sofrerá um atentado, não é?
- Não.
- O que aconteceu depois?
- Ela foi ver o corpo do pai, e o príncipe Alric chegou.
- Depois que o príncipe decretou a morte dos prisioneiros, o que fez a princesa?
- Não entendi a pergunta — respondeu Hilfred.
- É verdade que ela foi visitá-los? — indagou o advogado.
- Sim, é verdade.
- E você a acompanhou?
- Ela me pediu que esperasse do lado de fora da cela.
- Por quê?
- Não sei.
- Ela costuma pedir a você que aguarde do lado de fora enquanto fala com as pessoas?
- Às vezes.
- Frequentemente?
- Não.
- Então o que aconteceu?
- Ela chamou dois monges para administrar a extrema-unção aos assassinos.
- Chamou dois monges? — repetiu o advogado com um nítido tom de ceticismo na voz. — O pai dela é assassinado, e ela se preocupa com a almas dos *assassinos*? E por que ela convocou dois monges? Um não seria suficiente para cuidar dos dois? E mais: por que não chamar o capelão do castelo?
- Não sei.
- E ela também mandou remover as correntes que prendiam os assassinos?

- Sim, para que pudessem se ajoelhar.
- E, quando os monges entraram, você os acompanhou?
- Não, novamente ela pediu que eu ficasse do lado de fora.
- Quer dizer que os monges podiam entrar, mas o guarda-costas de confiança dela não? Nem quando os óbvios assassinos do pai dela estariam livres dos ferros? E depois?
- Ela saiu da cela. E pediu que eu escoltasse os monges até a cozinha, depois que eles acabassem de administrar a extrema-unção.
- Por quê?
- Ela não disse.
- Você perguntou?
- Não, senhor. Na condição de militar, não me cabe questionar ordens de um membro da família real.
- Entendo. Mas você gostou daquelas ordens?
- Não.
- Por quê?
- Eu temia que mais assassinos estivessem no castelo e não queria perder a princesa de vista.
- A bem da verdade, o capitão Wylín não estava realizando buscas pelo castelo naquele momento e não advertiu a todos de que não estava seguro?
- Sim.
- A princesa explicou aonde ia, para que você pudesse encontrá-la depois que se desincumbisse da escolta dos monges?
- Não.
- Entendo. E como sabe que os dois indivíduos que escoltou até a cozinha eram os monges? Você viu o rosto deles?
- Eles estavam com o capuz levantado.
- Eles estavam com o capuz levantado quando entraram na cela?
- Hilfred pensou um instante e então sacudiu a cabeça.
- Acho que não.
- Então, na noite em que o pai é assassinado, a princesa ordena ao seu guarda-costas pessoal que a deixe desprotegida e escolte dois monges até a cozinha... dois monges que, de repente, resolvem levantar o capuz dentro do castelo, escondendo o rosto? E os pertences dos assassinos? Onde estavam?

- Estavam sob a custódia do carcereiro.
- E o que ela disse ao carcereiro em relação a tais pertences?
- Disse que os monges levariam os pertences para os pobres.
- E eles os levaram?
- Sim.

O advogado atenuou o tom do interrogatório.

— Reuben, você não me parece bobo. Bobos não alcançam a patente que você alcançou. Quando ouviu que os assassinos haviam escapado, e que os monges estavam acorrentados no lugar deles, passou pela sua cabeça que talvez a princesa fosse responsável pelo esquema?

— Achei que os assassinos tivessem atacado os monges depois que a princesa saiu da cela.

— Você não respondeu à minha pergunta — disse o advogado. — Perguntei se tal possibilidade havia passado pela sua cabeça.

Reuben permaneceu calado.

- Passou?
- Talvez, mas rapidamente.
- Vamos agora passar a questões mais recentes. Você estava presente durante a conversa entre Arista e o tio, no gabinete dele?
- Sim, mas recebi ordens para esperar do lado de fora.
- Para esperar do outro lado da porta, certo?
- Sim.
- Por conseguinte, pôde ouvir a conversa?

— Sim.

— É verdade que a princesa entrou no gabinete do arquiduque, onde ele se ocupava em localizar o príncipe, e o informou de que o príncipe Alric estava, sem sombra de dúvida, morto e que buscas não eram necessárias? Que o arquiduque faria melhor uso do tempo — ele fez uma pausa, virando-se diretamente para os jurados — *se iniciasse os preparativos para a coroação dela como nossa rainha?*

Correu pela multidão um burburinho de desaprovação, e alguns membros do júri trocaram cochichos e meneios de cabeça.

- Não me lembro de tê-la ouvido dizer tais palavras.
- Ela disse ou não disse ao arquiduque que parasse de procurar Alric?
- Disse.

— E ela ameaçou o arquiduque, insinuando que em breve seria coroada e que, depois que se tornasse rainha, ele talvez deixasse de ser o lorde conselheiro?

— Creio que ela tenha dito algo semelhante, mas estava indignada...

— Isso é tudo, sargento. Não tenho mais perguntas. Você está dispensado. — Hilfred estava saindo da plataforma destinada às testemunhas quando o advogado falou novamente. — Ah, desculpe-me... tem uma última coisa. Você viu ou ouviu a princesa chorar a perda do pai ou do irmão?

— Ela é uma mulher bastante reservada.

— Sim ou não?

Hilfred hesitou.

— Não.

— Estou pronto para convocar o carcereiro para corroborar o testemunho do sargento se o tribunal entender que o relato apresentado por ele não é verídico — disse o advogado aos juízes.

Eles trocaram sussurros, e então o presidente do júri respondeu:

— Isso não será necessário. A palavra do sargento-chefe é reconhecida como honrada e não será questionada aqui. O senhor pode prosseguir.

— Tenho certeza de que os senhores estão tão perplexos quanto eu — continuou o advogado, dirigindo-se aos jurados com um tom de voz solidário. — Muitos dos senhores a conhecem. Como aquela jovem tão meiga pôde atacar o pai e o irmão? Seria apenas para conquistar o trono? Isso não condiz com a personalidade dela, não é? Peço aos senhores que aguardem um pouco. Em breve, a motivação haverá de se tornar clara. O tribunal convoca o bispo Saldur na condição de testemunha.

Os olhares dos espectadores que estavam na galeria percorreram o recinto à procura do clérigo, e o velho se levantou do assento que ocupava e se dirigiu à plataforma.

— Excelência, o senhor visita este castelo com frequência. E conhece a família real extremamente bem. Poderia esclarecer a motivação de Sua Alteza?

— Cavalheiros. — O bispo Saldur se dirigiu ao tribunal com seu tom de voz meigo e humilde. — Há anos acompanho a família real, e esta tragédia recente é terrível, de cortar o coração. A acusação que o arquiduque imputa à princesa dói nos meus ouvidos, pois me sinto como se fosse um avô da pobre jovem. Entretanto, não posso ocultar a verdade... a princesa é perigosa.

A afirmação fez correr pelos espectadores uma onda de murmúrios.

— Posso garantir a cada um de vocês que ela não é mais a criança dócil e inocente que eu costumava pegar no colo. Tenho estado com ela, falado com ela

e observado o sofrimento, ou melhor, a falta de sofrimento dela diante da perda do pai e do irmão. Posso lhes dizer, verdadeiramente, que a ganância da princesa por saberes e poderes a levaram aos braços do mal.

— O bispo fez uma pausa, meneando a cabeça e a apoiando em uma das mãos. Em seguida, ergueu os olhos com uma expressão de remorso e disse:

— E isso o que acontece quando uma mulher estuda e, no caso de Arista, aprende os saberes maléficos da magia negra.

Um suspiro de espanto eclodiu da multidão.

— Contrariando meus conselhos, o rei Amrath permitiu que a princesa freqüentasse a universidade, onde ela estudou feitiçaria. Ela se rendeu às forças das trevas, e isso criou dentro de si a ânsia pelo poder. A instrução plantou em Arista a semente do mal, e tal semente germinou nas mortes horrendas de seu pai e seu irmão. Ela já não é a princesa do reino, é uma *bruxa*. Isso fica evidente pelo fato de ela não ter chorado a morte do pai. Senhores, na condição de bispo erudito da Igreja, eu sei: bruxas não choram.

A multidão suspirou novamente. Braga ouviu, na galeria, um homem exclamar:

— Eu sabia!

Então o advogado convocou a condessa Amril, que testemunhou que, dois anos antes, Arista colocara um encantamento nela, depois de dizer ao escudeiro Davens que a princesa se interessava por ele. Amril declarou que sofrerá durante dias em consequência de um surto de furúnculos provocado pela princesa.

Em seguida, o advogado convocou os monges, que, a exemplo da condessa Amril, relataram as agruras sofridas nas mãos da princesa. Contaram que ela insistira para que os ladrões fossem soltos dos ferros, apesar de os monges dizerem que aquilo não seria necessário, e disseram que foram atacados no momento em que ela deixara a cela.

A reação dos espectadores foi agora mais intensa, e até lorde Valin pareceu preocupado.

De sua poltrona, posicionada atrás dos jurados, Percy Braga observava a platéia com satisfação. As fisionomias da plebe se tornavam cada vez mais indignadas. Ele conseguira transformar a fagulha em chama, e a chama logo se transformaria em labareda.

No meio dos espectadores, ele avistou Wylín vindo em sua direção.

— Conseguimos pegá-los, meu senhor — informou Wylín em um sussurro. — Estão amordaçados e trancados na masmorra. Levemente feridos por causa da ação de um dos meus homens mais afoito, mas vivos.

— Excelente. E há algum movimento nas estradas? Algum indício de que nobres

aliados à traidora pretendam atacar?

— Não sei, senhor. Vim diretamente da rede de esgotos.

— Muito bem. Vá para o portão principal e toque a trombeta se vir alguma coisa. Estou preocupado com a possibilidade de um ataque dos Pickering vindo de Campos de Drondil. Ah, se vir aquele anão medonho, diga a ele que está na hora de trazer a princesa.

— Claro, senhor. — Wylin retirou do tabardo um pequeno pergaminho enrolado em forma de tubo. — Entregaram-me isto enquanto eu vinha para cá. Acabou de chegar, por um emissário endereçado ao senhor.

Braga pegou a missiva, e Wylin se retirou, fazendo uma reverência.

O arquiduque sorriu diante da facilidade com que tudo havia transcorrido. Perguntava-se se a princesa, nos confins daquela torre-prisão, pressentiria a morte iminente. Dentro de pouco tempo, seus amados súditos estariam implorando — não, exigindo — sua execução. Ele ainda convocaria o testemunho do administrador do depósito de armas, que confirmaria o furto do punhal que ele próprio encontrara em poder de Arista. E então, evidentemente, ainda havia os ladrões. Ele os deixaria para o grande final e os arrastaria ao tribunal amordaçados e acorrentados. A simples visão dos ladrões provavelmente causaria um levante. Ele mandaria Wylin explicar que os prendera quando tentavam resgatar a princesa. Os juizes não teriam escolha a não ser condenar Arista e entregar o trono a ele.

Braga ainda precisava atentar à possibilidade de um ataque por parte de Alric, mas aquilo não dependia dele. Tinha certeza de que o derrotaria. Vários dos nobres mais descontentes já haviam declarado que seriam fiéis a ele no momento em que fosse coroado rei. Assim que terminasse o julgamento e Arista fosse executada, ele seria coroado. No dia seguinte, comandaria o reino, Alric deixaria de ser príncipe herdeiro e se tornaria um fugitivo.

— O tribunal convoca o funcionário responsável pelo depósito de armas, Kline Druess, encarregado de guardar o punhal utilizado para assassinar o rei — disse o advogado.

Mais provas condenatórias, pensou Braga enquanto desenrolava o pergaminho trazido por Wylin. O documento não tinha selo nem insígnia de nobreza, apenas uma fita que o amarrava. Ele leu a mensagem, tão simples quanto o invólucro:

*Não nos pegou nos esgotos.
A princesa está conosco.
Seu tempo está acabando.*

O arquiduque amassou a mensagem e correu os olhos pela multidão de rostos,

perguntando-se se o autor estaria olhando para ele. Seu coração disparou, e ele se levantou lentamente, tentando não chamar atenção.

O advogado percebeu seu movimento e dirigiu ao arquiduque um olhar curioso. Braga dispensou a curiosidade dele com um leve gesto de mão. Retirou-se do tribunal, forçando-se a caminhar lenta e calmamente. Mas, no instante em que cruzou as portas do salão e deixou o campo de visão dos espectadores, disparou pelos corredores do castelo, o manto esvoaçando atrás de si. Entre os dedos, apertava a mensagem que acabara de receber, agora totalmente amassada.

Não é possível pensou ele. *Não pode ser!* Ouvindo passos que se aproximavam, às pressas, por trás, parou e girou, sacando a espada.

— Houve algum problema, Braga? — indagou Archibald Ballentyne, levantando as mãos defensivamente diante da ponta da lâmina empunhada pelo arquiduque.

Em silêncio, Braga atirou a ele a mensagem amassada e prosseguiu em direção ao calabouço.

— São aqueles ladrões... aqueles malditos ladrões! — gritou o conde de Chadwick, correndo atrás de Braga. — Eles são demônios! Magos! Feiticeiros do mal! São como fumaça, capazes de aparecer e desaparecer a qualquer momento.

Archibald alcançou Braga, e juntos eles desceram a escadaria de acesso à prisão, onde o guarda da porta pulou de lado, evitando se chocar contra o arquiduque. Após tentar abri-la e constatar que estava trancada, Braga a esmurrou. Imediatamente o guarda saiu da mesa à qual estava sentado e trouxe as chaves para o arquiduque enrubescido.

— Meu senhor, eu...

— Abra a cela dos prisioneiros que os homens de Wylín acabaram de trazer. Agora!

— Sim, meu senhor.

Manuseando o anel cheio de chaves, o guarda correu até o corredor de celas. Dois guardas do castelo, de prontidão, um de cada lado da porta, afastaram-se sem demora no momento em que ele se aproximou.

— Vocês dois estão aqui desde que os prisioneiros foram trazidos? — perguntou Braga aos guardas.

— Sim, meu senhor — respondeu o da esquerda. — O capitão Wylín nos ordenou que vigiássemos a porta e que não permitíssemos a entrada de ninguém, exceto ele ou o senhor.

— Muito bem — disse ele. E então, dirigindo-se ao carcereiro, acrescentou: — Abra a porta.

O carcereiro a destrancou e entrou na cela. No interior, Braga viu dois homens acorrentados à parede, nus da cintura para cima e amordaçados. Não eram os mesmos que ele vira na noite em que o rei fora assassinado.

— Removam as mordaças — ordenou Braga ao carcereiro. — Quem são vocês? O que estão fazendo aqui?

— M-m-m-meu nome é Bendent, senhor. Eu sou um varredor de rua, lá do Beco do Kirby... eu juro. A gente não estava fazendo nada errado!

— O que vocês estavam fazendo nos esgotos embaixo do castelo?

— Caçando ratos, senhor — disse o outro.

— *Ratos?*

— Sim, senhor... eu juro que a gente estava. A gente ficou sabendo que ia ter um grande evento aqui hoje de manhã, e o pessoal da cozinha do castelo estava reclamando dos ratos que subiam pelo esgoto. É por causa do frio, sabe, senhor? A gente ficou sabendo que ia receber uma moeda de prata por cada rato que a gente matasse e levasse... mas daí...

— Daí o quê?

— A gente não encontrou rato nenhum, meu senhor.

— E antes que a gente encontrasse um único rato, os soldados nos jogaram no chão e nos trouxeram aqui.

— Está vendo? O que eu disse? — falou Archibald a Braga. — Eles já a levaram. Eles a levaram daqui, debaixo do nosso nariz, como fizeram com as minhas cartas!

— Não é possível. Não há como chegar à torre de Arista. É alta demais e não pode ser escalada.

— Estou dizendo, Braga, os sujeitos são habilidosos. Escalaram muito bem a minha Torre Cinzenta, e ela é uma das mais altas que existem.

— Acredite em mim, Archibald. A torre de Arista não pode ser escalada.

— Mas eles escalaram — insistiu Ballentyne. — Quando a coisa aconteceu comigo, também achei que fosse impossível e só acreditei quando abri o cofre e vi que meu tesouro havia desaparecido. Agora o seu tesouro desapareceu, e o que vai fazer com aquela multidão lá no tribunal quando não lhes apresentar a princesa para ser queimada viva?

— Não é possível — repetiu Braga, empurrando Ballentyne. — Vocês dois — disse ele aos guardas, ainda perfilados do lado de fora da porta, ao sair. — Venham comigo e tragam uma daquelas mordaças. Está na hora de a princesa descer e se apresentar perante a corte.

Braga os conduziu pelo castelo e subiu seis lances de escada até chegar à ala residencial. O corredor ali estava vazio. Toda a criadagem se juntara à multidão para assistir ao julgamento.

Passaram pela capela real e avançaram pelo corredor até a porta seguinte. Braga escancarou a porta e gritou:

— Magnus!

No interior do cômodo, um anão de barba castanha e trançada e com o nariz chato e largo estava deitado numa cama. Vestia um colete de couro azul, botas pretas de cano alto e uma camisa laranja com mangas bufantes que fazia com que seus braços parecessem imensos.

— Está na hora? — perguntou o anão. Pulando da cama, ele bocejou e esfregou os olhos.

— É possível que alguém tenha invadido a torre e levado Arista? — perguntou Braga, ansioso.

— Ninguém... de jeito nenhum — disse o anão com plena convicção. Braga correu o olhar de Ballentyne para o anão, franzindo o cenho.

— Eu preciso saber, com toda a certeza. Além disso, está na hora de ela descer para a fogueira, e preciso voltar ao julgamento. Você vai ter de buscá-la. Leve estes guardas. Um deles tem uma mordaca. Ela deve ser amordaçada antes de descer. — Dirigindo-se aos guardas, o arquiduque acrescentou: — A princesa foi corrompida por magia negra. Ela é uma bruxa capaz de enfeitiçá-los. Portanto, não permitam que ela fale com vocês. Peguem Arista e a levem diretamente ao tribunal.

Os guardas assentiram, e o anão os conduziu pelo corredor em direção à torre.

— Archibald, vá chamar Wylín, o capitão da guarda. Ele está de prontidão no portão principal do castelo. Diga a ele que venha à ala residencial e se encarregue da proteção da princesa. Não posso correr nenhum risco. Entendido?

— Farei o que está mandando, Percy, mas tenho certeza de que ela já se foi — insistiu Archibald. — Esses filhos da mãe são incríveis. São como fantasmas e não têm medo de nada. Agem debaixo do nosso nariz, roubam o que querem e ainda têm a ousadia de enviar uma mensagem *informando* sobre a façanha!

Braga fez uma pausa, pensativo.

— Pois é... *por que* enviaram a mensagem? — perguntou-se ele. — Se a levaram, por que me falar? E, se não a levaram, deveriam supor que imediatamente eu haveria de... — Ele olhou por cima do ombro, na direção em que o anão seguira. Então virou-se para Archibald e gritou: — Traga Wylín aqui, *agora!*

Braga subiu às pressas pelo corredor, seguindo o anão e os dois guardas. Os três estavam entrando no corredor norte, que dava acesso direto à torre, quando ele os alcançou.

— Parem onde estão!

O anão deu meia-volta, com uma expressão de espanto no rosto. Os guardas reagiram de modo diferente. O maior dos dois girou, sacando a espada, e avançou para impedir a passagem do arquiduque.

— Hora de agir, Royce — disse Hadrian, removendo o elmo.

A grande espada usada pela guarda do castelo pesava com incômodo em sua mão.

Royce também removeu o elmo e passou pelo anão, disparando pelo corredor.

— Pegue-o, seu imbecil! — ordenou Braga ao anão, mas este tinha sido demasiado lento. O ladrão já seguia longe, corredor abaixo, e o anãozinho correu atrás dele. Braga sacou a própria espada e encarou Hadrian.

— Você sabe quem sou? Eu sei que nos encontramos no calabouço recentemente, quando você estava acorrentado, mas sabe da minha reputação? Sou o arquiduque Percy Braga, lorde conselheiro de Melengar, e, o que é mais importante, vencedor do Torneio Master de Esgrima nos últimos cinco anos consecutivos. Você já venceu algum torneio? Conquistou fitas? Algum prêmio? Nas suas prateleiras há troféus ganhos como resultado do seu manejo da espada? Superei os melhores de Avryn, inclusive o célebre Pickering e sua rapieira encantada.

— O que eu ouvi foi que ele não estava com ela no dia em que vocês dois duelaram.

Braga riu.

— A história daquela espada é só isso mesmo... conversa-fiada. Ele se vale dela como desculpa para explicar as derrotas ou quando está com medo de um adversário. A tal arma é uma rapieira comum com cabo rebuscado.

Braga avançou e brandiu a espada em direção a Hadrian, desferindo um ataque selvagem, que o obrigou a recuar. O arquiduque atacou mais uma vez, e Hadrian teve de dar um salto para trás para evitar um ferimento no peito.

— Você é ágil. Bom. A coisa vai ficar mais interessante. Sabe, senhor ladrão, acho que está totalmente enganado. Talvez esteja pensando que está me retendo enquanto o seu parceiro corre para salvar a donzela em perigo. Quanta nobreza para um plebeu como você! Sendo tão idealista, deve sonhar em ser um dia nomeado cavaleiro. — Braga deu uma risada, abaixou-se e desferiu uma

estocada. Hadrian recuou mais uma vez, e o arquiduque voltou a rir. — A verdade é que você definitivamente não está me retendo. Eu é que o estou retendo.

Braga desviou-se para a esquerda, e então desferiu um golpe curto em direção ao corpo de Hadrian, que conseguiu se esquivar do ataque, mas perdeu o equilíbrio e baixou a guarda. Embora a estocada não tenha tido efeito, o arquiduque aproveitou a oportunidade para golpear violentamente o rosto de Hadrian com o cabo da espada. O impacto fez com que o ladrão se chocasse contra a parede do corredor. O lábio de Hadrian começou a sangrar. Imediatamente Braga voltou ao ataque, mas Hadrian se esquivou, e a espada do agressor produziu fagulhas na parede de pedra.

— Essa aí deve ter doído.

— Já passei por coisa pior — disse Hadrian um pouco ofegante, exprimindo na voz menos confiança.

— Devo admitir que vocês dois me impressionaram. Sua reputação é, sem dúvida, bem merecida. Vocês foram espertos quando penetraram no sistema de esgoto e usaram aqueles caçadores de ratos como iscas. E também quando me enviaram aquela mensagem, atraindo-me diretamente para o lado da princesa, mas a genialidade de vocês parou ali. Sabe, posso matá-los quando bem quiser, mas eu os quero vivos. Preciso executar pelo menos uma pessoa. A gentalha vai exigir uma execução. Em alguns instantes, Wylin vai chegar aqui com uma dezena de guardas, e você vai ser levado para o tronco. Enquanto isso, seu parceiro, que você acha que está salvando Arista, será apenas o instrumento da morte dela... e da dele também. Você poderia correr para avisá-lo, mas... ah... é verdade... está me retendo aqui, não está?

Braga riu e voltou a atacar.

Royce chegou a uma porta no fim do corredor e não se surpreendeu ao encontrá-la trancada. Retirou do cinto suas ferramentas. A fechadura era comum, e ele não teve dificuldade em arrombá-la. A porta se abriu, mas Royce imediatamente percebeu que havia algo errado. Ele sentiu, mais do que ouviu, um clique no momento em que ela voltou a se fechar. Seus instintos lhe diziam que haveria problemas. Ele olhou para a escada em espiral que desaparecia torre acima. Nada parecia fora de ordem, mas anos de experiência lhe informavam que não era bem assim.

Arriscou um pé no primeiro degrau, mas nada aconteceu. Subiu o segundo, o terceiro, centímetro por centímetro. Atento a qualquer sinal de perigo, procurou fios, manivelas e lajotas soltas. Tudo parecia seguro. Corredor abaixo, ele ouvia o ruído distante de espadas esgrimindo enquanto Hadrian entretinha o arquiduque. Era preciso agir rapidamente. Subiu mais cinco degraus. Havia pequenas janelas

de menos de um metro de altura por 30 centímetros de largura, espaço suficiente apenas para a entrada de luz e nada mais. O sol do inverno iluminava a escada com um brilho esmaecido. O peso, mais do que a argamassa, mantinha no lugar as paredes de pedra. Os degraus também eram construídos de blocos de pedra e tão bem-encaixados que nem mesmo uma folha de pergaminho poderia ser inserida entre as emendas.

Chegou ao nono degrau e, no momento em que se preparou para galgar mais um, a torre estremeceu. Como reação, ele ensaiou um passo para trás, e foi então que a coisa aconteceu. Os oito degraus anteriores ruíram, desaparecendo no abismo abaixo dele. O ladrão transferiu o peso para o degrau de cima, escapando por um triz de despencar para a morte certa, e deu mais um passo, um tanto desequilibrado, subindo mais um degrau. Naquele mesmo instante o degrau anterior ruiu e caiu no vazio. A torre voltou a estremecer.

— O seu primeiro erro foi arrombar a fechadura — disse Magnus.

Royce ouviu a voz do anão, lá embaixo. Quando se virou, viu o anão ao lado da porta, no corredor. Lá estava ele, girando no dedo indicador, para um lado e para outro, uma chave amarrada a um pedaço de barbante. Com um ar displicente, ele cofiava a barba.

— Se a porta for aberta sem a chave, a armadilha é acionada — explicou Magnus com um sorriso irônico.

O anão se pôs a andar para lá e para cá no vão da porta, como um professor que se dirige à turma.

— Não vai conseguir pular de volta, por cima do buraco que você mesmo provocou. E, se quer saber, o chão está bem longe. O início da subida desta torre fica no sexto andar, e a base fica sobre um leito de rocha situado abaixo das fundações. Também coloquei um monte de pedras pontudas lá embaixo, só por diversão.

— Foi você quem construiu isso? — perguntou Royce.

— É claro... bem, a torre não. Ela já estava aqui. Passei o ano todo sugando as paredes, como um cupim devorador de pedra. — Ele sorriu. — Sobrou pouco material. Todos esses blocos de rocha que você vê têm a espessura de um pergaminho. Deixei apenas o estritamente necessário para sustentar a estrutura. O interior parece mais uma teia, só que feita de pedras no lugar de fios. Fragmentos de rocha que formam uma treliça sobre uma matriz cristalina... sólida o bastante para sustentar a torre, mas extremamente frágil se o fio certo for rompido.

— E, pelo jeito, cada vez que eu subir um degrau, o anterior desaba?

O sorriso do anão se escancarou.

— Coisa linda, não? Você não pode descer, e, se subir, a situação fica ainda pior. Os degraus servem de sustentação horizontal aos planos verticais. Sem os degraus, a estrutura se torce e se rompe. Antes que você cheque ao topo, a torre inteira vai desmoronar, pois não haverá mais qualquer ponto de apoio. Mas não deixe que essa minha conversa sobre paredes ocas o perturbe demais. Tudo isso é rocha, e o peso da torre ainda é imenso. Você e a dama que está lá em cima serão completamente esmagados se a queda e as pedras pontiagudas lá embaixo não acabarem com vocês. Você abalou a estrutura o suficiente, e ela pode ruir espontaneamente. Já estou ouvindo o resultado da ação do vento... os estalidos das pequenas fissuras. Todas as pedras emitem sons quando crescem, encolhem, se contorcem e se desgastam... é uma linguagem que domino, que me conta histórias do passado e do futuro, e, neste momento, esta torre está cantando.

— Odeio anões — resmungou Royce.

Capítulo 9

EQ UIPE DE RESGATE



A jarra de água e a bacia caíram no chão e se espatifaram. O barulho acordou Arista, que se sentou na cama, desorientada e confusa. O quarto estremecia. Durante todo o verão, aquela torre lhe parecera estranha, mas nada se comparava àquilo. A princesa prendeu a respiração, na expectativa. Nada aconteceu. A torre parou de tremer.

Hesitante, ela saiu da cama, foi até a janela e olhou para fora. Nada viu que pudesse explicar o tremor. O mundo estava encoberto por uma camada da neve fresca, que ainda caía, e ela se perguntou se o abalo não teria sido causado pela neve escorregando telhado abaixo. Não era provável, e já não importava.

Quanto tempo me resta?

Ela olhou para baixo. A multidão ainda circundava o portão principal do castelo. Devia haver mais de cem pessoas se acotovelando para saber notícias do julgamento da princesa. O triplo do número habitual de guardas com armadura completa patrulhava o perímetro do castelo. O tio não estava disposto a correr riscos. Será que achava que a população da cidade preferiria se insurgir contra ele a ver a princesa queimada viva? Ela sabia que não seria o caso. Ninguém se importava se ela vivesse ou morresse. Embora conhecesse todos os lordes, condes e barões e com eles houvesse compartilhado dezenas de refeições, sabia que não eram seus amigos. Arista não tinha amigos. Braga estava certo: ela passava tempo demais naquela torre. Ninguém a conhecia de verdade. Levava uma vida solitária, mas era a primeira vez que se sentia verdadeiramente sozinha.

Passara a noite inteira tentando escolher as palavras que pronunciaria ao ser levada perante o tribunal. No fim das contas, chegou à conclusão de que pouco podia fazer ou dizer. Podia acusar Braga do assassinato de seu pai, mas não tinha provas. Estas estavam todas do lado dele. Afinal, ela soltara os dois ladrões e era responsável pelo desaparecimento de Alric.

No que é que eu estava pensando?

Entregara o próprio irmão a dois marginais desconhecidos. Alric havia expressado a intenção de torturá-los, e ela o deixara à mercê da dupla. Arista sentia o estômago revirar quando os imaginava rindo à sua custa enquanto afogavam o pobre Alric no rio. Àquela altura, já estariam a meio caminho de Cális ou Delgos, alternando-se no uso do anel com o selo real de Melengar. Quando a patrulha voltara trazendo o manto de Alric, Arista tivera certeza de que ele estava morto... e ainda assim o corpo não havia sido encontrado.

Será possível que Alric ainda esteja vivo?

Não, raciocinou ela, era bem mais provável que Braga tivesse escondido o corpo do sobrinho. Se o corpo aparecesse antes do julgamento, ela poderia exigir o trono. Depois que o julgamento acabasse, depois que ela fosse considerada culpada e fosse executada, ele revelaria a descoberta milagrosa. Era perfeitamente possível que Braga o tivesse trancafiado em algum quarto lá embaixo ou na masmorra.

Era tudo culpa dela. Se não houvesse se intrometido, talvez Alric tivesse assumido e descoberto a traição de Braga. Talvez tivesse salvado ambos. Talvez ela não passasse mesmo de uma menina ingênua. Ao menos a morte dela colocaria um ponto final em todas essas questões e à culpa que a consumia. Ela fechou os olhos e sentiu novamente a instabilidade do mundo ao redor.

As forças de Galilin somavam agora quinhentos homens, que marchavam pela paisagem invernal. Sessenta cavaleiros usando armaduras completas portavam lanças enfeitadas com bandeiras compridas e bifurcadas. As bandeiras se agitavam como línguas de serpente ao vento estonteante. Quando ainda estavam em Campos de Droncil, Myron escutara Alric discutindo com os outros nobres se não seria cedo demais para pôr o exército em marcha. Aparentemente, ainda aguardavam o reforço de vários lordes, e partir naquele momento seria arriscado. Pickering finalmente concordara com Alric e convencera os demais a só marchar depois que os barões Himbolt e Rendon chegassem, trazendo junto mais um contingente de cavaleiros. Na visão de Myron, qualquer que fosse o contingente, a força era impressionante.

Logo depois do pelotão de vanguarda vinham o príncipe Alric, Myron, o conde Pickering e seus dois filhos mais velhos, bem como os nobres proprietários de terras. Na seqüência vinham os cavaleiros, cavalgando em fileiras de quatro homens. Um cortejo de escudeiros, pajens e lacaios caminhava em seguida. Mais atrás vinham os soldados comuns: brutamontes trajando malhas de aço, elmos pontiagudos, caneleiras e botas altas de metal. Cada qual levava um grande escudo, uma espada curta e larga e uma lança. Estes eram seguidos pelos arqueiros, com seus gibões de couro e capas de lã que escondiam as flechas. Marchavam apoiando-se nos arcos, como se fossem bengalas. Na retaguarda

vinham artesãos, ferreiros, enfermeiros e cozinheiros, puxando as carroças que transportavam os suprimentos do exército.

Myron se sentia meio bobo. Após horas de cavalgada, ainda demonstrava dificuldade em evitar que a égua que montava desse guinadas à esquerda, chocando-se com o capão de Fanen. Ele começava a dominar os estribos, mas ainda tinha muito a aprender. As pontas dos estribos, cuja função era impedir que a sola dos pés ficasse apoiada, deixavam-no todo atrapalhado. Os irmãos Pickering, que voluntariamente se incumbiam de cuidar dele, explicaram-lhe que a ponta do pé deveria ficar apoiada na trave do estribo. Tal posicionamento propiciava melhor controle e evitava que o pé ficasse preso em caso de queda. Explicaram também que estribos bem amarrados ajudavam a manter os joelhos rentes aos flancos do animal. Todos os cavalos pertencentes aos Pickering eram adestrados, e um bom cavaleiro podia controlá-los com os pés, as coxas e os joelhos. Tinham sido treinados assim para que os cavaleiros pudessem lutar segurando a lança ou a espada com uma das mãos e o escudo com a outra. Myron praticava a técnica, pressionando as coxas na tentativa de fazer o cavalo seguir em linha reta, mas o esforço era em vão. Quando pressionava o joelho esquerdo, o direito fazia o mesmo movimento, equilibrando o esforço. Em consequência disso, o animal ficava confuso e acabava esbarrando de novo na montaria de Fanen.

— Você precisa ser mais firme — disse Fanen. — Mostre a ela quem manda.

— Ela já sabe... *ela* manda — retrucou Myron, pesaroso. — Acho que vou usar apenas as rédeas. Não é como se eu pretendesse manejar espada e escudo na batalha.

— Nunca se sabe — disse Fanen. — Antigamente os monges lutavam, e Alric disse que você ajudou a salvar a vida dele, lutando com aqueles mercenários que o atacaram na floresta.

Myron franziu o cenho e baixou o olhar.

— Eu não lutei com ninguém.

— Mas eu pensei que...

Myron sacudiu a cabeça.

— Eu deveria ter lutado... suponho. Aqueles sujeitos tinham incendiado a abadia. Aqueles sujeitos tinham matado... mas... — Ele fez uma pausa. — Eu teria morrido se Hadrian e Royce não tivessem me salvado. O rei achava que eu sabia lutar, e eu não quis falar a verdade. Preciso parar de me comportar dessa maneira.

— Que tipo de comportamento?

— Mentir.

— Isso não é mentira. Você não quis contrariá-lo.

— Na prática, dá no mesmo. Certa vez o abade me disse que mentir é uma espécie de auto-traição. Indica falta de autoestima. Quando sentimos vergonha dos nossos próprios atos, pensamentos ou intenções, mentimos em vez de nos aceitar como somos. A idéia de como os outros nos vêem se torna mais importante que a nossa própria realidade. Isso acontece quando um homem prefere morrer a ser considerado covarde. Para ele, a vida não é tão importante quanto a reputação. No fim das contas, quem é mais corajoso? O homem que morre para não ser considerado covarde ou o homem que vive e encara a própria realidade?

— Desculpe, perdi o fio da meada — disse Fanen com um ar de perplexidade.

— Não tem importância. Mas o príncipe me convidou para acompanhá-lo como historiador, e não como guerreiro. Acho que ele quer que eu registre num livro o que vai acontecer hoje.

— Bem, se você fizer isso, por favor, não mencione o chique de Denek quando soube que não poderia vir. Pegaria mal para a nossa família.

Tudo era novidade para Myron. Ele já havia visto neve, é claro, mas somente no pátio e na clausura da abadia. Nunca vira a neve acumulada sobre as árvores da floresta nem brilhando nas margens de rios e córregos. Percorreram áreas povoadas, passando por aldeia após aldeia, cada qual maior do que a anterior. Myron arregalava os olhos, fascinado diante dos vários tipos de construções, espécies de animais e tipos físicos. A cada vilarejo que chegavam, eram observados pelos habitantes, que saíam correndo de dentro de suas casas, atraídos pelo sinistro tum-tum-tum das passadas dos soldados em marcha. Alguns se atreviam a indagar aonde eles se dirigiam, mas os homens nada diziam, pois tinham ordens expressas para se manterem calados.

As crianças corriam até a beira da estrada, mas os pais rapidamente as puxavam de volta. Myron nunca tinha visto uma criança... ao menos desde o tempo em que ele próprio era uma. Era comum um menino, aos 10 ou 12 anos, ser enviado para uma abadia, embora isso raramente ocorresse antes dos 8 anos. As crianças menores deixavam Myron completamente fascinado, e ele as contemplava com espanto. Pareciam pessozinhas bêbadas, falando alto, em geral sujas, mas eram surpreendentemente mimosas e olhavam para ele com uma expressão semelhante à que ele lhes dirigia. Acenavam para ele, e Myron não conseguia evitar um gesto recíproco, embora não achasse que era uma reação muito condizente com um guerreiro em marcha.

O exército avançava com uma rapidez incrível. A infantaria, atendendo prontamente aos comandos, alternava marchas de cadência firme e caminhadas livres em ritmo ligeiramente menos acelerado. Todos mantinham o semblante

sisudo, e não se viam sorrisos.

Marcharam durante quatro horas sem nenhuma interrupção: nenhuma emboscada, nenhum confronto na estrada. Para Myron, a viagem se assemelhava mais a uma emocionante parada militar que a uma preparação para um nefasto confronto armado. O monge então avistou sinais de Melengar ao longe. Fanen apontou a grande torre do sino da Catedral de Mares, e as torres do Castelo de Essendon, sem bandeiras hasteadas.

Um pelotão de vanguarda informou que forças militares estavam acampadas em volta da cidade. Os nobres expediram ordens para que seus regimentos formassem fileiras. Bandeiras comunicavam mensagens, arqueiros prepararam os arcos e o exército se formou em blocos. Em extensas fileiras de três soldados, avançaram em uníssono. Os arqueiros foram convocados a seguir logo atrás da infantaria.

Tendo recebido ordens para se dirigirem à retaguarda, Myron e Fanen cavalgaram ao lado dos cozinheiros, no intuito de observar e ouvir. Daquela posição privilegiada, Myron pôde ver que uma parte do exército se separara do bloco central, dirigindo-se ao lado direito da cidade. Quando as fileiras alcançaram o topo da colina, tornando-se visíveis das muralhas do castelo, uma trombeta soou à distância.

Uma das trombetas do exército de Alric respondeu ao toque do castelo, e os arqueiros de Galilin lançaram uma chuva de flechas sobre os defensores. As flechas voaram e, durante alguns instantes, pareceram pairar como uma nuvem escura. Quando caíram, Myron pôde ouvir gritos ao longe. Ansioso, ele viu que a cavalaria se dividiu em três grupos. Um permaneceu na estrada, enquanto os outros dois se posicionavam de cada lado da encosta. O bloco central da infantaria acelerou o passo.

Quando ouviram a trombeta, Mason Grumon e Dixon Taft conduziram seus seguidores pela rua Wayward. Eram tantos que o Distrito Baixo ficou praticamente vazio. Era o sinal pelo qual Royce e Hadrian lhes disseram que esperassem: o sinal para atacar.

Desde o momento em que os dois ladrões os acordaram no meio da noite, Grumon e Taft tinham se dedicado à organização da resistência no Distrito Baixo de Medford. Espalharam a notícia de que o arquiduque assassinara o rei Amrath, divulgaram a inocência da princesa e o retorno do príncipe. Os que não se comoviam com a idéia de lealdade ou justiça eram seduzidos pela oportunidade de praticar retaliações contra a nobreza. Não era difícil convencer pobres e miseráveis a se insurgir contra os soldados que os oprimiam. Havia, ainda, os que eram movidos pela esperança de pilhagem ou de alguma recompensa por parte da Coroa caso fossem vitoriosos.

Armaram-se com forcados, machados e porretes. Armaduras foram improvisadas com pedaços de latão amarrados embaixo das roupas. Em muitos casos, eram fôrmas de assar cedidas por esposas. Eram numerosos, mas constituíam um grupo patético. Gwen mobilizara o Distrito dos Artesãos, que se encarregou de prover não apenas homens fortes, mas também espadas, arcos e peças de armaduras. Com a guarda da cidade convocada a se posicionar no perímetro externo e a maioria dos residentes do Distrito dos Nobres assistindo ao julgamento, não havia ninguém para impedir a população de se mobilizar.

Ao lado de Dixon, Mason marchava à frente do cortejo de plebeus, segurando numa das mãos o martelo e na outra um escudo que ele próprio confeccionara naquela manhã. Anos de indignação e ressentimento esquentavam o sangue do ferreiro enquanto ele avançava. Sentia-se tomado por uma raiva decorrente da sensação de que uma vida melhor lhe fora negada. Quando ele não teve recursos para pagar os impostos da oficina do falecido pai, o intendente da cidade e os guardas bateram à sua porta. Como ele se recusou a deixar a oficina, foi espancado até perder a consciência e atirado na sarjeta da rua Wayward. Mason culpava a guarda por grande parte das infelicidades de sua vida. O espancamento prejudicara seus ombros e, durante vários anos, o manuseio do martelo lhe causava tamanha dor que ele só conseguia trabalhar algumas horas por dia. Isso, aliado ao vício do jogo, o mantinha na pobreza. Evidentemente ele não considerava o jogo um problema. O problema era sempre a guarda. Não importava para ele que os soldados e o intendente que o espancaram já não pertencessem a ela. Naquele dia, ele teria a chance de se vingar, de pagar na mesma moeda o sofrimento por que tinha passado.

Nem ele nem Dixon eram guerreiros ou atletas, mas eram homenzarrões, com tórax largo e pescoço grosso, e a multidão os seguia como se os cidadãos do Distrito Baixo estivessem lavrando a cidade com um arado e uma parelha de bois. Dobraram na rua Wayward e marcharam livremente até a Praça dos Nobres. Comparado ao Distrito Baixo, aquilo era outro mundo. As ruas eram pavimentadas com pedras decorativas e ladeadas por estacas de metal onde cavalos podiam ser amarrados. Ao longo da avenida, lamparinas e esgotos cobertos ressaltavam o zelo pelo conforto de uma minoria privilegiada. No centro do Distrito dos Nobres havia uma enorme praça. A grande Fonte de Essendon, com a estátua de Tolin montando um cavalo empinado, era o principal ponto de referência. Do outro lado da praça erguia-se a Catedral de Mares. Nas torres elevadas, os sinos tocavam. Passaram diante das belas casas de três andares, construídas com tijolo e pedra, com grades de ferro e portões decorados. Mason não pôde deixar de perceber que os estábulos dali tinham melhor aspecto que a casa onde ele morava. A travessia da praça serviu apenas para intensificar a combustão que tomava conta da cidade.

Ao chegarem à rua Central, vislumbraram o inimigo.

O som da trombeta levou Arista mais uma vez à janela. O que viu a espantou. Ao longe, no ponto extremo de seu campo de visão, ela avistava bandeiras acima das árvores desfolhadas. O conde Pickering se aproximava e não estava sozinho. Havia um grande número de bandeiras, representando a maioria das províncias do oeste. Pickering marchava para Medford com um exército.

Será por minha causa?

Ela refletiu sobre a questão e concluiu que a resposta era negativa. Entre todos os nobres, os Pickering eram os que conhecia melhor, mas duvidava que o conde marchasse em sua defesa. A explicação mais plausível era que a notícia da morte de Alric chegara aos ouvidos dele, que agora pretendia disputar a coroa com Braga. Arista duvidava que Pickering houvesse pensado na situação dela. Ele provavelmente apenas percebera a oportunidade e não a deixaria passar. O fato de ela ainda estar viva era mero detalhe. Ninguém queria ser governado por uma mulher. Se Pickering vencesse, forçaria Arista a abdicar do trono em favor dele, ou talvez de Mauvin. Seria desterrada, ou trancafiada, e jamais gozaria de plena liberdade. Ao menos, se o conde vencesse, Braga nunca ocuparia o trono... mas ela não via com bons olhos as chances de Pickering. Ela não era estrategista, muito menos general, mas era evidente que as forças que marchavam estrada acima eram insuficientes para sitiá-lo. As forças de Braga estavam bem-posicionadas. Olhando para o pátio lá embaixo, notou que a preparação para o ataque estava distraindo todos.

Quem sabe desta vez a coisa seria diferente?

Ela correu até a porta e, com um toque na pedra do colar, destravou-a. Agarrou a tranca e a puxou. Como das outras vezes, a porta não abriu.

— Maldito anão! — disse ela, em voz alta, para si mesma. Deu um violento puxão na porta, valendo-se de todo o seu peso, que não era muito. A porta não cedeu.

Ouviu-se um novo ruído, e os aposentos voltaram a estremecer. Caiu poeira das vigas do teto. *O que está acontecendo?* Ela cambaleou, pois a torre balançava como um navio no mar. Arista não sabia o que fazer. Apavorada e confusa, voltou à segurança ilusória do seu leito. Ali se sentou, abraçando os joelhos, mal conseguindo respirar, lançando um olhar na direção de qualquer ruído. O fim estava próximo. De um jeito ou de outro, ela sabia que o fim estava próximo.

O príncipe não tinha experiência em combate e não sabia o que o aguardava. Sua esperança era de que a simples presença de uma grande força levasse os defensores da cidade a se render. Mas a realidade foi bem diferente. Quando chegaram a Medford, depararam-se com trincheiras cheias de lanceiros do lado de fora dos muros da cidade. Os arqueiros do príncipe haviam lançado três

baterias de flechas, mas os defensores continuavam firmes. Recorrendo aos escudos, bloquearam grande parte das flechas e sofreram poucos danos.

Quem serão eles?, perguntava-se Alric. Será que são meus próprios soldados que me impedem de entrar em minha casa? Que mentiras terá Braga espalhado entre os guardas? Ou serão todos mercenários? Terá o meu ouro custeado essas fileiras de pontas de aço?

Alric montava um dos cavalos pertencentes a Pickering. As ancas do animal estavam cobertas com um manto adornado com imagens toscamente confeccionadas do falcão de Melengar. O cavalo se mostrava tão inquieto quanto o cavaleiro, batendo os cascos no solo e soltando nuvens de vapor gelado. Alric segurava as rédeas com a mão direita enquanto a esquerda mantinha a capa de lã colada ao pescoço. Seus olhos se elevaram acima dos lanceiros, a fim de contemplar sua cidade natal. Os muros e as torres de Medford pareciam esmaecidos e oníricos vistos através da neve que ainda caía. Lentamente, a imagem se tornou toda branca enquanto um silêncio sombrio abafava o mundo.

— Majestade — disse o conde Pickering, rompendo a calmaria.

— Outra bateria? — propôs Alric.

— Flechas não conquistarão sua cidade.

Alric assentiu solenemente.

— Os cavaleiros, então... mande os cavaleiros.

— Marechal! — bradou o conde. — Ordene aos cavaleiros que rompam aquela linha!

Homens garbosos em suas armaduras reluzentes esporearam seus corcéis e avançaram, as bandeiras desfraldadas. No momento em que passaram, um redemoinho de neve subiu ao céu, camuflando-os. Desapareceram de vista, mas Alric podia ouvir o estrondo dos cascos dos cavalos.

O confronto foi terrível. Alric não apenas ouviu, mas também sentiu. Metais tiniam, homens gritavam, e até aquele momento o príncipe não sabia que cavalos podiam gritar. Quando a nuvem de neve baixou, ele pôde finalmente contemplar o espetáculo sangrento. Lanças fincadas na terra perfuravam peitos de homens e de montarias. Atirando cavaleiros no chão, cavalos tombavam e se debatiam como tartarugas tentando se apumar. Lanceiros sacavam espadins e desferiam estocadas, de cima para baixo, através das aberturas do visor e das junções das armaduras, nas axilas ou na virilha.

— A coisa não está transcorrendo conforme eu esperava — queixou-se Alric.

— Dificilmente uma batalha corresponde às expectativas, Majestade — garantiu o conde Pickering. — Mas tudo isso tem a ver com a função de um rei. Seus

cavaleiros estão morrendo. O senhor vai entregá-los à própria sorte?

— Devo enviar a infantaria?

— Se eu fosse o senhor, sem dúvida faria isso. É preciso abrir uma brecha naquela defesa, e logo, antes que os homens o julguem incompetente e desapareçam pela floresta.

— Marechal! — bradou Alric. — Marechal Garret, ordene à infantaria que avance imediatamente!

— Sim, senhor!

Ouviu-se uma trombeta, seguida do brado dos homens que avançavam em direção ao combate. Alric observou enquanto o aço cortava carne. A infantaria se saiu melhor que a cavalaria, e a frente de soldados que defendia a cidade sofreu muitas baixas. Alric mal podia olhar. Nunca vira algo parecido. Havia tanto sangue. A neve já não estava branca, mas rosada e, em alguns pontos de maior desespero, adquiria tons de vermelho-escuro. Espalhadas pelo solo, viam-se partes de corpos: braços e pernas decepados, crânios rachados ao meio. A muralha humana se misturava numa massa turbulenta de carne, terra, sangue e uma infinda cacofonia de gritos.

— Não posso acreditar que isto esteja acontecendo — disse Alric, prestes a vomitar. — Esta é a minha cidade. Esta é a minha gente. Meus homens! — Virando-se para o conde Pickering, ele disse: — Estou matando a minha própria gente!

Seu corpo agora tremia, seu rosto enrubescera e lágrimas encheram seus olhos. Ao ouvir os uivos e os gritos, agarrou-se à alça da sela com tamanha força que suas mãos começaram a doer. Sentia-se inútil e indefeso.

Agora sou rei.

Não se sentia como um rei. Sentia-se como naquela estrada, perto da Jarra de Prata, quando os homens esfregaram seu rosto no chão. As lágrimas agora escorriam por suas faces.

— Alric! Pare com isso! — repreendeu Pickering. — Não deixe que os homens vejam chorando!

A fúria explodiu em Alric, e ele se voltou para o conde.

— Não? Não? Veja isso! Eles estão morrendo por mim. Estão morrendo por causa de ordens dadas por mim! Eu digo que eles têm o direito de ver o rei! Todos têm o direito de ver o rei!

Alric enxugou as lágrimas e pegou as rédeas.

— Estou farto disto. Estou farto de ter minha cara esfregada no chão! Não

agüento mais. Estou farto de me sentir inútil. Esta é a minha cidade, construída pelos meus antepassados! Se meu povo quer lutar, então, pelo amor de Maribor, quero que saibam que estão lutando contra mim!

O príncipe colocou o elmo, sacou a espada larga que pertencera a seu pai e esporeou o cavalo, não em direção às trincheiras, mas aos portões do castelo.

— Alric, não! — gritou Pickering.

Mason avançou e meteu o martelo no elmo do primeiro guarda da cidade que encontrou. Sorrindo diante da própria sorte, ele pegou a espada do homem e levantou os olhos.

A horda alcançara o portão principal da cidade. O grande antemuro de pedra cinzenta, com suas quatro torres, erguia-se sobre eles como um monstro, fervilhando de soldados surpresos ao verem que a cidade se insurgia contra eles. E a surpresa, somada ao pânico, deu à multidão tempo de percorrer as ruas e chegar ao portão.

Mason ouviu Dixon gritar:

— Pelo príncipe Alric!

Mas naquele momento o príncipe era o último dos pensamentos na mente do ferreiro, que acabara de escolher a próxima vítima: um guarda de estatura elevada, envolvido numa luta corporal com um varredor de rua que trabalhava na Vila dos Artesãos. Mason apunhalou o guarda na axila e, enquanto torcia a lâmina, ouviu os gritos do sujeito. O varredor de rua sorriu para Mason, que retribuiu.

Mason tinha matado apenas dois homens, mas já estava coberto de sangue. A túnica pesava e se colava à pele do seu peito, e ele não sabia se o que lhe escorria pelas faces era suor, lágrimas ou sangue. O sorriso que exibira ao varredor de rua permanecia em seus lábios, por simples empolgação e felicidade.

Isto é que é liberdade! Isto é que é vida!

Seu coração ribombava e sua cabeça girava como se ele estivesse bêbado. Mason desferiu mais um golpe com a espada, dessa vez atingindo um homem que estava com um dos joelhos apoiado no solo. O golpe foi tão potente que a lâmina chegou à metade do pescoço da vítima. Ele chutou o homem e gritou, vitorioso. Não pronunciou palavra alguma. Elas eram inúteis num momento como aquele. Apenas gritava pela fúria que pulsava em seu coração. Ele agora era um homem, um homem vigoroso, um homem a ser temido!

Uma trombeta soou e Mason ergueu os olhos. Um capitão da guarda do castelo estava nas ameias, gritando ordens e incentivando as tropas. Estas responderam ao comando e voltaram às fileiras, lutando para defender os portões enquanto a multidão os encurralava.

Mason caminhou pelo chão lamacento, encharcado de sangue, agora escorregadio. Olhou ao redor e escolheu um novo alvo. Um guarda do castelo, de costas para o ferreiro, tentava ouvir a voz do capitão. O ferreiro golpeou o pescoço do guarda na tentativa de decepar a cabeça. A inexperiência com a espada o levou a mirar alto demais, e a lâmina resvalou no elmo do homem, produzindo um forte tinido. Mason voltou a erguer a espada, a fim de desferir novo golpe, quando o homem, subitamente, deu meia-volta.

Mason sentiu uma dor aguda lhe queimando o estômago. Numa fração de segundo, todo o seu vigor, toda a sua fúria esvaíram-se. Largou a espada e se viu, mais do que sentiu, cair de joelhos. Baixando a vista em direção ao local da dor, viu o soldado retirar a espada de dentro do seu estômago. Mal podia acreditar no que via.

Como é possível essa lâmina tão grande sair de dentro de mim?

Instintivamente pressionando o corte com as mãos, o ferreiro sentiu um líquido quente. Fez o possível para conter suas vísceras enquanto o sangue jorrava de um ferimento de quase 30 centímetros. Já não sentia as pernas e totalmente indefeso, apavorado, viu que o soldado se preparava para um novo golpe... agora mirando sua cabeça.

Alric avançou em direção ao antemuro do castelo. Imediatamente, o conde Pickering, Mauvin e o marechal Garret convocaram os cavaleiros da reserva e o seguiram. Setas choviam das ameias acima dos grandes portões. Uma foi desviada pelo visor do elmo de Alric, e outra cravou em sua sela. Uma flecha atingiu o flanco do cavalo de Sir Sinclair, fazendo o animal empinar subitamente, mas o cavaleiro não caiu. Inúmeras outras flechas fincaram no solo sem causar danos. Enfurecido, o príncipe seguiu diretamente para os portões e, pondo-se de pé sobre os estribos, gritou:

— Eu sou o príncipe Alric Brendon Essendon! Abram estes portões em nome do rei!

Alric não sabia se tinha sido ouvido enquanto ali permanecia com a espada erguida acima da cabeça. Além disso, mesmo que o tivessem ouvido, era perfeitamente possível que a qualquer momento uma flecha voasse e ceifasse sua vida. Atrás do príncipe, os cavaleiros formaram um semi-círculo na tentativa de protegê-lo. Não voou flecha alguma, e tampouco os portões foram abertos.

— Alric! — gritou o conde Pickering. — Você tem de recuar!

— Eu sou o príncipe Alric Essendon! Abram os portões *agora!* — exclamou ele. Dessa vez, retirou e jogou de lado o elmo e fez o cavalo recuar alguns passos para poder ser visto das ameias.

Todos aguardaram. O conde Pickering e Mauvin fitavam o príncipe, aterrorizados, e tentavam convencê-lo a se afastar dos portões. Durante vários instantes de tensão nada aconteceu, enquanto o príncipe e seus guardiões esperavam, olhando para as ameias. Lá dentro, percebiam o som de batalha. Então ouviu-se um brado vindo de cima dos muros da cidade.

— O príncipe! Abram os portões! Deixem-no entrar! É o príncipe!

Mais gritos, e de repente os grandes portões se abriram. Do lado de dentro havia uma tremenda balbúrdia de guardas uniformizados que lutavam contra uma horda de cidadãos que mais parecia um bando de latoeiros, usando armaduras improvisadas e elmos roubados. Alric não hesitou. Deu com as esporas no cavalo e avançou contra a multidão. Mauvin, o conde Pickering, Sir Ecton e o marechal Garret fizeram o possível para proteger o rei, mas o esforço se mostrou desnecessário. Ao vê-lo, os defensores depuseram as armas. Correu a notícia de que o príncipe estava vivo, e os que o viram galopando em direção ao castelo, brandindo a espada de seu pai, aclamavam-no aos gritos.

Imobilizado nos degraus da torre, Royce ouviu o gemido da trombeta.

— Parece que a luta está feia lá fora — disse Magnus. — Eu me pergunto quem vai vencer. — O anão afagou a barba. — Por sinal, eu gostaria de saber quem está lutando.

— Você não se importa muito com os interesses do seu patrão, não é mesmo? — disse Royce, examinando as paredes. Quando tentou perfurar uma junção, a pedra quebrou como uma casca de ovo. O anão dissera a verdade.

— Só se a questão for relevante para o meu trabalho. A propósito, eu não faria isso de novo. Você teve sorte de não ter tocado numa das amarras.

Royce praguejou entre dentes.

— Se quer ser prestativo, por que não me diz como sair daqui?

— Quem disse que quero ser prestativo? — retorquiu o anão, exibindo um sorriso perverso. — Passei meio ano trabalhando neste projeto. Não quero que você faça tudo desabar no primeiro minuto. Quero saborear o momento.

— Os anões são todos mórbidos assim?

— Pense que é como construir um castelo de areia e vê-lo ser derrubado por uma onda. Estou ansioso para ver como e quando exatamente a torre vai desabar. Será em consequência de um passo em falso, da perda de equilíbrio ou de algo surpreendente e inesperado?

Royce sacou o punhal e o segurou pela lâmina para que o anão o visse.

— Sabia que posso cravar isto aqui na sua garganta, bem aí onde você está?

Era uma falsa ameaça, pois ele não ousaria jogar fora uma ferramenta vital numa hora daquelas. Contudo, esperava uma reação de medo, ou, ao menos, uma risada de troça. Mas o anão não fez nem uma coisa nem outra. Apenas arregalou os olhos, fitando o punhal.

— Onde conseguiu esse punhal?

Royce revirou os olhos diante da pergunta.

— Estou ocupado agora, se não se importa — disse ele e voltou a examinar os degraus. Constatou que formavam uma curva em torno da coluna central da torre, e que os degraus acima serviam de teto, por assim dizer, para os degraus de baixo. Em seguida, olhou para a frente e para trás.

— O degrau não desaba enquanto eu estiver pisando nele — disse Royce consigo mesmo, mas alto o bastante para ser ouvido pelo anão. — Só desmorona se eu pisar no degrau seguinte.

— Pois é... bastante criativo, não? Como pode imaginar, estou bastante orgulhoso do meu trabalho. A intenção inicial era criar um mecanismo que servisse de instrumento para a morte de Arista. Braga me contratou para que a coisa parecesse acidental. Uma velha torre dos aposentos reais desmorona, e a pobre princesa morre esmagada. Infelizmente, depois que Alric fugiu, ele mudou de idéia e resolveu que ela seria executada. Cheguei a pensar que jamais veria o fruto do meu árduo trabalho... mas aí você apareceu. Foi muita bondade sua.

— Toda armadilha tem seu ponto fraco — disse Royce. Então olhou para os degraus adiante e abriu um sorriso. Flexionando as pernas, saltou dois degraus. O degrau do meio ruiu, mas o degrau do qual ele saltara permaneceu intacto. — Sem um degrau logo acima — observou Royce —, aquele degrau está seguro, e não vai ruir, certo?

— Muito esperto — retrucou o anão, visivelmente decepcionado.

Royce continuou a subir, pulando dois degraus de cada vez, completou a curva e desapareceu da vista do anão.

— Não vai adiantar nada. O vão lá embaixo é grande demais, e você não vai conseguir pular por cima dele. Ainda não se livrou da armadilha!

Arista estava encolhida na cama quando escutou alguém do lado de fora da porta do quarto. Provavelmente era aquele anão infame, ou o próprio Braga, vindo buscá-la para o julgamento. Ouviu o barulho de algo sendo raspado, seguido de algumas batidas. Lembrou-se, tarde demais, que não tinha travado a porta com a pedra preciosa. No momento em que ela se aproximava, a porta se escancarou. Para sua surpresa, não era Braga nem o anão. Em vez disso, no vão da porta estava um dos ladrões da masmorra.

— Princesa — foi só o que Royce disse, entrando e fazendo uma breve e respeitosa reverência para a jovem. Com pressa, passou por ela aparentemente procurando algo. Os olhos do ladrão percorriam as paredes e o teto do aposento.

— Você? O que *you* está fazendo aqui? Alric está vivo?

— Alric está bem — disse Royce, andando pelo quarto. Olhou através das janelas e examinou o tecido das cortinas. — É... isso não vai funcionar.

— Por que está aqui? Como chegou até aqui? Você esteve com Eshahaddon? O que ele disse a Alric?

— Estou um pouco ocupado agora, Alteza.

— Ocupado? Fazendo o quê?

— Salvando-a, mas reconheço que, por ora, não estou me saindo muito bem.

Sem pedir permissão, Royce abriu o guarda-roupa e começou a revirar as roupas da princesa. Em seguida, vasculhou as gavetas da penteadeira.

— O que quer com as minhas *roupas*?

— Estou tentando descobrir um jeito de escapar daqui. Desconfio que a torre vai desabar dentro de alguns minutos e, se não sairmos logo, vamos morrer.

— Entendo — disse ela com serenidade. — Por que não descemos as escadas? — Ela se levantou e foi até a porta. — Por Maribor! — exclamou ela ao ver que um a cada dois degraus havia desaparecido.

— Podemos descer por esses degraus, mas os últimos seis ou sete, lá embaixo, ruíram. Não dá para pular até o corredor. Pensei que pudéssemos pular pela janela e cair no fosso, mas isso me parece morte certa.

— Ah... — foi tudo o que ela conseguiu dizer. Um grito crescia em seu interior, e Arista cobriu a boca com uma das mãos, impedindo que ele escapasse. — Tem razão. Não está se saindo muito bem.

Royce olhou embaixo da cama da princesa e então se pôs de pé.

— Espere um minuto... a senhorita é bruxa, não é? Eshahaddon lhe ensinou magia. A senhorita não consegue nos levar até lá embaixo? Não consegue nos fazer levitar ou nos transformar em pássaros ou algo parecido?

Arista sorriu, desconcertada.

— Não consegui aprender muita coisa com Eshahaddon e certamente não aprendi a levitar.

— A senhorita seria capaz de levitar uma prancha, ou uma pedra, na qual pudéssemos saltar?

Arista sacudiu a cabeça.

— E essa coisa do pássaro?

— Mesmo que eu conseguisse, e não vou conseguir, permaneceríamos como pássaros, porque eu não saberia reverter o feitiço, não é?

— Nesse caso, magia está fora de cogitação — disse Royce, e começou a retirar o colchão de penas que estava sobre o leito de Arista, revelando o estrado de cordas. — Certo. Então, ajude-me a desamarrar sua cama.

— Esta corda não tem comprimento suficiente para chegar até a base da torre — disse Arista.

— Não precisa ter — respondeu ele, puxando a corda pelos orifícios do estrado.

A torre estremeceu, e poeira cascateou das vigas. Arista prendeu a respiração por alguns instantes, e seu coração acelerou na expectativa de um repentino desmoronamento, mas a torre voltou a se estabilizar.

— É óbvio que o nosso tempo está acabando — disse Royce, enrolando a corda, enfiando-a pelo braço até o ombro e encaminhando-se para a porta.

Arista se deteve por um segundo a fim de olhar para trás e contemplar as escovas de cabelo, presenteadas por seu pai, que ainda estavam sobre a penteadeira. Depois seguiu em direção ao que restara da escadaria.

— A senhorita vai ter de descer pulando. Os degraus ainda presos à escada devem estar bem firmes, e vai ser mais fácil descer do que subir. Cuidado para não errar o salto, mas, se errar, vou tentar ampará-la.

Dito isso, ele começou a descer, saltando dois degraus com tamanha leveza que Arista sentiu vergonha da própria falta de confiança. A princesa se aprumou no patamar e oscilou o corpo para a frente e para trás, concentrando-se no primeiro degrau. Ela saltou, mas se adiantou um pouco mais do que o necessário. Balançando os braços freneticamente, cambaleou, lutando para não despencar. Royce estendeu as mãos, pronto para segurá-la, mas ela recuperou o equilíbrio. Um tanto trêmula, respirou fundo.

— Cuidado para não pular mais do que o necessário! — lembrou ele.

É claro, pensou ela. Como se eu já não tivesse aprendido essa lição.

O segundo salto foi mais fácil, e o terceiro, melhor ainda. Em pouco tempo, ela estabeleceu um ritmo e desceu os degraus num passo acelerado, seguindo Royce, que quase parecia dançar em sua descida. Estavam perto da base da escadaria quando Royce parou.

— Continue — disse ele. — Pare quando chegar ao último degrau e espere lá.

Ela obedeceu. Ele então retirou a corda enrolada e presa ao ombro e começou a

amarrá-la ao degrau sobre o qual estava. Arista seguiu adiante, descendo aos saltos, concentrando-se para não exagerar na autoconfiança. Quando viu o vão que havia na base, a confiança que lhe restava desapareceu. O buraco escancarado, que desaparecia na escuridão, foi o bastante para que ela voltasse a tremer de pavor.

— Ora, ora! Princesa! — exclamou o anão. Lá estava ele, no batente da porta de acesso ao corredor, com seu sorriso irônico, cheio de dentes amarelados. — Eu não esperava vê-la novamente. Onde está o ladrão? Será que despencou para a morte?

— Seu animal, nanico nojento! — gritou Arista.

A torre voltou a oscilar. O tremor fez Arista cambalear ligeiramente sobre o degrau, e seu coração disparou de medo. Choviam nuvens de poeira e fragmentos de rocha, que resvalavam pelas paredes e pelos degraus. Arista se abaixou, cobrindo a cabeça com os braços, até o tremor passar e as pedras pararem de rolar.

— Esta velha torre está prestes a desabar — disse o anão, expressando na voz um júbilo insano. — É uma pena chegar tão perto do resgate e se ver tão longe de ser resgatada. Se a senhorita fosse uma rã, talvez conseguisse saltar sobre o buraco. Mas pelo jeito não tem saída.

Uma corda caiu das alturas. Presa a um degrau, a corda balançava entre a princesa e o anão. E pela corda desceu Royce, como uma aranha. Ao alcançar a altura em que Arista se encontrava, parou e começou a se balançar.

— Ora! Agora você me impressionou! — exclamou o anão, e meneou a cabeça, indicando aprovação.

Royce saltou sobre o degrau ao lado de Arista e amarrou a corda em volta da própria cintura.

— Esta corda vai nos levar até o outro lado. Basta se segurar em mim.

Com satisfação, a princesa lançou os braços em volta dos ombros do ladrão e segurou firme, tanto por medo quanto por segurança.

— Vocês quase conseguiram — disse o anão. — E, por isso, merecem o meu respeito. Mas, sabem, tenho uma reputação a zelar. Não posso permitir que alguém saia por aí se gabando de ter escapado de uma das minhas armadilhas.

Dito isso, ele subitamente bateu a porta, prendendo-os lá dentro.

Hadrian ouviu o gemido da trombeta, enquanto confrontava Braga no corredor dos aposentos reais.

— Acho que vai demorar um bom tempo até Wylín e os guardas do castelo chegarem aqui — disse ele, provocando o arquiduque. — Desconfio que, como

está sendo atacado, o mestre de armas esteja ocupado demais para atender ao chamado do conde de Warric para comparecer aos aposentos reais.

— Pior para você, pois já não posso me dar o luxo de mantê-lo vivo — disse Braga, e ensaiou um novo ataque, brandindo a espada em direção a Hadrian com a velocidade de um raio. Este se esquivou com passos de balé, recuando corredor abaixo. O arquiduque exibia um estilo perfeito: o peso do corpo apoiado sobre o pé de trás enquanto apenas a ponta do pé da frente tocava o chão, as costas eretas, o braço que segurava a espada inteiramente estendido e o outro erguido em um elegante L. Até os dedos da mão livre formavam um desenho charmoso, como se segurassem uma taça de vinho. Seu cabelo longo e negro, salpicado de fios cinzentos, caía pelos ombros, e em sua frente não se via uma gota de suor sequer.

Em contrapartida, o estilo de Hadrian era desajeitado e hesitante. A espada de Melengar era muito inferior a qualquer uma das rapieiras da sua própria coleção. A ponta oscilava enquanto ele tentava com as mãos manter a espada firme. Ele continuou recuando, na tentativa de guardar distância do arquiduque.

Braga empreendeu um novo ataque. Hadrian escorou o golpe e então, abaixado, lançou-se pelo lado do arquiduque, quase sendo atingido por uma estocada lateral, que fez um furo num candeeiro de parede. Aproveitando a oportunidade, Hadrian correu pelo corredor e entrou na capela.

— Agora estamos brincando de esconde-esconde? — provocou Braga.

O arquiduque entrou na capela e foi diretamente para o altar, onde Hadrian se encontrava. Quando Braga o atacou, Hadrian deu um passo atrás, esquivou-se de um golpe horizontal e saltou, para se livrar de um golpe angulado. As estocadas de Braga resvalaram na estátua de Novron e Maribor, decependo as pontas de três dedos do deus. Hadrian então se posicionou diante do púlpito de madeira, sempre de olho no arquiduque, esperando o próximo ataque.

— É tão poético da sua parte querer morrer no mesmo local que o rei

— disse Braga. Em seguida, estocou à direita, mas Hadrian interceptou o golpe. Braga girou, valendo-se do pé de apoio, e brandiu a espada por cima da cabeça, desferindo um violento golpe de cima para baixo. Na expectativa do ataque, contando com ele, Hadrian deu um mergulho e deslizou pelo piso de mármore encerado em direção à porta da capela.

Levantando-se e virando-se rapidamente, o ladrão ainda pôde ver que o golpe aplicado por Braga havia cortado o púlpito ao meio. O impacto fora tão violento que a lâmina ficara presa na madeira, e o arquiduque agora se esforçava para arrancá-la. Aproveitando-se desse momento de distração, Hadrian correu até a entrada, saiu da capela e fechou a porta atrás de si. Utilizando a espada como

tranca, selou a porta.

— Isso vai deter você por algum tempo — disse Hadrian consigo mesmo, parando para recuperar o fôlego.

— Esse sujeito é um verme! — disse Arista, cuspidando e olhando para a porta fechada.

A torre voltou a estremecer, e dessa vez caíram pedras maiores. Um bloco inteiro despencou, levando junto um degrau a cerca de meio metro de onde eles estavam. O bloco e o degrau desapareceram no precipício das fundações da torre. Com a perda de blocos como aquele, a torre inteira começou a se torcer e entortar.

— Segure firme! — gritou Royce e se lançou do degrau.

Os dois voaram por cima do vão até a porta. Royce agarrou o grande anel de ferro pendurado na porta, e ambos conseguiram apoio para os pés no batente.

— Ele trançou a porta — informou Royce.

Enfiando um dos braços pelo anel, ele retirou do cinto as ferramentas que utilizava em arrombamentos. Com a mão livre, começou a cutucar a fechadura. Um trovão ensurdecedor sacudiu o castelo, e subitamente a corda presa a Royce ficou frouxa. O ladrão largou as ferramentas e sacou o punhal, cortando-a da cintura no instante em que a laje que a sustentava mergulhou diante deles. O restante da torre agora desabava.

Royce cravou o punhal na porta de madeira para obter mais um ponto de apoio enquanto a torre ruía em torno deles. As paredes que o anão tornara ocas se estilhaçavam, e os fragmentos voavam em todas as direções. Pedras começaram a cair em cima dos dois, e Royce e Arista buscaram a frágil proteção do estreito arco de pedra que servia de moldura para a porta.

Uma pedra do tamanho de um punho atingiu as costas de Arista, que se desequilibrou, deu um grito e tombou. Instantaneamente, Royce a segurou. Sem poder enxergar nada, ele mal conseguiu agarrar a parte de trás do vestido da princesa, bem como um punhado de cabelos.

— Não poderei segurá-la por muito tempo! — gritou ele.

Royce sentiu que ela escorregava, e a parte traseira do vestido começava a rasgar. Abdicando por um instante do apoio dos pés, ele se pendurou no braço enfiado no anel da porta e laçou as pernas em volta do corpo da princesa, cujos dedos tentavam freneticamente se agarrar ao corpo dele, só parando de se agitar quando encontraram seu cinto.

Durante alguns instantes, uma nuvem de poeira e fragmentos de rocha deixaram-no cego. Quando a poeira baixou, ele percebeu que os dois estavam

pendurados ao sol, num local que agora correspondia ao paredão externo da torre. Os escombros tinham caído dentro do fosso, formando uma pilha de pedras rachadas 20 metros abaixo. A multidão que assistia ao julgamento gritou, apontando para eles:

— É a princesa! — gritou alguém.

— A senhorita consegue alcançar a laje? — perguntou Royce.

— Não! Se eu tentar, vou cair. Não consigo...

Royce sentiu que ela estava escorregando e tentou aumentar a pressão das pernas para manter a princesa segura, mas sabia que isso seria impossível.

— Ah! Não consigo... meus dedos... estou escorregando!

Ainda pendurado pelo braço no anel da porta, Royce não suportava mais a dor no ombro. A outra mão, que agarrava o vestido e os cabelos de Arista, começava a ceder. Ela começou a escorregar. Em questão de segundos ele a perderia. Naquele momento, Royce sentiu um puxão no braço. A porta se abriu ligeiramente, e a mão forte de alguém apareceu e arrebatou Arista.

— A senhorita está segura — disse Hadrian, içando a princesa. Em seguida, acabou de abrir a porta, levando Royce para o piso do corredor.

Deitaram-se no chão, exaustos e cobertos de fragmentos de pedra. Royce se levantou e sacudiu as roupas.

— Bem que achei que tinha conseguido destravar a porta — disse ele, arrancando o punhal cravado na superfície de madeira.

Hadrian ficou de pé no batente da porta, contemplando o céu azul.

— Muito bem, Royce, gostei do que você fez com a torre.

— Onde está o anão? — perguntou Royce, olhando ao redor.

— Não o vi.

— E Braga? Você não matou o arquiduque, matou?

— Não. Eu o tranquei na capela, mas ele vai conseguir sair. A propósito, você pode me emprestar a sua espada? Não vai usá-la mesmo.

Royce entregou a Hadrian o alfanje que utilizara para compor o disfarce quando se passou por guarda do castelo. Hadrian pegou a arma, desembainhou-a e sentiu o peso da arma.

— Vou lhe dizer uma coisa: estas espadas são horríveis. São pesadas demais e tão fora de prumo como um cachorro de três patas tentando dar uma mijada. — Em seguida, olhou para Arista e acrescentou: — Ah... desculpe-me, Alteza. Como está se sentindo, princesa?

Arista se levantou.

— Bem melhor agora.

— Só para constar: estamos quites, certo? — perguntou Royce. — Você nos resgatou da prisão e de uma morte horrenda, e agora nós a salvamos.

— Certo — concordou ela, limpando a poeira acumulada em seu vestido rasgado.

— Mas quero registrar que no resgate de vocês o risco de morte foi bem menor.

— Ela passou uma das mãos pelos cabelos desgrenhados. — Aquele puxão doeu bastante, sabe?

— A queda teria doído mais.

Ouviu-se um estrondo corredor abaixo.

— Eu preciso ir — disse Hadrian. — O arquiduque se soltou.

— Cuidado! — gritou Arista no momento em que ele se afastava. — Ele é um espadachim de renome!

— Não agüento mais escutar isso — resmungou Hadrian enquanto subia pelo corredor. Não havia chegado muito longe quando Braga surgiu, avançando sobre eles.

— Então consegui libertá-la! — bradou Braga. — Nesse caso, eu mesmo terei de executá-la.

— Mas primeiro vai ter de passar por mim — disse Hadrian.

— Isso não será problema.

O arquiduque atacou Hadrian, brandindo a espada com raiva. Cada golpe era desferido com fúria. Hadrian lutou para desviar do ataque feroz, cujas estocadas eram tão aceleradas que assobiavam no ar. O olhar estampado no rosto vermelho de Braga era de puro ódio conforme ele golpeava Hadrian incessantemente.

— Braga! — gritou Alric, do outro extremo do corredor.

O arquiduque deu meia-volta, ofegante.

Hadrian avistou o príncipe posicionado ao fundo do corredor. Ele usava armadura e um tabardo branco, manchado com respingos de sangue. Alric estava com a mão apoiada no cabo da espada embainhada, e ao seu lado estavam os Pickering e Sir Ecton. Todos exibiam uma expressão sombria e ameaçadora.

— Largue a espada! — ordenou o príncipe com uma voz potente. — Acabou. Este reino é meu!

— Criaturazinha imunda! — praguejou Braga, desviando a atenção de Hadrian e

se encaminhando para o príncipe. Hadrian não o seguiu. Em vez disso, juntou-se a Royce e Arista, como observador.

— Acha que quero seu reinozinho precioso? — gritou Braga. — É isso que você acha? Eu quero é salvar *o mundo*, seus idiotas! Vocês não estão vendo? Olhem para ele! — O arquiduque apontou para o príncipe. — Olhem para esse vermezinho! — Virou-se para Arista. — E olhem para ela também! Igualzinha ao pai. Eles não são humanos! — Ainda com a face ruborizada em consequência da luta, Braga continuou a descer o corredor, aproximando-se de Alric. — Vocês podem aceitar que essa gente imunda os governe, mas eu não. Não enquanto houver sangue nestas veias!

Braga avançou contra Alric, erguendo a espada. Assim que chegou a uma distância adequada, baixou a lâmina na direção do príncipe. Antes que este pudesse reagir, porém, o golpe foi bloqueado. Uma bela rapieira interceptou a arma de Braga em pleno golpe. O conde Pickering manteve a espada do arquiduque no ar, e Sir Ecton puxou o príncipe para fora do alcance do golpe.

— Vejo que o senhor tem em mãos a sua espada. Então não haverá desculpa desta vez, caro conde — disse Braga.

— Desculpas não serão necessárias. Você é um traidor da Coroa, e, em memória de meu amigo Amrath, vou liquidar esse assunto.

As lâminas se chocaram. Pickering era tão exímio esgrimista quanto Braga, e os dois evoluíam com elegância enquanto suas espadas pareciam constituir extensões de seus corpos. Sacando as próprias armas, Mauvin e Fanen deram um passo à frente, mas Ecton os interceptou.

— Esta luta é do pai de vocês.

Pickering e Braga lutariam até a morte. Os golpes das espadas eram tão rápidos que os olhos dos espectadores mal podiam acompanhá-los. As lâminas mortíferas assobiavam uma para a outra, chocando-se em coro. O metal incrivelmente lustroso da rapieira de Pickering refletia a luz fraca do corredor, reluzindo ao riscar o ar. Quando aço se chocava com aço, centelhas espocavam.

Braga fez uma investida, tocou no flanco de Pickering e, recuando, infligiu-lhe um corte superficial no peito. Por um triz, Pickering conseguiu interceptar uma segunda estocada com uma defesa rápida que permitiu ao conde um golpe de cima para baixo. Braga ergueu a espada para bloquear o golpe, mas Pickering ignorou a defesa, baixando a espada com força e velocidade, as faíscas novamente iluminando o ar.

Instintivamente, Hadrian se contraiu. O golpe alto e potente deixaria Pickering vulnerável a uma reação fatal por parte de Braga. Então o metal das espadas tiniu. Uma faísca brilhou, e incredivelmente a lâmina de Pickering lascou ao

meio a espada de Braga. O golpe desferido pelo conde seguiu, com força total, até a garganta do arquiduque. O lorde conselheiro tombou no chão, e sua cabeça rolou por meio metro.

Mauvin e Fanen correram para o lado do pai, radiantes de orgulho e alívio. Alric disparou pelo corredor, ao encontro da irmã, escoltada pelos dois ladrões.

— Arista! — gritou ele, abraçando-a. — Graças a Maribor você está bem!

— Não está zangado comigo? — perguntou ela, afastando-se dele, com um tom de surpresa na voz.

Alric sacudiu a cabeça.

— Devo a minha vida a você — disse ele, abraçando-a novamente. — E, quanto a vocês dois... — disse ele, olhando para Royce e Hadrian.

— Alric — interrompeu Arista —, a culpa não foi deles. Eles não mataram nosso pai e não queriam raptar você. Foi tudo idéia minha. Eu os forcei. Eles não fizeram nada.

— Ah, nesse ponto você está redondamente enganada, querida irmã. Eles fizeram *muito*. — Alric sorriu e pôs a mão no ombro de Hadrian. — Obrigado.

— Espero que não nos culpe pelo que aconteceu com a torre — disse Hadrian. — Mas, se quiser culpar, a culpa foi de Royce, e o castigo cabe a ele.

Alric deu uma risadinha.

— Culpa minha? — rosnou Royce. — Encontre aquele monstrinho barbado e aplique o castigo no couro *dele*.

— Não estou entendendo — disse Arista um tanto confusa. — Você queria executar estes dois homens.

— Você deve estar enganada, querida irmã. Estes dois homens honrados são os guardiões da coroa de Essendon e, a julgar pelo que ocorreu hoje, eles deram conta da tarefa muito bem.

— Senhor. — O marechal Garret surgiu no corredor e se aproximou do conde, olhando de relance para o cadáver de Braga. — O castelo está seguro, e os mercenários foram mortos ou fugiram. Tudo indica que a guarda do castelo ainda seja fiel à Casa de Essendon. Os nobres estão ansiosos para tomar conhecimento da situação e aguardam no tribunal.

— Bom — respondeu o conde. — Diga-lhes que Sua Majestade em breve vai se dirigir a eles. Ah... e mande alguém aqui para limpar esta sujeira, sim?

O marechal fez uma reverência e saiu.

De mãos dadas, Alric e a irmã desceram o corredor em direção aos demais.

Hadrian e Royce os seguiam de perto.

— Até agora ainda tenho dificuldade de acreditar que ele tenha sido capaz de tamanha traição — disse Alric, olhando para o corpo de Braga. Uma grande poça de sangue se estendia pelo piso do corredor, e Arista levantou a bainha do vestido ao passar.

— Que loucura foi aquela... sobre não sermos humanos? — indagou Arista.

— Ele estava nitidamente ensandecido — respondeu o bispo Saldur, aproximando-se, seguido de perto por Archibald Ballentyne. Embora jamais tivesse sido apresentado ao bispo, Hadrian sabia de quem se tratava. Saldur cumprimentou o príncipe e a princesa com um sorriso amável e uma expressão paternal. — É tão bom revê-lo, Alric! — disse ele, colocando as mãos nos ombros do rapaz. — E, minha cara Arista, ninguém pode estar mais feliz que eu diante da comprovação da sua inocência. Rogo-lhe que me perdoe, minha cara, pois fui ludibriado por seu tio. Ele plantou sementes de dúvida em minha mente. Eu deveria ter ouvido meu coração e concluído que você jamais teria cometido os atos dos quais ele a acusava. — Delicadamente, ele beijou suas faces.

O bispo olhou para baixo e contemplou o cadáver encharcado de sangue e estirado a seus pés.

— Acho que a culpa pelo assassinato do rei foi demais para esse pobre homem. No fim, ele perdeu completamente a cabeça. Talvez estivesse convencido de que você estava morto, Alric, e, ao vê-lo no corredor, tenha achado que fosse um fantasma, ou um demônio, vindo das profundezas para assombrá-lo.

— Talvez — disse Alric ceticamente. — Bem, em todo caso, já passou.

— E o anão? — perguntou Arista.

— O anão? — disse Alric. — Como sabe sobre o anão?

— Foi ele quem preparou a armadilha lá na torre. Quase acabou com Royce e comigo. Alguém sabe onde se meteu? Ele estava aqui há pouco.

— Ele fez coisa pior do que isso. Mauvin, corra e diga ao marechal que organize uma busca imediatamente — determinou Alric.

— E para já — assentiu Mauvin e saiu em disparada.

— Também fico feliz em vê-lo são e salvo, Majestade — disse Archibald. — Disseram-me que o senhor estava morto.

— E você veio aqui para prestar uma homenagem à minha memória?

— Eu vim aqui a convite.

— Quem o convidou? — perguntou Alric, olhando para o cadáver de Braga. —

Ele? Que interesses comuns teriam um conde imperialista de Warric e um arquiduque traidor de Melengar?

— Foi uma visita protocolar, posso garantir.

Alric lançou um olhar sombrio para o conde.

— Saia do meu reino antes que eu mande prendê-lo por conspiração.

— Não se atreveria — retrucou Archibald. — Sou súdito do rei Ethelred. Se me prender, ou mesmo me tratar mal, corre o risco de deflagrar uma guerra... confronto no qual Melengar não pode se envolver, sobretudo agora, com um menino inexperiente no comando do reino.

Alric sacou a espada, e Archibald deu dois passos para trás.

— Escoltem o conde para fora daqui antes que eu me esqueça de que Melengar tem um tratado de paz assinado com Warric.

— Os tempos estão mudando, Alteza! — exclamou Archibald enquanto era conduzido pelos guardas. — O Novo Império não tarda, e na nova ordem não haverá espaço para uma monarquia anárquica.

— Não há um jeito de atirá-lo na masmorra, nem que seja por poucos cias? — perguntou Alric a Pickering. — Não podemos acusá-lo de espionagem?

Antes que Pickering pudesse responder, o bispo Saldur falou:

— O conde tem razão, Alteza. Qualquer ato hostil contra Ballentyne seria considerado um ato de guerra contra Chadwick pelo rei Ethelred. Imagine a sua reação se o nosso conde Pickering fosse enforcado em Aquesta. O senhor não haveria de tolerar algo assim, e o mesmo se aplica ao rei Ethelred. Além disso, o conde está se vangloriando. Ele é jovem, e está se sentindo importante. Perdoe-lhe a juventude. O senhor também não cometeu erros de julgamento?

— Talvez — murmurou Alric. — Mas algo me diz que aquela víbora está tramando alguma coisa. Eu gostaria de encontrar um meio de lhe dar uma lição.

— Alteza? — disse Hadrian, interrompendo-o. — Se não se importa, Royce e eu queremos visitar alguns amigos na cidade.

— Ah, sim... não se prendam — respondeu Alric. — Mas temos de providenciar o pagamento. Vocês me prestaram um grande serviço — disse ele, olhando carinhosamente para a irmã. — Quero manter minha palavra. Estipulem o preço.

— Se não se importa, depois a gente fala sobre isso — disse Royce.

— Entendo — respondeu o príncipe, revelando uma leve preocupação. — Mas espero que sejam razoáveis no valor cobrado e que não levem o reino à falência.

— O senhor precisa se dirigir ao tribunal — disse Pickering a Alric.

Alric assentiu e, acompanhado de Arista e Mauvin, desapareceu escada abaixo. Pickering permaneceu no local, ao lado dos dois ladrões.

— Acho que esse rapaz pode vir a se tornar um bom rei — comentou ele quando o príncipe se afastou e já não podia ouvi-lo. — Eu tinha as minhas dúvidas no passado, mas ele parece ter mudado. Está mais sério, mais confiante.

— Então essa espada é mesmo mágica — disse Hadrian, apontando para a rapieira.

— Hein? — Pickering olhou para baixo, contemplando a espada que pendia de seu cinto, e sorriu. — Ah, sim... digamos que ela me dá certa vantagem em situações de confronto. A propósito, por que você deixou Braga levar a melhor naquele duelo?

— Como assim?

— Vi vocês dois lutando assim que nós chegamos. A sua postura era defensiva, todos os seus golpes eram de interceptação e bloqueio. Você não desferiu um ataque sequer.

— Eu estava com medo — mentiu Hadrian. — Braga tinha conquistado tantos prêmios, vencido tantos torneios, e eu jamais conquistei prêmio algum nem venci nenhum torneio.

Pickering pareceu perplexo.

— Mas, não sendo nobre de nascença, você não pode participar de torneios.

Hadrian contraiu os lábios e assentiu.

— Sabe de uma coisa? O senhor tem toda razão. E melhor cuidar logo desses ferimentos, senhor. Sua bela túnica está ficando manchada de sangue.

Pickering baixou os olhos e se surpreendeu ao ver o corte que Braga lhe infligira no peito.

— Ah, sim... tudo bem... a túnica ficou rasgada, mas parece que o sangramento estancou.

Mauvin voltou, correndo. Deteve-se ao lado do pai, passando o braço em volta de sua cintura.

— Mandei os soldados procurarem o anão, mas até agora não tivemos sorte.

Apesar da má notícia, Mauvin exibiu um largo sorriso.

— Do que está rindo? — perguntou seu pai.

— Eu sabia que o senhor o derrotaria. Por alguns instantes, fiquei na dúvida, mas,

no fundo, eu sabia.

O conde assentiu, e uma expressão reflexiva surgiu em seu rosto. Ele olhou para Hadrian.

— Depois de tantos anos de dúvida, foi uma sorte eu ter a oportunidade de confrontar e derrotar o Braga, ainda mais diante dos meus filhos.

Hadrian concordou e sorriu.

— É verdade.

Seguiu-se uma pausa enquanto Pickering examinava o rosto de Hadrian, em seguida colocando uma das mãos sobre seu ombro.

— Para ser sincero, de minha parte, fico muito feliz com o fato de o senhor não ser nobre, Sr. Hadrian Blackwater, muito feliz mesmo.

— O senhor não vem? — disse Sir Ecton, e o conde e seus filhos se afastaram.

— Você não poupou Braga para que Pickering pudesse matá-lo, certo? — perguntou Royce depois que os dois ficaram a sós no corredor.

— E claro que não. Eu me contive porque, se um plebeu matar um nobre, recebe pena de morte.

— Foi isso que pensei — disse Royce, aliviado. — Por um instante, cheguei a temer que você tivesse ficado bonzinho demais.

— É claro que os nobres têm sido muito cordiais e amigáveis, mas, se eu tivesse matado o arquiduque, apesar de quererem vê-lo morto, pode ter certeza de que eles não estariam dando tapinhas nas minhas costas e dizendo "Belo trabalho". Não, não... convém evitar matar um nobre.

— Pois é... especialmente diante de testemunhas — disse Royce com um sorriso irônico.

No momento em que saíam do castelo, ouviram a voz de Alric reverberando no ar.

— ... traiu a coroa e foi responsável pelo assassinato de meu pai. Tentou me matar e executar minha irmã. Contudo, graças à sabedoria da princesa e ao heroísmo de terceiros, estou aqui diante de vocês.

As palavras foram recebidas com gritos, aclamações e aplausos.

Capítulo 10

O DIA DA COROAÇÃO



Foram setenta e oito mortos e mais de duzentos feridos no incidente que ficou conhecido como a Batalha de Medford. O oportuno ataque da população aos portões precipitou a entrada do príncipe na cidade e, pode-se dizer, salvou a vida dele. Assim que a notícia do retorno de Alric correu pela cidade, toda e qualquer resistência chegou ao fim. A paz foi restaurada, mas não a ordem. Durante várias horas após a batalha, gangues se aproveitaram para saquear oficinas e depósitos, sobretudo nas margens do rio. Um sapateiro morreu defendendo sua sapataria, e um tecelão foi cruelmente espancado. Além dos saques, registraram-se assassinatos. O intendente, dois de seus assistentes e um agiota foram mortos. Muita gente achava que havia alguns que aproveitaram o caos para resolver antigas disputas. Os assassinos não foram identificados, e ninguém se preocupou em localizar os saqueadores. No fim, ninguém sequer foi preso. O fato de a violência ter acabado era suficiente.

A maior parte da neve que caíra no dia da batalha havia derretido nos dias subsequentes, e restavam apenas alguns montículos misturados com terra escondidos nas sombras. No entanto, a temperatura continuava definitivamente fria. O outono chegara oficialmente ao fim, e o inverno se instalara. Em meio aos ventos gelados, a multidão silenciosa aguardou durante horas diante da cripta real enquanto os restos mortais do rei Amrath eram removidos para o sepultamento oficial. Muitos outros indivíduos foram enterrados naquele mesmo dia. Os funerais propiciavam a purgação do sofrimento da cidade, que teria uma semana de luto oficial.

Entre os mortos constava o nome de Wylín, capitão da guarda do Castelo de Essendon. Ele tombara enquanto comandava a defesa dos portões. Não ficou claro se Wylín era traidor ou se fora enganado pelas mentiras engendradas pelo arquiduque. Alric lhe concedeu o benefício da dúvida, e o capitão foi sepultado com todas as honras militares. Embora Mason Grumon tivesse morrido, Dixon Taft, gerente da Rosa e Espinho, sobrevivera à batalha, ainda que perdendo o

braço direito logo acima do cotovelo. Taft teria morrido, e muitos outros também, não fosse o trabalho de Gwen DeLancy e suas meninas. As prostitutas se revelaram excelentes enfermeiras. Os mutilados e os feridos sem família foram abrigados na Casa de Medford durante semanas. Quando tal notícia chegou ao castelo, provisões, roupas e alimentos foram enviados.

A notícia do heroico avanço de Alric pelos portões da cidade correu por todo o reino de Melengar. Como ele sobrevivera à chuva de flechas, atirara o elmo no chão e desafiara uma segunda saraivada — isto propiciou excelentes histórias nas tavernas. Antes da batalha, pouca gente tinha o filho de Amrath em alta conta, mas agora ele se tornara um herói aos olhos de muitos. Alguns dias depois, outra história, embora menos célebre, também circulou bastante pelas tavernas da cidade. Segundo o relato fabuloso, dois criminosos, acusados injustamente do assassinato do rei, tinham conseguido escapar da morte por tortura ao raptar o príncipe. O relato se tornava mais detalhado à medida que circulava, e logo se dizia que os mesmos criminosos tinham se aventurado pelos campos em companhia do príncipe e voltado bem na hora de salvar a princesa, segundos antes que a torre desmoronasse. Alguns afirmavam que ajudaram a salvar o príncipe de uma emboscada em plena estrada, e outros juravam ter visto a princesa e um dos criminosos pendurados do lado de fora do castelo depois que a torre desabou.

A despeito das intensas buscas, o anão que fora o real perpetrador do assassinato do rei escapou. Em todos os entroncamentos de estradas e nas portas de todas as igrejas e tavernas do reino, Alric mandou postar cartazes prometendo a recompensa de cem moedas de ouro a quem localizasse o anão. Patrulhas percorreram estradas, revistaram celeiros, depósitos, moinhos e procuraram até nos vãos das pontes, mas ele não foi encontrado.

Passada a semana de luto oficial, tiveram início os trabalhos de reparos no castelo. Equipes limpavam os escombros, e os arquitetos estimavam que feria necessário pelo menos um ano para a reconstrução da torre. Embora a bandeira do falcão tremulasse no telhado, a cidade pouco via o príncipe Alric. Ele permanecia isolado nos corredores do poder, imerso em centenas de obrigações. Acompanhado dos filhos, o conde Pickering ficou no castelo, atuando como conselheiro e prestando assistência ao jovem príncipe, que se esforçava para assumir o papel do pai.

A coroação do príncipe foi realizada um mês após o sepultamento do rei Amrath. Àquela altura, a neve retornara e a cidade estava branca novamente. Toda a população participou da cerimônia, embora apenas uma fração coubesse no interior da gigantesca Catedral de Mares, onde ocorreu a cerimônia. A maioria pôde ver brevemente o novo monarca seguindo em direção ao castelo numa carruagem aberta ou quando ele se apresentou na varanda ao soar de trombetas.

As celebrações duraram o dia inteiro, e menestréis e saltimbancos foram contratados para divertir a população. O castelo chegou a fornecer cerveja grátis e grande fartura de comida, disposta em diversas mesas. A noite, que chegou mais cedo, pois os dias estavam mais curtos, as pessoas se acotovelaram em tavernas e estalagens, repletas de visitantes de fora da cidade. Os residentes repetiam as histórias da Batalha de Medford e a agora célebre lenda de *Príncipe Alric e os ladrões*. Os relatos continuavam fazendo sucesso e não demonstravam qualquer sinal de perder a força. O dia tinha sido longo e mais tarde até as luzes das tavernas se apagaram.

Uma das poucas casas onde ainda se via uma vela ficava no Distrito dos Artesãos. Anteriormente, funcionava no local um armário, mas o proprietário, Lester Furl, morrera na batalha. Alguns diziam que a pluma do chapéu que ele usava naquele dia tinha atraído a atenção de um machado. Desde aquele dia, a placa de madeira que exibia um sofisticado chapéu de cavaleiro permanecia acima da porta, mas não se viam chapéus à venda na vitrine. Mesmo de madrugada a luz continuava acesa. No entanto, ninguém era visto entrando ou saindo do estabelecimento. Um sujeito franzino, com roupas simples, recebia os curiosos que se aventuravam a bater à porta. Por trás do sujeito, os visitantes viam uma sala cheia de peles de animais secas e curtidas. A maioria ficava de molho em bacias ou esticada em molduras de madeira. Havia também pedaços de pedra-pomes, agulhas e linhas, bem como folhas de velino dobradas e empilhadas junto às paredes. A sala continha ainda três escrivaninhas com tampos inclinados, sobre os quais se viam grandes folhas de pergaminho com textos meticulosamente redigidos. Sobre as prateleiras e nas gavetas vazias havia vidros de tinta. O sujeito era sempre cortês e, quando lhe perguntavam o que vendia no estabelecimento, ele respondia: "Nada." Apenas escrevia livros. Como pouca gente sabia ler, as perguntas, de modo geral, acabavam ali.

O fato era que havia pouquíssimos livros na oficina.

Myron Lanakin estava sozinho no recinto. Acabara de escrever meia página do *Tratado de Grigoles acerca da lei comum imperial* e então parou. A sala estava fria e silenciosa. Ele se levantou, foi até a vitrine da oficina e olhou para a rua escura, coberta de neve. Numa cidade onde havia mais residentes que o número total de pessoas que ele vira em toda a sua vida, Myron se sentia completamente só. Um mês havia transcorrido, e ele ainda estava na metade do primeiro livro. Na realidade, ficava a maior parte do tempo sentado. No silêncio, Myron imaginava ouvir a voz dos irmãos entoando as preces noturnas.

Evitava dormir por causa dos pesadelos, que haviam começado na terceira noite em que dormira na oficina e eram horrendos: visões de labaredas e súplicas que saíam da própria boca enquanto as vozes de sua família pereciam naquele inferno. Todas as noites sua gente voltava a morrer, e todas as manhãs ele

acordava no chão frio de um cubículo num mundo muito mais silencioso e isolado que o mosteiro. Myron sentia falta de casa e das manhãs que passava em companhia de Renian.

Alric havia cumprido a promessa. O novo rei de Melengar lhe propiciara a oficina, sem cobrar aluguel, e todos os materiais necessários à confecção dos livros. Em momento nenhum a questão do custo foi mencionada. Myron deveria estar feliz, mas se sentia mais perdido a cada dia que passava. Embora dispusesse de uma mesa mais farta do que nunca e não houvesse ali um abade para vigiar suas refeições, ele comia pouco. Seu apetite diminuía na mesma proporção que sua vontade de escrever.

Logo que chegara à oficina, sentira a obrigação de trabalhar para reconstituir o acervo. A medida que os dias foram passando, porém, sentia-se mais sozinho e confuso. Como seria possível *reconstituir* o acervo? Não havia prateleiras vazias, não havia biblioteca à espera dos livros. O que aconteceria se ele concluísse o projeto? O que faria com os livros? O que aconteceria com o acervo? O que aconteceria com ele? Os livros careciam de um lar, e ele também. Myron se sentou no assoalho de madeira, num canto da sala, abraçando as pernas e apoiando a cabeça na parede.

— Por que logo eu fui o único sobrevivente? — murmurou ele na sala vazia. — Por que logo eu escapei? Por que me persegue a maldição dessas lembranças indelévels, que me fazem recordar cada rosto, cada grito, cada lamento?

E, como de hábito, Myron chorou. Como não havia quem pudesse vê-lo, ele deixou que as lágrimas escorressem livremente pela face. Ficou ali no chão chorando, na penumbra de uma vela bruxuleante, até pegar no sono.

Uma batida à porta o despertou sobressaltado. Não havia tirado mais que um breve cochilo, pois a vela ainda ardia. Dirigiu-se à porta e, abrindo-a ligeiramente, olhou o exterior. Diante dele, dois homens, usando pesadas capas de inverno, aguardavam-no.

— Myron? Vai abrir ou vai nos deixar congelar aqui fora?

— Hadrian? Royce! — exclamou Myron, escancarando a porta. Imediatamente abraçou Hadrian e então, virando-se para Royce, fez uma pausa e optou por um aperto de mão.

— Já faz algum tempo que a gente não se vê — disse Hadrian, batendo a neve que ficara presa nas botas. — Quantos livros você já escreveu?

Myron pareceu sem graça.

— A adaptação não tem sido fácil, mas vou conseguir. Este lugar não é maravilhoso? — disse ele, esforçando-se para parecer sincero. — Foi muita bondade de Sua Majestade me disponibilizar tudo isto. Tenho um estoque de

velino que vai durar anos... e tinta? Nem queiram saber. Conforme disse Finiless: "Mais não seria possível, ainda que o mundo se esvaziasse para todo o sempre."

— Então, está gostando daqui? — perguntou Hadrian.

— Ah... estou adorando. Não poderia esperar mais do que já tenho aqui. — Os dois ladrões trocaram um olhar cujo significado Myron não pôde discernir. — Vocês aceitam alguma coisa... um chá, talvez? O rei tem sido muito generoso comigo. Tenho até mel para adoçar o chá.

— Um chá cairia bem — disse Royce.

Myron foi até a bancada à procura de um bule.

— Então, o que os faz sair à rua a esta hora da noite? — perguntou ele, e em seguida riu da própria pergunta. — Ah, esqueçam a pergunta. Acho que não está tão tarde *para vocês*. Imagino que trabalhem até tarde.

— Mais ou menos — disse Hadrian. — Acabamos de voltar de uma viagem a Chadwick. Estamos indo para a Rosa e Espinho, mas queríamos passar por aqui para dar uma notícia.

— Notícia? Que notícia?

— Bem, achei que fosse uma notícia boa, mas agora não tenho tanta certeza.

— Por quê? — perguntou o monge, despejando água no bule.

— Bem, a notícia implica a sua saída daqui.

— É mesmo? — Myron virou-se repentinamente, derramando um pouco de água.

— Pois é... mas, se você está gostando tanto daqui, a gente poderia...

— Para onde eu iria? — perguntou Myron com ansiedade, largando o bule e se esquecendo do chá.

— Bem — disse Hadrian —, Alric nos ofereceu o que quiséssemos em pagamento pelo resgate da princesa, mas, considerando que Arista tinha salvado a nossa vida, não nos pareceu correto pedir dinheiro ou terras ou qualquer coisa de natureza pessoal. Ficamos pensando nas perdas decorrentes da destruição da Abadia dos Ventos. Não apenas os livros, você sabe, mas também o refúgio para viajantes perdidos naquelas terras isoladas. Então pedimos ao rei que reconstruísse a abadia... exatamente como ela era.

— Você... está falando sério? — gaguejou Myron. — E ele concordou?

— Para falar a verdade, ele até pareceu aliviado — disse Royce. — Acho que se sentia como se um punhal pairasse acima da cabeça dele havia um mês. Suponho que tivesse medo de que pedíssemos algo ridículo, como o primogênito dele ou as jóias da Coroa.

— E talvez tivéssemos pedido se já não as tivéssemos roubado — disse Hadrian com uma risada, e Myron não pôde discernir se ele estava ou não brincando.

— Mas, se você gosta tanto daqui... — disse Hadrian, correndo o dedo pelo ar. — Suponho que...

— Não! Não!... quero dizer... vocês têm razão. A abadia deve ser reconstruída pelo bem de todo o reino.

— Que bom que concorda, porque precisamos que você colabore com os arquitetos encarregados da reconstrução. Imagino que seja capaz de desenhar algumas plantas baixas e, talvez, alguns esboços.

— Certamente, nos mínimos detalhes.

Hadrian deu mais uma risada.

— Aposto que sim. Já estou vendo que você vai levar o arquiteto real à loucura.

— Quem será o abade? Alric já entrou em contato com o Mosteiro de Dibben?

— Ele enviou um emissário hoje de manhã. Foi um dos seus primeiros atos na condição de monarca. Durante o inverno, você vai receber a visita de alguns monges, e, na primavera, vocês todos terão muito trabalho a fazer.

Myron exibiu um largo sorriso.

— Onde está o chá? — indagou Royce.

— Ah... sim, desculpem-me.

Ele encheu novamente o bule com água. Mas, detendo-se mais uma vez, voltou-se para os ladrões e seu sorriso desapareceu.

— Eu gostaria muito de voltar para casa e ver a construção da abadia. Mas... — Myron fez uma pausa.

— O que foi?

— Os imperialistas não vão voltar? Quando souberem que a abadia foi reconstruída... eu não agüentaria...

— Calma, Myron — disse Hadrian. — Isso não vai acontecer.

— Mas como você pode ter certeza disso?

— Confie em mim. Os imperialistas não vão mais se aventurar em Melengar — garantiu Royce ao monge. O sorriso estampado no rosto do ladrão fez Myron pensar em um gato, e o monge se sentiu aliviado por não ser um rato.

Nas horas que antecederam o alvorecer, o Distrito Baixo estava calmo. Abafados pela neve, os únicos sons eram dos cascos das montarias que, lentamente, subiam pelo beco em direção à Rosa e Espinho.

— Você está precisando de dinheiro? — perguntou Royce a Hadrian.

— Não, já tenho o suficiente. Pode deixar o restante com Gwen. Quanto é mesmo o valor que temos agora?

— Bem, estamos muito bem. Temos as quinze moedas de ouro pela devolução das cartas de Alenda, as vinte moedas de ouro que Ballentyne nos pagou pelo roubo das mesmas cartas, as cem que ganhamos de DeWitt e as cem que ganhamos de Alric. Quer saber de uma coisa? Um dia a gente vai precisar encontrar DeWitt e... *agradecer a ele* aquele serviço — disse Royce sorrindo.

— Você acha que foi justo pedir o dinheiro além da abadia? — perguntou Hadrian. — Devo admitir que eu estava começando a gostar do cara, e eu detestaria pensar que tiramos vantagem dele.

— As cem moedas foram o pagamento pela escolta até Gutaria — lembrou Royce. — A abadia foi pelo resgate da princesa. Não pedimos nada que Alric já não houvesse concordado em pagar. E ele disse que podíamos pedir o que quiséssemos, então poderíamos muito bem ter pedido terras ou um título de nobreza.

— E por que não pedimos?

— Ah? Quer dizer que você gostaria de ser o conde Blackwater, é?

— Não seria nada mau — disse Hadrian, apurando-se na sela. — E você poderia ser o temido marquês Melborn.

— Por que "temido"?

— Você preferiria "notório"? "Nefasto", talvez?

— Que tal... *amado*?

Nenhum dos dois foi capaz de evitar uma gargalhada.

— Pensando bem, esquecemos de cobrar por termos salvado o bom rei das garras de Trumbul. Você acha que...

— Agora é tarde, Royce — disse Hadrian.

Royce suspirou, decepcionado.

— Então, no fim das contas, acho que ele não foi explorado. Além disso, nós somos *ladrões*, lembra-se? Em todo caso, a questão é a seguinte: não vamos passar fome neste inverno.

— Pois é... nós agimos como esquilos precavidos, não foi? — disse Hadrian.

— Talvez na primavera a gente possa dar início àquela atividade pesqueira que você queria.

— Eu pensei que você quisesse uma vinícola.

Royce deu de ombros.

— Então continue pensando. Eu vou acordar Esmeralda e mostrar a ela que já estou de volta. Está frio demais para dormir sozinho.

Royce passou pela taverna e desmontou diante da Casa de Medford. Durante algum tempo, permaneceu ali, olhando para a janela mais alta, seus pés enregelados contra a neve.

— Você *vai* subir, não vai? — perguntou Gwen, de pé à porta. — Ainda estava vestida e bonita com sempre. — Não está muito frio aí fora?

Royce sorriu.

— Você ficou me esperando...

— Você disse que voltaria nesta noite.

Royce retirou a sacola que estava sobre o lombo do cavalo e a levou consigo degraus acima.

— Preciso deixar com você mais uma importância em dinheiro.

— Foi por isso que você ficou de pé na neve durante tanto tempo? Estava decidindo se podia me confiar o dinheiro?

As palavras o magoaram.

— Não!

— Então por que ficou ali parado tanto tempo?

Royce hesitou.

— Você gostaria que eu fosse um pescador ou, talvez, um fabricante de vinho?

— Não — disse ela. — Eu gosto de você do jeito que é.

Royce pegou uma das mãos dela.

— Você não estaria melhor ao lado de um bom agricultor ou um mercador rico? Alguém com quem pudesse criar filhos, ao lado de quem pudesse envelhecer, que ficasse em casa e não a deixasse sozinha e preocupada?

Ela o beijou.

— Por que esse beijo?

— Eu sou uma prostituta, Royce. São poucos os homens que não se consideram à minha altura. Eu o amo do jeito que você é, e sempre vou amar, seja qual for o caminho que você escolher. Se eu tivesse o poder de mudar alguma coisa, seria para convencê-lo de que estou falando a verdade.

Ele a abraçou, e ela retribuiu o abraço.

— Senti a sua falta — sussurrou ela.

Archibald Ballentyne acordou com um susto.

Ele havia cochilado na Torre Cinzenta do Castelo de Ballentyne. O fogo se apagara na lareira, e o quarto estava ficando frio. Também estava escuro, mas o brilho esmaecido das brasas produzia um pouco de luz. Pairava no ar um odor estranho e desagradável, e ele sentiu no colo o peso de algo grande e arredondado. Na penumbra, Ballentyne não conseguiu ver do que se tratava. Parecia um melão embrulhado num pano. Levantou-se e pôs o objeto sobre a poltrona da qual acabara de se levantar. Removeu a tela de arame que protegia a lareira e, pegando duas toras de uma pilha bem ao lado, colocou-as sobre as brasas. Cutucou-as com o atizador, soprou-as e conseguiu reacender o fogo. Feito isso, o quarto voltou a se encher de luz.

Devolveu o atizador ao lugar, recolocou a tela e limpou as mãos. Quando deu meia-volta, olhou para a poltrona na qual estivera cochilando e imediatamente deu um pulo para trás, apavorado.

Ali, sobre a poltrona, estava a cabeça do ex-arquiduque de Melengar. O pano que a embrulhava havia escorregado um pouco, revelando parte do rosto de Braga. Os olhos estavam esbugalhados, expondo as órbitas leitosas e brancas. A pele, amarelada e áspera, estava toda enrugada. Um punhado de vermes transitava no interior da boca arreganhada, formando uma massa ondulante, como se a língua de Braga estivesse tentando falar.

O estômago de Archibald ficou revirado. Tão aterrorizado que sequer conseguia gritar, ele olhou em torno de si, à procura de algum intruso. Foi então que viu algo escrito na parede. Em um líquido que parecia sangue e letras de um palmo de altura, estavam as palavras:

***NUNCA MAIS SE META COM MELENGAR
POR ORDENS DO REI
...E NOSSAS***

Livro II – AVEMPARTHA



Capítulo 1

COLNORA



No momento em que o homem saiu da sombra, Wyatt Deminthal soube que aquele seria o pior, e possivelmente o último, dia de sua vida. Vestindo lã crua e couro tosco, o homem era vagamente familiar, um rosto visto rapidamente à luz de velas dois anos antes, um rosto que Wyatt desejara jamais reencontrar. Ele portava três espadas, todas gastas e cegas, com os cabos manchados de suor e corroidos. Trinta centímetros mais alto do que Wyatt, com ombros largos e mãos vigorosas, o homem distribuiu o peso do corpo sobre as pontas dos pés. E fitou Wyatt como gatos encaram ratos.

— Barão Delano DeWitt de Dagastan?

Não era uma pergunta; era uma acusação.

Wyatt sentiu o coração acelerar. Mesmo depois de reconhecer aquele rosto, seu lado otimista, que de um jeito ou de outro conseguira sobreviver àqueles anos terríveis, ainda nutria a esperança de que ele quisesse apenas seu dinheiro. No entanto, ao som daquelas palavras, tal esperança morreu.

— Lamento, mas o senhor deve estar enganado — respondeu ele ao sujeito que bloqueava seu caminho, esforçando-se para parecer amigável, descontraído... inocente. Tentou até esconder o sotaque de Cális no intuito de melhorar a dissimulação.

— Não estou enganado — insistiu o homem, atravessando o beco, chegando mais perto, devorando a distância reconfortante que até então os separara. Suas mãos estavam inteiramente à mostra, o que era mais preocupante do que se estivessem apoiadas nos cabos das espadas. Embora Wyatt levasse consigo um belo sabre, o homem não demonstrava qualquer sinal de temor.

— Bem, na verdade, meu nome é Wyatt Deminthal. Portanto, acho que o senhor está enganado.

Wyatt se sentiu aliviado por ter conseguido enunciar todas essas palavras sem

gaguejar. Com grande esforço, concentrou-se em manter o corpo relaxado, os ombros soltos e o peso apoiado num dos calcanhares. Chegou a esboçar um sorriso afável e olhou ao redor com naturalidade, como faria um homem inocente.

Os dois estavam de frente um para o outro num beco estreito e entulhado a poucos metros do local onde Wyatt alugava um sótão. Estava escuro. Poucos metros atrás dele havia uma lamparina, ao lado de um estabelecimento que vendia ração para animais. Wyatt percebia o brilho trêmulo da chama, que refletia nas poças deixadas pela chuva no calçamento de pedra. Ainda ouvia a música tocada na taverna Camundongo Cinzento, abafada, metálica. Vozes ecoavam ao longe, gargalhadas, gritos, discussões; o estardalhaço de uma panela derrubada no chão se seguiu ao miado de um gato invisível. Em algum lugar uma carroça avançava com suas rodas de madeira rangendo sobre a pedra molhada. Era tarde. Nas ruas havia apenas bêbados, prostitutas e os que preferiam fazer negócios na penumbra.

O homem deu mais um passo à frente. Wyatt não gostou do olhar do sujeito. Sua expressão era dura, grave, decidida; porém, o que mais o perturbava era um toque de arrependimento visível no rosto do outro.

— Foi você que nos contratou para roubar uma espada do Castelo de Essendon.

— Lamento. Eu realmente não faço a menor idéia do que o senhor está falando. Nem sei onde fica esse tal de *Essendon*. Deve estar me confundindo com alguém. Talvez seja este chapéu. — Wyatt retirou o chapéu de aba larga e o mostrou ao homem. — Veja bem... é um chapéu comum, que pode ser comprado por qualquer pessoa. Ao mesmo tempo, é um tanto raro, pois pouca gente usa esse estilo hoje em dia. Deve ter visto alguém com um chapéu parecido e achou que fosse eu. Um engano compreensível. Não vou levar a mal, fique tranqüilo.

Wyatt repôs o chapéu na cabeça, baixando um pouco a parte da frente e o angulando ligeiramente. Além do chapéu, trajava um sofisticado gibão de seda vermelho e preto e uma capa curta um tanto espalhafatosa. No entanto, a ausência de acabamentos em veludo somada às botas gastas revelava sua baixa condição social. A argola de ouro presa à orelha esquerda a deixava ainda mais clara, como uma espécie de concessão, um tributo à sua vida pregressa.

— Quando chegamos à capela, o rei estava estirado no chão. Morto.

— Vejo que essa não é uma história feliz — disse Wyatt, puxando os dedos de suas luvas vermelhas e elegantes, hábito seu quando estava nervoso.

— Havia guardas à espreita que nos levaram para o calabouço. Quase fomos executados.

— Lamento que tenham sido maltratados, mas, como eu disse, não sou DeWitt. Nunca ouvi falar nele. Se meu caminho cruzar com o dele, posso mencioná-los. Quem o procura?

— Riyria.

Por trás de Wyatt, a luz do estabelecimento que vendia ração oscilou, e uma voz sussurrou ao seu ouvido:

— Significa *dois* na língua dos elfos.

O coração de Wyatt disparou, e, antes que pudesse dar meia-volta, uma lâmina afiada pressionou sua garganta. Ele congelou, sem conseguir respirar direito.

— Você montou um esquema para acabar com a gente — prosseguiu a voz atrás dele. — Você armou tudo, nos mandou para a capela para que fôssemos considerados culpados. Estou aqui para retribuir sua bondade. Se tiver algo a dizer antes de morrer, diga agora e fale baixo.

Wyatt era bom com as cartas. Sabia reconhecer um blefe, e o sujeito atrás dele não estava blefando. Não estava ali para intimidá-lo, pressioná-lo ou chantageá-lo. Não queria esclarecimentos; já sabia tudo o que precisava. Era evidente na voz, no tom, nas palavras, no ritmo da respiração colada ao seu ouvido: estava ali para matá-lo.

— O que foi, Wyatt? — chamou uma voz fraca.

Mais abaixo, no beco, uma porta se abriu, e a luz escapuliu para a rua, revelando a silhueta de uma menina cuja sombra percorreu o calçamento de pedra e subiu pela parede oposta. Era magra, tinha os cabelos à altura dos ombros e usava uma camisola que descia até os tornozelos, expondo os pés descalços.

— Nada, Allie... volte para dentro de casa! — gritou Wyatt, revelando abertamente seu sotaque.

— Quem são esses homens com quem você está falando? — Allie deu um passo à frente. O pé da menina tocou uma poça de água, causando ondulações. — Eles parecem zangados.

— Não quero testemunhas — disse, entre dentes, a voz atrás de Wyatt.

— Deixe a menina em paz — implorou Wyatt. — Ela nada tem a ver com o caso. Eu agi sozinho.

— Tem a ver com o quê? — perguntou Allie. — O que está acontecendo? — Ela deu mais um passo.

— Pare aí, Allie! Não se aproxime. Por favor, Allie, faça o que estou dizendo. — A menina parou. — Eu fiz uma coisa errada, Allie. Você precisa entender. Fiz por nós... por você, por Elden e por mim. Lembra-se daquele meu trabalho,

alguns invernos atrás? Quando eu passei alguns dias no norte? Eu... eu fiz uma coisa errada naquela época. Fingi que era outra pessoa e quase provoquei a morte de dois homens. Foi assim que consegui dinheiro para aquele inverno. Não me odeie, Allie. Eu amo você, querida. Por favor, volte para dentro de casa.

— Não! — protestou ela. — Estou vendo a faca. Eles vão machucar você!

— Se você não entrar, eles vão matar nós dois! — gritou Wyatt, ríspido. Ríspido demais. Não era sua intenção, mas era preciso que ela entendesse.

Allie começou a chorar. Permaneceu no beco, no fecho de luz da lamparina, tremendo de medo.

— Entre, querida — disse Wyatt, recompondo-se e tentando controlar o tom de voz — Tudo vai acabar bem. Não chore. Elden vai cuidar de você. Conte a ele o que aconteceu. Tudo vai acabar bem.

Ela continuava soluçando.

— Por favor, querida, agora você precisa entrar — suplicou Wyatt. — É tudo o que você pode fazer. E tudo o que eu preciso que você faça. Por favor.

— Eu... eu... amo vo-você, pa-pai!

— Eu sei, querida. Eu sei. Eu também amo você. E sinto *muito*.

Lentamente Allie entrou em casa, e a nesga de luz diminuiu até que a porta se fechou, deixando o beco novamente no escuro. Somente a luz pálida e azulada da lua cercada de nuvens se infiltrava na passagem estreita onde os três homens estavam.

— Qual é a idade dela? — perguntou a voz atrás dele.

— Deixe-a fora disso. Faça logo o que tem de fazer... pode ser rápido, pelo menos?

Wyatt se preparou para o momento seguinte. A visão da criança o tocara profundamente. Ele tremia da cabeça aos pés, com os punhos cerrados, o tórax tão contraído que era difícil engolir ou respirar. Sentia o metal colado à garganta e esperou pelo próximo instante, pelo movimento brusco.

— Quando você nos contratou, já sabia que aquilo era uma armadilha? — perguntou o homem que portava as três espadas.

— O quê? *Não!*

— Você teria feito o que fez se soubesse da armadilha?

— Sei lá... acho que... sim. A gente estava precisando do dinheiro.

— Então você não é barão?

— Não.

— O que você é?

— Eu era capitão de um navio.

— Era? O que aconteceu?

— Você vai me matar ou não? Por que tantas perguntas?

— Cada pergunta que você responder corresponde a mais uma respiração — disse a voz atrás dele.

Era a voz da morte, desprovida de emoção, vazia. Ao ouvi-la, o estômago de Wyatt se revirou, como se ele estivesse à beira de um precipício. Não ver o algoz sabendo que o sujeito segurava a lâmina que o mataria fazia com que aquilo parecesse uma execução. Wyatt pensou em Allie e fez votos para que ela ficasse bem; então se deu conta: ela veria a cena. O pensamento veio à sua mente com extrema clareza. Depois da execução, ela sairia correndo de dentro de casa e o encontraria na rua. Ela caminharia sobre o sangue dele.

— O que aconteceu? — voltou a perguntar o carrasco e imediatamente a voz dele apagou da mente de Wyatt todo e qualquer pensamento.

— Vendi o navio.

— Por quê?

— Isso não vem ao caso.

— Dívida de jogo?

— Não.

— Por quê, então?

— Que diferença isso faz agora? Você vai me matar. Ande logo com isso!

Wyatt se recompusera. Estava pronto. Trincou os dentes e fechou os olhos. Mas o matador continuou postergando.

— Isso faz diferença — sussurrou o algoz ao ouvido de Wyatt — porque Allie não é sua filha.

A lâmina se afastou do pescoço de Wyatt.

Devagar, com hesitação, ele virou o rosto e olhou para o homem que segurava o punhal. Jamais o vira antes. Era mais baixo do que o parceiro e vestia uma capa preta, com um capuz que escondia seus traços faciais, revelando apenas alguns pontos do rosto: o nariz pontiagudo, a linha do maxilar, o queixo.

— Como é que sabe disso?

— Ela nos viu no escuro. Ela viu o meu punhal na sua garganta, e nós estávamos à sombra, a quase 20 metros de distância.

Wyatt permaneceu calado. Não se atreveu a se mexer nem a falar. Não sabia o que pensar. De algum modo, algo havia mudado. A certeza da morte retrocedera, mas a sua sombra ainda espreitava. Não fazia idéia do que estava acontecendo, e a possibilidade de dar um passo em falso o aterrorizava.

— Você vendeu o navio para comprá-la, não foi? — adivinhou o homem encapuzado. — Mas de quem... e por quê?

Wyatt fitou o rosto que estava sob o capuz... era como uma paisagem sombria, um deserto desprovido de compaixão. A morte continuava logo ali, no instante da próxima respiração; uma palavra era a única divisória entre a eternidade e a salvação.

O mais alto, aquele que levava as três espadas, pôs uma das mãos sobre o ombro de Wyatt.

— Muita coisa vai depender da sua resposta. Mas você já sabia disso, não sabia? Neste momento, está tentando adivinhar o que a gente quer ouvir. Não faça isso. Diga apenas a verdade. Ao menos, se você der a resposta errada, sua morte não terá decorrido de uma mentira.

Wyatt concordou, voltou a fechar os olhos, respirou fundo e disse:

— Comprei a menina de um sujeito chamado Ambrose.

— Ambrose Moor? — perguntou o algoz.

— Sim.

Wyatt esperou, mas nada aconteceu. Ele abriu os olhos. O punhal desaparecera, e o homem que levava as três espadas sorria.

— Não sei quanto aquela menina custou, mas foi o melhor investimento que você já fez na vida.

— Não vai me matar?

— Hoje não. Você ainda nos deve cem moedas em pagamento por aquele serviço — disse o homem encapuzado friamente.

— Eu... eu não tenho esse dinheiro.

— Vire-se.

Um facho de luz invadiu o beco quando a porta da casa em cujo sótão Wyatt morava se abriu e Elden saiu correndo. Ele trazia um imenso machado de duas lâminas elevado acima da cabeça e avançava com um olhar decidido.

Prontamente, o homem que portava as três espadas sacou duas delas.

— Elden, *não!* — gritou Wyatt. — Eles não vão me matar! Pare, agora! Elden se deteve com o machado ainda em riste, correndo os olhos entre os dois estranhos.

— Eles vão me soltar — garantiu Wyatt, e então se virou para os dois homens. — Vocês vão me soltar, não vão?

O encapuzado disse:

— Pague a dívida.

Enquanto os dois se afastavam, Elden se posicionou ao lado de Wyatt, e Allie veio correndo abraçá-lo. Os três entraram em casa rapidamente. Elden correu os olhos pelo beco uma última vez e fechou a porta.

— Você viu o tamanho daquele cara? — perguntou Hadrian a Royce, ainda olhando por cima do ombro, como se o gigante fosse tentar surpreendê-los. — Nunca vi alguém daquele tamanho. Ele deve ter dois metros de altura... e aquele pescoço, aqueles ombros e aquele machado! Seria preciso dois de mim só para levantar aquele machado. Talvez ele não seja humano; talvez seja um gigante, ou um troll. Tem gente que jura que eles existem. Conheço gente que diz até que já os viu.

Royce olhou para o amigo e fez uma careta desdenhosa.

— Tudo bem... na maioria das vezes eu escutei essas coisas de bêbados em bares, mas isso não quer dizer que não seja possível. Pode perguntar a Myron, ele vai confirmar.

Os dois seguiram para o norte, em direção à ponte Langdon. Tudo estava tranqüilo por ali. No respeitável distrito de Colnora, situado numa colina, as pessoas preferiam dormir a farrear nas tavernas. Ali moravam os grandes mercadores, empresários abastados cujas residências eram mais sofisticadas que os palacetes da alta nobreza.

Colnora surgira como um simples ponto de parada no entroncamento das rotas comerciais de Wesbaden e Aquesta. Inicialmente, um lavrador chamado Hollenbeck e sua esposa davam de beber a animais e viajantes e cediam o celeiro aos comerciantes em troca de notícias e mercadorias. Era um sujeito de visão e sempre escolhia o que houvesse de melhor.

Em pouco tempo a fazendola se transformou em estalagem, e Hollenbeck montou um estabelecimento comercial e um depósito para atender aos interesses dos viajantes. Mercadores começaram a comprar lotes ao lado da fazendola e abriram os próprios estabelecimentos comerciais, tavernas e estalagens. A fazendola se transformou em vilarejo e depois em cidade, mas as caravanas continuavam a dar preferência a Hollenbeck. Dizia-se que o motivo para isso era a simpatia da esposa do lavrador, uma mulher extraordinária que, além de

possuir rara beleza, cantava e tocava bandolim. Dizia-se que ela fazia as melhores tortas de pêssego, maçã e mirtilo. Séculos mais tarde, quando já não era sequer possível identificar o local onde existira a fazendola dos Hollenbeck, e poucas pessoas se lembravam da existência do lavrador, mantinha-se viva a lembrança da esposa: Colnora.

Ao longo dos anos a cidade floresceu até se tornar o maior centro urbano de Avryn. Consumidores encontravam em Colnora as roupas da última moda, as jóias mais refinadas e a maior variedade de perfumes exóticos em centenas de lojas e mercados. Além disso, a cidade abrigava os artesãos mais habilidosos e se gabava de possuir as melhores estalagens e tavernas da região. Para Colnora convergiam os melhores artistas, o que motivou Cosmos DeLur, o cidadão mais rico e patrono das artes, a construir o Teatro DeLur.

No meio da travessia do distrito, Royce e Hadrian pararam repentinamente diante da grande marquise do teatro, pintada de branco e exibindo a silhueta de dois homens que escalavam a parede externa da torre de um castelo com os seguintes dizeres:

*A CONSPIRAÇÃO PELA COROA
COMO UM JOVEM PRÍNCIPE E DOIS LADRÕES
SALVARAM UM REINO
ESPETÁCULOS TODAS AS NOITES*

Royce ergueu uma das sobranceiras enquanto Hadrian passou a ponta da língua pelos dentes da frente. Trocaram um olhar, mas nada disseram, e seguiram viagem.

Saindo do distrito da colina, prosseguiram pela rua da Ponte, que acompanhava o relevo do terreno, descendo até o rio. Passaram por uma série de depósitos e armazéns, construções gigantescas que exibiam os logotipos das respectivas companhias como se fossem brasões de armas. Alguns desses logotipos eram constituídos apenas por iniciais. De modo geral, esses eram os estabelecimentos mais recentes, ainda sem identidade definida. Outros estampavam marcas registradas, como a cabeça de javali da Companhia Bocant, um império iniciado por meio da comercialização de carne suína, ou o losango das Empresas DeLur.

— Você sabe que ele nunca vai conseguir nos pagar as cem moedas? — perguntou Hadrian.

— Eu não quis que ele pensasse que estava escapando facilmente.

— Você não quis que ele pensasse que Royce Melborn se derreteu ao ver as lágrimas de uma menininha.

— Não foi *qualquer* menininha e, além disso, ele a salvou de Ambrose Moor. Só por isso já ganhou uma vida.

— Eis uma coisa que sempre me deixa perplexo: como é que Ambrose ainda está vivo?

— Acho que tenho me desviado dos meus objetivos — disse Royce com um tom de voz que queria dizer algo como *não vamos falar nisso agora*. Hadrian mudou de assunto.

Das três principais pontes da cidade, a Langdon era a mais elaborada. Toda feita de pedra, era ladeada por postes em formato de cisnes, que, iluminados, emprestavam um ar festivo à cidade. Agora, entretanto, com as luzes apagadas, as pedras úmidas pareciam escorregadias e perigosas.

— Bem, ao menos não perdemos um mês inteiro à procura de DeWitt — disse Hadrian em tom sarcástico no momento em que atravessavam a ponte. — Achei que...

Royce parou de andar e de súbito levantou uma das mãos. Ambos olharam ao redor e, sem dizer uma palavra, sacaram as espadas e se posicionaram um de costas para o outro. Nada parecia errado. O único som era o da correnteza das águas turbulentas abaixo deles.

— Parabéns, Duster — disse um homem, dirigindo-se a Royce, saindo de trás de um dos postes da ponte. Sua pele era pálida, e seu corpo tão magro e ossudo que parecia chacoalhar dentro do colete e da camisa. Seu aspecto era o de um cadáver insepulto.

Atrás dele, Hadrian viu mais três homens. Os três tinham aparência semelhante: magros, mas com musculatura bem-definida, e todos usavam roupas escuras. Cercaram a dupla como se fossem lobos.

— Como perceberam que a gente estava aqui? — perguntou o magricela.

— Acho que foi o hálito, mas não posso dizer que o fedor do corpo não ajudou — respondeu Hadrian com um sorriso, prestando atenção ao posicionamento, à movimentação e à direção dos olhares do bando.

— Cuidado com o que diz, fortão — ameaçou o mais alto dos quatro.

— A que devemos a honra desta visita, Price? — perguntou Royce.

— Engraçado, eu ia perguntar a mesma coisa a você — respondeu o magricela.

— Afinal, esta cidade é nossa, e não de vocês... não é *mais* de vocês.

— Diamante Negro? — perguntou Hadrian.

Royce fez que sim.

— E você deve ser Hadrian Blackwater — comentou Price. — Eu achava que fosse ainda mais forte.

— E vocês são o Diamante Negro. Eu achava que fossem mais do que quatro.

Price sorriu, encarou Hadrian tempo suficiente para insinuar uma ameaça e voltou a atenção para Royce.

— Então, o que estão fazendo aqui, Duster?

— Estamos só de passagem.

— É mesmo? Não estão aqui a negócios?

— Nada que pudesse interessar a vocês.

— Sabe... é aí que você se engana. — Price se afastou do poste em formato de cisne e começou a cercá-los enquanto falava. O vento que soprava rio abaixo sacudia sua camisa larga como uma bandeira desfraldada. — O Diamante Negro se interessa por tudo que acontece em Colnora, principalmente quando a coisa envolve você, Duster.

Hadrian se inclinou para a frente e perguntou:

— Por que ele fica chamando você de *Duster*?

— Era esse o meu nome na guilda — respondeu Royce.

— *Esse cara* era um Diamante Negro? — perguntou o mais jovem dos quatro, de bochechas arredondadas, gorduchas e rosadas, e boca estreita emoldurada por um bigodinho e um cavanhaque.

— Ah... pois é... Etcher, você nunca ouviu falar em Duster, não é? Etcher é novo na associação; está com a gente faz apenas... sei lá... seis meses? Sabe, Duster não foi só um Diamante; ele foi oficial da guilda, sicário e um dos membros mais célebres da história da associação.

— Sicário? — perguntou Hadrian.

— Assassino — explicou Royce.

— Esse cara aí é um mito — continuou Price, caminhando pela ponte de pedra, cuidando para não pisar nas poças. — Menino prodígio, ele galgou com tanta rapidez os escalões da organização que incomodou muita gente.

— Engraçado — disse Royce —, só me lembro de ter incomodado uma pessoa.

— Bem, quando o primeiro oficial da guilda fica nervoso, todo mundo fica. Sabe, naquela época, um tal de Hoyte comandava o Diamante. Para a maioria de nós, ele era um filho da mãe... era um ladrão e um administrador habilidoso, mas era também um filho da mãe. Duster contava com grande apoio junto ao baixo

clero, e Hoyte ficou preocupado com a possibilidade de ser substituído por Duster. Ele começou a designar a Duster os serviços mais arriscados... serviços que poderiam acabar muito mal. Mesmo assim, Duster sempre saía ileso, o que contribuía cada vez mais para sua fama de herói. E daí começaram a circular boatos de que havia um traidor dentro da guilda. Em vez de levar a questão a sério, Hoyte viu a coisa como uma oportunidade.

Price se deteve na caminhada em círculos e parou diante de Royce.

— Sabe, naquela época havia três sicários na guilda, e eram bons amigos. Jade, a única assassina da associação, uma beldade que...

— Aonde quer chegar, Price? — retrucou Royce.

— Só estou informando Etcher um pouco do contexto, Duster. Você não vai se incomodar se eu cuidar um pouco da formação dos meus rapazes, vai? — Price sorriu e voltou ao ritmo anterior da caminhada, enfiando os polegares no cós largo da calça. — O que eu estava dizendo mesmo? Ah, sim... estava falando de Jade. Aconteceu bem ali. — Ele apontou para o outro lado da ponte. — Naquele armazém vazio com o logotipo do trevo pintado na parede. Foi ali que Hoyte armou tudo, jogando um contra o outro. Naquela época, assim como hoje, assassinos usavam máscaras para não serem reconhecidos. — Price parou de falar e olhou para Royce, fingindo solidariedade. — Você só percebeu que era ela depois, não foi, Duster? Ou você já sabia e, mesmo assim, matou Jade?

Royce permaneceu calado, mas manteve os olhos fixos em Price, com uma expressão ameaçadora.

— O terceiro sicário era Cutter, que, com toda a razão, ficou zangado ao saber que Duster tinha assassinado Jade, pois Cutter e Jade eram amantes. A coisa se tornou pessoal, e Hoyte ficou satisfeito em permitir que Cutter fosse à forra. Mas ele não queria ver Duster morto, queria vê-lo sofrer, e fez questão de pôr em prática algo mais sofisticado, mais doloroso. O cara é um gênio em termos de estratégia... é nosso mentor intelectual... e conseguiu que Duster fosse preso pela guarda da cidade. Cutter trocou alguns favores e, com um pouco de dinheiro, comprou uma sentença que resultou no envio de Duster para o Cárcere de Manzant. O buraco de onde ninguém escapa. Fugir de lá era considerado impossível... só que de algum jeito Duster conseguiu cair fora. Sabe de uma coisa, a gente ainda não descobriu como conseguiu fugir.

Price fez uma pausa, dando a Royce a chance de responder. Mas, novamente, Royce permaneceu calado.

Price deu de ombros.

— Quando fugiu, Duster voltou para Colnora. Primeiro, o juiz que presidiu o julgamento dele foi encontrado morto na cama. Depois, foi a vez das

testemunhas falsas, as três, na mesma noite, e, finalmente, chegou a vez do advogado. Em pouco tempo, um por um, os membros do Diamante Negro começaram a sumir. Seus corpos surgiam nos locais mais estranhos: no rio, na praça central, até no campanário da igreja. Depois do sumiço de mais de uma dezena de membros, o Diamante fez um trato, entregando Hoyte a Duster, que o forçou a fazer uma confissão pública. Duster matou Hoyte e deixou o corpo dele na fonte da Praça da Colina... foi coisa de artista. A guerra parou, mas as ofensas já cometidas eram graves demais para serem perdoadas. Duster caiu fora e, anos depois, reapareceu, agindo no território da Mão Carmim, no norte. Mas você não pertence mais à Mão, não é?

— Não preciso mais de guildas — respondeu Royce com frieza.

— E quem é esse aí? — perguntou Etcher, apontando para Hadrian. — Criado de Duster? Ele está carregando espadas suficientes para os dois.

Price sorriu para Etcher.

— Esse aí é Hadrian Blackwater, e eu não apontaria o dedo para ele... você pode perder esse braço.

Etcher olhou para Hadrian, desconfiado.

— O quê? Ele é mestre espadachim? É isso?

Price deu uma risadinha e disse:

— Espada, lança, flecha, pedra... o que ele tiver na mão. — Em seguida, virou-se para Hadrian. — O Diamante não tem muita informação sobre você, mas corre por aí uma boataria. Alguns dizem que você foi gladiador. Outros, que foi general do Exército de Cális... e bem-sucedido, se é que se pode acreditar nessas histórias. Dizem até que foi escravo e amante de uma exótica rainha oriental.

Os outros Diamantes, inclusive Etcher, riram.

— Essa viagem pelas minhas memórias está divertida, Price, mas você tem algum motivo para nos deter?

— Você quer dizer... além da diversão? Além do assédio? Além de lembrar a vocês que esta cidade é controlada pelo Diamante Negro? Além de informar que ladrões que não pertencem a guildas, como é o caso de vocês, não têm permissão para trabalhar aqui, e que vocês não são bem-vindos?

— É, foi isso aí que eu quis dizer.

— Na realidade, existe mais um motivo. Tem uma garota procurando vocês dois.

Royce e Hadrian trocaram um olhar de curiosidade.

— Ela está perguntando por aí se alguém viu dois ladrões chamados Hadrian e Royce. Agora, por mais divertido que seja ouvir os nomes de vocês na boca do

povo, é constrangedor para o Diamante Negro o fato de ter gente procurando ladrões em Colnora que não sejam membros da nossa organização. Isso pode criar uma imagem negativa da cidade.

— Quem é essa tal garota? — perguntou Royce.

— Não faço idéia.

— Onde ela está?

— Dormindo embaixo do Arco dos Mercadores, no boulevard Capital; portanto acho que não se trata de uma debutante nobre nem da filha de algum comerciante rico. Como está sozinha, acho também que não pretende matar vocês nem vê-los presos. Se tivesse de arriscar um palpite, eu diria que ela quer contratá-los. Devo dizer que, se ela faz parte da clientela típica de vocês, eu procuraria alguma linha de trabalho mais convencional. Talvez possam se empregar em alguma chácara de criação de suínos... ao menos teriam outro tipo de companhia.

O tom e a expressão de Price se tornaram graves.

— Encontrem a garota e sumam com ela da nossa cidade até amanhã à noite. É melhor se apressarem. Se tomar um banho, ela pode ficar bonitinha e agarrar um belo príncipe, ou ao menos propiciar alguns momentos de prazer a alguém. Desconfio que só não foi tocada até agora porque está badalando o nome de vocês por toda parte. Por aqui, Royce Melborn ainda é algo parecido com o bicho-papão.

Price se virou para ir embora e retomou o tom de sarcasmo.

— É mesmo uma pena vocês não poderem ficar mais. No teatro estão encenando uma peça sobre dois ladrões que foram ludibriados e acabaram acusados do assassinato do rei de Medford. A peça é baseada no assassinato do rei Amrath, anos atrás — disse Price, meneando a cabeça. — Totalmente inverossímil. Vocês podem conceber algum ladrão experiente sendo ludibriado a entrar num castelo e roubar uma espada só para salvar um homem de um duelo? Esses autores têm cada idéia!

Price continuou a mover a cabeça enquanto ele e os outros ladrões deixaram Royce e Hadrian na ponte e desceram pelas ruas da margem oposta.

— Ora! Muito agradável, você não acha? — perguntou Hadrian no momento em que ele e Royce deram meia-volta e retornaram, colina acima, em direção ao boulevard Capital. — Belo bando. Foi uma pena eles terem mandado apenas quatro.

— Acredite... eles são perigosos. Price é o primeiro oficial da associação, e os outros dois, que ficaram quietos, são sicários. Havia também outros seis, três de

cada lado da ponte, de tocaia, só por garantia. Eles não iam se arriscar com a gente. Isso faz com que você se sinta melhor?

— Muito melhor, obrigado — disse Hadrian, arregalando os olhos. — Duster... é isso?

— Não me chame por esse nome — disse Royce, sério. — Nunca mais me chame por esse nome.

— Qual nome? — perguntou Hadrian inocentemente.

Royce suspirou e então abriu um sorriso.

— Aperte o passo. Pelo jeito, temos uma cliente nos esperando.

Ela acordou com uma mão áspera tocando sua coxa.

— O que você tem aí nessa bolsa, querida?

Desorientada e confusa, a jovem passou as mãos nos olhos. Estava na sarjeta, embaixo do Arco dos Mercadores. Seus cabelos eram um imundo emaranhado de folhas e gravetos, e o vestido estava em farrapos. Segurava uma pequena bolsa à altura do peito com a alça pendurada ao pescoço. Para a maioria dos transeuntes, ela teria parecido um monte de lixo largado à beira da estrada, ou um monte de trapos e gravetos ignorado pelos varredores de rua. Contudo, havia quem se interessasse até por um monte de lixo.

A primeira coisa que ela viu, assim que seus olhos ajustaram o foco, foi a cara escura e abatida e a boca escancarada de um homem inclinado sobre ela. A jovem deu um grito e tentou se arrastar para longe. A mão do homem a agarrou pelos cabelos. Dois braços fortes a obrigaram a se abaixar, imobilizando seus pulsos. Ela sentiu no rosto o hálito quente do sujeito, que cheirava a bebida e fumaça. Ele arrancou a bolsinha presa entre os dedos dela e retirou a alça que estava em volta do pescoço.

— Não! — Ela conseguiu soltar uma das mãos e esticou o braço em direção à bolsa. — Preciso desta bolsa!

— Eu também — disse o homem, gargalhando e desferindo um tapa na mão da jovem. Sentindo o peso de moedas dentro da bolsa, ele sorriu e a enfiou no bolso do casaco.

— Não! — protestou ela.

Ele se sentou sobre ela, imobilizando-a no chão, e passou os dedos pelo rosto e pelos lábios da jovem, parando quando chegou ao pescoço. Lentamente, os dedos circundaram a garganta, que ele apertou com mais força. Ela engasgou, com dificuldade para respirar. Ele pressionou os lábios nos dela com força... com

tanta força que ela pôde sentir que lhe faltavam alguns dentes. A barba malfeita do homem arranhou o queixo e o rosto da jovem.

— Quietinha — murmurou ele. — A gente está apenas começando. Poupe as forças.

Ele se pôs de joelhos e começou a desabotoar o culote.

Ela lutou, defendendo-se com as unhas e chutes. Ele prendeu os braços dela com os joelhos, e os chutes só atingiram o ar. Ela gritou. A reação dele foi uma violenta bofetada no rosto da garota. O impacto a deixou atônita, temporariamente cega, enquanto ele voltou a desabotoar o culote. A dor ainda não a atingira, não com total intensidade. Mas estava aumentando, um fogo que subia pelo seu rosto. Através das lágrimas, a garota o viu bem acima dela, como se contemplasse a cena de longe. Os sons se tornaram indistintos, unificados num zumbido monótono. Ela viu os lábios dele movendo-se, rachados e descascados, os músculos da garganta se mexendo, cordas longas e frouxas, mas não ouviu as palavras. Ela conseguiu soltar um dos braços, que foi logo agarrado e novamente imobilizado.

Atrás dele, ela viu duas figuras se aproximando. No fundo do seu ser, um fio de esperança vibrou, e ela conseguiu sussurrar:

— Socorro!

O homem que vinha à frente sacou uma espada enorme e, segurando-a pela lâmina, fez voltar o cabo. O agressor caiu estirado na sarjeta. O homem que empunhava a espada se ajoelhou ao lado dela. Não passava de uma silhueta no céu negro, um fantasma no escuro.

— Posso ajudá-la, senhorita? — Ela ouviu a voz... uma voz gentil. A mão dele encontrou a dela, auxiliando-a a se levantar.

— Quem é você?

— Meu nome é Hadrian Blackwater.

Ela o encarou.

— É mesmo? — ela conseguiu dizer, sem soltar a mão dele. Antes que percebesse, começou a chorar.

— O que você fez com ela? — perguntou o outro, surgindo por trás deles.

— Eu... eu não sei.

— Você está apertando demais a mão dela? Solte a moça.

— Não estou segurando a mão dela. Ela é que está segurando a minha.

— Desculpe. Desculpe. — A voz dela falhou. — Eu nunca pensei que conseguiria

achar você.

— Ah... entendo. Bem, achou. — Ele sorriu. — E este sujeito aqui é Royce Melborn.

Ela respirou fundo e deu um salto, lançando os braços em volta do pescoço do parceiro menor, abraçando-o com força e chorando ainda mais. Royce ficou constrangido, imóvel, enquanto Hadrian devolveu a moça ao chão.

— Já deu para perceber que você ficou feliz em nos encontrar... ótimo — disse Hadrian. — Agora, quem é você?

— Meu nome é Thrace Wood, e eu sou do vilarejo de Dahlgren. — Ela não conseguiu parar de sorrir. — Faz tempo que estou procurando vocês dois.

Ao dizer isso, a jovem cambaleou.

— Está tudo bem?

— Estou um pouquinho tonta.

— Quando foi que comeu pela última vez?

Thrace começou a pensar, correndo os olhos de um para o outro, tentando se lembrar.

— Deixe para lá — disse Hadrian, e virou-se para Royce. — Esta cidade já foi sua. Tem alguma idéia de onde podemos obter ajuda para uma mocinha no meio da noite?

— É pena não estarmos em Medford. Gwen seria muito útil numa situação como esta.

— Bem... será que não existe um bordel aqui? Afinal, estamos na capital do comércio internacional. Não venha me dizer que aqui não se vende *isso*.

— Sim, tem um belo bordel na rua South.

— Certo. Então você se chama Thrace? Venha conosco; vamos ver se a gente consegue providenciar um banho e uma boa refeição.

— Esperem.

Ela se ajoelhou ao lado do homem inconsciente e retirou a bolsinha de dentro do bolso dele.

— Ele está morto? — perguntou ela.

— Duvido. Não bati com tanta força assim.

Levantando-se, ela se sentiu zozza, e sua visão escureceu. Durante um momento, ficou meio troyega, como se estivesse bêbada, e então perdeu os sentidos. Em seguida, recuperou a consciência por um instante e sentiu que estava sendo

carregada por braços gentis. Através de um zumbido abafado, ela ouviu o som de uma risada.

— Qual é a graça? — Ela ouviu um dos dois dizer.

— Acho que vai ser a primeira vez que alguém chega a um bordel já levando uma mulher.

Capítulo 2

THRACE



- Ela agora está mesmo lindinha... parece uma flor — comentou Clarisse enquanto as três olhavam, através da porta, para Thrace, que aguardava na sala de visitas. Clarisse era uma mulher grande e gorda, com as faces rosadas e dedos curtos e roliços, com os quais tinha o hábito de brincar com as pregas da saia. Ela e outras mulheres que trabalhavam no bordel Lascivas tinham feito maravilhas com a moça. Thrace usava um vestido novo. Tratava-se de algo barato e simples: unia veste longa, de linho marrom, por cima de uma blusa comprida branca e um corpete marrom engomado. Contudo, era um traje bem mais apresentável do que os farrapos que ela estivera usando antes. Já não se parecia com a moleca que os ladrões encontraram na véspera. Além de oferecer uma cama, as mulheres deram-lhe um banho, pentearam seus cabelos e a alimentaram. Até pintaram os lábios e os olhos, e o resultado foi espantoso. Viuse que ela era uma beldade, com lindos olhos azuis e cabelos dourados.

— A pobre garota estava em péssimo estado quando vocês a deixaram aqui. Onde a encontraram? — perguntou Clarisse.

— Embaixo do Arco dos Mercadores — respondeu Hadrian.

— Pobrezinha — disse o mulherão, balançando a cabeça com tristeza. — Vocês sabem que, se ela precisar de uma casa, a gente pode recrutá-la. Ela teria cama, três refeições por dia e, bonita desse jeito, faria bastante sucesso.

— Algo me diz que ela não é uma prostituta — disse Hadrian à mulher.

— Nenhuma de nós é, meu querido... até que a gente se veja dormindo embaixo do Arco dos Mercadores. Vocês deveriam ter visto esta menina no café da manhã. Comeu como uma cadela faminta. É claro que se recusou a tocar na comida até que a gente garantisse que era de graça, oferecida pela Câmara de Comércio aos visitantes da cidade em sinal de boas-vindas. Foi Maggie que inventou essa piada. Aquela ali é mesmo uma palhaça. Por falar nisso, a conta pelo quarto, pelo vestido, pela comida e pelo banho é de sessenta e cinco moedas

de prata. A gente não vai cobrar pela maquiagem; Delia quis ver como a moça ficaria, pois ela disse que nunca tinha sido maquiada.

Royce lhe entregou uma moeda de ouro.

— Ora, ora! Vocês dois precisam aparecer por aqui mais vezes... e, da próxima vez, sem a garota, está bem? — Ela piscou o olho. — Agora, falando sério, qual é a história dessa menina?

— Essa é a questão. Não sabemos — respondeu Hadrian.

— Mas acho que está na hora de descobrirmos — acrescentou Royce.

Longe de ter a classe da Casa de Medford, o Lascivas era decorado com cortinas vermelhas e espalhafatosas, mobiliário meio bambo, luminárias cor-de-rosa e dezenas de almofadas. Tudo tinha franja e pingentes, desde os tapetes rotos até as tapeçarias que adornavam as paredes. O ambiente era velho e dilapidado, mas pelo menos estava limpo.

A sala de visitas era pequena e oval, ao lado do saguão de entrada, e tinha duas janelas em forma de nicho, de frente para a rua. Os móveis incluíam dois sofás de dois lugares, algumas mesinhas entulhadas de figuras de cerâmica e uma pequena lareira. Sentada num dos sofás de dois lugares, Thrace aguardava, com os olhos nervosos, como se fosse uma coelha num campo aberto. No instante em que os dois homens entraram, ela deu um pulo do sofá, ajoelhou-se e inclinou a cabeça.

— Ei! Cuidado! Esse vestido é novo! — disse Hadrian com um sorriso.

— Ah! — Ela se levantou, enrubescendo, e então fez uma reverência e, mais uma vez, curvou a cabeça.

— O que ela está fazendo? — sussurrou Royce para Hadrian.

— Não sei — sussurrou Hadrian em resposta.

— Estou apenas demonstrando a devida reverência, senhores — murmurou ela, ainda com a cabeça inclinada. — Desculpem-me se não estou me saindo muito bem.

Royce arregalou os olhos e Hadrian começou a rir.

— Por que você está sussurrando? — perguntou Hadrian.

— Porque vocês estavam sussurrando. Hadrian riu novamente.

— Desculpe, Thrace... ah... seu nome é Thrace, certo?

— Sim, meu senhor, Thrace Annabell Wood, do vilarejo de Dahlgren — disse ela, fazendo mais uma canhestra reverência.

— Certo... ótimo... Thrace. — Hadrian se esforçou para não rir. — Royce e eu

não somos nobres; portanto, você não precisa fazer mesura diante de nós.

A moça ergueu os olhos.

— Os senhores salvaram a minha vida — disse ela com um tom de voz tão solene que Hadrian parou de rir. — Não me lembro de muita coisa que aconteceu ontem à noite, mas disso eu me lembro. E, por isso, os senhores merecem a minha gratidão.

— Eu me contento com uma explicação — disse Royce, indo até a janela e fechando as cortinas. — E se levante, pelo amor de Maribor, antes que um varredor de rua a veja e pense que somos nobres. Já estamos caminhando sobre ovos. Não vamos piorar as coisas.

Ela se pôs de pé, e Hadrian não pôde deixar de admirá-la. Os cabelos longos e louros da jovem, agora livres dos gravetos e das folhas, brilhavam em ondas que caíam pelos seus ombros. Era a imagem de uma beleza juvenil, e Hadrian deduziu que ela não teria mais de 17 anos.

— Por que está à nossa procura? — perguntou Royce, fechando a última cortina.

— Porque quero contratar vocês para salvar meu pai — disse ela, retirando a bolsinha que estava pendurada em seu pescoço e a segurando com um sorriso nos lábios. — Tomem. Eu tenho aqui vinte e cinco moedas de prata. Prata de lei, marcada com a coroa de Dunmore.

Royce e Hadrian trocaram um olhar.

— Não é o suficiente? — perguntou ela com os lábios um tanto trêmulos.

— Quanto tempo você levou para economizar esse dinheiro? — perguntou Hadrian.

— A vida inteira. Economizei centavo por centavo. Isso era o meu dote.

— O seu dote?

Ela baixou a cabeça e ficou olhando para os pés.

— Meu pai é um lavrador pobre. Ele jamais conseguiria... resolvi juntar dinheiro. Não é o suficiente, é isso? Eu não imaginava. Eu sou de uma cidadezinha. Achei que fosse bastante dinheiro; todo mundo dizia que era, mas... — Ela olhou para o velho sofá de dois lugares e para as cortinas desbotadas. — A gente não tem palacetes como este.

— Bem, na realidade, nós não... — começou a dizer Royce com seu costumeiro tom insensível.

— O que Royce quer dizer — interrompeu Hadrian — é que realmente nós ainda não sabemos. Vai depender do que quer de nós.

Thrace ergueu os olhos com um ar esperançoso. Royce apenas arregalou os olhos para o parceiro.

— Bem, vai depender mesmo, não vai? — Hadrian sacudiu os ombros. — Agora, Thrace, você disse que quer que a gente salve seu pai. Ele foi raptado ou algo assim?

— Ah... isso não, nada disso. Até onde eu sei, ele está bem. Embora já faça algum tempo que saí à procura dos senhores. Então não sei muito bem como ele está agora.

— Não estou entendendo. O que você quer de nós?

— Quero que abram uma tranca para mim.

— Uma fechadura? Uma fechadura de quê?

— Da porta de uma torre.

— Você quer que a gente arrombe a porta de uma torre?

— Não. Ou melhor, sim... mas não é nada... não é nada ilegal. A torre nem é habitada; está abandonada há anos. Ao menos, é o que eu acho.

— Então você quer que a gente arrombe a porta de uma torre abandonada?

— Isso mesmo! — disse ela com um vigoroso meneio de cabeça que fez seus cabelos balançarem.

— Não me parece um serviço dos mais difíceis — disse Hadrian, olhando para Royce.

— Onde fica essa torre? — perguntou Royce.

— Perto do meu vilarejo, na margem oeste do rio Nidwalden. Dahlgren é pequenininha, um povoado bem recente. Fica na nova província de Westbank, em Dunmore.

— Já ouvi falar desse lugar. Dizem que está sendo atacado pelos elfos.

— Ah... não são os elfos. Os elfos nunca causaram o menor problema.

— Eu sabia — disse Royce, como se falasse consigo mesmo.

— Ao menos, é o que eu acho — prosseguiu Thrace. — A gente acha que é algum monstro. Até hoje ninguém viu o agressor. O diácono Tomas diz que é um demônio, um súdito de Uberlin.

— E o seu pai? — perguntou Hadrian. — Onde é que ele entra nessa história?

— Ele está tentando matar o monstro, mas... — Ela gaguejou e voltou a olhar para os pés.

— Você acha que o monstro vai acabar com ele?

— Já matou quinze pessoas e mais de oitenta animais.

Uma mulher sardenta, com os cabelos ruivos desgrenhados, entrou na sala de visitas, acompanhada de um baixinho barrigudo, com o rosto liso, como se tivesse acabado de fazer a barba. A mulher estava gargalhando e andava de costas, arrastando-o com as mãos. O homem estancou quando os viu. As mãos dele escorregaram de dentro das dela, e a mulher caiu no chão, produzindo um baque surdo. O homem correu os olhos da mulher para eles, petrificado. Ela olhou por cima dos ombros e soltou uma gargalhada.

— Opa! — disse ela. — Eu não sabia que a sala de visitas já estava ocupada. Ajude-me aqui, Rubis.

O homem a ajudou a se levantar. Ela parou, contemplou Thrace de cima a baixo e então piscou o olho para eles.

— A gente trabalha bem, não é?

— Essa aí é a Maggie — disse Thrace depois que a mulher arrastou o homem para fora da sala.

Hadrian foi até o sofá e fez um gesto, convidando Thrace a se sentar. Ela se sentou, com recato e cerimônia, sem deixar que as costas tocassem o encosto, e cuidadosamente ajustou a saia.

Royce continuou de pé.

— Westbank não tem um lorde responsável? Por que ele não toma uma providência?

— Nós tínhamos um bom margrave — disse ela. — Um homem valente, que era assistido por três bons cavaleiros.

— Tínhamos?

— Certa noite, ele e os cavaleiros saíram para lutar contra o monstro. Mais tarde, só as armaduras foram encontradas, aos pedaços.

— Por que vocês não vão embora de lá? — perguntou Royce.

À cabeça de Thrace pendeu, e os ombros se encolheram ligeiramente.

— Duas noites antes de eu sair de lá, o monstro matou toda a minha família, menos eu e meu pai. Não estávamos em casa. Meu pai ficou trabalhando na lavoura até tarde e eu saí à procura dele. Eu... eu... sem querer, deixei a porta aberta. A luz atrai o monstro. E ele foi diretamente para a nossa casa. O meu irmão, Thad, a esposa e o filho deles foram mortos. Thad... era a alegria da vida do meu pai. Foi por causa dele que a gente se mudou para Dahlgren... para que ele pudesse ser o primeiro tanoeiro da cidade. — Os olhos dela se encheram de

lágrimas. — Agora eles estão todos mortos, e para meu pai restam apenas o sofrimento e o monstro que o causou. Ele afirma que vai matar o monstro ou morrer antes do fim do mês. Se eu tivesse apenas fechado aquela porta... se eu ao menos tivesse passado aquela tranca.

As mãos dela cobriram o rosto, e o corpo franzino estremeceu. Royce dirigiu um olhar grave a Hadrian, sacudindo a cabeça e enunciando, apenas com o movimento dos lábios, a palavra *não*.

Hadrian franziu o cenho, colocou uma das mãos no ombro da jovem e afastou a mecha de cabelo que encobria seus olhos.

— Você vai estragar essa maquiagem tão bonita — disse ele.

— Desculpe. Eu não quero incomodar vocês, que nada têm a ver com esses problemas. Acontece que meu pai é tudo que me resta, e não posso nem pensar em perdê-lo também. Eu não consigo convencê-lo. Já pedi para irmos embora, mas ele não me ouviu.

— Entendo seu problema, mas por que recorrer a nós? — perguntou Royce friamente. — E como é que a filha de um lavrador que mora na fronteira sabe nossos nomes e onde nos encontrar em Colnora?

— Urn aleijado me falou. Foi ele quem me mandou para cá. Ele disse que os senhores conseguiriam arrombar a torre.

— Um aleijado?

— Isso mesmo. O Sr. Haddon me disse que o monstro não pode...

— Sr. Haddon? — interrompeu Royce.

— Isso mesmo.

— Esse... Sr. Haddon... ele por acaso não era maneta, era?

— Isso... era sim.

Royce e Hadrian trocaram um olhar.

— O que ele disse exatamente?

— Disse que o monstro não pode ser atingido por armas feitas pela mão do homem, mas que dentro de Avempartha existe uma capaz de matá-lo.

— Então um maneta disse a você que nos localizasse em Colnora e nos contratasse para pegar uma espada que está dentro de uma torre chamada *Avempartha* e entregá-la para seu pai? — perguntou Royce.

A jovem assentiu.

Hadrian olhou para o parceiro.

— Não me diga... é uma torre construída por anões?

— Não... por elfos — respondeu Royce, virando-se com um ar reflexivo.

Hadrian voltou a atenção para a jovem. A situação estava difícil. O fato de o vilarejo dela ser tão distante, por si só, já era um complicador, e agora ainda havia uma torre construída por elfos. Mesmo que ela lhes oferecesse uma centena de moedas de ouro, ele não conseguiria convencer Royce a aceitar o trabalho. Ela estava tão desesperada, tão carente de ajuda. O estômago de Hadrian embrulhou enquanto ele avaliava as palavras que diria a seguir.

— Bem — começou a dizer Hadrian com relutância —, o rio Nidwalden fica a vários dias de viagem, e o caminho é árduo. A gente precisaria de suprimentos... seria uma jornada de... seis ou sete dias. Ida e volta seriam duas semanas. Precisaríamos de comida para nós e ração para os cavalos. E ainda haveria o tempo que passaríamos na torre. Nesse tempo, nós poderíamos fazer outros serviços, o que significa mais perda de dinheiro. Além disso, tem a questão do risco envolvido. Qualquer tipo de perigo implica aumento dos nossos honorários, e um monstro-fantasma assassino que não pode ser morto por armas normais tem que ser classificado como risco.

Hadrian olhou nos olhos da jovem e meneou a cabeça.

— Não me agrada dizer isso, e eu sinto muito, mas não podemos...

— O seu dinheiro — interrompeu Royce abruptamente, virando-se para a jovem. — É demais. Vinte e cinco moedas de prata por esse serviço... eu acho que dez já são mais do que suficientes.

Hadrian ergueu uma das sobrancelhas e encarou o parceiro sem falar nada.

— Dez moedas de prata para cada um? — perguntou ela.

— Não... não — respondeu Hadrian, ainda fitando Royce. — Dez no total. Certo? Cinco para cada um.

Royce deu de ombros.

— Já que sou eu quem vai arrombar a fechadura, acho que mereço seis, mas a gente resolve isso depois. Ela não precisa se preocupar com isso.

— É mesmo? — perguntou Thrace, parecendo que ia explodir de tanta felicidade.

— Claro — respondeu Royce. — Afinal... não somos ladrões.

— Quer me explicar por que aceitamos esse serviço? — perguntou Hadrian, protegendo os olhos com as mãos no momento em que saíram à rua.

O céu estava absolutamente azul, e o sol da manhã já começava a secar as poças

remanescentes da noite anterior. Em volta deles, as pessoas se apressavam em direção ao mercado. Caixotes cheios de verduras e barris cobertos de lona eram puxados atrás de três carroças abarrotadas de feno. Diante deles, em meio à multidão, irrompeu um homem carregando uma galinha viva embaixo de cada braço. O sujeito bailava, contornando as poças de água, esquivando-se de pessoas e repetindo, à meia-voz, "Com licença".

— Ela vai nos pagar dez moedas de prata por um serviço que já nos custou uma moeda de ouro — prosseguiu Hadrian, depois que conseguiu se esquivar do homem com a galinha. — Isso ainda vai nos custar muitas outras moedas de ouro.

— A gente não vai fazer pelo dinheiro — disse Royce enquanto evitava esbarrar na multidão.

— Isso é óbvio... mas por quê, então? É claro que ela é uma gracinha, mas, a menos que você pretenda vendê-la, não estou vendo o motivo disso tudo.

Royce olhou por cima do ombro com um sorriso maldoso.

— Não tinha passado pela minha cabeça a idéia de vendê-la. Isso sem dúvida cobriria as despesas.

— Esqueça o que eu disse. Diga-me apenas por que a gente topou.

Royce os conduziu para longe da multidão, seguindo em direção à loja de antiguidades de Ognoton, cuja vitrine exibia uma variedade de narguilés, animais de porcelana e caixas de jóias com fechaduras de latão. Os dois entraram por um vão estreito entre o antiquário e uma confeitaria que oferecia docinhos para degustação.

— Não me diga que não está se perguntando o que Esrahaddon anda fazendo — murmurou Royce. — Aquele mago esteve preso durante novecentos anos; depois ele desaparece no dia em que nós o libertamos, e só voltamos a ouvir falar nele hoje? A Igreja já deve estar sabendo, mas os imperialistas ainda não providenciaram equipes de busca nem postaram cartazes. Acho que, se o indivíduo mais perigoso do mundo está vivo e solto, deveria haver um pouco de comoção. Dois anos depois, ele aparece num vilarejo e nos convida para uma visita. E, além disso, escolhe a fronteira com a terra dos elfos e Avempartha como local de encontro. Você não tem vontade de descobrir o que ele quer?

— O que é essa tal de Avempartha?

— Tudo o que sei é que ela é velha. Muito velha. Uma antiga fortaleza dos elfos. Daí a pergunta óbvia: você não gostaria de dar uma olhadinha lá dentro? Se Esrahaddon diz que vale a pena penetrar na torre, aposto que ele sabe o que está dizendo.

— Então a gente vai sair em busca de um velho tesouro dos elfos?

— Não faço idéia, mas tenho certeza de que vai haver algo valioso lá dentro. Mas para isso precisamos providenciar os suprimentos e sair da cidade antes que Price solte os cachorros em nosso encalço.

— Tudo bem... desde que você prometa não vender a moça.

— Prometo... se ela se comportar.

Hadrian percebeu que Thrace se inclinava novamente, dessa vez para contemplar uma casa de campo, construída de pedra e estuque, com dois pavimentos, telhado de colmo amarelo e chaminé de barro alaranjado. A casa estava cercada por um muro de cerca de um metro, encoberto por hera e lilases.

— É tão linda — murmurou ela.

Era o início da tarde, e eles estavam a poucos quilômetros da saída de Colnora, seguindo para o leste pelo caminho de Alburn. A estradinha serpenteava pelo emaranhado de aldeias que ocupavam as colinas nas cercanias da cidade, pequenos vilarejos onde lavradores pobres trabalhavam a terra ao lado dos chalés de veraneio dos ricos e ociosos, que, três meses por ano, brincavam de proprietários rurais. Royce seguia ao lado deles ou trotava adiante se o tráfego assim exigisse. Ele mantinha o capuz sobre a cabeça a despeito do bom tempo. Thrace seguia na garupa de Hadrian na égua baia, com as pernas penduradas no flanco do animal, sacolejando de acordo com o ritmo da jornada.

— Isto aqui é outro mundo — disse ela. — Um paraíso, na verdade. Todos são ricos. Todos são reis.

— Colnora é próspera, mas eu não iria tão longe.

— Então como explicar todas essas mansões? As rodas das carroças têm aros de metal. As barracas de verduras transbordam cestos de cebola e ervilha. Em Dahlgren, a gente só tem trilhas, que ficam em péssimo estado quando chove. Mas aqui as estradas são largas e têm até nomes pintados em placas. E acabamos de passar por um camponês que usava luvas... luvas nas mãos... enquanto trabalhava. Em Dahlgren, nem o diácono tem luvas, e nunca as usaria para trabalhar se tivesse. Aqui são todos ricos.

— Alguns são mesmo.

— Como vocês.

Hadrian riu.

— Mas vocês têm roupas boas e belos cavalos.

— Esta égua não é lá grande coisa.

— Em Dahlgren, ninguém tem cavalo, só o lorde e seus cavaleiros, e os cavalos de vocês são tão bonitos! Eu gosto muito dos olhos dela... os cílios são tão longos! Como é o nome dela?

— Eu a chamo de Millie, em homenagem a uma mulher que conheci e que também não me obedecia.

— Millie é um nome bonito. Gostei. E o cavalo de Royce?

Hadrian franziu o cenho e olhou para o parceiro.

— Não sei. Royce, a sua égua tem nome?

— Para quê?

Hadrian voltou a olhar para Thrace, que pareceu espantada.

— Que tal... — Ela fez uma pausa, virando-se para um lado e para o outro enquanto vislumbrava o campo. — Lilás, ou Margarida? Ah... já sei... que tal Crisântemo?

— *Crisântemo*? — repetiu Hadrian. Por mais engraçada que fosse a idéia de Royce cavalgar uma montaria chamada Crisântemo, ou até mesmo Lilás, ou Margarida, ele foi obrigado a assinalar que nomes de flores não combinavam com a égua pequena e de pelo cinza. — Que tal Baixota ou Fuligem?

— Não! — repreendeu Thrace. — A pobre égua se sentiria muito mal.

Hadrian deu uma risadinha. Royce ignorou a conversa. Estalou a língua, esporeou o flanco da égua e trotou adiante para desviar de uma carroça que vinha no sentido contrário, mas se deteve assim que a estrada ficou livre.

— Que tal Lady? — perguntou Thrace.

— Parece um pouco esnobe, não acha? Ela não é uma égua feita para desfiles.

— Então um nome assim vai fazer com que ela se sinta melhor. Mais confiante.

Os três se aproximavam de um riacho onde arbustos de madressilva e framboesa coroavam as lajes de granito das margens com um reluzente verde-primavera. A beira do córrego havia um moinho de trigo cuja roda girava, rangendo e pingando. Duas janelas quadradas e idênticas, parecendo olhos escuros, desenhavam uma face na parede de pedra embaixo do telhado íngreme de madeira. Separando o moinho da estrada havia um muro baixo, sobre o qual estava deitado um gato cinza, que abriu e piscou os olhos verdes, cheio de preguiça. Quando eles se aproximaram, o gato decidiu que estavam perto demais e pulou de cima do muro, atravessando a estrada em disparada e sumindo mata adentro.

A égua de Royce empinou e relinchou, patinando na estrada de terra. Enquanto a montaria recuava, Royce xingava e apertava as rédeas, forçando-lhe a cabeça e

fazendo-a dar meia-volta.

— Ridículo! — queixou-se Royce depois que a égua foi controlada. — Um animal de quatrocentos e cinquenta quilos com medo de um gato de dois quilos e meio; parece até que esta égua é um rato.

— Rata! Perfeito! — exclamou Thrace, provocando um tremor nas orelhas de Millie.

— Eu gostei — concordou Hadrian.

— Ah, meu bom senhor... — murmurou Royce sacudindo a cabeça e novamente adiantando-se num trote.

Quanto mais avançavam para o leste, mais as mansões rurais eram substituídas por fazendas, as roseiras, por cercas vivas, e os muros que dividiam os campos por fileiras de árvores. Contudo, Thrace continuava a apontar novidades, como o luxo inimaginável das carruagens ricamente decoradas pelas quais passavam.

A estrada começou a subir, e logo eles deixaram a sombra, pois o terreno se transformou num vasto descampado cheio de oficiais-de-sala, serralha e salifan silvestre. No calor, as moscas os importunavam e as cigarras não paravam de cantar. Finalmente Thrace se calou e apoiou a cabeça nas costas de Hadrian. Ele ficou preocupado com a possibilidade de ela cochilar e cair, mas de vez em quando a garota se mexia para olhar a paisagem ou afastar uma mosca.

Continuaram subindo até alcançar o ponto mais elevado da Serra Âmbar. A parte mais alta da região se projetava como uma cabeça calva, coberta por uma relva rala e rochas expostas. Pertencendo a uma extensa cadeia que percorria o limite leste de Warric, a Serra Âmbar servia de fronteira entre os reinos de Warric e Alburn. Este era o terceiro reino mais poderoso e próspero de Avryn, depois de Warric e Melengar. A maior parte das terras de Alburn era de florestas densas, e o litoral estava freqüentemente sujeito a ataques-relâmpago dos Ba Ran Ghazel, que raptavam os habitantes mais desafortunados e queimavam o que não pudessem carregar. O governante de Alburn, o rei Armand, subira ao trono recentemente, depois do falecimento do antecessor. Embora o rei Reinhold fosse monarquista, Hadrian tinha a impressão de que o novo governante era simpatizante do imperialismo, para não dizer um entusiasta declarado, o que era uma pena para Melengar, cuja lista de aliados se tornava a cada dia mais curta.

A Serra Âmbar era uma curiosidade até para os habitantes locais devido às rochas expostas, pedras imensas em tom cinza-azulado esculpidas em formas exóticas e fluidas. Pareciam quase orgânicas em seus contornos curvos, como uma série de serpentes que entravam e saíam dos cumes das montanhas. Hadrian não fazia a menor idéia da função original daquelas pedras. Duvidava que alguém soubesse. Havia resquícios de acampamentos espalhados pelo local,

pedras marcadas com mensagens de amor eterno ou com frases como "Maribor é deus!", "Nacionalistas são imbecis", "O Herdeiro está morto" e até "Taverna Rato Cinza, descendo o morro: para baixo todo santo ajuda". Chegando ao topo, puderam avistar a cidade de Colnora, estendendo-se para trás, enquanto a nordeste se descortinavam quilômetros infintos de mata virgem, onde as fronteiras dos reinos de Alburn e Dunmore se confundiam. Para Hadrian, a floresta parecia um oceano de verde ininterrupto, quilômetros e quilômetros de uma região selvagem em cujo extremo ficava o vilarejo chamado Dahlgren.

Corno no topo da montanha o vento era tão frio e forte que espantava as moscas, o local era perfeito para interromper a viagem e almoçar. Comeram carne de porco salgada, pão preto, cebola e picles. Era o tipo de refeição que Hadrian detestaria fazer numa cidade, mas na estrada, onde o apetite era grande e as opções poucas, parecia estupenda. Ele ficou observando Thrace sentada sobre a relva, comendo um pedaço de picles com cuidado para não manchar o vestido novo. O olhar da jovem estava distante, e ela respirava profundamente, aliviada e grata.

— Em que está pensando? — perguntou ele.

Ela sorriu, um tanto tímida, e ele achou que havia detectado um quê de melancolia.

— Só que isto aqui é maravilhoso. Como seria bom viver numa daquelas fazendas pelas quais passamos. A gente nem precisaria de muito, nem mesmo de uma casa... meu pai é capaz de construir uma casa sozinho e sabe arar o solo. Depois que ele decide fazer uma coisa, nada pode detê-lo e, depois que ele decide, nunca muda de idéia.

— Parece que ele é um grande sujeito.

— Ah... é sim. Ele é muito forte e muito decidido.

— Estou surpreso que tenha deixado você atravessar toda essa região sozinha.

Thrace sorriu.

— Você não foi até lá a pé, foi?

— Não, não... consegui carona com um mascate e a esposa, que estavam de passagem por Dahlgren. Eles não quiseram dormir no vilarejo uma segunda noite, e deixaram que eu viajasse na parte de trás da carroça.

— Você já havia viajado antes?

— Não. Eu nasci em Glamrendor, capital de Dunmore. Minha família era arrendatária de uma fazenda do lorde de lá. Nós nos mudamos para Dahlgren quando eu tinha uns nove anos, e agora foi a primeira vez que saí de Dunmore. Nem posso dizer que me lembro bem de Glamrendor. Mas sei que era suja. As

construções eram todas de madeira e as ruas eram lamacentas... pelo menos é como eu me lembro.

— Continua a mesma coisa — comentou Royce.

— É incrível você ter tido a coragem de sair por aí sozinha — disse Hadrian, balançando a cabeça. — Deve ter sido um grande choque sair de Dahlgren e, poucos dias depois, se ver sozinha na maior cidade do mundo.

— Ah... foi sim — respondeu ela, usando o dedo mínimo para afastar fios de cabelo que o vento jogara sobre seus lábios. — Eu me senti uma tola quando percebi como seria difícil achar vocês. Para mim, seria como na minha terra: bastaria perguntar e alguém me diria onde encontrá-los. Tinha muito mais gente em Colnora do que eu esperava. Para ser sincera, tem muito mais de tudo. Eu procurei e procurei, e achei que nunca ia encontrar vocês.

— Suponho que seu pai esteja preocupado.

— Não está não — disse ela.

— Mas, se...

— O que são essas coisas? — perguntou ela, usando o picles para apontar para as pedras expostas. — Essas pedras azuis. São tão estranhas.

— Ninguém sabe — respondeu Royce.

— Foram feitas pelos elfos? — perguntou a garota.

Royce inclinou a cabeça para o lado e olhou para ela.

— Como sabe?

— Elas parecem um pouco com a torre que fica perto da minha aldeia... a torre que preciso que vocês abram. É o mesmo tipo de pedra... pelo menos parece. A torre também é azulada, mas pode ser por causa da distância... já perceberam que, de longe, as coisas parecem azuis? Imagino que, se a gente pudesse chegar perto, veria que na realidade é cinza, não é?

— Por que não dá para chegar perto? — perguntou Hadrian.

— Porque fica no meio do rio.

— Você não sabe nadar?

— Eu teria que ser uma exímia nadadora. A torre foi construída sobre um rochedo acima das cataratas. São lindas as cataratas... muito altas, sabe? Muito volume de água. Em dias de sol, é possível ver o arco-íris na névoa. É claro que é muito perigoso. Pelo menos cinco pessoas já morreram lá... duas com certeza, mas a morte das outras três é uma suposição porque... — Ela se interrompeu ao perceber a expressão estampada no rosto dos ladrões. — Algum problema?

— Você poderia ter mencionado antes — retrucou Royce.

— Sobre as cataratas? Ah... eu pensei que vocês soubessem. Ou melhor, quando falei da torre, vocês reagiram como se já a conhecessem. Me desculpem.

Comeram em silêncio durante alguns minutos. Thrace acabou de almoçar e deu uma volta para olhar as pedras, o vestido esvoaçando ao vento.

— Não entendo — disse ela finalmente, aumentando o tom da voz para ser ouvida apesar do barulho do vento. — Se o rio Nidwalden é a fronteira, por que há pedras dos elfos deste lado?

— Esta terra pertencia aos elfos — explicou Royce. — Todas estas terras. Antes mesmo da existência de Colnora, ou de Warric, isto aqui fazia parte do Império Erivan. A maioria das pessoas não gosta de admitir esse fato, porque prefere pensar que os seres humanos sempre dominaram esta região. O assunto é constrangedor. O engraçado é que muitos dos nomes que utilizamos têm origem na língua dos elfos, como Ervanon, Rhenydd, Glamrendor, Galewyr e Nidwalden. Até o nome do país, Avryn, significa *campos verdes*.

— Se você disser isso a alguém num bar, pode até levar uma paulada na cabeça — comentou Hadrian, atraindo os olhares da jovem e de Royce.

Enquanto os parceiros terminavam a refeição, Thrace permaneceu entre as pedras, olhando para o oeste, os cabelos e o vestido voando ao vento. Observou o horizonte, para além de Colnora e das montanhas azuis, contemplando a linha tênue do mar. Ela parecia tão pequena e delicada que

Hadrian chegou a imaginá-la sendo carregada pelo vento como uma folha dourada; então notou a expressão estampada nos olhos da jovem. Ainda era uma adolescente, mas seu olhar parecia mais velho, sem o brilho da inocência e a centelha do deslumbramento. Havia peso naquela expressão e determinação naquele olhar. Qualquer que tivesse sido a infância que ela tivera, havia muito tempo que já não era criança.

Acabaram de almoçar, guardaram os suprimentos e partiram novamente. Descendo pelo lado oposto da serra, seguiram através da estrada durante o restante do dia. Por volta do pôr do sol, o caminho se tornou estreito, pouco mais do que uma simples trilha. De vez em quando ainda passavam por uma casa, embora com menos frequência. A floresta ficava mais densa, e a estrada, mais escura.

Conforme a luz do sol desaparecia, Thrace ficava cada vez mais calada. Não havia mais o que ver ou apontar, mas Hadrian suspeitava que o verdadeiro motivo do silêncio fosse outro. Quando a Rata saltou por cima de uma pedra e pisou em cheio numa pilha de folhas secas, Thrace se assustou e agarrou a cintura de Hadrian. Ela cravou as unhas com tanta força que ele se contraiu.

— Não está na hora de procurarmos um abrigo? — perguntou ela.

— Não temos muita chance de encontrar abrigo por aqui — respondeu Hadrian.
— A partir daqui, começamos a deixar para trás a civilização. Além disso, a noite está linda. O solo está seco e parece que a temperatura vai continuar amena.

— A gente vai dormir ao relento?

Hadrian se virou para olhá-la. A boca da jovem estava entreaberta, a fronte enrugada, os olhos arregalados, contemplando o céu.

— Ainda estamos bem longe de Dahlgren — afirmou ele. Thrace concordou e se agarrou a ele com mais vigor.

Pararam numa clareira à beira de um riacho que corria por cima de uma série de pedras, produzindo um agradável barulho de água corrente. Hadrian ajudou Thrace a desmontar e depois retirou as selas e a carga dos cavalos.

— Onde está Royce? — perguntou Thrace com um sussurro nervoso. Com os braços cruzados à altura do tórax, ela olhou ao redor, com ansiedade.

— Não se preocupe — disse Hadrian, removendo o freio de Millie. — Ele sempre faz um reconhecimento do terreno quando a gente para à noite. Faz uma ronda pela área para se certificar de que estamos sozinhos. Royce odeia surpresas.

Thrace assentiu, mas continuou encolhida, como se estivesse de pé sobre uma pedra no meio da correnteza de um rio.

— A gente vai dormir bem ali. É melhor você limpar um pouco o local. Uma pedra pode atrapalhar uma noite de sono. Eu que o diga. Parece que toda vez que durmo ao relento acabo com uma pedra embaixo das minhas costas.

Ela avançou pela clareira e delicadamente curvou-se sobre o solo, afastando galhos e pedras, mas a todo instante olhava para cima nervosamente e se assustava com o menor ruído. Quando Hadrian acabou de cuidar dos cavalos, Royce já havia retornado, trazendo consigo algumas toras de madeira e uma braçada de galhos secos, com os quais acendeu uma fogueira.

Thrace olhou para ele, espantada.

— Que brilho forte! — murmurou ela.

Hadrian apertou a mão dela e sorriu.

— Sabe de uma coisa? Aposto que você cozinha muito bem, não é? Eu posso preparar o jantar, mas seria um vexame. Só sei cozinhar batata. Que tal você cozinhar para nós? O que acha? Tem panelas naquele saco ali e comida no saco ao lado.

Thrace assentiu em silêncio e, olhando para cima mais uma vez, dirigiu-se aos

sacos de mantimentos.

— O que querem comer?

— Algo que seja de fato comestível já seria uma grata surpresa — disse Royce, acrescentando lenha à fogueira.

Hadrian atirou um galho ao amigo, que o agarrou e o lançou ao fogo.

Ela escarafunchou o saco, indo tão fundo que sua cabeça desapareceu dentro dele, e ressurgiu alguns instantes depois, com os braços cheios de itens. Pediu emprestada a faca de Hadrian e começou a cortar verduras, utilizando o fundo de uma panela emborcada.

Começou a escurecer cada vez mais, e o fogo era a única fonte de luz na clareira. A luminosidade oscilante refletia na abóbada de folhas que os cercava, como se estivessem em uma caverna feita de árvores. Hadrian escolheu um relvado, na direção contrária àquela para a qual o vento soprava a fumaça, e estirou no solo tiras de lona cobertas com alcatrão, substância que funcionava como impermeabilizante. A idéia de aplicar alcatrão sobre a lona lhes ocorrera depois de anos de vida ao ar livre. Mas não tiveram tempo de preparar uma para Thrace. Hadrian suspirou, atirou as cobertas dela sobre a sua lona e saiu em busca de folhas de pinheiro com as quais pudesse fazer uma cama para si.

Quando o jantar ficou pronto, Royce chamou Hadrian, que voltou para perto da fogueira, onde Thrace já servia uma sopa bem nutritiva com cenoura, batata, cebola e carne de porco salgada. Royce estava sentado com uma tigela no colo e um sorriso nos lábios.

— Também não precisa ficar tão contente assim — disse Hadrian.

— Veja, Hadrian... comida!

Comeram em relativo silêncio. Royce fez alguns comentários sobre itens que deveriam adquirir quando passassem por Alburn, como mais um pedaço de corda e uma nova colher para substituir a que estava rachada. Hadrian ficou observando Thrace, que não quis se sentar perto do fogo, preferindo comer sozinha sobre uma pedra perto dos cavalos. Quando terminaram, ela se retirou para o riacho a fim de lavar a panela e as tigelas de madeira.

— Está tudo bem com você? — perguntou Hadrian, encontrando-a na margem rochosa do riacho.

Thrace estava agachada sobre uma grande pedra coberta de musgo, com a saia do vestido presa em volta dos tornozelos, esfregando a panela e as tigelas com punhados de areia retirados da beira do riacho.

— Sim, obrigada. É que não estou acostumada a ficar fora de casa durante a noite.

Hadrian se posicionou ao lado dela e começou a lavar a própria tigela.

— Eu posso fazer isso — disse ela.

— Eu também. Além do mais, você é a cliente e está pagando pelos serviços.

Ela exibiu um sorrisinho.

— Eu não sou boba, você sabe. Dez moedas de prata não pagam nem a ração dos cavalos, não é mesmo?

— Pois é... mas você precisa entender que a Rata e a Millie são muito mimadas. Só comem a melhor ração — disse ele, piscando o olho. Ela não pôde deixar de retribuir o sorriso sincero.

Quando Thrace acabou de lavar a panela e as outras tigelas, eles voltaram ao acampamento.

— Quanto ainda falta para a gente chegar? — perguntou ela, devolvendo a panela e as tigelas aos sacos.

— Não sei ao certo. Nunca estive em Dahlgren, mas avançamos bastante hoje; portanto, talvez mais uns quatro dias.

— Espero que o meu pai esteja bem. O Sr. Haddon disse que tentaria convencê-lo a esperar até que eu voltasse antes de sair à caça do monstro. Espero que tenha conseguido. Como eu disse, meu pai é um homem muito teimoso, e não consigo acreditar que alguém o faça mudar de idéia.

— Bem, se existir alguém capaz de convencê-lo, acho que esse alguém seria o Sr. Haddon — observou Royce, cutucando as brasas com um galho comprido. — Como foi que o conheceu?

Thrace encontrou a cama preparada por Hadrian ao lado do fogo e se sentou sobre uma das cobertas.

— Foi logo depois do enterro da minha família. O funeral foi muito bonito. A aldeia inteira compareceu. Maria e Jessie Caswell penduraram coroas de salifan silvestre nas lápides. Mae Drundel, Rose e Verna McDern cantaram a canção "Campos de lírios", e o diácono Tomas fez as preces. Lena e Russell Bothwick ofereceram uma recepção na casa deles. Lena e minha mãe eram amigas íntimas.

— Não me lembro de você ter mencionado sua mãe. Ela era...

— Minha mãe morreu há dois anos.

— Sinto muito. Foi doença?

Thrace meneou a cabeça.

Durante alguns instantes ninguém falou. Então Hadrian disse:

— Você estava nos contando como conheceu o Sr. Haddon...

— Ah... sim... bem, não sei a quantos enterros você já foi, mas a partir de certo ponto a coisa começa a ficar meio... sufocante. Todo aquele choro... as velhas histórias. Eu escapuli. Saí andando, sem destino certo. Acabei chegando ao poço que abastece o vilarejo e lá estava ele... um forasteiro. Poucos são os forasteiros que chegam à nossa aldeia. O manto que ele usava cintilava e, de vez em quando, parecia mudar de cor. E ele não tinha mãos. O infeliz estava tentando beber água, lutando com o balde e a corda.

"Eu perguntei o nome dele, e então... sei lá... agi como uma tola e comecei a chorar. Ele me perguntou qual era o problema. Acontece que, naquele momento, eu não estava chorando porque meu irmão e minha cunhada tinham acabado de morrer. Estava chorando porque tinha medo do que meu pai faria a seguir. Não sei por que eu disse isso a ele. Talvez porque fosse um estranho. Era fácil falar com ele. A coisa saiu. Depois me senti uma idiota, mas ele foi muito paciente. Foi então que me falou sobre a espada que estava na torre e sobre vocês dois."

— Como ele sabia onde estávamos?

Thrace deu de ombros.

— Vocês não moram lá?

— Não... a gente estava visitando um velho amigo. A fala dele era estranha? Ele usava muito *tu* e *vós*?

— Não, mas era uma fala mais educada que a da maioria das pessoas. Ele disse que era o Sr. Esra Haddon. Ele é amigo de vocês?

— Só nos encontramos brevemente — explicou Hadrian. — Assim como com você, a gente o ajudou a resolver um probleminha.

— A questão é a seguinte: por que ele está nos observando? — perguntou Royce. — E como ele conseguiu... eu não me lembro de ter dito a ele nossos nomes e ele não tinha como saber que estávamos a caminho de Colnora.

— Tudo o que o Sr. Haddon me disse foi que para abrir a torre eu precisaria de vocês, e que, se eu partisse imediatamente, poderia encontrá-los em Colnora. Então me conseguiu a carona com o mascate. Ele foi muito prestativo.

— Impressionante, não é? Considerando que se trata de um homem que não consegue sequer segurar um copo de água — murmurou Royce.

Capítulo 3

A EMBAIXADORA



Arista foi até a janela da torre e contemplou o exterior. Lá embaixo, avistava os telhados das oficinas e das casas, cinzentos, marrons e vermelhos, perfurados por chaminés inativas naquele ameno dia de primavera. A chuva, que já cessara, tinha lavado a paisagem, deixando-a reluzente. Ela observou as pessoas caminhando pelas ruas, reunindo-se em praças, entrando e saindo por portas. De vez em quando, um grito chegava aos seus ouvidos, distante e abafado. A maior parte do barulho vinha do pátio interno diretamente abaixo, aonde uma caravana composta por sete carruagens e carroças acabara de chegar e os criados carregavam baús.

— Não. Não. Não. O vestido vermelho não! — gritou Bernice para Melissa. — Novron que nos proteja! Veja esse decote! Sua Alteza tem uma imagem a ser preservada. Guarde esse vestido, ou, melhor ainda... queime-o! Ora! Você quer acabar com a reputação dela? Não, esse vestido escuro também não serve; é quase preto... estamos na primavera, pelo amor de Maribor! Onde você está com a cabeça? O vestido azul-celeste sim, este sim! Sinceramente, ainda bem que estou aqui.

Bernice era idosa e roliça, com cara de bolacha, faces caídas e queixo duplo. A cor dos cabelos era desconhecida, pois ela sempre os matinha embaixo de um véu que encobria da cabeça até o pescoço. Sob o véu ela costumava usar uma entretela que fazia com que o topo da cabeça parecesse achatado. De pé, no meio do quarto de Arista, ela agitava os braços e gritava imersa no caos por ela própria criado.

Por toda parte havia pilhas de roupas, exceto nos guarda-roupas de Arista, cujas portas estavam abertas para que Bernice separasse os trajes, guardando em caixas as vestes de inverno. Além de Melissa, Bernice havia recrutado duas outras criadas para ajudar na arrumação. Bernice já enchera um baú, mas o piso do quarto continuava coberto de vestidos, e Arista estava com dor de cabeça por causa da gritaria.

Bernice servira à mãe de Arista. A rainha Anna tivera diversas criadas. Drundiline, uma mulher linda, fora secretária e confidente da rainha. Harriet era a governanta, responsável pela atuação da equipe de limpeza, além de supervisionar o trabalho das costureiras e das lavadeiras. Nora, cujo olhar era tão indolente que se tornava impossível saber ao certo quem ela observava, cuidava das crianças. Arista se lembrava de que, na hora de dormir, ela costumava narrar contos de fadas sobre anões gananciosos que raptavam princesas mimadas, mas, no fim, um príncipe audaz sempre as salvava. Arista se lembrava de oito criadas ao todo, mas não de Bernice.

Bernice chegara ao Castelo de Essendon havia quase dois anos, um mês após o assassinato do pai de Arista, o rei Amrath. Segundo o bispo Saldur, Bernice trabalhara para a rainha e fora a única criada que sobrevivera ao incêndio que matara a mãe da princesa anos atrás. O bispo explicou que Bernice se afastara durante vários anos por problemas de saúde e por causa de uma depressão, mas que, depois da morte do rei, ela fizera questão de voltar com o propósito de cuidar da amada filha da rainha.

— Ah... Alteza — disse Bernice, segurando dois pares de sapatos —, seria tão bom se a senhorita sáisse dessa janela! O tempo pode até parecer firme, mas não se brinca com correntes de ar. Confie em mim... sei muito bem do que estou falando. Espero que nunca tenha de passar pelo que passei... aquelas dores, aquela tosse. Não que eu esteja reclamando... claro que não. Ainda estou aqui, não estou? Tenho a graça de vê-la crescer e se tornar uma dama... e, se Maribor quiser, ainda vou vê-la vestida de noiva. Que bela noiva a senhorita será! Espero que o rei Alric escolha logo um marido para a nossa princesa. Quem sabe quanto tempo ainda tenho de vida? E não queremos que as pessoas continuem falando da senhorita.

— Estão falando de mim? — Arista se virou e se sentou no batente da janela.

Vendo a princesa ali sentada, Bernice entrou em pânico e ficou paralisada, abrindo e fechando a boca sem nada dizer, acenando, com um sapato em cada mão.

— Alteza — foi o que conseguiu dizer —, cuidado para não cair!

— Estou bem.

— Não, não está! — Bernice sacudiu a cabeça freneticamente. — Por favor, eu suplico. — Em seguida, largou os sapatos, firmou os pés no chão e esticou uma das mãos, como se estivesse diante de um precipício. — Por favor.

Arista revirou os olhos, levantou-se e se afastou da janela. Atravessou o quarto e foi até a cama, encoberta por pilhas e pilhas de roupas.

— Não, espere! — gritou Bernice novamente, sacudindo as mãos como se

pretendesse secá-las. — Melissa, dê um jeito nessa cama para que Sua Alteza tenha um lugar para se sentar.

Arista suspirou e passou a mão pelos cabelos enquanto esperava que Melissa guardasse os vestidos.

— Cuidado... não os amarrote — advertiu Bernice.

— Desculpe, Alteza — disse Melissa enquanto carregava uma braçada de vestidos. Era uma ruiva baixinha de olhos verde-escuros que trabalhava para Arista fazia cinco anos. A princesa teve a nítida impressão de que o pedido de desculpas enunciado pela criada não se referia à cama bagunçada. Arista teve dificuldade para conter uma risada e deixou escapar um sorriso. A situação ficou ainda pior quando ela constatou que Melissa também ria.

— A boa notícia é que hoje de manhã o bispo entregou uma lista de pretendentes à mão de Vossa Majestade — disse Bernice, e Arista não teve mais motivos para conter a risada, o sorriso desapareceu de seu rosto. — Torço para que seja o belo príncipe Rudolf, filho do rei Armand — continuou Bernice, erguendo as sobranceiras e exibindo um sorriso malicioso, que parecia o de um goblin perturbado. — Ele é tão bonito... muitos dizem que é valente... e Alburn é um belo reino... ao menos é o que ouvi dizer.

— Eu já estive lá e conheço o príncipe. Ele é arrogante e imbecil.

— Oh... céus! Que língua ferina! — Bernice espalmou as mãos sobre as faces e ergueu os olhos, movendo os lábios como se fizesse uma prece silenciosa. — A senhorita precisa aprender a se controlar. Se alguém a escutasse... felizmente, estamos só nós duas aqui.

Arista olhou para Melissa e para as outras duas criadas, que se ocupavam em separar os pertences da princesa. Melissa olhou nos olhos de Arista e deu de ombros.

— Tudo bem. Pelo visto, a senhorita não tem certeza se quer o príncipe Rudolf; eu entendo. Que tal o rei Ethelred, de Warric? Não há partido melhor. O pobre viúvo é o monarca mais poderoso de Avryn. A senhorita viveria em Aquesta e seria a rainha da Festa do Inverno.

— O homem já tem cinquenta e tantos anos. Sem falar que é imperialista. Prefiro cortar minha garganta.

Bernice cambaleou, deu um passo para trás e levou uma das mãos ao pescoço enquanto a outra buscou apoio na parede.

Melissa caiu na risada e tentou disfarçar, simulando um acesso de tosse.

— Acho que você já pode ir, Melissa — disse Bernice. — Leve o urinol ao sair.

— Mas a separação das roupas ainda não... — protestou Melissa.

Bernice lhe dirigiu um olhar repreensivo.

Melissa suspirou.

— Alteza — disse ela, e fez uma reverência diante de Arista. Em seguida, pegou o urinol e saiu.

— Ela não teve a intenção de ser indelicada — comentou Arista.

— Não importa. O respeito deve ser observado o tempo todo. Sei que não passo de uma velha maluca com quem ninguém se importa, mas uma coisa posso dizer: se eu estivesse aqui... se estivesse com saúde e pudesse ajudar a criar a senhorita depois que a senhora sua mãe morreu, ninguém a estaria chamando de bruxa.

Os olhos de Arista se arregalaram.

— Desculpe, Alteza, mas essa é a pura verdade. Depois que a senhora sua mãe se foi, e com a minha ausência, a senhorita não foi muito bem-criada. Graças a Maribor, consegui voltar... ou quem sabe o que teria acontecido com a senhorita? Mas não se preocupe, querida. Agora a senhorita está no caminho certo. Tudo vai acabar bem assim que encontrarmos um marido adequado para a senhorita. Toda essa besteirada acerca do seu passado será logo esquecida.

Tanto a dignidade pessoal quanto o comprimento do vestido impediam que Arista descesse a escadaria correndo. Hilfred seguia célere atrás dela, esiorçanando-se para acompanhar o ritmo. A princesa surpreendera o guarda-costas. E surpreendera a si mesma. A intenção de Arista era se aproximar com toda a calma de seu irmão e educadamente perguntar a ele se havia enlouquecido. O plano funcionara bem até o momento em que ela passou diante da capela. Então, apertou o passo.

A boa notícia é que hoje de manhã o bispo entregou uma lista de pretendentes à mão de Vossa Majestade.

Ela ainda era capaz de visualizar o sorriso irônico de Bernice e detectar a satisfação cruel expressa naquelas palavras, como se fosse uma espectadora diante do cadafalso aguardando o momento em que o carrasco acionaria o mecanismo da força.

Torço para que seja o belo príncipe Rudolf, filho do rei Armand.

Estava difícil respirar. Os cabelos se soltaram da fita e voavam atrás dela. Ao virar o corredor, perto da entrada do salão de baile, o pé esquerdo resvalou e ela quase caiu. O sapato saiu do pé e rodopiou pelo assoalho encerado. Ela o abandonou e seguiu em frente, avançando instável como uma carroça com a roda quebrada. Chegou à galeria oeste. Era uma ala comprida e estreita, ladeada por armaduras, e a partir dali a princesa acelerou mais ainda as passadas. Jacobs,

secretário da família real, cujo posto ficava à entrada da recepção, viu que a princesa se aproximava e se levantou imediatamente.

— Alteza! — exclamou ele, fazendo uma reverência.

— Ele está aí dentro? — rosnou a princesa.

O funcionário baixinho de rosto redondo e nariz vermelho assentiu.

— Mas Sua Majestade está em conselho de Estado e pediu para não ser interrompido.

— Ele já está todo atrapalhado. E eu estou aqui para enfiar um pouco de bom senso à força naquele cerebrozinho frágil.

O funcionário se encolheu. Parecia um esquilo numa tempestade. Se ele tivesse rabo, teria utilizado para cobrir a cabeça. Atrás de si, a princesa ouviu os passos familiares de Hilfred. Arista se virou para a porta e deu mais um passo.

— A senhorita não pode entrar — disse Jacobs em pânico. — Eles estão em conselho de Estado — repetiu ele.

Os guardas perfilados ao lado da porta deram um passo à frente para impedi-la.

— Saiam da minha frente! — gritou ela.

— Perdoem-nos, Alteza, mas temos ordens do rei para impedir a entrada de quem quer que seja.

— Eu sou irmã dele — protestou ela.

— Sinto muito, Alteza, mas Sua Majestade... mencionou especificamente a senhorita.

— Ele... o *quê?* — Ela parou um instante, perplexa, e então se voltou para o funcionário, surpreso assoando o nariz num lenço. — Quem está aí dentro com ele? Quem está participando desse *conselho de Estado?*

— O que está havendo? — perguntou Julian Tempest, o lorde camareiro, saindo às pressas do seu escritório. O manto preto com divisas douradas nas mangas esvoaçava atrás dele como um véu de noiva. Julian era um ancião que atuava como lorde camareiro do Castelo de Essendon desde antes do nascimento da princesa, talvez desde antes do nascimento do pai dela. Geralmente ele usava uma peruca que descia à altura dos ombros, como se fossem as orelhas caídas de um velho cão, mas ela o pegara de surpresa e ele apareceu apenas com um solidéu, do qual escapavam alguns tufo de cabelo branco, fazendo lembrar algodão.

— Quero falar com meu irmão — exigiu Arista.

— Mas... mas, Alteza, ele está em conselho de Estado. Decerto a senhorita pode

esperar.

— Com quem é esse conselho?

— Acho que é com o bispo Saldur, o conselheiro Pickering, lorde Valin e... ah, não sei quem mais. — Julian olhou para Jacobs, solicitando apoio moral.

— E qual é a pauta da reunião?

— Bem, na verdade, acho que diz respeito ao... — ele hesitou — seu futuro.

— Ao meu futuro? Eles estão lá dentro decidindo a minha vida e eu não posso entrar? — Ela ficou lívida. — O príncipe Rudolf está lá dentro? Lanis Ethelred, talvez?

— Ah... eu não sei... acho que não. — Mais uma vez ele olhou para o funcionário, que não quis se envolver. — Alteza, por favor, acalme-se. Receio que eles possam ouvi-la.

— Que bom! — gritou ela. — Eles têm de me ouvir. Quero que me ouçam. Se pensam que vou ficar aqui parada esperando o veredicto enquanto eles decidem meu destino, eu...

— Arista!

Ela se virou e viu que as portas da sala do trono se abriam. O irmão, Alric, surgiu por trás dos guardas, que prontamente desobstruíram a passagem. Ele usava o manto de pele branca que, segundo a recomendação de Julian, deveria ser usado em todas as ocasiões oficiais, e a coroa de ouro, que costumava usar ligeiramente inclinada para trás.

— Qual é o problema? Você parece ter enlouquecido!

— Vou lhe dizer qual é o problema. Eu não vou permitir que você faça isso comigo. Você não vai me despachar para Alburn ou Warric como se eu fosse uma... uma mercadoria.

— Eu não vou enviá-la para Alburn nem para Warric. Já decidimos que você vai para Dunmore.

— Dunmore? — A palavra a atingiu como um golpe. — Você está brincando. Diga que está brincando.

— Eu ia dar a notícia hoje à noite. Mas não pensei que seria essa a sua reação. Achei que você gostaria da idéia.

— Gostaria da idéia? Gostaria da idéia! Ah... sim, eu adoro a idéia de ser usada como um brinquedo político. O que você vai ganhar em troca? É isso que está fazendo aí dentro... me leiloando? — Ela se pôs na ponta dos pés, tentando olhar por cima dos ombros do irmão para ver quem se escondia na sala do trono. —

Eles deram lances para me comprar como se eu fosse uma vaca premiada?

— Vaca premiada? Do que você está falando? — Alric olhou para trás, constrangido, e fechou as portas. Em seguida, acenou para Julian e Jacobs, indicando que se retirassem. Em voz baixa, ele disse: — Isso vai lhe dar mais respeito. Você vai ter uma autoridade legítima. Não será mais apenas a *princesa* e vai deixar de ficar ociosa. Não foi você mesma quem disse que queria sair daquela torre e fazer algo pelo bem-estar do reino?

— E... foi essa a sua idéia? — Ela sentiu vontade de gritar. — Não faça uma coisa dessas comigo, Alric. Eu suplico. Sei que tenho sido uma dor de cabeça. Sei o que andam falando sobre mim. Você acha que não ouço as pessoas murmurando entre dentes a palavra *bruxa*? Você acha que não sei o que foi dito naquele julgamento?

— Arista, aquelas pessoas foram coagidas. Você sabe disso. — Alric olhou de relance para Hilfred, que estava de pé, ao lado da princesa, segurando o sapato que ela havia perdido.

— Eu só estou dizendo que sei o que corre por aí. Tenho certeza de que estão sempre falando mal de mim para você. — Ela fez um gesto apontando as portas fechadas atrás dele. A princesa não sabia quem seriam *eles* e torcia para que o irmão não perguntasse. — Mas não posso impedir que as pessoas pensem o que quiserem. Se você desejar, eu passo a comparecer a mais eventos. Participo de jantares oficiais. Aprendo a bordar. Faço até uma maldita tapeçaria. Algo delicado e inofensivo. Que tal uma cena de caça ao cervo? Não sei tecer, mas aposto que Bernice sabe... ela sabe fazer todas essas coisas idiotas.

— *Você* vai fazer uma tapeçaria?

— Se for necessário, prometo atuar mais... eu prometo. Nem coloquei tranca na minha porta na torre nova. Nada fiz de errado desde que você foi coroado... eu juro. Por favor, não me condene a uma vida de servidão. Eu não me importo de ser apenas uma princesa... não me importo mesmo.

Ela olhou para ela, confuso.

— Estou falando sério. Estou mesmo, Alric. Por favor, não faça isso.

Alric suspirou e olhou para ela com tristeza.

— Arista, o que mais eu posso fazer com você? Eu não quero vê-la enclausurada numa torre como uma eremita o resto da vida. Sinceramente, acho que é para o seu bem. Vai ser bom para você. Talvez não perceba isso agora... Não me olhe desse jeito! Eu sou o rei, e você vai fazer o que eu disser. Faça isso por mim. Faça isso pelo reino.

Arista mal podia crer no que estava ouvindo. Sentiu as lágrimas brotando dos

olhos. Então trincou os dentes e acelerou a respiração com o propósito de conter o choro. Sentia-se um tanto febril e meio zonha.

— E pelo jeito serei despachada imediatamente. É por isso que as carruagens estão lá fora?

— Sim — disse ele com firmeza. — Eu gostaria que você partisse amanhã de manhã.

— Amanhã? — Arista sentiu as pernas falharem e o ar escapar dos pulmões.

— Ah... pelo amor de Maribor, Arista... Não estou mandando você se casar com um velho decrépito.

— Ah... que maravilha! Que bom que você está zelando por mim — disse ela. — Quem é ele então? Um dos sobrinhos do rei Roswort? Por Maribor, Alric! Por que Dunmore? Rudolf já seria uma infelicidade, mas ao menos eu poderia compreender uma aliança com Alburn. Mas Dunmore? Isso é simplesmente crueldade. Você me odeia tanto assim? Sou tão má que você precisa me entregar a um duque inexpressivo de um reino periférico? Nem nosso pai teria feito uma coisa dessas comigo. Por que... por que está rindo? Pare de rir, seu diabo insensível!

— Não vou obrigá-la a se casar, Arista — conseguiu dizer Alric.

Ela semicerrou os olhos.

— Não vai?

— Por Maribor, não! Foi isso o que você pensou? Eu não faria uma coisa dessas. Estou ciente do tipo de gente que você conhece. Eu me veria, mais uma vez, descendo o Galewyr.

— O que é então? Julian disse que você estava lá dentro decidindo o meu destino.

— Eu... eu acabo de nomeá-la embaixadora de Melengar.

Ela ficou muda, encarando-o durante um bom tempo. Sem virar a cabeça, desviou os olhos e pegou o sapato que estava com Hilfred. Apoiando-se no ombro do guarda-costas, calçou-o.

— Mas Bernice falou que Sauly trouxe uma lista de pretendentes — disse ela com cautela e hesitação.

— Ah... sim, ele trouxe mesmo — disse Alric, e deu uma risadinha. — E nós rimos bastante da tal lista.

— Nós?

— Mauvin e Fanen estão aqui — disse ele, apontando o polegar em direção à porta. — Eles vão com você. Fanen quer participar da competição que a Igreja

está organizando em Ervanon. Sabe, a gente queria fazer uma surpresa, mas você estragou tudo... como sempre.

— Sinto muito — disse ela com a voz trêmula. Em seguida, deu um forte abraço no irmão. — Obrigada.

As rodas dianteiras da carruagem passaram por um buraco, seguidas bruscamente pelas traseiras. Arista quase bateu a cabeça no teto e perdeu a concentração, o que a incomodou, pois estava prestes a se recordar do nome do secretário do Tesouro de Dunmore. Começava com Bon, Bonny, ou Bobo... não, não poderia ser Bobo, poderia? Era algo semelhante. Eram tantos nomes, tantos títulos... terceiro barão de Brodinia, conde de Nith... ou seria terceiro barão de Nith e conde de Brodinia? Arista olhou para a palma de uma das mãos, perguntando-se se não poderia escrever os nomes ali. Se fosse surpreendida, seria um vexame não apenas para ela, mas para Alric e para todo o reino de Melengar. A partir de agora, tudo o que ela fizesse, cada erro que cometesse, cada tropeço, não seria prejudicial apenas a si, mas ao reino como um todo. Precisava ser perfeita. O problema era que ela não sabia ser perfeita. Arista desejou que o irmão tivesse dado mais tempo para ela se preparar.

Dunmore era um reino jovem, de apenas setenta anos, um feudo mal-cuidado do qual um bando de nobres de estirpe duvidosa lançara mão. Dunmore carecia da tradição e do refinamento encontrados no restante de Avryn, mas contava com uma grande quantidade de cargos oficiais. Arista tinha convicção de que o rei Roswort havia criado tais cargos assim como um homem preocupado com aparência exagera na decoração de sua casa modesta. Ele tinha, inclusive, mais ministros que Alric, com cargos cujos títulos eram mais extensos, pomposos e vagos, como, por exemplo, secretário adjunto do Comitê de Inspeção da Segunda Avenida Real. *Qual seria o significado disso?* E havia também um cargo absolutamente impensável, considerando-se que Dunmore não tinha acesso ao mar: grão-mestre da Esquadra! Contudo, Julian lhe entregara uma lista de nomes e ela se esforçava para memorizá-la, junto a outra listagem, um levantamento de importações, exportações, acordos comerciais, tratados militares e até o nome do cão do rei. Arista recostou a cabeça no estofamento de veludo e suspirou.

— Algum problema, minha querida? — inquiriu o bispo Saldur, sentado exatamente em frente à princesa. Ele a observava com um olhar fixo, que percebia mais do que a simples expressão no rosto da jovem. Ela teria considerado descortês aquele olhar se ele não fosse quem era. Saldur, ou Sauly, conforme ela sempre o chamara, ensinara a arte de soprar dentes-de-leão quando ela tinha 5 anos. Ensinar também a jogar damas e fizera vista grossa quando ela subia em árvores ou galopava em seu pônei. A título de iniciação, em seu 16º aniversário, ela fora instruída por Sauly, pessoalmente, quanto às Doutrinas do Credo de Nyphron. Ele era como um avô. E sempre a observava.

Ela desistira de se perguntar por quê.

— É coisa demais para memorizar. Não consigo. E estes sacolejos em nada ajudam. E só que... — Ela folheou os pergaminhos que trazia no colo, mexendo a cabeça. — Eu quero fazer um bom trabalho, mas receio não ser capaz.

O velho sorriu, erguendo as sobrancelhas em sinal de solidariedade.

— A senhorita vai se sair bem. Além do mais, é apenas Dunmore... — disse ele, piscando o olho. — Acho que a senhorita vai constatar que Sua Majestade, o rei Roswort, é uma criatura um tanto quanto intratável. Dunmore tem sido lenta na aquisição das virtudes que o restante da civilização aprendeu a cultivar. Seja paciente e respeitosa. Lembre-se de que estará na corte *dele*, não em Melengar, e que lá estará sujeita à autoridade *dele*. Seu melhor aliado em qualquer discussão será o silêncio. Aprenda a desenvolver essa habilidade. Aprenda a ouvir, em vez de falar, para sobreviver a muitas tormentas. E mais: evite fazer promessas. Dê a impressão de que está prometendo, mas não chegue a verbalizar isso. Assim, Alric terá espaço para manobras. É imperícia amarrar as mãos do monarca que estamos representando.

— A senhorita aceita algo para beber? — perguntou Bernice, sentada ao lado de Arista sobre o banco acolchoado e segurando uma cesta com guloseimas para a viagem. Bernice se sentava com as costas eretas, os joelhos colados, as mãos agarradas à cesta e os polegares roçando levemente a lateral. Ela sorria para Arista, e nos cantos de seus olhos se formavam rugas profundas. As bochechas arredondadas e gorduchas eram forçadas para cima por um sorriso excessivamente largo, condescendente, do tipo que se oferece a uma criança que arranhou o joelho. Às vezes Arista se perguntava se a velha criada não estaria tentando *ser* sua mãe.

— O que você tem aí dentro, minha cara? — perguntou Saldur. — Alguma coisa apetitosa?

— Eu trouxe meio litro de brandy — disse ela, e acrescentou, às pressas: — Para o caso de a temperatura cair.

— Pensando bem, estou sentindo um pouco de frio — disse o bispo, esfregando as mãos nos braços, fingindo estremecer.

Arista levantou uma das sobrancelhas.

— Esta carruagem parece um forno — comentou a princesa, baixando um pouco a gola do vestido, que quase tocava seu queixo.

Alric enfatizara que ela deveria usar roupas recatadas... como se ela tivesse o hábito de perambular pelo castelo com vestidos decotados, do estilo que se vê nas tavernas. Bernice entendeu a ressalva como uma carta branca para aprisionar

Arista em trajes fora de moda, confeccionados com tecidos pesados. A única exceção era o vestido que ela usaria no encontro com o rei de Dunmore. Arista queria a todo custo causar boa impressão, e decidira usar o traje oficial que sua mãe colocava em ocasiões de gala. Tratava-se simplesmente do vestido mais deslumbrante que Arista já vira. Quando a mãe o usava, todas as cabeças se voltavam. A impressão causada era magnífica, absolutamente monárquica.

— Estes ossos são velhos, minha querida — disse Saldur. — Então, Bernice, vamos compartilhar uma tacinha? — O convite levou um sorriso meio encabulado aos lábios da velha dama.

Arista afastou a cortina de veludo e olhou pela janela. A carruagem da princesa ficava no meio de um comboio de carroças e soldados a cavalo. Mauvin e Fanen estavam lá fora, em algum lugar, mas ela só enxergava o que a janela permitia. Estavam no reino de Ghent, embora Ghent não tivesse rei. A região era administrada diretamente pela Igreja de Nyphron havia vários séculos. Eram poucas as árvores naquela terra rochosa, e as colinas eram de um marrom monótono, como se a primavera tardasse, detendo-se em outros locais e se esquecendo das tarefas que ali deveria realizar. Acima do descampado, um gavião voava, descrevendo círculos imensos.

— Ah! Credo! — exclamou Bernice quando a carruagem voltou a sacolejar. Para Bernice, *Ah! Credo!* era o maior dos xingamentos. Arista desviou o olhar e constatou que os sacolejos estavam dificultando o processo de servir o brandy. Sauly segurava a garrafa, Bernice segurava a taça, e os braços de ambos subiam a desciam, lutando para se encontrar no meio, como se fosse um jogo de quermesse, um jogo simples, mas cujo objetivo era desconcertar os participantes. Finalmente Sauly conseguiu verter o líquido, e os dois celebraram a façanha.

— Nenhuma gota perdida — disse ele, satisfeito com o próprio desempenho. — Brindemos à nossa nova embaixadora. Que ela só nos traga orgulho. — Ele ergueu a taça, deu um bom gole e se recostou, suspirando. — Já estive em Ervanon, minha querida?

Arista meneou a cabeça.

— Acredito que vá achar o local edificante em termos espirituais. Francamente, fico surpreso em saber que seu pai nunca tenha levado a senhorita lá. É uma peregrinação que todo fiel da Igreja de Nyphron deve fazer uma vez na vida.

Arista assentiu, preferindo não mencionar que seu falecido pai nunca fora muito devoto. Era sua obrigação desempenhar seu papel nos cultos religiosos do reino, mas o rei sempre se furtava de fazê-lo quando os peixes mordiam as iscas ou os caçadores o informavam da presença de um cervo no vale à beira-rio. Evidentemente, em determinadas ocasiões, até o rei recorria ao conforto da fê.

Fazia tempo que ela se perguntava acerca das circunstâncias da morte do pai. Por que ele estava na capela na noite em que aquele anão miserável o apunhalou? E mais: como seu tio Percy sabia que ele estaria lá, e como foi que se valeu dessa informação para tramar o assassinato? Tais questões ocuparam sua mente até se dar conta de que o pai não estava na capela a fim de orar para Novron ou Maribor. Estava falando com *ela*. Naquela mesma data ocorrera o incêndio em que a mãe de Arista morrera. Provavelmente o rei visitava a capela todos os anos, e Arista ficou constrangida com o fato de o tio saber mais que ela acerca dos hábitos de seu pai. E também com o fato de não ter ido ao encontro dele.

— A senhorita terá o privilégio de conhecer Sua Santidade, o arcebispo de Ghent.

Ela se ajeitou no assento, um tanto surpresa.

— Alric nada disse a respeito. Pensei que estivéssemos apenas passando por Ervanon a caminho de Dunmore.

— Não será um encontro formal, mas ele está ansioso por conhecer a nova embaixadora de Melengar.

— Vou conhecer o patriarca também? — perguntou ela, preocupada. Não estar preparada para Dunmore era uma coisa, mas ser apresentada ao patriarca sem qualquer preparação prévia seria desastroso.

— Não — disse Saldur, sorrindo como um homem que se diverte com o esforço de uma criança para dar os primeiros passos. — Enquanto o Herdeiro de Novron não for encontrado, o patriarca é o que temos de mais próximo à voz de deus. Ele vive em reclusão e só se pronuncia raramente. É um grande homem, um santo homem. Além disso, não podemos nos demorar. A senhorita não pode se atrasar para encontrar o rei Roswort em Glamrendor.

— Pelo jeito, vou perder a competição.

— Não vejo por quê — disse o bispo depois de beber mais um gole, que deixou seus lábios brilhando.

— Se seguirmos logo para Dunmore, não vou ficar em Ervanon para ver...

— Ah... a competição não será realizada em Ervanon — explicou Saldur. — Os cartazes que a senhorita deve ter visto diziam apenas que os competidores devem *se reunir* lá.

— Então onde será?

— Ah... isso é segredo. Dada a relevância do evento, é importante mantê-lo sob sigilo, mas posso adiantar o seguinte: Dunmore fica no caminho. Vamos parar lá tempo suficiente para a audiência com o rei, depois a senhorita poderá prosseguir

para a competição, junto aos demais. Decerto Alric quer que sua embaixadora presencie um evento tão ilustre.

— Ah... que maravilha... eu gostaria muito... Fanen Pickering vai competir. Mas quer dizer que o senhor não vai?

— Essa decisão cabe ao arcebispo.

— Espero que o senhor possa ir. Estou certa de que Fanen gostaria de ter o maior número possível de pessoas torcendo por ele.

— Oh, não se trata precisamente de uma competição. Eu sei que os arautos estão divulgando o evento como se fosse uma competição, o que é lamentável, porque não é essa a intenção do patriarca.

Arista o encarou, confusa.

— Pensei que se tratasse de um torneio. Vi um cartaz que informava que a Igreja estava patrocinando um grande evento, uma prova de coragem e destreza, e que o vencedor ganharia uma recompensa magnífica.

— Sim, tudo isso é verdade, mas é também um tanto enganoso. A destreza não será tão necessária quanto a coragem, e... bem, a senhorita logo saberá.

O bispo esvaziou a taça, fez uma careta e então olhou para Bernice com uma expressão esperançosa. Arista fitou o clérigo durante alguns instantes, perguntando-se o verdadeiro significado daquelas palavras, mas ficou evidente que Saldur não acrescentaria qualquer declaração sobre o assunto. Novamente ela se voltou para a janela, contemplando o exterior. Hilfred trotava ao lado da carruagem em seu garanhão branco. Ao contrário de Bernice, o guarda-costas era discreto, de poucas palavras. Estava sempre presente, distante, atento, respeitando a privacidade da princesa até onde era possível a um homem cujo trabalho era segui-la aonde ela fosse. Posicionava-se todo o tempo no campo de visão de Arista, mas evitava olhar para ela; era a sombra perfeita. Sua conduta sempre fora assim, porém, desde o julgamento, o guarda-costas vinha agindo de modo diferente. Era uma mudança sutil, mas ela percebia que ele estava mais distante. Talvez se sentisse culpado pelo depoimento que prestara, ou então, a exemplo de tantos outros, acreditasse em algumas das acusações a ela imputadas. Era possível que Hilfred achasse que estava servindo a uma bruxa. Talvez até estivesse arrependido de ter salvado a vida da princesa na noite do incêndio. Ela fechou a cortina e deixou escapar um suspiro.

Já estava escuro quando o comboio chegou a Ervanon. Bernice cochilava, a cabeça pendendo sobre a cesta de mantimentos prestes a cair de seu colo. Saldur também tinha pegado no sono; a cabeça do bispo baixava lentamente, e de súbito voltava a se erguer para de novo baixar. Arista sentia o ar fresco e úmido da noite, que entrava pela janela e batia em seu rosto enquanto ela mantinha o

pescoço esticado a fim de olhar adiante da carruagem. O céu estava coberto de estrelas, que lhe conferiam um aspecto ao mesmo tempo luminoso e poeirento, e Arista pôde avistar a silhueta escura da cidade se erguendo sobre a extensa colina. As edificações das torres não passavam de sombras, mas dentre elas se erguia uma singular. A Torre da Coroa era inconfundível. As ameias de alabastro que circundavam o topo pareciam uma coroa branca flutuando em pleno ar. Aquele vestígio do Império do Intendente se distinguiu como a estrutura mais alta construída pelo homem. Mesmo à distância, era impressionante.

Nos arredores da cidade havia fogueiras, luzes faiscantes espalhadas pela campina como um enxame de vaga-lumes. A medida que a carruagem se aproximava, ela ouvia vozes, gritos, risadas e discussões vindas dos acampamentos ao longo da estrada. Eram os competidores, centenas deles. Arista tinha apenas vislumbres conforme o comboio avançava. Rostos iluminados pelo brilho das fogueiras. Silhuetas que carregavam pratos; homens e meninos sentados no chão, rindo, bebiam em canecas. Barracas preenchiam os espaços e, nas sombras, havia fileiras de cavalos amarrados e carroças.

As rodas da carroça e os cascos dos cavalos começaram a estalar assim que chegaram ao calçamento de pedra. Entraram por um portão, e Arista só conseguiu ver tochas refletindo em algumas paredes e luzes acesas em uma janela ou outra. Aquilo era uma decepção. Na Universidade de Sheridan ela aprendera a história da cidade e tinha grandes expectativas em relação à antiga sede do governo imperial. No hiato de poder que se seguiu à queda do Antigo Império Novroniano eclodiram guerras civis e as populações se dividiram de acordo com as mais remotas linhas étnicas, formando as quatro nações de Apeladorn: Trent, Avryn, Cális e Delgos. Em cada um desses reinos, comandantes militares disputavam a supremacia, lutando com os vizinhos por terra e poder. Depois de mais de trezentos anos de lutas, somente um governante conseguiu pôr em prática uma tentativa válida de reunificar as quatro nações em um só império. Glenmorgan de Ghent acabou com a era das guerras civis e, por meio de conquistas ousadas e brutais, reunificou Trent, Avryn, Cális e Delgos sob a mesma bandeira. A Igreja de Nyphron lhe ofereceu apoio, mas o nomeou Glenmorgan Defensor da Fé e Intendente do Herdeiro para lembrar ao povo que ele não era o Herdeiro de Novron. A reunificação foi consolidada com o estabelecimento da sede da Igreja era Ervanon e a construção da grande catedral ao lado do Castelo Glenmorgan.

O reino do intendente não durou muito tempo. Segundo o professor de Arista, o filho de Glenmorgan não estava à altura da missão por ele herdada, e o Império do Intendente chegou ao fim em apenas setenta anos, ruindo quando Glenmorgan III foi traído pelos próprios nobres. Pouco tempo depois Cális e Trent se emanciparam e Delgos se proclamou uma república.

Ervanon foi praticamente devastada nas lutas subsequentes, mas o resultado prático da situação foi que o patriarca se mudou para o último reduto do grande palácio de Glenmorgan: a Torre da Coroa. A partir daquele momento, a torre e a cidade se tornaram sinônimos da Igreja e passaram a ser reconhecidas como o local mais sagrado do mundo, exceto pela antiga — e perdida — capital novroniana, isto é, Percepliquis.

A carruagem parou com um solavanco que sacudiu os passageiros, despertando Saldur e assustando a velha criada, que deixou a cesta cair no chão.

— Chegamos — disse Saldur com uma voz grogue, esfregando os olhos, bocejando e então se espreguiçando.

O cocheiro amarrou a carruagem, desceu de sua posição e abriu a porta. Uma lufada de ar frio e úmido penetrou no veículo, provocando um arrepio em Arista. Ela desceu, sentindo-se dolorida e fraca, com a cabeça meio zonha. A sensação de estar parada era estranha. Tinham chegado à base da imponente Torre da Coroa. Ela olhou para cima e ficou tonta. Mesmo àquela hora da noite, o topo da construção reluzia no céu escuro. A torre se erguia sobre um morro conhecido como Colina de Glenmorgan, que era o ponto mais elevado de toda a região. Embora não houvesse subido um degrau sequer, parecia que ela estava no topo do mundo, olhando para além das velhas muralhas, em direção ao vale que se estendia lá embaixo.

Arista bocejou e sentiu um tremor pelo corpo. Prontamente, Bernice colocou um manto sobre os ombros da princesa, começando a abotoá-lo. Sauly foi quem mais demorou a descer da carruagem. Lentamente, ele esticou cada uma de suas pernas finas, estendendo-as e certificando-se de que suportariam seu peso.

— Excelência — disse um menino, que aparecera de pronto. — Espero que o senhor tenha feito boa viagem. O arcebispo me pediu para dizer que ele está em seus aposentos particulares à espera da princesa.

Arista ficou abismada.

— Agora? — Virando-se para a Dispo, ela disse: — O senhor não espera que eu me apresente a ele coberta com a poeira e o suor acumulados durante um dia inteiro de viagem. Estou com uma aparência horrível, preciso urgentemente de um banho e me sinto exausta.

— A senhorita está linda, como sempre — murmurou Bernice com ternura, acariciando os cabelos da princesa, hábito que muito desagradava Arista. — Estou certa de que o arcebispo, sendo um homem espiritualizado, vai contemplar sua alma, e não sua aparência física.

Arista dirigiu a Bernice um olhar reprovador e em seguida revirou os olhos.

Criados em trajes clericais surgiram em torno dos recém-chegados e

começaram a descarregar a bagagem, retirar os arreios e dar água aos cavalos.

— Por aqui, Excelência — disse o menino, e os conduziu ao interior da torre.

Eles entraram numa grande rotunda, com piso de mármore encerado e colunas que serviam de divisória entre o centro e um passeio que circundava a parede. Como se viesse bem de longe, um cântico suave chegava aos ouvidos de Arista. Dezenas de vozes, talvez um coro, ensaiavam. Luzes bruxuleantes de lamparinas que não estavam à vista refletiam em superfícies polidas. Os passos ecoavam com vigor.

— Eu não poderia me apresentar a ele amanhã pela manhã?

— Não — disse Saldur —, trata-se de uma questão da maior importância.

Arista franziu o cenho e refletiu. Ela havia pensado que a visita ao arcebispo seria uma mera formalidade, mas agora tinha suas dúvidas. A trama de Percy Braga para usurpar o reino de Melengar a levava a um julgamento no qual ela fora acusada de matar o próprio pai. Proibida de comparecer à sessão, a princesa, mais tarde, ouviu boatos sobre os depoimentos prestados, inclusive o testemunho de seu caro Sauly. Se os rumores tivessem fundamento, Sauly a acusara não apenas de ter assassinado o pai, mas também de bruxaria. Ela jamais conversara com o bispo acerca das alegações, tampouco pedira explicações a Hilfred. A culpa recairia única e exclusivamente sobre Percy Braga. Ele enganara a todos. Hilfred e Sauly teriam agido pelo bem do reino. Contudo, Arista não conseguia deixar de pensar que talvez ela é quem tivesse sido enganada.

De acordo com a Igreja, qualquer tipo de bruxaria e magia era um desrespeito à fé. *Se Sauly acha que sou culpada, será que tentaria me fazer algum mal?* Achava incrível que o bispo, que para ela era como alguém da família, que sempre se mostrava tão amável e benevolente, pudesse fazer algo assim. Por outro lado, Braga era seu tio legítimo e, depois de quase vinte anos de serviços leais, assassinara seu pai e tentara matá-la e matar Alric. Seu desejo por poder ignorara qualquer noção de lealdade.

Arista se sentiu constrangida com a presença de Hilfred subindo a escadaria atrás dela. Normalmente a presença do guarda-costas conferia a ela uma sensação de segurança, mas agora parecia algo ameaçador. *Por que ele nunca me olha nos olhos?* Talvez ela estivesse equivocada. Talvez não se tratasse de sentimento de culpa nem de desapego. Talvez ele quisesse manter a devida distância. Ela ouvira dizer que os camponeses que criavam vacas leiteiras costumavam lhes dar nomes, por exemplo, Bessie ou Gertrude, mas esses mesmos camponeses jamais atribuíam nomes ao gado destinado ao abate.

Os pensamentos de Arista se agitaram. Estaria sendo levada a uma cela, localizada em mais uma torre? Seria executada assim como a Igreja executara

Glenmorgan III? Seria queimada viva, sob a justificativa de purificação por heresias cometidas? Qual seria a reação de Alric ao descobrir o que ocorrera? Será que declararia guerra contra a Igreja? Se o fizesse, todos os outros reinos se insurgiriam contra ele. Não restaria escolha a não ser aceitar os ditames da instituição.

Chegaram diante de uma porta, e o bispo pediu a Bernice que se adiantasse e preparasse os aposentos da princesa. Em seguida, pediu a Hilfred que aguardasse do lado de fora. Ele entrou, conduzindo Arista, e fechou a porta.

O cômodo era surpreendentemente pequeno: um gabinete minúsculo com uma escrivaninha entulhada e apenas algumas cadeiras. Luminárias de parede revelavam a presença de livros grossos, pergaminhos, selos, mapas e paramentos eclesiásticos para as mais diversas ocasiões.

Dois homens esperavam do lado de dentro. O arcebispo era um senhor idoso, de cabelos brancos e pele enrugada, e estava sentado à escrivaninha.

Usava batina roxa, capa bordada e uma estola dourada que pendia de seu pescoço como um cachecol desenrolado. Tinha o rosto longilíneo e pálido, aparentando ser ainda mais comprido por causa da barba, que, pela maneira como se acomodava, tocava o chão. As sobrancelhas eram estranhamente peludas. Na cadeira alta de madeira, ele estava encurvado, dando a impressão de que inclinava o corpo para a frente a fim de ver algo interessante.

Procurando alguma coisa sobre a escrivaninha desordenada havia um homem bem mais jovem, franzino, com dedos longos e olhar nervoso. Ele também era pálido, como se há muitos anos não visse o sol. Seus cabelos longos e negros, firmemente amarrados à nuca, emprestavam-lhe o ar disciplinado e intenso de um homem totalmente dedicado ao trabalho.

— Sua Santidade, arcebispo de Galien — disse Saldur depois que eles entraram —, permita-me lhe apresentar a princesa Arista Essendon, de Melengar.

— Fico muito feliz com a sua visita — disse o velho clérigo. A boca do arcebispo, que já perdera muitos dentes, a cada momento engolia os lábios finos. A voz era empolada e um tanto estridente. — Por favor, queira se sentar. Imagino que a senhorita tenha tido um dia difícil, sacolejando dentro de uma carruagem. São terríveis essas carruagens, deveras. Estragam as estradas e sacolejam tanto que acabam com a gente. Odeio entrar nessas coisas. Parece que estou dentro de um caixão e, na minha idade, sempre fico desconfiado quando me fazem entrar em qualquer tipo de caixa. Mas suponho que devo tolerá-las, pois representam o futuro, um futuro que jamais verei. — Inesperadamente ele piscou o olho para a princesa. — A senhorita aceita algo para beber? Vinho, talvez? Carlton, mexa-se, seu in-dolente, e sirva uma taça de Montemorcey para a princesa.

O homenzinho nada respondeu, mas se dirigiu rapidamente a uma cômoda que

estava num dos cantos do gabinete. Retirou dali uma garrafa escura e removeu a rolha.

— Sente-se, Arista — sussurrou Saldur ao ouvido da princesa.

Ela escolheu uma poltrona de veludo vermelho diante da escrivaninha e, ajeitando o vestido, sentou-se com a coluna ereta. Estava apreensiva, mas se esforçou para controlar o medo crescente.

Carlton trouxe para ela uma taça de vinho tinto, servida numa salva de prata gravada. Ela receou que o vinho contivesse alguma droga, ou até veneno, mas descartou a idéia, considerando-a ridícula. *Por que me envenenar? Eu já cometi o erro fatal de me lançar cegamente na teia.* Se Hilfred desertara para o lado do inimigo, restava somente Bernice para protegê-la da totalidade das forças armadas de Ghent. Estava à mercê deles.

Arista pegou a taça, fez um meneio de cabeça para Carlton e deu um pequeno gole.

— Este vinho é importado pela Companhia Vandon de Especiarias, com sede em Delgos — disse o arcebispo. — Não faço a menor idéia de onde fica Montemorcey, mas o vinho fabricado lá é incrível. A senhorita não acha?

— Devo-lhe um pedido de desculpas — deixou escapar Arista, revelando seu nervosismo. — Eu não estava ciente de que viria diretamente para cá. Presumo que teria um momento para me recompor da longa viagem. Geralmente sou mais apresentável. Talvez eu devesse me recolher e vir encontrá-lo novamente amanhã?

— A senhorita me parece muito bem. Não poderia ser de outra maneira. Princesas jovens e belas são mesmo abençoadas. O bispo Saldur fez bem em trazê-la aqui imediatamente, mais até do que ele imagina.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Saldur.

— Fomos avisados — ele olhou para cima e apontou na mesma direção — de que Luis Guy viajará conosco.

— A sentinela?

Galien assentiu.

— Isso é bom, o senhor não acha? Ele vai trazer um pelotão de serets, não vai? E isso vai ajudar na manutenção da ordem.

— Tenho certeza de que é isso que o patriarca acha. Eu, no entanto, sei como a sentinela funciona. Ele não me obedece, e seus métodos são truculentos. Mas não estamos aqui para debater isso.

Ele fez uma pausa, respirou fundo e voltou a atenção para Arista.

— Diga-me, menina, o que sabe sobre Esrahaddon?

O coração de Arista fraquejou, mas ela nada disse. O bispo Saldur colocou a mão sobre a dela e sorriu.

— Minha querida, já sabemos que você o visitou no Cárcere de Gutaria durante meses a fio, e que ele lhe ensinou sua odiosa magia negra. E sabemos também que Alric o libertou. Mas nada disso tem importância agora.

Precisamos descobrir onde ele está e se a contactou desde que foi solto. Você é a única pessoa em quem Esrahaddon sabe que poderia confiar e, portanto, a única que ele poderia tentar contatar. Então, diga-nos, menina, você se comunicou com ele?

— Foi por isso que me trouxeram aqui? Para ajudá-los a localizar um suposto criminoso?

— Ele é um criminoso, Arista — disse Galien. — A despeito do que tiver sido falado, ele é...

— Como sabe o que ele me disse? Escutou atrás da porta cada palavra que o homem falou para mim?

— Sim — respondeu ele placidamente.

A resposta franca a surpreendeu.

— Minha cara menina, aquele velho mago lhe contou uma história e tanto. Em grande parte, é verdadeira, mas ele deixou de fora muita coisa.

Ela olhou para Sauly, cuja expressão paternal se tornou sombria conforme ele meneava a cabeça em sinal de assentimento.

— Seu tio Braga não foi responsável pelo assassinato do seu pai — disse o arcebispo. — O responsável foi Esrahaddon.

— Isso é absurdo — disse Arista em tom de escárnio. — Ele estava na prisão e não podia sequer enviar mensagens.

— Ah... podia sim, e enviou... por seu intermédio. Por que acha que ele lhe ensinou a preparar aquela poção mágica para seu pai?

— Não seria para curá-lo?

— Esrahaddon pouco se importava com Amrath. E pouco se importava com a senhorita. A realidade é que ele queria ver seu pai morto. Você errou ao procurá-lo. Ao confiar nele. Achou que ele fosse amigo? Um mentor sábio e experiente, como Arcadius? Esrahaddon não é um animalzinho doméstico e tampouco um cavaleiro honrado. É um demônio perigoso. Ele a usou para escapar. A partir do instante em que você o visitou, Esrahaddon começou a

pensar em usá-la como uma ferramenta. Para escapar, ele precisava que um rei fosse libertá-lo. Seu pai sabia quem ele era... o que ele era... e jamais o faria. Mas Alric, em sua ignorância, seria capaz de fazê-lo. Portanto, ele queria a morte do seu pai. Bastava a Esrahaddon fazer com que a Igreja acreditasse que seu pai era o Herdeiro. Ele sabia que isso nos levaria a agir contra ele.

— Mas por que a Igreja haveria de querer a morte do Herdeiro? Eu não entendo.

— Já vamos esclarecer essa questão. Por ora, basta dizer que o interesse dele em seu pai e na senhorita atraiu nossa atenção. Foi aquela poção de Esrahaddon que selou o destino do seu pai. A poção alterou o sangue de Amrath, fazendo com que ele parecesse pertencer à linhagem imperial. Quando soube disso, pensando que satisfazia o desejo da Igreja, Braga fez planos para eliminar o rei e seus filhos.

— Está sugerindo que Braga estava a serviço da Igreja quando tramou o assassinato do meu pai?

— Não diretamente... não oficialmente. Mas Braga era um homem de fortes convicções. Agiu precipitadamente, sem consultar a *burocracia* da Igreja, termo que ele próprio costumava empregar. No entanto, o bispo e eu falamos em nome de toda a instituição quando dizemos que muito lamentamos a tragédia que se sucedeu. Ainda assim, é importante que a senhorita entenda que a morte não foi orquestrada por nós. Foi o desígnio de Esrahaddon que pôs em marcha a engrenagem do destino do seu pai. Ele usou a Igreja, assim como usou a senhorita.

Arista arregalou os olhos, primeiro para o arcebispo, depois para Sauly.

— Você sabia disso?

O bispo assentiu.

— Como permitiu que Braga matasse meu pai? Ele era seu amigo.

— Tentei impedido — disse Sauly. — Você precisa acreditar no que estou dizendo. Quando examinamos o sangue e seu pai foi identificado como pertencente à linhagem imperial, convoquei uma reunião de emergência do Conselho da Igreja, mas foi impossível deter Braga. Ele se recusou a me ouvir e disse que eu estava perdendo um tempo precioso.

O medo de ser assassinada desapareceu, substituído por um sentimento de raiva. Arista se levantou, com os punhos cerrados e os olhos cheios de ódio.

— Arista, sei que está zangada e tem todo o direito, mas deixe-me explicar melhor. — O arcebispo esperou até que ela voltasse a se sentar. — O que estou prestes a revelar é o segredo mais bem-guardado da Igreja de Nyphron. Uma informação absolutamente restrita aos membros dos escalões mais altos do clero. Vou revelar o segredo porque precisamos do seu auxílio, e sei que a senhorita só

vai nos oferecer ajuda se compreender a situação. — Ele pegou a taça de vinho, sorveu um gole, inclinou-se para a frente e se dirigiu à princesa, em voz baixa: — Nos últimos anos do Império, a Igreja descobriu um esquema obscuro e abjeto cujo objetivo era simplesmente escravizar a humanidade. A conspiração chegava inclusive ao imperador. Somente a Igreja seria capaz de salvar a todos. Eliminamos o imperador e tentamos fazer o mesmo com seus descendentes, mas o filho do imperador contou com a ajuda de Esrahaddon. Os herdeiros do imperador detêm o poder de ressuscitar demônios do passado e novamente levar a humanidade à beira do abismo. Por isso, a Igreja se incumbiu de lutar contra o Herdeiro e destruir a linhagem cuja existência é uma faca no pescoço de todos nós. Passado tanto tempo, é possível que o Herdeiro nem sequer tenha consciência dos seus poderes ou mesmo que saiba quem é. Mas Esrahaddon sabe. Se o mago encontrá-lo, pode usá-lo como arma contra nós. Ninguém estará seguro.

O arcebispo olhou para ela com atenção.

— Esrahaddon pertencia ao alto conselho. Era um dos principais integrantes da campanha para salvar o Império da trama dos conspiradores, mas, na última hora, traiu a Igreja. Em vez de promover uma transição pacífica, o mago, com total frieza, provocou a guerra civil que destruiu o Império. A Igreja cortou-lhe as mãos e o manteve preso por quase um milênio. O que ele fará se tiver uma oportunidade de vingança? O que lhe restava de humanidade pereceu no Cárcere de Gutaria. Restou apenas um demônio poderoso, determinado a nos destruir... é vingança pelo seu simples prazer. Ele está obcecado. É como fogo na mata, que tudo consome se não for detido. Na condição de princesa do reino, você precisa compreender... sacrifícios são necessários para garantir o futuro da nação. Sentimos muito pelo erro cometido no caso de seu pai, mas temos esperança de que a senhorita compreenderá o ocorrido, aceitará as nossas desculpas e nos ajudará a impedir o fim do mundo que conhecemos.

"Esrahaddon é um louco incrivelmente inteligente e está decidido a acabar com todos nós. O Herdeiro será, para ele, uma arma. Se o encontrar antes de nós, se não pudermos evitar que reacenda o horror que conseguimos apagar séculos atrás, então tudo isto... esta cidade, o seu reino de Melengar, toda a Apeladorn... tudo estará perdido. Precisamos de sua ajuda, Arista. Precisamos que nos ajude a encontrar Esrahaddon."

A porta se abriu abruptamente e um sacerdote entrou.

— Excelência — disse ele, ofegante —, a sentinela está convocando a cúria.

Galien assentiu e olhou para Arista.

— Então, minha cara, está disposta a nos ajudar?

A princesa fitou as próprias mãos. Sua cabeça girava: Esrahaddon, Braga, Sauly,

conspirações secretas, poções mágicas. A imagem que se fixava com mais força era a lembrança de seu pai estirado sobre o leito, com o rosto pálido e o sangue encharcando a colcha. Fora preciso tanto tempo para superar aquela dor, e agora... seria Esrahaddon responsável pelo assassinato? Ou eles?

— Eu não sei — murmurou ela.

— A senhorita pode ao menos nos dizer se ele a contactou desde que foi solto?

— A última vez que vi ou tive notícias de Esrahaddon foi antes da morte do meu pai.

— A senhorita compreende, é claro — disse o arcebispo —, que é provável que ele a procure, e gostaríamos que considerasse a possibilidade de colaborar conosco na tentativa de localizá-lo. Na qualidade de embaixadora de Melengar, a senhorita pode transitar entre reinos e nações sem levantar suspeitas. Compreendo que, neste momento, não esteja preparada para se comprometer, portanto não vou pedir tal coisa. Peço apenas que considere a possibilidade. A Igreja a fez sofrer tremendamente, eu só peço que nos conceda a chance de nos redimir diante de seus olhos.

Arista bebeu o restante do vinho e esboçou um leve meneio de cabeça.

— Você acha que ela disse a verdade? — perguntou o arcebispo. Seu rosto exibia um toque de esperança, mas a expressão predominante era de desespero. — Ela se mostrou um tanto recalcitrante.

Saldur ainda olhava para a porta pela qual Arista havia se retirado.

— *Com raiva* seria mais adequado... mas sim, acho que ela disse a verdade.

Saldur desconhecia as expectativas de Galien. Será que o arcebispo esperava que Arista o abraçasse mesmo depois de admitirem que tinham sido os responsáveis pela morte do pai dela? A idéia era totalmente absurda... medidas extremas propostas por um homem que afundava em areia movediça.

— Valeu a pena — disse Galien sem a menor convicção.

Saldur se distraiu, brincando com um fio que pendia da manga de seus paramentos, pensando que deveria ter ficado com o restante da garrafa trazida por Bernice. Nunca fora grande apreciador de vinho. Acima de tudo, a tragédia da morte de Braga significava a perda de uma excelente fonte de brandy. O arquiduque era um grande entendedor de bebida alcoólica.

Galien o encarou.

— Você está tão calado — disse o arcebispo. — Acha que estou errado, é claro. Foi isso o que disse, não foi? Você foi muito franco na nossa última conversa. Ficou observando cada gesto dela. Colocou aquela... aquela... — o velho arcebispo acenou com uma das mãos em direção à porta, como se o gesto

clareasse sua mente confusa — aquela velha criada para observar cada movimento dela... não é verdade? Se Esrahaddon tivesse entrado em contato com ela, nós saberíamos, mas agora... — O arcebispo levantou os braços, exprimindo repúdio, numa imitação sarcástica de Saldur.

O bispo continuou a brincar com o fio da manga, enrolando-o no dedo indicador, apertando cada vez mais.

— Você é arrogante demais — acusou Galien em tom defensivo. — O sujeito é um mago do tempo do Império. A capacidade dele está além da nossa compreensão. É possível até que ele a esteja visitando em forma de borboleta, no jardim, ou de uma mariposa que todas as noites entra pela janela do quarto. Nós precisávamos ter certeza.

— Borboleta? — disse Saldur, sinceramente surpreso.

— Ele é um mago... você sabe disso! Magos fazem esse tipo de coisa.

— Duvido muito que...

— A questão é que nós não tínhamos certeza.

— E ainda não sabemos. Tudo o que eu posso dizer é que não acho que ela tenha mentido, mas Arista é esperta. Maribor sabe que ela já comprovou isso.

Galien ergueu a taça vazia.

— Carlton!

O criado levantou a cabeça.

— Desculpe, Excelência, mas não a conheço o suficiente para emitir qualquer opinião.

— O que é isso, homem?! Não estou pedindo a sua opinião. Quero mais vinho, seu idiota!

— Ah... — disse Carlton. Então, foi até a garrafa e retirou a rolha, produzindo um leve estampido.

— O problema é que o patriarca me culpa pelo desaparecimento de Esrahaddon — prosseguiu Galien.

Pela primeira vez desde que Arista se retirara do gabinete, Saldur se mostrou realmente interessado na conversa.

— Ele disse isso a você?

— Esse é o problema: ele não disse coisa alguma. Agora só fala com as sentinelas. Com Luis Guy e aquele outro... um tal de Thranic. Guy é desagradável, mas esse Thranic... — Ele baixou o tom de voz, sacudindo a cabeça e fazendo careta.

— Nunca me deparei com uma sentinela.

— Considere-se um homem de sorte, embora, a meu ver, sua sorte esteja virando. Guy passou a manhã toda lá em cima, em reunião com o patriarca — disse Galien enquanto brincava com a taça vazia, passando o dedo pela borda. — Neste momento, ele está na sala do conselho, dirigindo-se à cúria.

— Não deveríamos estar lá?

— Sim — respondeu o outro em tom melancólico, mas não fez qualquer esforço para se mexer.

— Excelência? — chamou Saldur.

— Sim, sim — disse ele, acenando com uma das mãos. — Carlton, traga minha bengala.

Saldur e o arcebispo entraram, anunciados pela voz potente de um homem. Com três galerias, a grande câmara do conselho era um salão circular que abrangia toda a largura da torre. Era decorada com pares de colunas finas, representando a relação entre Novron, conhecido como Defensor da Fé, e Maribor, deus da humanidade. Entre cada par de colunas havia uma janela alta e estreita, propiciando à câmara uma visão panorâmica dos campos adjacentes. Sentados em fileiras circulares a partir do centro estavam os integrantes da cúria, o colegiado do alto clero da Igreja de Nyphron. Os outros dezoito bispos já estavam presentes, reunidos para ouvir as palavras do patriarca repetidas por Luis Guy.

A sentinela, um homem alto e magro, com longos cabelos negros e olhar inquietante, estava de pé no centro do salão. Era uma presença marcante. A primeira impressão de Saldur foi de que se tratava de um sujeito com boa aparência física, asseado, sempre atento. Seus cabelos eram absolutamente negros, mas a pele era clara, o que formava um forte contraste. Tinha bigode fino e barba curta, impecavelmente aparada. Usava a tradicional batina vermelha e a capa preta com capuz e trazia o símbolo da coroa quebrada meticulosamente bordado no peito. Não tinha um fio de cabelo ou prega do traje desalinhado. Mantinha uma postura ereta e não corria os olhos pelos circundantes. Apenas os encarava.

— ... o patriarca acredita que Rufus tem força suficiente para convencer a nobreza de Trent, e a Igreja cuida do resto. Lembrem-se, não se trata de escolher o melhor cavalo. O patriarca precisa escolher aquele que vai vencer a prova, e Rufus é o candidato mais viável. Ele é herói no sul e nativo no norte. Não tem vínculos visíveis com a Igreja. Se for coroado imperador, um grande segmento da população que a nós faria oposição será imediatamente contido. Mesmo que Rufus não seja capaz de levar Trent e Cális a se submeterem ao

Novo Império, a presença dele impedirá que esses reinos se unam contra nós. Enquanto eles hesitam, teremos tempo para consolidar toda a região de Avryn sob a égide do imperador. Feito isso, poderemos subjugar primeiro Trent e em seguida Cális, sob pena de invasão. Considerando a riqueza e o poder muito superiores de Avryn, é provável que Trent e Cális se submetam sem lutar... ainda mais com Rufus na condição de imperador.

— Está falando como se a unificação já estivesse efetivada — disse o rispo Tildale, de Dunmore. — Mas Avryn possui oito reinos, e somente Dunmore, Ghent e Warric são imperialistas. E os monarquistas? Eles não vão aceitar pacificamente a situação. Não estamos nos tempos de Glenmorgan, que enfrentou apenas um punhado de chefes guerreiros. Estamos falando de reis que possuem terras e títulos que remontam a gerações. Os reinos de Alburn e Melengar são antigos e soberbos. Nem mesmo o rei Urith, de Rhenydd, por mais pobre que seja, vai se ajoelhar diante de Rufus só para atender às nossas ordens. E Maranon? Os campos de Maranon fornecem a maior parte dos alimentos que consumimos em Avryn. Se resolver resistir, o rei Vincent pode nos fazer passar fome até capitularmos. E Galeannon? Faz tempo que o rei Fredrickvem ameaçando se aliar a Cális, onde ele poderia ser o líder forte de um grupo fraco em vez de ser o líder fraco de um grupo forte. Se insistirmos para ele abrir mão da pouca independência de que dispõe, correremos o risco de perdê-lo.

— Posso lhes garantir que o rei Fredrick há de se curvar diante do trono imperial quando chegar a hora — anunciou o bispo de Galeannon.

— E não se preocupem com os campos de trigo de Maranon — lembrou o bispo de Maranon.

— Como podem ver, o problema monarquista foi eliminado — afirmou Guy. — Foi necessária quase uma geração, mas a Igreja conseguiu infiltrar imperialistas leais em posições importantes em todos os reinos, com exceção de Melengar, onde nossos planos não avançaram conforme o esperado. Assim que Rufus for declarado imperador, todos os demais reinos vão declarar aliança e Melengar ficará isolado. Ou os reinos se submetem ou terão de guerrear contra as forças aliadas de Avryn. Portanto, sim, fora algumas pequenas pendências, a unificação de Avryn já está efetivada. Apenas não levamos o fato ao conhecimento do público.

Essas palavras provocaram um burburinho no salão.

— Eu sabia que estávamos avançando no projeto — disse Saldur ao arcebispo —, mas não fazia idéia do grau do nosso progresso.

— A indicação de Braga como rei de Melengar seria o último passo — disse Galien em tom de decepção. De todos os reinos preparados pela Igreja para o

advento do Novo Império, somente o de Saldur falhara.

— E os nacionalistas? — perguntou o prelado de Ratibor. — Suas fileiras estão ficando mais numerosas. Não podemos simplesmente ignorá-los.

— Os nacionalistas vão nos causar problemas — admitiu Guy. — Faz anos que os serets vêm observando Gaunt e seus seguidores. Eles são financiados pela família DeLur e por vários outros cartéis de comerciantes da República de Delgos. Faz tempo que Delgos goza de liberdade e dificilmente será convencida de que uma autoridade central pode ser algo vantajoso. Eles temem até a idéia de um império unificado. Então, sim, sabemos que Delgos vai lutar. Será preciso vencê-los no campo de batalha, e isso é mais um dos motivos que levaram o patriarca a escolher Rufus, um guerreiro impiedoso. Seu primeiro ato como imperador será esmagar os nacionalistas. Delgos cairá em seguida.

— Nós dispomos de tropas para enfrentar Delgos? — perguntou o prelado Krindel, o historiador oficial. — Tur Del Fur é defendida por uma fortaleza construída pelos anões. A cidade resistiu a um cerco de dois anos imposto por Dacca.

— Tenho refletido sobre esse problema e acho que cheguei a uma conclusão... singular.

— E qual seria essa solução? — perguntou Galien, desconfiado.

Luis Guy olhou para cima.

— Ah... arcebispo! Que bom que chegou. Faz quase uma hora que mandei chamá-lo.

— Vai me castigar pelo atraso, Guy? Ou está apenas tentando se esquivar da pergunta?

— O senhor não está preparado para ouvir a resposta — retrucou a sentinela, provocando um olhar reprovador da parte do arcebispo. — O senhor não acreditaria em mim e certamente não concordaria. Mas, quando chegar a hora, e quando for necessário, saiba que a fortaleza de Drumindor haverá de cair e Delgos irá junto.

Diante da provocação, o arcebispo franziu o cenho, mas, antes que ele pudesse fazer qualquer comentário, Saldur disse:

— E o povo? Será que vai acolher um novo imperador?

— Percorri as quatro nações, de um lado ao outro, promovendo a competição. Desde Dagastan, no sul, até Lanksteer, no norte, arautos a têm proclamado; todas as regiões de Apeladorn estão cientes do evento. Nos mercados, tavernas e castelos a expectativa é grande. Quando anunciarmos o verdadeiro objetivo da competição, o povo vai ficar extático. Cavalheiros, vivemos um momento empolgante. Já não é uma questão de "se", mas *quando* o Novo Império haverá

de surgir. O trabalho de base já está feito. Resta-nos agora a coroação.

— E o rei Ethelred, de Warric? — perguntou Galien. — Ele está conosco?

Guy deu de ombros.

— Ele não está satisfeito em ceder o trono e se tornar vice-rei, mas poucos monarcas estão dispostos a isso, inclusive aqueles que colocamos no poder. É impressionante a rapidez com que os governantes se habituam a ser chamados de Majestade. No entanto, já oferecemos a ele a garantia de que, sendo o primeiro a ceder a coroa, será também o primeiro da fila na nova ordem. É provável que assuma o cargo de regente, administrando o império em nome do lorde Rufus, enquanto este, na nova condição de imperador, estiver ausente, combatendo as insurreições. Sugerir também que ele continue a desempenhar a função de conselheiro-chefe. Acho que ele aprovou a sugestão.

— Ainda não gosto da idéia de entregarmos o poder a Rufus e a Ethelred — disse Saldur.

— Não vamos fazer isso — garantiu Galien. — A Igreja vai permanecer no controle. Eles são a fachada, mas nós somos a mente. Nossa instituição vai ter um representante, em tempo integral, dentro do palácio do Novo Império, e tal indivíduo será encarregado de supervisionar a construção da nova ordem. — Ele olhou para Guy. — O patriarca mencionou isso quando falou com você?

— Mencionou.

— E disse se aceitaria, pessoalmente, tal encargo?

— Em função da idade avançada, o patriarca não poderá assumir essa responsabilidade, mas vai selecionar alguém do conselho, e essa pessoa terá poderes para agir com autonomia em nome de toda a Igreja. Tal pessoa será nomeada corregente, ao lado de Ethelred, ao menos enquanto durar o período de construção.

— Esse homem será tremendamente poderoso — disse o arcebispo. Pelo seu tom de voz, Saldur soube que esse alguém não seria ele. — Essa pessoa seria... você?

Guy fez que não com a cabeça.

— Minha missão, assim como a de meu pai, e do pai dele, é encontrar o Herdeiro de Novron. O patriarca me pediu que prestasse assistência a essas questões relativas ao estabelecimento imediato do império, o que muito me apraz, mas não vou me desviar do objetivo de minha vida.

— Quem será essa pessoa, então?

— Sua Santidade ainda não decidiu. Desconfio que vá aguardar os resultados da competição. — Seguiu-se uma pausa enquanto todos esperavam que Guy

continuasse. — Estamos num momento histórico. Tudo aquilo pelo que temos trabalhado, tudo o que tem sido cuidadosamente elaborado há séculos, está prestes a gerar frutos. Estamos na véspera de um novo alvorecer para a humanidade. Algo que teve início há quase mil anos chega ao fim com a presente geração. Que Novron nos abençoe.

— Ele impressiona — disse Saldur a Galien.

— Você acha? — respondeu o arcebispo. — Ótimo, porque você virá conosco.

— Para a competição?

Ele assentiu.

— Preciso de alguém que sirva de contrapeso para Guy. Talvez você possa incomodá-lo tanto quanto me incomodou.

Arista hesitou diante da porta fechada, segurando uma vela. Podia ouvir Bernice lá dentro, correndo de um lado para o outro, fazendo a cama, despejando água na bacia e separando a camisola da princesa com o terrível jeito servil de sempre. Por mais cansada que estivesse, Arista não sentia vontade de abrir a porta. Tinha muito sobre o que refletir e não estava em condições de lidar com a criada naquele momento.

Quantos dias?

Tentou contá-los de cabeça, um por um, revendo suas lembranças daquele tempo nebuloso, entre a morte do pai e a do tio. Tanta coisa tinha acontecido e com tanta rapidez. Ainda se recordava da expressão pálida no rosto do pai, estirado sobre a cama com aquela gota de sangue na face e a mancha escura se espalhando pelo colchão embaixo dele.

Arista dirigiu um olhar desconcertado a Hilfred, que permanecia de pé atrás dela.

— Não quero ir dormir agora.

— Como quiser, senhorita — disse ele em voz baixa, como se compreendesse a necessidade de não despertar a criada-fera que estava do outro lado da porta.

Arista se pôs a caminhar a esmo. Desceu pelo corredor. Esse ato simples lhe proporcionou uma sensação de controle, de estar se dirigindo a algum local específico em vez de simplesmente se deixar levar. Hilfred a seguiu, três passos atrás, a espada batendo na coxa, um som que a princesa escutava havia anos, como se fosse o balanço de um pêndulo, contando os segundos de sua vida.

Quantos dias?

Sauly sabia que tio Percy mataria seu pai. Sabia antes mesmo que o assassinato ocorresse! Com que antecedência? Algumas horas? Dias? Semanas? Ele havia afirmado que tentara impedi-lo. Isso era mentira... tinha de ser. Por que não

expôs a trama? Por que não contou ao pai dela? Talvez Sauly tivesse contado. Talvez o pai tivesse se recusado a crer. Será mesmo que ela fora usada por Esrahaddon?

Mal iluminado, o salão fazia uma curva, seguindo o formato da torre. A falta de decoração surpreendeu Arista. Evidentemente, a Torre da Coroa era apenas uma parte do velho palácio, uma simples escadaria num canto. As rochas eram velhos blocos talhados séculos atrás. A aparência de todas as pedras era idêntica: encardida, coberta de fuligem e amarelada, como dentes envelhecidos. Ela passou diante de diversas portas e então se deparou com uma escada e começou a subi-la. Foi agradável a sensação de exercitar as pernas depois de ter passado tanto tempo parada.

Quantos dias?

Lembrou-se da busca a Alric comandada pelo tio. Lembrou-se de que ele a vigiava, de que dera ordens para que fosse seguida. Se Saldur sabia das intenções de Percy, por que não interveio? Por que permitiu que ela fosse trancafiada na torre e submetida àquele julgamento detestável? Será que Sauly teria permitido que ela fosse executada? Se ele tivesse se pronunciado, se a tivesse apoiado, ela poderia ter ordenado a prisão de Braga. A Batalha de Medford teria sido evitada, e toda aquela gente ainda estaria viva.

Quantos dias antes da morte de Braga Saldur ficara sabendo da trama... sem fazer nada a respeito?

Era uma pergunta sem resposta. Uma pergunta que ecoava em sua cabeça, uma dúvida que ela não tinha certeza se queria resolver.

E qual seria o motivo daquela conversa sobre a destruição da humanidade? Sabia que eles a consideravam ingênua. *Será que me consideram ignorante também?* Nenhum indivíduo detinha poder suficiente para escravizar toda a humanidade. Sem falar que a simples idéia de que tal ameaça partira do imperador era absurda. O homem já comandava o mundo inteiro!

A escada acabava num cômodo escuro e redondo. Ali não havia lamparinas nem tochas. A pequena vela que a princesa carregava era a única fonte de luz. Seguida por Hilfred, Arista se afastou da escada, entrando na coroa de alabastro próxima ao topo da torre. Imediatamente ela experimentou uma sensação de desconforto. Sentiu-se como a invasora de um local proibido. A rigor, nada havia ali que justificasse tal juízo, exceto, talvez, a escuridão. Contudo, ela parecia uma criança explorando um sótão... o silêncio, a sombria possibilidade da descoberta de algum tesouro perdido no tempo.

Como qualquer outra pessoa, ela havia crescido ouvindo sobre os tesouros de Glenmorgan supostamente escondidos no topo da Torre da Coroa. Sabia até de uma história segundo a qual os tesouros haviam sido roubados e devolvidos na

noite seguinte. Eram muitas as lendas sobre a torre, relatos de gente célebre aprisionada no topo. Hereges, como Edmund Hall, que teria descoberto a entrada para a cidade santa de Percepliquis e cuja punição foi passar o resto da vida trancado, isolado num local onde não pudesse revelar os segredos da cidade.

Tinha acontecido ali. Tudo tinha acontecido ali.

Ela deu a volta no recinto. O som das passadas ecoou com vigor no piso de pedra, talvez em consequência do teto baixo, ou talvez ela estivesse imaginando coisas. Arista levantou a vela e avistou uma porta do lado oposto. Era uma porta estranha. Alta e larga, e não era de madeira, como as demais, nem de ferro ou de aço. Era de pedra, um bloco único, aparentemente granito, um tanto incongruente diante das paredes de alabastro polido. Perplexa, ela contemplou a porta. Não havia tranca, maçaneta ou dobradiças. Pensou em bater. *De que adianta bater numa porta de granito? Vou apenas machucar a mão.* Encostando a mão à porta, ela empurrou. No entanto, nada aconteceu. Arista olhou para Hilfred, que permanecia calado, observando-a.

— Eu só quero ver a vista daqui de cima — explicou a princesa, perguntando-se o que ele estaria pensando.

Foi então que ouviu algo se arrastando, o ruído de um passo vindo de cima. Inclinando de lado a cabeça, ela ergueu a vela. Teias de aranha forravam o teto de madeira. Evidentemente havia alguém ou algo lá em cima.

O fantasma de Edmund Hall!

A idéia cruzou sua mente e ela sacudiu a cabeça, considerando-se uma tola. Talvez Arista devesse se enfiar embaixo das cobertas e pedir para tia Bernice contar uma historinha. Contudo, não conseguia deixar de se perguntar: o que haveria por trás daquela porta tão sólida?

— Oi?! — ecoou uma voz, e ela deu um pulo. Arista viu o brilho de uma vela subindo a escada e ouviu o ruído de passos. — Tem alguém aí em cima?

Seu primeiro desejo foi de se esconder, e ela teria tentado se tivesse onde se ocultar e se Hilfred não estivesse presente.

— Quem está aí? — Surgiu uma cabeça, subindo a curva dos degraus. Era um homem. Pelo aspecto, um sacerdote. Usava um manto negro e uma fita roxa cujas pontas pendiam de seu pescoço. Os cabelos eram ralos, e, do ângulo em que estava, Arista podia ver que a calvície já despontava no topo da cabeça dele, uma ilha bronzeada no meio de um oceano de cabelos grisalhos. Ele trazia uma lamparina erguida acima da cabeça e contemplou Arista com olhos semicerrados e uma expressão de perplexidade.

— Quem é você? — perguntou ele em um tom de voz neutro, nem ameaçador nem acolhedor, apenas curioso.

Ela sorriu um tanto encabulada.

— Meu nome é Arista, Arista de Melengar.

— Arista de Melengar? — disse ele, pensativo. — Posso saber o que a senhorita está fazendo aqui, Arista de Melengar?

— Sinceramente? Eu... bem... eu queria chegar ao topo da torre para contemplar a vista. E a primeira vez que venho aqui.

O sacerdote sorriu e então deu uma risada.

— A senhorita está fazendo um *tour*... é isso?

— Sim, acho que sim.

— E esse cavalheiro... também está fazendo o *tour*?

— Ele é o meu guarda-costas.

— Guarda-costas? — O homem estacou. — Todas as jovens de Melengar dispõem desse tipo de proteção quando viajam ao exterior?

— Eu sou a princesa de Melengar, filha do falecido rei Amrath e irmã do rei Alric.

— Ah! — exclamou o sacerdote, entrando na sala e se aproximando deles. — Foi o que pensei. A senhorita integrava o comboio que chegou esta noite, a dama que veio com o bispo de Medford. Eu vi a carruagem real, mas não sabia qual era o membro da família que ela transportava.

— E o senhor é...? — perguntou ela.

— Ah... sim, desculpe-me... sou monsenhor Merton de Ghent, nascido e criado logo ali embaixo, num vilarejo chamado Iberton, pertinho de Ervanon. A pesca é abundante em Iberton. Meu pai era pescador, a propósito. Pescávamos o ano inteiro, com redes no verão e varas no inverno. Um homem que aprende a pescar nunca passa fome, eu sempre digo. Acho que foi por isso que vim parar aqui... se é que a senhorita me entende.

Arista sorriu educadamente e olhou para a porta de pedra.

— Sinto muito, mas aquela porta não dá acesso ao exterior, e receio que a senhorita não possa ir até o topo. — Ele virou a cabeça em direção ao teto e baixou o tom de voz. — E lá que *ele* mora.

- Ele?

— Sua Santidade, o patriarca Nilnev. O topo desta torre é o santuário onde ele reside. Às vezes, subo até aqui só para ficar escutando. Quando tudo está quieto, quando o vento não está soprando, é possível ouvir seus movimentos. Certa vez, cheguei a pensar ter ouvido a voz dele, mas é possível que a impressão tenha

decorrido da minha vontade de ouvi-lo. E como se o próprio Novron estivesse lá em cima observando, cuidando de nós. Mas, se a senhorita quiser, eu sei de um local de onde se pode ter uma bela vista. Venha comigo.

O monsenhor deu meia-volta e desceu a escada. Arista olhou uma última vez, para a porta e o seguiu.

— Quando ele sai de lá de dentro? — perguntou Arista. — O patriarca...

— Ele não sai. Ao menos eu nunca vi. Ele vive em total isolamento... para melhor se unir a deus.

— Se ele nunca sai, como sabem que está lá dentro?

— Como? — Merton olhou para ela e deu uma risadinha. — Ah... ele fala com as pessoas. Tem encontros particulares com determinados indivíduos, que nos trazem a palavra dele.

— E quem são essas pessoas? O arcebispo?

— Às vezes, embora ultimamente os decretos do patriarca tenham chegado a nós por intermédio das sentinelas. — Ele fez uma pausa no meio da descida e se virou a fim de olhar para ela. — A senhorita sabe quem elas são, eu suponho.

— Sim — disse ela.

— Sendo uma princesa, eu pensei que soubesse.

— Na realidade, faz vários anos que não recebemos a visita de uma sentinela em Melengar.

— isso é compreensível. Restam poucas sentinelas, e é extensa a área que precisa ser coberta.

— Por que restam tão poucas?

— Sua Santidade não apontou novas sentinelas desde que ordenou Luis Guy. Acho que ele foi a última.

Essa foi a primeira boa notícia que Arista recebeu naquele dia. As sentinelas eram notórios cães de guarda da Igreja. Originalmente encarregadas de encontrar o Herdeiro, elas comandavam a célebre ordem dos cavaleiros de Seret. Esses cavaleiros faziam valer a vontade da Igreja — patrulhando tanto leigos como clérigos em busca de sinais de heresia. Quando os serets conduziam uma investigação, alguém sempre acabava incriminado e qualquer pessoa que protestasse terminava igualmente acusada.

Monsenhor Merton a conduziu a uma porta dois andares abaixo e bateu.

— O que é? — perguntou uma voz irritada.

— Queremos ver a vista — respondeu Merton.

— Não tenho tempo para você hoje, Merton. Vá amolar outra pessoa e me deixe em paz.

— Não é para mim. A princesa Arista, de Medford, está aqui e deseja ver a vista da torre.

— Ah... não é preciso — disse Arista, meneando a cabeça. — Não tem importância. Eu só...

A porta se abriu, revelando a figura de um homem obeso, sem um fio de cabelo sequer na cabeça. Estava todo vestido de vermelho e trazia uma corda dourada em volta da cintura avantajada. Limpava com uma toalha as mãos gordurosas e olhou atentamente para Arista.

— Por Mar! É uma princesa!

— Janison! — exclamou Merton. — Por favor, isso não é maneira de um prelado da Igreja se expressar.

O gorducho fez uma careta para Merton.

— Está vendo como ele me trata? Ele acha que sou o próprio Uberlin só porque gosto de comer e, de vez em quando, tomar uma bebidinha.

— Não sou eu quem o julga, mas o nosso mestre, Novron. Podemos entrar?

— Sim, sim, é claro... entrem.

O cômodo estava todo revirado, com roupas, pergaminhos e pinturas espalhados pelo chão ou pendurados em cestos e gaveteiros. Num canto havia uma escrivaninha e, no outro, uma mesa grande com o tampo inclinado. Sobre esta última havia uma pilha de mapas, além de tinteiros e dúzias de penas. Nada parecia estar no devido lugar ou mesmo *possuir* um lugar.

— Oh... — Arista quase disse *céus*, mas se conteve, percebendo que soaria como Bernice.

— Pois é... que bela vista, não? O prelado Janison não é o mais organizado dos homens.

— Sou meticuloso nos meus mapas, e isso é tudo o que importa.

— Não para Novron.

— A senhorita está vendo? E, é claro, não tenho condições de revidar. Como é possível competir com Sua Santidade, monsenhor Merton, que cura os enfermos e conversa com deus?

Arista, que seguia Merton pelo cômodo revirado em direção a uma parede coberta por uma cortina, deteve-se, pois foi tomada por uma recordação de infância. Olhando para Merton, ela se lembrou.

— O senhor salvou Fallon Mire?

— Ah! É claro que ele não lhe disse isso. Seria orgulho admitir que foi o escolhido pelo nosso mestre.

— Ah... pare com isso. — Agora foi a vez de Merton fazer uma careta.

— Foi o senhor? — perguntou ela.

Merton assentiu, dirigindo a Janison um olhar indignado.

— Eu ouvi a história toda. Eu tinha cinco ou seis anos quando a peste assolou Fallon Mire. O medo foi geral, pois a epidemia vinha do sul e se aproximava de Medford. Lembro que meu pai pensou em transferir a corte para Campos de Drondil, mas não chegou a fazê-lo. Não foi preciso, pois a peste não passou de Fallon Mire.

— Porque *ele* a dizimou — disse Janison.

— Não fui eu! — retorquiu Merton. — Foi Novron.

— Mas ele mandou *você* para lá, não foi?

Merton suspirou.

— Eu só fiz o que o mestre me mandou fazer.

Janison olhou para Arista.

— A senhorita está vendo? Como posso competir com um homem com quem deus escolheu conversar todos os dias?

— O senhor de fato ouviu a voz de Novron dizendo que fosse salvar o povo de Fallon Mire?

— Ele dirigiu meus passos.

— Mas você também fala com ele — insistiu Janison, olhando para Arista. — Ele não vai admitir isso, é claro. Se admitisse, seria uma heresia, e Luis Guy está logo ali embaixo. Ele pouco se importa com seu milagre. — Janison se sentou numa banquetta e deu uma risadinha. — Não, o bom monsenhor não vai admitir que tenha conversinhas com o mestre, mas tem. Eu já ouvi. Tarde da noite, pelos corredores, quando acha que todos estão dormindo. — Janison elevou a voz uma oitava, como se imitasse uma menina: — *Mestre, por que me mantém acordado com esta dor de cabeça se preciso trabalhar amanhã de manhã? O que significa isso? Ah... eu percebo... como o senhor é sábio.*

— Já basta, Janison — disse Merton em tom grave.

— Sim, já basta, monsenhor. Agora, aprecie logo a vista e me deixe em paz com minha ceia.

Janison pegou uma coxa de frango e recomeçou a comer enquanto Merton abria as cortinas, expondo uma janela magnífica, imensa, quase da mesma largura que a sala, sustentada por apenas três pilares de pedra. A vista era estonteante. A lua cheia iluminava a noite como se fosse uma luminária que pudesse ser alcançada e tocada, pendurada no meio de um punhado de estrelas cintilantes.

Arista apoiou uma das mãos no parapeito e olhou para baixo. Ao longe ela avistava a linha prateada e sinuosa de um rio, brilhando ao luar. Na base da torre, fogueiras circundavam a cidade, cabeças de alfinete que faiscavam como as próprias estrelas. Olhando diretamente para baixo, ela ficou tonta e seu coração disparou. Querendo saber a que distância estava do topo da torre, ela olhou para cima e contou mais três níveis de janelas até chegar à coroa branca de alabastro.

— Obrigada — disse ela a Merton e olhou para Janison.

— Esteja certa, Alteza. Ele está lá em cima.

Ela assentiu, sem saber ao certo se ele se referia a deus ou ao patriarca.

Capítulo 4

DAHLGREN



Durante cinco dias, Royce, Hadrian e Thrace seguiram para o norte, atravessando o anônimo oceano de árvores que delineava o limite oriental de Avryn, região disputada tanto por Alburn quanto por Dunmore. Cada um desses reinos reivindicava a extensa e densa floresta que os separava. Contudo, até o surgimento de Dahlgren, nenhum dos dois parecia ávido por povoar a região. A grande floresta, habitualmente identificada como "o Leste" ou "Mata Virgem", continuava intocada, íntegra, imaculada. A estrada por onde viajavam, que de início, ao norte de Alburn, era bastante larga, logo se transformou em dois caminhos paralelos, separados por uma camada de relva, e depois em uma trilha de terra que ameaçava se tornar imperceptível em breve. Não se viam cercas, nem sítios, nem tavernas rompendo a parede de árvores, e tampouco outros viajantes que cruzassem o caminho. Ali no nordeste os mapas eram imprecisos, com poucas indicações, e, depois do rio Nidwalden, ficavam completamente em branco.

Em certos momentos, a beleza da floresta era estonteante, quase espiritual. Olmos monolíticos se projetavam verticalmente, fechando-se num impressionante túnel verde. O local fazia Hadrian lembrar-se das poucas vezes em que estivera no interior da Catedral de Mares, em Medford. Árvores com troncos compridos formavam arcos sobre a trilha, como se fossem as colunas de uma grande igreja, construindo uma nave natural. Delicadas nesgas de uma luz branda perfuravam a abóbada, formando ângulos, como se entrassem através de uma galeria de janelas. No solo, mudas de samambaia brotavam na camada de folhas caídas no ano anterior, criando um tapete macio e ondulante. Um coro invisível de pássaros cantava nas alturas, e sobre a camada de folhas secas ouvia-se o roçar de esquilos e tãmiãs, como se fossem a tosse e os sussurros de uma congregação. Era ao mesmo tempo lindo e perturbador, como quando um nadador se afasta demais da praia, ou mergulha em locais inóspitos e desconhecidos.

Ao longo dos últimos dias, a viagem vinha ficando cada vez mais difícil. As recentes tempestades da primavera haviam derrubado várias árvores, que funcionavam tão bem quanto portões de castelos no bloqueio das estradas. Eles então desmontavam e tentavam avançar pela mata fechada, enquanto Royce procurava um caminho alternativo. Horas se passavam sem que pudessem voltar à trilha. Arranhados e suados, eles cruzaram a cavalo vários riachos e, numa ocasião, viram-se diante de um penhasco. De cima do rochedo, Hadrian lançou a Royce um olhar cético. Geralmente, Hadrian não questionava o senso de direção de Royce nem a rota por ele escolhida. O companheiro tinha uma habilidade infalível de se orientar na mata, comprovada em inúmeras ocasiões. Hadrian olhou para cima. Não dava para ver o sol nem o céu. Não havia qualquer ponto de referência... tudo eram galhos e folhas. Royce jamais o desapontara, mas eles jamais estiveram num lugar como aquele.

— Não se preocupem — disse Royce com um toque de irritação na voz.

Desceram pela encosta do penhasco, com Royce e Thrace puxando os cavalos pelos arreios enquanto Hadrian abria o caminho. Ao chegarem ao fundo, depararam-se com um córrego, mas não havia qualquer trilha. Novamente Hadrian olhou para Royce, mas dessa vez o ladrão não fez qualquer comentário, e o trio avançou por onde a mata era menos densa.

— Bem ali — disse Thrace, apontando adiante para uma clareira iluminada por um feixe de raios de sol que conseguira se esgueirar pela abóbada de árvores. Mais alguns passos e chegaram a uma estradinha. Royce olhou para a estrada, sacudiu os ombros, montou na Rata e esporeou a égua.

Emergiram da floresta como quem escapa de uma caverna profunda e vê o sol pela primeira vez depois de vários dias. Na clareira, ao lado de um poço, viram uma criança rodeada por oito porcos. A criança, que não devia ter mais de 5 anos, segurava um cajado comprido e fino e tinha uma expressão de espanto no rostinho redondo, coberto de poeira misturada com suor. Hadrian não saberia dizer se era um menino ou uma menina, pois não havia qualquer indicação de gênero e a criança usava apenas uma veste suja, de linho rústico, com tantos buracos e rasgões que parecia que a peça seguia alguma tendência da moda.

— Pearl! — chamou Thrace, desmontando de Millie com tamanha pressa que a égua tropeçou. — Estou de volta! — disse ela, acercando-se da criança e bagunçando-lhe os cabelos.

A menina — Hadrian imaginou que fosse um nome de menina — não prestou muita atenção em Thrace e continuou a fitar os dois homens com os olhos arregalados.

Thrace abriu os braços e fez um giro completo.

— Estamos em Dahlgren. Estou em casa!

Hadrian desmontou e olhou ao redor, confuso. Estavam no centro de uma pequena clareira coberta de relva, ao lado de um poço construído com tábuas mal-encaixadas, com um balde de madeira, encharcado e vazando, pendurado num suporte central. Outras duas trilhas cruzavam com aquela pela qual haviam chegado, formando um triângulo cujo centro era o poço. De todos os lados, a floresta os cercava. Árvores gigantescas ainda cobriam o céu, exceto pelo vão acima da clareira, através do qual Hadrian pôde avistar o azul pálido de um fim de tarde.

Com a mão em formato de concha, Hadrian pegou um pouco de água dentro do balde para lavar o rosto e Millie quase o derrubou no chão ao enfiar a cabeça dentro do balde, bebendo avidamente.

— Que sino é esse? — perguntou Royce, desmontando da Rata e gesticulando em direção às sombras.

Hadrian levantou os olhos, surpreso ao ver um enorme sino pendurado num braço oscilante, que, por sua vez, pendia do galho baixo de um carvalho. Hadrian deduziu que, pelo seu tamanho, Royce caberia de pé dentro dele. Do interior do sino pendia uma corda com vários nós amarrados.

— Que sino diferente! — disse ele. — Como é o som dele?

— Não toque esse sino! — exclamou Thrace. Hadrian deu meia-volta, erguendo as sobranceiras. — A gente só toca o sino em situações de emergência.

Hadrian voltou a olhar para o sino e percebeu, em relevo, as figuras de Maribor e Novron, bem como linhas horizontais com citações de escrituras religiosas.

— Este sino parece um tanto extravagante para... bem... — Ele olhou ao redor, contemplando a clareira vazia.

— Foi idéia do diácono Tomas. Ele sempre dizia: "Um vilarejo não é um vilarejo sem uma igreja, e uma igreja não é uma igreja sem um sino." O velho margrave completou a quantia que faltava e encomendou o sino para nós. Ele ficou pronto muito antes que a gente pudesse construir a igreja. O Sr. McDern pegou seu carro de boi e foi buscar o sino lá em Ervanon. Quando voltou, a gente não tinha onde pendurá-lo, e ele precisava descarregar o carro de boi. Foi idéia do meu pai pendurar o sino ali e usá-lo como alarme até que a igreja fosse construída. Aquilo foi uma semana antes de os ataques começarem. Naquele momento, ninguém imaginava o quanto o sino nos seria útil. — Durante alguns instantes, ela olhou fixamente para o grande sino e então acrescentou: — Detesto o som dele.

A brisa farfalhou as folhas e lançou um tufo de cabelo no rosto de Thrace. Ela o afastou e deu as costas para o carvalho e para o sino.

— Ali — ela apontou para o outro lado da trilha — é onde vive a maioria de nós. — Hadrian enxergou algumas estruturas escondidas nas sombras, no centro de uma leve depressão, por trás de uma cortina de vara-dourada e serralha. Eram pequenas edificações, com paredes de taipa, uma mistura de barro, palha e estreme. Os telhados eram de colmo, e as janelas não passavam de buracos nas paredes. A maioria das casas não tinha porta, e as entradas eram fechadas apenas com cortinas, que esvoaçavam ao vento, revelando o piso de chão batido. Ao lado de uma das residências, Hadrian viu uma pequena horta sobre a qual brilhava um único raio de sol.

— Aquela ali, na frente, é a casa de Mae e de Went Drundel — disse Thrace. — Bem... eu acho que a casa agora é só de Mae. Went e os rapazes... eles... foram levados já faz tempo. Aquela ali, à esquerda, com a horta, é dos Bothwick. Eu ajudei a cuidar de Thad e das gêmeas, mas Thad agora já tem idade para cuidar das gêmeas sozinho. Para mim, eles são como minha família. Lena e a minha mãe eram grandes amigas. Atrás da casa deles dá para ver o telhado da casa dos McDern. O Sr. McDern é o ferreiro da aldeia e dono da única parrelha de bois. Ele empresta os bois para todo mundo, então é muito requisitado na primavera. Do lado direito, a casa do balanço é da família Caswell. Maria e Jessie são minhas melhores amigas. Meu pai pendurou aquele balanço pouco depois que a gente se mudou para cá. Passei alguns dos melhores dias da minha vida ali.

— Onde é a sua casa? — perguntou Hadrian.

— Meu pai a construiu mais abaixo, na encosta da colina — respondeu ela, e gesticulou em direção a uma trilha que seguia para o leste. — Era a melhor casa... na realidade, o melhor sítio... da aldeia. Todo mundo dizia isso. Hoje em dia, não sobrou quase nada.

Pearl ainda os fitava, observando cada gesto.

— Oi! — disse-lhe Hadrian, sorrindo e se agachando —, meu nome é Hadrian e este aqui é o meu amigo Royce. — Pearl arregalou os olhos e deu um passo para trás, brandindo o cajado. — Você não é de muita conversa, certo?

— Os pais dela foram mortos há dois meses enquanto semeavam a horta — disse Thrace, lançando à menina um olhar de solidariedade. — Foi em plena luz do dia, e, como todo mundo, eles achavam que estavam seguros. Só que o dia estava feio, com o céu bastante nublado. — Thrace fez uma pausa antes de acrescentar: — Muita gente morreu aqui.

— Onde está todo mundo? — perguntou Royce.

— A esta hora, estão nos campos, colhendo feno, mas logo vão voltar. Já está ficando tarde. Pearl cuida de todos os porcos do vilarejo, não é mesmo, Pearl? — A menina assentiu com veemência, segurando o cajado com as mãos, sempre

de olho em Hadrian.

— O que tem lá em cima? — perguntou Royce. Ele se afastara da clareira e olhava trilha acima para o norte.

Hadrian o seguiu, deixando Millie com o balde, o rabo balançando para se defender de um obstinado bando de moscas. Passando por uma fila de pinheiros, ele avistou um aclave desmaiado a algumas centenas de metros. No cume via-se uma muralha feita de toras de madeira e, no centro, uma casa ampla do mesmo material.

— Aquele é o castelo do margrave. O diácono Tomas assumiu a administração até que o rei aponte um novo lorde. Ele é muito generoso e acho que não vai se importar se vocês usarem o estábulo, considerando que não há outros cavalos na aldeia. Por enquanto, vamos amarrá-los nas tábuas do poço e então podemos ir ao encontro do meu pai.

"Pearl, cuide das coisas deles e não deixe que os porcos cheguem perto. Se Thad, Hal ou Arvid chegarem antes que eu volte, diga a eles que levem os cavalos até o castelo e perguntem ao diácono se os animais podem ficar no estábulo, está bem?"

A menina assentiu.

— Ela fala? — perguntou Hadrian.

— Até que fala, mas não com muita frequência de uns tempos para cá. Vamos, vou levá-los até a minha... até o que era a minha casa. É provável que meu pai esteja lá. Não fica longe, e a caminhada é bastante agradável.

Ela os conduziu para o leste, por uma trilha que descia o morro passando atrás das casas. Enquanto seguiam para baixo, Hadrian pôde ver melhor a aldeia. Havia mais casas, todas provavelmente de um cômodo só, coberto por um telhado. Havia outras estruturas ainda menores, alguns dosadores de ração feitos de madeira sobre estacas para evitar o ataque de roedores. Além disso, existia algo que parecia um banheiro comunitário, que também carecia de porta.

— Vou pedir aos Bothwick que hospedem vocês. Também vou ficar na casa deles. Eles... — Thrace parou. Levou as mãos ao rosto e respirou fundo. Seus lábios tremeram.

Ao lado da trilha, não muito longe da casa que tinha o balanço, duas lápides de madeira estavam fincadas na terra ainda fresca. Entalhadas nas lápides liam-se os nomes de Maria e Jessie Caswell.

A propriedade da família Wood surgiu ladeira abaixo. Vários acres haviam sido desmaiados, a maioria ao pé da colina, onde crescia um exuberante trigo, plantado em fileiras perfeitamente retas. Um muro baixo, construído com pedras meticulosamente empilhadas, cercava o perímetro da plantação. Era um lindo

campo, com um solo escuro e rico, bem-arado, semeado e drenado.

A casa ficava no topo da colina, com vista para o trigal. A edificação estava em ruínas, sem telhado, e pedaços de colmo soprados pelo vento jaziam espalhados pelo quintal. Restavam somente algumas vigas de madeira e pilares lascados que se projetavam como ossos fraturados rasgando a carne. A metade inferior e a chaminé, construída de pedra bruta e irregular," estavam praticamente intactas. Algumas pedras haviam se desprendido do empilhamento e rolado, mas a maioria se mantinha misteriosamente intocada.

Alguns detalhes chamaram a atenção de Hadrian. Abaixo de uma das janelas havia uma floreira que estampava a imagem entalhada de um cervo. Na porta da frente, feita de carvalho maciço, não se via um único prego ou emenda. Em tons de cinza, rosa e bronze, as pedras que constituíam as paredes tinham sido perfeitamente talhadas. O caminho de acesso à entrada era ladeado por arbustos aparados em formato de cerca viva.

Theron Wood estava sentado no meio das ruínas de sua casa. O lavrador corpulento, de pele escura e curtida, tinha um pequeno tufo de cabelo grisalho acima de um rosto castigado pelo vento e pelo sol. Parecia fazer parte da própria terra, o tronco nodoso de uma grande árvore, a face de um penhasco marcado pela erosão. Firmando uma foice entre as pernas, ele se apoiava na última parede da construção, esfregando uma pedra de afiar na lâmina comprida e curva. A rocha ia e voltava contra o fio da lâmina enquanto ele contemplava o campo verde, lá embaixo, com uma expressão que, na percepção de Hadrian, só poderia ser definida como indiferença.

— Pai! Eu voltei! — Thrace correu até o velho lavrador e o abraçou. — Senti saudades.

Theron tolerou o abraço e encarou os visitantes.

— Esses são os sujeitos, então?

— São sim. Estes são Hadrian e Royce. Vieram lá de Colnora para nos ajudar. Vão pegar a arma sobre a qual Esra nos falou.

— Já tenho uma arma — rosnou o lavrador e voltou a afiar a lâmina. O ruído era frio e áspero.

— Isso aí? — perguntou Thrace. — Sua foice? O margrave tinha uma espada, um escudo e uma armadura, e ele...

— Não é a foice... tenho outra arma, bem maior, bem mais afiada.

Confusa, ela olhou ao redor. O velho não ofereceu qualquer explicação.

— Não preciso do que está naquela torre para matar o monstro.

— Mas o senhor me prometeu.

— E sou um homem de palavra — respondeu ele, raspando mais uma vez a pedra na lâmina. — A espera tornou a arma ainda mais afiada — disse ele, e imergiu a pedra num balde com água que estava ao seu lado. Em seguida, levou-a novamente ao fio da lâmina, mas se deteve e disse: — Todos os dias, quando acordo, vejo a cama de Thad e o berço de Hickory quebrados. Vejo os pedaços do barril que Thad fez, vejo os campos que semeei para ele... crescendo apesar de tudo. A melhor safra da década. Eu teria colhido mais do que o suficiente para pagar o contrato e as ferramentas. Até sobraria alguma coisa. Eu poderia ter construído uma oficina para ele. Talvez tivesse sobrado dinheiro até para uma placa e vitrines. E até uma porta com dobradiças e pinos. A oficina seria melhor que qualquer casa da aldeia. Melhor até do que o pavilhão. Quem passasse pela frente ficaria boquiaberto, perguntando-se quem seria o proprietário de uma oficina tão grande. Quem seria o grande tanoeiro da aldeia, que possuía uma oficina daquelas?

"Aqueles filhos da mãe de Glamrendor que não deixaram Thad trabalhar nunca teriam visto algo semelhante. A construção teria telhado de madeira e beirais com lambrequim, uma bancada de carvalho maciço e ganchos de ferro para pendurar lamparinas, para quando ele precisasse trabalhar até tarde da noite atendendo a algum pedido urgente. Os barris ficariam estocados num galpão ao lado da oficina. Um lindo galpão, do tamanho de um celeiro, e eu o pintaria de vermelho para que ninguém deixasse de vê-lo. E ele teria uma carroça também, mesmo que eu tivesse de construí-la com minhas próprias mãos. Assim ele poderia fazer entregas por toda a região de Avryn... até em Glamrendor. Eu mesmo faria as entregas, só para ver a surpresa e a raiva estampadas nas caras deles.

"'Bom dia!', eu diria, sorrindo como um crocodilo sem lábios. 'Mais uma entrega de barris fabricados por Thaddeus Wood, o melhor tanoeiro de Avryn.' Eles ficariam acuados e diriam palavrões. 'Isso mesmo, aquele meu filho não é lavrador, não, senhor. A começar por ele, os Wood vão se tornar artesãos e donos de oficinas.' O vilarejo cresceria. As pessoas começariam a se mudar para cá e abririam os próprios negócios. Mas o estabelecimento de Thad seria sempre o primeiro, o maior e o melhor. Isso eu haveria de garantir. Essa aldeia logo se tornaria uma cidade, uma bela cidade, e os Wood seriam a família mais próspera... uma família de comerciantes que apoiaria as artes e circularia em belas carruagens. Esta casa seria uma verdadeira mansão, por insistência de Thad, pois eu não me importo com esse tipo de coisa, não, senhor. Eu ficaria contente apenas acompanhando o crescimento de Hickory, vendo que ele aprendia a ler e a escrever... talvez um dia fosse nomeado juiz. Meu neto de toga! Sim, senhor, o juiz Wood iria para o tribunal numa bela carruagem e eu ficaria só admirando.

"É isso que eu vejo, todas as manhãs, quando me levanto. Fico sentado, olhando para este morro, vendo a cena completa. É logo ali, logo ali naquele trigal, bem na minha cara. Eu não capinei. Não trabalhei a terra, mas vejam só... a melhor safra que plantei na vida, crescendo a olhos vistos."

— Pai, por favor, volte conosco para a casa dos Bothwick. Está ficando tarde.

— Minha casa é aqui! — gritou o velho sem se dirigir à filha. Seus olhos ainda estavam cravados no trigal. Mais uma vez ele esfregou a pedra na lâmina. Thrace suspirou.

Seguiu-se um longo silêncio.

— Você e seus amigos podem ir. Prometi não sair em busca do monstro, mas sempre existe a possibilidade de o monstro vir atrás de mim.

— Mas pai...

— Eu já disse: você e seus amigos podem ir. Não preciso de vocês aqui.

Thrace virou-se para Hadrian, com os olhos cheios de lágrimas e os lábios trêmulos. Durante alguns instantes, ela hesitou. Em seguida, com um movimento brusco, saiu em disparada trilha abaixo, em direção à aldeia. Theron a ignorou. O velho lavrador inclinou a lâmina para o outro lado e prosseguiu afiando-a. Hadrian o observou por um momento enquanto o ruído da pedra sobre o metal abafava o som dos soluços de Thrace. Theron não ergueu os olhos, nem em direção a Hadrian nem em direção à trilha. O homem era mesmo uma rocha.

Hadrian encontrou Thrace algumas dezenas de metros trilha abaixo. Ela estava ajoelhada no chão, chorando. Seu corpinho tremia e os cabelos balançavam com o movimento. Hadrian tocou de leve o ombro da garota.

— Seu pai tem razão. Aquela arma está bastante afiada.

Royce os alcançou, carregando uma lasca de madeira. Olhou para Thrace com uma expressão de constrangimento.

— O que foi? — perguntou Hadrian antes que Royce dissesse algo insensível.

— O que acha disto aqui? — retrucou Royce, indicando a lasca, possivelmente um fragmento do madeirame da casa. A viga era larga e espessa, retirada do tronco de um carvalho antigo e sólido. O pedaço de madeira exibia quatro sulcos profundos.

— Marcas de garras? — Hadrian pegou a lasca e correu a mão pela superfície, com os dedos esticados. — Marcas de garras gigantescas.

Royce concordou.

— Seja lá o que for, é imenso. Então como é que ninguém ainda viu a tal fera?

— A noite aqui é muito escura — disse Thrace, enxugando a bochecha e se

pondo de pé. Uma expressão curiosa surgiu no seu rosto e ela foi até uma moita de sino-dourado que crescia na base de um bordo. Dando um passo hesitante, Thrace se abaixou e pegou algo que Hadrian imaginava ser um pedaço de pano manchado de verde pela relva. Depois que ela limpou as folhas e os gravetos, ele constatou que se tratava de uma velha boneca, cujos cabelos eram de fios de linha e os olhos eram assinalados em forma de X.

— É sua? — arriscou ele.

Ela assentiu sem falar nada. Passados alguns instantes, respondeu:

— Fiz esta boneca para Hickory, o filho de Thad. Foi presente da Festa do Inverno, o que ele mais gostava. Levava esta boneca para todo lado. — Retirando os últimos vestígios de relva, ela esfregou a boneca. — Está manchada de sangue. — A voz dela falhou. Apertando o brinquedo contra o peito, disse, à meia voz: — Ele está esquecendo que... eles eram minha família também.

Royce imaginou que ainda fosse fim de tarde quando regressaram ao centro do vilarejo, no entanto já estava ficando escuro, pois o sol invisível era rapidamente consumido pelas árvores. A menina e os porcos haviam desaparecido, assim como os cavalos e os apetrechos deixados aos cuidados dela. Onde eles estavam antes, agora o que havia era gente correndo de um lado para outro, com uma urgência que deixou Royce incomodado.

Os homens atravessavam a clareira carregando enxadas, machados e pilhas de lenha nos ombros. A maioria estava descalça, vestindo túnicas manchadas de suor. As mulheres vinham atrás, transportando feixes de gravetos, junco, capim e fibra de linho. Também estavam descalças, com os cabelos presos sob simplórias toucas de pano. Royce entendeu por que Thrace ficara tão entusiasmada com o vestido que eles tinham comprado para ela, pois as mulheres do vilarejo usavam vestes toscas, confeccionadas por elas próprias, todas no mesmo tom de bege, sem qualquer enfeite.

A população parecia nervosa e cansada, ávida por se livrar dos objetos que portavam e se abrigar no interior de seus lares. Quando os três se aproximaram da aldeia, um menino olhou para eles e parou. Trazia sobre o ombro uma enxada de cabo comprido, segurando-a com os braços.

— Quem são eles? — perguntou o garoto.

As palavras atraíram a atenção dos circundantes. Uma idosa, agarrada a um saco de gravetos, os encarou. Um homem de peito nu, com braços grossos e vigorosos, depôs o feixe de lenha e segurou com firmeza o machado. Esse sujeito sem camisa olhou para Thrace, que ainda enxugava os olhos, e avançou em direção ao trio, transferindo o machado para a mão direita.

— Vince, temos visita! — exclamou ele.

Um homem mais baixo e mais velho, de barba malfeita, olhou para eles e também depositou no chão o feixe que carregava. Em seguida, desviou o olhar para o menino que os vira primeiro.

— Menino, vai chamar seu pai. — O menino hesitou. — Vai logo, filho!

O menino saiu correndo em direção às casas.

— Thrace, querida — disse a idosa —, está tudo bem com você?

O homem mal barbeado os encarou.

— O que fizeram com você, menina?

Diante do avanço dos homens, Royce e Hadrian se juntaram, ansiosos, ambos olhando para Thrace. A mão de Royce escorregou para dentro das pregas da capa.

— Não, não! — gritou Thrace. — Eles não fizeram nada!

— Não é o que parece... você some durante semanas e volta chorando, vestida como...

Thrace balançou a cabeça.

— Está tudo bem comigo. O problema é com meu pai.

Os homens pararam. Dirigiram aos forasteiros olhares desconfiados, mas se voltaram para Thrace com simpatia.

— Theron é um bom sujeito — disse Vince. — É um homem forte. Ele vai superar tudo isso, você vai ver. Ele só precisa de um pouco de tempo.

Ela assentiu, mas foi um gesto forçado.

— Agora, quem são vocês dois?

— Estes são Hadrian e Royce — esclareceu Thrace finalmente. — Lá de Colnora, em Warric. Pedi a eles que viessem até aqui para nos ajudar. Este é o Sr. Griffin, o fundador do vilarejo.

— Cheguei aqui com um machado, uma faca... e pouco mais. Estas boas almas caíram na besteira de me seguir, pois eu disse que a vida aqui seria melhor e eles, em sua ingenuidade, acreditaram em mim. — Ele estendeu uma das mãos.

— Podem me chamar de Vince.

— Eu sou Dillon McDern — disse o homenzarrão de peito nu. — Sou o ferreiro da aldeia. Imagino que essa informação seja do seu interesse. Vocês têm cavalos, certo? Meus filhos disseram que levaram dois até o castelo.

— Esta é Mae — acrescentou Vince, apresentando a idosa. Ela meneou a cabeça com cerimônia. Agora que tinha ficado evidente que Thrace estava bem, a mulher relaxou e seu olhar se tornou triste e distante enquanto ela se afastava com sua trouxa de gravetos.

— Não se preocupem com ela. Ela... bem... Mae tem passado por momentos difíceis — disse ele, olhando para Dillon, que concordou.

O menino que tinha sido despachado voltou, acompanhado de mais um homem. Mais velho que McDern, mais jovem que Griffin e mais magro que ambos, ele caminhava arrastando os pés e semicerrava os olhos a despeito da penumbra. Trazia nas mãos uma leitoa, que esperneava para escapar.

— Por que você trouxe a leitoa, Russell? — perguntou Griffin.

— O menino disse que você precisava de mim... disse que era uma emergência. Griffin olhou para Dillon, que retribuiu o olhar e retraiu os ombros.

— E você acha que porcos são necessários em caso de emergência... é isso? Russell fez cara feia.

— Eu tinha acabado de pegar a leitoa. Pearl deixa a bichinha toda agitada. É muito difícil pegá-la no fim do dia. Eu é que não vou largá-la por aí, pois a noite não tarda. O que foi? Qual é a emergência?

— Acabou que não tem emergência nenhuma. Alarme falso — disse Griffin. Russell balançou a cabeça.

— Por Mar, Vince! Você quase me mata de susto. Só falta você tocar o sino só para ver as pessoas desmaiarem.

— Não foi de propósito — disse ele, inclinando a cabeça em direção a Royce e Hadrian. — A gente achou que esses dois sujeitos fossem causar alguma encrenca.

Russell olhou para eles.

— Forasteiros, hein? De onde vieram?

— De Colnora — respondeu Thrace. — Eu os convidei. Esra disse que eles poderiam ajudar meu pai. Eu gostaria que vocês o deixassem ficar aqui conosco.

Russell olhou para ela e respirou fundo, fazendo uma careta que repuxava os cantos de sua boca.

— Ah... tudo bem... pode deixar — disse Thrace, um tanto desconcertada. — Eu posso perguntar ao diácono Tomas se eles podem...

— É claro que eles podem ficar conosco, Thrace. Você nem precisava pedir. — Prendendo a leitoa embaixo do braço, ele acariciou uma das faces da menina. — E só que... bem... Lena e eu achamos que você tinha ido embora para sempre. Achamos que talvez tivesse encontrado um novo lar.

— Eu nunca abandonaria meu pai.

— Não, não... acho que não abandonaria mesmo. Você e seu pai... vocês são

muito parecidos. São como rochas... os dois... e Maribor que ajude o arado que se deparar com vocês no caminho.

A leitoa tentou escapar, contorcendo-se, esperneando e roncando. Russell a segurou com firmeza.

— Agora preciso voltar. Minha esposa deve estar me procurando. Vamos, Thrace, e traga os seus amigos. — Ele os conduziu em direção ao conjunto de casebres. — Pelo amor de Mar, menina! Onde consegui esse vestido?

Royce permaneceu onde estava enquanto os demais se puseram em movimento. Hadrian dirigiu a ele um olhar curioso, mas seguiu com o grupo. Royce permaneceu na trilha, imóvel, observando os aldeões correrem para vencer a escuridão da noite, buscando água, pendurando roupas, recolhendo animais. Pearl passou diante do poço, com a vara reduzida a dois porcos. Mae Drundel saiu de dentro de casa, sem a touca, com os cabelos grisalhos agora soltos. Ao contrário dos demais, ela caminhava com lentidão. Passou por uma das laterais da casa, onde Royce notou a presença de três marcas semelhantes às que encontrara na casa dos Caswell. Mae ficou parada durante alguns instantes, ajoelhou-se e então se levantou e voltou para dentro de casa. Foi a última residente do vilarejo a desaparecer atrás das portas.

Restaram apenas Royce e um homem que estava ao lado do poço.

O homem não era lavrador.

Royce percebera a presença do sujeito desde o momento em que tinham chegado. A figura alta e esbelta permanecia calada, ao lado do poço, nas sombras, quase invisível na escuridão. Os cabelos do sujeito caíam pelos ombros, castanhos, com alguns fios grisalhos. Tinha os ossos das faces proeminentes e olhos profundos e sombrios. Seu manto comprido e largo refletia os últimos raios do sol. Permanecia absolutamente imóvel. Sem dúvida, era um homem dotado de muita paciência, que sabia esperar.

Não parecia velho, mas não enganou Royce. Não tinha mudado muito nos dois anos que haviam passado desde que Royce, Hadrian, o jovem príncipe Alric e um monge chamado Myron haviam ajudado em sua fuga do Cárcere de Gutaria. A cor do manto estava diferente, mas continuava um tanto indiscernível. Royce achava que, naquele momento, o tecido cintilava em tons de turquesa e verde-escuro. Como sempre, as mangas eram compridas, escondendo a ausência das mãos. Usava barba, mas isso, evidentemente, era novidade.

Os dois se encararam, um de cada lado da clareira. Royce avançou, cobrindo em silêncio a distância que os separava. Eram dois fantasmas se encontrando numa encruzilhada.

— Faz tempo... Esra? Ou devo chamá-lo de Sr. Haddon?

O homem inclinou a cabeça para trás, erguendo os olhos.

— Para mim também é um prazer revê-lo, Royce.

— Como você sabe o meu nome?

— Sou um mago, ou você não percebeu isso no nosso último encontro?

Royce parou e sorriu.

— Sabe de uma coisa? Você tem razão... é possível que eu não tenha percebido. Talvez seja melhor deixar isso por escrito para eu não esquecer novamente.

Esrahaddon levantou uma das sobrancelhas.

— Está sendo um tanto áspero.

— Como você sabe quem eu sou?

— Bem, assisti ao espetáculo *A conspiração pela coroa* enquanto estava em Colnora. Achei o cenário ridículo e a orquestração infame, mas a história era boa. Adorei a arriscada fuga da torre, e o mongezinho era hilário... de longe meu personagem predileto. Gostei também de não haver um mago na história. Pergunto-me a quem devo agradecer o esquecimento... decerto não a você.

— Também não usaram nossos nomes verdadeiros. Então, mais uma vez: como sabe os nossos nomes?

— Como você descobriria seu nome, se fosse eu?

— Perguntaria a alguém que soubesse. Então, a quem você perguntou?

— *Você* me daria a resposta?

Royce franziu o cenho.

— Você alguma vez responde a uma pergunta com uma resposta?

— Desculpe, é um velho hábito. Durante a maior parte do tempo em que estive em liberdade, fui professor.

— Seu modo de falar mudou — comentou Royce.

— Agradeço a atenção. Esforcei-me bastante. Nos últimos dois anos, passei muitas horas dentro de tavernas, escutando conversas. Tenho talento para idiomas; falo vários. Ainda não sei todos os termos coloquiais, mas não tive dificuldade em assimilar questões gerais de gramática. Afinal, é a mesma língua. O dialeto que vocês falam é apenas... menos sofisticado que o que eu falava. É como falar com um sotaque rude.

— Então você descobriu a nossa identidade perguntando por aí e assistindo a espetáculos ruins e aprendeu a língua escutando a fala de bêbados. Agora, diga: por que está aqui e por que nos trouxe até aqui?

Esrahaddon se levantou e lentamente deu uma volta no poço. Em seguida, olhou

para o chão, onde a derradeira luz do sol vazava através das folhas de um álamo.

— Eu poderia dizer que estou me escondendo aqui, pois isso seria plausível. Poderia dizer também que ouvi falar do drama desta aldeia e que vim oferecer minha ajuda, pois é isso que os magos fazem. Evidentemente, nós dois sabemos que você não acreditaria nessas respostas. Portanto, vamos ganhar tempo. Por que *você* não me diz o que me traz aqui? Nesse caso, vai poder tentar avaliar, pela minha reação, se sua resposta terá sido correta, pois é isso que pretende fazer, não é mesmo?

— Todos os magos eram tão irritantes quanto você?

— Muito mais, creio eu. Eu era um dos mais jovens e afáveis.

Um menino, cujo nome Royce achava que era Tad, chegou correndo com um balde na mão.

— Está ficando tarde — disse ele com uma expressão de medo, enchendo o balde com água. A alguns metros de distância, Royce viu uma mulher puxando um bode teimoso para dentro de casa enquanto um menino empurrava o traseiro do animal.

— Tad! — gritou um homem, e o menino que estava no poço se virou abruptamente.

— Já vou!

Ele sorriu, saudou Royce e Esra com um meneio de cabeça, pegou o balde cheio de água e correu pelo mesmo caminho pelo qual que viera, derramando metade do conteúdo no trajeto.

Os dois ficaram novamente sozinhos.

— Acho que você está aqui porque precisa de alguma coisa de Avempartha — disse Royce ao mago. — E não acho que seja uma espada capaz de matar demônios. Está usando essa pobre menina e o infeliz do pai dela para nos atrair até aqui na expectativa de que possamos girar uma maçaneta, algo que você, obviamente, não pode fazer.

Esrahaddon suspirou.

— Estou decepcionado. Pensei que fosse mais esperto, e essas alusões constantes à minha deficiência são enfadonhas. Eu não estou *usando* quem quer que seja.

— Então quer dizer que existe mesmo uma arma dentro da torre?

— É exatamente isso o que quero dizer.

Royce o observou durante alguns instantes e então franziu o cenho.

— Não dá para saber se estou mentindo, não é? — Esrahaddon exibiu um sorriso presunçoso.

— Não acho que esteja mentindo, mas tampouco acho que esteja dizendo a verdade.

As sobranceiras do mago se ergueram.

— Agora... assim está melhor. Talvez ainda haja alguma esperança para você.

— Talvez exista uma arma dentro da torre. Talvez a arma seja capaz de matar essa... seja lá o que for que estiver acontecendo aqui... Mas é possível também que você tenha invocado a tal fera como desculpa para nos arrastar até aqui.

— É lógico — disse Esrahaddon, balançando a cabeça. — Seria uma manipulação mórbida, mas o raciocínio é lógico. Apenas um detalhe: se você se recorda, os ataques a esta aldeia começaram enquanto eu ainda estava na prisão.

Mais uma vez, Royce franziu o cenho.

— Então por que está aqui?

Esrahaddon sorriu.

— Uma coisa você precisa entender, meu jovem: magos não são fonte de informação. Saiba ao menos o seguinte: o lavrador Theron e a filha dele estariam mortos se eu não tivesse chegado aqui e mandado a menina buscar vocês dois.

— Tudo bem. O que o traz aqui não é da minha conta. Eu aceito isso. Mas por que eu estou aqui? Pode responder ao menos essa pergunta, não pode? Por que se dar o trabalho de descobrir nossos nomes e nos localizar, o que não deixa de ser impressionante, se qualquer ladrão poderia arrombar a fechadura e abrir a torre para você?

— Porque qualquer ladrão não serve. Você é o único ladrão que conheço que pode abrir Avempartha.

— Ou será que sou o único ladrão que você conhece?

— Vai ajudar se prestar atenção ao que estou dizendo. Você é o único ladrão que conheço que pode abrir Avempartha.

Royce o encarou.

— Um monstro está matando gente aqui indiscriminadamente — disse Esrahaddon com uma seriedade inusitada. — Nenhuma arma feita pela mão do homem é capaz de atingi-lo. Os ataques são à noite, e as vítimas morrem. Nada pode detê-lo, exceto a espada que está dentro da torre. É preciso que você penetre na torre e pegue essa espada.

Royce continuou a encará-lo.

— Você tem razão. Essa não é toda a verdade, mas é uma verdade e é tudo o que estou disposto a revelar... por enquanto. Para descobrir mais você vai precisar entrar na torre.

— Roubar espadas — murmurou Royce para si mesmo. — Certo. Vamos dar uma olhada nessa torre. Quanto mais cedo eu puder vê-la, mais cedo posso começar a xingar.

— Não — respondeu o mago, voltando a olhar para o solo, onde não se via mais qualquer vestígio do sol. Levantando a cabeça, ele contemplou o céu escuro. — A noite chegou e precisamos ficar dentro de casa. Iremos pela manhã, mas agora precisamos nos esconder junto aos demais.

Royce avaliou o mago por um momento.

— Sabe de uma coisa, quando o conheci, diziam que você era um mago temido, capaz de provocar raios e erigir montanhas, e agora você não consegue sequer lutar com um monstinho, nem abrir uma velha torre. Achei que fosse mais poderoso.

— Eu era — disse Esrahaddon, e pela primeira vez o mago ergueu os braços, deixando que as mangas escorregassem para trás, expondo os tocos onde antes havia mãos. — Fazer magia é um pouco parecido com tocar violino. Sem as mãos, fica bem difícil.

O jantar daquela noite foi caldeirada de legumes, um ensopado meio ralo de alho-poró, aipo, cebola e batata. Hadrian se serviu de uma porção pequena, que não saciou seu apetite, mas o prato se mostrou surpreendentemente saboroso, mesclando uma série de temperos exóticos que deixavam uma longa sensação picante na boca.

Lena e Russell Bothwick cumpriram a promessa de lhes oferecer o pernoite, uma generosidade que se tornou mais contundente quando os hóspedes constataram o desconforto do casebre. Os Bothwick tinham três filhos, quatro porcos, dois carneiros e uma cabra chamada Mammy, e todos se amontoavam num cômodo único. Os mosquitos também marcavam presença, substituindo as moscas no turno da noite. Era difícil respirar no interior da residência, considerando a fumaça, o cheiro dos animais e o vapor que exalava da caldeirada. Royce e Hadrian encontraram um cantinho, o mais próximo possível do vão da porta, e sentaram-se no chão batido.

— Eu não sabia nada sobre lavoura — disse Russell Bothwick. A exemplo da maioria dos homens do vilarejo, ele vestia uma camisa fina e roto que chegava até os joelhos, amarrado à cintura com um pedaço de corda. Exibia olheiras profundas, outra característica similar aos demais habitantes de Dahlgren. — Eu fabricava velas quando morava em Drismoor. E trabalhava como artífice numa oficina na rua Hithil. Foi Theron quem nos manteve vivos no nosso primeiro ano aqui. Teríamos morrido de fome, ou de frio, se não fosse por Theron e Addie Wood. Eles nos protegeram e nos ajudaram a construir esta casa. Foi Theron quem me ensinou a lavrar a terra.

— Addie fez o parto dos meus gêmeos — disse Lena enquanto servia as tigelas, que Thrace ia passando às crianças. As gêmeas e Tad, temporariamente transferidos para o sótão, estavam deitados em suas camas de palha, com os queixos apoiados nas mãos, observando a cena embaixo. — E Thrace nos ajudou a cuidar da criança.

— Não hesitamos nem um instante em acolher Thrace — disse Russell. — Eu queria que Theron também viesse, mas aquele homem é teimoso.

— Não paro de admirar esse vestido — repetiu Lena Bothwick, olhando para Thrace e balançando a cabeça. Russell resmungou algo, mas, como estava de boca cheia, ninguém o compreendeu.

Lena fez uma careta.

— Ora! É lindo mesmo!

Ela parou de falar no vestido, mas não desviou os olhos. Lena era uma mulher magra, com cabelos castanho-claros, curtos e lisos, o que lhe conferia um aspecto ligeiramente masculino. Seu nariz era tão pontiagudo que parecia capaz de furar um pergaminho. Tinha sardas e quase carecia de sobrancelhas. As crianças se pareciam com ela, todas com o mesmo cabelo curto, tanto o filho quanto as filhas, ao passo que Russell era totalmente desprovido de cabelo.

Thrace os entreteve com as histórias de suas aventuras na cidade grande, das belezas e das multidões que vira por lá. Contou que Hadrian e Royce a levaram a um hotel sofisticado. A informação provocou em Lena um olhar apreensivo, mas ela relaxou à medida que os detalhes foram sendo revelados. Thrace falou com empolgação acerca do banho quente numa banheira com sabonete perfumado e na noite dormida numa imensa cama com colchão de penas sob um teto de vigas sólidas. Não mencionou o Arco dos Mercadores nem o que aconteceu lá.

Lena ficou tão fascinada que quase deixou o restante da caldeirada ferver e transbordar na panela. Durante toda a refeição, Russell continuou a resmungar. Esrahaddon se sentou com as costas voltadas para a parede lateral, entre a roca e a desnataadeira de Lena. Seu manto assumira um tom cinza-escuro. Manteve-se tão quieto que mais parecia uma sombra. Thrace teve de dar a caldeirada na boca do mago.

Que situação, pensou Hadrian enquanto os observava. Qual será a sensação de ter sido tão poderoso e agora não ser capaz de sequer segurar uma colher?

Depois do jantar, enquanto ajudava Lena, guardando as tigelas lavadas numa prateleira, Thrace exclamou:

— Eu me lembro deste prato! — Um sorriso surgiu em seu rosto no momento em que ela encontrou o único prato de porcelana que havia na casa. A travessa ovalada, com um delicado acabamento azul, ficava guardada num canto do

armário, ao lado das demais relíquias de família. — Eu me lembro... quando eu era criança, Jessie e eu... — Ela se deteve e a casa se calou. Até as crianças se acietaram.

Lena parou de arrumar os pratos e abraçou Thrace. Hadrian notou rugas no rosto da mulher que até então haviam passado despercebidas. As duas ficaram diante do balde com água suja e choraram baixinho.

— Você não deveria ter voltado — sussurrou Lena. — Você deveria ter ficado lá naquele hotel, com aquela gente.

— Eu não posso abandoná-lo. — Hadrian ouviu a voz frágil de Thrace abafada pelo ombro de Lena. — Ele é tudo o que me resta.

Thrace se afastou um pouco e Lena se esforçou para dar um sorriso.

Agora estava totalmente escuro lá fora. Embora estivesse no vão da porta, Hadrian mal podia enxergar, apesar de haver uma nesga de luar aqui e ali. Vagalumes cintilavam, deixando rastros de luz. O restante se perdia na vasta negritude da floresta.

Russell pegou uma banquetta para se sentar diante de Royce e Hadrian. Acendendo um longo cachimbo de barro com uma lasquinha de madeira, ele comentou:

— Então vocês dois estão aqui para ajudar Theron a matar o monstro?

— A gente vai fazer o possível — respondeu Hadrian.

Russell deu algumas vigorosas baforadas no cachimbo para garantir a combustão e então apagou no chão batido a ponta acesa da lasquinha de madeira.

— Theron já tem mais de cinquenta anos. Ele conhece um forçado melhor do que ninguém, mas acho que nunca manejou uma espada. Agora, vocês dois me parecem o tipo de sujeitos bons de briga, e Hadrian... este aqui não tem só uma espada, tem três! Um homem que carrega três espadas, de um jeito ou de outro, sabe usá-las. Então, dois camaradas como vocês não vão querer ver um velho se matar.

— Russell! — repreendeu Lena. — Eles são nossos hóspedes. Você não precisa ser tão objetivo.

— É que não quero ver aquele velho idiota acabar com a própria vida. Se o margrave, acompanhado de seus cavaleiros, não teve a menor chance, o que vai ser de Theron? Um velho com uma foice... o que ele está tentando provar? Que é valentão?

— Ele não está tentando provar coisa alguma — disse Esrahaddon repentinamente, e sua voz calou o ambiente como um prato que se espatifa no chão. — Ele está querendo se matar.

— O quê? — perguntou Russell.

— Ele tem razão — disse Hadrian. — Eu já vi isso antes. Soldados, homens de coragem que simplesmente chegam a um ponto de saturação. A gota d'água pode ser qualquer coisa: mortes demais, a morte de um amigo ou até algo simples, como uma virada do tempo. Conheci um homem que comandou ataques em dezenas de batalhas. Mas, quando um cachorro de que ele gostava foi morto para alimentar a tropa, ele desistiu. Evidentemente, um soldado desse naipe não pode se render, se entregar. É preciso cair lutando. Então ele avança desprotegido numa batalha que não tem como vencer.

— Nesse caso eu não precisava ter desperdiçado o tempo de vocês — disse Thrace. — Se meu pai não quer viver, seja lá o que estiver dentro da torre não poderá salvá-lo.

Hadrian se arrependeu do que disse e acrescentou:

— A cada dia que seu pai permanece vivo, existe a possibilidade de ele reencontrar esperança.

— Seu pai vai superar essa situação, Thrace — disse Lena. — Aquele homem é duro como granito. Você vai ver.

— Mãe! — chamou uma das crianças que estavam no sótão.

Lena a ignorou.

— Não dê ouvidos ao que essa gente diz sobre o seu pai. Eles não o conhecem.

— Mãe.

— Sinceramente, dizer uma coisa dessas a uma menina logo depois de ela perder a família.

— Mãe!

— O que foi, Tad? — quase gritou Lena.

— Os carneiros. Olhe para os carneiros.

Todos notaram. Amontoados num canto, os carneiros tinham ficado quietos durante toda a refeição. Um montinho de lã de cuja existência Hadrian até esquecera. Agora eles se empurravam, querendo romper o cercadinho de madeira improvisado por Russell. O sino no pescoço de Mammy badalava enquanto a cabra se debatia. Um dos porcos correu em direção à porta, sendo pego por Thrace e Lena no último instante.

— Crianças. Desçam já aqui! — exclamou Lena num sussurro.

As três crianças desceram a escada com movimentos precisos, demonstrando muita prática. A mãe os arrebanhou no centro do casebre. Russell se levantou da banquetta e apagou o fogo com a água que fora usada para lavar a louça. A

escuridão era total. Ninguém falava. Do lado de fora, os grilos pararam de cricrilar. Os sapos se calaram no instante seguinte. Do lado de dentro, os animais continuavam inquietos. Mais um porco tentou escapar. Hadrian ouviu as patinhas do animal tamborilarem no piso, correndo em direção à porta. Ao lado, ele sentiu Royce se mexer. Em seguida, imperou o silêncio.

— Aqui... alguém... segure isto — murmurou Royce. Guiado pelo som das palavras, Tad se arrastou e pegou o porco das mãos de Royce.

Ficaram à espera.

O ruído começou baixo e abafado. Baforadas, foi o que pensou Hadrian, como um fole que atíça o fogo. Então se aproximaram, mais altas, mais concretas... profundas e vigorosas. Passaram a vir de cima, e Hadrian instintivamente olhou para o alto, mas não conseguiu enxergar além da escuridão do teto. Suas mãos envolveram os cabos das espadas.

Trump. Trump. Trump.

Aninhados no escuro, eles ouviram o ruído se afastar e então voltar. Uma pausa... silêncio total. Dentro do casebre, até o barulho da respiração se tornou inaudível.

Crac!

Hadrian teve um sobressalto, pois ouviu-se um tremendo estrondo, como se uma árvore houvesse explodido. Estalando, dilacerando, estilhaçando... irrompeu uma guerra de ruídos violentos. Um grito. Uma voz de mulher. O berro rasgou o ar da aldeia, histérico e frenético.

— Ah... Valei-nos, Maribor! E Mae — gritou Lena.

Hadrian se levantou imediatamente. Royce já estava de pé.

— Não se dêem o trabalho — disse Esrahaddon. — Ela já está morta, e vocês nada podem fazer. O monstro não pode ser ferido com suas armas. Ele...

Os dois já tinham saído.

Royce foi mais rápido, atravessou correndo a clareira em direção ao casebre de Mae Drundel. Hadrian não conseguia enxergar coisa alguma e se limitou a seguir o som das passadas de Royce.

Os gritos pararam... um fim pungente, abrupto.

Royce estacou e Hadrian quase o atropelou.

— O que foi?

— O telhado foi arrancado. As paredes estão todas lambuzadas de sangue. A mulher se foi. A coisa se foi.

— A coisa? Você chegou a ver algo?

— Através de uma fenda... foi só um segundo, mas foi o bastante.

Capítulo 5

A FORTALEZA



Com a primeira luz do dia, Royce e Esrahaddon saíram da aldeia por uma trilha. Desde que chegaram a Dahlgren, Royce notara um som distante, ininterrupto. Conforme se aproximavam do rio, o som ficava cada vez mais intenso. O Nidwalden era caudaloso, uma extensão de água verde e turbulenta, uma correnteza veloz que estourava contra as pedras. Royce parou e, durante alguns instantes, limitou-se a contemplar a cena. Avistou um galho de árvore no meio do rio, um punhado de folhas pretas e cinza, submergindo e emergindo, indefeso diante da correnteza. O galho escorregou, passando por sulcos entre as pedras, até desaparecer numa nuvem de vapor branco. No meio do rio, ele viu algo se projetando, quase imperceptível em meio à névoa e à sombra que as árvores faziam sobre a superfície da água.

— Precisamos descer o rio mais um pouco — explicou Esrahaddon, conduzindo Royce por uma trilha estreita rente à margem.

Mato alto brotava à beira do rio, cintilando com o orvalho, e pássaros cantavam melodias estridentes na agradável brisa matinal. Mesmo diante do rio turbulento e da lembrança ainda viva da casa destelhada e das paredes manchadas de sangue, o local passava a sensação de tranquilidade.

— Lá está ela — disse Esrahaddon em tom reverente no momento em que chegaram a uma clareira rochosa, de onde era possível avistar plenamente o rio. O leito era largo e a correnteza era intensa, desaparecendo na borda de uma súbita queda-d'água.

Posicionados perto da borda, contemplaram o vapor branco que subia das profundezas como uma neblina. No meio da correnteza, no limite da queda-d'água, uma gigantesca plataforma de pedra se projetava como a proa de um grande navio encalhado um segundo antes de despencar no precipício. Sobre aquele pedestal espantoso erguia-se a fortaleza de Avempartha. Construída inteiramente de pedra, a torre irrompia do terraço em direção ao céu. Um buquê de fragmentos compridos e finos se lançavam para cima como lascas de cristal

ou ranhuras de gelo, cuja base se perdia nas nuvens brancas e ondulantes de vapor e espuma. À primeira vista, parecia uma formação rochosa natural, mas um exame mais atento revelava a presença de janelas, passagens e escadarias cuidadosamente integradas à arquitetura.

— Como é que vou chegar até lá? — perguntou Royce, gritando para superar o barulho da correnteza enquanto sua capa se contorcia e se agitava como uma cobra.

— Esse é o primeiro dos problemas — gritou Esrahaddon de volta, nada mais oferecendo.

Será que isso é para me testar ou ele realmente não sabe a resposta?

Pisando nas pedras cujas superfícies se mantinham expostas, Royce foi descendo o rio até o ponto exato da queda. Ah o declive descia numa vertical de mais de 500 metros até o fundo do vale. Diante dele se descortinava uma visão de beleza incomparável. As cataratas eram magníficas. A potência do volume de água era hipnotizante. A torrente maciça azul-esverdeada fluía e cintilava para dentro do vapor branco ondulante, a voz do rio ribombava aos ouvidos, sacudindo o peito de Royce. Além da queda-d'água, no sentido sul, a paisagem era igualmente deslumbrante. Royce conseguia enxergar quilômetros à frente, observando o fluxo do rio, que serpenteava como uma cobra comprida e reluzente, arrastando-se pela mata verdejante até o Mar dos Goblins.

Esrahaddon se posicionou numa escarpa menos perigosa, margem acima, atrás de um paredão vertical de granito que o protegia das rajadas de vento e do vapor de água. Ao perceber uma linha rebaixada num conjunto de árvores que crescia a partir da margem do rio, Royce se aproximou do ponto onde o mago se posicionara. Uma seqüência de árvores parecia mais baixa que as que as cercavam, formando uma espécie de trincheira em meio às copas. Chegando lá, Royce constatou que o que pensava constituir uma vala no terreno era na realidade um grupo de árvores menos altas. O mais importante era o fato de que a seqüência formava uma perfeita linha reta. Velhas trepadeiras e espinheiros camuflavam a ondulação da superfície. Removendo um pouco da vegetação rasteira e algumas camadas de terra e folhas mortas, ele tocou numa base de pedra.

— Parece que aqui existia uma estrada — gritou ele, dirigindo-se ao mago.

— Existia. Antigamente, uma grande ponte cruzava o rio, permitindo acesso a Avempartha.

— O que aconteceu com a ponte?

— O rio — disse o mago. — O Nidwalden não se submete à ação do homem por muito tempo. É provável que a maior parte da ponte tenha sido tragada pela

correnteza, deixando o restante para cair.

Royce seguiu o caminho oculto até a beira do rio e ali ficou olhando para a torre, do outro lado da violenta torrente. Fluía diante dele um canal vasto e cinzento, cuja velocidade era disfarçada pelo volume. O cinza-escuro tornava-se um verde translúcido e vertiginoso ao atingir a borda. No instante em que se precipitava, a água explodia numa espuma branca, com bilhões de gotas esvoaçantes, e tudo o que ele ouvia era o estrondo.

— Impossível — murmurou Royce.

Ele retornou para o lado do mago e sentou-se na pedra aquecida pelo sol, contemplando a torre distante, que se projetava verticalmente em meio à nevoa onde brilhavam alguns arco-íris.

— Você quer mesmo que eu abra essa coisa? — perguntou o ladrão num tom sério. — Ou isso é alguma brincadeira?

— Não é brincadeira — respondeu Esrahaddon, recostado numa pedra, com os braços cruzados e os olhos fechados.

O aparente conforto do mago irritou Royce.

— Então é melhor você começar a dar mais detalhes do que sabe até agora.

— O que você quer que eu diga?

— Tudo... tudo o que souber sobre essa torre.

— Bem... vejamos... eu só estive aqui uma vez, muito tempo atrás. Era bastante diferente, é claro. Para começo de conversa, a ponte de Novron ainda existia e era possível caminhar até lá.

— Quer dizer que a ponte era o único acesso?

— Ah... não, não creio que fosse o caso. Ao menos, seria um contra-senso se fosse. Veja bem, os elfos construíram Avempartha antes que a humanidade existisse na face de Elan. Ninguém... ou melhor, nenhum ser humano sabe por que ou para quê. A localização da torre, aqui nas cataratas, voltada para o sul, para o que hoje chamamos de Mar dos Goblins, sugere a possibilidade de os elfos terem-na construído como fortaleza contra os Filhos de Uberlin... creio que vocês utilizem a expressão do idioma elfo "Ba Ran Ghazel", os *goblins do mar*. Mas isso é improvável, pois a torre os precede também. Talvez tenha existido uma cidade aqui. Há poucos vestígios dos feitos dos goblins em Apeladorn, mas eles possuíam uma cultura fabulosa, muito rica em termos de música, estética e a Arte.

— Quando você diz a *Arte*, quer dizer magia?

O mago abriu um dos olhos e franziu o cenho.

— Sim, e não me olhe desse jeito... como se magia fosse algo sujo ou perverso. Já me deparei vezes demais com esse tipo de olhar desde que consegui fugir.

— Bem, magia não é algo bem-visto pelas pessoas.

Esrahaddon suspirou e meneou a cabeça com um olhar grave.

— É desmoralizante ver o que aconteceu no mundo durante os anos em que estive encarcerado. Eu me mantive vivo e são porque sabia que um dia seria capaz de fazer minha parte para proteger a humanidade, mas agora vejo que o esforço quase não vale a pena. Quando eu era jovem, o mundo era um lugar incrível. As cidades eram magníficas. A sua Colnora não se qualificaria nem como favela na menor das cidades do meu tempo. Contávamos com um encanamento interno, registros controlavam o bom- beamento da água que abastecia as residências. Nossos sistemas de esgoto eram extensos e funcionais e, portanto, as ruas não fediam como fossas abertas. Os prédios tinham oito ou nove andares, alguns chegavam a doze. Tínhamos hospitais, onde doentes eram tratados e convalesciam. Tínhamos bibliotecas, museus, templos e escolas de todos os tipos. A humanidade desperdiçou o legado de Novron. É como dormir rico e acordar pobre.

Ele fez uma pausa.

— E então, vamos ao que você se refere levemente como magia. A Arte nos separava dos animais. Foi o maior êxito da nossa civilização. E a Arte não foi apenas esquecida, como também ultrajada. No meu tempo, os que eram capazes de praticá-la, invocar e dominar as forças naturais eram considerados agentes dos deuses, indivíduos sacro-santos. Hoje em dia, se alguém, por acaso, adivinha as condições climáticas do dia seguinte, é queimado em praça pública.

"Naquele tempo, as coisas eram bem diferentes. As pessoas eram felizes. Não havia famílias pobres morando nas ruas. Não havia camponeses miseráveis se matando de trabalhar por uma refeição, nem obrigados a viver em choupanas infestadas de moscas com três filhos, quatro porcos, dois carneiros e uma cabra, alimentados por um ensopado ralo à noite."

Esrahaddon olhou ao redor com uma expressão de tristeza.

— Na condição de mago, dediquei a vida ao estudo da verdade e à aplicação dela a serviço do imperador. Nunca encontrei tanta verdade, nem o servi com mais intensidade do que ao vir para cá. E no entanto, em vários sentidos, eu me arrependo. Ah... se eu tivesse ficado em casa! Estaria morto há muito tempo, mas teria gozado uma vida feliz, maravilhosa.

— Agora... sobre a torre?

O mago desviou o olhar para os elegantes pináculos visíveis acima da névoa.

— Avempartha foi o local da última batalha da Grande Guerra dos Elfos. Novron enxotou os elfos de volta à região do Nidwalden, mas eles resistiram no interior da torre. Novron jamais seria impedido por um curso de água e ordenou a

construção da ponte. Isso levou oito anos e custou a vida de muita gente que acabou caindo nas cataratas, mas, no fim das contas, a ponte foi completada. Depois disso, Novron precisou de mais cinco anos para tomar a fortaleza. O ato foi tão simbólico quanto estratégico, forçando os elfos a aceitar que nada poderia impedir Novron de varrê-los da face de Elan. Então aconteceu algo bastante curioso, algo que ainda não foi esclarecido. Consta que Novron tenha capturado o Chifre de Gylyndora e, por conseguinte, obtido a rendição incondicional dos elfos, que receberam ordens para destruir suas máquinas de guerra e cruzar o rio... para nunca mais voltar.

— Quer dizer que não havia ponte até Novron construir uma? Nem de um lado nem do outro?

— Não... e esse era o problema. Não havia como chegar à torre.

— E como os elfos chegaram?

— Pois é. — O mago assentiu.

— Então você não sabe?

— Sou velho, mas não tão velho assim. Novron está mais distante de mim no passado do que o meu tempo está de você.

— Quer dizer que a charada tem uma resposta. A questão é que a resposta não é óbvia.

— Você acha que Novron gastaria oito anos construindo a ponte se a resposta fosse óbvia?

— E o que faz você pensar que eu posso descobrir a resposta?

— Puro balpíte.

Royce olhou para ele com um ar de curiosidade.

— Você quer dizer "balpíte"?

O mago se irritou.

— Pelo jeito, ainda há algumas lacunas no meu vocabulário.

Royce vislumbrou a torre no meio do rio e se perguntou por que os serviços que envolviam roubo de espadas nunca eram simples.

O sepultamento de Mae Drundel foi melancólico e solene, embora do ponto de vista de Hadrian tenha parecido ensaiado. Não houve momentos desagradáveis, nenhuma hesitação quanto ao que dizer, nenhum tropeço. Cada um conhecia muito bem seu papel. Na realidade, os residentes de Dahlgren pareciam até carpideiros profissionais.

A fala do diácono Tomas foi o único momento personalizado do enterro, quando

ele mencionou a dedicação de Mae à falecida família e à Igreja. Mae foi o último membro da família a morrer. Seus filhos faleceram por causas naturais antes de completar 6 anos e o marido fora chacinado pelo monstro cinco meses antes. Em seu discurso, o diácono expressou o pensamento de quase toda a coletividade: embora a morte de Mae tivesse sido terrível, para ela própria talvez não se tratasse de algo tão ruim. Houve quem dissesse que nas últimas duas noites ela chegara a deixar uma convidativa vela acesa à janela.

Como sempre, não havia corpo, portanto a comunidade se limitou a fincar no solo uma lápide caiada com o nome de Mae marcado a fogo. A lápide ficou ao lado de outras, marcadas com os nomes *davie*, *firth* e *went drundel*.

Todos compareceram ao enterro, exceto Royce e Esrahaddon. Até Theron Wood apareceu, em respeito à morta. O velho lavrador parecia ainda mais abatido e infeliz que no dia anterior. Hadrian imaginou que ele não tivesse pregado os olhos durante a noite.

Depois do sepultamento, os residentes da aldeia compartilharam o almoço. Os homens arrumaram uma fileira de mesas de um lado a outro da clareira, e cada família trouxe um prato. Peixe defumado, morcela de porco temperada e carne de carneiro foram os mais requisitados. Hadrian se manteve a certa distância, encostado ao tronco de um cedro, observando as pessoas formarem fila.

— Sirva-se — disse Lena a ele.

— Pelo jeito, a comida não é muita. Tenho mantimentos na minha sacola.

— Bobagem, a gente não quer saber disso. Todo mundo tem de comer depois de um enterro. Esta seria a vontade de Mae, e para que serve um enterro se não for para demonstrar respeito pelo morto?

Ela o encarou até ele concordar e começar a procurar um prato em cima das mesas.

— Então aqueles cavalos que estão lá no estábulo do castelo pertencem a vocês?

— disse uma voz. Hadrian se virou e se deparou com um sujeito rechonchudo, vestindo paramentos de clérigo. Era a primeira pessoa que ele encontrava na aldeia que não parecia faminta. Ele tinha bochechas rosadas e saudáveis e, quando sorria, seus olhos quase se fechavam. Não parecia muito velho, mas os cabelos e a barba curta eram brancos como a neve.

— Se o senhor for o diácono Tomas, então sim — respondeu Hadrian.

— Sou eu. mesmo, e os animais não estão me causando problema algum. Sinto-me muito sozinho lá em cima do morro à noite, com todos aqueles cômodos vazios. Dá para ouvir cada barulhinho. O vento batendo na persiana, as vigas do teto rangendo... é desanimador. Agora, ao menos, quando ouço um barulho, tenho a quem culpar: os cavalos de vocês. Na verdade, como eles estão lá

embaixo, nos estábulos, eu duvido que possa ouvi-los... mas posso fingir que ouço, não posso? — O diácono deu uma risadinha. — Falando sério, lá em cima é muito triste. Estou acostumado a conviver com pessoas, e o isolamento do castelo é um peso — continuou enquanto enchia o prato com carne de carneiro.

— Deve ser difícil para o senhor. Mas aposto que a comida é boa. A nobreza sabe estocar uma despensa muito bem, não é?

— Bem... sim, claro — respondeu o diácono. — Na verdade, o margrave tinha uma bela quantidade de carne defumada, sem falar em cerveja e vinho, mas eu só consumo o necessário, é claro.

— Claro — concordou Hadrian. — Só de olhar para o senhor, já é possível ver que não é o tipo de homem que se presta a tirar vantagem. Foi o senhor que forneceu a cerveja para o almoço depois do enterro?

— Oh, não — respondeu o diácono, estupefato. — Eu não me atreveria a desfalcocar o castelo com algo assim. Como você acaba de dizer, não sou homem de tirar vantagem, e o estoque não é meu. Portanto, não posso fazer doações, certo?

— Entendo.

— Ora! Veja só este queijo — disse o diácono, pegando uma fatia e a enfiando na boca. — Uma coisa eu tenho de admitir — continuou ele, falando de boca cheia. — Dahlgren sabe fazer um enterro.

Quando chegaram ao fim da mesa, Hadrian procurou um local para se sentar. Os poucos bancos estavam ocupados por pessoas que comiam com o prato no colo.

— De pé, crianças! — exclamou o diácono, dirigindo-se a Tad e Pearl. — Vocês não precisam ocupar um banco. Vão se sentar na grama. — Os dois fizeram caretas, mas levantaram. — Você é Hadrian, não é? Venha se sentar aqui e dizer o que um homem que possui um cavalo e três espadas está fazendo em Dahlgren. Suponho que não seja nobre, pois, se fosse, teria batido à minha porta ontem à noite.

— Não, não sou nobre, mas sua pergunta gera outra pergunta: como foi que o senhor herdou o castelo?

— Hein? Herdar? Ah... não herdei coisa alguma. Apenas me compete, como servidor público, prestar auxílio em momentos de crise como o que agora vivemos. Quando o margrave e seus homens pereceram, eu sabia que caberia a mim cuidar deste rebanho em apuros e zelar pelos interesses do rei. Então enfrento as dificuldades e faço o que posso.

— Por exemplo?

— Como? — perguntou o diácono enquanto fincava os dentes num pedaço de

carne de carneiro que deixou seus lábios e suas faces brilhando de gordura.

— Qual foi o auxílio que o senhor prestou?

— Ah... bem... vejamos... mantenha o castelo limpo, o quintal em ordem e a horta devidamente aguada. É preciso ficar atento às ervas daninhas, sabe, ou a horta inteira acaba engolida e nenhum legume sobrevive. E nem queira saber, isso acaba com as minhas costas. E minhas costas nunca foram das melhores.

— Eu estava me referindo aos ataques. Que medidas tomou para resguardar a aldeia?

— Ora! — disse o diácono, dando uma risadinha. — Eu sou um clérigo, não um cavaleiro. Nem sei direito como se segura uma espada e não tenho um exército de cavaleiros à minha disposição, tenho? Portanto, além de rezar com fervor, não tenho condições de *tomar medidas* nesse caso.

— Chegou a considerar a possibilidade de deixar que os residentes passassem a noite no castelo? Seja lá o que for, essa criatura não é detida por telhados de colmo, mas, segundo me parece, o castelo tem um telhado firme e paredes espessas.

O diácono balançou a cabeça, ainda sorrindo para Hadrian, como um adulto olha para uma criança que pergunta por que existe gente pobre no mundo.

— Não, não, isso não seria possível... de jeito nenhum. Tenho certeza de que o próximo lorde que ocupá-lo não gostaria que uma aldeia inteira se apropriasse do seu lar.

— Mas está ciente de que é responsabilidade do lorde proteger seus súditos, não está? É por isso que os súditos pagam impostos. Se o lorde não está disposto a protegê-los, por que os súditos haveriam de honrá-lo com dinheiro, colheitas ou mesmo respeito?

— Talvez não tenha percebido — respondeu o diácono —, mas no momento estamos sem lorde, aguardando a chegada do próximo.

— Quer dizer que pretende suspender a cobrança de impostos enquanto os habitantes do vilarejo estiverem sem proteção?

— Bem... não foi isso que eu quis dizer...

— Então pretende assumir as responsabilidades de intendente?

— Bem... eu...

— Então compreendo seu receio de extrapolar sua autoridade e abrir o castelo para a aldeia, portanto tenho certeza de que vai abraçar a outra opção.

— Outra opção?

O clérigo havia levado à boca mais um pedaço de carne de carneiro, mas estava

tão perplexo que ainda não o havia mordido.

— Sim, na condição de intendente e lorde interino, cabe ao senhor proteger a aldeia, e, visto que convidar os habitantes para passar a noite no castelo está fora de cogitação, suponho que reste ao senhor sair em campo para combater o monstro.

— Combater o monstro? — Ele deixou cair no colo o pedaço de carne. — Eu não acho que...

Antes que ele pudesse dizer qualquer outra coisa, Hadrian prosseguiu.

— A boa notícia é que, nesse caso, eu posso ajudá-lo. Tenho uma espada sobressalente se o senhor não tiver uma arma e, como o senhor foi tão generoso ao deixar que eu abrigasse meu cavalo em seu estábulo, o mínimo que posso fazer é emprestar a espada. Com ela, o senhor poderá combater a criatura. Ouvi dizer que a toca do monstro já foi localizada; sendo assim, parece uma simples questão de...

— Eu... eu não disse que abrigar os residentes da aldeia no castelo durante a noite está fora de cogitação — disse o diácono, elevando a voz e interrompendo Hadrian. Várias cabeças se viraram. Ele baixou o tom de voz e acrescentou: — Eu disse apenas que era algo que eu precisava considerar com cautela. Sabe, o fardo da liderança é pesado e preciso avaliar as conseqüências de todos os meus atos, pois eles podem ser tanto benéficos quanto danosos. Não, não... não convém se precipitar nesse tipo de situação.

— Isso é bastante compreensível e bastante sensato, devo dizer — concordou Hadrian, falando num tom de voz audível para quem estivesse perto. — Mas o margrave foi morto há mais de duas semanas, e com certeza o senhor já tem uma posição.

O diácono percebeu os olhares interessados de diversos aldeões. Os que já haviam terminado a refeição se aproximaram. Um deles era Dillon McDern, que, sendo mais alto do que os demais, pôde observar o grupo todo.

— Eu... bem...

— Pessoal! — gritou Hadrian. — Venham até aqui. O diácono quer conversar conosco sobre a defesa do vilarejo.

A população enlutada, com os pratos nas mãos, formou um círculo em volta do poço. Todos os olhos se voltaram para o diácono Tomas, que, de repente, começou a parecer um coelho indefeso preso numa armadilha.

— Eu... bem... — o diácono começou a falar e então arriou os ombros e disse, em alto e bom som: — Diante dos recentes ataques às residências, todos estão convidados a passar as noites protegidos no interior do castelo.

A multidão se pôs a murmurar, e então Russell Bothwick perguntou:

— Vai ter lugar para todo mundo?

O diácono pareceu prestes a reconsiderar quando Hadrian se levantou.

— Tenho certeza de que há lugar suficiente para todas as mulheres e crianças e para a maioria dos homens casados. Os solteiros acima de treze anos podem dormir nos estábulos, na casa de defumação e em outros prédios de uso comum. Todos têm paredes e telhados mais sólidos do que qualquer casebre da aldeia.

Os habitantes do vilarejo começaram a se aglomerar, bastante interessados.

— E nossos animais? Vamos abandoná-los ao prazer do monstro? — perguntou outro camponês. Hadrian não o reconheceu. — Sem animais, não teremos carne, nem lã, nem terras aradas.

— Preciso pensar em Amble e Ramble — disse McDern. — Dahlgren ficaria numa situação lastimável se eu deixasse alguma coisa acontecer com aqueles bois.

Hadrian subiu na borda do poço, posicionando-se acima dos aldeões e apoiando-se na roldana.

— Tem lugar suficiente no pátio interno para os animais, onde eles ficarão mais seguros que nas casas de vocês. Lembrem-se: juntos estaremos seguros. Se a pessoa fica sozinha, no escuro, é fácil ser levada, mas a criatura não vai se atrever a entrar num castelo cercado, em cujo interior há uma aldeia inteira. E podemos fazer fogueiras do lado de fora dos muros para garantir mais luz.

A sugestão provocou espanto.

— Mas a luz atrai a criatura!

— Bem, pelo jeito, a criatura não tem a menor dificuldade em encontrar vocês no escuro.

Os aldeões desviaram o olhar de Hadrian para o diácono Tomas e em seguida voltaram a se fixar em Hadrian.

— Como você sabe? — indagou alguém no meio da multidão. — Como sabe essas coisas? Você nem é daqui. Como é que sabe disso?

— O monstro é um demônio de Uberlin! — gritou alguém cuja voz Hadrian não reconheceu.

— Você não pode conter o monstro! — gritou uma mulher à direita. — Reunir todo mundo no mesmo lugar pode até facilitar uma chacina geral.

— A criatura não quer matar todos vocês ao mesmo tempo e não é um demônio — garantiu Hadrian aos habitantes do vilarejo.

— Como sabe disso?

— Ela só mata um ou dois... Por quê? Se é capaz de destruir a casa de Theron

Wood e, em questão de segundos, arrancar o telhado da casa de Mae Drundel, poderia facilmente arrasar a aldeia inteira numa noite, mas ainda assim não o fez. E não faz isso porque não pretende matar todos vocês. Está matando para se alimentar. O monstro não é um demônio, é um predador. — Os aldeões avaliaram essas palavras, e, enquanto refletiam, Hadrian prosseguiu: — O que sei sobre essa tal criatura é que nunca foi vista e que nenhuma vítima sobreviveu. Bem, isso não me surpreende nem um pouco. Como vocês esperam sobreviver se ficam isolados, no escuro, esperando para serem devorados? O monstro nunca foi visto porque não quer ser visto. Como qualquer predador, ele fica escondido até o momento do bote; e, como qualquer predador, busca a presa mais fraca. Procura o desgarrado, o mais jovem, o mais velho ou o mais doente. E vocês têm se dividido, propiciando à fera pequenas refeições. Vocês têm se oferecido de uma forma irresistível. Se ficarmos juntos, talvez o monstro prefira sair à noite para caçar um cervo ou um lobo em vez de pessoas.

— E se você estiver enganado? E se o monstro nunca foi visto porque é um demônio invisível? Ele pode ser um espírito invisível que se alimenta de medo. Não é verdade, diácono?

— Ah... bem... — começou a dizer o diácono.

— Poderia ser, mas não é — garantiu Hadrian.

— Como você sabe disso?

— Porque meu parceiro o viu ontem à noite.

A afirmação pegou a multidão de surpresa, e imediatamente ouviu-se um burburinho generalizado. Hadrian reparou que Pearl, sentada na relva, o encarava. Várias pessoas começaram a fazer perguntas, falando ao mesmo tempo, e Hadrian fez um aceno de mão, pedindo que se acalmassem.

— Como era a criatura? — perguntou uma mulher de rosto queimado de sol e lenço branco na cabeça.

— Como não fui eu quem viu o monstro, prefiro que Royce responda. Ele vai estar de volta antes que escureça.

— Como é que ele pôde ver se estava escuro? — perguntou um dos camponeses mais velhos em tom cético. — Eu olhei lá para fora assim que ouvi o grito, e estava tão escuro quanto o fundo desse poço aí embaixo de você. É impossível que ele tenha enxergado qualquer coisa.

— Ele viu o porco! — gritou Tad Bothwick

— O que foi, menino? — perguntou Dillon McDern.

— O porco, lá em casa, ontem à noite — disse Tad com uma voz nervosa. — Estava tudo escuro e o porco saiu correndo, mas ele viu e conseguiu agarrar o porco.

— Foi isso mesmo — lembrou Russell Bothwick — A gente tinha acabado de apagar o fogo, e eu não conseguia nem ver a minha mão diante da minha própria cara, mas ele agarrou um porco que estava fugindo. É possível que tenha visto alguma coisa.

— A questão — prosseguiu Hadrian — é a seguinte: teremos mais chance de sobreviver se ficarmos juntos. Agora, o diácono teve a bondade de nos convidar para dividir com ele a proteção de paredes e de um telhado sólidos. Acho que devemos acatar a sabedoria do homem e começar logo a providenciar a nossa transferência e juntar lenha antes que a noite chegue. Ainda temos bastante tempo para fazer algumas belas fogueiras.

Os aldeões agora olhavam para Hadrian e assentiam. Ainda havia algumas expressões de descrença, mas até os céticos indicavam algum sinal de esperança. Pequenos grupos se formaram, conversando e planejando a transferência para o castelo. Hadrian voltou a se sentar e começou a comer. Não era muito fã de morcela, e preferiu o peixe defumado, que estava delicioso.

— Vou levar os bois — disse McDern. — Brent, vá buscar a carroça e traga o machado também.

— A gente vai precisar de pás e da serra de Went — disse Vince Griffin. — Ele sempre mantinha a serra afiada.

— Vou mandar Tad pegar a serra — anunciou Russell.

— É verdade? — Hadrian parou de comer, ergueu os olhos e viu que Pearl estava de pé diante dele. O rosto da menina estava tão sujo quanto no dia anterior. — O seu amigo... ele agarrou mesmo um porco no escuro?

— Se você não acredita em mim, pergunte a ele hoje à noite. Olhando por cima da cabeça da menina, Hadrian avistou Thrace, que estava sentada, sozinha, trilha abaixo, em frente aos túmulos da família Caswell. Ele notou que ela enxugava o rosto com as mãos. Hadrian colocou o prato vazio sobre a mesa, sorriu para Pearl e se aproximou de Thrace. Ela não levantou a cabeça, portanto ele se agachou ao lado dela.

— O que foi?

— Nada. — Ela meneou a cabeça, escondendo o rosto entre os cabelos. Hadrian olhou trilha abaixo e então voltou a contemplar os aldeões.

As mulheres estavam guardando a comida que havia sobrado enquanto os homens reuniam as ferramentas. Todos se mostravam apressados.

— Onde está seu pai? Eu o vi mais cedo.

— Voltou para casa — disse ela, fungando.

— O que ele falou para você?

— Eu já disse... não foi nada. — Ela se levantou, ajeitou o vestido e enxugou os olhos. — Preciso ajudar na limpeza. Com licença.

Hadrian entrou na clareira e mais uma vez deparou-se com os escombros da casa da família Wood. As vigas de sustentação do teto estavam inclinadas, a taipa estava rachada, e o colmo, estragado. *Assim são os sonhos destruídos.* A propriedade parecia amaldiçoada, assombrada por fantasmas, sem que um dos espíritos estivesse em casa. Não havia qualquer sinal do velho lavrador, e a foice jazia abandonada, encostada a uma parede em ruínas. Hadrian aproveitou a oportunidade para ver o mobiliário despedaçado, os armários quebrados, as roupas rasgadas, as manchas de sangue.

Uma cadeira perdida estava no meio dos escombros, ao lado de um berço de macieira.

Theron Wood chegou logo depois, vindo do rio, carregando um cabo de madeira pendurado nos ombros com dois baldes cheios de água, um em cada ponta. Não hesitou ao avistar Hadrian diante das ruínas da casa. Passou por ele sem se deter. Depôs os baldes no chão e procedeu a despejar a água dentro de três grandes jarras.

— Você já voltou? — perguntou ele sem erguer os olhos. — Ela me disse que pagou moedas de prata para vocês virem até aqui. É isso o que fazem? Tiram vantagem de mocinhas? Pegam o dinheiro suado delas, e então comem o alimento da aldeia? Se veio aqui para ver se consegue arrancar mais algumas moedas de mim, vai se decepcionar.

— Não vim aqui à procura de dinheiro.

— Não? Então por quê? — perguntou ele, despejando a água do segundo balde. — Se veio para pegar a tal espada, ou porrete, ou seja lá o que aquele maneta louco acha que existe dentro da torre, não deveria estar tentando atravessar a correnteza a nado?

— Meu parceiro está lidando com o assunto neste momento.

— Ah... então ele é o nadador, não é? E quem é você? O cara que arranca dinheiro de camponeses miseráveis? Conheço a sua laia... assaltantes de estrada e vigaristas... vocês intimidam as pessoas para fazer com que paguem pela própria sobrevivência. Bem, desta vez a coisa não vai funcionar, amigo.

— Já disse que não vim por causa de dinheiro.

Theron deixou o balde no chão e virou-se para Hadrian.

— Então por que veio?

— Você foi embora do enterro mais cedo, e achei que não tivesse sabido da notícia de que a população da aldeia vai pernoitar dentro do castelo.

— Obrigado pelo aviso. — Ele deu as costas a Hadrian e tampou as jarras. Quando terminou, levantou os olhos, irritado. — Por que ainda está aqui?

— O que sabe sobre combate? — perguntou Hadrian.

O camponês arregalou os olhos.

— Isso é da sua conta?

— Conforme você mesmo comentou, sua filha pagou ao meu parceiro e a mim para ajudá-lo a matar esse monstro. Meu parceiro está empenhado em conseguir para você uma arma adequada. E eu estou aqui para ensinar a usá-la, quando ela chegar.

Theron Wood passou a língua nos dentes.

— Você resolveu que vai me ensinar coisas, é isso?

— Algo assim.

— Não preciso de nenhum treinamento.

Ele pegou os baldes, o cabo de madeira, e começou a se afastar.

— Você não sabe nada sobre combate. Algum dia já empunhou uma espada?

Theron rodopiou e o encarou.

— Não, mas já lavrei cinco acres num dia. Já rachei duas pilhas de lenha numa manhã. Sobrevivi ao ser surpreendido por uma tempestade de neve a treze quilômetros de casa e perdi toda a minha família numa noite! *Você* já fez alguma dessas coisas?

— Não foi *toda* a sua família — lembrou Hadrian.

— Os que eram importantes.

Hadrian sacou a espada e avançou em direção a Theron. O velho lavrador observou o avanço com indiferença.

— Esta é uma espada bastarda, uma espada de mão e meia — disse Hadrian, deixando a arma aos pés do camponês e afastando-se dez passos. — Acho que vai bem com o seu porte. Pegue a espada e me ataque.

— Eu tenho mais o que fazer e não vou ficar brincando com você — disse Theron.

— Assim como teve coisas mais importantes para fazer que o impediram de proteger sua família naquela noite?

— Cuidado com a língua, menino!

— Assim como você protegeu seu neto indefeso? O que foi que aconteceu de verdade, Theron? Por que ficou trabalhando até mais tarde naquela noite? E não me venha com essa conversa-fiada de que queria ver o sucesso do seu filho.

Estava querendo ganhar mais dinheiro neste ano por causa de algo que *você* queria. Algo que queria tanto que deixou sua família morrer por isso.

O camponês pegou a espada, inflando as bochechas, empinando os ombros e dizendo, entre dentes:

— Eu não deixei a minha família morrer. Não fui eu!

— O que obteve em troca, Theron? Um sonho idiota? Você pouco se importava com seu filho; você só se importa consigo mesmo. Você queria ser avô de um juiz. Queria ser o figurão, não é? E faria qualquer coisa para concretizar esse sonho. Ficou trabalhando até tarde. Não se fez presente. Estava no campo quando o monstro chegou... e tudo por causa dos seus sonhos, das suas vontades. Foi por isso que deixou seu filho morrer? Você nunca se importou com nenhum deles. Não é verdade? Só quer saber de você mesmo.

O camponês avançou para cima de Hadrian, segurando a espada com as mãos, e desferiu um golpe. Hadrian se esquivou, o golpe falhou e o impulso projetou o lavrador ao solo.

— Você deixou sua família morrer, Theron. Você não se fez presente, ao contrário do que qualquer homem faria. Um homem deve proteger a família, mas onde você estava? Estava no campo, trabalhando no que interessava a *você*. Trabalhando para conseguir o que *você* queria.

Theron se levantou e desferiu um novo ataque. Novamente Hadrian se esquivou. Dessa vez, Theron conseguiu se manter de pé e deflagrou uma seqüência de golpes aleatórios. Hadrian sacou a adaga e os desviou. Tomado de fúria, o camponês golpeava feito um maníaco, brandindo a espada como se fosse um machado, com estocadas tão violentas que comprometiam seu equilíbrio. Em pouco tempo Hadrian já não precisava desviar os golpes com a adaga, bastando sair do caminho. O rosto de Theron ficava mais vermelho a cada golpe que falhava. Lágrimas encheram seus olhos. Finalmente o velho desabou no chão, frustrado e exaurido.

— Não fui eu que matei minha família! — gritou ele. — Foi *ela*! Ela deixou a luz acesa. Ela deixou a porta aberta!

— Não, Theron. — Hadrian pegou a espada que jazia na mão inerte do velho lavrador. — Não foi Thrace quem matou sua família e tampouco foi você... foi o monstro. — Ele reintroduziu a espada na bainha. — Você não pode culpá-la por ter deixado a porta aberta. Ela não sabia o que aconteceria. Se *você* soubesse, teria ficado em casa. Se sua família soubesse, teria apagado a luz. Quanto mais cedo você parar de culpar gente inocente e começar a tentar resolver o problema, melhor será para todos. Theron, a tal arma de que você falou pode até ser bem afiada, mas de que adianta uma arma afiada se você não é capaz de atingir o alvo... ou, pior ainda, se pode acabar atingindo o alvo errado? Não se

vencem batalhas com ódio. O ódio pode gerar coragem, pode fortalecer, mas também deixa a pessoa embotada. A pessoa acaba tropeçando nos próprios pés. — Hadrian encarou o velho. — Acho que já basta de ensinamentos por hoje.

Royce e Esrahaddon retornaram pouco menos de meia hora antes do pôr do sol e encontraram uma parada de animais em marcha. Parecia que todos os animais da aldeia estavam ali, e havia muita gente à beira do caminho, com cajados e sinos, painéis e caçarolas, fazendo barulho, tocando-os morro acima, no sentido do castelo. Os carneiros e as vacas seguiam serenamente, mas os porcos eram um problema, e Royce avistou Pearl com seu cajado, cuidando da retaguarda com muita competência. Rose McDern, a esposa do ferreiro, foi a primeira pessoa que os viu, e Royce ouviu subitamente a frase "Ele voltou!" repetida animadamente pelos aldeões.

— O que está acontecendo? — perguntou Royce a Pearl, propositadamente evitando os adultos.

— Estamos levando os animais para o castelo. A gente vai passar a noite lá... é o que eles estão dizendo.

— Onde está Hadrian? Você sabe... o moço que chegou comigo? Aquele que trouxe Thrace.

— No castelo — disse Pearl, e semicerrou os olhos para olhar o ladrão. — Você pegou mesmo um porco no escuro?

Royce olhou para ela, um tanto confuso. Mas naquele instante um porco saiu correndo trilha acima e a menina foi atrás, brandindo o cajado no ar.

O castelo do lorde de Westbank era a típica fortificação construída no topo de uma colina e com muros de proteção. No alto ficava o casarão, cercado por uma muralha feita de toras de madeira pontiagudas. A entrada era protegida por portões pesados. Em volta do castelo havia um malfadado projeto de fosso, que na realidade não passava de uma vala rasa. Em todo o perímetro da edificação, numa faixa com cerca de 40 metros de largura, troncos de árvores com pontas afiadas tinham sido cravados no solo.

Um grupo de homens trabalhava na beira do bosque, cortando pinheiros. Royce ainda não sabia muito bem os nomes das pessoas, mas reconheceu Vince Griffin e Russell Bothwick trabalhando com uma serra dupla. Tad Bothwick e outros rapazes empunhavam machadinhas para aparar os galhos. Três meninas amarravam gravetos em feixes e os empilhavam numa carroça. Dillon McDern e seus filhos usavam os bois para arrastar as toras morro acima, até o castelo, onde outros homens trabalhavam, serrando e cortando madeira.

Royce encontrou Hadrian cortando lenha perto dos portões de entrada. Hadrian estava nu da cintura para cima, e um pequeno medalhão de prata pendia de seu

pescoço quando ele se inclinava para a frente desferindo um golpe de machado. Estava encharcado de suor, e ao seu lado via-se uma bela pilha de lenha.

— Andou se intrometendo, não é? — perguntou Royce, olhando ao redor e contemplando o alvoroço.

— Você tem que concordar que o plano de defesa deles era fraco — disse Hadrian, parando para enxugar o suor na testa.

Royce sorriu.

— Você não tem jeito mesmo, não é?

— E você? Encontrou a maçaneta?

Hadrian pegou uma jarra e tomou vários goles, bebendo tão avidamente que escorreu água pelo queixo. Em seguida, derramou um pouco do líquido numa das mãos e molhou o rosto, passando os dedos pelos cabelos.

— Não consegui sequer me aproximar a ponto de enxergar a porta.

— Bem, veja o lado bom da coisa — disse Hadrian. — Ao menos desta vez você não foi capturado e condenado à morte.

— Esse é o lado bom?

— O que fazer? Sou uma pessoa otimista.

— Lá está ele! — gritou Russell Bothwick, apontando. — É o Royce!

— O que está acontecendo? — perguntou Royce quando uma pequena multidão repentinamente começou a se aproximar dele, vinda do campo e do interior do castelo.

— Eu mencionei que você tinha visto a criatura, e agora eles querem saber como ela é — explicou Hadrian. — O que pensou? Que estavam querendo linchar você?

Royce deu de ombros.

— O que fazer? Sou um cara pessimista.

— Pessimista? — Hadrian deu uma risadinha. — Pessimista é pouco!

Royce ainda estava com o cenho franzido quando os aldeões os cercaram. As mulheres usavam na cabeça panos amarrados que exibiam manchas de suor. Tinham as mangas arregaçadas e os rostos sujos de terra. A maioria dos homens, como Hadrian, estava sem camisa, com serralagem e agulhas de pinheiro coladas na pele.

— Você viu a coisa? — perguntou Dillon. — Você conseguiu mesmo ver?

— Sim — respondeu Royce, e correu um burburinho geral.

— Pode descrevê-la? — perguntou o diácono Tomas, destacando-se da multidão

e parecendo limpo e descansado.

— Tem asas? — perguntou Russell.

— Tem garras? — perguntou Tad.

— Qual é o tamanho? — perguntou Vince Griffin.

— Deixem o homem responder! — esbravejou Dillon, e todos se calaram.

— De fato, tem asas e garras. Eu só vi de relance enquanto ela voava acima das árvores. Eu a enxerguei através de uma pequena brecha entre as folhas: era comprida, como uma cobra ou um lagarto, com asas e duas patas com... com garras que carregavam Mae Drundel.

— Um lagarto com asas? — repetiu Dillon.

— Um dragão — declarou uma mulher. — É isso. É um dragão!

— É isso mesmo — disse Russell. — Um lagarto com asas é um dragão.

— Parece que tem um ponto vulnerável na couraça deles, perto da axila, se é que dragão tem axila — explicou uma mulher que estava com o nariz todo sujo.

— Ouvi dizer que um arqueiro matou um dragão em pleno voo, atingindo-o nesse tal ponto.

— E eu ouvi dizer que é possível enfraquecer um dragão quando se consegue roubar o tesouro dele — disse um homem calvo. — Contam que um príncipe que estava preso na toca de um bicho desses jogou no mar o tesouro do dragão, e que o monstro ficou tão fraco que o príncipe conseguiu matar o bicho com uma facada no olho.

— E eu ouvi dizer que dragões são imortais — disse Rose McDern.

— Não é um dragão — disse Esrahaddon em tom de escárnio, dando um passo à frente da multidão. Todos olharam para ele.

— Como você sabe? — perguntou Vince Griffin.

— Porque não é — respondeu ele com confiança. — Se fosse um dragão enfurecido, esta aldeia já teria sido varrida da face de Elan há meses. Dragões são seres inteligentes, muito mais do que vocês e eu, e muito mais poderosos do que somos capazes de supor. Não, Sra. Brockton, nenhum arqueiro matou um dragão atingindo-o com uma flecha num ponto vulnerável. E não, Sr. Goodman, roubar o tesouro de um dragão não o enfraquece. Na realidade, dragões não têm tesouros. O que exatamente um dragão faria com ouro ou pedras preciosas? Dragões não valorizam posses, a não ser que se considere força e honra como posses.

— Mas ele disse que viu um dragão — contra-argumentou Vince.

O mago suspirou.

— Ele disse que viu uma cobra ou lagarto, com asas e duas patas. Essa informação deveria ter sido a primeira pista para vocês. — O mago se virou para Pearl, que acabara de tanger o último porco para dentro do pátio do castelo e voltava correndo para se juntar à multidão. — Diga-me uma coisa, Pearl. Quantas patas tem um dragão?

— Quatro — disse a criança sem pensar.

— Exatamente. Essa criatura não é um dragão.

— Então o que é? — perguntou Russell.

— É um Gilarabrywn — respondeu Esrahaddon com displicência.

— Um... um o quê?

— Gi-la-ra-brywn — pronunciou o mago devagar, enunciando o nome pausadamente. — O Gilarabrywn é uma criatura mágica.

— O que significa isso? Ele lança feitiços como uma bruxa?

— Não, isso significa que ele não é *natural*. Não nasceu naturalmente, foi criado... conjurado, se quiserem dizer assim.

— Isso é loucura — disse Russell. — Você acha que somos imbecis? Esse Gila... sei lá como você a está chamando... matou dezenas de pessoas. Não foi inventado...

— Não, espere — disse o diácono Tomas, intervindo e acenando no meio do mar de aldeões. A multidão abriu caminho, revelando o clérigo, ainda com uma das mãos levantadas e uma expressão pensativa. — *Existiu* um monstro conhecido como Gilarabrywn. Aprendi sobre essa criatura no seminário. Durante a Grande Guerra dos Elfos, as feras eram utilizadas pelo Império Erivan... Criaturas terríveis que devastavam a terra e matavam milhares de pessoas. Há relatos dessas feras arrasando cidades e exércitos inteiros. Nenhuma arma era capaz de atingi-las.

— O senhor conhece bem a história, diácono — disse Esrahaddon.

— Os Gilarabrywns eram instrumentos de guerra que causavam grande devastação... assassinos inteligentes, poderosos e silenciosos, que sempre vinham do céu.

— Como é possível que essa criatura ainda viva depois de tanto tempo? — perguntou Russell.

— Elas não são naturais. E não morrem de causas naturais, porque não vivem... não da maneira como nós concebemos o que seja viver.

— Acho que vamos precisar de mais lenha — murmurou Hadrian.

Enquanto o sol se punha, os camponeses concluíam a preparação do castelo para

a noite. Mulheres e crianças foram abrigadas sob as grandes vigas do telhado do casarão enquanto os homens seguiram trabalhando até a última nesga de luz na construção de pilhas de lenha. Hadrian havia organizado equipes para cortar, transportar e amarrar a lenha, de maneira que, quando escureceu, eles dispunham de seis grandes pilhas em volta dos muros e uma no centro do pátio. Encharcaram as pilhas com óleo e banha para acelerar a combustão. A noite seria longa, e eles não queriam que o fogo apagassem, tampouco seria conveniente se as fogueiras demorassem a ser acesas.

— Hadrian! — gritou Thrace, vindo correndo pelo pátio, extremamente nervosa.

— Thrace — disse Hadrian, trabalhando até o último minuto na pilha de lenha do pátio. — Já está escuro. Você deveria estar dentro do casarão.

— Meu pai não está aqui! — gritou ela. — Já procurei pelo castelo inteiro. Ninguém o viu entrar. Ele ainda deve estar em casa, e se ele for a única pessoa sozinha hoje à noite...

— Royce! — gritou Hadrian, mas o chamado foi desnecessário, pois Royce já trazia os cavalos selados de dentro do estábulo.

— Ela me achou primeiro — disse o ladrão, entregando a Hadrian as rédeas de Millie.

— Aquele imbecil! — exclamou Hadrian, pegando a camisa e as armas e montando na égua. — Eu disse a ele que viesse para o castelo.

— Eu também disse — afirmou ela com uma expressão que parecia uma máscara de pavor.

— Não se preocupe, Thrace. Vamos trazê-lo são e salvo.

Então esporearam os animais e saíram a galope pelo portão.

Theron estava sentado numa banquetta de madeira, em meio às ruínas da casa. Um pequeno fogo ardia numa valeta rasa diante da porta. O céu agora estava totalmente escuro, e ele podia enxergar as estrelas. Podia também escutar a música noturna dos grilos e dos sapos. Ao longe, uma coruja saía à caça. O fogo estalava e pipocava, e, ao fundo, as cataratas rugiam. Os mosquitos invadiam a casa indefesa. Voavam em enxames, pousavam e picavam. O velho não os impedia. Continuava sentado, conforme fazia todas as noites, calado, entregue às lembranças.

Seus olhos se detiveram no berço. Ele se lembrava de quando fabricou o bercinho para o primeiro filho. Ele e Addie tinham escolhido o nome do primogênito: Hickory, um tipo de noqueira resistente e durável. Theron vasculhara o bosque à procura de um exemplar perfeito da árvore e o encontrara num morro, banhado pelo sol, como se os deuses tivessem-no marcado. Todas as noites ele trabalhara no berço, conferindo à madeira um excelente acabamento

para garantir a durabilidade. Seus cinco filhos tinham usado o berço. Hickory morreu antes de completar 1 ano, em consequência de uma doença desconhecida. Todos os filhos dele tinham morrido cedo, à exceção de Thad, que crescera e se tornara um belo homem. Thad desposara uma jovem muita meiga chamada Emma, e, quando Emma deu à luz um neto para Theron, resolveram chamá-lo de Hickory. Theron se lembrava de ter chegado a pensar que o mundo finalmente tentava compensar as vicissitudes que a vida impusera a ele, que, de certo modo, o castigo injustificável que fora a morte prematura de seu primeiro filho tinha sido compensado com a vida do primeiro neto. Mas agora tudo estava acabado. Restava-lhe apenas o leito ensangüentado de cinco filhos mortos.

Atrás do berço jazia um dos dois vestidos de Addie. Era um vestido feio, estava manchado e rasgado, mas aos olhos dele, cheios de lágrimas, parecia lindo. Addie tinha sido uma boa esposa. Por mais de trinta anos ela o seguira, de vilarejo em vilarejo, cada um mais deplorável que o outro, enquanto ele buscava um lugar ao sol. Nunca tiveram muitas posses, muitas vezes tinham passado fome e em mais de uma ocasião quase morreram de frio. Durante todo aquele tempo, jamais ouviu uma queixa da mulher. Ela costurava suas roupas e curava seus machucados, cozinhava e cuidava de sua saúde. Sempre fora magra, pois costumava reservar para ele e para os filhos a maior parte de cada refeição. Suas vestes eram as piores da família. Nunca dispunha de tempo para consertá-las. Tinha sido uma boa esposa, e Theron não se lembrava de ter dito a ela que a amava. Antes, isso não parecera ter importância. O monstro a levava também, arrebatando-a na trilha que ficava entre a aldeia e o sítio dos Wood. A filha de Thad, Emma, havia preenchido o vazio, possibilitando-lhes tocar a vida. Theron tinha evitado pensar nela, mantendo-se focado em seu objetivo, mas agora seu objetivo estava morto, e sua casa, em ruínas.

Como terá sido, para eles, o momento em que o monstro atacou? Estariam vivos quando foram levados? Teriam sofrido? ESSES pensamentos atormentavam o camponês no momento em que o cricrilar dos grilos cessou. Ele se levantou, agarrado à foice, preparado para confrontar a escuridão, quando ouviu o motivo da interrupção dos barulhos da noite. Cavalos subiam a trilha a galope, e os dois homens contratados por Thrace surgiram, alvoroçados, à luz da fogueira.

— Theron! — gritou Hadrian quando ele e Royce chegaram ao quintal da propriedade dos Wood. O sol já se escondera, a luz se fora e o velho tinha acendido uma fogueira que mais parecia um sinal de boas-vindas... mas não para a dupla que acabara de chegar. — Vamos. Precisamos voltar para o castelo.

— Podem voltar — rosnou o velho. — Não pedi que viessem aqui. Esta casa é minha, e eu vou ficar.

— Sua filha precisa de você. Monte logo neste cavalo. Não temos muito tempo.

— Não vou a lugar algum. Ela está bem. Está com os Bothwick. Eles vão cuidar bem dela. Agora, saiam da minha terra!

Hadrian desmontou e se aproximou do camponês, que permanecia imóvel como uma árvore enraizada.

— Por Mar! Você é teimoso como um jumento. Ou monta neste cavalo ou vou pegar você à força.

— Então vai ter de me pegar à força — disse ele, largando a foice e cruzando os braços.

Hadrian olhou por cima do ombro para Royce, que se mantinha calado, no lombo da Rata.

— Por que você não está ajudando?

— Não é minha área de atuação. Agora, se você quiser vê-lo morto, é só dizer.

Hadrian suspirou.

— Por favor, monte neste cavalo. Vai acabar causando a morte de nós três se ficar aqui.

— Como eu disse, não pedi para vocês virem.

— Maldição! — praguejou Hadrian enquanto se desfazia das espadas e as amarrava à sela do cavalo.

— Cuidado — disse Royce, inclinando-se para se aproximar de Hadrian. — Ele é velho, mas parece duro na queda.

Hadrian se lançou ao velho camponês, derrubando-o no chão. Theron era maior do que Hadrian e tinha braços e mãos vigorosos, fortalecidos por muitos anos de trabalho pesado, mas Hadrian era rápido e ágil. Os dois se embolaram no chão, grunhindo e tentando imobilizar um ao outro.

— Esta situação é ridícula — murmurou Hadrian, pondo-se de pé. — Basta montar neste cavalo e...

— Monte você! Vão embora daqui e me deixem em paz! — gritou Theron, levantando-se e se esforçando para recuperar o fôlego, com o corpo curvado e as mãos apoiadas nos joelhos.

— Será que pode me dar uma mãozinha agora? — pediu Hadrian a Royce.

Royce revirou os olhos e desmontou.

— Não pensei que fosse ter tanta dificuldade.

— Não é fácil dominar uma pessoa maior que a gente sem machucá-la.

— Bem... então já descobri qual é o problema. O jeito é a gente machucá-lo.

Quando se voltaram para confrontar Theron, o lavrador tinha um pedaço de pau

nas mãos e um olhar resolutivo nos olhos.

Hadrian suspirou.

— Acho que não temos opção.

— Papai! — gritou Thrace, entrando correndo no círculo de luz formado pela fogueira, o rosto manchado de lágrimas. — Papai! — gritou novamente e, alcançando o velho, abraçou-o.

— Thrace, o que está fazendo aqui? — gritou Theron. — Você está correndo perigo!

— Vim buscar o senhor.

— Vou ficar aqui — disse ele, empurrando a filha para trás. — Agora, pegue os capangas que você contratou e volte imediatamente para a companhia dos Bothwick. Você me ouviu?

— Não! — gritou Thrace, com os braços para cima, como se ainda quisesse abraçá-lo. — Eu não vou abandonar o senhor.

— Thrace! — berrou ele, avançando com seu corpanzil sobre a menina. — Eu sou seu pai, e você vai me obedecer!

— Não! — gritou ela em resposta, as bochechas manchadas de lágrimas refletindo a luz da fogueira. — Não vou deixar você morrer. Pode me espancar se quiser, mas vai ter de fazer isso lá no castelo.

— Sua idiota! — xingou ele. — Você está querendo morrer? É isso?

— *Pouco me importa!* — gritou ela, com uma voz estridente e os punhos cerrados rentes ao corpo. — Que motivo tenho para viver se meu próprio pai, a única pessoa que me resta no mundo, me odeia tanto que prefere morrer a olhar para mim?

Theron ficou atônito.

— De início — começou a dizer Thrace com uma voz trêmula —, pensei que quisesse impedir outras mortes. Depois, pensei que talvez... sei lá... você quisesse que as almas deles descansassem em paz. Depois, pensei que só quisesse vingança. Talvez estivesse sendo consumido pelo ódio. Talvez matar a tal fera fosse uma obsessão. Mas nada disso é verdade. O que quer é morrer. Você odeia a si mesmo... e me odeia. Não existe mais nada que o prenda no mundo, nada com que se importe.

— Eu não odeio você — disse Theron.

— Odeia. Odeia porque a culpa foi minha. Sei o que eles significavam para você... e todos os dias eu acordo pensando nisso. — Ela enxugou as lágrimas para poder enxergar. — Se fosse eu quem tivesse morrido, teria sido como com a minha mãe: você teria enfiado um pedaço de pau na encosta do morro com o

meu nome inscrito e teria voltado ao trabalho no dia seguinte. Teria conduzido o arado e agradecido a Maribor por ter poupado seu filho. Eu é que deveria ter morrido, mas não posso mudar o que aconteceu, e sua morte não vai trazê-lo de volta. Nada vai trazê-lo de volta. Mesmo assim, se tudo o que eu puder fazer agora... se tudo o que me resta é morrer aqui ao seu lado, então é isso o que vou fazer. Não vou abandoná-lo, pai. Não posso. Não posso fazer isso. — Ela caiu de joelhos, exausta, e, com uma voz fraca, disse: — Ao menos, vamos ficar todos juntos novamente.

Então, como se fosse uma resposta às palavras dela, a mata ao redor voltou a se calar. Dessa vez, os grilos e os sapos pararam de modo tão abrupto que o silêncio pareceu um estrondo.

— Não — disse Theron, sacudindo a cabeça e erguendo os olhos para o céu noturno. — *Não!*

De repente, o lavrador pegou a filha e a levantou.

— Nós vamos — disse ele. — Ajudem-nos.

Hadrian deu meia-volta em Millie.

— Montem... os dois. — Millie bateu com os cascos no chão e começou a puxar e se torcer, as narinas arreganhadas e as orelhas tremendo. Hadrian segurou-a pelo freio com firmeza.

Theron montou na égua e içou Thrace, sentando-a à sua frente. Em seguida, com um toque das esporas, fez Millie correr pela trilha, em direção à aldeia. Royce pulou no dorso da Rata e, estendendo uma das mãos, puxou Hadrian para a garupa ao mesmo tempo que fazia a égua galopar noite adentro.

Os animais não precisaram ser tocados: dispararam a toda a velocidade, cobertos pelo suor frio que o medo provoca. Os cascos ribombavam no solo como se fossem vigorosas marcações de um tambor. A trilha era só um pouco mais clara do que a mata e, para Hadrian, a visão estava embaçada, pois o vento causava lágrimas em seus olhos.

— Lá em cima! — gritou Royce.

Eles conseguiram perceber movimentos que faziam farfalhar as folhas acima.

Os cavalos fizeram uma curva repentina, dirigindo-se à mata fechada. Galhos e folhas invisíveis os esbofeteavam, chicoteavam, golpeavam. Os animais corriam num pânico cego. Seguiram pelo meio da vegetação rasteira, quase esbarrando em troncos e galhos. Hadrian sentia Royce baixar a cabeça e o imitava.

Trump. Trump. Trump.

Então ele ouviu acima algumas batidas lentas, um som surdo de algo se agitando. Um golpe de vento desceu sobre eles, uma violenta rajada de ar. junto vieram

ruídos assustadores, de coisas rachando, estalando, lascando. As copas das árvores se romperam e explodiram.

— Tronco! — gritou Royce no momento em que os cavalos saltaram..

Hadrian só se manteve na garupa porque Royce, com a agilidade de sempre, conseguiu segurá-lo. No escuro, ele ouviu o grito de Thrace, um grunhido e um baque, como o cabo de um machado batendo na madeira. O ladrão freou a Rata com toda a força, lutando com a égua, puxando sua cabeça, enquanto a montaria recuava e bufava. Hadrian ouviu Milhe galopando adiante.

— O que aconteceu? — perguntou Hadrian.

— Eles caíram — rosnou Royce.

— Não consigo vê-los — disse Hadrian, desmontando.

— Nos arbustos, ali à direita — disse Royce, descendo da égua em pânico, que sacudia a cabeça para a frente e para trás.

— Aqui — disse Theron, com uma voz fraca. — Aqui...

O camponês estava de pé diante da filha. Ela estava inconsciente, atirada ao solo, com o corpo retorcido. Sangue escorria de seu nariz e de sua boca.

— Ela bateu num galho — disse Theron, assustado, com a voz trêmula. — Eu... eu não enxerguei o tronco.

— Ponham ela no meu cavalo — ordenou Royce. — Depois levem-na para o casarão. Estamos perto. Já dá para ver a luz das fogueiras.

O lavrador não protestou. Montou na égua, que ainda dava coices e bufava. Hadrian pegou Thrace no colo. Um filete de luar expôs um ferimento escuro, comprido e largo no rosto da garota. A cabeça da jovem caiu para trás, inerte. Seus braços e pernas também pendiam. Parecia estar morta. Hadrian a entregou a Theron, que a abraçou com força. Royce relaxou a pressão no freio, e a égua partiu, célere, em direção à clareira, deixando Royce e Hadrian para trás.

— Você acha que Milhe está por perto? — sussurrou Hadrian.

— Eu acho que Milhe virou aperitivo.

— Suponho que a boa notícia é que ela acabou garantindo que Thrace e Theron conseguissem passar.

Lentamente, os dois avançaram até a beira da mata. Estavam bem perto do local onde Dillon e seus filhos tinham passado o dia empilhando lenha. Podiam ver três das seis fogueiras ao longe, iluminando o campo.

— E nós? — perguntou Royce.

— Acha que o Gilarabrywn sabe que ainda estamos aqui?

— Esrahaddon disse que a criatura é inteligente, portanto suponho que consiga

fazer contas.

— Então ele vai voltar para nos procurar. Precisamos alcançar o castelo. Para atravessar o descampado, temos que percorrer... o quê? Uns sessenta metros?

— Mais ou menos — confirmou Royce.

— Acho que podemos torcer para que o monstro ainda esteja devorando Millie... Pronto?

— Vamos correr separados, para ele não pegar os dois. Pode ir!

A relva estava escorregadia por causa do orvalho e cheia de raízes e buracos. Hadrian correu apenas cerca de dez metros antes de cair de cara no chão.

— Fique atrás de mim — disse Royce.

— Você não disse que deveríamos correr separados?

— Isso foi antes de eu lembrar que você é cego.

Correram mais uma vez, ziguezagueando, e Royce optou pela trilha em aclave. Estavam quase na metade quando ouviram novamente os bramidos.

Trump. Trump. Trump.

O som se aproximava deles. Olhando para cima, Hadrian viu um vulto cruzando a face da lua que começava a despontar, uma serpente com asas de morcego, planando, desenhando arcos e círculos, como um gavião que caça ratos numa campina.

O barulho se interrompeu.

— Ele está mergulhando! — gritou Royce.

Uma violenta rajada de ar derrubou-os no chão. As fogueiras se apagaram instantaneamente. Um segundo depois, um estrondo sacudiu a terra e um paredão de fogo verde explodiu, formando um círculo gigantesco em torno do morro inteiro. Labaredas impressionantes, com cerca de 10 metros de altura, espocaram como se fossem árvores de luz, gerando um calor intenso.

Já sem a menor dificuldade em enxergar o caminho, Hadrian deu um pulo e saiu correndo em direção aos portões, seguido de perto por Royce. Atrás, as labaredas rugiam. Acima, ouviram um guincho arrepiante.

Dillon, Vince e Russell bateram os portões no instante em que eles entraram. A fogueira do pátio, que até então não fora acesa, assustou todo mundo, pois explodiu em chamas que mesclavam tons de azul e verde e subiam ao céu como uma pilastra. Mais uma vez, no meio das trevas, o Gilarabrywn soltou um guincho.

As poucas, o inferno esmeralda foi sendo consumido. As chamas perderam o tom esverdeado e diminuíram de intensidade, assumindo por fim um aspecto

natural. O fogo estalava e chiava, soltando nuvens de fagulhas. Os homens que estavam no pátio olharam para cima, mas já não havia sinais do monstro, apenas a escuridão e o cricrilar dos grilos ao longe.

Capítulo 6

A COMPETIÇÃO



Posso garantir, Majestade — disse Arista com o tom de voz mais amigável possível —, que, na administração do rei Alric, não haverá mudanças na política externa ou interna. Ele dará prosseguimento à agenda estabelecida por nosso pai, preservando a dignidade e a honra da Casa de Essendon. Melengar continuará sendo o seu vizinho cordial a oeste.

Arista estava diante do rei de Dunmore, usando o melhor vestido que sua mãe possuía, um deslumbrante traje de seda prateada. Quarenta botões pontuavam as mangas. Vários metros de veludo drapeado faziam o acabamento do corpete bordado e da saia rodada. O decote, em estilo canoa, chegava quase aos ombros. Ela mantinha a postura ereta, o queixo ligeiramente elevado, os olhos firmes e as mãos cruzadas.

O rei Roswort, sentado em seu trono e trajando peles que pareciam ser de lobo, esvaziou a caneca e arrotou. Era baixo e obeso. Seu rosto arredondado e rechonchudo cedia sob o próprio peso, formando um queixo triplo. Ele mantinha os olhos semicerrados e os lábios úmidos, e Arista tinha certeza de que podia ver gotículas de saliva escorrendo pelas pregas do pescoço. A esposa, Freda, estava sentada ao lado dele. Ela também estava acima do peso ideal, mas era magra se comparada ao marido. Enquanto o rei vazava líquido, ela era seca como um deserto, tanto em aparência quanto na maneira de ser.

A sala do trono era pequena, com um piso de madeira e vigas que sustentavam um teto elevado em estilo de catedral. Penduradas às paredes havia cabeças de veados e alces tão empoeiradas que o pêlo dos animais parecia cinzento. Perto da porta ficava o célebre urso empalhado, de quase 3 metros de altura, conhecido como Oswald, com as garras à mostra e a boca escancarada, como se estivesse rosnando. Em Dunmore, rezava a lenda que Oswald tinha matado cinco cavaleiros e um número desconhecido de camponeses, até que o rei Ogden, avô do rei Roswort, o derrotou utilizando nada além de um simples punhal. Isso ocorrera havia setenta anos, quando Glamrendor não passava de uma fortaleza

fronteira e Dunmore não era nada além de uma floresta cortada por trilhas. Já Roswort não cantava tantas glórias. Ele havia abandonado a tradição da caça, cultuada por seus antepassados, em favor dos confortos da corte, o que ficava bastante evidente para as visitas.

O rei ergueu e sacudiu a caneca.

Arista aguardou, e o rei bocejou. Atrás dela, sonoras passadas cruzaram a sala do trono. Ouviu-se um murmúrio e mais passadas, seguidas por um estalar de dedos. Finalmente, aproximou-se do palanque real uma figura magra e delicada... um elfo. Ele vestia um uniforme de lã grossa, todo marrom. Em volta do pescoço tinha um pesado colarinho de ferro, fechado com rebites. Trouxe uma jarra, encheu a caneca do rei e em seguida retrocedeu. O rei bebeu, elevando demais a caneca, e um pouco de vinho escorreu pelos cantos de sua boca, deixando um fio rosado e uma gota pendurada em seus bigodes espetados. Novamente arrotou, dessa vez de modo mais audível, e suspirou de alívio. Então voltou a olhar para Arista.

— E essa questão da morte de Braga? — perguntou Roswort. — A senhorita tem evidências que comprovem o envolvimento dele na tal conspiração?

— Ele tentou me matar.

— Sim, é o que a senhorita diz... mas, mesmo que o tenha feito, ele tinha um bom motivo, ao que parece. Braga era um Nyphron bom e devoto, e a senhorita, afinal, é uma bruxa.

Arista comprimiu as mãos. Não era a primeira vez que ela o fazia, e seus dedos começavam a doer.

— Perdoe-me, Majestade, mas receio que o senhor esteja mal informado acerca dessa questão.

— Mal informado? Eu tenho... — Ele tossiu, tossiu mais uma vez, e então escarrou no assoalho, ao lado do trono.

Freda arregalou os olhos com severidade para o elfo, até que este se adiantou e limpou o chão com a parte inferior da própria túnica.

— Tenho ótimos informantes — prosseguiu o rei —, que me disseram que Braga e o bispo Saldur levaram a senhorita a julgamento sob acusações de feitiçaria e assassinato do seu pai. Pouco depois, Braga foi executado, decapitado e acusado pelas mesmas denúncias que pesavam contra a senhorita. Agora a senhorita se apresenta aqui na condição de embaixadora de Melengar... uma mulher. Lamento, mas, para mim, isso está cheirando mal.

— Braga também me acusou de matar Sua Majestade, o rei Alric, que me nomeou para este posto... será que o senhor também nega a existência dele?

As sobranceiras do monarca se elevaram.

— A senhorita é jovem — disse ele friamente. — Esta é a sua primeira audiência na condição de embaixadora. Vou ignorar a ofensa... desta vez. Se me insultar novamente, será expulsa do meu reino.

Arista curvou a cabeça em silêncio.

— Não nos cai bem a idéia de que o trono de Melengar tenha sido conquistado com derramamento de sangue. Tampouco que a Casa de Essendon seja insincera com a Igreja. Ademais, a tolerância demonstrada pelo seu reino em relação aos elfos é repugnante. Vocês deixam aquelas bestas odiosas circularem livremente. Essa jamais foi a vontade de Novron. A Igreja nos ensina que os elfos são pestes. Devem ser escravizados, ou então exterminados. São como ratos, e Melengar é a pilha de lenha que os abriga. Sim, não tenho dúvida de que Alric vai dar continuidade às políticas implementadas pelo pai. Ambos nasceram com antolhos. O futuro nos reserva mudanças, e já estou vendo que o reino de Melengar é ingênuo demais e não vai se adaptar às novas situações. Tanto melhor para Dunmore, eu acho.

Arista abriu a boca, mas o rei levantou o dedo.

— Esta audiência está concluída. Volte para o seu irmão e diga a ele que fizemos o favor de recebê-la, e que não tivemos boa impressão.

O rei e a rainha se levantaram e se retiraram pelo corredor dos fundos, deixando Arista diante de dois tronos vazios. O elfo, bem ao lado, observou-a atentamente, mas nada disse. Ela chegou a considerar a possibilidade de prosseguir com o restante do discurso que havia preparado. A inutilidade seria a mesma. Tronos vazios não seriam menos sensíveis e com certeza seriam mais cortesias.

Ela suspirou. Seus ombros caíram. *Será que dava para ter sido pior?* Arista deu meia-volta e se retirou da sala, ouvindo o roçar da seda do seu lindo vestido. Ao chegar ao lado de fora dos portões do castelo ela contemplou a cidade. Valetas de barro ressecado cobriam as ruelas de chão batido, tão toscas e cheias de pedra que pareciam leitões secos de rios. O sol descoloria as fileiras cerradas de edificações de madeira, todas com estruturas similares, conferindo a elas um tom cinza pálido. A maioria dos residentes usava cores insípidas e roupas confeccionadas com lã ou linho cru. Dezenas de pessoas com fisionomias cansadas se sentavam nas esquinas ou caminhavam a esmo. Uns pareciam invisíveis aos outros. Era a primeira visita de Arista a Glamrendor, a capital de Dunmore. Ela balançou a cabeça e murmurou:

— Foi um prazer conhecê-lo também.

A despeito da pobreza de opções, a cidade fervilhava, mas ela desconfiou que poucos dos que percorriam as ruas fossem nativos de Dunmore. Era fácil perceber a diferença. Os forasteiros calçavam sapatos. Naquela manhã, carroças, carruagens e cavalos fluíam pelo centro da capital, todos seguindo para

o leste. A Igreja abriu a competição a todos os interessados, fossem nobres ou plebeus. Era a chance de alcançar glória, riqueza e fama.

A carruagem de Arista estava a postos, desfraldando o falcão de Melengar, e Hilfred já havia aberto a porta. Bernice acomodou-se em seu interior, com uma bandeja de doces no colo e um sorriso nos lábios.

— Como foi, minha querida? Causou boa impressão?

— Não, não causei, mas... também não declararam guerra. Portanto, devo agradecer a generosidade de Maribor.

Arista se sentou diante de Bernice, cuidando para puxar a cauda do vestido antes que Hilfred fechasse a porta.

— Aceita um biscoitinho de gengibre? — perguntou Bernice, elevando a bandeja, com um olhar de comiseração que incluía uma esticadinha do lábio inferior. — Com certeza, a senhorita vai ficar mais animada.

— Onde está Sauly? — perguntou ela, olhando para os biscoitos.

— Ele disse que tinha algumas questões para tratar com o arcebispo e que seguiria na carruagem de Sua Excelência. Ele esperava que a senhorita não se importasse.

Arista não se importava, e lamentou que Bernice não houvesse seguido com ele. Estava cansada da companhia constante e tinha saudades da solidão da torre. Aceitou um biscoito e sentiu a carruagem oscilar no momento em que Hilfred sentou-se ao lado do cocheiro. O veículo deu uma sacudida e eles partiram, sacolejando pela via esburacada.

— Estes biscoitos estão velhos — disse Arista, mastigando um deles, duro e farinhento.

Bernice ficou desconcertada.

— Eu sinto muito.

— Onde os conseguiu?

— Uma padaria lá... — Ela tentou apontar o lugar pela janela, mas o movimento da carruagem deixou-a confusa. Olhou em volta, desistiu e voltou a baixar a mão. — Ah... não sei, mas era uma bela padaria, e achei que a senhorita precisaria de algo... a senhorita compreende... algo que a animasse um pouco depois da audiência.

— Precisaria de algo?

Bernice assentiu, exibindo um sorriso forçado. Estendendo o braço, tocou a mão da princesa e disse:

— Não foi sua culpa, querida. Não foi justo, por parte de Sua Majestade, tê-la

colocado numa situação dessas.

— Eu deveria ficar em Medford, recebendo pretendentes — comentou a princesa.

— Exatamente. Isto aqui não está bom.

— Nem este biscoito.

Ela repôs na bandeja o biscoito mordido. Em seguida, recostou-se e raspou os dentes superiores pela superfície da língua como um gato que está com pelo dentro da boca.

— Ao menos Sua Majestade deve ter ficado impressionada com a aparência da senhorita — disse Bernice, olhando-a com orgulho. — A senhorita está linda.

Arista olhou-a de soslaio e disse:

— O vestido é lindo.

— Claro que é, mas...

— Ah, por Maribor! — Arista a interrompeu ao olhar pela janela. — Quanta gente deve ter por aqui agora? É como viajar com um exército.

Quando a carruagem chegou aos limites da cidade, ela avistou a multidão. Havia cerca de trezentos homens por trás das bandeiras da Igreja de Nyphron. Todos aguardavam em fila única, mas eram extremamente disparees em aparência: alguns eram musculosos, outros magricelas, alguns altos, outros baixos. Todas as classes estavam representadas: cavaleiros, soldados, nobres e camponeses. Alguns usavam armadura, outros vestiam seda, alguns linho, outros lã. Alguns montavam cavalos de guerra, outros cavalos de tração, pôneis, mulas, outros mais seguiam em carruagens, carroças e charretes. Formavam uma aglomeração estranha e discrepante, mas todos estampavam o mesmo sorriso de expectativa e entusiasmo, todos com a cabeça no futuro.

A primeira sessão oficial de Arista como embaixadora estava concluída. Por pior que fosse, tinha chegado ao fim. Na ausência de Sauly, ela estava livre para pôr de lado os pensamentos acerca de Igreja e Estado, culpa e auto-censura. A tensão que a sufocava havia dias desapareceu e ela pôde finalmente sentir o crescente entusiasmo que fervilhava em redor.

De todas as partes chegavam pessoas para se juntar à fila cada vez mais longa. Alguns traziam embaixo do braço apenas uma pequena sacola de pano, ao passo que outros conduziam os próprios cavalos de carga. E havia os que conduziam várias carroças, abarrotadas com tendas, alimentos e roupas. Um mercador bem-vestido levava em uma carroça cadeiras com estofamento de veludo e uma cama com dossel.

Uma pancada ecoou no teto da carruagem, assustando as duas mulheres. Os

biscoitos de gengibre voaram longe.

— O que é isso?! — exclamou Bernice.

No instante seguinte, Mauvin Pickering, montado em seu cavalo, encostou a cabeça à janela e olhou para o interior da carruagem, com sua cabeleira negra toda desgrenhada.

— Então, como foi a audiência? — perguntou ele com um sorriso maldoso. — Devo me preparar para a guerra?

Arista fez uma careta.

— Pelo jeito, nada bem, não é? — continuou Mauvin, indiferente à comoção que causara. — Mais tarde a gente se fala. Preciso achar Fanen antes que ele resolva duelar com alguém. Oi, Hilfred! Vai ser muito divertido. Quando foi a última vez que a gente acampou? Até mais.

Bernice começou a se abanar com as mãos, fitando boquiaberta o teto da carruagem. Olhando para Bernice e para os biscoitos de gengibre espalhados nos assentos, no piso e no colo da criada, Arista não conseguiu evitar um sorriso.

— Você tem razão, Bernice. Esses biscoitos me animaram.

— Está vendo aquele sujeito? — Fanen apontou para o homem que usava um culote de camurça marrom. — Aquele é Sir Enden, talvez o maior cavaleiro da atualidade, sem contar Sir Breckton.

Depois de mais um dia de viagem que a deixou zozna, Arista chegou ao acampamento dos Pickering, escondendo-se de Bernice. Os dois irmãos dividiam uma elegante barraca, decorada com listras douradas e verdes, armada no limite leste do acampamento principal. Os três estavam do lado de fora da barraca, embaixo de uma cobertura em forma de toldo sustentada por duas estacas de madeira. À esquerda via-se a bandeira com o falcão dourado, tendo ao fundo o campo vermelho que representava a Casa de Essendon, e à direita a bandeira com a espada dourada, cujo pano de fundo era o campo verde da Casa de Pickering. Tratava-se de uma tenda modesta comparada com a maioria dos acampamentos dos nobres. Algumas barracas pareciam pequenos castelos e levavam horas para serem armadas por uma equipe de criados. Os Pickering viajavam com pouca bagagem, transportando em suas próprias montarias e dois cavalos de carga tudo de que precisavam. Não dispunham de mesas nem de cadeiras, e Arista, trajando um vestido simples, estendia-se sobre uma lona. Se visse uma cena daquelas, Bernice teria um infarto.

Arista não se importava. Para ela, recostar-se e se esticar a céu aberto era maravilhoso. A experiência a remetia às Festas do Verão, quando os três eram crianças. A noite, enquanto os adultos dançavam, as crianças se deitavam na encosta sul da propriedade dos Pickering, em Campos de Dronil, contando

estrelas cadentes e vagalumes. Naquelas ocasiões, todas as crianças se reuniam: Mauvin, Fanen, Alric e até Lenara, que à época ainda não tinha se transformado numa dama. Arista lembrava-se da sensação da brisa noturna em sua pele, da relva sob seus pés descalços, da vastidão do firmamento coberto de estrelas e da melodia distante da orquestra tocando canções folclóricas de Galilim.

— E ali, vocês estão vendo aquele grandalhão de túnica verde? É Sir Gravin. Ele é inspetor. Trabalha para a Igreja de Nyphron. Vocês sabem... resgatando artefatos roubados, matando monstros, coisas desse tipo. Tem fama de ser um dos maiores aventureiros da atualidade. Ele nasceu em Vernes, que fica lá embaixo, perto de Delgos.

— Eu sei onde fica Vernes, Fanen — respondeu Arista.

— É mesmo, você precisa saber todas essas coisas, não é? — disse Mauvin. — Vossa Excelência, a embaixadora. — E completou a fala com uma profunda reverência.

— Você pode rir agora... mas aguarde — retrucou ela. — Sua hora vai chegar. Um dia você será marquês. Então a coisa não vai ser apenas brincadeira e divertimento. Você vai ter responsabilidades, moço.

— Eu não — disse Fanen, tristonho.

Se não fosse três anos mais jovem, Fanen poderia ser gêmeo de Mauvin. Ambos possuíam os traços marcantes dos Pickering: rosto firme e angulado, cabelos fartos e negros, dentes brancos e brilhantes, ombros largos e cintura fina, porte atlético. Fanen era um pouco mais magro e mais baixo, e, ao contrário de Mauvin, cujos cabelos estavam sempre revoltos, mantinha a cabeleira penteada.

— E por isso que você tem de vencer essa coisa — disse Mauvin ao irmão. — E com certeza vai vencer, porque você é um Pickering, e um Pickering nunca fracassa. Veja só aquele sujeito... ele não tem a menor chance.

Arista não se deu o trabalho de se virar. Mauvin passara a noite toda fazendo a mesma coisa: apontando indivíduos e explicando que, só de ver o jeito como eles andavam ou portavam a espada, já sabia que Fanen poderia derrotá-los. Ela não duvidava de que ele estivesse certo, só estava cansada de ouvir aquilo.

— Qual é o prêmio para o vencedor da competição? — perguntou ela.

— Ainda não disseram — murmurou Fanen.

— Ouro, deve ser ouro — respondeu Mauvin. — Mas não é esse o verdadeiro valor do prêmio. É o prestígio. Quando Fanen ganhar o troféu, vai se tornar uma celebridade. Bem... ele já é um Pickering, mas ainda não tem títulos. Quando tiver títulos, as oportunidades surgirão. É claro que o prêmio pode ser terra. Nesse caso, ele estaria feito.

— Espero que sim. Eu é que não quero acabar num mosteiro.

— Você ainda faz poesias, Fanen? — perguntou Arista.

— Não... faz tempo que não escrevo.

— Eram bons os seus poemas... até onde consigo me lembrar. Você costumava escrever sempre. O que aconteceu?

— Ele aprendeu a poesia da espada. Vai ser muito mais útil que a da pena — respondeu Mauvin por ele.

— Quem é aquele? — perguntou Fanen, apontando em direção ao oeste.

— Aquele é o Rentinual — disse Mauvin. — Ele se acha um gênio. Escute só. Ele trouxe uma coisa, uma geringonça enorme.

— Por quê?

— Disse que é para a competição.

— O que é?

Mauvin deu de ombros.

— Não sei, mas é grande. Ele mantém a coisa encoberta por uma lona e chora como uma criança quando a carroça sacoleja numa vala.

— Ei! Aquele não é o príncipe Rudolf?

— Onde? — Arista esticou a cabeça, apoiando-se nos cotovelos.

Mauvin deu uma risadinha.

— Estou brincando. Alric nos contou sobre o... mal-entendido.

— Você conhece Rudolf? — perguntou ela.

— Conheço — disse Mauvin. — Chamar aquele cara de burro é ofender os burros. — Passado um segundo, Fanen e Arista caíram na gargalhada, contagiando Mauvin. — Ele é um bom partido, no sentido aristocrático da coisa, sem dúvida, mas eu ficaria muito aborrecido se tivesse de passar o resto da vida beijando aquele asno. Sinceramente, Arista, fico surpreso por você não ter transformado Alric num sapo ou algo parecido.

Arista parou de rir.

— O quê?

— Você sabe... jogar um feitiço nele. Uma semana na condição de sapo teria... O que foi?

— Nada — disse ela, voltando a se recostar e girando o corpo para ficar de bruços.

— Ei... olha... eu não quis ofendê-la.

— Tudo bem — mentiu ela.

— Foi só uma piadinha.

— Sua primeira piadinha foi melhor.

— Arista, eu sei que você não é bruxa.

Seguiu-se um silêncio longo e desconcertante.

— Desculpe-me — disse Mauvin.

— Demorou... — disse ela.

— Poderia ter sido pior — interveio Fanen. — Alric poderia forçar você a se casar com Mauvin.

— Que maluquice — disse Arista, sentando-se. Mauvin olhou para ela com um olhar ao mesmo tempo surpreso e magoado. Ela meneou a cabeça. — Eu quis dizer que seria o mesmo que me casar com um irmão. Para mim, é como se vocês fossem da família.

— Não diga isso a Denek — respondeu Mauvin. — Há anos ele é apaixonado por você.

— Sério?

— Ah... e não diga a ele que eu contei. Inclusive... pensando bem... esqueça o que eu disse.

— E aqueles dois lá? — perguntou Fanen subitamente, apontando uma grande barraca, com listras vermelhas e pretas, da qual dois homens acabavam de sair. Um era imenso, com bigode e barba ruiva. Usava uma túnica vermelha sem mangas, com uma faixa verde, e um pequeno capacete de metal que exibia diversas mossas. O outro era alto e magro, com cabelos negros e compridos e barba curta e bem aparada. Usava batina vermelha e capa preta, e trazia no peito a insígnia da coroa quebrada.

— Sugiro que não se meta com aqueles dois — disse Mauvin finalmente. — Um deles é lorde Rufus, de Trent, chefe guerreiro de Lingard, líder de clã e veterano de dezenas de batalhas travadas com os selvagens de Estrendor, sem falar que foi o herói da Batalha das Colinas de Vilan.

— Aquele é Rufus? — murmurou Fanen.

— Ouvi dizer que tem um temperamento cruel e braço de urso.

— Quem é o outro sujeito, aquele da insígnia da coroa quebrada? — perguntou Fanen, apontando o outro indivíduo.

— Aquele homem, meu caro irmão, é uma sentinela, e vamos torcer para que nenhum de nós precise um dia chegar perto dele.

Enquanto observava os dois homens, Arista viu uma silhueta surgir na contra-luz de uma fogueira ao longe. Uma figura baixinha, com barba longa e mangas

bufantes.

— A propósito, quero começar cedo amanhã, Fanen — disse o irmão.

— Quero sair à frente do cortejo. Estou cansado de comer poeira.

— Alguém sabe aonde exatamente estamos indo? — perguntou Fanen.

— Parece que a gente está viajando para o fim do mundo. Arista assentiu.

— Ouvi Sauly falando a respeito com o arcebispo. Acho que é uma aldeia chamada Dahlgren.

Arista olhou para trás, na tentativa de ver novamente a silhueta, mas ela havia desaparecido.

Capítulo 7

SOBRE HOMENS E ELFOS



Thrace estava deitada na cama do margrave no casarão, com a cabeça meticulosamente enrolada em tiras de pano. Dentre as tiras, escapavam tufo de cabelo da jovem, embaraçados e louros. Em volta dos olhos e no nariz havia hematomas roxos e amarelados. O lábio superior estava bastante inchado e por toda a extensão dele via-se uma linha de sangue escuro, coagulado. Thrace tossia e murmurava, mas não dizia uma única palavra, tampouco abria os olhos.

E Theron não saía do lado dela.

Esrahaddon disse a Lena que fervesse folhas de tanaceto numa panela cheia de vinagre de maçã. Ela fez conforme ele dissera. Todos agora faziam o que ele dizia. Depois da noite anterior, os residentes de Dahlgren passaram a tratar o maneta com todo o respeito e a olhar para ele com admiração e até medo. Tad Bothwick e Rose McDern tinham visto Esrahaddon criar o fogo verde que enxotara o monstro. Ninguém pronunciava as palavras *bruxo* ou *mago*. Isso não era preciso. Em pouco tempo, o vapor da panela fez recender pelo ambiente um penetrante odor floral.

— Eu sinto muito — sussurrou Theron ao ouvido da filha.

A tosse e os murmúrios tinham parado, e ela jazia imóvel, como se estivesse morta. Theron levou ao rosto a mão inerte da filha sem saber se ela podia ouvi-lo. Ele vinha repetindo aquelas palavras havia horas, implorando a ela que acordasse.

— Não fiz aquilo por mal. Eu só estava zangado. Me desculpe. Não vá embora. Por favor, volte para mim.

Ele ainda podia ouvir o grito da filha no escuro, interrompido por um estalo abafado. Se fosse um tronco de árvore ou algum galho mais grosso, pensava Theron, ela teria morrido na hora. Mesmo assim, ainda corria risco de morte.

Ninguém, exceto Lena e Esrahaddon, ousava entrar no quarto, já preenchido pela dor de Theron. Todos esperavam o pior. Quando os dois chegaram ao

casarão, o sangue cobria o rosto da jovem e encharcava a camisa do pai. Com a tez pálida e os lábios marcados com um estranho tom de azul, Thrace não se mexia nem abria os olhos. Esrahaddon sussurrara algo ao ouvido dela e dera instruções para que fosse levada ao casarão, onde deveria ficar bem agasalhada. Era o tipo de coisa que se fazia por um moribundo, propiciando o máximo de conforto possível. O diácono Tomas rezou por ela e se manteve disponível para abençoar sua alma prestes a partir.

No ano anterior, muitas tinham sido as mortes no vilarejo de Dahlgren. Nem todas foram causadas pelo monstro. Houve baixas por causas naturais, ou por acidentes, e no inverno lobos assolavam a região. Houve também alguns desaparecimentos inexplicáveis, que eram geralmente atribuídos ao monstro, mas que podiam ter sido de gente perdida na floresta ou acidentalmente levada pelo Nidwalden. Em menos de um ano, mais da metade da população da aldeia tinha morrido ou desaparecido. Todo mundo conhecia alguém que se fora e praticamente toda família havia perdido ao menos um membro. O povo de Dahlgren se acostumara com a morte, que se tornara uma espécie de visitante noturna ou convidada constante para o café da manhã. Todos conheciam o rosto da morte, o som da sua voz, seu jeito de andar, seus hábitos peculiares. Ela estava sempre por perto. Não fosse o rastro danoso por ela deixado, os habitantes talvez já nem notassem sua presença.

O sol surgiu, banhando com uma luz débil o quarto em que Theron chorava pela filha. O último membro de sua família o deixava. E somente agora ele percebia o quanto ela significava. Os pensamentos chegavam à sua mente sem serem convidados. Tantas e tantas vezes aquela filha o procurara. Lembrou-se da noite em que o monstro atacara sua propriedade, naquela noite em que ele voltara tarde para casa. Só ela havia enfrentado a escuridão para sair à sua procura. Tão jovem, pouco mais que uma criança, Thrace havia cruzado sozinha a metade da área de Avryn, gastando no processo as economias guardadas ao longo da vida, a fim de trazer ajuda. Então, na noite anterior, quando a teimosia o impedira de abandonar sua casa, ela fora procurá-lo na escuridão, correndo sozinha pela mata, ignorando os perigos. Uma única idéia ocupara a mente da menina: salvá-lo. E ela conseguira fazer isso. Impedira que o monstro se alimentasse da carne dele, e o mais importante era que ela o trouxera de volta ao mundo dos vivos. Arrancara o véu negro que lhe encobria os olhos e libertara seu coração do peso da culpa, mas pagava por tudo isso com a própria vida. As lágrimas escorriam pelas faces de Theron e ficavam presas em seu lábio inferior. Beijou a mão da filha, deixando ali um ponto molhado, uma oferenda, um pedido de desculpas.

Como pude ser tão cego?

A respiração ritmada e constante da filha enfraquecia a cada vez que ela aspirava, tornando-se menos freqüente e mais ofegante. Ele ouvia a

desaceleração do ritmo, como se este marcasse o som de passadas que se distanciavam e se tornavam menos e menos audíveis. Theron agarrou a mão da filha, beijando-a várias vezes e esfregando-a no rosto. Parecia que seu coração era arrancado do peito. Finalmente, o ritmo regular da respiração parou.

Theron soluçou:

— Oh, deus!

— Papai? — Ele ergueu a cabeça, sobressaltado. Os olhos da filha estavam abertos. Ela olhava para ele. — O senhor está bem? — murmurou ela.

Theron abriu a boca, mas não conseguiu falar. As lágrimas seguiram rolando, e, como se o rosto fosse um trecho de terra estéril que não era regado havia anos, brotou ali um sorriso.

Nuvens velozes cruzavam um céu inconstante, e os sinais de uma tempestade iminente marcavam o novo dia. Royce se sentou numa saliência de pedra, onde o penhasco se encontrava com o rio e o borrifo das cataratas molhava a rocha. Seus pés e pernas estavam encharcados, pois ele passara a manhã inteira caminhando pela vegetação rasteira do bosque, sempre úmida. Seus olhos passavam por cima do ponto em que a queda-d'água se precipitava e fixavam-se na plataforma de pedra e na torre monumental e sedutora erigida sobre ela. Royce pensou que talvez um túnel passasse embaixo do rio. Buscou um acesso entre as árvores, mas nada encontrou.

Não fizera o menor progresso. Passados quase dois dias, continuava sem conseguir se aproximar do objetivo. A torre permanecia fora de alcance. A menos que conseguisse vencer a nado a correnteza, caminhar sobre as águas ou voar, ele não tinha a menor chance de atravessar o golfo que o separava de Avempartha.

— Eles estão lá agora mesmo, você sabia? — perguntou Esrahaddon.

Royce se esquecera do mago. Ele chegara havia algum tempo, mencionando apenas que Thrace tinha sobrevivido, recuperara a consciência e dava sinais de pleno restabelecimento. Depois, sentara-se numa pedra durante cerca de uma hora, olhando para o rio, como Royce fizera o dia inteiro.

— Quem?

— Os elfos. Estão do outro lado do rio, olhando para nós. E podem nos enxergar, acho, mesmo de longe. São surpreendentes. A maioria dos humanos os considera inferiores... criaturas preguiçosas, sujas, incultas... mas a verdade é que eles são superiores aos humanos em quase todos os aspectos. Acho que é por isso que os humanos estão sempre dispostos a criticá-los. Porque não querem admitir que são inferiores aos elfos.

"Elfos são, de fato, notáveis. Veja só essa torre. Ela é fluida e sem emendas,

como se crescesse da superfície da rocha. Que elegância! Que perfeição! Ela se encaixa na paisagem como se pertencesse à natureza, uma maravilha natural, mas acontece que não é. Eles a construíram utilizando habilidades e técnicas das quais os nossos melhores pedreiros não possuem a menor compreensão. Imagine como devem ser gloriosas as cidades deles! Que maravilhas aquelas florestas do outro lado do rio não abrigam?"

— Quer dizer que você nunca atravessou o rio? — perguntou Royce.

— Homem nenhum atravessou este rio e provavelmente nenhum atravessará. No instante em que um homem pisar naquela margem, ele morre. O fio pelo qual o destino do homem está pendurado é deveras fino.

— Como assim?

Esrahaddon apenas sorriu.

— Você sabia que, antes da chegada de Novron, nenhum exército humano tinha vencido uma única batalha sequer contra os elfos? Àquela época, os elfos eram os nossos demônios. A Grande Biblioteca de Percepliquis continha pilhas de livros sobre o assunto. Houve um tempo em que pensávamos que eles fossem deuses. Eles vivem por tanto tempo que ninguém conseguia ver que envelheciam. Seus ritos funerários são tão secretos que até hoje ser humano nenhum jamais viu um elfo morto.

"Eles foram os primogênitos, os Filhos de Ferrol, grandes e poderosos. Em combate, eram temidos acima de tudo e de todos. Tratavam enfermidades. Caçavam ursos e lobos. Sabiam se preparar para tempestades e secas. Nada, nada resistia aos elfos. As lâminas fabricadas por eles quebravam as nossas, as flechas perfuravam nossas armaduras, os escudos eram impenetráveis e, evidentemente, eles dominavam a Arte. Imagine o céu coberto com um bando de Gilarabrywns. E os Gilarabrywns eram apenas uma das armas dos elfos. E mesmo sem essas vantagens, sem a Arte, sem a velocidade, sem a visão, sem a audição, sem o senso de equilíbrio e sem outras habilidades milenares... são muito superiores ao homem."

— Se isso é verdade, por que não nos dominaram?

— Tudo se deve a Novron. Ele nos mostrou as fraquezas dos elfos. Ensinou a humanidade a lutar, a se defender, e nos ensinou também a arte da magia. Sem a Arte, ficaríamos indefesos perante os elfos.

— Ainda não consigo imaginar como vencemos — duvidou Royce. — Mesmo que o homem tenha aprendido magia, ainda me parece que os elfos estavam em vantagem.

— É verdade, e numa luta de igual para igual nós teríamos perdido. Mas a luta não

foi assim. Os elfos vivem durante muito tempo, você sabe. Acho que os humanos desconhecem quanto tempo vive um elfo, mas devem ser, no mínimo, vários séculos. É possível que alguns dos elfos que agora nos observam se recordem do próprio Novron. Mas criaturas que vivem tanto tempo assim não são capazes de se reproduzir rapidamente. Os elfos têm poucos filhos, e para eles um nascimento é algo muito significativo. Nascimento e morte no mundo dos elfos são eventos raros e sagrados. Imagine a devastação e o sofrimento que passaram durante as guerras. A despeito do número de batalhas que vencessem, as fileiras ficavam cada vez menos numerosas. Enquanto nós, humanos, de uma geração para outra recuperávamos as nossas baixas, para os elfos tal processo demorava um milênio. Eles foram consumidos... ou melhor, afogados no oceano da humanidade. — Esrahaddon se deteve e então acrescentou: — Acontece que, agora, Novron se foi. Desta vez não haverá salvador.

— Desta vez?

— Por que acha que eles continuam do lado de lá? Estas terras são deles. Para nós, o tempo dos elfos parece se perder no passado, mas para eles o tempo em que podiam andar livremente deste lado do rio parece ter sido ontem. Hoje, a população de elfos deve estar reconstituída.

— Por que, então, eles ficam do lado de lá do rio?

— Por que qualquer um não vai atrás daquilo que quer? Por medo. Medo da aniquilação, medo da destruição que podemos causar... mas Novron está morto.

— Você já disse isso — apontou Royce.

— Eu disse que a humanidade havia desperdiçado o legado de Novron e agora vai ter de arcar com as conseqüências de tal ato. Novron ensinou a magia ao homem, mas ele se foi e a magia foi esquecida. A nossa condição é de crianças nuas e indefesas. A humanidade está provocando a ira de uma raça tão à nossa frente que nossos gritos nem sequer serão ouvidos. A ignorância dos elfos em relação à nossa fraqueza e esse frágil acordo entre o Império Erivan e um imperador falecido é tudo o que resta como defesa para a humanidade.

— Sejamos gratos pela ignorância deles, então.

— Essa é a questão — disse o mago. — Eles estão descobrindo.

— O Gilarabrywn?

Esrahaddon assentiu.

— De acordo com um tratado firmado por Novron, as margens do rio Nidwalden são *ryin contita*.

— Zona proibida a todos — traduziu Royce livremente, angariando um leve

sorriso do mago. — Eu sei ler e escrever!

— Ah... um erudito de verdade. Então, como eu dizia, as margens do rio Nidwalden são *ryin contita*.

Um olhar de compreensão surgiu no rosto do ladrão.

— Dahlgren viola esse decreto.

— Exatamente. O tratado estipula também que os elfos estão proibidos de ceifar a vida dos humanos, a não ser que estes atravessem o rio. Mas nada diz sobre humanos que morrem de causas acidentais. Se eu desprender uma pedra, ela pode rolar aleatoriamente, mas tudo indica que role morro abaixo. Se houver casas e pessoas morro abaixo, a pedra pode destruí-las, mas não serei eu quem as matou. É a pedra e o fato infeliz de que as pessoas vivem no pé do morro. E eles estão nos observando. Estão avaliando os nossos pontos fortes e fracos. Assim como você tem feito comigo.

Esrahaddon sorriu.

— Talvez não haja como saber, com certeza, se eles são os responsáveis pela presença do monstro, mas uma coisa é certa: eles estão nos observando — disse ele. — Quando perceberem que somos indefesos diante do Gilarabrywn, se acharem que o tratado foi rompido, ou expirou, o medo não mais os deterá.

— Esse é o verdadeiro motivo de sua presença aqui?

— Não. — O mago balançou a cabeça. — É apenas um dos motivos, mas a guerra entre elfos e humanos acontecerá a despeito de qualquer atitude que eu tomar. Só estou tentando aliviar o golpe e conceder à humanidade a chance de lutar.

— Um bom começo seria ensinar a algumas outras pessoas aquilo que você fez ontem à noite.

O mago olhou para o ladrão.

— Como assim?

— O estilo ingênuo não cai bem em você — disse Royce.

— Não, acho que não.

— Pensei que não conseguisse praticar a Arte sem as mãos.

— É muito difícil, requer muito tempo e o grau de exatidão é baixo. Imagine o que seria escrever o próprio nome com os dedos dos pés. Comecei a trabalhar naquele feitiço antes de vocês chegarem aqui, supondo que em algum momento ele me seria útil. Na realidade, a parede de fogo quase acabou com vocês dois. Minha intenção era que ela surgisse vários metros mais para trás e que

demorasse horas, não minutos. Se tivesse as mãos, eu poderia... — Ele se conteve. — De nada adianta ficar falando nisso, eu acho.

— Você era tão poderoso assim?

Esrahaddon exibiu um sorriso maldoso.

— Ah, meu bom menino, você não poderia nem começar a imaginar...

A notícia da recuperação de Thrace logo se espalhou pela aldeia. A jovem ainda estava um pouco debilitada, mas sua melhora era visível. A visão estava perfeita, os ossos intactos e o apetite normal. No meio da manhã ela já estava sentada tomando sopa. Naquele dia constatava-se um olhar diferente na fisionomia dos aldeões. O pensamento não expresso era o mesmo: o monstro tinha atacado, mas ninguém havia morrido.

Na noite anterior, a maioria dos habitantes tinha visto o monstro alado no reflexo das labaredas verdes. E, naquela manhã, ao lado de cada aldeão caminhava uma parceira estranha, uma velha amiga esquecida que agora reaparecera: a esperança.

Logo ao alvorecer, todos já se ocupavam da montagem de novas pilhas de lenha. Àquela altura, um sistema de trabalho já havia sido criado, e as pilhas foram preparadas em poucas horas. Desconfiando que o monstro, que obviamente enxergava bem no escuro, talvez não conseguisse enxergar através de fumaça espessa, Vince Griffin sugeriu o uso de defumadores. Havia séculos que os camponeses utilizavam defumadores para espantar insetos que ameaçavam devorar suas plantações, e em Dahlgren a prática era corrente. Velhas caçarolas foram recolhidas e preparadas como se uma nuvem de gafanhotos estivesse a caminho. Ao mesmo tempo, Hadrian, Tad Bothwick e Kline Goodman começaram a percorrer as construções existentes no perímetro externo do castelo em busca dos melhores abrigos.

Hadrian ocupou-se de organizar pequenos grupos de homens. Um deles iniciou a ampliação de um porão que havia na casa de defumação, outro se pôs a cavar um túnel que pudesse servir de armadilha para o monstro. Ao perseguir um homem, uma serpente gigantesca talvez o seguisse túnel adentro. Mas, se o túnel ficasse cada vez mais estreito, talvez fosse possível fechar as saídas antes que a criatura percebesse a armadilha. Segundo constava, arma nenhuma fabricada por humanos poderia matar o monstro, mas Hadrian supunha não haver restrições à captura.

O diácono não estava gostando nada de toda aquela atividade no interior das dependências do castelo, mas já era evidente que os aldeões tinham encontrado um novo líder na figura de Hadrian. Tomas ficou quieto, dentro de casa, cuidando de Thrace.

— Hadrian?

Hadrian se lavava à beira do poço, no centro do vilarejo, onde podia usufruir de um pouco de privacidade, quando, erguendo os olhos, deparou-se com Theron.

— Vê-se que você andou cavando por aí — disse o lavrador. — Dillon disse que os mandou abrir um túnel. Foi uma boa idéia.

— A probabilidade de que a idéia dê certo é pequena — explicou Hadrian, molhando o rosto com as mãos cheias de água. — Mas pelo menos vamos tentar.

— Escute — disse o lavrador com uma expressão tristonha e então se calou.

— Thrace está bem? — perguntou Hadrian depois de cerca de um minuto.

— Está ótima... ela é tão forte quanto o pai — disse ele com orgulho, batendo com uma das mãos no peito. — É preciso mais do que uma árvore para acabar com ela. Nós, os Wood, somos assim mesmo. Embora não pareça, somos uma gente forte. Pode demorar um pouco, mas sempre reagimos, e, quando o fazemos, somos mais fortes do que nunca. A questão é que a gente precisa de alguma coisa... você sabe... de motivação. Eu não tinha uma... ao menos pensei que não tivesse. Thrace me provou o contrário.

Os dois se encararam num silêncio desconcertante.

— Escute — repetiu Theron e, mais uma vez, se calou. — Não estou acostumado a ficar em débito com quem quer que seja, sabe. Eu sempre dou um jeito, por assim dizer. Tudo o que tenho foi conseguido com trabalho, muito trabalho. Não peço ajuda a ninguém e não peço desculpas pelo meu modo de ser, você me entende?

Hadrian assentiu.

— Mas... bem... muito daquilo que você disse ontem é verdadeiro. Só que... hoje... algumas coisas mudaram... você me entende? Thrace e eu... a gente vai embora daqui assim que ela estiver em condições. Acho que depois de alguns dias de descanso ela vai poder viajar. A gente vai para o sul, talvez para Alburn, ou até Cális. Ouvi dizer que o verão lá é mais longo, melhor para o cultivo. Em todo caso, a gente ainda vai passar algumas noites aqui. Mais algumas noites em que a gente vai ter de viver sob essa ameaça. Eu não vou perder a minha menina do mesmo jeito que perdi os outros. Agora sei que um velho camponês como eu, manejando uma foice ou um forcado, não é páreo para essa criatura, mas seria bom se eu soubesse lutar direito. Se o monstro fizer uma visita antes que a gente vá embora, ao menos vou ter a chance de fazer alguma coisa. Só não tenho muito dinheiro, apenas algumas moedas de prata guardadas, mas queria saber se a sua oferta para me ensinar a lutar ainda está de pé.

— Antes de mais nada, a gente precisa esclarecer uma coisa — disse Hadrian em

tom sério. — A sua filha já nos pagou para fazermos o que pudéssemos para ajudá-lo, então ou você guarda as moedas de prata para a viagem para o sul ou não vou ensinar nada. De acordo?

Theron hesitou e então assentiu.

— Bom. Certo. Acho que podemos começar agora mesmo se estiver pronto.

— Vamos pegar as suas espadas? — perguntou Theron.

— Isso não vai ser possível, pois as deixei na sela da Milhe ontem à noite e ela ainda não apareceu. Mas, por enquanto, isso não é um problema.

— Quer que eu corte uns pedaços de pau? — indagou o camponês.

— Não.

— Então... como vai ser?

— Que tal você se sentar e ouvir um pouco? Tem muito a ser aprendido antes que a pessoa comece a desferir golpes a torto e a direito.

Theron olhou para Hadrian com uma expressão cética.

— Você quer que eu ensine, certo? Se eu pedisse para você me ensinar em algumas horas a ser um bom lavrador, o que você diria?

Theron concordou e sentou-se no chão de terra batida, não muito longe do local onde Hadrian tinha encontrado Pearl. Hadrian vestiu a camisa, pegou um balde, emborcou-o no chão e sentou-se diante de Theron.

— Assim como qualquer outra coisa, para se lutar bem é preciso treinar. Qualquer atividade parece fácil quando a gente assiste à prática de alguém que domina aquilo que está fazendo, mas o que a gente não vê são as horas e os anos de esforço despendidos para se aperfeiçoar. Tenho certeza de que você seria capaz de arar um campo numa fração do tempo que eu levaria para fazer o mesmo trabalho. Isso se aplica à luta com espadas. A prática faz com que a gente reaja sem pensar a determinados estímulos, e até antecipe tais estímulos. Tem a ver com previsão, a capacidade de antecipar o futuro e saber exatamente o que o adversário vai fazer... antes mesmo que *ele* saiba. Sem o treino suficiente, é preciso pensar demais. Quando a gente luta com um adversário habilidoso, uma fração de segundo pode significar a morte.

— Meu adversário é uma cobra gigantesca e alada — disse Theron.

— E já matou um bocado de homens. Trata-se, sem dúvida, de um adversário habilidoso, você não acha? Portanto, treinar é crucial. A questão é: o que você precisa treinar?

— O manuseio da espada, creio eu.

— É verdade, mas isso é uma pequena parte. Se fosse apenas uma questão de manusear uma espada, qualquer pessoa com duas pernas e pelo menos um braço poderia se tornar um exímio espadachim. Não, tem muito mais envolvido. Primeiro, é preciso ter concentração, e isso significa mais do que prestar atenção à luta. Significa não se preocupar com Thrace, não ficar pensando na sua família, nem no passado, nem no futuro. Significa focar a atenção naquilo que você está fazendo acima de qualquer outra coisa. Pode parecer fácil, mas não é. Em segundo lugar vem a respiração.

— A respiração? — perguntou Theron, cético.

— É... eu sei que a gente respira o tempo todo, mas às vezes não corretamente. Você já levou um susto e percebeu que havia prendido a respiração? Já ficou ofegante quando estava nervoso ou com medo? Tem gente que chega a desmaiar nessas situações. Acredite: numa luta para valer, você vai sentir medo e, a menos que esteja treinado, vai respirar errado, ou até prender a respiração. Menos ar debilita o vigor do corpo e torna difícil pensar com clareza. A pessoa fica logo cansada e lenta, o que não convém acontecer durante uma batalha.

— Então como é que se respira corretamente? — perguntou Theron, ainda com um toque de sarcasmo.

— É preciso respirar fundo e lentamente mesmo antes que isso seja necessário, antes que o cansaço exija esse tipo de respiração. No início, a ação será consciente e vai parecer contraproducente, até mesmo prejudicial.

Mas, com o tempo, ela se torna perfeitamente natural. Também é bom ter em mente que o golpe será mais vigoroso se for desferido enquanto você expira. A expiração acrescenta força e foco à estocada. Às vezes, é bom gritar. Eu vou querer que você grite no treino. Vou querer ouvir o grito na hora que você brandir a espada. Mais tarde, não vai ser necessário gritar, embora às vezes um grito possa assustar o adversário.

Hadrian fez uma breve pausa e Theron notou um sorrisinho nos lábios dele.

— Depois vem a questão do equilíbrio, e isso significa mais do que não cair. Infelizmente, nós humanos só temos dois pés. São apenas dois os nossos pontos de apoio. Se levantarmos um, já estamos vulneráveis. É por isso que devemos manter ambos os pés no chão. Isso não quer dizer que você não vá se mexer, mas que, quando se mexer, deve tentar arrastar os dois pés, sem tirá-los do chão. É preciso manter o peso apoiado na perna da frente, os joelhos ligeiramente flexionados e o equilíbrio concentrado nas pontas dos pés, e não nos calcanhares. Se você aproximar um pé do outro, seus pontos de equilíbrio vão diminuir de dois para um, portanto mantenha os pés separados, mais ou menos alinhados aos ombros.

"Evidentemente, o senso de oportunidade é muito importante. Vou logo avisando: no começo, o seu tempo vai ser péssimo, pois isso é algo que só melhora com a experiência. Você viu, quando tentou me atingir ontem, como pode ser frustrante desferir golpes em vão. É saber a hora certa que propicia a estocada bem-sucedida, e não apenas a estocada bem-sucedida, mas aquela que causa dano. Você vai aprender a identificar padrões de movimento. Vai saber reconhecer uma brecha, um ponto fraco. Muitas vezes, para prever um ataque, basta estudar os movimentos do adversário: o posicionamento dos pés, a expressão do olhar, um ombro caído, um músculo contraído."

— Mas, eu não sou muito chegado a lutas — interrompeu Theron. — E acho que o monstro não tem ombro.

— Até os animais sinalizam o que vão fazer. Eles se contraem, se contorcem e indicam o próximo movimento, assim como as pessoas. Os lutadores mais habilidosos tentam esconder suas intenções, ou, o que é pior, dissimulam proposadamente o próximo golpe. Com isso, pretendem nos confundir, ou comprometer nosso equilíbrio, e visam também a adquirir uma posição de vantagem. Obviamente, você deve tentar fazer o mesmo tipo de coisa. Se a finta for bem-feita, o adversário percebe apenas ela, e não nota o golpe verdadeiro. O resultado, no seu caso, vai ser uma serpente voadora sem cabeça.

"A última coisa que se aprende é a mais difícil. E não pode ser ensinada. Mal pode ser explicada. É a idéia de que, na realidade, a luta, a batalha não existe, digamos, nas suas mãos ou nos seus pés; ela existe na sua cabeça. A verdadeira batalha é travada na sua mente. É preciso ter certeza de que vai vencer antes que a luta comece. É preciso ver a vitória, cheirar a vitória e acreditar cegamente na vitória. É preciso ter confiança, mas deve-se evitar o seu excesso. É preciso ser flexível, saber se adaptar a cada instante e jamais desistir. Sem essa convicção, nada mais será possível. A menos que você acredite que será vitorioso, o medo e a hesitação irão segurá-lo para que o seu adversário dê o golpe final. Agora, vamos catar dois galhos bem firmes e ver se você soube me ouvir."

Naquela noite as fogueiras foram acesas novamente e todos se abrigaram no casarão ou no subsolo da casa de defumação. Royce e Hadrian eram os únicos que circulavam do lado de fora, mas se mantinham nas proximidades da porta da casa de defumação, observando a noite à luz da fogueira.

— Como está Thrace? — perguntou Royce, olhando para o céu.

— Ótima, considerando o fato de que ela partiu um galho de árvore com a cabeça — respondeu Hadrian, sentando-se num barril e roendo um osso de carneiro. — Ouvi dizer que ela já estava caminhando e pedindo para ajudar no preparo das refeições. — Ele balançou a cabeça e sorriu. — Aquela menina não é mole... quanto a isso não resta dúvida. Quando a vi embaixo daquela ponte, em Colnora,

não poderia imaginar, mas ela é dura na queda. E o pai está bem diferente. Disse que, dentro de um ou dois dias, eles pretendem ir embora... assim que Thrace estiver em condições de viajar.

— Isso quer dizer que estamos sem trabalho? — disse Royce, fingindo-se decepcionado.

— Por quê? Você estava quase resolvendo a charada? — perguntou Hadrian, jogando fora o osso de carneiro e limpando as mãos no colete.

— Não. Não consegui descobrir como chegar até lá.

— Seria um túnel?

— Já pensei nisso, mas examinei cada centímetro da mata e das rochas e não descobri nada. Nenhuma caverna, nenhuma valeta, nada que possa sugerir um túnel. Desta vez estou completamente sem idéias.

— E Esra? O mago não teve alguma idéia?

— Talvez, mas ele tem sido meio evasivo. Está escondendo alguma coisa. Ele quer o acesso à torre, mas não diz por que e evita perguntas diretas a respeito da questão. Aconteceu alguma coisa com ele aqui anos atrás. Algo sobre o qual ele não quer falar. Mas talvez eu consiga fazê-lo falar amanhã se disser que os Wood não vão mais precisar dos nossos serviços e que não tenho mais por que tentar entrar na torre.

— Você não acha que ele vai perceber o blefe?

— Perceber o blefe? — perguntou Royce. — Sinceramente, amanhã será a minha última tentativa. Se eu não conseguir descobrir alguma coisa, acho que devemos ir embora com Theron e Thrace.

Hadrian permaneceu calado.

— O que foi? — perguntou Royce.

— E que não me agrada a idéia de abandoná-los desse jeito. Você sabe, eles estão começando a virar o jogo.

— Você sempre faz isso. Você sempre abraça essas causas perdidas e...

— Quero lembrar que a idéia de vir até aqui foi sua. Eu estava prestes a recusar o serviço, você se lembra?

— Bem... muita coisa pode acontecer no decorrer de um dia. Talvez amanhã eu descubra um jeito de entrar lá.

Hadrian olhou ao redor.

— A floresta está cheia de ruídos. Parece que nosso amigo não vem nos visitar esta noite. Vai ver que as labaredas de Esrahaddon chamuscaram as asas dele, e

hoje vai jantar carne de cervo.

— As chamas não vão mantê-lo longe daqui para sempre — disse Royce. — De acordo com o mago, elas não causaram dano algum... apenas o deixaram confuso. Parece que ele não gosta de luzes fortes. Somente a espada que está dentro da torre é capaz de causar algum dano. Ele vai voltar.

— Então é melhor a gente aproveitar a ausência dele e garantir uma boa noite de sono.

Hadrian entrou e desceu até o subsolo, enquanto Royce ficou contemplando o céu noturno e as nuvens que corriam diante das estrelas. O vento continuava forte, açoiando as árvores e batendo nas fogueiras. Ele quase podia sentir o cheiro de mudança no ar... e a mudança vinha na direção deles.

Capítulo 8

MITOS E LENDAS



Sob a luz da alvorada, Royce se posicionou à margem do rio e ficou lançando pedras pela superfície da água, em direção à torre. Nenhuma delas quicou mais de uma vez antes de ser engolida pela correnteza. Sua última idéia tinha sido construir um pequeno barco e se lançar na água rio acima, na esperança de atracar no parapeito de pedra antes que a violenta correnteza o atirasse pelas cataratas. Embora não houvesse um local seguro para a atracação, talvez a tentativa desse certo se ele se valesse da direção do fluxo da água para alcançar a ilhota. Era provável que a força da correnteza arrebentasse o barco contra a pedra, mas é possível que ele conseguisse subir na rocha antes de cair nas cataratas. O problema era que, mesmo que realizasse tal façanha, não haveria como voltar. Royce se virou e avistou o mago, aproximando-se pela trilha de acesso ao rio. Era possível que o mago quisesse apenas ficar de olho nele. No entanto, o mais provável era que quisesse estar a postos caso Royce descobrisse a entrada.

— Bom dia — disse Esrahaddon. — Alguma revelação hoje?

— Só uma. Não há como chegar à torre.

O mago assumiu um ar decepcionado.

— Já esgotei todas as possibilidades que me ocorreram. Além disso, Theron e Thrace vão embora de Dahlgren. Já não tenho motivo para ficar quebrando a cabeça na tentativa de descobrir um meio de entrar nesta torre.

— Entendo — disse Esrahaddon, olhando para ele. — E o bem-estar da aldeia?

— Não é problema meu. Esta aldeia nem deveria estar aqui, você se lembra? É uma violação do tratado. Seria melhor se toda essa gente fosse embora.

— Se permitirmos que o vilarejo desapareça, isso pode parecer um sinal de fraqueza, um convite à invasão élfica.

— E, se permitirmos que o vilarejo sobreviva, estaremos rompendo o tratado. A

consequência será a mesma. Felizmente, não tenho nenhuma coroa na cabeça. Não sou imperador nem rei... portanto, isso não é da minha conta.

— Você simplesmente vai embora?

— Existe algum motivo para eu ficar?

O mago levantou uma das sobrancelhas e durante algum tempo fitou o ladrão.

— O que você quer? — perguntou ele, finalmente.

— Você agora vai querer me pagar?

— Nós dois sabemos que não tenho dinheiro, mas você quer algo de mim. O que é?

— A verdade. O que você está procurando? O que aconteceu aqui há novecentos anos?

O mago examinou o rosto de Royce durante alguns instantes e então baixou os olhos e os fixou nos próprios pés. Passados alguns minutos ele assentiu. Encaminhou-se a um tronco de faia caído sobre uma rocha de granito e se sentou. Em seguida, contemplou a água e o vapor como se buscasse algo na névoa, algo que não estava ali.

— Eu era o mais jovem dos cenzars. Integrava o conselho de magos que se reportava diretamente ao imperador. Os maiores magos que o mundo conhecia. Havia também os teshlors, os maiores cavaleiros do imperador. A tradição estabelecia que um mentor de cada um desses conselhos servisse, respectivamente, de instrutor e protetor, em tempo integral, ao filho e herdeiro do imperador. Sendo eu o mais jovem, coube a mim ser o instrutor de Nevrik, e Jerish Grelad foi selecionado entre os teshlors. Jerish e eu não nos entendíamos muito bem. Como a maioria dos teshlors, ele desconfiava dos magos, e eu não gostava do seu jeito brutalizado.

"Contudo, Nevrik nos aproximou. Assim como o pai, o imperador Nareion, Nevrik era um menino singular e era uma honra instruí-lo. Jerish e eu passávamos quase o tempo todo na companhia de Nevrik. Eu ensinava sobre mitos, livros e a Arte, enquanto Jerish dava instruções acerca de lutas e campanhas militares. Embora eu ainda achasse que a prática do combate físico estivesse aquém do imperador e do herdeiro, era evidente que a dedicação de Jerish a Nevrik se comparava à minha. Nesse meio-tempo, por assim dizer, Jerish e eu encontramos um ponto em que conseguíamos atuar juntos. Quando o imperador decidiu romper a tradição e vir até Avempartha com o filho, nós os acompanhamos."

— Romper a tradição?

— Fazia séculos desde a última vez que um imperador se comunicara diretamente

com os elfos.

— Depois que a guerra acabou, não ficou estipulado o pagamento de tributos ou algo semelhante?

— Não, todo e qualquer contato tinha sido interrompido, separado pelo Nidwalden. Portanto, o momento era de grande expectativa. E de grande incerteza. Eu mesmo sabia pouco sobre Avempartha, além do relato histórico que apontava a região como o local da última batalha da Grande Guerra dos Elfos. O imperador se reuniu na torre com vários oficiais de elite do Império Erivan enquanto Jerish e eu tentávamos, sem muito sucesso, dar prosseguimento aos estudos de Nevrik. É difícil atrair a atenção de um menino de doze anos quando se compete com a visão das cataratas e da arquitetura dos elfos.

"Caía o crepúsculo, era quase noite. Nevrik tinha passado o dia todo nos apontando coisas, divertindo-se com o fato de que nem Jerish nem eu éramos capazes de identificar os objetos dos elfos que ele indicava. Por exemplo, secando ao sol havia diversas peças do vestuário élfico, confeccionadas com um tecido brilhante que desconhecíamos. Evidentemente, aquela era a primeira vez em séculos que seres humanos se encontravam com elfos, e estávamos em franca desvantagem. Nevrik se divertia em confundir seus tutores. Portanto, quando perguntou sobre a *coisa* que viu voando em direção à torre, pensei que se tratasse de um pássaro ou de um morcego, mas ele disse que era grande demais e que parecia uma serpente. Ele falou que a *coisa* tinha entrado numa das janelas mais altas da construção. Nevrik se mostrou tão convicto que decidimos voltar para dentro da torre. Estávamos começando a subir a escadaria central quando ouvimos os gritos.

"Parecia que acima de nós estava acontecendo uma batalha. Os guarda-costas do imperador, um destacamento de teshlors, lutavam contra o Gilarabrywn, protegendo o imperador, que descia as escadas correndo. Vi grupos de elfos se atirando contra a criatura, morrendo para proteger o nosso imperador."

— Um grupo de elfos?

Esrahaddon assentiu.

— Fiquei impressionado com a cena. Ela permanece viva em minha memória mesmo depois de quase mil anos. Mas nada que cavaleiros ou elfos fizessem detinha o avanço do monstro, que parecia decidido a exterminar o imperador. Foi uma luta terrível, com as duas raças tombando na escadaria e morrendo nos degraus molhados. O imperador nos ordenou que garantíssemos a segurança de Nevrik.

"Jerish pegou o menino e o arrastou para fora da torre enquanto ele esperneava e gritava, mas eu hesitei. Eu me dei conta de que, fora da torre, o monstro alado

poderia fazer um voo rasante e matar à vontade. A Arte não poderia derrotá-lo. A criatura era encantada e, sem saber como anular o encantamento, eu nada poderia fazer. Ocorreu-me uma idéia e, no momento em que o imperador saiu porta a fora, lancei um feitiço, não sobre o monstro, mas sobre a torre, trancando o Gilarabrywn lá dentro. Os cavaleiros e os elfos que ainda estavam no interior da torre morreram, mas o monstro ficou preso."

— De onde veio o monstro? O que fez com que ele atacasse?

Esrhaddon encolheu os ombros.

— Os elfos afirmaram que nada sabiam sobre o ataque e que não faziam idéia da origem do Gilarabrywn, mas informaram que um dos monstros estava desaparecido desde o fim da Guerra dos Elfos. Eles achavam que ele tinha sido destruído. E se referiram a uma associação militante, um movimento crescente entre os próprios elfos, dentro do Império Erivan, que pretendia incitar a guerra. Especulou-se que esse grupo teria sido o responsável pelo ataque. Os líderes elfos pediram desculpas e afirmaram que investigariam a fundo a questão. O imperador, convencido de que retaliar ou mesmo tornar público o incidente seria desaconselhável, preferiu ignorar o ataque e voltar para casa.

— E essa tal espada?

— O Gilarabrywn é produto de magia, uma criatura enfeitiçada, com existência própria, cuja força vai além do indivíduo que a criou. A rigor, o Gilarabrywn não tem vida, não é capaz de se reproduzir e não envelhece, mas também não morre. O feitiço, no entanto, pode ser desfeito. Não existe encantamento perfeito. Toda magia tem uma brecha. No caso do Gilarabrywn, a brecha está no nome. Sempre que um deles é criado, é criado também um objeto... uma espada que traz o nome gravado. A espada é utilizada para controlar o monstro e, se necessário, exterminá-lo. Os elfos dizem que, no fim da guerra, todas as espadas dos Gilarabrywns foram depositadas na torre, por ordens de Novron. Na época, todas as armas foram localizadas, e todas, exceto uma, estavam riscadas, indicando que o respectivo monstro tinha sido destruído.

Royce se levantou para esticar as pernas.

— Certo. Então os líderes dos elfos guardaram um dos monstros, por garantia, ou esse grupo militante escondeu um monstro para fazer terror. Os líderes dos elfos dizem que todas as espadas estão lá dentro. Talvez estejam, talvez não, e eles só querem...

— Ela *está* lá dentro — interrompeu Esrhaddon.

— Você viu a espada?

— Logo que chegamos, fomos levados para um tour. Perto do topo da torre existe

uma espécie de memorial da guerra. Todas as espadas estão à mostra,

— Tudo bem... a tal espada existe — disse Royce. — Mas por que você a quer? Você não veio até aqui para salvar Dahlgren. Por que está aqui?

— Você não me deixou concluir — respondeu Esrahaddon, falando como um professor sábio que pede paciência ao aluno. — O imperador achou que tinha evitado uma guerra com os elfos e voltou para casa. Mas o que o aguardava era uma execução. Enquanto estivemos fora, a Igreja, sob a liderança do patriarca Venlin, planejou o assassinato do imperador. O ataque ocorreu nos degraus do palácio, durante a celebração do aniversário da fundação do império. Jerish e eu conseguimos fugir, levando Nevrik conosco. Eu sabia que muitos cenzars e teshlors estavam envolvidos no complô montado pela Igreja e também que eles nos encontrariam. Então Jerish e eu criamos um plano: escondemos Nevrik, e criei dois talismãs. Um eu dei a Nevrik, o outro a Jerish. Os amuletos os esconderiam da clarividência dos cenzars, mas eu poderia localizá-los. E então mandei que fugissem.

— E você? — perguntou Royce.

— Fiquei para trás. Tentei salvar o imperador. — Ele fez uma pausa, olhando ao longe. — E falhei.

— E o que aconteceu com o Herdeiro? — perguntou Royce.

— Como é que vou saber? Fiquei trancado num cárcere durante novecentos anos. Você acha que ele escreveu para mim? O combinado era que Jerish o levaria para um esconderijo. — O mago permitiu-se um sorriso amargo. — Tanto ele quanto eu pensávamos que seria por apenas um mês ou algo assim.

— Então você nem sabe se um herdeiro ainda existe?

— Tenho quase certeza de que a Igreja não o matou, pois, se fosse o caso, teriam me matado logo depois. Mas não sei o que aconteceu com Jerish e Nevrik. Se alguém podia proteger a vida de Nevrik, esse alguém seria Jerish. Apesar da idade, ele era um dos melhores cavaleiros do imperador. O fato de o imperador ter confiado a Jerish a vida do Herdeiro comprovava isso. Como todos os cavaleiros da ordem dos Teshlor, Jerish era mestre em todas as lutas. Não haveria um único homem capaz de derrotá-lo, e ele morreria antes de entregar Nevrik. Ambos estariam mortos agora, é claro... O tempo teria se encarregado disso. E o mesmo se aplica aos seus descendentes, se eles tivessem descendentes. Suponho que Jerish tenha reconhecido a necessidade de perpetuar a dinastia e se fixado em algum lugar tranquilo, e também incentivado Nevrik a se casar e ter filhos.

— E que esperasse por você?

— Como assim?

— Esse era o plano, não era? Eles se esconderiam, e depois que a situação ficasse segura você os encontraria?

— Mais ou menos isso.

— Então você dispunha de um meio de contatá-los. Um meio de localizar o Herdeiro? Algo relacionado aos amuletos.

— Novecentos anos atrás eu diria que sim, mas encontrar os descendentes do Herdeiro hoje em dia é um delírio. O tempo pode destruir muita coisa.

— Mas mesmo assim você continua tentando.

— O que resta a um velho maneta considerado criminoso?

— Você pode me dizer como pretende encontrá-los?

— Não, não posso. Eu já contei mais do que deveria. O Herdeiro tem inimigos, e, por mais que eu goste de você, esse tipo de segredo vai ficar comigo. Devo isso a Jerish e a Nevrik.

— Mas algo dentro dessa torre tem a ver com isso. É esse o motivo pelo qual quer entrar lá. — Royce refletiu durante alguns instantes. — Você fechou a torre pouco antes de ser aprisionado e, como faz pouco tempo que o Gilarabrywn se soltou, é quase certo que o interior dela não tenha sido tocado nesse tempo todo. É o único local que permanece inalterado desde o dia em que o deixou. Deve haver algo que você tenha visto naquele dia, ou algo que tenha deixado lá dentro... algo que você precisa para encontrar o Herdeiro.

— É uma pena que você não seja igualmente capaz de decifrar um jeito de penetrar naquela torre.

— Falando nisso — disse Royce —, você mencionou que o imperador se encontrou com os elfos na torre. Eles não podem pisar na margem de cá, certo?

— Certo.

— E não havia ponte do lado de lá do rio, certo?

— Certo, mais uma vez.

— Mas você nunca chegou a ver como eles entravam na torre?

— Não.

Royce refletiu durante alguns instantes e então perguntou:

— Por que os degraus estavam molhados?

Esrhaddon olhou para ele, confuso.

— Como assim?

— Você disse que, quando estavam lutando com o Gilarabrywn, os cavaleiros escorregavam nos degraus molhados. Era sangue?

— Não, água... eu acho. Eu lembro que, quando subíamos, a escadaria estava molhada... Os degraus estavam tão escorregadios que quase caí. Alguns dos cavaleiros caíram; é por isso que me recordo.

— E você disse que havia roupas dos elfos secando ao sol?

Esrahaddon assentiu, com um meneio de cabeça.

— Já percebi aonde está querendo chegar, mas nem mesmo um elfo é capaz de nadar até a torre.

— Isso pode ser verdade, mas por que estavam molhados? O dia estava quente? Seria possível que tivessem se refrescando no rio?

Esrahaddon ergueu as sobrancelhas, incrédulo.

— Neste rio? Não, era o começo da primavera, e ainda fazia frio.

— Então como é que eles se molharam?

Royce ouviu um leve ruído atrás de si. Começou a se virar, mas parou.

— Temos companhia — sussurrou ele.

— Quando você atacar, dê um passo com a perna correspondente à mão que empunhar a espada. Isso vai propiciar melhor alcance e mais equilíbrio — disse Hadrian a Theron.

Os dois estavam novamente ao lado do poço. Tinham acordado cedo, e Hadrian ensinava alguns movimentos básicos, utilizando duas espadas improvisadas a partir de cabos de ancinho. Para surpresa de Hadrian, Theron era mais ágil do que aparentava e, apesar do tamanho, evoluía bem. Hadrian expusera os rudimentos dos bloqueios, ataques, contra-ataques e estocadas, e agora praticavam um ataque combinado, mesclando uma finta, um bloqueio e um contra-golpe.

— Cortes e estocadas devem ocorrer em seqüências ininterruptas. É importante manter a velocidade, a intensidade e a finta. E tudo deve ser o mais simples possível — explicou Hadrian.

— Eu faria o que ele diz. Se alguém entende de luta com cabo de ancinho, esse alguém é Hadrian.

Hadrian e Theron se voltaram e viram dois homens a cavalo entrando na clareira do vilarejo, cada qual conduzindo um pônei carregado de trouxas. Eram novos, pouco mais velhos que Thrace, mas estavam vestidos como jovens príncipes,

com belas meias e culotes com pregas e acabamento de renda.

— Mauvin! Fanen? — disse Hadrian, atônito.

— Ora! Não fique tão surpreso — disse Mauvin, deixando o cavalo pastar a relva da clareira.

— Bem, é um pouco difícil... O que, em nome de Maribor, vocês dois estão fazendo aqui?

Bem nesse instante, um cortejo de músicos, arautos, cavaleiros, carroças e carruagens surgiu do meio da mata fechada. Compridas bandeiras vermelhas e douradas se agitavam à luz matinal, carregadas por alferes que precediam a marcha, seguidos pela emplumada guarda imperial da Igreja de Nyphron.

Para garantir a própria segurança, Hadrian e Theron saíram da frente, encostando-se às árvores, enquanto passava o grande desfile de cavalos elegantemente decorados e carruagens douradas. Havia clérigos bem-vestidos e soldados trajando malhas de aço, cavaleiros com seus escudeiros conduzindo cavalos carregados de partes de armaduras que cintilavam ao sol. Havia nobres cujas bandeiras indicavam locais tão distantes quanto Cális ou Trent, mas havia plebeus também, homens aguerridos, portando espadas largas e exibindo cicatrizes no rosto, monges com hábitos esfarrapados e caçadores com arcs longos e capuz verde. A diversidade de figuras fez com que Hadrian se lembrasse de um circo que ele tinha visto, embora aquele desfile de homens e cavalos fosse demasiado sério para parecer uma brincadeira. Na retaguarda vinha um grupo de seis cavaleiros, trajando vermelho e preto e trazendo no peito o símbolo da coroa quebrada. À frente desse grupo cavalgava um homem alto e magro, com cabelos compridos e negros e barba aparada.

— Então finalmente decidiram fazer alguma coisa a respeito dessa situação — disse Hadrian. — Estou impressionado que a Igreja tenha se dado o trabalho de salvar um vilarejo tão distante e esquecido até pelo próprio rei. Mas isso ainda não explica por que vocês dois estão aqui.

— Estou ferido! — Mauvin fingiu sentir uma dor no peito. — É verdade que só estou aqui para ajudar Fanen, mas quem sabe também não faço uma tentativa? Se bem que, se você estiver na competição, talvez a gente não devesse ter feito esta longa viagem...

Theron sussurrou para Hadrian.

— Quem é essa gente? E do que ele está falando?

— Ah, desculpe... estes são Mauvin e Fanen Pickering, filhos do conde Pickering, de Galilin, em Melengar... e, pelo jeito, estão perdidos. Mauvin, Fanen, este é Theron Wood, ele é lavrador.

— E está pagando por lições? Boa idéia, mas como foi que chegaram aqui antes de nós? Não vi vocês em nenhum dos acampamentos. Ora! Que idéia! Provavelmente você e Royce não tiveram a menor dificuldade em descobrir o local da competição.

— Competição?

— É provável que Royce estivesse escondido embaixo da escrivaninha do arcebispo enquanto as regras estavam sendo criadas. Será que vai ser com espada? Se for, Fanen tem ótimas chances de vencer, mas, se for um torneio com lanças, bem... — Ele olhou de relance para o irmão, que fez uma careta. — Ele não é muito bom em justas. Você já sabe como serão as eliminatórias? Acho que nobres e plebeus não vão competir entre si, o que significa que Fanen não vai entrar em combate com você, portanto...

— Vocês não estão aqui para eliminar o Gilarabrywn? Você está me dizendo que essa gente toda veio até aqui por causa de uma competição idiota?

— Gilarabrywn? O que é um Gilarabrywn? É como o urso Oswald? Ouvi sobre o ataque dele em Dunmore. Aterrorizou os vilarejos durante anos a fio até que o rei o matou com um simples punhal.

O cortejo passou por eles sem se deter, seguindo no sentido do casarão. Uma das carruagens se destacou do grupo assim que passou pelo poço. O veículo parou, e uma jovem muito bem-vestida desceu e correu em direção a eles, segurando a barra da saia para evitar contato com a terra.

— Hadrian! — exclamou ela, com um sorriso radiante.

Hadrian fez uma reverência, e Theron o imitou.

— Este senhor é o seu pai, Hadrian? — perguntou ela.

— Não, Alteza. Permita-me apresentar Theron Wood, do vilarejo de Dahlgren. Theron, esta é Sua Alteza Real, a princesa Arista de Melengar.

Theron arregalou os olhos.

— Você corre por este mundo afora, não é mesmo?

Hadrian exibiu um sorriso encabulado e deu de ombros.

— Ei, Arista! — disse Fanen. — Veja só: Hadrian está dizendo que a competição é para ver quem mata um monstro.

— Eu não disse isso.

— Eu acho até melhor, porque se ele fosse competir eu teria de me retirar da disputa. Mas uma caçada já é outra história. A sorte costuma ser um fator decisivo nessas coisas.

— "Nessas coisas?" — disse Arista rindo. — Isso porque você já participou de diversas competições em que o objetivo era matar um monstro, não é, Fanen?

— Ora! — rebateu Fanen, bem-humorado. — Você sabe o que estou querendo dizer. Às vezes é uma questão de estar no lugar certo na hora certa.

Mauvin encolheu os ombros.

— Isso não me parece o tipo de competição que condiz com um nobre. Se for verdade, vou ficar decepcionado. Matar um pobre animal não é fazer bom uso de uma espada dos Pickering.

— Vem cá, você sabe também qual será o prêmio? — perguntou Fanen.

— Do jeito que a competição tem sido anunciada, em todas as praças públicas, igrejas e tavernas, de um extremo a outro de Avryn, deve ser grande. Será apenas um troféu de ouro, ou serão terras? Tenho esperança de conseguir uma propriedade nessa competição. Mauvin vai herdar o título do nosso pai, mas eu tenho de me virar sozinho. Como é esse animal? É um urso? É grande? Você já viu o bicho?

Hadrian e Theron trocaram olhares de perplexidade.

— O que foi? — perguntou Fanen. — Não venham me dizer que ele já está morto!

— Não — disse Hadrian. — Ele não está morto.

— Ah... que bom.

— Alteza! — soou uma voz de mulher de dentro da carruagem, que ainda aguardava trilha acima. — Nós precisamos ir... O arcebispo está à nossa espera.

— Desculpem-me — disse Arista. — Preciso ir. Foi muito bom revê-los.

— Ela acenou e correu de volta para a carruagem.

— Acho melhor a gente ir também — disse Mauvin. — Queremos colocar o nome de Fanen o mais perto possível do topo da lista.

— Esperem — disse Hadrian. — Não entrem na competição.

— O *quê?* — disseram ambos.

— A gente viajou vários dias até aqui só por isso — queixou-se Fanen.

— Sigam o meu conselho. Deem meia-volta agora mesmo e retornem para casa. Levem Arista com vocês e quem mais conseguirem convencer a ir embora. Se a competição for para matar o Gilarabrywn, não se inscrevam. Não queiram lutar com a coisa. Estou falando sério. Vocês não sabem com o que estão lidando. Se tentarem lutar com a criatura, ela vai matá-los.

— Mas você acha que pode matá-la?

— Eu não vou lutar com ela. Royce e eu estávamos aqui fazendo um serviço para a filha de Theron, e vamos embora em breve.

— Royce está aqui também? — perguntou Fanen, olhando ao redor.

— Façam um favor ao pai de vocês e saiam daqui agora.

Mauvin franziu o cenho.

— Se você fosse qualquer outra pessoa, eu definiria seu tom de voz como insolente. Eu até o chamaria de covarde e mentiroso, mas sei que não é nem uma coisa nem outra. — Mauvin suspirou e coçou o queixo, pensativo. — Ainda assim, a gente cavalgou muito para ir embora agora. Você disse que pretendem partir em breve. Quando será isso?

Hadrian olhou para Theron.

— Daqui a dois dias, acho — disse o velho camponês, dirigindo-se a Hadrian. — Não quero ir antes de ter certeza de que Thrace está bem.

— Então vamos ficar aqui por enquanto para conferir toda essa situação. Se for conforme estão dizendo, vamos embora com vocês. Está bem assim, Fanen?

— Não vejo por que você não possa ir embora e eu ficar. Afinal, sou eu que vou participar da competição.

— Ninguém vai conseguir matar aquela coisa, Fanen — disse Hadrian. — Escute, faz três noites que estou aqui. Eu já vi a criatura, e sei o que ela é capaz de fazer. Não tem nada a ver com habilidade nem com coragem. A espada de vocês não pode atingi-la; nenhuma pode. Enfrentar essa criatura é mero suicídio.

— Não vou decidir nada agora — declarou Fanen. — A gente ainda nem sabe qual é a competição. Não vou me inscrever já, mas também não vou embora.

— Façam-me um favor então — disse Hadrian. — Ao menos, fiquem dentro de casa à noite.

Algo, ou alguém, estava escondido na mata.

Royce afastou-se de Esrahaddon e encaminhou-se para a beira do rio, cuidando para não olhar em direção ao som. Ele desceu da pedra, foi até a margem e embrenhou-se pelas árvores, completando um círculo por trás do ponto de onde o barulho viera. Havia algo na mata, algo que fazia o possível para se manter em silêncio. De início, através das folhas, Royce percebeu algo alaranjado e azul, e chegou a pensar que fosse um pássaro, mas aí a coisa se mexeu. Era grande demais para ser um pássaro. Royce se aproximou e viu uma barba castanha trançada, um nariz achatado, um colete de couro azul, botas grandes e pretas e uma camisa alaranjada com mangas bufantes.

— Magnus! — Royce saudou em voz alta o anão, que se sobressaltou e desabou de um arbusto. Ele escorregou pela saliência da rocha coberta de musgo e caiu de costas no chão, perto de onde Esrahaddon estava sentado. Sem fôlego, o anão arfava.

Royce deu um salto e encostou o punhal na garganta de Magnus.

— Muita gente está procurando você — disse Royce em tom ameaçador. — Mas eu queria encontrá-lo primeiro para agradecer a grande ajuda que você me deu lá no Castelo de Essendon.

— Não me diga que esse é o anão que matou o rei Amrath, de Melengar — disse Esrahaddon.

— O nome dele é Magnus, ou ao menos era assim que Percy Braga o chamava. E exímio em construir armadilhas e trabalhar com pedra, não é verdade?

— É o meu ofício! — protestou o anão, ainda ofegante. — Eu sou um artesão. Aceito serviços, assim como você. Não se pode culpar um sujeito por trabalhar.

— Eu quase morri por causa do seu ofício — disse Royce. — E você matou o rei. Alric vai ficar muito contente quando eu disser a ele que finalmente acabei com você. E, se bem me lembro, sua cabeça vale um prêmio em dinheiro.

— Espere... espere! — gritou Magnus. — Não foi nada pessoal. Vai me dizer que nunca matou ninguém por dinheiro, Royce?

Royce hesitou.

— Sim, eu sei o seu nome — disse o anão. — Eu precisava saber quem tinha escapado da minha armadilha. Você costumava trabalhar para o Diamante Negro, e não era na função de garoto de recados... Fiz aquilo porque era o meu trabalho, acredite. Pouco me importa a política. Braga ou Essendon.

— Acredito que ele esteja dizendo a verdade — disse Esrahaddon. — Nunca vi um anão que se importasse com os problemas da humanidade, a não ser que o problema se convertesse em dinheiro para ele.

— Está vendo? Ele sabe do que estou falando. Pode me soltar.

— Eu disse que você estava dizendo a verdade, não que ele deveria poupar-lhe a vida. Na realidade, agora que sei que você ouvia a nossa conversa, vejo-me obrigado a apoiar a idéia da sua execução. Como vou saber quanto escutou?

— O quê? — gritou o anão.

— Depois de cortar a garganta dele, atire o corpinho aqui no precipício. — O mago deu um passo à frente e olhou o penhasco.

— Não — respondeu Royce. — É melhor jogá-lo nas cataratas. Ele é leve. E

provável que o corpo chegue até o Mar dos Goblins.

— Você vai precisar da cabeça? — perguntou Esrahaddon. — Para oferecer a Alric?

— Seria uma boa idéia, mas não quero carregar uma cabeça decepada por uma semana mata adentro. Vai juntar muita mosca e vai começar a feder depois de algumas horas. Acredite. Eu falo por experiência.

O anão olhou para os dois com uma expressão de pavor.

— Não! Não! — gritou ele, em pânico, enquanto Royce pressionava a lâmina contra sua garganta. — Eu posso ajudar vocês. Posso ensinar como chegar à torre!

Royce olhou para o mago, que se mostrava cético.

— Pelo amor de Drome. Eu sou um anão. Eu conheço pedra. Conheço rocha. Sei onde fica o túnel de acesso à torre.

Royce relaxou a pressão do punhal.

— Deixe-me viver e eu mostro — disse o anão, e em seguida se virou para Esrahaddon. — E, quanto ao que ouvi, pouco me importam as questões dos magos e dos homens. Nunca vou contar a ninguém. Se conhece os anões, deve saber que, se quisermos, sabemos ficar calados.

— Então *existe* um túnel — disse Royce.

— É claro que existe.

— Antes que eu tome a minha decisão, o que você está fazendo aqui?

— Eu estava acabando mais um trabalho, só isso.

— E qual foi esse trabalho?

— Nada sinistro. Eu só fabriquei uma espada para um sujeito.

— Aqui neste fim de mundo? Quem é o tal sujeito?

— Um tal de lorde Rufus. Fui contratado para vir até aqui e fabricar a espada. Me informaram que ele viria ao meu encontro. Sinceramente, nada de armadilhas, nada de assassinatos.

— E como é que você ainda está vivo? Como saiu de Melengar? Como ainda não foi pego?

— Quem me contratou é muito poderoso.

— Esse tal de Rufus?

— Não. Estou fabricando a espada, mas não foi Rufus quem me contratou.

— Então quem?

Royce ouviu o barulho de passadas. Alguém vinha correndo pela trilha. Pensando que fossem os comparsas do anão, ele se posicionou atrás de Magnus, agarrou-lhe os cabelos, puxou sua cabeça para trás e preparou-se para degolá-lo.

— Royce! — gritou Tad Bothwick lá embaixo, perto da água.

— O que foi, Tad? — perguntou ele com cautela.

— Hadrian me mandou até aqui. Ele disse que você deve voltar para a aldeia imediatamente, mas que Esra deve ficar longe de lá.

— Por quê? — perguntou o mago.

— Hadrian mandou dizer que a Igreja de Nyphron acaba de chegar.

— A Igreja? — murmurou Esrahaddon. — Aqui?

— Tem algum lorde Rufus com eles? — perguntou Royce.

— É possível que sim. Tem um bando de gente sofisticada por lá. Deve ter pelo menos um lorde no meio deles.

— Você sabe dizer por que eles vieram até aqui, Tad?

— Não.

— É melhor você se esconder — disse Royce ao mago. — Alguém pode ter mencionado seu nome. Eu vou ver o que está acontecendo. Enquanto isso — ele olhou para o anão —, parece que quem o contratou acaba de chegar. Sua sentença de morte está suspensa. Este bom senhor vai vigiar você hoje, e você vai ficar bem aqui. Então, mais tarde, vai nos mostrar onde fica esse tal túnel... e, se estiver dizendo a verdade, vai sobreviver. Caso contrário, vai voar pelas cataratas em duas partes, a cabeça e o resto do corpo. Certo? Bom. — Hadrian olhou para o mago. — Quer que eu o amarre ou bata na cabeça dele com uma pedra? — perguntou Royce, causando novo pânico no anão.

— Não será necessário. Magnus me parece um tipo honrado. Além disso, ainda posso fazer umas coisinhas bastante desagradáveis. Você pode imaginar como deve ser ter formigas vivas presas dentro da cabeça?

O anão não se mexeu, nem para abrir a boca. Royce o revistou. Embaixo das roupas ele encontrou um cinto com pequenos martelos, algumas ferramentas de pedreiro e um punhal. Royce olhou para o punhal, surpreso.

— Tentei copiar — disse o anão num tom de voz tenso. — Não ficou muito bom. Eu trabalhei de memória.

Royce comparou o punhal ao seu. Ambos eram bem similares no formato, embora as lâminas fossem visivelmente dispare. A de Royce era fabricada com

um metal quase translúcido, que refletia a luz, ao passo que a de Magnus parecia cega e pesada. O ladrão atirou o punhal no precipício.

— Esse punhal é magnífico — disse o anão, maravilhado diante da lâmina que minutos antes estivera colada à sua garganta. — A lâmina é de Tur, não é?

Royce ignorou a pergunta e se dirigiu a Esrahaddon.

— Fique de olho nele. Volto mais tarde.

Arista sentou-se no palanque acima da entrada do salão principal do casarão, ao lado do séquito do arcebispo, que incluía Sauly e a sentinela Luis Guy. Era um pequeno estrado, armado com toras de madeira e cordas, com capacidade para poucas pessoas, mas Bernice conseguiu se espremer e se posicionar logo atrás da princesa. A criada pairando fora de vista era irritante como um mosquito no escuro.

Arista não fazia idéia do que estava acontecendo... pouca gente parecia saber.

Quando chegaram, a situação estava caótica. Constava que o senhor do casarão estava morto, e o local estava repleto de camponeses, que foram expulsos imediatamente. Luis Guy e seus cavaleiros da ordem seret restabeleceram a disciplina e distribuíram os aposentos a partir de um critério hierárquico. Para Arista foi designado um quarto pequeno, mas com privacidade, no segundo andar. Era um cômodo horrendo, sem uma janela sequer. No chão havia um tapete de pele de urso, na parede acima da cabeceira da cama pendia uma cabeça de alce e numa outra havia um cabideiro feito com a galhada de um veado. Bernice estava ocupada retirando roupas de dentro de um baú quando Sauly passou para dizer que Arista deveria acompanhá-lo ao palanque. Num primeiro momento, ela pensou que a competição estivesse começando, mas era de conhecimento geral que o evento só iniciaria à noite.

Um trombeteiro se aproximou da balaustrada e fez soar uma fanfarra. Embaixo, no pátio externo, uma multidão de homens segurando canecas ou ainda comendo se reuniu. Um sujeito chegou correndo, ainda abotoando as calças. A aglomeração crescente formava uma massa de cabeças e ombros, todos olhando para o palanque. Lentamente o arcebispo se pôs de pé. Trajando seus paramentos de gala ricamente bordados, ele abriu os braços num gesto grandiloqüente e, com uma voz fraca que ficava aquém do momento solene, fez o pronunciamento.

— É hora de anunciar os detalhes deste evento e revelar a importância do acontecimento do qual vocês, devotos de Novron, estão prestes a participar, um evento monumental cuja conclusão há de alterar o mundo para sempre.

Muita gente que estava na retaguarda da multidão reclamou que não conseguia

ouvir, mas o arcebispo ignorou os protestos e prosseguiu.

— Sei que alguns de vocês vieram até aqui acreditando que a competição envolveria espadas e lanças, como um torneio de inverno. Mas, em vez disso, presenciaram nada menos do que um milagre. Alguns de vocês morrerão, um vencerá e os demais darão seu testemunho ao mundo.

"Um mal pavoroso tem assombrado este lugar. Aqui, no rio Nidwalden, nos confins do mundo, existe um monstro. Não é um grande urso, como Oswald, que aterrorizou Glamrendor. A criatura não é outra senão o lendário Gilarabrywn, um terror que não é visto desde os dias do próprio Novron. Um monstro tão terrível que, até naqueles dias de deuses e heróis, somente Novron, ou algum consanguíneo, poderia matá-lo. Será a missão de vocês, o desafio, exterminar essa criatura e salvar esta pobre aldeia dessa maldição milenar."

Um burburinho irrompeu na multidão, e o arcebispo ergueu as mãos para contê-lo.

— Silêncio. Pois ainda não revelei a recompensa!

Ele aguardou até que a multidão se calasse, e muitos se aproximaram para ouvir melhor.

— Como eu disse, o Gilarabrywn é um monstro que somente Novron ou algum consanguíneo é capaz de matar. Sendo assim, aquele que conseguir extinguir esse terror não será outro senão o herdeiro da coroa imperial, o desaparecido Herdeiro de Novron!

A reação foi surpreendentemente silenciosa. Não houve gritos de viva, nem de júbilo. A multidão parecia perplexa, imóvel, como se esperasse algo mais. O arcebispo, por outro lado, olhou ao redor, igualmente perplexo diante da incerteza do grupo.

— Ele disse que o vencedor seria o Herdeiro? — perguntou Arista, olhando para Sauly, cuja expressão parecia a de alguém que sentia um cheiro terrível. Sauly sorriu, levantou-se e sussurrou algo ao ouvido do arcebispo. O velho se sentou, e o bispo Saldur se dirigiu à multidão.

— Faz séculos que a Igreja se empenha em encontrar o Herdeiro a fim de restaurar a linhagem do nosso santo senhor, Novron, o Grande. — A voz de Sauly soava forte e cálida e se projetava com clareza pelo ar da tarde, que recendia a pinheiro. — A busca tem sido incansável, mas tudo de que dispomos para nos guiar são livros antigos e boatos. Especulações, na verdade, esperanças e sonhos. Nunca houve um meio concreto de localizá-lo, um método incontestável de determinar a localização do Herdeiro, ou mesmo a sua identidade. Muitos afirmaram, falsamente, descender dele, muitos homens indignos já tentaram usurpar essa coroa altiva, e a Igreja pouco tem conseguido fazer.

"Contudo, temos fé na existência dele. Novron não permitiria que seu sangue fosse extinto. Sabemos que ele está vivo. Talvez ele desconheça a verdadeira identidade. Mil anos se passaram desde seu desaparecimento, e quem entre nós é capaz de rastrear a própria ascendência até os dias do Antigo Império? Quem de nós sabe se teve um antepassado que levou consigo para o túmulo algum segredo terrível? Um segredo ao mesmo tempo terrível e maravilhoso?"

"O Gilarabrywn é um milagre enviado por Novron, um meio de nos revelar seu filho. Ele disse isso ao patriarca e ordenou à Sua Santidade que promovesse uma competição, pois o Herdeiro, desconhecendo sua verdadeira identidade, estaria entre os competidores, a prova da linhagem de Novron.

"Então qualquer um de vocês pode ser o Herdeiro de Novron, pode ter nas veias o sangue divino, pode ser um deus. Algum de vocês já sentiu alguma vez, no fundo da alma, uma sensação de poder? Já acreditou no próprio valor acima do valor dos outros? Esta é sua chance de provar para todo o mundo de Elan que você não é um tolo, que não é um simples humano. Inscreva-se na competição, saia à noite pela mata, mate o monstro e torne-se nosso líder divino. Você não será apenas rei, mas *imperador*, e todos os reis se curvarão perante o seu poderio. Você vai ocupar o trono imperial em Aquesta. Todos os imperialistas leais e toda a força da Igreja o apoiarão, e juntos daremos início a uma nova era de paz e harmonia na terra. Tudo o que você precisa fazer é matar o monstro solitário. O que me dizem?"

Dessa vez a multidão vibrou. Saldur olhou de relance para o arcebispo e deu um passo atrás para voltar a se sentar.

Quando Royce chegou, a aldeia estava em polvorosa. Havia gente por todo lado. A maioria dos residentes do vilarejo se dirigia ao poço. Era grande o número de estranhos, todos do sexo masculino, a maioria portando algum tipo de arma. Royce encontrou Hadrian ao lado do poço, cercado de aldeões. Ninguém parecia satisfeito.

— Aonde vamos agora? — perguntou Selen Brockton em lágrimas.

Hadrian voltou a subir na mureta do poço, posicionando-se acima da multidão.

— Não sei, Sra. Brockton. Para casa, eu acho... ao menos, por enquanto.

— Mas as nossas casas têm telhado de colmo.

— Sugiro que cavem porões e não apareçam na superfície.

— O que está acontecendo? — perguntou Royce.

— O arcebispo de Ghent chegou e se instalou no casarão. Ele, o clero e algumas dezenas de nobres ocuparam o castelo e expulsaram toda a população. Bem, à exceção de Russell, Dillon e Kline, que receberam ordens do arcebispo para

tapar o abrigo e o túnel que estávamos construindo. E o arcebispo disse que, se eles não reparassem os danos, seriam enforcados por ter destruído a propriedade alheia. O bom diácono Tomas está lá, todo cordato, repetindo: "Eu disse a eles para não fazerem isso, mas não me obedeceram." E ficaram com os animais, sob a alegação de que, como estavam nas dependências do castelo, pertenciam ao casarão. Agora todos estão me culpando pela perda dos animais.

— E as fogueiras? — perguntou Royce. — A gente ainda pode montar uma aqui na clareira.

— Nada feito — disse Hadrian. — Sua Excelência decretou que cortar árvores nesta área é ilegal e ainda confiscou os bois, junto com os outros animais.

— Você disse a ele o que vai acontecer quando o sol se pôr?

— Eu não tenho como falar com ele — disse Hadrian, lançando as mãos ao ar e correndo os dedos pelos cabelos, como se quisesse arrancá-los. — Não consigo passar pelos vinte e tantos soldados nos portões do castelo. O que é até bom porque eu poderia acabar matando o cara.

— O que a Igreja veio fazer aqui?

— Essa é a melhor de todas as novidades! — disse Hadrian. — Sabe a tal competição que a Igreja vem divulgando? Acontece que a competição é para ver quem mata o Gilarabrywn.

— O quê?

— Assim que anoitecer, eles pretendem enviar os competidores, um por um, para lutar contra o monstro. Se um competidor morrer, eles vão enviar o seguinte. Já tem até uma maldita lista de nomes pregada nos portões do castelo.

— Calma, calma! — gritou o diácono Tomas.

Todos se viraram para ver o clérigo descendo pela trilha de acesso ao castelo, aproximando-se da multidão ao lado do poço. Ele caminhava com as mãos erguidas, como se fosse abençoá-los. Seu rosto estampava um grande sorriso, que transformava seus olhos em meias-luas.

— Tudo vai acabar bem — disse ele com uma voz vigorosa e confiante. — O arcebispo veio nos ajudar. Eles vão matar o monstro e nos salvar desse pesadelo.

— E os nossos animais? — perguntou Vince Griffin.

— A maioria dos animais será necessária para alimentar as tropas, mas o que não for utilizado será devolvido depois que o monstro for morto.

A multidão resmungou.

— Ora, ora! Será que segurança tem preço? Será que a vida dos filhos de vocês

tem preço? Será que um porco e uma vaca valem a vida dos seus filhos? De suas esposas? Considerem isso um dízimo e fiquem gratos pelo fato de a Igreja ter vindo até Dahlgren para nos salvar. Ninguém mais veio. O rei de Dunmore nos ignorou, mas a Igreja respondeu, enviando não apenas um cavaleiro ou um margrave, mas o arcebispo de Ghent em pessoa. Em breve o monstro estará morto e Dahlgren voltará a ser um lugar feliz. Se o custo disso for passar um ano sem carne e arar a terra sem bois, não terá sido excessivo. Agora, todos vocês, por favor, voltem para suas casas. Não atrapalhem o trabalho.

— E a minha filha? — rosou Theron, avançando, como se pretendesse matar o diácono.

— Não se preocupe. Já falei com o arcebispo e com o bispo Saldur. Eles concordaram com a permanência dela no castelo. Ela foi transferida para um quarto menor, mas...

— Não vão me deixar entrar para vê-la! — exclamou o velho camponês.

— Eu sei, eu sei — disse Tomas com uma voz amena. — Mas eu posso vê-la. Só desci até aqui para explicar a situação. Em seguida, vou voltar ao castelo, e prometo ficar ao lado dela, assisti-la até que se recupere.

Hadrian desviou-se da multidão, que agora cercava o diácono, e dirigiu a Royce um olhar pesaroso.

— Diga-me que encontrou um jeito de entrar na torre.

Royce deu de ombros.

— Talvez. A gente vai constatar hoje à noite.

— A noite? — perguntou Hadrian. — Esse tipo de coisa não deve ser feito à luz do dia? Quando nós dois podemos enxergar e coisas com nomes complicados não estão voando por aí?

— Não... se eu estiver certo, não.

— E se você estiver errado?

— Se eu estiver errado, nós dois sem dúvida vamos morrer... provavelmente devorados.

— O pior é que sei que você não está brincando. Eu comentei que perdi minhas espadas?

— Se tivermos sorte, não vamos precisar delas. Mas vamos precisar de um bom pedaço de corda, com cerca de vinte metros — disse Royce. — E mais: lamparinas, cera, pávio...

— Eu não vou gostar disso, não é? — perguntou Hadrian, infeliz.

— De jeito nenhum — respondeu Royce.

Capítulo 9

DESAFIOS AO LUAR



Volte para a cama! — gritou o homem. — Volte para a cama imediatamente!

Arista caminhava pelos corredores do casarão, tanto para fazer um reconhecimento do ambiente quanto para se esquivar de Bernice, que insistia que ela tirasse um cochilo. De início, pensou que os gritos fossem dirigidos a ela própria, e, embora tolerasse a criada com todos os seus mimos, Arista certamente não permitiria que alguém se dirigisse a ela com um tom de voz tão insolente. Não estava em Melengar, reino do qual era a princesa, mas *era* uma princesa, além de embaixadora, e ninguém tinha o direito de lhe falar naquele tom.

Com uma expressão de fúria, ela avançou e, dobrando o corredor, avistou um homem de meia-idade e uma mocinha. A menina estava só de camisola e com o rosto machucado. O homem a segurava pelo pulso e tentava arrastá-la para dentro de um quarto.

— Solte a menina! — ordenou Arista. — Hilfred! Guardas!

O homem e a moça olharam para ela, atônitos.

Hilfred surgiu no corredor e, numa fração de segundos, posicionou-se de espada em punho entre a princesa e o objeto de sua indignação.

— Afaste da menina essas mãos imundas ou vou mandar cortá-las fora!

— Mas eu... — tentou falar o homem.

Vindos da outra direção, surgiram dois membros da guarda imperial.

— Senhorita? — saudaram os guardas.

Hilfred permaneceu calado, mas manteve a espada apontada para a garganta do homem.

— Prendam esse infeliz — ordenou Arista. — Ele está molestando a menina.

— Não, não, por favor — protestou a moça. — A culpa foi minha. Eu...

— A culpa não foi sua — disse Arista, olhando para ela com piedade. — E você não precisa ter medo. Vou tomar providências para que ele nunca mais a incomode, nem a *ninguém*.

— Ah... bom Maribor, valei-me! — suplicou o homem.

— Não, não... a senhorita não está entendendo — disse a mocinha. — Ele não estava me molestando. Estava tentando me ajudar.

— Como assim?

— Sofri um acidente — disse ela, apontando os ferimentos no rosto. — O diácono Tomas está cuidando de mim. Hoje, eu me senti melhor e quis me levantar e dar uma volta, mas ele achou que eu deveria ficar na cama mais um dia. Ele só está zelando por mim. Por favor, não o castigue. Ele tem sido tão gentil!

— Vocês conhecem esse homem? — perguntou Arista aos guardas.

— O arcebispo concedeu a ele livre trânsito. É o diácono do vilarejo, senhorita, e ele está mesmo cuidando dessa moça, conhecida como Thrace.

Tomas, com os olhos arregalados de medo e a espada de Hilfred encostada à garganta, esforçou-se por assentir e esboçou um sorriso amável e tenso ao mesmo tempo.

— Bem — disse Arista, apertando os lábios —, vejo que me enganei. — Ela olhou para os guardas. — Retornem a seus postos.

— Sim, princesa — disseram os guardas, que fizeram uma reverência enfática, deram meia-volta e regressaram pelo caminho pelo qual haviam chegado.

Hilfred embainhou a espada lentamente. Arista olhou para o homem e para a moça.

— Minhas desculpas... é que... bem, vamos esquecer isso — disse ela, e desviou o olhar, envergonhada.

— Não, não, Alteza — disse Thrace, tentando, da melhor maneira possível, fazer uma reverência. — Muito obrigada por ter me acudido, embora, na realidade, eu não precisasse. É bom saber que uma pessoa ilustre como a senhorita se incomodaria em acudir a filha de um pobre lavrador. — Thrace olhou para ela, maravilhada. — Jamais conheci uma princesa. Jamais sequer *vi* uma princesa.

— Só espero que você não tenha se decepcionado. — Thrace estava prestes a falar novamente, mas, antes que conseguisse, Arista acrescentou: — O que aconteceu com você? — Ela fez um gesto indicando o rosto da jovem.

Thrace ergueu uma das mãos e correu os dedos pela testa.

— Está tão feio assim?

— Foi o Gilarabry wn, Alteza — explicou Tomas. — Thrace e o pai dela, Theron, são as únicas pessoas que já sobreviveram a um ataque do Gilarabry wn. Agora, por favor, menina... por favor, volte para a cama.

— Mas estou me sentindo tão melhor!

— Deixe-a caminhar um pouco em minha companhia, diácono — disse Arista, abrandando o tom de voz. — Se ela se sentir mal, eu a levo de volta para a cama.

Tomas assentiu e fez uma reverência.

Arista pegou Thrace pelo braço e a conduziu pelo corredor, seguida de perto por Hilfred. Não foram muito longe, apenas cerca de 30 metros. O casarão não era, na verdade, um castelo. Era construído com grandes vigas um tanto toscas, algumas das quais ainda exibiam cascas de árvore, e Arista calculou que não haveria mais de oito quartos. Além deles havia uma sala de visitas, um gabinete e o salão principal, com teto alto e cabeças de veado e urso. Arista achou que o salão se parecia com uma versão menor e mais primitiva do salão da residência do rei Roswort. O piso era feito de pranchas de pinho e as paredes laterais eram construídas com toras empilhadas. Pregadas às toras havia lamparinas de ferro nas quais velas tremeluzentes projetavam semi-círculos luminosos, pois, embora fosse o meio da tarde, o interior do casarão era escuro como uma caverna.

— A senhorita é muito gentil — disse a jovem. — Os outros me tratam... como se eu não pertencesse a este lugar.

— Bem, fico feliz por você estar aqui — respondeu Arista. — Além da minha dama de companhia, Bernice, acho que você é a única outra mulher aqui.

— É que todos foram mandados embora, e me sinto deslocada, como se estivesse fazendo algo errado. O diácono Tomas diz que não estou fazendo nada de mau. Ele diz que me machuquei, que preciso de tempo para convalescer e que não vai deixar ninguém me incomodar. Ele tem sido muito amável. Acho que se sente tão impotente quanto qualquer outra pessoa aqui. Talvez cuidar de mim seja um desafio que ele se acha capaz de vencer.

— Julguei mal o diácono e você — disse Arista. — Todas as filhas de camponeses de Dahlgren são tão sábias assim?

— Sábias? — Thrace pareceu encabulada.

Arista sorriu.

— Onde está sua família?

— Meu pai está na aldeia. Ele não tem permissão de entrar aqui para me ver, mas o diácono está tentando contornar a proibição. Acho que isso não tem importância, pois vamos embora de Dahlgren assim que eu estiver em condições de viajar, o que é mais uma motivação para eu recuperar as minhas forças.

Quero ir embora daqui. Quero encontrar outro lugar, onde possamos retomar nossa vida. Vou encontrar um homem, vou me casar e vou ter um filho que vai se chamar Hickory.

— Os planos são grandiosos, mas como você está se sentindo... de verdade?

— Ainda tenho dor de cabeça e, para ser sincera, neste momento estou ficando um pouquinho tonta.

— Então talvez a gente deva voltar para seu quarto — disse Arista, e elas deram meia-volta.

— Mas estou me sentindo muito melhor do que antes. Foi por isso que me levantei. Ainda não tive uma chance de agradecer a Esra. Achei que ele estivesse aqui pelo corredor.

— Esra? — perguntou Arista. — Ele é o médico do vilarejo?

— Não, não... Dahlgren nunca teve médico. Esra é... bem, é um homem muito esperto, Se não fosse por ele, meu pai e eu já estaríamos mortos. Foi ele quem preparou o remédio que me salvou.

— Pelo jeito, é uma pessoa excelente.

— Ah... é. Eu tento retribuir ajudando-o a comer. Ele é muito orgulhoso, a senhorita entende, e jamais pediria minha ajuda. Então eu a ofereço e ele aceita.

— Ele é tão pobre que não tem como pagar pela comida?

— Oh, não... é que ele não tem as mãos.

— Tur é um mito — dizia Esrahaddon ao anão quando Royce e Hadrian chegaram às cataratas.

— Isso é o que você diz — retrucou Magnus.

O mago e o anão estavam sentados na escarpa rochosa, frente a frente, falando em voz alta para se fazerem ouvir apesar do barulho da queda-d'água. O sol, tendo desaparecido por trás das árvores, deixou-os à sombra, mas os pináculos cristalinos da torre de Avempartha refletiam os últimos raios de uma luz vermelha agonizante.

Esrahaddon suspirou.

— Não compreendo por que a religião faz com que pessoas esclarecidas acreditem em contos de fada. Mesmo no mundo da religião, Tur é uma parábola, não uma realidade. Você está lidando com mitos baseados em lendas baseadas em superstições e está aceitando a coisa pelo seu sentido literal. Isso não é típico dos anões. Tem certeza de que não tem sangue humano entre os seus antepassados?

— Isso é simplesmente ofensivo — disse Magnus, encarando o mago com uma expressão fechada. — Você nega, mas a prova está diante dos seus olhos. Se tivesse olhos de anão, enxergaria a verdade na lâmina daquele punhal — disse Magnus, gesticulando em direção a Royce.

— Que conversa é essa? — perguntou Hadrian. — Oi, Magnus. Assassinou alguém recentemente?

O anão fez uma careta.

— Esse anão insiste em que o punhal de Royce foi feito por Kile — explicou Esrahaddon.

— Eu não disse isso — retrucou o anão. — Eu disse que o punhal era de Tur. Poderia ter sido fabricado por qualquer pessoa de Tur.

— O que é Tur? — perguntou Hadrian.

— Uma seita de lunáticos sem rumo que cultuam um deus fictício. De todos os nomes possíveis, eles o chamaram de Kile. Poderiam ao menos ter escolhido um nome melhor.

— Nunca ouvi falar em Kile — disse Hadrian. — Não sou estudioso de religiões, mas, se bem me lembro, um mongezinho me disse certa vez que o deus dos anões é Drome, o deus dos elfos é Ferrol e o deus dos humanos é Maribor. A irmã deles, deusa da flora e da fauna, é... Muriel, certo? E o filho dela, Uberlin, é o deus das trevas. Então onde é que esse tal Kile se encaixa?

— É o pai deles — explicou Esrahaddon.

— Ah... certo, tinha me esquecido dele. Mas, o nome não é Kile, é... Erebus, ou algo assim, não? Ele violentou a filha, e os filhos o mataram... mas então ele não está morto? Não faz muito sentido para mim.

Esrahaddon deu uma risadinha.

— Religião nunca faz sentido.

— Então, quem é Kile?

— Bem, os seguidores do Culto de Tur, ou Kile, como também é conhecido, afirmam que um deus é imortal e, portanto, não pode morrer. Esse bando de lunáticos apareceu durante o reino imperial de Estermon II e começou a espalhar a lenda de que Érebus estava embriagado, ou seja lá qual for o equivalente disso para um deus, quando violentou a filha e que se arrependera do ato. Reza a lenda que Érebus permitiu que seus filhos, isto é, os deuses, acreditassem que o haviam matado. Então ele procurou Muriel em segredo e implorou perdão. Ela disse ao pai que só o perdoaria se ele se penitenciasse. Disse que ele deveria praticar boas ações por todo o mundo de Elan, e fazê-lo na

condição de plebeu, não como deus nem mesmo como rei. Para cada ato de sacrifício e bondade que praticasse ela lhe daria uma pena de seu maravilhoso manto e, quando o manto acabasse, ela o perdoaria e o receberia de volta em casa.

"Segundo a lenda de Kile, eras atrás chegou um forasteiro a uma pobre aldeia chamada Tur. Evidentemente, ninguém sabe onde ficava essa aldeia e, ao longo dos séculos, a suposta localização mudou, de acordo com quem a reivindicasse, mas a área mais frequentemente apontada é Delgos, porque à época Delgos estava sendo atacada pelos Dacca e, naturalmente, por causa da semelhança entre o nome do culto, Tur, e a cidade portuária Tur Del Fur. Contam que esse forasteiro se apresentou como Kile e, chegando a Tur e vendo o terrível sofrimento dos habitantes, ensinou-lhes a arte da fabricação de armas para auxiliá-los em sua defesa. As armas que ele ensinou a fabricar eram consideradas as melhores do mundo, capazes de rachar ferro como se fosse madeira. Os escudos e as armaduras eram leves e, no entanto, mais resistentes do que pedra. Depois que ele ensinou a tal arte aos habitantes, estes a utilizaram para defender seus lares. Reza a lenda que, quando expulsaram os Dacca, tropejou em dia de sol pleno e uma pena branca e solitária caiu do céu diretamente nas mãos de Kile. Ele chorou ao receber o presente e despediu-se de todos, e nunca mais foi visto. Ao menos, não pelos residentes de Tur. Nos mais diversos reinos, dos mais diversos imperadores, sempre havia uma ou duas lendas acerca de aparições de Kile, aqui e acolá, praticando boas ações e ganhando a pena branca. A lenda se destacou, dentre tantas outras similares, porque o pobre vilarejo de Tur ficou célebre pela fabricação de armas."

— Nunca ouvi falar numa cidade com esse nome.

— Você não é o único — disse Esrahaddon. — Então os estudiosos de mitos acrescentaram uma página à história, conforme costuma acontecer quando essas lendas ridículas esbarram com a realidade. Contam que o vilarejo foi inundado de pedidos para a fabricação de armas. Os habitantes não achavam certo fabricá-las indiscriminadamente e, por conseguinte, atenderam a poucas solicitações, somente àqueles motivados por necessidades justas e benévolas. No entanto, reis poderosos decidiram se apoderar da arte ensinada pelo deus e orquestraram uma batalha cujo objetivo era subjugar a aldeia. No dia do combate, porém, os exércitos agressores descobriram que o vilarejo de Tur, com todos os residentes e construções, havia desaparecido. Não encontraram qualquer sinal da existência de Tur, exceto uma solitária pena branca de um pássaro totalmente desconhecido.

— Bem conveniente — disse Hadrian.

— Sem dúvida — respondeu o mago. — Um mistério encoberto por outro... e tudo

sem qualquer prova concreta. Mesmo assim, nada impede a crença das pessoas.

— Para sua informação — pronunciou Magnus —, Tur Del Fur já foi uma cidade só de anões, e, no meu idioma, o nome significa Aldeia de Tur. Entre o meu povo circulam lendas de que a cidade já foi célebre por abrigar grandes artesãos que conheciam os segredos do manuseio de metais e da fabricação de espadas extraordinárias. Qualquer anão de Elan daria a própria barba pelos segredos de Tur, ou até pela oportunidade de examinar uma lâmina lá fabricada.

— E você acha que o Alverstone foi fabricado em Tur? — perguntou Hadrian.

— O que foi que você disse? — perguntou Magnus, encarando-o abruptamente com seus olhinhos brilhantes.

— Alverstone... é assim que Royce chama o punhal dele — explicou Hadrian.

— Não perca tempo com esse sujeito — disse Royce com os olhos fixos na torre.

— Onde foi que ele conseguiu esse Alverstone? — perguntou o anão, baixando o tom da voz.

— Foi presente de um amigo — disse Hadrian. — Certo?

— Quem? E onde foi que o amigo conseguiu o punhal? — insistiu o anão.

— Vocês sabem que estou ouvindo vocês, não sabem? — disse Royce. Em seguida, vendo algo, apontou para Avempartha. — Ali... olhem!

Todos se levantaram apressadamente para contemplar o contorno da torre pálida. O sol já se escondera e a noite se instalara. Como grandes espelhos, o rio e a torre refletiam a luz das estrelas e o intenso luar. O vapor das cataratas parecia uma lúgubre neblina circundando a base da torre. Perto do topo dos pináculos, uma forma escura abriu as asas e voou acima do curso do rio. A figura completou um círculo e voltou a sobrevoar as cataratas, aproveitando as correntes de ar para ganhar altitude. Subitamente, com uma vigorosa batida das asas gigantescas, o monstro se afastou, sobrevoando as copas das árvores da floresta em direção a Dahlgren.

— O ninho é ali? — perguntou Hadrian, incrédulo. — O monstro vive na torre?

— Bem conveniente, não? — comentou Royce. — O bicho vive no mesmo local onde está a arma capaz de matá-lo...

— Conveniente para quem?

— Acho que estamos prestes a descobrir — disse Esrahaddon.

Royce virou-se para o anão:

— Muito bem, meu pequeno pedreiro, vamos até o túnel? É no rio, não é? Em algum ponto embaixo da água?

Magnus olhou para ele, surpreso.

— E apenas um palpite, mas, pela expressão na sua cara, acertei. Foi o único lugar onde não procurei. Agora, em troca da sua sobrevivência, mostre-nos o local exato.

Arista e os Pickering estavam no antemuro do lado sul, acima dos portões, observando o pôr do sol. Dali tinham a melhor visão do pátio e das colinas ao longe e ainda ficavam acima de toda a comoção. No pátio, cavaleiros se ocupavam em vestir suas armaduras, arqueiros testavam seus arcos, cavalos com belos jaezes se remexiam, inquietos, e sacerdotes rezavam para Novron, pedindo sabedoria. A competição estava prestes a ter início. Além dos muros, a aldeia de Dahlgren se mantinha calada. Não se via uma única vela. Nada se movia.

Um tumulto surgiu perto dos portões, onde a lista de competidores pendia de um dos pilares. Arista viu diversos homens se empurrando e acotovelando, levantando poeira.

— Com quem é a confusão dessa vez? — perguntou Mauvin.

O primogênito dos Pickering se encostou na parede de toras de madeira. Naquele dia ele usava uma túnica larga e discreta e calçava um par de sapatos macios. Era assim que ela mais se lembrava dele, como o menino tranqüilo que costumava desafia-la para duelos com pedaços de pau no tempo em que ela era 20 centímetros mais alta que ele e conseguia dominá-lo, no tempo em que ela ainda tinha pai e mãe e que seu maior desafio consistia em provocar o ciúme de Lenara.

— Não dá para ver — respondeu Fanen, olhando para baixo. — Acho que um deles é Sir Eric.

— Por que estão brigando? — perguntou Arista.

— Porque todos querem ficar no topo da lista — respondeu Mauvin.

— Isso não faz sentido. Não importa quem vai primeiro.

— Importa sim, pois quem for primeiro pode matar o monstinho antes que o próximo tenha a oportunidade de se aventurar.

— Mas só o Herdeiro é capaz de matá-lo.

— Você acha mesmo isso? — perguntou Mauvin, virando-se, segurando nas pontas afiadas das toras e olhando por cima do antemuro. — Ninguém mais parece achar.

— Quem é o primeiro da lista?

— Bem, *era* Tobis Rentinual.

— Quem é ele? — perguntou ela.

— É aquele do carroção misterioso.

— Aquele ali — disse Fanen, apontando para o pátio —, todo embonecado, ao lado da casa de defumação. A voz dele é tão estridente e ele se acha tão superior que a gente tem vontade de estrangulá-lo.

Mauvin assentiu.

— É ele mesmo. Dei uma espiada embaixo da lona da carroça. Tem uma geringonça enorme, feita de madeira, cordas e polias. Ele foi o primeiro a achar a lista e logo a assinou. Ninguém se preocupou com isso, pois todos pensavam que era apenas um torneio comum... e todos estavam doidos para lutar contra ele. Mas agora, bem... a idéia de ter Tobis como imperador estava causando temor em toda a comunidade.

— Como assim... *estava*?

— Porque o nome foi sacado do topo da lista — disse Fanen.

— Sacado?

— Foi idéia de Luis Guy — explicou Mauvin. — A sentinela determinou que os indivíduos cujos nomes estivessem mais abaixo na lista poderiam subir mediante combate. Quem estivesse insatisfeito com o lugar na lista poderia desafiar qualquer concorrente e decidir a questão no braço. O desafiado pode simplesmente trocar de lugar com o desafiante, ou então lutar com ele. Sir Enden de Chadwick desafiou Tobis, que desistiu de ser o primeiro. Quem poderia culpá-lo? Só mesmo Sir Gravin teve a coragem de desafiar Enden, mas vários competidores lutaram por posições menos importantes. A maioria achava que os duelos seriam decididos por meio de pontuação, mas Guy declarou que o confronto só terminaria quando um dos competidores desistisse, e por isso as lutas transcorrem há tantas horas. Muitos já se feriram. Sir Gravin só desistiu depois que Enden perfurou seu ombro. Ele anunciou que não pode mais competir e vai embora amanhã. Outros também estão indo embora pelo mesmo motivo. Vários já partiram cobertos de ataduras.

Arista olhou para Fanen.

— Você não vai desafiar alguém?

Mauvin deu uma risadinha.

— Foi engraçado. No momento em que Guy anunciou a possibilidade do desafio, todo mundo olhou para nós.

— Mas vocês não desafiaram?

Fanen fez uma careta e encarou Mauvin.

— Ele não deixou. E meu nome está no fim da lista...

— Hadrian Blackwater disse que não deveríamos assinar a lista — explicou Mauvin.

— E daí? — disse Fanen, encarando o irmão.

— E daí que o homem que poderia colocar o próprio nome no topo da lista sem precisar suar a camisa não quer nem aparecer. Ou ele sabe de algo que não sabemos, ou então acha que sabe. Isso já justifica esperar para ver o que acontece na primeira noite. E mais... você ouviu o que Arista disse: não importa quem vai primeiro.

— Sabe quem também não está na lista? — comentou Fanen. — Lorde Rufus.

— É, eu percebi. Pensei que ele fosse desafiar Enden... Ver um duelo entre aqueles dois já teria valido a viagem até aqui. Ele nem está lá no pátio.

— Ele tem passado muito tempo com o arcebispo.

Do alto do antemuro, Arista correu os olhos pelo pátio. Já quase não havia luz natural, e muros e árvores estavam escuros. Os homens se ocupavam em acender tochas e fixá-las nos suportes. Havia centenas de indivíduos no interior do castelo, e muitos no exterior, reunidos em pequenos grupos. Conversavam em voz alta; alguns gritavam. Ela podia ouvir risos e até gente cantando. Não dava para identificar a canção, mas achava que o ritmo era de uma música obscena, do tipo que se canta em tavernas. Muita gente brindava. Eram figuras escuras, na penumbra, homens troncados que batiam as canecas com tamanha força que a espuma transbordava. Acima de todos, numa plataforma de madeira construída no centro do pátio, posicionava-se a sentinela Luis Guy. No alto, sua silhueta ainda era iluminada pelos últimos raios de sol, sob os últimos sopros da brisa do fim da tarde. A luz fazia com que a batina vermelha parecesse fogo, e a brisa inflava o manto, conferindo-lhe um aspecto sinistro.

Ela olhou para os irmãos. Mauvin estava de boca aberta, cutucando um dos molares. Fanen mantinha a cabeça voltada para cima, olhando o céu. Arista se sentia aliviada por estar na companhia deles. Era uma sensação de estar em casa, mesmo naquele local tão isolado, e ela imaginava o aroma de maçãs. Arista e Alric haviam passado vários verões em Campos de Drondil para fugir do calor da cidade. Ela se lembrava de que, no começo do outono, costumavam subir nas árvores do pomar, do lado de fora do castelo, e brincar de guerra de maçãs. As frutas podres explodiam ao se chocar com os galhos, espalhando polpa e encharcando-os, e todos cheiravam a sidra. Cada árvore representava um castelo soberano, e eles firmavam alianças. Mauvin sempre se aliava a Alric e gritava: "Meu Rei! Meu Rei!" Lenara se juntava a Fanen, querendo proteger o caçula dos "brutamontes", conforme ela os chamava. Arista sempre lutava

sozinha contra ambas as duplas. Mesmo depois que Lenara parou de subir em árvores o confronto se resumiu entre os meninos e a menina. Arista não se incomodava. Ela nem sequer percebia o que estava acontecendo. E nunca pensara na questão... até aquele momento.

Tanta coisa passava por sua cabeça. Tanta coisa precisava ser resolvida. Não tinha sido fácil pensar dentro daquela carruagem sacolejante, com Bernice sempre olhando para ela. Arista precisava conversar com alguém, mesmo que fosse apenas para dar voz aos próprios pensamentos. A idéia de que Sauly fosse um conspirador tomava corpo em sua mente por mais que ela relutasse em aceitá-la. Se Sauly tivesse sido capaz de trair o pai dela, em quem ela poderia confiar? Em Esrahaddon? Teria ele se aproveitado dela para fugir? Seria ele o responsável pela morte do pai dela? E agora parecia que o velho mago estava lá fora, em algum lugar além dos muros do castelo, passando a noite num dos casebres do vilarejo. Ela não sabia o que fazer nem, em quem confiar.

Mauvin conseguiu retirar do molar o fragmento de comida que o incomodava e, com um peteleco, lançou-o por cima do muro.

Arista abriu a boca para dizer algo, mas hesitou diante do que poderia falar. Durante toda a viagem ela havia planejado conversar com os Pickering acerca das questões levantadas em Ervanon... bem, ao menos com Mauvin. Ela fechou a boca e mordeu o lábio, mais uma vez lembrando-se do pomar naquele passado longínquo e do aroma das maçãs.

— Finalmente a encontrei, Alteza! — exclamou Bernice, correndo na direção da princesa com um xale para cobrir os ombros de Arista. — A senhorita não deveria estar fora de casa a uma hora dessas. Não convém a uma princesa.

— Sinceramente, Bernice, você deveria ter tido filhos quando ainda podia. Essa preocupação constante comigo precisa parar.

A velha senhora apenas sorriu com amabilidade.

— Eu só estou cuidando da senhorita. Alguém precisa zelar pela senhorita. Este lugar horrendo está cheio de homens grosseiros. Pouco mais do que paredes finas e a figura do arcebispo os separam da sua virtude. Uma dama como a senhorita constitui uma tentação e tanto, e o contexto selvagem em que estamos pode levar muitos homens honrados a cometer atos precipitados. — Ela olhou com desconfiança para os dois irmãos, que lhe devolveram um olhar inocente. — E muitos dos que estão aqui não podem ser definidos como homens honrados. Num grande castelo, com devida corte, os homens podem ser contidos por respeito à realeza, mas aqui, senhorita, neste cenário bárbaro e selvagem, eles perdem a cabeça.

— Ah, Bernice, por favor.

— Tem início a competição — disse Fanen, entusiasmado.

No momento em que a luz do sol desaparecia, os portões foram abertos e Sir Enden e sua comitiva de dois escudeiros e três pajens, portando tochas acesas, deixaram as dependências do castelo. Cavalgaram até o campo aberto, onde o cavaleiro se preparou para a luta.

Subitamente o grito da multidão ecoou no ar, e, erguendo os olhos, Arista pôde ver uma figura escura cruzar o céu enluarado. A figura pairava como um gavião, com sua silhueta de asas e cauda. A multidão murmurou e prendeu a respiração no momento em que a criatura circundou o castelo, antes de ter a atenção atraída pelas tochas agitadas no ar pela comitiva de Sir Enden.

A criatura recolheu as asas e mergulhou, descendo do céu como uma flecha apontada para o cavaleiro de Chadwick. As tochas se agitaram freneticamente, e Arista pensou ter visto Sir Enden apontar a lança e avançar. Houve gritos, berros de angústia e terror, e uma por uma as tochas acesas no campo se apagaram.

— Próximo! — bradou Luis Guy.

O anão os conduziu por uma trilha à beira-rio até um local onde o luar revelava uma grande rocha que se projetava dentro da água. Para Hadrian, a rocha era vagamente semelhante à ponta cega de uma lança. Magnus pisoteou a terra com as botas e apontou para o rio.

— A gente entra aqui. Basta nadar em linha reta por mais ou menos seis metros... existe uma abertura ali na margem. O túnel passa bem aqui embaixo, faz uma curva e segue por baixo do leito do rio até a torre.

— Descobriu tudo isso batendo com os pés no chão? — indagou Royce.

Hadrian olhou para Esrahaddon.

— Você nada bem?

— Eu não nado desde... — disse ele, levantando os braços. — Mas consigo prender o ar durante um bom tempo. Vocês podem me arrastar se necessário.

— Deixem-me ir primeiro — anunciou Royce, olhando para Magnus. Em seguida ele atirou ao solo o rolo de corda e amarrou uma ponta à própria cintura. — Segurem firme a ponta desta corda. Não sei como é a força da correnteza.

— Não há correnteza aqui — disse Magnus. — Existe uma plataforma submersa que cria um pequeno remanso. É como um laguinho.

— Desculpe por não confiar na sua palavra. Depois que eu chegar, vou dar três puxões na corda para indicar que vocês podem me seguir. Amarrem a ponta e desçam pela corda. Mas, se depois que eu entrar a corda se comportar como se tivesse fígado um marlim, puxem-me de volta para que eu possa matar esse

anão.

O anão suspirou.

Royce tirou a capa e, com Hadrian segurando a corda, desceu até o rio, como se estivesse fazendo rapel num paredão. Em seguida, desapareceu na água escura. Hadrian sentiu a corda correr gradualmente por entre seus dedos. Ao lado dele, Magnus não demonstrava qualquer sinal de preocupação. O anão ficou quieto, com a cabeça inclinada para trás, olhando para o céu.

— O que acha que a criatura está fazendo agora? — perguntou ele.

— Eu diria que está devorando cavaleiros — respondeu Hadrian. — Vamos torcer para que as presas mantenham a criatura ocupada.

A corda continuou a ser desenrolada. Então, subitamente, parou. Hadrian observou o local onde a corda entrava na água, deixando uma leve trilha branca enquanto cortava a correnteza.

Três puxões.

— Pronto. Ele já está no túnel — anunciou Hadrian. — Você é o próximo, nanico.

Magnus arregalou os olhos.

— Eu sou um *anão*.

— Entre logo nesse rio.

Magnus foi até a beira da água. Segurando o nariz, ele pulou, de pé, e desapareceu, formando uma súbita bolha na superfície.

— Agora só faltam você e eu — disse Hadrian, amarrando a ponta da corda a uma árvore cujo tronco se inclinava ligeiramente em direção ao rio. — Você vai primeiro... eu o sigo... para ver como se sai. Se precisar, posso puxá-lo até lá.

O mago assentiu mas, pela primeira vez desde que Hadrian o conhecera, demonstrou certa insegurança. Esrahaddon respirou fundo três vezes, expirando rapidamente, e na quarta inspiração prendeu o fôlego e pulou, de pé. Hadrian pulou logo em seguida.

A água estava fria... não gelada, porém mais fria do que o esperado. O choque inicial surpreendeu Hadrian. Ele deu algumas pernadas, mergulhou fundo e nadou, segurando-se à corda. Magnus dissera a verdade quanto à correnteza. A água estava serena como um lago. Hadrian abriu os olhos. Acima ele via um brilho trêmulo, azul-acinzentado; abaixo, tudo era negro. Ele entrou em pânico ao perceber que não via Esrahaddon. Quase como se fosse uma resposta, surgiu à frente dele uma luz fraca. O manto do mago emitia um brilho azul-esverdeado enquanto ele nadava, dando pernadas e braçadas. Apesar da falta das mãos, ele avançava com destreza.

A luz emitida pelo manto revelava a margem do rio e a corda, em ângulo descendente, desaparecendo dentro de um buraco escuro. Hadrian viu o mago entrar nele e, com os pulmões começando a doer, seguiu-o. Ao entrar no buraco, deu mais pernadas, agora impulsionando-se para cima, e os dois emergiram quase ao mesmo tempo numa piscina de águas calmas, dentro de uma caverna.

Royce tinha amarrado a ponta da corda a uma pedra. Ao lado dele ardia uma lamparina. Uma chama única iluminava bem o local. Tratava-se da câmara de uma caverna natural, com um túnel ao fundo. Magnus deu um passo para o lado, para examinar as paredes da caverna ou apenas para guardar distância de Royce.

Quando Esrahaddon emergiu, Royce o puxou para fora da água.

— Você teria nadado com mais facilidade se tivesse tirado esse... — Royce parou de falar ao constatar que o manto do mago estava seco.

Hadrian saiu da piscina, sentindo a água do rio escorrendo pelo seu corpo. As gotas ecoavam no interior da caverna como se caísse um temporal, mas Esrahaddon estava exatamente como antes de entrar no rio. Com exceção dos cabelos e da barba, ele não estava sequer úmido.

Hadrian e Royce trocaram olhares sem falar nada.

Royce pegou a lamparina.

— Vamos, pequenino?

O anão resmungou e, segurando a barba com as mãos, espremeu um pouco de água.

— Você sabe, amigo, que os anões são uma raça mais antiga e os mais exímios...

— Menos conversa e mais caminhada — interrompeu Royce, apontando para o túnel. — Você nos conduz. E não sou seu amigo.

Ao avançarem, parecia que haviam entrado num mundo novo. As paredes eram lisas e sem emendas, como se fossem esculpidas pelo fluxo da água. A superfície lisa irradiava a luz da lamparina de Royce, tornando a curva interna surpreendentemente iluminada.

— Então, onde estamos? — perguntou Hadrian.

— Embaixo da margem, não muito longe do ponto onde estávamos, antes de entrar na água — disse Magnus. — Aqui, o túnel desce em forma de espiral.

— Incrível — disse Hadrian, olhando ao redor, maravilhado diante das paredes cintilantes. — É como se a gente estivesse dentro de um diamante.

Conforme o anão dissera, o túnel formava uma espiral descendente. No momento em que Hadrian perdeu totalmente o senso de direção, o desenho do

túnel se tornou retilíneo. Logo em seguida, começaram a ouvir e sentir o rugido das cataratas. O barulho reverberava através da pedra. Naquele ponto o teto e as paredes do túnel vertiam água. Mil anos de negligência haviam permitido a formação de estalactites de cristal no teto e amontoados de depósitos minerais no solo.

— Isto aqui é um tanto preocupante — comentou Hadrian, notando um acúmulo de água no chão, que ficava cada vez mais profundo à medida que eles se adiantavam.

— Bah! — exclamou Magnus, mas não acrescentou mais nada.

Avançaram com dificuldade em meio à água, desviando-se de pedras pontiagudas. Ao examinar as paredes, Hadrian notou a presença de inscrições. Esboços de formas geométricas cobriam as laterais do corredor. Algumas das linhas mais delicadas haviam esmaecido, ou mesmo desaparecido, talvez em consequência da erosão causada por bilhões de gotas d'água. Não se viam palavras, tampouco símbolos reconhecíveis. As inscrições pareciam ter caráter meramente decorativo. Acima, quase perdidos na superfície de pedra, havia ganchos, aparentemente para bandeiras, e nas paredes laterais Hadrian avistou suportes para lamparinas. Ele tentou imaginar como era o túnel antes da época de Novron, quando bandeiras multicores e uma série de lamparinas acesas iluminavam a passagem. Logo adiante o solo do túnel voltava a configurar um aclave, e eles enxergaram uma tênue luminosidade.

O túnel chegava ao fim diante de uma escada. Os degraus formavam uma curva e eram tão largos que eles precisavam dar dois passos antes de subir o seguinte. Quando chegaram ao topo, vislumbraram mais uma vez o céu estrelado e logo se viram no plano de pedra que servia de base para a torre. Depararam-se com um vento forte. A corrente de ar parecia preenchida por uma névoa úmida. Estavam na base de uma ponte curta acima de uma fenda estreita, e ao fim dessa passagem era possível ver os pináculos da torre monolítica. Ela se erguia a tal altura que era impossível avistar o cimo.

Mais degraus os aguardavam, e eles subiram com cautela e firmeza, em fila indiana, embora os degraus fossem largos o bastante para duas ou três pessoas subirem lado a lado. Subiram cinco lances, ziguezagueando em semi-círculo pela parte externa da torre. Quando começaram a subir o sexto lance, assim que alcançaram o lado da torre protegido do vento, Royce determinou uma parada para que todos pudessem recuperar o fôlego. Lá embaixo, a queda-d'água rugia, mas no local onde estavam, protegidos do vento, a noite parecia tranquila. Não havia sons, nem grilos, nem corujas, apenas a voz profunda do rio e o uivo do vento.

— Isso é ridículo — gritou Royce para superar o barulho das cataratas. — Cadê a

maldita porta? Não gosto de ficar exposto desse jeito.

— Fica logo ali em cima, falta pouco — respondeu Esrahaddon.

— Quanto tempo temos? — perguntou Hadrian, olhando para o mago, que, em resposta, deu de ombros.

— A criatura volta para cá logo após a matança ou vai dar uma volta pela noite? — indagou Royce. — Suponho que, depois de ficar trancada na torre durante novecentos anos, a coisa queira voar um pouquinho por aí.

— Ela não é uma pessoa, nem um animal. É um feitiço, uma encarnação mística de poder. Ela imita os seres vivos e certamente compreende ameaças a sua existência, mas duvido que tenha noção de prazer ou liberdade. Como eu disse, não é um ser vivo.

— Então por que se alimenta? — perguntou Royce.

— Ela não se alimenta.

— Nesse caso, por que ela mata uma ou duas pessoas todas as noites?

— Eu me faço a mesma pergunta. Ela tenta pôr em prática a última instrução recebida, que, evidentemente, foi: "Mate o imperador." É possível que, não encontrando a vítima, e impossibilitada de se afastar muito da torre, pois os feitiços costumam se restringir a distâncias específicas daquele que os criou, talvez ela tente atrair o alvo para cá. A criatura é capaz de deduzir que o imperador não suportaria ver seu povo chacinado e viria em auxílio da aldeia.

— De todo modo, seria bom agirmos rapidamente — concluiu Hadrian.

No momento em que deixaram a área protegida, o vento voltou, assobiando em seus ouvidos e golpeando suas passadas. As roupas molhadas deixavam-nos com frio a despeito do exercício empreendido na subida. Acima, os pináculos se erguiam pelo céu noturno, e eles sentiram certo desalento ao se deparar com mais uma ponte, que terminava abruptamente diante de uma parede sólida.

Hadrian viu Royce suspirar decepcionado diante daquele beco sem saída.

— Você disse que havia uma porta — disse Royce ao mago.

— Havia... e há.

Hadrian não via porta alguma. Na parede em frente via-se apenas o leve contorno da moldura de uma porta, mas era tudo pura rocha.

Royce fez uma careta.

— Mais um portal invisível de pedra?

— Não perca seu tempo — disse Magnus. — Você nunca vai conseguir abri-la. Acredite no que estou dizendo, sou um anão. Passei horas tentando entrar e não

consegui. Esta pedra está encantada, é impenetrável. Atravessar o rio para chegar até aqui não foi nada comparado à dificuldade de abrir esta porta.

Royce se virou para o anão com um olhar perplexo.

— Você já esteve aqui? Tentou entrar na torre. Por quê?

— Eu já disse que estava fazendo um serviço para a Igreja.

— Você disse que fez uma espada para o lorde Rufus.

— E fiz, mas o arcebispo não queria qualquer espada. Ele queria a réplica de uma determinada espada, de uma espada dos elfos. Ele me deu um monte de desenhos velhos, que utilizei para fabricá-la. Os desenhos eram bem detalhados, especificando dimensões e materiais, mas não é a mesma coisa que poder examinar a espada verdadeira. — O olhar do anão se deteve sobre Royce de forma expressiva. — Fui informado de que espadas similares poderiam ser encontradas nesta torre. Vim até aqui e passei o dia todo subindo e descendo, mas não consegui achar a entrada. Nada de janelas, nada de portas... só coisas como isso aí.

— Essa espada que você fabricou tinha alguma coisa inscrita na lâmina? — perguntou Esrahaddon.

— Tinha — respondeu Magnus. — Eles insistiram em que a inscrição da réplica deveria ser exatamente idêntica à que constava nos livros.

— Então é isso — murmurou Esrahaddon. — A Igreja não está aqui por minha causa, e muito menos para encontrar o Herdeiro. A Igreja está aqui para *fabricar* um Herdeiro.

— Fabricar um Herdeiro? Não estou entendendo — disse Hadrian. — Você falou que a Igreja quer ver o Herdeiro morto.

— E quer, mas eles vão criar um fantoche. Esse tal de Rufus foi escolhido para substituir o Herdeiro legítimo. Reza a lenda que somente um consanguíneo de Novron pode exterminar o Gilarabrywn. Eles vão usar a morte dessa criatura como prova irrefutável de que o fantoche deles é o Herdeiro legítimo. Isso não vai apenas propiciar à Igreja meios de ditar leis aos monarcas, como também frustrar meus esforços para instaurar o Herdeiro legítimo no poder. Quem vai acreditar num velho mago considerado um marginal depois que o fantoche da Igreja matar o Gilarabrywn? Eles vão deixar alguns tolos lutar, e morrer, a fim de comprovar a invencibilidade do eventual campeão. Daí esse tal Rufus vai se apresentar e, com a espada que contém a devida inscrição, matará o monstro e se tornará imperador. Com Rufus na condição de testa de ferro, a Igreja voltará ao poder e reformará o império. Plano excelente, devo dizer. Admito que não esperava por isso.

— Alguns reis moderados talvez se recusem a apoiar tal situação — disse Hadrian.

— E a Igreja sabe disso tanto quanto você. E também tem planos para lidar com a questão.

— Então será que ainda vale a pena entrar aí? — perguntou Hadrian.

— Ah, sim — disse o mago. — Agora mais do que nunca. — Ele deu uma risadinha. — Imaginem o que aconteceria se, antes que o fantoche Rufus matasse o monstro, algum outro competidor o fizesse.

O anão exclamou:

— Ora! Eu já disse. Vocês não vão conseguir passar por aquela porta. E rocha pura.

O mago examinou a moldura de pedra.

— Abra a porta, Royce.

Royce se mostrou cético.

— Abrir *o quê*? Isso aí é um paredão. Não tem trava, nem fechadura, nem mesmo uma emenda. Alguém aí tem uma pedra preciosa?

— Esta porta não pode ser aberta com pedra preciosa — explicou o mago.

— Concordo... e sei do que estou falando — disse Magnus.

— Tente abri-la, mesmo assim — insistiu o mago, fitando Royce. — Foi por isso que eu o trouxe aqui, lembra-se?

Royce olhou para o paredão e franziu o cenho.

— Como?

— Use seu instinto. Você abriu a porta do meu cárcere, e ela também não tinha fechadura.

— Foi sorte.

— Talvez você tenha sorte novamente. Faça uma tentativa.

Royce encolheu os ombros. Em seguida, deu um passo à frente e encostou a mão na pedra, correndo as pontas dos dedos pela superfície, empregando o tato para localizar o que a visão não percebia.

— Estamos perdendo nosso tempo — disse Magnus. — É óbvio que a trava é muito potente e, sem a chave, não há como abri-la. Eu conheço essas coisas. Eu *fabrico* essas coisas. São feitas à prova de ladrões como ele.

— Ah — disse Esrahaddon —, mas você está subestimando Royce. Ele não é um arrombador comum. Senti isso da primeira vez que o vi. Sei que ele é capaz de

abrir esta porta. — O mago se virou para Royce, que começava a mostrar sinais de irritação. — Pare de *tentar* abrir a porta e simplesmente abra. Não pense. Apenas abra a porta.

— Abrir como? — perguntou ele, irritado. — Se soubesse como, você não acha que eu já teria aberto?

— Esse é precisamente o problema. Não pense. Pare de agir como um ladrão. Simplesmente abra a porta.

Royce rosnou para o mago.

— Muito bem — disse ele enquanto esalmava a mão sobre a superfície de pedra e a retirava, boquiaberto.

A expressão de Esrahaddon era de puro deleite.

— Eu sabia — disse o mago.

— Sabia o quê? O que aconteceu? — perguntou Hadrian.

— Eu só empurrei — disse Royce, rindo do absurdo.

— E...?

— Como assim "e"? — perguntou Royce, apontando para a parede intacta.

— E o que aconteceu? Por que está rindo? — Hadrian olhava a parede, como se estivesse tentando enxergar algo, uma pequena fissura, um ferrolho, uma fechadura, mas não avistava coisa alguma. A parede permanecia inalterada.

— A porta se abriu — disse Royce.

Hadrian e o anão olharam para Royce, confusos.

— Do que você está falando?

Royce olhou por cima do ombro, como se o olhar esclarecesse tudo.

— Vocês estão cegos? A porta está escancarada. Não estão vendo o corredor que...

— Eles não podem ver — interrompeu o mago.

Royce olhou do mago para Hadrian.

— Você não está vendo que a porta agora está aberta? Não vê uma imensa porta dupla?

Hadrian sacudiu a cabeça.

— Está tudo exatamente como antes.

Magnus assentiu, concordando com Hadrian.

— Eles não estão vendo porque não podem entrar — explicou o mago. Hadrian

viu Royce arregalar os olhos ao seguir o olhar do mago.

— O quê? — perguntou Hadrian.

— Magia élfica. Feita para impedir que inimigos atravessem esta parede. Tudo o que eles veem, e tudo o que constatarem, é pura pedra. O portal é fechado para eles.

— Você consegue vê-lo? — perguntou Royce a Esrahaddon.

— Ah, sim, nitidamente.

— Então por que nós podemos ver, e eles não?

— Eu já expliquei. É uma magia para impedir a entrada de inimigos. Acontece que fui *convidado* a entrar na torre novecentos anos atrás. A torre foi abandonada imediatamente após minha visita. Portanto, suponho que ninguém tenha revogado a permissão. — Em seguida ele voltou a olhar para o ponto em que Hadrian só enxergava pedra. — No entanto, não creio que eu pudesse abri-la mesmo que ainda tivesse as mãos. É por isso que preciso de você.

— De mim? — disse Royce. Então, com a expressão de choque causada por uma constatação repentina, ele arregalou os olhos para o mago. — Quer dizer que... você sabia?

— Eu não seria um mago muito bom se não soubesse, seria?

Encabulado, Royce fitou os próprios pés e então lentamente ergueu os olhos em direção a Hadrian, que apenas sorria.

— Você também sabia?

Hadrian contraiu o cenho.

— Você acha que eu poderia trabalhar com você todos esses anos e não descobrir? É um tanto óbvio, sabe.

— Você nunca disse nada.

— Achei que não quisesse tocar no assunto. Você é muito sensível em relação ao seu passado, companheiro, e cada um tem seus segredos. Sinceramente, às vezes eu me perguntava até se você mesmo sabia.

— Sabia o quê? O que está acontecendo? — protestou Magnus.

— Não é da sua conta — disse Hadrian ao anão —, mas agora estamos diante de um impasse, não é? Não podemos entrar, e não me agrada ficar aqui no batente da porta esperando pelo lagarto voador.

— Vocês devem voltar — disse Esrahaddon. — Royce e eu prosseguiremos daqui.

- Quanto tempo isso vai demorar? — perguntou Hadrian.
- Muitas horas, um dia, talvez — respondeu o mago.
- Eu tinha esperança de sair daqui antes que o monstro voltasse — disse Royce.
- Não será possível. Além do mais, isso não vai ser um problema... não para você. Tenho certeza de que já furtou de casas ocupadas.
- Mas não eram casas em que o proprietário podia me engolir inteiro.
- Nesse caso, teremos que proceder com extrema cautela, não é mesmo?

Capítulo 10

ESPADAS PERDIDAS



Fiquei satisfeito com a noite de ontem — afirmou o bispo Saldur, cortando para si uma fatia de queijo. Ele estava sentado à mesa de banquete, no salão principal do casarão, ao lado do arcebispo Galien, da sentinela Luis Guy e do lorde Rufus. O teto alto, em estilo de catedral, forrado de madeira, não ajudava muito a melhorar a atmosfera escura e opressiva causada pela falta de luz natural. A construção como um todo tinha poucas janelas, e Saldur tinha a sensação de estar enfiado na toca de algum animal, como uma marmota ou um castor. A idéia de que aquele buraco paupérrimo seria o local do nascimento do Novo Império era decepcionante, mas ele era um homem pragmático. O método era irrelevante. O que importava era o resultado final. O esquema funcionaria ou fracassaria — essa era a única medida de valor. Questões de estética poderiam ser tratadas posteriormente.

Por ora, eles precisavam estabelecer o império. A humanidade estava desgovernada. O mundo precisava de um pulso firme, mãos fixas no timão e um bom par de olhos capazes de enxergar o futuro e conduzir o barco até águas límpidas e calmas. Saldur visualizava um mundo em que a paz seria obtida através da prosperidade, e a segurança através da força. O sistema feudal que prevalecia nas quatro nações impedia o progresso, acorrentando os reinos a uma pobreza caracterizada por fragilidade e interesses conflitantes. Era necessário um governo centralizado, com um governante esclarecido e uma burocracia habilidosa e culta que supervisionasse todos os aspectos da vida. Era impossível sequer imaginar as metas que poderiam ser atingidas uma vez que a força total da humanidade estivesse sob um jugo único. Poderiam revolucionar a agricultura, distribuindo a produção de maneira equânime, a preços que até os mais pobres pudessem pagar, extinguindo a fome. As leis poderiam ser padronizadas, eliminando punições arbitrárias impostas por tiranos revanchistas. Os saberes dos quatro cantos da terra poderiam ser reunidos num único repositório, no qual as grandes mentes poderiam beber e desenvolver novas

idéias, novas técnicas. O transporte poderia ser melhorado pela sistematização das estradas, e o fedor das cidades seria eliminado por meio da organização das redes de esgoto. Era um preço pequeno que tudo isso tivesse de começar ali, naquele casebre de madeira, nos confins do mundo.

— Quantos morreram? — perguntou ele.

O arcebispo deu de ombros, e Rufus, diante de um prato de comida, não se deu o trabalho de erguer os olhos.

— Cinco competidores foram mortos pelo monstro ontem à noite — disse Luis em resposta enquanto espetava uma broa com um punhal.

O cavaleiro de Nyphron continuava a impressionar Saldur. Parecia uma espada encarnada em forma de homem: afiado, cortante e sempre elegante. Mantinha uma postura permanentemente ereta, com os ombros para trás, o queixo erguido, os olhos cravados no alvo, a fisionomia como uma máscara impassível, atrevida, quase implorando um confronto com qualquer tolo que se dispusesse a desafiá-lo. Mesmo depois de dias naquele ambiente selvagem, sua aparência se mantinha impecável. Era o paradigma da Igreja, a encarnação de um ideal.

— Só cinco?

— Depois que o quinto foi rasgado ao meio, poucos pareceram dispostos a se apresentar, e, enquanto eles hesitavam, o monstro foi embora.

— Vocês acham que cinco mortes são suficientes para provar que o monstro é invencível? — perguntou Galien, olhando para eles.

— Não, mas acho que não temos escolha. Depois da noite de ontem, não sei se haverá mais voluntários — respondeu Guy. — O entusiasmo pela caçada diminuiu muito.

— E você está preparado, lorde Rufus, caso ninguém mais se apresente? — indagou o arcebispo, voltando-se para o intrépido guerreiro sentado à cabeceira da mesa.

Lorde Rufus ergueu os olhos. Ele se deliciava com a ceia, atracado com uma perna de carneiro cuja gordura escorria por sua barba desgrenhada. Sob sobranceiras ruivas e espessas, seus olhos encararam o grupo. Ele cuspiu um pedaço de osso.

— Depende — disse ele. — Essa espada que o anão fabricou... ela é capaz de penetrar no couro do monstro?

— Nós mandamos nossos escribas comparar o trabalho do anão com os registros mais remotos — respondeu Saldur. — A inscrição é exatamente igual à verificada em armas antigas que tinham a capacidade de matar monstros desse tipo.

— Se a espada funcionar, eu mato o monstro. — Rufus exibiu um sorriso gorduroso. — Preparem-se para me coroar imperador. — Em seguida, cravou os dentes na perna de carneiro e arrancou um grande pedaço de carne escura, enchendo a boca.

Saldur mal podia crer que o patriarca houvesse escolhido aquele imbecil para ser imperador. Se Guy era uma espada, Rufus era uma marreta, um instrumento totalmente obtuso. Nativo de Trent, ele garantiria a aliança dos reinos do norte, sempre encrenqueiros. Uma aliança que dificilmente poderia ser conquistada de outra maneira. Isso lhes duplicaria a força. Além do mais, Rufus contava com uma popularidade que se estendia até Avryn e Cális, o que reduziria o número de opositores à indicação do seu nome. E o fato de ser um célebre guerreiro seria útil, tanto na eliminação do Gilarabrywn quanto no combate a qualquer oposição apresentada pelos nacionalistas. O problema, na visão de Saldur, era que Rufus, um brutamontes idiota e insensato, não tinha apenas coração de guerreiro, mas mentalidade também. Para ele, a solução de todo problema era uma bela surra. Seria difícil controlá-lo, mas não fazia muito sentido se preocupar com a administração de um império que ainda nem existia. Primeiro precisavam instituir o império para depois se preocuparem com as qualidades do imperador. Se Rufus se tornasse um problema, poderiam tomar providências para que ele logo tivesse um filho e, depois que o filho estivesse sob a guarda da Igreja, Rufus poderia sofrer uma morte prematura...

— Muito bem — disse Galien. — Pelo jeito, tudo está bem-encaminhado.

— Foi por isso que me chamou aqui? — perguntou Guy em tom de irritação.

— Não — respondeu Galien. — Recebi uma notícia inusitada hoje de manhã e achei que você gostaria de se inteirar do assunto, Luis, pois suponho que seja do seu maior interesse. Carlton, diga ao diácono Tomas que ele pode entrar.

O mordomo de Galien, Carlton, que naquele momento servia o vinho, imediatamente afastou-se da mesa e abriu a porta que dava para o corredor.

— Sua Excelência vai recebê-lo agora.

Um sujeito gorducho, trajando uma batina sacerdotal, entrou no recinto.

— Luis Guy, lorde Rufus... quero lhes apresentar o diácono Tomas, da aldeia de Dahlgren. Tomas, estes são o lorde Rufus e a sentinela Guy. E você já conhece o bispo Saldur, evidentemente.

Tomas assentiu, exibindo um sorriso nervoso.

— Qual é o motivo desta visita? — perguntou Guy, como se Tomas não estivesse ali.

— Vamos, Tomas, diga à sentinela o que me contou.

O diácono arrastou os pés no chão e evitou os olhares dos presentes. Quando falou, sua voz soou tão fraca que mal podia ser ouvida.

— Eu disse à Sua Excelência que, na ausência do margrave, eu me encarreguei da situação aqui. Esta aldeia tem passado por momentos difíceis... muito difíceis, mas fiz o possível para manter o casarão em ordem. A ocupação das dependências não foi idéia minha; bem que tentei impedidos, mas sou apenas um... o senhor sabe. Foi impossível...

— Sim, sim... agora fale sobre o maneta — interrompeu o arcebispo.

— Ah, certamente. Então... sim, Esra chegou aqui... não sei, há cerca de um mês. Ele...

— Esra? — disse Guy, e olhou rapidamente para o arcebispo e para Saldur, que lhe exibiram um sorriso sagaz.

— Sim — respondeu o diácono Tomas. — É esse o nome. Ele não fala muito, mas o povo do vilarejo é bom e se revezou para alimentá-lo, pois o infeliz carece das mãos.

— Esrahaddon! — exclamou Guy entre dentes. — Onde está aquela cobra?

A reação repentina e violenta da sentinela assustou o diácono, que deu um passo atrás.

— Ah... bem, não sei... Ela aparece e desaparece, mas notei que a presença dela na aldeia era mais freqüente antes da chegada de dois forasteiros.

— Forasteiros? — perguntou Guy.

— Acho que são amigos da família Wood. Ao menos, chegaram aqui com Thrace, e estão sempre com ela e com o pai dela. Desde que chegaram aqui, Esra tem passado a maior parte do tempo na companhia do mais calado... Royce... acho que é esse o nome dele.

— Royce Melborn e Hadrian Blackwater, os dois ladrões responsáveis pela fuga do mago do Cárcere de Gutaria, e Esrahaddon estão aqui neste vilarejo?

Saldur e Galien assentiram.

— Curioso, não? — comentou o arcebispo. — Talvez tenhamos escolhido o contato errado quando optamos por abordar Arista. Parece que o velho mago depositou a confiança nos dois ladrões. A questão premente é a seguinte: por que estão aqui? Não pode ser coincidência o fato de ele surgir neste vilarejo isolado precisamente quando o imperador está prestes a ser coroado.

— Ele não tinha como saber dos nossos planos — disse Guy.

— Ele é um *mago*. Magos são peritos em desvendar mistérios. É preciso que você

descubra o que ele pretende.

— Lembre-se de manter distância — acrescentou Saldur. — Não queremos encurralar essa raposa enquanto não soubermos onde fica a toca.

Hadrian dobrou o cobertor duas vezes e o enrolou, prendendo o rolete de lã com duas correias de couro. Ele arrumara todos os pertences da dupla em pequenas pilhas. Ainda dispunham dos apetrechos de acampamento, além de comida e ração suficientes. Royce tinha sua sela, arreios e alforjes, mas Hadrian perdera o equipamento de montaria, bem como as espadas, quando Millie desapareceu. Seria impossível montarem juntos e ainda transportar os pertences. Portanto, seriam obrigados a usar a Rata para o transporte da carga e para caminhar de volta para casa.

— Até que enfim encontrei você.

Hadrian ergueu o olhar e viu Theron vindo da direção da casa dos Bothwick, aproximando-se do poço com um balde vazio nas mãos.

— Não o vimos ontem à noite. Ficamos preocupados com você.

— Pelo jeito, a noite foi de sorte para todos — disse Hadrian.

— Para todo mundo da aldeia, sim. Mas acho que o pessoal lá no castelo não teve tanta sorte. Ouvimos muitos gritos, e não tem ninguém celebrando nada hoje de manhã. Desconfio que os planos que eles fizeram para matar o monstro não tenham saído como esperavam. — O camponês olhou para as pilhas de pertences. — Arrumando as tralhas, não é? Vocês também vão embora?

— Exatamente. Não temos mais por que ficar aqui. Como vai Thrace?

— Vai bem, roçando ombros com a nobreza, como ela diz. Está andando sem dificuldade; quase não tem mais dor de cabeça. Pretendemos partir amanhã de manhã.

— É bom saber — disse Hadrian.

— Quem é o seu amigo? — perguntou Theron, fazendo um gesto em direção ao anão, sentado a alguns metros de distância, à sombra de um álamo.

— Ah, sim. Theron, este é Magnus. Ele não é bem um amigo, é um aliado. — Hadrian pensou no que acabara de dizer e acrescentou: — Na verdade, está mais para inimigo, um inimigo no qual preciso ficar de olho.

Theron assentiu, mas com um olhar confuso, e o anão resmungou algo ininteligível.

— E minhas aulas? — perguntou Theron.

— Você está falando sério? Não vejo a utilidade de aulas se vocês dois vão embora amanhã.

— Você tem mais o que fazer? A estrada é um lugar perigoso, e sempre é bom aprender alguns truques, ou esse é o seu jeito de dizer que agora vai querer ser pago?

— Não. — Hadrian fez um gesto com a mão. — Pegue os pedaços de pau.

Ao meio-dia, o sol estava quente e Hadrian suave profusamente enquanto treinava com Theron, cujo progresso era visível. Magnus se sentou sobre um balde emborcado, observando-os com interesse. Hadrian falava sobre posturas, estocadas e empunhaduras, mas o trabalho era dificultado porque eles usavam cabos de ancinho.

— Se você segurar a espada com as mãos, vai perder agilidade e alcance, mas vai ganhar força. Um bom espadachim sabe quando trocar de duas mãos para uma e vice-versa. Se você estiver se defendendo de alguém cujo alcance é maior que o seu, o melhor é usar somente uma das mãos; mas, se precisar que a espada penetre uma armadura pesada, e supondo que não esteja segurando um escudo, agarre o cabo com as mãos e desfira o golpe. Lembre-se de gritar quando aplicar o golpe, do jeito que ensinei. E desfira o golpe com todas as suas forças. Por mais sólido que seja, um peitoral não resiste a um bom golpe de espada. Não foi projetado para resistir. O máximo que uma armadura impede é um golpe lateral, ou uma pontada. É por isso que lutadores profissionais usam armaduras lisas, sem adornos. Esses príncipes e duques que andam por aí com armaduras douradas, feitas de metal leve, ricamente gravado... É como se estivessem andando dentro de uma armadilha mortal. Evidentemente, eles não lutam. Todos têm cavaleiros que lutam por eles. Esse tipo de indivíduo só se preocupa com aparência. Então a idéia é a seguinte: quando você estocar, mire numa dobra, num entalhe, numa junção da armadura, algo que possa ceder à ponta da espada. As axilas são alvos excelentes, ou logo abaixo do visor. Se você enfiar uma espada de um metro embaixo de um visor, não precisará se preocupar com o contra-ataque...

— Como você pode dar aula de esgrima a esse pobre homem sem espadas?

Os dois se voltaram e viram Mauvin Pickering se aproximando, trajando sua túnica azul simplória. Ele já não era o elegante lorde de Galilin. Parecia mais com o menino que Hadrian vira em Campos de Drondil. Nas mãos ele trazia duas espadas e, pendurados às costas, dois escudos redondos.

— Vi vocês dois lá de cima do muro e achei que estivessem precisando disto aqui — disse ele, entregando uma espada e um escudo a Theron, que os aceitou um tanto desconcertado. — Fanen e eu não estamos precisando destas espadas e

destes escudos.

Desconfiado, Theron olhou para o jovem e depois para Hadrian.

— Pode pegar — disse Hadrian, enxugando com a manga da camisa o suor que escorria pela testa. — Ele tem razão. Você precisa sentir como é empunhar uma espada de verdade.

Quando Theron hesitou diante da maneira de segurar o escudo, Mauvin lhe forneceu instruções, mostrando ao lavrador onde pôr o braço nas correias de couro.

— Está vendo, Hadrian? Vale a pena ensinar ao aluno como usar um escudo de verdade, a menos que você ache que ele vai ficar o tempo todo lutando contra árvores. A propósito, onde estão suas espadas?

Hadrian ficou sem graça.

— Perdi minhas espadas.

— Você não costuma andar por aí com espadas suficientes para cinco pessoas?

— Eu tive uma semana difícil...

— E você, quem é? — perguntou Mauvin, olhando para o anão.

Hadrian começou a responder, mas deteve-se. Alric provavelmente falara com Mauvin sobre o anão que matara seu pai.

— Ele? Ele... é um João-ninguém.

— Certo... — disse Mauvin, rindo, estendendo a mão e acenando. — Muito prazer, Sr. João-Ninguém. — Em seguida Mauvin sentou-se na mureta do poço e cruzou os braços. — Vamos. Mostre o que ele ensinou.

Hadrian e Theron voltaram a treinar, mas agora com mais cautela, pois as espadas cortantes deixavam Theron nervoso. Em pouco tempo ele se sentiu frustrado e virou-se para Mauvin, franzindo a testa:

— Você é bom com a espada?

O jovem ergueu uma das sobranceiras, exprimindo surpresa.

— Meu caro senhor, nós ainda não fomos apresentados? Meu nome é Mauvin Pickering.

Theron semicerrou os olhos com uma expressão de perplexidade, desviou o olhar para Hadrian, que se manteve calado, e então voltou a encarar o jovem.

— Eu perguntei se você sabia usar uma espada, filho. Não perguntei seu nome.

— Mas eu... ah... esquece. Sim, fui treinado no uso da espada.

— Pois eu passei a vida toda trabalhando no campo ou morando em aldeias pouco

maiores do que esta aqui e nunca tive a chance de ver dois sujeitos lutando com espadas. Seria útil observar o que devo fazer. Você sabe... ver como a coisa deve ser feita.

— Você quer uma demonstração?

Theron assentiu.

— Não tenho como saber nem se Hadrian sabe o que está fazendo.

— Muito bem — disse Mauvin, flexionando os dedos e sacudindo as mãos ao mesmo tempo que dava alguns passos adiante. Ele estampava um largo sorriso nos lábios, como se Theron o tivesse convidado para praticar seu esporte predileto.

Os dois começaram o embate. Magnus e Theron sentaram-se no chão e observaram Mauvin e Hadrian inicialmente demonstrarem os movimentos básicos e em seguida evoluírem na cadência de um combate autêntico. Hadrian explicava cada manobra e posteriormente comentava a ação.

— Você viu? Mauvin pensou que eu fosse atingir a coxa dele e então baixou um pouco a guarda. Ele fez isso porque, baixando o ombro, eu indiquei a minha intenção. Isso quer dizer que, antes de aplicar meu golpe, eu já sabia qual seria a reação de Mauvin, pois era eu quem estava ditando a luta. Na verdade, eu sabia o que ele faria antes que ele próprio soubesse, e, num embate, isso é muito útil.

— Chega de aula — disse Mauvin, visivelmente irritado por servir de exemplo de um erro em esgrima. — Vamos fazer uma demonstração para valer.

— Vai querer uma revanche? — perguntou Hadrian.

— Só estou curioso para ver se não foi sorte sua.

Hadrian sorriu e murmurou:

— Esses Pickering não têm jeito mesmo...

Então, tirou a camisa e, enxugando o rosto e as mãos, atirou-a sobre a relva e ergueu a espada, em posição. Mauvin atacou, e imediatamente a luta teve início. As espadas zuniam, cortando o ar com tamanha rapidez que os movimentos pareciam imagens fora de foco. Hadrian e Mauvin bailavam na ponta dos pés, arrastando-os na poeira com tanto vigor que uma pequena nuvem os envolveu à altura dos joelhos.

— Por Mar! — exclamou o velho camponês.

Então repentinamente ambos pararam, ofegantes devido ao esforço. Mauvin, com os olhos em Hadrian e uma expressão que misturava espanto e admiração, disse:

— Você está brincando comigo.

— Eu achei que a idéia fosse exatamente essa. Você não quer que eu o mate, quer?

— Bem, não, mas... como ele disse... por Mar! Nunca vi alguém lutar assim. Você é mesmo impressionante.

— Achei vocês dois impressionantes — comentou Theron. — Nunca vi algo parecido.

— Sou obrigado a concordar — acrescentou Magnús, de pé, meneando a cabeça. Hadrian foi até o poço e despejou meio balde de água por cima da cabeça. Em seguida, sacudiu o excesso de água que havia nos cabelos.

— Falando sério, Hadrian, com quem você aprendeu a lutar? — perguntou Mauvin.

— Com um homem chamado Danbury Blackwater.

— Blackwater? Não é esse o seu sobrenome?

Hadrian assentiu, e um olhar melancólico se instalou em sua fisionomia.

— Ele era meu pai.

— Era?

— Ele morreu.

— Ele foi guerreiro? Um general?

— Foi ferreiro.

— Ferreiro? — questionou Mauvin, incrédulo.

— Num vilarejo pouco maior do que este. Você sabe, o sujeito que fabrica ferraduras, ancinhos e painéis.

— Você está me dizendo que um ferreiro conhecia os segredos das disciplinas dos teshlors? Eu reconheci os golpes de Tekchin, golpes que meu pai me ensinou. Os demais só podem decorrer das disciplinas perdidas no tempo.

Mauvin atraiu olhares inquisidores por parte de todos.

— Os teshlors? — Ele olhou ao redor. Mais expressões de perplexidade. Mauvin arregalou os olhos e suspirou. — Pagãos, estou cercado de pagãos ignorantes. Os teshlors são os maiores cavaleiros de todos os tempos. Formavam a guarda pessoal do imperador. Consta que aprenderam com o próprio Novron as Cinco Disciplinas do Combate. O Tekchin é apenas uma delas, e o conhecimento de Tekchin, por si só, já bastou para tornar a dinastia Pickering lendária. É evidente que seu pai conhecia Tekchin e, pelo jeito, outras disciplinas dos teshlors que eu julgava perdidas há quase mil anos, e você quer me dizer que ele era ferreiro?

Ele deve ter sido o maior guerreiro da sua época. Você não sabe o que seu pai fazia antes de você nascer?

— Suponho que o mesmo que continuou fazendo depois que nasci.

— Então como foi que ele aprendeu a lutar?

Hadrian refletiu sobre a pergunta.

— Eu sempre imaginei que ele tivesse aprendido no exército. Vários homens da aldeia serviram nas tropas do senhor das terras. Acho que ele lutou em algumas batalhas. Ele falava como se tivesse lutado.

— Você não perguntou a ele?

O barulho de cascos interrompeu a conversa, e três homens a cavalo entraram no vilarejo, vindo do castelo do margrave. Os cavaleiros usavam trajes em preto e vermelho, estampando no peito o símbolo da coroa quebrada. À frente do trio vinha um sujeito alto e magro, com cabelos negros e compridos, e barba aparada.

— Excelente esgrimista — disse o líder do grupo. Ele cavalgou até o lado de Hadrian e puxou bruscamente as rédeas de sua montaria. O garanhão negro exibia um jaez escarlate e negro, com pingentes franjados e um adereço de cabeça, do qual jorrava uma pluma negra de um palmo de altura. O cavalo bufava, e não parava de pisotear o solo. — Eu me perguntei por que o filho do conde Pickering não participou do combate hoje, mas vejo agora que você encontrou um valoroso adversário com quem treinar. Quem é esse guerreiro magnífico, e por que não o vi no castelo?

— Não estou aqui para competir pela Coroa — disse Hadrian simplesmente, vestindo a camisa.

— Não? Que pena... você certamente teria boas chances. Qual é o seu nome?

— Hadrian.

— Ah... prazer em conhecê-lo, Sir Hadrian.

— Só Hadrian.

— Entendo. Você mora aqui, só Hadrian?

— Não.

O cavaleiro não gostou nem um pouco da resposta seca e atíçou o cavalo, aproximando-se de Hadrian com um movimento ameaçador. O animal resfolegou ar quente e úmido no rosto dele.

— O que você está fazendo aqui?

— Estou de passagem — respondeu o ladrão, com seu tom amigável de sempre.

Chegou e esboçar um sorrisinho.

— É mesmo? De passagem por Dahlgren? E Dahlgren fica no caminho de que lugar no mundo, se me permite perguntar?

— No caminho de qualquer lugar, dependendo da perspectiva, o senhor não acha? Ou seja, toda estrada leva a algum lugar, não é? — Hadrian cansou de ficar na defensiva e desferiu um golpe verbal. — A pergunta tem algum motivo especial?

— Eu sou a sentinela Luis Guy, responsável pela competição. É meu dever saber se todos os participantes estão inscritos.

— Eu já disse que não estou aqui por causa da competição.

— É verdade, você disse — concordou Guy e lentamente olhou para os demais, detendo-se em Magnus. — Você está só de passagem, mas talvez os que o acompanham queiram se inscrever.

Seria uma finta? Em todo caso, Hadrian decidiu esgrimar.

— Ninguém que está comigo vai querer incluir o nome nessa lista.

— Ninguém que está com você?

Hadrian trincou os dentes. *Tinha sido* uma finta. Hadrian repreendeu a si mesmo mentalmente.

— Quer dizer que você não está sozinho? — observou a sentinela. — Onde estão os outros?

— Não sei dizer.

— Não?

Hadrian meneou a cabeça... quanto menos palavras, menos chances de cometer erros.

— É mesmo? Quer dizer que, se neste momento eles estiverem rolando catarata abaixo, você pouco se importa?

— Eu não disse isso — respondeu Hadrian, irritado.

— Mas você não vê necessidade de saber onde eles estão?

— São todos homens adultos.

A sentinela sorriu.

— E quem são *esses homens*? Por favor, diga-me, pois talvez eu os encontre mais tarde.

Hadrian semicerrou os olhos, percebendo tarde demais o erro. O sujeito que estava diante dele era esperto... Esperto até demais.

— Você ignora também os nomes deles? — inquiriu Luis, inclinando-se na sela.

— Não.

Hadrian tentava ganhar tempo para pensar um pouco.

— Então como eles se chamam?

— Bem — começou a dizer, lamentando não ter em mãos sua própria espada, em vez de uma espada emprestada. — Como eu disse, não sei onde os *dois* estão. Mauvin está bem aqui, mas não faço idéia do paradeiro de Fanen.

— Decerto você está enganado. Os Pickering vieram comigo e o restante da comitiva — assinalou Guy.

— Sim, eles *vieram*, mas pretendem voltar para casa comigo.

Guy apertou os olhos.

— Você quer me dizer que viajou até aqui *sozinho*, de passagem, como você disse, e encontrou os Pickering por acaso?

Hadrian sorriu para a sentinela. Foi um golpe fraco, desajeitado, equivalente a soltar a espada e levar o adversário para uma luta no chão, mas era tudo o que ele podia fazer.

— Isso é verdade, Pickering?

— Perfeitamente — respondeu Mauvin sem hesitar.

Guy voltou-se para Hadrian:

— Que sorte a sua! — disse ele, decepcionado. — Nesse caso, não quero atrapalhar o treino de vocês. Bom dia, cavaleiros.

Ficaram observando enquanto o trio seguiu a cavalo em direção à trilha da margem do rio.

— Que assustador! — comentou Mauvin, olhando em direção aos três. — Nunca é um bom presságio quando uma sentinela demonstra interesse na gente, sobretudo esse Luis Guy.

— Qual é a história dele? — perguntou Hadrian.

— Só sei dos boatos. É fanático pela Igreja, mas eu conheço muita gente, mesmo dentro dela, que o teme. É o tipo de homem capaz de fazer desaparecer reis. E dizem também que é obcecado pelo projeto de localizar o Herdeiro de Novron.

— Isso não se aplica a todos os serets?

— De acordo com a doutrina religiosa, sim. Mas esse aí é mesmo obcecado, o que explica a presença dele aqui.

— E os dois que estavam com ele?

— São serets, cavaleiros de Nyphron, o exército que protege as sentinelas. Não são submissos a qualquer rei ou nação, apenas às sentinelas e ao patriarca.

Mauvin olhou para Hadrian.

— É melhor você ficar com esta espada. Não é um bom momento para ficar sem as armas.

Embora houvesse apagado a lamparina muito tempo antes do retorno da criatura, Royce enxergava perfeitamente bem. A luz permeava as paredes de Avempartha, atravessando a rocha como se ela fosse vidro fumê. Lá fora já era dia, quanto a isso ele tinha certeza, pois a cor da luz havia se alterado, de um azul turvo a um branco suave.

À medida que o sol surgia, o interior da fortaleza se tornava um maravilhoso mundo iluminado de cor e beleza. O teto se erguia em arcos altos e delicados, dezenas de metros acima do piso, dando a impressão de não se estar num recinto fechado, mas num lugar onde o horizonte se perdia na névoa. O rugido das cataratas, mitigado pelas paredes da torre, era um murmúrio discreto, abafado, inegavelmente reconfortante.

Bandeiras de tecido fino pendiam do alto. Em cada uma reluziam símbolos cujo significado Royce desconhecia. Poderiam se referir à realeza, a leis, à localização de salas, ou não passar de enfeites desprovidos de qualquer significado específico. Tudo o que Royce sabia era que, mesmo passados mil anos, os desenhos ainda se mostravam fluidos e vibrantes. Era um talento artístico que estava além da capacidade dos mortais, um talento engendrado por uma cultura insondável. Sendo a única edificação construída por elfos na qual Royce jamais estivera, a torre era sua única visão daquele mundo singular, e a sensação era estranhamente pacífica. Serena e silenciosa, a fortaleza era linda. Embora a torre não se assemelhasse a qualquer outra construção que já tivesse visto, o raciocínio de Royce lutava contra a crescente sensação de que tudo aquilo era, de certo modo, familiar. Sentia-se calmo enquanto caminhava pelos corredores. As próprias formas e sombras tocavam pontos de sua mente que ele desconhecia. Aquilo falava num idioma que ele não compreendia. Ele captava apenas uma palavra ou uma frase numa avalanche de sensações que, a um só tempo, o confundiam e o cativavam enquanto ele caminhava a esmo, como um homem cegado por uma luz ofuscante.

Royce seguiu de sala em sala, subiu escadas, atravessou terraços sem tomar qualquer direção consciente, apenas avançando, olhando e escutando. Percebeu, com interesse, que cada passo ficava registrado claramente no interior da torre, coberto por séculos de poeira. E, fascinado, descobriu que, nos locais onde suas passadas moviam a poeira, o piso se revelava liso e límpido como água parada.

Ao caminhar pelas diversas câmaras, ele tinha a sensação de estar no interior de um museu, perdido num momento congelado no tempo. Ainda havia pratos diante de cadeiras vazias, algumas tombadas de lado, viradas em meio ao

alvorço e à confusão ocorridos havia quase um milênio. Livros estavam abertos nas páginas que pessoas haviam lido novecentos anos antes, e Royce sabia que, mesmo para aqueles indivíduos que ali estiveram tanto tempo atrás, aquele local, aquela torre, era algo antiquíssimo. Além da história absolutamente dramática, Avempartha, apenas pela sua antigüidade, já seria um monumento, uma estrutura sagrada, um tributo aos elfos, um elo com uma era remota. Na realidade, aquilo não era uma fortaleza. Ele não sabia como, mas estava convicto de que aquilo era muito mais do que simplesmente isso.

Esrahaddon se separara de Royce logo após ter entrado na torre e apontado a direção na qual o ladrão agora seguia. Ele dissera que Royce encontraria a espada em algum local acima da entrada, mas dissera também que seguiria outro caminho. Fazia horas que haviam se separado, e a luz exterior começava a diminuir. Royce ainda não encontrara a espada. Visões, sons e aromas o distraíam. Era informação demais para classificar e processar de uma só vez, e ele acabou se perdendo.

Começou a voltar pelo mesmo caminho, mas descobriu que suas pegadas surgiam dobradas, configurando uma caminhada em círculos. Já começava a se preocupar quando ouviu um barulho novo. Ao contrário de tudo o que encontrara até aquele momento, o barulho era perturbador. Era o som contínuo e ritmado de uma respiração pesada.

Todas as trilhas que se apresentavam ao ladrão estavam marcadas por suas próprias pegadas, exceto uma, que dava acesso a outra escada, onde a respiração se tornava ainda mais audível. Royce não sabia ao certo quantos andares havia percorrido, mas sabia que não tinha encontrado espada alguma. Lentamente, e com o mínimo de ruído, ele começou a subir.

Menos de cinco degraus acima, avistou a primeira espada. A arma estava coberta de poeira, sobre um degrau, ao lado de uma ossada. Não havia qualquer vestígio de tecido, mas a armadura sobrevivera ao tempo. Logo acima, deparou-se com outra espada e mais outra. Havia dois tipos de cadáveres: humanos, com armaduras completas, e elfos, com delicados peitorais azuis. Aquele local tinha sido o derradeiro bastião, a última defesa ao imperador. Elfos e homens haviam caído lado a lado.

Royce abaixou-se e escorregou o polegar pela lâmina a seus pés. Com a remoção da poeira, o brilho impressionante do aço produzido pelos elfos parecia novo, mas não havia ali qualquer inscrição. Royce olhou escada acima e, com relutância, pulou pelos corpos e prosseguiu na subida.

A respiração era cada vez mais audível e profunda, como o eco do vento no interior de uma caverna. Adiante havia uma sala e, silencioso como a sombra de um gato, Royce adentrou. A câmara era redonda, e outra escada indicava uma

nova subida. No momento em que entrou, Royce sentiu na pele e no olfato a presença de ar puro. Janelas estreitas e altas permitiam a entrada livre de raios de luz, mas ele pressentiu que em algum ponto acima havia uma janela maior.

Finalmente, encontrou uma coleção de espadas élficas presas à parede, em estojos ricamente decorados. Separado do restante da sala por uma delicada corrente, o local se assemelhava a um memorial, um tributo. Diante da coleção via-se uma placa sobre um pedestal, e as paredes exibiam diversas inscrições entalhadas pelos elfos diretamente na pedra. Royce conhecia algumas palavras, mas as inscrições tinham sido feitas com tamanha exuberância e sofisticação que ele não conseguiu identificar uma palavra sequer, embora reconhecesse várias letras.

A coleção era composta de dezenas de espadas. Todas pareciam idênticas, e, sem precisar tocá-las, Royce pôde constatar nitidamente a presença de inscrições nas lâminas, bem como as marcas lavradas no metal. Um dos estojos estava vazio.

Com um suspiro silencioso, Royce se empertigou e recomeçou a subir. A cada novo passo o ar se tornava mais puro, e a brisa levava a poeira para frestas e cantos. Ao longo da escada, aberturas e corredores apareciam de ambos os lados, mas Royce seguia sua intuição e continuava a subir rumo ao ruído da respiração.

Finalmente os degraus terminaram e Royce vislumbrou o céu aberto. Acima havia um terraço circular cujas paredes eram esculpidas em formato de pétalas de flor. Estátuas que antes decoravam aquele pátio jaziam quebradas pelo chão. No centro via-se a figura adormecida e nefasta do Gilarabrywn, um lagarto enorme, com escamas pretas e asas cinzentas formadas por membranas e ossos. O monstro estava enrolado, a cabeça encostada na cauda, arfando por causa da respiração pesada. Suas patas vigorosas eram armadas por quatro garras de um palmo de tamanho. Manchadas com sangue coagulado, elas haviam produzido sulcos no piso, pois, mesmo adormecido, o monstro as agitava. Caninos longos e afiados projetavam-se sobre os lábios grossos, bem como uma fileira de dentes assustadores que não seguiam qualquer padrão visível, parecendo apenas convergir como uma cerca viva formada por agulhas. As orelhas ficavam na parte posterior da cabeça, os olhos eram cobertos por pálpebras largas, sob as quais as pupilas tremiam num sono frenético, provocado por visões tenebrosas que Royce era incapaz de imaginar. A cauda comprida, em cuja ponta havia um osso em formato de sabre, também estremezia. Royce se surpreendeu boquiaberto e rechaçou a própria tolice. Tratava-se de uma visão e tanto, mas aquele não era o momento certo para se distrair. Manter o foco significava manter-se longe da morte.

Sempre detestara casas com animais. Cães uivavam ao menor ruído ou ao

menor cheiro. Conseguiu passar por vários cães adormecidos, mas alguns haviam percebido sua presença. Ele se concentrou e desviou os olhos do gigante, a fim de examinar o restante do ambiente. Era um pandemônio, escombros de objetos quebrados. Olhando mais de perto, no entanto, Royce se deu conta de que os escombros continham tesouros medonhos. Reconheceu trapos do vestido de Mae Drundel, salpicados com manchas escuras, e ali, no meio dos farrapos, havia um pedaço de couro cabeludo com um tufo de cabelos grisalhos. Outros itens igualmente horripilantes jaziam ao redor. Pernas, pés, dedos, mãos... tudo atirado num canto, como rabo de camarão. Royce avistou Milhe, a égua de Hadrian, ou melhor, uma das patas traseiras e o rabo da égua. Não muito longe, ele se surpreendeu ao ver a sela e as espadas do amigo. Felizmente, estavam ao alcance de sua mão.

No momento em que começou a circundar o monte de entulhos, avançando com a lentidão e a disciplina de um louva-a-deus em plena caça, Royce avistou algo. Os corpos e as roupas esfarrapadas estavam por cima de uma pilha de ossos e pedras. Embaixo de tudo, porém, na camada inferior, ele viu o brilho inequívoco de aço polido. Era apenas um ponto, do tamanho de uma moeda, e foi justamente o que ele pensou que fosse num primeiro momento. Mas o brilho era inconfundível. Era o mesmo lampejo das espadas que estavam na escada e nos estojos no andar inferior.

Prendendo a respiração, com cada movimento realizado numa lentidão que o tornava quase imperceptível, Royce acercou-se do monstro e do tesouro horrendo. Enfiou a mão embaixo dos fios do rabo de Millie e com toda a cautela começou a puxar a lâmina.

A espada cedeu facilmente, quase sem produzir ruído, mas mesmo antes de retirá-la totalmente Royce percebeu que havia algo errado. A espada estava leve demais. Mesmo considerando que as espadas dos elfos pesavam bem menos, aquela era absurdamente leve. Ele logo viu por quê: a lâmina estava quebrada. Ao constatar a inscrição no metal, Royce pôde confirmar sua intuição. O Gilarabrywn não era um animal nem um mero monstro treinado para matar. Aquele demônio criado por magia era astuto o bastante para saber que só precisava temer uma coisa no mundo: uma espada em cuja lâmina seu nome estivesse inscrito. E tomara certas precauções. O monstro quebrara a lâmina, partindo a inscrição do nome e inutilizando a espada. Royce não viu a outra metade da arma, mas o local onde ela estava lhe parecia óbvio. Devia estar no único local de onde Royce não poderia roubá-la: embaixo do Gilarabrywn adormecido.

Capítulo 11

O GILARABRYWN



Estava quase anoitecendo quando Royce, carregando três espadas no ombro, encontrou Hadrian e Magnus aguardando ao lado do poço. A aldeia estava vazia, pois os habitantes já haviam se entocado, e a noite estava silenciosa, exceto pelos ruídos abafados da atividade que transcorria no interior do castelo.

— Já não era sem tempo — disse Hadrian, levantando-se ao ver Royce se aproximando.

— Eis as suas espadas — disse Royce, entregando as armas a Hadrian. — No futuro, veja bem onde vai guardá-las. Tenho coisas mais importantes a fazer do que servir de criado para você.

Com satisfação, Hadrian as pegou e começou a colocá-las no cinto.

— Eu estava começando a ficar preocupado que a Igreja tivesse agarrado você.

— A Igreja? — perguntou Royce.

— Luis Guy esteve aqui me assediando.

— A sentinela?

— É. Perguntou sobre meus companheiros e seguiu em direção ao rio. Ainda não o vi voltar de lá. Achei que estivesse sondando para saber de Esra. E, por falar nisso, onde ele está? Ficou lá na beira do rio?

— Ele não está por aqui? — perguntou Royce. Ambos balançaram a cabeça. — Isso não quer dizer nada. Seria tolice, da parte dele, voltar aqui para o vilarejo. Deve estar escondido na mata.

— Supondo que não tenha sido arrastado pela correnteza do rio — disse Hadrian.

— Por que você se separou dele?

— Foi ele que se afastou de mim com uma atitude do tipo "não me siga". Sob circunstâncias normais, eu não hesitaria em segui-lo, mas tinha outras questões em mente. Quando me dei conta, o sol já estava se pondo, e achei que ele já

tivesse voltado.

— Então você encontrou alguma coisa valiosa lá dentro? Pedras preciosas? Ouro?

Subitamente Royce sentiu-se um tolo.

— Sabe de uma coisa? Nem passou pela minha cabeça procurar...

— COMO?

— Esqueci essa questão completamente.

— Então o que ficou fazendo lá dentro o dia todo?

Royce retirou do cinto a espada com a lâmina partida, que brilhava mesmo na penumbra.

— Todas as outras espadas estavam dentro de estojos, mas esta estava embaixo da pata do Gilarabrywn.

— Da pata? — disse Hadrian, estupefato. — Você viu o monstro?

Royce assentiu com uma careta.

— E acredite: é uma visão que você não gostaria de ter, nem bêbado, nem sóbrio.

— Você acha que foi o monstro que partiu a lâmina?

— Parece que sim, você não acha?

— Então onde está a outra metade?

— Suponho que ele esteja dormindo em cima dela, mas não me atrevi a empurrá-lo para olhar.

— Estou surpreso que você não tenha ficado esperando até ele sair outra vez.

— Com nossa cliente indo embora amanhã de manhã, de que adiantaria? Se fosse fácil, se eu estivesse vendo a outra metade e não tivesse de cavar no meio de... bem... um monte de coisa... tudo bem. Mas não vou arriscar meu pescoço por causa da guerrinha de Esra com a Igreja. Além disso, você se lembra dos cães no Castelo de Blythin?

Hadrian assentiu com uma expressão de repúdio.

— Se o monstro tiver bom faro, eu não queria estar por perto quando ele acordasse. Eu vejo a coisa assim: Thrace reencontrou o pai, Esra conseguiu entrar na torre e Rufus vai livrar a aldeia do Gilarabrywn. Acho que nosso trabalho aqui acabou. — Royce olhou de relance para o anão e em seguida voltou a olhar para Hadrian. — Obrigado por ter ficado de olho nele — disse ele, sacando o punhal.

— O q... Espere aí! — O anão recuou enquanto Royce avançava. — A gente fez um trato!

Royce deu uma risada.

— Será que tenho cara de alguém confiável?

— Royce, você não pode fazer isso — disse Hadrian.

O ladrão olhou para ele e riu.

— Você está brincando? Olhe só para ele. Se eu não conseguir degolar este sujeito em dez segundos, pago uma cerveja para você assim que a gente voltar para Alburn. Pode começar a contar...

— Não, o que estou dizendo é que ele tem razão. Você fez um trato. Não pode voltar atrás agora.

— Ora! Por favor. Esse... anão... tentou me matar, e quase consegui, e você quer que eu poupe a vida dele só porque disse que o faria? Quer saber? Ele já viveu um dia a mais por ter nos ajudado. Isso já é uma recompensa e tanto.

— ROYCE!

— O quê? — O ladrão revirou os olhos. — Você não pode estar falando sério. Ele matou Amrath!

— Foi um serviço encomendado, e você não pertence à guarda real. Ele cumpriu a parte dele no trato. E matá-lo não representa vantagem alguma.

— Divertimento — disse Royce. — Divertimento e satisfação são vantagens.

Hadrian continuou a encarar o parceiro.

Royce balançou a cabeça e suspirou.

— Tudo bem, tudo bem, vou poupá-lo. É besteira, mas vou poupá-lo. Satisfeito?

Royce ergueu os olhos e contemplou o morro do castelo, onde as tochas dos competidores da noite já começavam a se reunir.

— Já está quase escuro. Precisamos entrar. Qual é o melhor lugar para assistir a esse espetáculo lá do castelo? E quando digo "o melhor" eu quero dizer "o mais seguro".

— O nosso convite para pernoitar na casa dos Bothwick ainda está de pé. Theron já foi para lá, e nós...

Um guincho lancinante, vindo da direção do rio, cortou a noite.

— Pelo fantasma de Novron! O que foi isso? — perguntou Magnus.

— Será que o lagartinho alado descobriu que o brinquedinho dele foi roubado? — perguntou Hadrian, apreensivo.

Royce olhou para trás, em direção à mata, e voltou a olhar para o amigo.

— Acho melhor a gente se esconder em algum lugar melhor do que na casa dos Bothwick

— Onde? — quis saber Hadrian. — Se estiver à procura da espada, o monstro vai destruir casa por casa até encontrá-la, e já sabemos que a arquitetura local não é das mais resistentes. Ele vai dizimar o vilarejo.

— A gente pode levar todo mundo para o castelo. Talvez ainda dê tempo — sugeriu Royce.

— Não adianta — retrucou Hadrian. — Os guardas não vão nos deixar entrar. Que tal a floresta?

— As árvores apenas atrapalham um pouco o avanço dele, mas não constituem proteção melhor do que as casas.

— Droga! — exclamou Hadrian, olhando ao redor, bastante aflito. — Eu deveria ter cavado a trincheira aqui na aldeia.

— Que tal este poço? — perguntou o anão, olhando o interior do buraco cercado de madeira.

Royce e Hadrian trocaram um olhar.

— Estou me sentindo um idiota — disse Royce.

Hadrian correu até o sino, pegou a corda e começou a puxá-la. O sino, destinado à futura igreja de Dahlgren, soou o alarme.

— Você! Continue a tocar o sino! — gritou Hadrian para Magnus.

Ele e Royce correram até as casas, abriram as cortinas de tecido que serviam de porta e chamaram:

— Saiam todos! As casas não os protegerão esta noite. Entrem no poço. Todos para o poço... agora!

— O que está acontecendo? — perguntou Russell Bothwick, olhando para a escuridão.

— Não há tempo para explicações — gritou Hadrian. — Entrem no poço se quiserem sobreviver.

— Mas e a Igreja? Os membros da Igreja não vão nos salvar? — perguntou Selen Brockton, enrolada num cobertor, no vão da porta de sua casa.

— Vai querer apostar sua vida? Vocês precisam confiar em mim. Se eu estiver errado, o máximo que vai acontecer é passarem uma noite péssima, dentro do poço, mas, se eu estiver certo e vocês não me derem ouvidos, todos morrerão.

— Isso para mim já é o suficiente — disse Theron, saindo da casa dos Bothwick, abotoando a camisa e se dirigindo aos circundantes, com sua voz potente e áspera: — E já deve ser o suficiente para todos vocês também. Em poucos dias, Hadrian já fez mais para salvar esta aldeia do que todos nós e todos eles, juntos. Se ele diz que devemos passar a noite dentro do poço, então, pelas barbas de

Maribor, é isso que vou fazer. Mesmo se a gente achasse que o monstro tinha morrido, ainda assim eu faria o que Hadrian está dizendo. E os que se recusarem... ora!... merecem ser devorados.

Os habitantes de Dahlgren correram para o poço.

Laçadas foram feitas ao longo da corda para servir de apoio aos pés, e, embora o poço fosse largo o bastante para permitir a descida de quatro ou até cinco pessoas por vez, por não confiarem na resistência do suporte e da roldana, eles desceram em duplas ou trios, dependendo do peso.

Apesar de a fila ter andado com rapidez e ordem, obedecendo aos comandos de Hadrian sem discussão, o processo foi dolorosamente lento. Magnus se ofereceu para descer e fincar suportes na parede interna do poço para servir de apoio. Os pequenos Hal, Arvid e Pearl, sendo jovens demais para descer primeiro, percorreram o vilarejo em busca de lascas de madeira que pudessem ser utilizadas pelo anão como suporte. Tad Bothwick desceu no poço e trabalhou com Magnus, passando ao anão as lascas de madeira.

— Moço! — A voz de Tad ecoou pela boca do poço. — Nunca vi ninguém usar um martelo desse jeito. A gente levou seis semanas para construir a parede deste poço, mas juro que você poderia ter construído a mesma coisa em seis horas!

— Do lado de fora, Hadrian, Theron, Vince e Dillon se encarregavam de descer os aldeões. Mulheres e crianças entravam primeiro no buraco escuro, onde a única fonte de luz era uma vela que Tad segurava para iluminar o trabalho de Magnus.

— De quanto tempo ainda dispomos? — perguntou Hadrian enquanto esperavam para descer o próximo grupo.

— Ele já estaria aqui agora se tivesse voado no momento em que ouvimos o guincho — respondeu Royce. — Deve estar procurando na torre. Isso nos dá mais algum tempo, mas não sei quanto.

— Suba numa árvore e grite quando avistá-lo.

Depois que a fila acabou, Hadrian desceu Theron e Dillon, restando apenas ele próprio, Vince e Royce, que esperavam até que Magnus acabasse de fincar as últimas lascas. No topo de um álamo, Royce vasculhava o céu escutando o anão pregar os últimos suportes.

— Lá vem ele! — gritou Royce ao ver uma sombra cruzar diante das estrelas.

Segundos depois o Gilarabrywn guinchou, em algum ponto acima das copas das árvores, e os três se contraíram, mas nada aconteceu. Permaneceram imóveis, atentos, olhando para a escuridão que os envolvia. Outro guincho rompeu a noite. O Gilarabrywn voou diretamente em direção às tochas que iluminavam o casarão.

Royce enxergou o monstro sobrevoando o morro onde mais um desafiante se preparava para o confronto. O monstro desceu, e então voltou a subir, emitindo mais um guincho. Em seguida, com um rugido, o monstro expeliu fogo pela boca. Instantaneamente tudo ficou mais claro, pois as labaredas engoliram a encosta do morro.

— Isso é novidade — declarou Hadrian, nervoso, contemplando a visão horripilante. O grupo de desafiantes perdeu a vida sem ter sequer tempo de gritar. — Magnus, depressa!

— Tudo pronto. Vamos! Desçam logo! — gritou o anão.

— Esperem! — gritou Tad. — Onde está Pearl?

— Ela está procurando madeira — disse Vince. — Eu vou buscá-la.

Hadrian agarrou seu braço.

— E perigoso demais. Entre no poço. Royce vai.

— Eu vou? — perguntou Royce, surpreso.

— Às vezes é péssimo negócio ser o único que pode enxergar no escuro, não é?

Royce praguejou e saiu correndo, de casebre em casebre, chamando a menina, com o volume de voz mais alto que a situação permitia. À medida que a luminosidade vinda do morro aumentava, ficava mais fácil enxergar o caminho. O Gilarabrywn não parava de guinchar, e, olhando por cima do ombro, Royce viu os muros do castelo em chamas.

— Royce! — gritou Hadrian. — Ele está vindo!

Royce desistiu de chamar à meia-voz.

— Pearl! — bradou ele.

— Aqui! — gritou ela de volta, saindo correndo do meio das árvores.

Ele pegou a menina no colo e disparou em direção ao poço.

— Corre, desgraçado! — gritou Hadrian, segurando a corda.

— Esqueça a corda. Desça e segure a menina.

Enquanto Royce ainda corria pela clareira, Hadrian desceu poço adentro.

TRUMP. TRUMP. TRUMP.

Apertando Pearl contra o peito, Royce chegou à beira do poço e saltou. A menina gritou enquanto eles despencavam juntos. No instante seguinte, ouviu-se um guincho espectral, e houve um tremor terrível enquanto na área acima do poço explodia uma luz intensa, acompanhada de um rugido que parecia um trovão.

Arista caminhava de um lado para o outro do pequeno quarto, constrangida pelo olhar de Bernice, que a seguia igualmente de um lado para o outro. A velha senhora sorria para a princesa, estava sempre sorrindo para ela, e Arista estava prestes a arrancar-lhe os olhos. A princesa estava habituada à sua torre, onde até Hilfred a deixava em paz, porém fazia mais de uma semana que ela era obrigada a se submeter à companhia constante da criada, como uma sombra sempre presente. Ela precisava sair daquele quarto, precisava escapar dali. Estava cansada de ter alguém olhando para ela, de ser vigiada como uma criança. Então, dirigiu-se à porta.

— Aonde a senhorita vai, Alteza? — logo perguntou Bernice.

— Vou sair — disse ela.

— Sair para onde?

— Só sair.

Bernice se levantou.

— Vou pegar os nossos mantos.

— Eu vou sair sozinha.

— Ah... Alteza, isso não — disse Bernice. — Isso não vai ser possível.

Arista a encarou. Bernice sorriu.

— Imagine a cena, Bernice: você fica sentada aí e eu saio. É possível sim.

— Mas eu não posso fazer isso. A senhorita é uma princesa, e este lugar é perigoso. A senhorita precisa ser acompanhada para sua própria segurança. E vamos precisar da escolta de Hilfred também. Hilfred! — chamou ela.

A porta se abriu, e o guarda-costas entrou, fazendo uma reverência diante de Arista.

— A senhorita precisa de algo, Alteza?

— Não... sim — disse Arista, e apontou para Bernice. — Ela deve ficar aqui. Sente-se em cima dela, amarre-a, detenha-a com a espada se necessário, mas eu vou sair... e não quero que ela me siga.

A expressão da velha era de choque. Ela levou as mãos às faces em sinal de surpresa.

— A senhorita vai sair, Alteza? — perguntou Hilfred.

— Sim, sim... eu vou sair! — exclamou ela, levantando os braços. — Talvez eu perambule pelos corredores desta choupana. Talvez eu vá assistir à competição. Ora! Talvez eu saia das dependências do castelo e entre pela floresta. Eu posso até me perder e morrer de fome, ou ser devorada por um urso, ou cair dentro do Nidwalden e ser tragada pelas cataratas... mas vou fazer isso sozinha.

Hilfred se perfilou. Seus olhos a fitavam. A boca do guarda-costas se abriu e voltou a se fechar.

— Você tem algo a dizer? — perguntou ela em tom áspero.

Hilfred engoliu em seco.

— Não, Alteza.

— Ao menos leve seu manto — insistiu Bernice, segurando-o para ela.

Arista suspirou, arrancou o manto das mãos da criada e retirou-se do quarto. Assim que saiu, arrependeu-se. Ainda descendo pelo corredor, com passadas firmes e arrastando o manto, ela se deteve. O olhar no rosto de Hilfred a deixara arrasada. Ela se lembrava que, quando criança, era apaixonada por ele. Hilfred era filho de um dos sargentos do castelo e costumava ficar do outro lado do pátio, olhando para ela. Arista o achava atraente. Então, numa manhã qualquer, ela acordou com um alarme de fogo e fumaça. Ele salvou sua vida. Hilfred não passava de um menino, mas entrou correndo no castelo em chamas para resgatá-la. Depois disso ele passou dois meses sofrendo em consequência de queimaduras e acessos de tosse que o faziam cuspir sangue. Durante semanas ele acordou gritando no meio da noite por causa de pesadelos. Como recompensa, o rei Amrath designou Hilfred para a prestigiosa função de guarda-costas pessoal da princesa. Mas ela nunca lhe agradecera e nunca o perdoara por não ter salvado a rainha, sua mãe. A indignação de Arista sempre se interpunha entre eles. Ela queria pedir desculpas, mas era tarde demais. Anos demais haviam se passado, e crueldades demais, seguidas por silêncios demais como aquele que acabara de pairar entre os dois.

— O que está havendo? — Arista ouviu a voz de Thrace e aproximou-se. — Qual é o problema, Thrace?

A princesa encontrou a filha do lavrador e o diácono no corredor principal. A jovem trajava uma camisola de tecido fino. Os dois pareciam preocupados.

— Alteza! — chamou a moça. — A senhorita sabe o que está acontecendo? Por que o sino estava tocando?

— A competição já vai começar, se é disso que você está falando. Eu estou indo para lá. Você melhorou? Quer vir comigo? — perguntou Arista, sem se dar conta. Logo percebeu a ironia da situação, mas estar acompanhada de Thrace não era o mesmo que ser escoltada por Bernice e Hilfred.

— Não, a senhorita não entendeu. Está havendo algum problema. Já escureceu. Ninguém tocaria o sino à noite.

— Eu não ouvi o sino — disse Arista, colocando o manto sobre os ombros.

— O sino da aldeia — respondeu Thrace. — Eu ouvi. Agora parou.

— Deve ser para assinalar o começo do combate.

— Não. — Thrace meneou a cabeça, e o diácono a imitou. — Aquele sino só é tocado em situações de emergência, emergências extremas. Existe algum problema sério.

— Tenho certeza de que não é nada. Você está se esquecendo de que lá fora há quase um exército, ávido por uma chance de lutar. Em todo caso, nada vamos descobrir se ficarmos parados aqui — disse Arista, pegando Thrace pela mão e conduzindo-os até o pátio.

Por se tratar da segunda noite, o evento ganhara em extravagância. Fora do castelo, na encosta relvada da colina, tinha sido improvisado um grande toldo, como num torneio de cavaleiros. A inclinação do morro sobre o qual o casarão fora construído oferecia uma visão perfeita da campina, ao longe. Toldos coloridos tinham sido armados acima de filas de cadeiras, e sobre mesinhas havia canecas de hidromel, cerveja e tigelas de frutas vermelhas e queijos. O arcebispo e o bispo Saldur estavam sentados lado a lado, perto do centro, enquanto vários outros clérigos e criados observavam a ação que se desenrolava na colina, além da muralha do castelo.

— Ah... minha cara Arista — chamou Saldur —, veio ver a história sendo feita, não é? Sente-se. Aquele lá na campina é o lorde Rufus. Pelo jeito, ele está cansado de esperar pela coroa, mas o monstro infame está atrasado esta noite, e acho que o atraso está deixando o lorde um tanto irritado. Veja como ele agita o cavalo! Parece mesmo a impaciência de um imperador.

— Quem vai lutar depois do Rufus? — perguntou Arista, mantendo-se de pé e olhando para a campina lá embaixo.

— Depois? — Saldur pareceu confuso. — Ah... não sei bem. Na verdade, acho que isso nem vem ao caso. Provavelmente Rufus vencerá a competição esta noite.

— E por quê? — perguntou Arista. — Quer dizer que, a rigor, não se trata de habilidade, não é? Trata-se de linhagem. Suspeita-se que o lorde Rufus descenda da família imperial?

— Bem, sim... de fato, faz alguns anos que ele vem afirmando isso.

— É mesmo? — questionou Arista. — Nunca tive a oportunidade de ouvi-lo se vangloriar de nada parecido.

— Bem, a Igreja não gosta de divulgar teorias não comprovadas, nem reivindicações aleatórias, mas Rufus é o favorito por aqui. Esta noite vai provar as palavras dele, com certeza.

— Com licença, Excelência — disse Tomas, fazendo uma mesura. Ele e Thrace estavam exatamente atrás de Arista, ambos ainda extremamente nervosos. —

Vossa Excelência sabe por que o sino da igreja foi tocado?

— Kein? Como é? O sino? Ah, aquilo. Não, não faço a menor idéia. Talvez se; a um jeito pitoresco de chamar os aldeões para a ceia.

— Mas, Excelência... — Tomas foi interrompido.

— Vejam! — gritou Saldur, apontando para o céu no momento em que Gilarabrywn surgiu e mergulhou em direção à luz das tochas.

— Ah! Agora vamos ter ação! — exclamou o arcebispo com entusiasmo, batendo palmas. — Prestem bem atenção ao que vão presenciar aqui esta noite, pois decerto muita gente vai se perguntar como tudo isso aconteceu.

O monstro desceu em direção à campina, e lorde Rufus trotou adiante em seu cavalo, cujos olhos ele tivera a perspicácia de tapar, para impedir que o animal visse o horror iminente. Com a espada em riste, ele gritou e esporeou a montaria.

— Em nome de Novron, eu, o Herdeiro legítimo, hei de exterminar-te!

Rufus ergueu-se nos estribos e atacou o monstro, que pareceu surpreso diante da ousadia e da autoconfiança do cavaleiro. Lorde Rufus atingiu o peito da criatura, mas o golpe resvalou, inutilmente. Ele repetiu o golpe, mais de uma vez, mas era como bater numa pedra com uma vareta. O cavaleiro reagiu com surpresa e perplexidade. Então o Gilarabrywn matou Rufus e o cavalo com um tapa casual desferido por uma de suas garras.

— Ah, deus meu! — gritou o arcebispo, levantando-se, assustado.

No instante seguinte, o susto se transformou em pavor, pois o monstro abriu as asas e, alçando vôo, envolveu a colina com uma torrente de fogo. Os que estavam no pátio recuaram, cambaleando, derramando bebidas e tombando cadeiras. Um dos pilares de sustentação do toldo cedeu, e um dos lados da cobertura despencou enquanto as pessoas corriam desorientadas.

Com a encosta da colina em chamas, o monstro voltou-se para o castelo e, ganhando mais altura, expeliu mais uma rajada, que fez explodir a muralha de madeira, transformando-a numa cortina de chamas. O fogo se propagou, de tora seca em tora seca, até que as labaredas circundaram totalmente a residência. Em pouco tempo, as construções perto da muralha, cujos tetos eram de colmo, pegaram fogo, e logo o muro que cercava o casarão também ardia. Ofuscados pela luminosidade do fogo, os sobreviventes não conseguiam ver aonde o Gilarabrywn tinha ido. Ignorando o paradeiro daquele pesadelo de asas, e sentindo a intensidade do calor que os cercava, criados, guardas e clérigos corriam apavorados de um lado para o outro.

— Vamos para o porão! — gritou Tomas, mas, em meio aos berros e ao barulho das labaredas devorando a madeira, poucos puderam ouvi-lo. Tomas pegou Thrace pelo braço e começou a puxá-la de volta ao casarão. Com a mão livre,

Thrace agarrou o braço de Arista, e Tomas puxou-as encosta acima.

Em estado de choque, Arista não ofereceu qualquer resistência enquanto era arrastada. Jamais vivenciara uma situação como aquela. Ela viu um homem em chamas correndo encosta abaixo, gritando e sacudindo os braços enquanto as labaredas subiam pelo seu corpo. No instante seguinte ele caiu, ainda em chamas. Havia outros, tochas vivas correndo sem rumo, irradiando um brilho fantasmagórico e tombando, um por um, sobre a relva. Por instinto, Arista buscou a proteção de Hilfred, mas, em algum ponto de sua mente paralisada, lembrou-se de ter dado ordens para que o guarda-costas ficasse de prontidão no quarto. Decerto ele estaria procurando por ela naquele momento.

O aperto de Thrace no braço de Arista era firme, e os três caminhavam como uma corrente humana. À esquerda ela viu um soldado tentando romper o muro. Seu corpo pegou fogo, e ele se juntou à multidão de tochas vivas, urrando, enquanto suas roupas e sua pele se carbonizavam. Não longe dali, num local onde o fogo atingira a mata, o tronco de uma árvore explodiu, produzindo um grande estampido. O estrondo fez o casarão tremer.

— Precisamos alcançar o porão! — insistiu Tomas. — Depressa! Nossa única esperança é chegar ao subsolo. Precisamos...

Arista sentiu seus cabelos voando numa súbita rajada de vento.

TRUMP. TRUMP. TRUMP.

O diácono Tomas começou a rezar em voz alta, pois, do meio do céu escuro e enfumaçado, o Gilarabrywn desceu sobre eles.

Capítulo 12

FUMAÇA E CINZAS



Ao sair de dentro do poço sob a luz cinzenta da manhã, Hadrian entrou num mundo alienígena. Dahlgren desaparecera. No lugar dos antigos casebres havia apenas madeira desprendendo fumaça e vestígios de cinzas. No entanto, o mais impressionante era a ausência das árvores. A floresta que abraçava a aldeia tinha desaparecido. Em seu lugar havia uma campina arrasada e chamuscada de preto. Aqui e ali viam-se troncos desganhados e desfolhados, como estacas altas e escuras que apontavam para o céu. Alimentada por pilhas de escombros ainda em brasa, a fumaça pairava no ar como uma neblina pesada e cinzenta, escondendo o céu por trás de uma nuvem escura da qual os resíduos se precipitavam silenciosamente, como uma neve suja encobrindo a terra.

Pearl saiu do poço. Previsivelmente, ela se manteve calada enquanto andava pelo mundo esturricado, curvando-se para pegar um pedaço de madeira queimada, e olhava para o céu, como se estivesse surpresa ao constatar que ele ainda estava lá, mesmo depois de o mundo ter sido virado de cabeça para baixo.

— Como foi que isso aconteceu? — perguntou Russell Bothwick sem se dirigir a ninguém em particular, mas ninguém respondeu.

— Thrace! — gritou Theron ao sair do poço e ver as ruínas enfumaçadas no topo do morro. Imediatamente, todos correram encosta acima.

Assim como o vilarejo, o castelo era uma carcaça queimada. As paredes haviam desaparecido, da mesma forma que as construções menores que o cercavam. O casarão era uma pilha incinerada. Por toda parte havia corpos enegrecidos pela ação do fogo, dilacerados, retorcidos e ainda expelindo fumaça.

— Thrace! — gritou Theron em desespero, cavando avidamente a pilha dos escombros que restaram do casarão. Todos os homens da aldeia, além de Hadrian, Royce e até Magnus, começaram a escavar o entulho, mais por solidariedade que por esperança.

Magnus os conduziu ao canto sudeste das ruínas, murmurando algo a respeito da

voz áspera vinda da terra. Eles removeram paredes e uma escada que desabara, e então ouviram um leve ruído embaixo. Cavaram o local e descobriram os restos da velha cozinha e o porão. Como se saísse de dentro do túmulo, dali foi içado o diácono Tomas, que parecia um tanto devastado, embora estivesse ileso. Imitando o gesto que os aldeões haviam feito, Tomas passou as mãos pelos olhos, semicerrados diante da luz matinal, e se espantou com a devastação que o cercava.

— Diácono! — exclamou Theron, sacudindo o clérigo. — Onde está Thrace?

Tomas olhou para o camponês, e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Não consegui salvá-la, Theron — disse ele, com a voz embargada. — Eu tentei... tentei o máximo que pude. Você tem de acreditar em mim... você precisa acreditar em mim.

— O que aconteceu, seu velho idiota?

— Eu tentei. Eu tentei. Eu a estava trazendo aqui para o porão, mas a criatura nos pegou. Eu rezei. Rezei tanto e juro que o monstro escutou a minha prece! Então o ouvi dar uma risada. Ele riu! — Os olhos de Tomas se encheram de lágrimas. — Mas me ignorou e levou as duas.

— As duas? — perguntou Theron, desesperado. — Do que você está falando?

— O monstro falou comigo — disse Tomas. — Falou com a voz da morte, a voz da dor. As minhas pernas falharam e eu caí diante dele.

— O que ele disse? — perguntou Royce.

O diácono se deteve para enxugar as lágrimas, e sulcos de fuligem se formaram em suas faces.

— Foram palavras desconexas... talvez o medo tenha me feito delirar.

— O que você *acha* que ele disse? — insistiu Royce.

— Ele falou na antiga língua da Igreja. Acho que algo sobre uma arma, uma espada, algo sobre um resgate... a arma pela devolução das mulheres. Disse que vai voltar amanhã à noite para buscar a espada. Depois, saiu voando com Thrace e a princesa. Mas isso não faz o menor sentido... eu ainda devo estar delirando.

— A princesa? — perguntou Hadrian.

— Sim, a princesa Arista, de Melengar. Ela estava conosco. Eu tentei salvar as duas... eu tentei... mas... e agora... — Tomas irrompeu em pranto.

Royce trocou olhares com Hadrian, e rapidamente os dois se afastaram dos demais a fim de conversar. Theron os seguiu de perto.

— Vocês dois estão sabendo de alguma coisa — disse ele em tom acusatório. — Você entrou lá, não entrou? Pegou a tal espada. Royce conseguiu pegar a espada.

E o monstro a quer de volta.

Royce assentiu.

— Você tem de devolvê-la — disse o lavrador.

— Não acho que a devolução da espada seja a salvação da sua filha — disse Royce. — Essa coisa, o Gilarabrywn, é bem mais astuta do que imaginávamos. Ele vai...

— Thrace contratou vocês para me trazerem aquela espada — rosnou Theron. — Trata-se de um serviço. Lembram-se? O combinado era que vocês roubassem a espada e a entregassem a mim; portanto, entreguem-me a espada.

— Theron, escute...

— Entreguem-me a espada agora! — gritou o velho camponês, inclinando-se sobre o ladrão em atitude de ameaça.

Royce suspirou e pegou a lâmina partida. Theron pegou-a, com um olhar confuso, e virou-a nas mãos.

— Onde está o resto?

— Isso foi tudo o que achei.

— Então vai ser isso mesmo — disse o velho com firmeza.

— Theron, acho que você não deve confiar nessa criatura. Eu acho que, mesmo que você devolva isso aí, o monstro vai matar sua filha, a princesa e você.

— É um risco que estou disposto a correr! — gritou ele. — Vocês dois já não precisam ficar aqui. Vocês pegaram a espada... o trabalho está concluído. Podem ir embora. Vão, saiam daqui!

— Theron — disse Hadrian —, não somos seus inimigos. Você acha que queremos ver Thrace morta?

Theron começou a falar, mas calou-se, engoliu em seco e respirou fundo.

— Não. — Ele suspirou. — Vocês têm razão. Eu sei disso... a questão é que... — Ele olhou nos olhos de Hadrian com uma expressão de imenso pesar. — Ela é tudo o que me resta, e não posso aceitar a morte dela. Eu troco de lugar com ela se o maldito monstro deixá-la viver.

— Eu sei disso, Theron — disse Hadrian.

— Eu só acho que ele não vai honrar o trato — disse Royce.

— Encontramos mais um! — gritou Dillon McDern, retirando o afetado erudito Tobis Rentinual de dentro dos escombros da casa de defumação. O cortesão franzino, coberto de terra da cabeça aos pés, tombou na relva, tossindo e cuspidando.

— O solo do porão era fofo... — consegui dizer Tobis, e então voltou a tossir e cuspir. — Nós... cavamos com as nossas... com as nossas mãos.

— Quantos vocês eram? — perguntou Dillon.

— Cinco — respondeu Tobis. — Um lenhador, um guarda do castelo... eu acho... Sir Erlic e outros dois. O guarda... — Tobis teve um acesso de tosse que durou um minuto, e então se sentou, inclinou-se para a frente e cuspiu na relva.

— Arvid, vá pegar água no poço! — disse Dillon ao filho.

— O guarda estava cheio de queimaduras graves — prosseguiu Tobis. — Dois rapazes o arrastaram até a casa de defumação e disseram que ali havia um porão. Tudo à nossa volta estava em chamas, exceto a casa de defumação. Daí o lenhador, Sir Erlic e eu corremos para lá também. O solo do porão estava meio fofo, e começamos a cavar. Então alguma coisa atingiu a estrutura da casa e ela desabou em cima de nós. Uma viga bateu na minha perna. Acho que está quebrada.

Os aldeões escavaram a estrutura tombada. Removeram uma parede e cavaram os escombros, retirando camadas de entulho. Chegando ao fundo, encontraram os demais soterrados, mas ainda com vida.

Os sobreviventes foram retirados. Sir Erlic e o lenhador pareciam agonizar enquanto tossiam e cuspiam. O guarda com queimaduras era o que estava em pior estado, inconsciente, mas ainda respirando. Os últimos dois resgatados das ruínas da casa de defumação foram Mauvin e Fanen Pickering, que, assim como Tobis, ficaram algum tempo sem conseguir falar. A despeito de vários cortes e hematomas, os dois irmãos estavam bem.

— Hilfred está vivo? — perguntou Fanen depois de respirar um pouco de ar puro e beber um copo de água.

— Quem é Hilfred? — perguntou Lena Bothwick, segurando o copo de água trazido por Verna. Fanen apontou para o guarda com o corpo queimado estirado no chão diante dele e Lena fez que sim com a cabeça. — Está inconsciente, mas está vivo.

Equipes de resgate se espalharam para vasculhar toda a área e encontraram muitos outros corpos, a maioria de competidores. Descobriram também os restos mortais do arcebispo Galien. Aparentemente, o velho não morrera em consequência do fogo, mas pisoteado. O corpo de Carlton, mordomo do arcebispo, foi localizado no interior do casarão; pelo jeito, o criado não fez questão de tombar ao lado do patrão. O cadáver de Bernice, dama de companhia de Arista, também foi localizado dentro do casarão, esmagado no desmoronamento do edifício. Não havia outros sobreviventes.

Os aldeões improvisaram maças para transportar Tobis e Hilfred das ruínas

enfumaçadas para o poço, onde as mulheres cuidaram de seus ferimentos. A velha clareira se transformara num terreno esturricado. O grande sino caíra do suporte e jazia, tombado, em meio às cinzas.

— O que aconteceu? — perguntou Hadrian, sentando-se ao lado de Mauvin. Os dois irmãos estavam encolhidos um contra o outro no local onde Pearl costumava vigiar os porcos. Ambos estavam agachados com as costas encurvadas, tinham copos de água nas mãos e manchas de fuligem no rosto.

— Estávamos do lado de fora do castelo quando ocorreu o ataque — disse Mauvin, com um tom de voz baixo, pouco mais alto que um sussurro, e apontou com o polegar o irmão. — Eu disse a ele que deveríamos entrar, mas Fanen, sempre um gênio, resolveu que tentaria matar o monstro. Queria conquistar a glória.

Fanen curvou a cabeça.

— Ele tentou fugir, pensou que me enganaria. Mas o surpreendi logo além dos portões, encosta abaixo. Falei que aquilo seria suicídio; ele insistiu; nós brigamos. A briga acabou quando vimos o morro em chamas. Corremos de volta para o castelo. Antes de chegarmos aos portões, duas carruagens e uma tropa de cavalos passaram por nós a galope. Vi o rosto de Saldur espiando de uma das janelas. Eles nem sequer diminuíram a velocidade. Saímos à procura de Arista e encontramos Hilfred estirado no chão, em frente ao casarão, que estava pegando fogo. Os cabelos dele tinham desaparecido e a pele se despregava em camadas, mas ainda estava respirando. Então nós o arrastamos até a casa de defumação, que era o único local não incendiado. O piso estava fofo, como se tivesse sido recém-escavado, e então começamos a cavar com as próprias mãos, como toupeiras. Tobis, Sir Erlic e Danthen nos seguiram. Tínhamos cavado menos de um metro quando tudo desabou em cima da gente.

— Vocês encontraram Arista? — perguntou Fanen. — Ela...

— Não sabemos — respondeu Hadrian. — O diácono disse que o monstro levou Arista e a filha de Theron. É possível que ainda esteja viva.

As mulheres da aldeia cuidaram dos ferimentos dos sobreviventes encontrados no castelo enquanto os homens começaram a empilhar ao lado do poço as ferramentas e os suprimentos encontrados. Estavam todos abatidos e sujos, como um bando de náufragos numa ilha deserta. Poucos se atreviam a falar, e quando o faziam era por meio de murmúrios. De vez em quando, um aldeão começava a chorar baixinho, chutando uma tora de madeira queimada, ou se afastava do grupo e caía de joelhos, trêmulo.

Quando finalmente os curativos foram concluídos e os suprimentos empilhados, Tomas, que conseguira lavar o rosto e as mãos, adiantou-se e proferiu algumas palavras acerca dos mortos, e todos fizeram um momento de silêncio. Então

Vince Griffin se levantou e fez um pronunciamento.

— Fui o primeiro a chegar aqui — disse ele com uma voz triste. — Minha casa ficava bem ali... era a mais próxima deste poço. Eu me lembro de quando muitos de vocês eram considerados recém-chegados ou até forasteiros. Eu tinha grandes esperanças para este lugar. Eu doava oito alqueires de cevada, todos os anos, para a igreja da aldeia, embora ela, até hoje, só nos tenha dado esse sino aí. Permaneci aqui durante aquela geada terrível, cinco anos atrás, e não fui embora quando começou a desaparecer gente.

Assim como a maioria de vocês, eu achei que pudesse resistir àquelas situações. Em toda parte as pessoas morrem tragicamente, seja de varíola, de peste, de fome, de frio ou na ponta da espada. É verdade que Dahlgren parecia ter sido amaldiçoada, e talvez tenha sido mesmo, mas ainda era o melhor lugar entre todos em que eu tinha vivido. Talvez eu jamais viva num lugar melhor, principalmente por causa de vocês e porque os nobres raramente nos incomodavam, mas agora tudo se foi. Não há mais nada, nem mesmo as árvores que já estavam aqui antes de nós chegarmos, e não quero passar mais uma noite dentro do poço. — Ele enxugou os olhos. — Vou embora de Dahlgren. Suponho que muitos vão partir também, e só quero dizer que, quando chegaram aqui, vocês eram estranhos para mim, mas, agora que estou indo embora, tenho a sensação de estar me despedindo da minha família, uma família que, unida, enfrentou muita coisa. Eu... eu só queria que vocês soubessem disso.

Todos assentiram e trocaram murmúrios entre si. A decisão geral era de que Dahlgren estava extinta, e todos partiriam. Falou-se em preservar a união do grupo, mas isso não passava de conversa. Viajariam juntos, de fato, inclusive Sir Erlic e o lenhador Danthen, rumo ao sul, até Alburn, mas a partir dali alguns seguiriam para o oeste, na esperança de encontrar parentes, enquanto outros prosseguiriam em direção ao sul, na esperança de um recomeço.

— Que grande ajuda a Igreja nos deu... — disse Dillon McDern, dirigindo-se a Hadrian. — Os representantes dela estiveram aqui só duas noites, e veio só...

Dillon e Russell Bothwick caminharam até o local onde Theron se recostava a um toco de árvore queimado.

— Você vai ficar para procurar Thrace, não vai? — perguntou Dillon.

Theron fez que sim. O homenzarrão não se dera o trabalho de se lavar e estava coberto de terra e fuligem. Tinha no colo a espada quebrada, os olhos cravados nela.

— Você acha que a criatura vai voltar hoje à noite, não é? — perguntou Russell.

— Acho que sim. Ela quer isto aqui. Talvez, se eu devolver esta espada, ela me devolva Thrace.

Os dois homens assentiram.

— Quer que a gente fique por aqui para lhe dar uma mãozinha? — perguntou Russell.

— Uma mãozinha com o quê? — indagou o velho camponês. — Vocês nada podem fazer... nenhum dos dois. Vão embora... vocês têm as próprias famílias para cuidar. Vão embora enquanto ainda há tempo. Já morreu gente demais por aqui.

Mais uma vez os dois homens assentiram.

— Boa sorte, Theron — disse Dillon.

— A gente vai esperar um pouco, lá em Alburn, para ver se você aparece - disse Russell. — Boa sorte.

Russell e Tad improvisaram uma espécie de trenó, utilizando galhos queimados, e nele colocaram seus pertences. Lena fez uma pomada de ervas, aplicando-a às queimaduras de Hilfred, e deixou-a junto a uma pilha de bandagens, aos cuidados de Tomas, que decidiu permanecer com o guarda. Então, levando consigo poucos pertences, a maioria dos residentes do vilarejo partiu no início da tarde em direção ao oeste. Ninguém queria estar perto de Dahlgren depois do pôr do sol.

— O que ainda estamos fazendo aqui? — perguntou Royce a Hadrian, que estava sentado a seu lado em cima de um cepo de árvore queimado. Estavam na velha trilha de acesso ao poço, perto do local onde antes ficavam as duas pequenas lápides de madeira que demarcavam os túmulos dos Caswell. Como tudo o mais, as lápides haviam desaparecido, e nada restava que assinalasse aquelas duas mortes. De onde estavam, Hadrian e Royce viam o diácono Tomas sentado diante de Hilfred, que ainda estava inconsciente.

— Este serviço já nos custou dois cavalos e os mantimentos de mais de uma semana... e em troca de quê? — indagou Royce, com um suspiro, enquanto arrancava e atirava longe um fragmento da casca do cepo esturricado. — Devíamos ir embora com eles. A menina já deve estar morta. Por que a criatura haveria de poupá-la? O Gilarabrywn tem todos os trunfos. Pode nos matar quando quiser, e não podemos atingi-lo. Ele tem reféns, e tudo o que temos é a metade de uma espada da qual, a rigor, ele não precisa, mas não quer abrir mão. Se tivéssemos as duas partes da espada, Magnus poderia soldá-las e ao menos teríamos mais poder de barganha. Poderíamos até encomendar mais espadas ao anão, e talvez até lanças com a mesma inscrição. Nesse caso, teríamos uma chance de enfrentar o filho da mãe, mas neste momento não temos nada. Para ele, não representamos a menor ameaça. Theron acha que vai poder barganhar, mas ele não tem com o *que* barganhar. O Gilarabrywn fez o que fez apenas para se poupar do tédio que seria a caça à espada.

— Não temos como saber se a coisa é bem assim.

— Claro que temos. O monstro não vai poupar as duas. É provável que já as tenha almoçado; e, quando a noite chegar, o velho Theron vai estar aqui, como um tolo, tendo em mãos exatamente o que o monstro quer. Ele vai morrer e ponto final. Por outro lado, sua idiotice vai nos ajudar, pois ganharemos tempo para sair daqui. Considerando que a família dele se foi e que a filha provavelmente já está morta, é até melhor que ele morra também.

— Ele não vai ficar aqui sozinho — disse Hadrian.

Royce virou-se para Hadrian com uma expressão de repúdio.

— Diga que você está brincando...

Hadrian sacudiu a cabeça.

— Por quê?

— Porque você tem razão, porque tudo o que você acaba de dizer vai acontecer se formos embora.

— E você acha que, se a gente ficar, vai ser diferente?

— A gente nunca desistiu de um trabalho, Royce.

— Do que você está falando? De que trabalho?

— Ela nos pagou para pegar a espada para ela.

— Eu peguei a espada. O pai de Thrace está com ela neste instante.

— Apenas um pedaço da espada, e o serviço só estará concluído quando ele tiver os dois pedaços. Foi para isso que fomos contratados.

— Hadrian. — Royce passou uma das mãos sobre o rosto e balançou a cabeça.

— Pelo amor de Maribor, ela só nos pagou *dez moedas de prata!*

— Você aceitou.

— Odeio quando você fica desse jeito. — Royce levantou-se repentinamente, arrancando um fragmento tostado da casca do cepo. — Droga!

— disse ele, atirando-o sobre uma pilha de madeira queimada que jazia no local onde antes ficava a casa dos Bothwick. — Você vai é arrumar um jeito de nos matar... Sabe disso, não é?

— Você não precisa ficar. Essa decisão é minha.

— E o que você pretende fazer? Lutar com o monstro? Vai ficar aí no escuro brandindo espadas que não vão atingi-lo?

— Eu não sei...

— Você enlouqueceu — disse Royce. — Os boatos têm fundamentos: Hadrian Blackwater está completamente pirado!

Hadrian se levantou para encarar o amigo.

— Não vou abandonar Theron, Thrace e Arista. E Hilfred? Você acha que ele está em condições de se deslocar? Se tentar arrastá-lo pela mata, ele estará morto antes do cair da noite. E se enfiá-lo dentro do poço, ele ainda estará vivo amanhã de manhã? E Tobis? Até onde você acha que ele consegue chegar com aquela perna quebrada? Ou você pouco se importa com eles? Será que ficou tão insensível que é capaz de ir embora e deixá-los morrer?

— Eles vão morrer de qualquer jeito — retrucou Royce. — Essa é a questão. Não podemos evitar que o monstro acabe com eles. Tudo o que podemos fazer é decidir se queremos morrer ao lado deles ou não; e não vejo nenhuma vantagem em um suicídio por solidariedade.

— Tem que haver alguma coisa que possamos fazer — afirmou Hadrian. — Nós conseguimos roubar o tesouro da Torre da Coroa e devolvê-lo na noite seguinte; conseguimos entrar na inexpugnável Drumindor; conseguimos colocar a cabeça de um homem no colo do conde de Chadwick enquanto ele dormia na torre; e tiramos Esrahaddon de dentro de Gutaria, a prisão mais segura que existe. Ou seja: tem que haver *alguma coisa* que possamos fazer!

— Por exemplo?

— Bem... — Hadrian pensou. — A gente pode cavar um buraco, atrair o monstro e prendê-lo lá dentro.

— Teremos mais chances se pedirmos a Tomas que reze para Maribor destruir o Gilarabrywn. Não temos nem tempo nem mão de obra para cavar um buraco.

— Você tem alguma idéia melhor?

— Tenho certeza de que posso pensar em algo melhor do que atrair o monstro para um buraco que não temos como cavar.

— Por exemplo?

Royce começou a andar entre os troncos queimados, irritado, chutando tudo o que via pela frente.

— Sei lá... você é que acha que podemos fazer alguma coisa. Mas disso eu sei: não tem nada que a gente possa fazer sem a outra metade da espada. Então a primeira coisa que eu faria seria roubar a outra metade enquanto o monstro estivesse fora da torre... esta noite.

— Se você fizesse isso, aí sim, ele mataria Thrace e Arista com toda a certeza — assinalou Hadrian.

— Mas aí você poderia matá-lo. Ao menos terminaria com vingança.

Hadrian balançou a cabeça.

— Não, não é bom o suficiente.

Royce deu um sorrisinho irritado.

— Posso roubar a espada enquanto você e Theron distraem o monstro com a espada que Rufus estava usando — disse Royce, permitindo-se um risinho mórbido. — Ao menos existe uma chance em um milhão de que isso possa funcionar.

Hadrian franziu o cenho enquanto refletia e sentou-se lentamente.

— Ah... eu estava só brincando — disse Royce, retrocedendo. — Se ontem à noite ele deu pela falta da espada, vai saber discernir entre a verdadeira e uma cópia.

— Mas mesmo que o plano não funcione — disse Hadrian —, a gente vai ter tempo para resgatar as duas. Depois, posso levá-las para algum buraco... um buraco pequeno... que teríamos tempo de cavar.

— E vamos torcer para que o monstro não nos arranque de lá de dentro? Eu já vi as garras dele; não vai ser difícil.

Hadrian ignorou o comentário de Royce e prosseguiu em suas reflexões.

— Aí você pega a outra metade da espada e leva para Magnus, que pode soldar as duas partes; então, com a espada inteira, você mata o monstro. Está vendo, foi bom não ter matado o anão.

— Você percebe como esse seu plano é idiota, não percebe? Ontem à noite aquela coisa dizimou esta aldeia inteira, e você vai enfrentá-la com um velho camponês, duas mulheres e uma espada quebrada?

Hadrian nada respondeu. Royce suspirou e sentou-se ao lado do amigo, sacudindo a cabeça. Enfiou a mão dentro da capa, retirou o punhal e o entregou, devidamente embainhado.

— Aqui está — disse ele. — Pode levar o Alverstone.

— Por quê? — Hadrian quis saber, olhando para ele com ar de perplexidade.

— Bem... não estou dizendo que Magnus esteja certo, mas... bem... nunca me deparei com *nada* que este punhal não conseguisse cortar. Se Magnus estiver certo, se foi realmente o pai dos deuses quem forjou este punhal, acho que ele pode ser útil, mesmo contra um monstro invencível.

— Quer dizer que você vai embora?

— Não. — Royce fez uma careta e olhou em direção à torre de Avempartha. — Pelo jeito, tenho que terminar um serviço.

Hadrian sorriu para o amigo, pegou o punhal e sentiu o peso da arma na mão.

— Então amanhã eu devolvo o punhal.

— Certo — respondeu Royce.

— O seu parceiro foi embora? — perguntou Theron no momento em que Hadrian se aproximou, subindo pela encosta do morro chamuscado onde antes ficava o castelo. O velho lavrador se posicionara no aclave queimado, empunhando a espada partida e olhando para o céu.

— Não... bem, mais ou menos. Ele voltou a Avempartha para roubar a outra metade da espada, no caso de o Gilarabrywn tentar nos enganar. É possível que o monstro deixe Thrace e Arista na torre enquanto vier até aqui. Se ele fizer isso, Royce pode tirá-las lá de dentro.

Theron assentiu com um ar reflexivo.

— Vocês dois têm sido muito bons para minha filha e para mim. Ainda não sei por quê, e não me diga que é por dinheiro. — Theron suspirou. — Sabe de uma coisa? Nunca dei muito crédito a ela. Eu a ignorei, evitei a companhia dela durante tantos anos. Ela era apenas uma filha, não um *filho*... era mais uma boca para alimentar, mais despesa na hora de casar. Como foi que ela conseguiu encontrar vocês dois, e ainda trazê-los até este fim de mundo para nos ajudar? Bem, acho que nunca vou entender.

— Hadrian! — chamou Fanen. — Desça aqui um instante e veja o que conseguimos.

Hadrian seguiu Fanen morro abaixo, até o limite norte do ponto alcançado pelo incêndio, onde encontrou Tobis, Mauvin e Magnus, que trabalhavam numa geringonça imensa.

— Veja a minha catapulta — declarou Tobis, ao lado de uma carroça sobre a qual se via uma máquina de madeira. Tobis estava cômico, com seu traje cortês em cores berrantes, apoiado numa muleta improvisada por Magnus, a perna quebrada amarrada entre dois pedaços de madeira. — Ela foi arrastada até aqui quando me chutaram do começo da fila. É linda, não é? Dei a ela o nome de Perséfone, em homenagem à esposa de Novron. Achei que o nome caía bem, pois tive de pesquisar a antiga história do império para criá-la. E não foi fácil. Precisei aprender línguas antigas só para ler os livros.

— Você construiu isto aqui?

— Não, claro que não, seu bobo. Sou professor na Universidade de Sheridan... que fica em Ghent. Você sabe... é o mesmo lugar da sede da Igreja de Nyphron. Pois bem, sendo brilhante, subornei alguns representantes da Igreja, que me revelaram o verdadeiro objetivo da competição. Não seria um confronto imbecil, entre brutamontes de cabeça oca, mas um desafio para derrotar uma criatura lendária. Era o tipo de problema que eu poderia resolver, um problema cuja solução não implicava músculos e dentes bons, mas sim um intelecto

espantoso como o meu.

Hadrian caminhou em volta da máquina. Uma imponente viga central se elevava por cerca de 4 metros, e a tábua de lançamento era meio metro mais longa. Na ponta de uma viga mais baixa via-se um grande cesto, preso por cordas tensionadas. De cada lado da carroça manivelas acionavam uma série de engrenagens.

— Bem, devo dizer que esta catapulta é diferente de todas as que já vi.

— É por que a adaptei para combater o Gilarabrywn.

— Bem, ao menos ele tentou — acrescentou Magnus. — A coisa não teria funcionado do jeito que ele tinha construído, mas agora vai.

— Na verdade, a gente já disparou algumas pedras — informou Mauvin.

— Eu tenho experiência com armas usadas em cercos — disse Hadrian. — E sei que elas podem ser úteis quando se luta com algo numeroso, como um campo cheio de soldados, ou algo que não se move, como um muro, mas são inúteis contra um inimigo solitário e que não para de se mover. Elas não são ágeis nem precisas.

— Sim... bem, por isso criei esta catapulta, que não dispara apenas projéteis, mas redes também — disse Tobis com orgulho. — Eu sou bastante esperto, você sabe. As redes são lançadas como grandes bolas, que se abrem no ar e prendem o monstro em pleno voo, derrubando-o no solo, onde ele vai ficar indefeso enquanto recarrego a catapulta para eliminá-lo sem pressa.

— E isso vai funcionar? — perguntou Hadrian, impressionado.

— Teoricamente sim — respondeu Tobis.

Hadrian encolheu os ombros.

— Por que não? Não custa tentar.

— A gente só precisa acertar o posicionamento — disse Mauvin. — Você nos ajuda a empurrar?

Todos começaram a empurrar a catapulta com as costas, exceto, evidentemente, Tobis, que seguia mancando ao lado, ditando ordens. Levaram a geringonça até a vala que cercava o antemuro e posicionaram-na de modo a garantir que os disparos alcançassem qualquer ponto em torno do velho casarão.

— Seria bom encontrar algo para camuflar a catapulta... escombros ou madeira queimada, talvez, para dar a impressão de que se trata de um monte de lixo — disse Hadrian. — E isso não vai ser difícil. Magnus, será que você pode me fazer um favor?

— Que tipo de favor? — perguntou ele enquanto era conduzido por Hadrian morro acima, em direção às ruínas do casarão. A relva havia desaparecido, e a

superfície de cinzas e raízes sobre a qual andavam fez Hadrian pensar em neve parcialmente derretida.

— Sabe aquela espada que você fez para o lorde Rufus? Eu a encontrei na encosta do morro, ao lado dele e do cavalo que ele montava. Eu quero que você a conserte.

— Consertar aquela espada? — O anão parecia ofendido. — Não é minha culpa se a espada não funcionou; eu fiz uma réplica perfeita. As inscrições eram idênticas aos registros.

— Tudo bem, tenho a espada original, ou parte dela. Eu quero que você faça uma cópia idêntica à que temos. Você consegue?

— Claro que consigo, e vou fazer, desde que você convença Royce a me deixar ver o Alverstone.

— Você está maluco? Ele quervocê morto. Eu já salvei seu pescoço uma vez. Isso não conta?

O anão se manteve irredutível, com os braços cruzados por cima da barba trançada.

— Este é o meu preço.

— Eu falo com ele, mas não posso garantir.

O anão contraiu os lábios, o que deixou a barba e o bigode eriçados.

— Muito bem. Onde estão as espadas?

Theron concordou com o plano, desde que o fragmento lhe fosse devolvido. Ele levou a lâmina partida à ferraria do casarão, da qual restavam apenas o forno de tijolos e a bigorna.

— Hunf! — exclamou o anão, irritado.

— O que foi? — perguntou Hadrian.

— Foi por isso que ela não funcionou... há marcas nos dois lados. Tem outra inscrição totalmente diferente. E aposto que este é o encantamento. — O anão mostrou a lâmina a Hadrian, sobre a qual um incompreensível emaranhado de linhas finas formava um desenho alongado. Em seguida ele virou a lâmina, mostrando um desenho bem menor do outro lado. — Deve ser aqui, imagino, que está o nome ao qual Eshahaddon se referiu. Faz sentido que as inscrições sejam repetidas, e que só o nome seja único.

— Isso quer dizer que você pode fazer uma espada que funcione?

— Não, ela está quebrada bem no meio do nome, mas pelo menos posso fazer uma ótima cópia disto aqui.

O anão tirou o cinto que continha suas ferramentas, que estivera escondido dentro

da roupa, e colocou-o sobre a bigorna. No cinto havia vários martelos, de tamanhos e formatos diversos, bem como cinzéis, cada ferramenta pendurada em sua própria alça. Então ele desenrolou um avental de couro e o amarrou à cintura. Em seguida, pegou a espada de Rufus e atou-a à bigorna.

— Você sempre carrega as suas ferramentas? — perguntou Hadrian.

— Não vai me ver esquecer essas ferramentas na sela de um cavalo — respondeu Magnus.

Hadrian e Theron começaram a cavar um buraco na lateral do pátio, no local da velha casa de defumação, valendo-se do solo fofo e revirado para facilitar o trabalho. Sem pás, eles tiveram de utilizar as pranchas de madeira queimada, cuja fuligem deixou suas mãos pretas. Em cerca de duas horas, já haviam cavado um buraco grande o bastante para os dois se enfiarem. A vala não tinha profundidade suficiente para impedir que fossem arrancados dali, mas talvez pudesse protegê-los de uma rajada de fogo desde que não fosse disparada verticalmente. Se a rajada viesse de cima para baixo, os dois seriam assados como se estivessem dentro de uma fôrma de barro.

— Não vai demorar muito — disse Hadrian a Theron no momento em que os dois se cobriram de terra e cinza, contemplando a luz que já desaparecia.

Magnus utilizava o menor de seus martelos, e as batidas produziam um sonoro *tinc-tinc*. Ele resmungou algo, retirou de uma bolsinha presa ao cinto um pedaço de pano e começou a esfregar a superfície do metal.

Hadrian olhou em direção às árvores, tateando o Alverstone dentro da túnica. Ele se perguntava se Royce teria conseguido chegar à torre. *Estaria lá dentro? Teria encontrado Esrahaddon? Poderia o velho mago fazer alguma coisa para ajudá-los?* Pensou na princesa e em Thrace. *O que o monstro teria feito com elas?* Mordeu o lábio. Provavelmente Royce tinha razão. *Por que ele as manteria vivas?*

Um som de cascos de cavalos se aproximou pelo sul. Theron e Hadrian trocaram olhares surpresos e se levantaram, vendo uma tropa de oito cavaleiros de armaduras negras e portando a bandeira com a insígnia da coroa quebrada surgir dentre as árvores, cruzando o campo arrasado. A frente do grupo seguia Luis Guy, com sua batina encarnada.

— Veja só quem está de volta — disse Hadrian e olhou para Magnus. — Já acabou?

— Estou polindo — respondeu o anão. E só então percebeu a presença dos cavaleiros. — Coisa boa não pode ser — resmungou ele.

Os cavaleiros trotaram até as ruínas do pátio e se detiveram ao avistá-los. Guy contemplou os escombros, que ainda expeliam fumaça, e então desmontou e

dirigiu-se ao anão, detendo-se para pegar um fragmento de madeira queimada, que girou duas vezes nas mãos antes de atirá-lo longe.

— Pelo jeito, ontem à noite o lorde Rufus não se saiu tão bem quanto esperávamos. Você esqueceu de pôr os pingos nos is, Magnus?

Magnus deu um passo para trás, amedrontado. Theron se apressou em esconder sob a camisa a espada partida.

Guy percebeu o gesto, mas ignorou o camponês e encarou o anão.

— Vai se explicar, Magnus, ou devo simplesmente mandar executá-lo pelo trabalho malfeito?

— Não foi minha culpa. Havia marcações do outro lado da lâmina que não apareciam nas ilustrações. Eu fiz o que pediram; a culpa foi da sua pesquisa.

— E o que você está fazendo agora?

— Copiando a espada para podermos usá-la como objeto de troca com o Gilarabrywn — explicou Hadrian.

— De troca?

— Sim, a criatura levou a princesa Arista e uma jovem da aldeia. E disse que, se devolvermos a espada que tiramos da torre, vai libertar as moças.

— Ele DISSE?

— Sim — confirmou Hadrian. — Ele falou com o diácono Tomas ontem à noite, pouco antes de levar as jovens.

Guy deu uma risada fria.

— Quer dizer que agora o monstro fala, é isso? E também rapta mulheres? Impressionante. Suponho que também saiba cavalgar e imagino que vá representar Dunmore no próximo torneio das Festas do Inverno, em Aquesta.

— Pode perguntar ao diácono se não acredita em mim.

— Ah, eu acredito em você — disse ele, aproximando-se de Hadrian para encará-lo. — Ao menos quanto ao furto da espada de dentro da torre. Foi a isso que se referiu, não foi? Quer dizer que alguém conseguiu entrar em Avempartha e pegou a espada legítima? Bela jogada, sobretudo porque sei que só quem tem sangue de elfo pode entrar na torre. Para mim, você não tem cara de elfo, Hadrian. E conheço muito bem a linhagem dos Pickering. E sei também que Magnus não conseguiria entrar lá. Resta apenas o seu comparsa, Royce Melborn. Ele é baixinho, não é? Esbelto... ágil? Qualidades que muito convém a um ladrão. Enxerga bem no escuro, escuta melhor que qualquer ser humano, tem um equilíbrio fora do comum e caminha com tamanha leveza que mal produz ruído. Sabe... é até injusto com os pobres ladrões que andam por aí, contando apenas com suas habilidades normais, humanas.

Guy olhou ao redor atentamente.

— Onde está o seu parceiro? — perguntou ele, mas Hadrian se manteve calado.
— Este é um dos maiores problemas que temos: alguns desses elfos mestiços conseguem se passar por humanos. Às vezes, é muito difícil identificá-los. Eles não têm orelhas pontudas, nem olhos amendoados, porque se parecem com o genitor humano, mas os genes elfos sempre se fazem presentes. Por isso são tão perigosos. Parecem normais, mas no fundo são desumanamente perversos. É provável que você nem enxergue isso, não é? Você é como aqueles idiotas que tentam domesticar um filhote de urso, ou um lobo, achando que vão se afeiçoar a você. Deve até achar possível banir o monstro que existe dentro dele. Mas não é, saiba disso. O monstro sempre está lá, esperando pela chance de pular em cima de você.

A sentinela olhou para a bigorna.

— E suponho que um de vocês pretenda usar a espada para matar o monstro e reivindicar a coroa de imperador?

— Para dizer a verdade, não — respondeu Hadrian. — O plano é resgatar as mulheres e sair correndo.

— E você espera que eu acredite nisso? Hadrian Blackwater, o guerreiro completo, capaz de manejar uma espada com a perícia de um cavaleiro teshlor do Antigo Império. Espera mesmo que eu acredite que só está de passagem por este vilarejo remoto? Que por mero acaso você tem em mãos a única arma capaz de matar o Gilarabrywn precisamente no momento em que o indivíduo que realizar tal façanha será coroado imperador? Claro, claro. Só está usando a espada mais poderosa do mundo para negociar com um monstro tremendamente perigoso, e agora falante, o resgate da princesa de Melengar, que você mal conhece.

— Bem, colocada nesses termos, a coisa parece estranha. Mas é a verdade.

— A Igreja vai voltar e vai dar continuidade à competição aqui — disse Luis Guy. — Nesse ínterim, meu trabalho é me certificar de que ninguém que, digamos, não seja merecedor da coroa mate o Gilarabrywn. E com toda a certeza isso inclui um ladrão amigo de elfos e o seu bando de assassinos — acrescentou Guy, e aproximou-se de Theron. — Sendo assim, entregue-me a espada.

— Vai ter de passar por cima do meu cadáver — rosnou Theron.

— Como quiser — disse Guy, sacando a espada. Os sete serets desmontaram e sacaram suas armas também.

— Agora — disse Guy, dirigindo-se a Theron —, entregue-me a espada, ou vocês dois vão morrer.

— Não seria mais correto dizer "você quatro"? — disse uma voz por trás de Hadrian, que se virou de costas para ver Mauvin e Fanen subindo a encosta, ambos com espadas em punho. Mauvin portava duas espadas, uma das quais ele lançou para Theron, que a agarrou meio sem jeito.

— Pode dizer cinco — falou Magnus, com um martelo em cada mão. O anão olhou para Hadrian e engoliu em seco. — Ele quer me matar mesmo, então, por que não?

— Ainda assim, somos oito — assinalou Guy. — Não é bem uma luta equilibrada.

— Pensei a mesma coisa — disse Mauvin. — Infelizmente, não tem ninguém aqui para reforçar o lado de vocês...

Guy olhou para Mauvin, e então para Hadrian, durante um bom tempo, enquanto os demais se encaravam em meio às cinzas. Em seguida, com um meneio de cabeça, ele baixou a espada.

— Bem, vejo que serei obrigado a relatar a insubordinação de vocês ao arcebispo.

— Pode ir — disse Hadrian. — O corpo dele está enterrado junto ao dos outros, ali ao pé do morro.

Guy dirigiu a Hadrian um olhar frio e então se virou de costas, como se fosse embora; ao fazê-lo, porém, baixou o ombro para a direita, num gesto ligeiramente artificial, e com o passo, seu pé girou, com a ponta direcionada para fora. Hadrian havia prevenido Theron contra aquele movimento, pois prenunciava um ataque.

— Theron! — gritou Hadrian, mas nem precisava. O camponês havia erguido a espada antes mesmo que Guy se virasse. A sentinela tentou atingi-lo no coração. Theron foi um segundo mais rápido e interceptou a lâmina. Então, por puro reflexo, transferiu o peso do corpo para a perna da frente, deu um passo e pôs em prática a combinação de movimentos que Hadrian lhe ensinara: defender, girar e contra-atacar, avançando e com o braço estendido, para ganhar alcance. A sentinela cambaleou, torceu o corpo, e por um triz não teve o peito perfurado, mas a espada atingiu seu ombro. Guy gritou em agonia.

Theron ficou paralisado diante do próprio sucesso.

— Recolha a espada! — gritaram Hadrian e Mauvin juntos.

Theron puxou a espada de volta, e Guy cambaleou para trás, com uma das mãos pressionando o ombro sangrando.

— Matem-nos! — gritou a sentinela com os dentes cerrados.

Os cavaleiros serets atacaram.

Quatro cavaleiros de Nymphron cercaram os irmãos Pickering. Um avançou sobre Hadrian, outro investiu contra Theron e o último se encarregou de Magnus. Hadrian sabia que Theron não resistiria durante muito tempo lutando contra um seret experiente. Ele sacou a adaga e a espada bastarda e eliminou o primeiro homem assim que este ficou ao alcance de seus golpes. Interceptou o avanço do segundo, que constatou tardiamente estar diante de dois agressores, pois Hadrian e Theron o retalharam.

Magnus se valeu dos martelos da forma mais ameaçadora possível, mas ficou evidente que não era páreo para o cavaleiro, então ele retrocedeu para se proteger atrás da bigorna. No momento em que o seret se aproximou, Magnus atirou contra ele um dos martelos, que o atingiu no peito. Ele se chocou contra a armadura, sem causar danos, mas o cavaleiro cambaleou ligeiramente. Vendo que o anão não constituía uma real ameaça, o seret voltou-se para enfrentar Hadrian, que avançava sobre ele.

O cavaleiro desferiu um golpe em arco, de cima para baixo, tentando atingir a cabeça de Hadrian. O ladrão aparou a lâmina com a adaga, que estava em sua mão esquerda, mantendo o braço do cavaleiro erguido, enquanto enfiava a espada bastarda na axila desprotegida dele.

Mauvin e Fanen lutaram juntos contra os quatro agressores. As elegantes rapieiras dos Pickering voavam — bloqueando, cortando, estocando —, e cada ataque era neutralizado; cada estocada, interceptada. Ainda assim, os dois irmãos só conseguiam se defender. Mantinham-se firmes diante do assalto dos cavaleiros de armaduras, que faziam de tudo para encontrar um ponto vulnerável. Finalmente, Mauvin aproveitou uma chance, partiu para a ofensiva e desferiu uma estocada. A ponta da espada perfurou a garganta do seret, que tombou imediatamente, mas no mesmo instante Fanen soltou um grito.

Hadrian viu o seret atingir o braço com o qual Fanen segurava a espada, e a ponta da lâmina correu até a mão do rapaz. A espada do caçula dos Pickering escapou de seus dedos. Indefeso, desesperado, Fanen deu alguns passos para trás, recuando diante dos dois oponentes. Então tropeçou nos escombros e caiu. Os dois avançaram sobre ele para matá-lo.

Hadrian estava longe demais.

Mauvin ignorou a própria defesa no intuito de salvar o irmão. Com um único gesto, ele bloqueou o ataque dos dois cavaleiros a Fanen, mas pagou caro por isso. Hadrian viu quando o seret mais próximo de Mauvin atacou. A lâmina perfurou o flanco do Pickering. Imediatamente, o primogênito cedeu, caindo de joelhos, com os olhos cravados no irmão. E não pôde fazer nada a não ser assistir enquanto o golpe seguinte era aplicado. Duas espadas penetraram no corpo de Fanen. O sangue encobriu as lâminas.

Mauvin deu um grito no momento em que o cavaleiro que o atacava desferia o golpe fatal, mirando seu pescoço. Pickering, de joelhos, ignorou o golpe, para satisfação do seret. Mas o cavaleiro não percebeu que Mauvin não estava mais na defensiva. Ele não precisava mais se defender. Então ergueu a espada e cortou a caixa torácica do agressor. Ao retirar a lâmina, torceu-a, dilacerando as vísceras do homem.

Os dois que tinham acabado de matar seu irmão voltaram-se para ele. O primogênito voltou a erguer a espada, mas seu tronco estava encharcado de sangue; seu braço, fraco; seus olhos, vidrados. Lágrimas escorriam-lhe pelo rosto. Ele perdera o foco. E o golpe tinha sido em vão. O cavaleiro que estava mais perto derrubou no chão a espada de Mauvin, e os outros dois avançaram e ergueram suas espadas, mas não passaram disso. Hadrian conseguira cobrir a distância que o separava da cena e decepou as cabeças dos dois pretensos carrascos de Mauvin, cujos corpos tombaram nas cinzas.

— Magnus, vá buscar Tomas, depressa! — gritou Hadrian. — Diga a ele que traga bandagens.

— Ele está morto — disse Theron, curvado sobre Fanen.

— Eu sei disso! — retorquiu Hadrian. — E Mauvin também vai morrer se a gente não ajudá-lo logo.

Hadrian rasgou a túnica de Mauvin e, com uma das mãos, pressionou o ferimento enquanto o sangue borbulhava entre seus dedos. Mauvin jazia ofegante, suando. Seus olhos estavam virados para cima, expondo as escleras.

— Que droga, Mauvin! — gritou Hadrian. — Theron, me dê um pedaço de pano... qualquer coisa!

Theron pegou um dos serets que tinham matado Fanen e rasgou-lhe a manga da túnica.

— Mais pano! — gritou Hadrian. Ele limpou a lateral do abdômen de Mauvin, revelando um pequeno orifício, do qual vertia um sangue vermelho e brilhante. Ao menos não era o sangue escuro que prenunciava a morte. Hadrian pressionou o pedaço de pano sobre o ferimento.

— Ajude-me a sentá-lo — disse Hadrian quando Theron voltou, trazendo mais um pedaço de pano. O próprio Mauvin parecia um trapo, e sua cabeça pendia para o lado.

Tomas chegou, correndo, com um punhado de ataduras longas que Lena lhe dera. Hadrian e Theron levantaram Mauvin, e Tomas enfaixou com firmeza o abdômen do rapaz. O sangue ensopou a atadura, mas a hemorragia pareceu diminuir.

— Mantenha a cabeça dele erguida — ordenou Hadrian, e Tomas tomou Mauvin

nos braços.

Hadrian olhou para o corpo de Fanen. O jovem estava caído no chão, de costas, uma poça de sangue escuro ainda se expandia em volta do corpo. Com as mãos banhadas de sangue, Hadrian agarrou as espadas e se pôs de pé.

— Onde está Guy? — gritou ele com os dentes cerrados.

— Foi embora — respondeu Magnus. — No meio da luta, ele montou no cavalo e saiu a galope.

Hadrian voltou a olhar para Fanen e em seguida para Mauvin. Respirou fundo, e o ar fez seu peito estremecer.

Tomas curvou a cabeça e pronunciou a Prece aos Mortos:

*"A Maribor vos envio,
Às mãos de deus vos confio,
Paz e descanso eterno imploro,
Para a jornada, o zelo do deus que adoro."*

Assim que concluiu, olhou para as estrelas e disse à meia-voz:

— Escureceu.

Capítulo 13

VISÃO ARTÍSTICA



Arista não queria respirar. Quando inspirava, seu estômago se contraía e a bile subia na garganta. Acima dela se estendia o céu estrelado, mas abaixo estava... a pilha de restos. O Gilarabrywn construíra seu ninho a partir de uma coleção de troféus, lembranças escabrosas de ataques e chacinas. Um escalpo com o couro cabeludo ainda preso, uma cadeira quebrada, um pé ainda calçado, um dorso parcialmente mastigado, um vestido ensangüentado e um braço tão pálido que chegava a ser azulado e se projetava do monte como se estivesse acenando.

A pilha ficava num local que se assemelhava a um terraço descoberto numa torre lateral da qual não havia saída. No lugar de uma porta existia apenas um arco, o contorno de uma porta. Falsas esperanças animavam Arista, que alimentava a ilusão de que o contorno delineasse de fato uma porta.

Ela mantinha as mãos no colo, sem querer encostar em nada. Havia algo embaixo dela, longo e comprido, como um galho de árvore. Estava desconfortável, mas não ousava se mexer. Não queria saber o que era aquilo. Esforçava-se para não olhar para baixo. Forçava-se a observar as estrelas e olhar para o horizonte. Ao norte, a princesa enxergava a floresta dividida pela linha prateada do rio. Ao sul, uma grande extensão de água desaparecia nas trevas. De vez em quando, sua visão periférica captava algo, e ela olhava para baixo. Sempre se arrependia de fazê-lo.

Arista percebeu com um arrepio que havia cochilado em cima do monte, mas não tinha a sensação de ter dormido. Parecia ter se afogado em um terror tão absoluto que lhe roubara os sentidos. Não se recordava do vôo que decerto fizera, nem da maior parte dos acontecimentos do dia, mas lembrava-se de ter visto a criatura. O monstro se deitara a poucos centímetros dela, aquecendo-se ao sol da tarde. Ela o fitara durante horas, incapaz de desviar o olhar... O fato de que a própria morte dormia diante dela captava toda a atenção. Arista estava com medo de se mexer ou falar. Imaginava que a criatura despertaria e a mataria para acrescentá-la à pilha. Com os músculos contraídos e o coração acelerado,

ela fitava o couro espesso e cheio de escamas, que estremecia a cada respiração, encobrendo o que parecia ser um feixe de costelas. Tinha a sensação de caminhar sobre a água. Seu coração bombeava vigorosamente o sangue. A imobilidade a deixara exausta. Então a sensação de afogamento voltou e, felizmente, tudo escureceu.

Quando seus olhos voltaram a se abrir, o monstro havia desaparecido. Ela olhou ao redor. Nem sinal da criatura.

— Ele foi embora — disse Thrace. Eram as primeiras palavras pronunciadas desde o ataque. A moça ainda estava de camisola, e os hematomas formavam uma linha escura em seu rosto. Ela andava de gatinhas pela pilha, escavando-a como uma criança numa caixa de areia.

— Aonde ele foi? — perguntou Arista.

— Saiu voando.

De algum local lá embaixo vinha um som semelhante a um rugido. Não era emitido pelo monstro. Era um som constante, como um ronco forte.

— Onde estamos? — perguntou ela.

— No topo de Avempartha — respondeu Thrace sem desviar o olhar da macabra escavação. Enfiando a mão embaixo de uma camada de pedras quebradas, ela afastou uma chaleira de ferro e viu uma tapeçaria rasgada, a qual se pôs a puxar.

— O que é Avempartha?

— É uma torre.

— Ah... o que você está fazendo?

— Achei que talvez houvesse alguma arma por aqui, algo que pudessemos usar para lutar.

Arista piscou os olhos.

— Você disse "para lutar"?

— Sim, talvez um punhal ou um caco de vidro.

Arista não teria acreditado se a reação não tivesse sido dela própria, mas naquele momento, indefesa, sentada sobre um monte de corpos dilacerados, esperando para ser devorada, ela riu.

— Um caco de vidro? Um caco de vidro? — gritou Arista com uma voz estridente. — Você vai usar um punhal ou um caco de vidro para lutar com... *aquela coisa?*

Thrace assentiu, empurrando de lado a galhada de uma cabeça de cer- vo. Arista ficou estupefata.

— Nós temos alguma coisa a perder? — perguntou Thrace.

Era bem isso. Aquela idéia resumia perfeitamente a situação. A única certeza que elas tinham era de que a situação não poderia piorar. Em toda a vida da princesa, mesmo quando Percy Braga estava erigindo a pira sobre a qual ela seria queimada viva, mesmo quando o anão fechara a porta enquanto ela e Royce se penduravam numa corda sobre um abismo numa torre que desmoronava, jamais houvera uma situação pior do que aquela. Poucos destinos se comparavam à inevitabilidade de ser devorada viva.

Arista concordava plenamente com a convicção expressa por Thrace, mas algo em seu interior se recusava a aceitar tal fato. A princesa queria acreditar que ainda havia alguma esperança.

— Você acha que ele vai manter a promessa? — perguntou ela.

— Que promessa?

— O que ele disse ao diácono.

— Você... você compreendeu o que ele disse? — perguntou a moça, detendo-se pela primeira vez para olhar para a princesa.

Arista assentiu.

— Ele falou na antiga língua imperial.

— O que foi que ele disse?

— Que nos trocaria por uma espada, mas é possível que eu tenha entendido errado. Língua antiga foi uma das disciplinas que estudei em Sheridan, mas nunca me saí muito bem, sem contar que na hora eu estava com muito medo... ainda estou.

Arista percebeu que Thrace estava refletindo e sentiu inveja.

— Não — disse a moça finalmente. — A criatura não vai nos poupar. Ela mata gente. É isso que ela faz. Matou minha mãe e meu irmão, minha cunhada e meu sobrinho. Matou minha melhor amiga, Jessie Caswell. Matou Daniel Hall. Eu nunca disse a ninguém, mas eu achava que me casaria com ele um dia. E o encontrei perto da trilha do rio, numa linda manhã de outono, todo roído... mas o rosto estava intacto. Foi isso o que mais me abalou. O rosto estava perfeito... não tinha um arranhão sequer. Ele parecia estar dormindo sob os pinheiros, só que grande parte do corpo havia desaparecido. O monstro vai nos matar.

O corpo de Thrace estremeceu por causa de uma lufada de vento.

Arista retirou o manto.

— Tome — disse ela. — Você está precisando mais do que eu.

Thrace olhou para ela com um sorriso de perplexidade.

— Pegue logo! — exclamou ela. Suas emoções estavam à flor da pele, quase em erupção. — Eu quero fazer *alguma coisa...* que droga!

Dizendo isso, ela estendeu o manto, com o braço trêmulo. Thrace se aproximou para pegá-lo. Erguendo e contemplando o manto como se estivesse no conforto de um quarto de vestir, ela disse:

— É tão lindo... tão pesado!

Mais uma vez Arista riu, e pensou em como era estranho passar do desespero ao riso num único fôlego. Sem dúvida, uma das duas estava louca... talvez ambas. Arista envolveu com o manto o corpo da moça.

— E eu que estava prestes a matar Bernice... — comentou a princesa.

Arista pensou em Hilfred e na criada deixados no quarto... não, que ela ordenara que permanecessem no quarto. Teria sido ela a responsável pela morte deles?

— Você acha que alguém sobreviveu?

A jovem removeu uma cabeça de estátua e algo que parecia ser o tempo quebrado de uma mesa de mármore.

— Meu pai está vivo — disse Thrace simplesmente, e prosseguiu cavando.

Arista não perguntou como ela sabia disso, mas acreditou. Naquele momento, acreditaria em qualquer coisa que Thrace dissesse. Embora houvesse cavado um belo buraco na pilha de escombros, a garota não encontrara qualquer arma além de um fêmur, que, com uma indiferença apavorante, ela guardou — para utilizar caso não achasse algo melhor, deduziu Arista. A princesa observava a escavação com uma mescla de espanto e descrença.

Thrace desenterrou um lindo espelho quebrado, e estava tentando retirar um dos cacos quando Arista viu um brilho dourado e, apontando, disse:

— Tem alguma coisa embaixo do espelho.

Thrace deixou o espelho de lado e retirou a metade de uma espada, com o cabo ricamente decorado em ouro e prata e cravejado de pedras cintilantes. Ele reluziu sob o luar.

Thrace segurou a espada pela empunhadura e ergueu-a.

— É leve — disse ela.

— Está quebrada — comentou Arista —, mas acho que é melhor do que um pedaço de vidro.

Thrace enfiou o cabo da espada no bolso interno do manto e continuou a cavar. Encontrou uma cabeça de machado e um garfo, mas descartou ambos. Então, ao

puxar um retalho de tecido, deteve-se subitamente.

Arista não queria olhar, mas novamente sentiu-se impelida.

Era o rosto de uma mulher, de olhos fechados e boca aberta.

Thrace repôs o retalho no mesmo local de onde o retirara. Em seguida, foi até a beira da pilha e sentou-se, abraçando os joelhos e recostando a cabeça. Arista notou que ela estava tremendo. Thrace não cavou mais. As duas se mantiveram caladas.

TRUMP. TRUMP.

Arista ouviu o ruído e seu coração disparou. Cada músculo de seu corpo se contraiu, e ela não se atreveu a olhar. Seguiu-se uma grande lufada de ar, vinda de cima, e ela fechou os olhos. Ouviu o monstro pousar e preparou-se para morrer. A princesa ouvia a respiração da criatura, e continuou a esperar a morte.

— *Em breve* — falou o monstro.

Arista abriu os olhos.

Ofegante pelo esforço do voo, a criatura pousara no topo da pilha. Sacudiu a cabeça, espargindo saliva pelo terraço, expondo as fileiras de presas pontiagudas. Os olhos eram maiores do que as mãos de Arista, com pupilas verticais e estreitas, encaixadas em lentes marmorizadas, em tons alaranjado e marrom, que refletiam a imagem da princesa.

— *Em breve?* — Ela não sabia onde encontrara coragem para falar.

O olho imenso piscou e a pupila se dilatou no momento em que o monstro focou a imagem de Arista. Ela agora seria morta, mas ao menos aquilo tudo teria chegado ao fim.

— *Conheces minha língua?* — A voz era tão potente e profunda que ela pôde sentir a vibração no próprio peito.

Ela assentiu e disse:

— SIM.

Do outro lado, a princesa avistou Thrace com a cabeça apoiada sobre os joelhos e observando a cena.

O monstro olhou para Arista.

— PERTENCES À REALEZA.

— SOU UMA PRINCESA.

— *A melhor das iscas* — disse o Gilarabrywn, mas Arista não teve certeza se ouvira direito. Talvez o monstro tivesse dito: "A melhor das dádivas." A frase era difícil de traduzir.

Ela perguntou:

— RESPEITARÁS O ACORDO, OU VAIS NOS MATAR?

— A ISCA VIVE ATÉ EU PEGAR O LADRÃO.

— LADRÃO?

— O QUE LEVOU A ESPADA. ELE VEM. CRUZEI O LUAR PARA FINGIR QUE O CAMINHO ESTAVA LIVRE E REGRESSEI, VOANDO BAIXO. O LADRÃO VEM AGORA.

— O que ele disse? — perguntou Thrace.

— Disse que somos a isca para pegar o ladrão que roubou uma espada.

— Royce! — disse Thrace.

Arista a encarou.

— O que você disse?

— Contratei dois homens para roubar a espada de dentro desta torre.

— Você contratou Royce Melborn e Hadrian Blackwater? — perguntou Arista, boquiaberta.

— Sim.

— Como foi que você... — Ela desistiu da idéia. — Ele sabe que Royce está vindo — disse Arista. — Ele fingiu que voava para longe daqui para Royce pensar que ele estava indo embora.

Subitamente, as orelhas do Gilarabrywn se contraíram, apontando para a falsa porta. Com um gesto brusco, mas sem fazer ruído, o monstro se pôs de pé e, com uma leve batida de asas, alçou voo. Valendo-se das correntes de ar quente, ele ganhou altura, pairando acima da torre. Thrace e Arista ouviram movimentos em algum ponto abaixo, passos sobre uma superfície de pedra.

Surgiu uma figura com um manto preto. A figura avançou com firmeza, atravessando a rocha da falsa porta como um homem que emerge de um lago sereno.

— É uma armadilha, Royce! — gritaram Arista e Thrace juntas.

A figura não se moveu.

Arista ouviu o som do ar passando por asas espessas. Então uma luz brilhante explodiu do interior da figura. Sem produzir qualquer som ou movimento, parecia que uma estrela ocupara o lugar do homem, com uma luminosidade tão forte que chegava a cegar. Arista fechou os olhos, que doíam, e ouviu o Gilarabrywn guinchar acima delas. Em seguida, sentiu rajadas de vento, de cima para baixo,

enquanto o monstro batia as asas, interrompendo o mergulho. A luz foi efêmera, esmaecendo bruscamente, embora não tenha chegado a desaparecer; logo depois o homem do manto cintilante se tornou visível.

— *Tu!* — praguejou o monstro, sacudindo a torre com sua voz. A criatura pairava acima deles, batendo as asas enormes.

— ESCAPASTE DE TUA JAULA, MONSTRO DE ERIVAN, CAÇADOR DE NAREION! — gritou Esrahaddon em língua antiga. — EU TE COLOCAREI NA JAULA NOVAMENTE!

O mago ergueu os braços, mas, antes que pudesse fazer qualquer gesto, o Gilarabrywn guinchou e retrocedeu, horrorizado. Depois bateu as asas gigantescas e ganhou altura; no último segundo, porém, esticou uma das garras, seqüestrando Thrace da torre antes de desaparecer de vista. Arista correu até o parapeito e olhou para baixo, apavorada. Não havia qualquer sinal do monstro ou de Thrace.

— Nada podemos fazer por ela — disse o mago com tristeza.

A princesa se virou e viu Esrahaddon e Royce Melborn ao lado dela, ambos debruçados sobre o parapeito, olhando para o rugido escuro do rio lá embaixo.

— O destino dela agora está nas mãos do pai e de Hadrian.

Arista segurou firme na proteção do parapeito. Mais uma vez, sentiu como se estivesse se afogando. Royce segurou-a pelo pulso.

— Vossa Alteza está bem? Cuidado para não cair, por favor.

— Vamos levá-la para baixo — disse Esrahaddon. — A porta, Royce. A porta.

— *Ah, sim* — respondeu o ladrão. — DEIXAI PASSAR ARISTA ESSENDON, PRINCESA DE MELENGAR.

O arco de pedra se transformou numa porta, já aberta. E eles adentraram um pequeno cômodo. Longe da pilha de dejetos, segura atrás de uma parede de pedra, Arista finalmente sentiu o impacto da situação e foi forçada a se sentar para não cair. Encobrindo o rosto com as mãos, ela chorou.

— Ah, meu deus, meu bom Maribor... pobre Thrace!

— Talvez ela fique bem — disse o mago. — O pai dela e Hadrian estão com a espada quebrada.

Movendo o corpo para a frente e para trás, Arista não chorava somente por Thrace. As lágrimas eram o rompimento de uma represa que não mais podia conter a enchente. Em sua lembrança passavam imagens de Hilfred e daquela última palavra não pronunciada; de Bernice e da maneira cruel com que ela tratara a criada; de Fanen e Mauvin... todos perdidos. Tamanha tristeza não podia

ser expressa em palavras; no lugar delas, as emoções explodiram, e a princesa gritou:

— Espada? Que espada? O que tem essa tal espada? Eu não compreendo!

— Você explica — disse Royce. — Eu preciso encontrar a outra metade.

— Não está lá — disse Arista.

— O quê?

— Você disse que é uma espada quebrada? — perguntou Arista.

— Em dois pedaços. Ontem roubei a parte que corresponde à lâmina; agora preciso encontrar a parte do cabo. Tenho certeza de que está naquele monte de escombros lá em cima.

— Não está — disse Arista, abismada com o fato de seu cérebro ainda funcionar o bastante para estabelecer conexões. — Não mais.

O mago foi à frente, descendo a longa escada de degraus cristalinos e parando de vez em quando para olhar para um corredor ou outro. Ele pensava um pouco, sacudia a cabeça e seguia adiante ou murmurava:

— Ah... sim! — E então continuava.

— Onde estamos? — perguntou ela.

— Em Avempartha — respondeu o mago.

— Isso eu já sei. Mas *o que é Avempartha?* E não venha me dizer que é uma torre.

— É uma edificação construída pelos elfos há milênios. Mais recentemente, serviu de armadilha para o Gilarabrywn e, mais recentemente ainda, parece que tem servido de ninho para o monstro. Isso ajuda?

— Não exatamente.

Embora perplexa, Arista sentia-se melhor. Ficou surpresa ao constatar como era fácil esquecer. E isso parecia errado. Ela deveria estar pensando nos que haviam morrido. Deveria estar de luto, mas sua mente resistia. Como membros fraturados que se recusavam a sustentar o peso do corpo, sua mente e todo o seu ser ansiavam por um alento. Precisava descansar, pensar em outra coisa, algo que não envolvesse morte ou infelicidade. A torre de Avempartha era uma boa opção. A construção era deslumbrante.

Esrhaddon os conduziu escadas acima e abaixo, por grandes salas e pontes internas que cruzavam vãos profundos. Não havia uma tocha ou lamparina sequer, mas ela enxergava perfeitamente, pois as paredes refletiam uma luz

azulada e suave. Os tetos arqueados, de 30 metros de altura, pareciam copas de árvores numa floresta, com ornamentos intrincados que sugeriam galhos e folhas. Corrimãos, semelhantes aos rebentos contorcidos de uma trepadeira e meticulosamente esculpido direto na rocha, ladeavam os corredores e as escadas. Tudo era ricamente decorado, cada centímetro imbuído de beleza e esmero. Arista continuava atônita, e seus olhos corriam de maravilha em maravilha: uma estátua gigantesca de um cisne alçando voo, uma fonte borbulhante em formato de cardume. Lembrou-se da tosca barbaridade que imperava no castelo do rei Roswort e do desprezo que o monarca sentia pelos elfos, seres que o homem associava a ratos num monte de entulho. *Belo monte de entulho!*

E havia música no ambiente. O sussurro abafado das cataratas constituía um som grave e reconfortante. O vento que resvalava pelo topo da torre era como instrumentos de sopro de uma orquestra, com tons meigos e serenos. O borbulhar e o gotejar das fontes conferiam à sinfonia ritmos leves e gratificantes. Em meio àquela harmonia ouvia-se a voz de Esrahaddon, relatando a primeira visita do mago à torre, séculos antes, e como ele havia prendido o monstro lá dentro.

— Então você prendeu o Gilarabrywn aqui novecentos anos atrás — disse ela. — E pretende prendê-lo aqui novamente?

— Não — disse Esrahaddon. — Não tenho mãos, lembra-se? Não posso lançar feitiços poderosos sem os dedos, menina; você deveria saber disso melhor do que ninguém.

— Mas ouvi quando você ameaçou enjaular o monstro novamente.

— O Gilarabrywn não sabe que Esra não tem mãos, não é mesmo? — observou Royce.

— A criatura lembrou de mim — disse o mago, assumindo a direção da conversa.

— E supõe que eu seja tão poderoso como antigamente, o que significa que, além da espada, sou o único temor do Gilarabrywn.

— Você quis apenas espantá-lo daqui?

— Foi essa a idéia.

— Estávamos tentando encontrar a espada e tínhamos esperança de salvar vocês duas — disse Royce. — Evidentemente eu não esperava que o monstro levasse Thrace, e nunca pensei que ela estivesse com a espada nas mãos. Tem certeza de que ela achou o cabo da espada naquele monte de escombros?

— Sim, eu mesma descobri o fragmento, mas ainda não entendi bem. Como é que essa espada pode nos ajudar? O Gilarabrywn não é um encantamento; é um monstro que o Herdeiro precisa matar, e...

— A senhorita tem dado ouvidos à Igreja. O Gilarabrywn é fruto de magia. A espada é o antídoto.

— Uma espada? Isso não faz o menor sentido. Espadas são feitas de metal, um elemento físico.

Esrahaddon sorriu, parecendo um pouco surpreso.

— Vejo que prestou atenção às minhas aulas. Excelente. De fato, a espada é inútil. É a palavra inscrita na lâmina que detém o poder de desmanchar o feitiço. Se for enfiada no corpo do monstro, a lâmina anula os elementos que garantem a existência dele e quebra o feitiço.

— Se a espada estivesse nas suas mãos, e não com Thrace, teríamos um meio de lutar contra a criatura.

— Bem, pelo menos vocês me salvaram — lembrou Arista. — Muito obrigada.

— Não nos agradeça ainda. O monstro continua à solta — disse Royce.

— Certo... quer dizer que Thrace contratou Royce... não sei como isso pode ter acontecido, mas tudo bem. No entanto, ainda não entendi por que *você* está aqui, Esra — admitiu eia.

— Para encontrar o Herdeiro.

— Não existe Herdeiro algum — disse ela. — Todos os competidores fracassaram, e o restante da população está morta... disso tenho certeza. O monstro destruiu tudo.

— Não estou falando daquela bobagem. Estou falando do legítimo Herdeiro de Novron.

O mago chegou a uma bifurcação e dobrou à esquerda, seguindo em direção a uma escada e dando prosseguimento à descida.

— Espere um instante. — Royce parou. — Nós não viemos por aqui.

— Não, *nós* não viemos, mas eu vim.

Royce olhou ao redor.

— Não, não, está tudo errado. Deixei você nos guiar, e parece não fazer a menor idéia de onde fica a saída.

— Não estou conduzindo vocês para a saída.

— O quê? — perguntou Royce, surpreso.

— Não vamos sair — respondeu o mago. — Estou indo para Valentryne Layartren, e vocês vão comigo.

— E melhor explicar por quê — disse Royce com um tom de voz gélido. — Caso

contrário, vai ficar bastante frustrado.

— Explico no caminho.

— Explique agora — disse Royce. — Tenho outros compromissos a considerar.

— Você nada pode fazer por Hadrian — disse o mago. — A esta altura, o Gilarabrywn já está na aldeia. Hadrian ou está morto ou a salvo. Nada que você fizer pode alterar a situação. Você não tem como ajudá-lo, mas pode me ajudar. Passei dois dias tentando entrar em Valentryne Layartren, mas sem as suas mãos, Royce, não serei capaz... e trabalhando sozinho eu levaria dias, talvez semanas, mas com o auxílio de Arista podemos fazer tudo esta noite. Maribor achou por bem trazê-los a mim no momento em que mais preciso de vocês.

— Valentryne Layartren — murmurou Royce — quer dizer "visão artística" na língua dos elfos, não é?

— Você conhece um pouco da língua dos elfos... parabéns, Royce — disse Esrahaddon. — Você deveria se aprofundar mais nas suas raízes.

— Suas raízes? — disse Arista, confusa.

Ambos a ignoraram.

— Vocês não têm como ajudar o povo da aldeia, mas podem me ajudar a alcançar o objetivo da minha presença aqui. E foi por isso que eu os trouxe.

— Você precisa de nós para encontrar o legítimo Herdeiro do império?

— Você costuma racionar com mais rapidez, Royce. Estou decepcionado.

— Achei que isso fosse um segredo.

— Era mesmo, mas as circunstâncias me obrigaram a reconsiderar a questão. Agora, não seja tão teimoso e venha comigo. É possível que um dia se recorde deste momento e pense que mudou o destino do mundo simplesmente ao descer estes degraus.

Royce ainda hesitava.

— Pense bem — disse Esrahaddon. — O que você pode fazer por Hadrian?

Royce não respondeu.

— De que adianta descer estes degraus correndo, atravessar o túnel, nadar até a margem e encontrar a morte no trajeto até o vilarejo? Mesmo que, por um milagre, você consiga alcançar a aldeia antes que Hadrian seja morto, de que isso vai adiantar? Você vai chegar lá todo encharcado e exausto. Não está com a espada. Não vai poder atingir o monstro. Não vai deixá-lo com medo. Duvido até que consiga distraí-lo, e, se conseguir, será apenas por alguns instantes. Se você for, não vai encontrar nada além da morte, e sem qualquer razão. O destino de

Hadrian não está nas suas mãos. Você sabe que estou certo, pois, caso contrário, não estaria aí me dando ouvidos. Agora, não seja teimoso.

Roy ce suspirou.

— Graças aos deuses! — disse o mago. — Vamos em frente.

— Esperem um instante. — Arista os deteve. — Eu não tenho de me pronunciar também?

O mago olhou para ela.

— Sabe como sair daqui?

— Não — respondeu ela.

— Então não, não tem de se pronunciar — disse o mago. — Agora, por favor, já perdemos tempo demais. Sigam-me.

— Lembro-me de um tempo em que você era mais educado! — gritou Arista para o mago.

— E eu de um tempo em que vocês dois eram mais rápidos.

E novamente puseram-se em marcha, seguindo para o centro da torre. Enquanto avançavam, Esrahaddon voltou a falar:

— A maioria das pessoas acredita que esta torre foi edificada pelos elfos como fortaleza durante as guerras contra Novron. Conforme vocês dois provavelmente já desconfiam, isso não é verdade. Esta torre precede Novron em milênios. Outros acham que ela foi construída como fortaleza contra os goblins do mar, os terríveis Ba Ran Ghazel, mas também não é verdade, pois a torre também precede o surgimento deles. O equívoco comum é achar que a torre seja uma fortaleza. Isso é resultado da lógica dos humanos. O fato é que os elfos são muitíssimo mais antigos que os homens ou os goblins, de um tempo que talvez preceda até os anões. Naquela época não havia necessidade de fortalezas. A palavra *guerra* nem sequer existia, pois o Chifre de Gylandora neutralizava toda e qualquer disputa interna. Não, esta torre não foi um bastião para defender o único local onde o rio Nidwalden podia ser atravessado, embora muitos anos depois esse tenha se tornado o destino da construção. Esta torre foi criada, originalmente, para ser um centro para a Arte.

— Ele quis dizer *magia* — esclareceu Arista.

— Eu sei o que ele quis dizer.

— Mestres elfos vinham dos quatro cantos do mundo para estudar e praticar a Arte avançada aqui. Contudo, a torre não era apenas uma escola. A própria edificação constitui uma grande ferramenta, como uma gigantesca fornalha de ferro. No caso, ela funciona como um mecanismo de foco. As cataratas

operam como fonte de energia, e os diversos pináculos da torre são como as antenas de um gafanhoto ou os bigodes de um gato. Eles atuam como sensores, captando informações, atraindo para cá a própria essência da vida. A torre é como uma alavanca gigantesca, um ponto de apoio, permitindo a um mago uma ampliação quase incalculável de poderes.

— Visão artística... — disse Royce. — O mecanismo vai possibilitar a você o uso de magia para encontrar o Herdeiro?

— Infelizmente, nem mesmo Avempartha dispõe de tamanho poder. Não posso encontrar algo que jamais vi, nem algo que não sei se ainda existe. Entretanto, posso encontrar algo que conheço, algo com o qual estou bastante familiarizado, e algo que criei com o objetivo precípua de ser mais tarde encontrado.

"Novecentos anos atrás, quando Jerish e eu decidimos nos separar para esconder Nevrik, criei amuletos para eles. Os amuletos tinham duas funções: uma era protegê-los contra a Arte, impedindo que fossem localizados por meio de adivinhação; a outra era propiciar a mim um meio de localizá-los, com um sinal que só eu posso reconhecer. Evidentemente, Jerish e eu achávamos que a tarefa de reunir um grupo de aliados que restaurassem o imperador não levaria mais de alguns anos, mas, como sabemos, não foi bem assim. Só espero que Jerish tenha sido esperto o bastante para convencer os descendentes do imperador a garantir a segurança dos colares e passá-los de geração em geração. Talvez eu esteja esperando demais, visto que... bem... quem poderia imaginar que eu viveria tanto tempo?"

Atravessaram uma ponte estreita sobre um vão assustadoramente profundo. Acima havia uma série de bandeiras coloridas, com imagens e ícones bordados e grandes letras do alfabeto élfico. Arista notou que Royce fitava as bandeiras e que seus lábios se moviam como se ele tentasse ler os dizeres estampados. Do outro lado da ponte, chegaram a um portal, com um grande arco ricamente esculpido na pedra, mas não havia porta.

— Royce, se não se importa...

Royce deu um passo à frente e, encostando a mão, empurrou a pedra polida.

— O que ele está fazendo? — perguntou Arista ao mago.

Esrahaddon se voltou para Royce.

O ladrão se mostrou ligeiramente desconcertado e então disse:

— Avempartha tem uma proteção mágica que impede a entrada de qualquer pessoa que não tenha sangue élfico. Todas as trancas aqui funcionam do mesmo jeito. De início, pensávamos que ninguém mais pudesse entrar, exceto eu e Esra, pois ele tinha sido convidado séculos atrás, mas parece que, convidada por um elfo, qualquer pessoa pode entrar. Esra descobriu as palavras exatas em élfico

para eu pronunciar o convite. Foi assim que consegui fazer com que você entrasse.

— Falando nisso... — Esrahaddon fez um gesto em direção ao arco de pedra.

— Desculpe... — disse Royce, e acrescentou em alto e bom som: — MELENTANARIA, EN VENAU RENDIN ESRAHADDON, EN ARISTA ESSENDON ADONA MELENGAR.

Arista entendeu como "Deixe passar o mago Esrahaddon e Arista Essendon, a princesa de Melengar".

— Isso é língua antiga — disse Arista.

— Sim. — Esrahaddon assentiu. — Há muitas semelhanças entre a língua dos elfos e a antiga língua imperial.

— Ora! — Voltando a olhar para o arco, Arista contemplou uma porta aberta. — Mas ainda não entendi. Como é que você consegue... Ah... — A princesa se deteve, abismada. — Mas você não parece...

— Eu sou um *mir*.

— Um o quê?

— Um mestiço — explicou Esrahaddon. — Um misto de sangue elfo e humano.

— Mas você nunca...

— Não é o tipo de coisa que você sai dizendo por aí — disse o ladrão. — E eu ficaria grato se a senhorita mantivesse essa informação em sigilo.

— Ah, sim, é claro.

— Vamos logo. Arista ainda precisa fazer a parte dela — disse Esrahaddon, entrando.

No interior, depararam-se com uma grande câmara perfeitamente arredondada. Era como estar dentro de uma enorme esfera. Ao contrário do restante da torre, o local era desprovido de adornos. Não passava de uma grande câmara, totalmente lisa, sem qualquer emenda, fenda ou fissura. O único elemento visível era uma escada de pedra em zigue-zague, que se erguia desde o piso até uma plataforma anexada aos degraus exatamente no centro da esfera.

— Lembra-se dos encantamentos plesiânticos que lhe ensinei, princesa? — perguntou o mago enquanto subiam a escada, e sua voz ecoava, ribombando pelas paredes.

— Humm... os... é...

— Lembra ou não?

— Estou pensando.

— Pense depressa; não temos tempo a perder.

— Sim, eu me lembro. Mas que mau humor!

— Mais tarde peço desculpas. Agora, quando chegarmos lá em cima, você se posicionará no meio da plataforma, exatamente sobre a marca assinalada no chão. Você entoará a Frase Plesiântica. Comece com o encantamento de mobilização; provavelmente, vai experimentar tremores mais intensos do que o usual, pois este local vai ampliar seus poderes de mobilização de recursos. Não se assuste, não interrompa o encantamento e, acima de tudo, não grite.

Arista olhou para Royce, amedrontada.

— Assim que sentir a força atuando em seu corpo, inicie o Cântico Torsônico. Quando o fizer, vai ser necessário formar a matriz de cristal com os dedos, voltando-os para dentro, e não para fora.

— Quer dizer, com os polegares apontados para fora e os outros dedos apontados para mim, certo?

— Sim — disse Esrahaddon, irritado. — São gestos básicos, Arista...

— Eu sei, eu sei... é que já faz algum tempo. Tenho andado ocupada na função de embaixadora de Melengar e não tenho ficado na minha torre, praticando magia.

— Quer dizer que tem desperdiçado seu tempo?

— Não! — disse ela, exasperada.

— Então, assim que a matriz estiver formada — prosseguiu o mago — mantenha-se firme. Lembre-se das técnicas de concentração que lhe ensinei e mantenha a matriz firme e imóvel. Nesse momento, vou penetrar em seu campo de força para realizar minha busca. Quando eu fizer isso, é provável que ocorram acontecimentos extraordinários neste lugar. Imagens e visões surgirão em vários pontos, e é possível que você ouça determinados sons. Mais uma vez: não se assuste. Os sons não são reais; serão apenas ecos da minha mente enquanto procuro os amuletos.

— Isso quer dizer que *nós três* seremos capazes de ver quem é o Herdeiro legítimo? — perguntou Royce quando chegaram ao topo.

Esrahaddon assentiu.

— Eu gostaria de guardar o segredo comigo, mas o destino me obrigou a trilhar um caminho diferente. Assim que encontrar a pulsação mágica dos amuletos, vou me concentrar nos donos, e as imagens deles deverão se destacar das demais aqui no salão; e vou me concentrar não apenas em saber quem está usando os amuletos, mas também para descobrir onde eles estão.

A plataforma estava coberta por uma fina camada de poeira, e linhas geométricas, marcadas no piso como raios de sol, convergiam para um ponto localizado bem no centro.

— Eles? — indagou Arista, assumindo posição no ponto central.

— Eram dois colares: um eu dei a Nevrik, e esse será o amuleto do Herdeiro; o outro eu dei a Jerish, e será o amuleto do guarda-costas. Se ainda existirem, deveremos visualizar ambos. Peço que não saiam por aí falando sobre o que estão prestes a ver, pois, se o fizerem, porão em risco a vida do Herdeiro, bem como o futuro de toda a humanidade.

— Magos e seus dramalhões — disse Royce, revirando os olhos. — Bastaria dizer: *Fiquem quietos.*

Esrhaddon ergueu uma das sobrancelhas, encarando o ladrão. Em seguida, virou-se para Arista e disse:

— Comece.

Arista hesitou. Sauly estava enganado. Toda aquela conversa de que o Herdeiro tinha poderes para escravizar a humanidade era só para assustá-la e convencê-la a atuar como espiã. As advertências de Sauly de que Esrhaddon era um demônio só poderiam ser mais mentiras. Ele era misterioso, sem dúvida, mas não era maléfico. Esrhaddon salvara a vida dela naquela noite. O que Sauly fizera? Quantos dias antes da morte de Braga Sauly ficara sabendo da trama... e nada fizera? Dias demais.

— Arista? — insistiu Esrhaddon.

Ela assentiu, ergueu as mãos e deu início ao encantamento.

Capítulo 14

O ADVENTO DAS TREVAS



A brisa noturna soprava suavemente pelo topo do morro. Hadrian e Theron estavam sozinhos nas ruínas do casarão, acima de onde existira a aldeia. Um local de infundáveis esperanças, agora soterradas sob cinzas e escombros.

Theron sentiu a brisa roçar sua pele e lembrou-se do vento agourento que soprava na noite em que sua família morreu. Na noite em que Thrace correu à sua procura. Ainda podia vê-la, descendo a encosta de Stony Hill, buscando a segurança dos braços do pai. Ele achara que aquele tinha sido o pior dia de sua vida. Amaldiçoara a filha por tê-lo procurado. Culpara a filha pela morte da família. Depositara sobre ela todo o sofrimento e o desespero que ele, fraco demais, era incapaz de suportar. Ela era a sua menina, que o acompanhava aonde quer que fosse, e, quando ele a enxotava, conforme costumava fazer, Thrace o seguia de longe, observando-o, imitando seus gestos e palavras. Era ela quem ria das caretas dele, quem chorava quando ele se feria, quem se sentava ao lado da cama quando ele estava febril. No entanto, jamais dirigia à filha uma palavra de carinho. Não se lembrava de tê-la acariciado ou elogiado. Jamais lhe dissera que tinha orgulho dela. Na maior parte do tempo, nem prestava atenção à filha. Mas agora daria de bom grado a própria vida só para ver sua menina correr ao seu encontro apenas uma vez mais.

Theron estava ao lado de Hadrian. Escondida embaixo das roupas, ele trazia a lâmina quebrada, pronto para usá-la instantaneamente para aplacar o monstro, se necessário. Hadrian tinha consigo a lâmina falsa, confeccionada pelo anão, igualmente escondida, pois, se o Gilarabrywn soubesse do paradeiro do fragmento da espada, talvez desistisse da barganha. Magnus e Tobis aguardavam morro abaixo, escondidos atrás de um esconderijo improvisado com entulho retirado das ruínas, enquanto Tomas se ocupava de oferecer a Hilfred e Mauvin o maior conforto possível ao pé da colina.

A lua já havia surgido e se erguera acima das árvores, mas o monstro ainda não aparecera. As tochas que Hadrian dispusera ao redor do topo do morro estavam

quase extintas. Restavam somente algumas, mas isso não parecia ter importância, pois a lua brilhava e, como as copas das árvores haviam desaparecido, estava tão claro que seria possível até ler um livro.

— Talvez ele não venha — disse Tomas, subindo um pouco a encosta. — Talvez ele não tenha falado em vir hoje à noite, ou vai ver não entendi direito. Nunca fui muito bom em língua antiga.

— Como está Mauvin? — perguntou Hadrian.

— O sangramento estancou. Ele agora está dormindo tranquilamente. Eu o cobri e improvisei um travesseiro com uma camisa sobressalente. Ele e o guarda Hilfred devem...

Ouviu-se um guincho vindo da torre, e todos se viraram naquela direção. Para seu grande espanto, Theron viu uma explosão brilhante, um clarão branco, no pináculo da torre. O clarão surgiu e desapareceu instantaneamente.

— Pelo amor de Maribor... o que foi aquilo? — perguntou Theron.

Hadrian sacudiu a cabeça.

— Não sei, mas aposto que Royce tem algo a ver com isso.

Ouviu-se outro guincho do Gilarabrywn, mais alto que o anterior.

— Seja lá o que for — disse Hadrian —, acho que está vindo para cá.

Atrás deles era possível ouvir Tomas rezando em voz baixa.

— Reze por Thrace, Tomas — disse Theron.

— Estou rezando por todos nós — respondeu o clérigo.

— Hadrian — disse Theron —, se, por acaso, eu não sobreviver, e você escapar, cuide de Thrace por mim... pode ser? E, se ela morrer também, enterre-nos no meu sítio.

— E se eu morrer e você sobreviver — disse Hadrian —, entregue a Royce o punhal que está no meu cinto antes que o anão o roube.

— Só isso? — perguntou o camponês. — Onde você quer ser enterrado?

— Não quero ser enterrado — disse ele. — Se eu morrer, quero que meu corpo seja jogado no rio, nas cataratas. Quem sabe não chego até o mar?

— Boa sorte — disse Theron. Os sons da noite chegaram abafados, exceto pelas lufadas de vento.

Dessa vez, sem a folhagem da mata, Theron pôde ver o monstro se aproximando, com as asas largas e escuras estendidas, como a silhueta de um pássaro pairando no ar, o corpo magro contraído e a cauda se agitando em pleno

vô. Mas a criatura não mergulhou. Também não expeliu fogo ou poeira. Em vez disso, completou um círculo, num vô silencioso, formando uma ampla elipse.

Enquanto o monstro completava o círculo, eles puderam ver que ele não estava sozinho. Nas garras, trazia uma mulher. A princípio, Theron não foi capaz de identificá-la. Parecia usar um vestido sofisticado, mas os cabelos tinham o mesmo tom castanho-claro dos de Thrace. No momento em que o monstro realizou o segundo círculo, Theron constatou que se tratava de sua filha e foi tomado por uma onda de alívio e intensa angústia. *O que teria acontecido com a outra?*

Depois de completar diversos círculos, o monstro perdeu altura, como se fosse uma pipa, e lentamente pousou. Bem diante deles, a cerca de 15 metros de distância das ruínas do casarão.

Thrace estava viva.

Garras gigantescas, cobertas de escamas, músculos e ossos, cada uma com quatro unhas de um palmo na ponta, prendiam-na como uma gaiola.

— Papai! — gritou ela, em lágrimas.

Ao vê-la, Theron avançou. Imediatamente as garras do Gilarabrywn se contraíram, e ela gritou. Hadrian puxou Theron para trás.

— Espere! — gritou ele. — A criatura vai matá-la se você se aproximar demais.

O monstro os observou com seus olhos de réptil. E então o Gilarabrywn falou. Mas nem Theron nem Hadrian entenderam uma palavra sequer.

— Tomas — gritou Hadrian por cima do ombro. — O que ele está dizendo?

— Não sou muito bom com... — começou a dizer Tomas.

— Não me interessa seu conhecimento de gramática no seminário, apenas traduza o que ele disse.

— Acho que ele disse que optou por levar as mulheres porque elas representariam um maior poder de barganha.

A criatura voltou a falar, e Tomas não esperou que Hadrian pedisse que traduzisse.

— Ele disse: "Onde está a lâmina roubada?"

Hadrian olhou de volta para Tomas.

— Pergunte onde está a outra mulher.

Tomas falou, e o monstro respondeu.

— Ele disse que a outra fugiu.

— Pergunte como podemos ter certeza de que ele não vai nos matar se eu disser

onde a lâmina está escondida.

Tomas falou, e o monstro voltou a responder.

— Ele disse que vai oferecer uma demonstração de boa-fé, pois sabe que está em posição de vantagem e compreende sua preocupação.

Então o monstro abriu as garras, e Thrace correu para o lado do pai. O coração de Theron deu um salto quando a filha correu pela encosta em sua direção. Ele a abraçou com vigor e enxugou suas lágrimas.

— Theron — disse Hadrian —, leve-a daqui. Voltem para o poço se puderem.

Theron e a filha não discutiram, e os olhos do Gilarabrywn se fixaram neles dois no momento em que Thrace e seu pai desceram correndo a encosta. Então o monstro voltou a falar:

— Agora, onde está a lâmina? — traduziu Tomas.

Contemplando o monstro gigantesco e sentindo o suor escorrer pela face, Hadrian retirou da manga a lâmina falsa e a exibiu. O Gilarabrywn semicerrou os olhos.

— Traga a lâmina para mim — traduziu Tomas.

Chegara o momento. Hadrian sentiu o metal em contato com as mãos.

— Espero que isso funcione — murmurou para si mesmo e lançou a lâmina, que foi parar em meio às cinzas, diante do monstro. O Gilarabrywn olhou para ela, e Hadrian prendeu a respiração. Com um gesto aparentemente displicente, o monstro pôs uma das patas sobre a arma e a recolheu com as garras. Em seguida, olhou para Hadrian e falou:

— O acordo está concluído — traduziu Tomas. — Mas...

— Mas? — repetiu Hadrian com ansiedade. — Mas *o quê?*

A voz de Tomas ficou fraca.

— Mas ele diz que não pode permitir que aqueles que agora sabem a metade de seu nome sobrevivam.

— Ah, seu filho da mãe — xingou Hadrian, retirando das costas a grande espada.

— Corra, Tomas!

O Gilarabrywn alçou voo, batendo as grandes asas, levantando uma nuvem de cinzas, e mergulhou, usando a cabeça como uma cobra. Hadrian se jogou para o lado e, girando sobre si mesmo, cravou a espada no monstro. Em vez de sentir a penetração da ponta da arma, entretanto, Hadrian sentiu o próprio coração se contrair, pois ela resvalou, como se o Gilarabrywn fosse feito de pedra. O súbito impacto fez com que ele soltasse a espada, que caiu no chão.

Sem perder um instante, o Gilarabrywn fez girar a cauda, emitindo um estalo. O grande osso da ponta da cauda, que parecia uma lâmina, assobiou ao cortar o ar a meio metro acima do solo. Hadrian deu um salto, e o golpe da criatura se chocou contra a encosta do morro, fazendo o rabo ficar preso num tronco de madeira queimado. Uma rápida sacudidela, e o pesado tronco voou pela noite. Hadrian enfiou a mão dentro da túnica e desembainhou o Alverstone. Agachouse, como um lutador dentro de um ringue, equilibrando-se na ponta dos pés, à espera do próximo ataque.

A cauda do Gilarabrywn se projetou de novo sobre ele. Dessa vez como uma estocada de escorpião. Hadrian mergulhou para o lado, e o osso pontudo fincou na terra.

Ele correu para a frente.

O Gilarabrywn atacou com os dentes, mas Hadrian já esperava por isso. Na verdade, contava com isso. Na última fração de segundo, ele pulou para o lado. E foi por um triz, pois uma das presas cortou sua túnica e fez um ferimento no ombro. Mas valeu a pena. Ele agora estava a poucos centímetros da cabeça do monstro. Com todas as suas forças, Hadrian fincou o pequeno punhal de Royce num dos olhos do monstro.

O Gilarabrywn emitiu um guincho tão tenebroso que ensurdeceu Hadrian. E retrocedeu, batendo com as patas no chão. A pequena lâmina provocara um corte. O monstro sacudiu a cabeça, talvez tanto por descrença quanto pela dor, e fixou em Hadrian o olho que não fora atingido. Em seguida, pronunciou palavras tão cheias de veneno que Tomas não precisou traduzir.

O monstro abriu as asas e se ergueu no ar. Hadrian sabia o que estava para acontecer e amaldiçoou a própria estupidez por ter permitido que a criatura o atraísse para tão longe da trincheira. Jamais chegaria lá a tempo.

O Gilarabrywn guinchou e arqueou o dorso.

Ouviu-se um *tchac!* Uma rede feita de cordas e enrolada como uma trouxa surgiu no ar, como uma bola. Com pequenos pesos amarrados à borda, que se precipitava com mais velocidade que o centro, a rede se abriu como uma biruta gigantesca, envolvendo o monstro, que batia as asas para levantar vôo.

Com as asas emaranhadas na rede, o Gilarabrywn desabou sobre a encosta, causando um estrondo, e o impacto acabou de destruir o balaústre da escadaria do casarão, que voou longe e se espatifou numa nuvem de cinzas.

— Funcionou! — gritou Tobis do outro lado do morro, tão triunfante quanto surpreso.

Hadrian aproveitou a chance e, girando o corpo, atacou o monstro. Ao fazê-lo, percebeu que Theron o seguia.

— Eu mandei que saísse daqui, levando Thrace! — gritou Hadrian.

— Você precisa de ajuda! — gritou Theron em resposta. — Eu disse a Thrace que fosse para o poço.

— Por que você acha que ela vai obedecer mais a você do que você obedeceu a mim?

Hadrian chegou ao local onde o Gilarabrywn caíra, debatendo-se freneticamente, e lançou-se sobre a cabeça do monstro, desferindo uma seqüência de punhaladas no olho aberto. Com um guincho tenebroso, a criatura sacudiu as patas, rasgando a rede, e voltou a se colocar de pé.

Hadrian, concentrado em cegar o monstro, não percebera que havia pisado na rede. Quando a criatura se levantou, Hadrian perdeu o equilíbrio e caiu de costas no chão, perdendo o fôlego.

Cego, o monstro recorreu à cauda, varrendo a superfície do solo. Quando tentava se pôr de pé, Hadrian foi atingido violentamente pelo animal.

Hadrian rolou pelo chão, como uma boneca de pano, resvalando pelas cinzas até parar no meio da poeira, e ali permaneceu imóvel. Livrando-se totalmente da rede, o monstro farejou o ar e partiu em direção àquele que lhe causara dor.

— Não! — gritou Theron, e atacou. Correu em direção a Hadrian, achando que poderia arrastá-lo antes que o monstro cego o atacasse, mas a criatura foi rápida e alcançou Hadrian no mesmo instante em que Theron.

Theron pegou uma pedra e segurou a lâmina quebrada, que ainda estava em seu poder. Ele mirou no flanco exposto da criatura e, utilizando a rocha para bater, cravou a lâmina como se martela um prego. A iniciativa impediu que o Gilarabrywn matasse Hadrian, mas, ao contrário do que aconteceu quando Hadrian o apunhalara, o monstro não guinchou. Em vez disso, virou-se e deu uma gargalhada. Theron voltou a golpear a lâmina com a pedra, afundando mais o metal, mas o monstro não gritou. Ele pronunciou algumas palavras, mas Theron não as compreendeu. Então, facilmente adivinhando a posição do camponês, o Gilarabrywn o atacou com as garras.

Theron não dispunha da rapidez e da agilidade de Hadrian. Por mais forte que fosse para um homem da sua idade, não pôde se esquivar do golpe a tempo, e as grandes garras do monstro atingiram-no como quatro espadas.

— *Papai!* — gritou Thrace, chorando e correndo encosta cima em direção a Theron.

Do local onde se escondiam, Tobis e o anão atiraram uma pedra contra o Gilarabrywn, atingindo sua cauda. O monstro deu meia-volta e, enfurecido, partiu para cima deles.

Engatinhando no chão, Thrace arrastou-se até Theron, que jazia na encosta do morro, com várias fraturas. O braço esquerdo estava retorcido, inutilizado, e um dos pés virado em um ângulo absurdo. O peito estava encharcado de sangue, a respiração falhava e o corpo convulsio- nava.

— Thrace — foi tudo o que ele conseguiu dizer com uma voz fraca.

— Papai — disse ela, chorando e amparando-o com os braços.

— Thrace — repetiu ele, puxando-a para perto de si com a outra mão. — Eu tenho tanto... — Seus olhos se fecharam em consequência da dor. — Eu tenho tanto... or... orgulho de você.

— Ah... meu deus, papai... não. Não. Não! — gritou ela, sacudindo a cabeça.

Ela o abraçou com todo o vigor, tentando mantê-lo junto pura e simplesmente pela força do abraço. Não deixaria que ele partisse. Não poderia deixá-lo ir; ele era tudo o que lhe restava. Thrace soluçava e chorava, e, abraçada a ele, sentiu o instante em que ele partiu noite adentro.

Theron Wood morreu no chão esturricado, no meio de uma poça de sangue e poeira. Assim que ele se foi, o último resquício de esperança ao qual Thrace se agarrava, o último apoio com o qual ela contava no mundo, morreu também.

Restaram as trevas da noite, as trevas dos sentidos e as trevas do espírito. Thrace sentia-se sucumbindo nas três. Seu pai estava morto. Sua luz, sua esperança, seu sonho derradeiro... tudo se fora no momento em que seu pai dera o último suspiro. Nada restava no mundo que *a criatura* não lhe tivesse roubado.

A criatura matara sua mãe.

A criatura matara seu irmão, sua cunhada e seu sobrinho.

A criatura matara Daniel Hall e Jessie Caswell.

A criatura incendiara a aldeia.

A criatura matara seu pai.

Thrace levantou a cabeça e olhou encosta abaixo, fitando *a criatura*.

Nenhuma vítima por ela atacada resistira. Não restaram sobreviventes.

Ela se pôs de pé e avançou lentamente. Enfiou a mão na parte interna da capa e sacou a espada que mantivera escondida.

O monstro localizou a catapulta e a estraçalhou. Em seguida, deu meia-volta e, às cegas, começou a descer a colina, farejando o caminho. E não percebeu a presença da moça.

A espessa camada de cinzas provocada pelo próprio monstro abafava o som dos passos de Thrace.

— Não, Thrace! — gritou Tomas. — Fuja!

Ao ouvir o grito, o Gilarabrywn parou e apurou o faro, percebendo o perigo, mas incapaz de determinar de onde vinha. E voltou a cabeça em direção à voz.

— Não, Thrace! Não faça isso!

Thrace ignorou o clérigo. Ela não ouvia, não enxergava, não pensava. Já não estava naquela encosta. Já não estava em Dahlgren, mas dentro de um túnel, um túnel estreito que a levava a um destino inevitável... *à criatura*.

A criatura mata gente. É isso que ela faz.

O monstro farejou o ar. Thrace sabia que ele tentava localizá-la, buscando o odor do medo que produzia em suas vítimas.

Mas ela não sentia medo. A *criatura* havia destruído até isso.

Agora Thrace estava invisível.

Sem hesitação, temor, dúvida ou remorso, Thrace avançou em silêncio na direção do monstro gigantesco. Ela segurou a espada dos elfos com as mãos e ergueu-a acima da cabeça. Com todas as forças do seu corpo franzino, fincou a arma partida no corpo do Gilarabrywn. Mas não foi preciso grande esforço; a lâmina penetrou com facilidade.

O monstro emitiu um guincho, que exprimia surpresa e um medo mortal.

Em seguida, virou-se para Thrace, preparando-se para o ataque, mas era tarde demais. A espada penetrara até o cabo. O Gilarabrywn e as forças que o mantinham se esvaíram. Com o rompimento das forças que o preservavam, a energia anteriormente sugada foi devolvida ao mundo, causando uma violenta explosão. A erupção de forças atirou Thrace e Tomas no chão. A onda de choque desceu pela encosta da colina, irradiando-se em todas as direções, para além da desolação da mata incinerada, provocando uma revoada de pássaros noite adentro.

Perplexo, cambaleando, Tomas se levantou e aproximou-se da figura frágil e esbelta de Thrace Wood, no centro de uma vala onde o Gilarabrywn estivera por último. Reverente, o diácono avançou e se prostrou, de joelhos, diante da menina.

— Vossa Majestade Imperial — foi tudo o que ele disse.

Capítulo 15
A HERDEIRA DE NOVRON



O sol surgiu brilhante acima do Nidwalden. As nuvens haviam desaparecido e, no meio da manhã, o céu ficou claro e o ar mais frio. Uma leve brisa roçava a superfície do rio, formando pequenas ondulações, e o sol lançava sobre a correnteza uma luz dourada. Um peixe saltou e caiu de volta, espalhando água. Acima do rio, pássaros entoavam seu canto matinal e cigarras chiavam.

Royce e Arista estavam na margem, espremendo a água acumulada em suas roupas. Esrahaddon esperava.

— Belo manto — disse a princesa.

O mago apenas sorriu.

Arista sentiu um calafrio ao olhar para o outro lado das águas. As árvores na outra margem não eram iguais às que existiam na margem em que eles estavam, talvez uma espécie diferente. Para Arista, pareciam mais imponentes, mais eretas, com menos galhos baixos e troncos mais compridos. Elas eram notáveis, mas não havia sinal de civilização.

— Como é que a gente sabe que eles estão lá? — perguntou Arista.

— Os elfos? — indagou Esrahaddon.

— É que ninguém vê um elfo... — ela olhou de relance para Royce — um elfo puro... há séculos, certo?

— Eles estão lá. A essa altura, milhares deles, creio eu. Tribos antigas, cujas estirpes remontam ao início dos tempos. Os miralyith, mestres da Arte; os asendwayr, caçadores; os nilyndd, artífices; os eiliwin, arquitetos; os umalyn, espiritualistas; os gwydry, construtores navais; e os instarya, guerreiros. Todos ainda estão lá, um congresso de nações.

— Eles têm cidades, como nós?

— Talvez, mas não exatamente como as nossas. Existe a lenda de um local

sagrado, conhecido como Estramnadon. É o lugar mais sagrado da cultura dos elfos, ao menos até onde nós humanos sabemos. Dizem que Estramnadon fica do outro lado, nas profundezas da floresta. Alguns dizem que se trata da capital dos elfos, sede do reino; outros especulam que seja o jardim sagrado, onde a primeira árvore, plantada pela própria Muriel, ainda cresce, sob os cuidados dos Filhos de Ferrol. Ninguém sabe ao certo. E humano algum haverá de saber, pois os elfos não toleram a interação com estranhos.

— É mesmo? — disse a princesa, olhando para o ladrão com um sorriso brincalhão. — Se eu soubesse disso antes, talvez tivesse adivinhado a linhagem de Royce.

Royce ignorou o comentário e voltou-se para o mago.

— Suponho que você não vá voltar à aldeia.

Esrahaddon balançou a cabeça.

— Preciso ir embora antes que Luis Guy e sua matilha de cães de caça me localizem. Além disso, preciso ter uma conversa com o Herdeiro e tenho planos a fazer.

— Então isto é um adeus. Preciso voltar ao vilarejo.

— Lembrem-se de manter sigilo sobre o que vocês viram na torre... os dois.

— Engraçado, eu imaginava que o Herdeiro e seu guarda-costas fossem camponeses desconhecidos que vivessem em algum lugar... bem... como este vilarejo. Pessoas que eu não conhecesse.

— A vida nos surpreende, não é mesmo? — disse Esrahaddon.

Royce assentiu e se pôs em marcha.

— Royce — disse Esrahaddon à meia-voz, detendo-o. — Nós sabemos que o que aconteceu ontem à noite não foi agradável. Você precisa estar preparado para o cenário que vai encontrar.

— Você acha que Hadrian está morto — disse Royce secamente.

— Eu imaginaria que sim. Se estiver, saiba ao menos que a morte dele talvez tenha sido o sacrifício que salvou o mundo da destruição. E, embora isso não sirva de consolo para você, acho que ambos sabemos que o próprio Hadrian ficaria satisfeito.

Royce refletiu durante alguns instantes, meneou a cabeça e desapareceu mata adentro.

— Esse sem dúvida tem sangue de elfo — disse Arista, sacudindo a cabeça e sentando-se diante de Esrahaddon. — Não sei como não percebi antes. Vejo que está deixando a barba crescer.

— Só agora notou?

— Já tinha reparado, mas é que eu estava meio ocupada.

— Não tenho como me barbear, tenho? Enquanto eu estava em Gutaria isso não era problema, mas agora... Ficou ruim?

— A barba tem alguns fios cinzentos.

— Certamente. Eu tenho novecentos anos.

Ela viu que o mago fitava o outro lado do rio.

— Você deveria praticar a Arte. Seu desempenho na torre foi muito bom.

Ela revirou os olhos.

— Eu não consigo, não como você me ensinou. Faça a maioria das coisas que Arcadius demonstrou, mas é difícil aprender magia manual com um homem sem mãos.

— Você conseguiu ferver água e fez o guarda da prisão espirrar. Lembra-se?

— Sim, eu sou uma feiticeira e tanto, não sou? — disse ela com sarcasmo.

Ele suspirou.

— E a chuva? Voltou a praticar o encantamento da chuva?

— Não, e não vou fazê-lo. Eu agora sou embaixadora de Melengar. Isso tudo ficou para trás. Com o passar do tempo, é possível que as pessoas até esqueçam que fui acusada de bruxaria.

— Entendo — disse o mago, decepcionado.

A princesa estremeceu mais uma vez com o ar gelado da manhã e passou os dedos pelos cabelos, mas eles ficaram presos nos cachos. Seu vestido estava amarrutado e manchado.

— Estou horrível, não acha?

O mago se manteve calado. Parecia estar pensando.

— Então — disse ela —, o que vai fazer quando encontrar o Herdeiro?

Esrhaddon apenas olhou para ela.

— É segredo?

— Por que não me pergunta o que realmente deseja saber, Arista?

Ela tentou parecer ingênua e ofereceu a ele um leve sorriso.

— Não estou entendendo.

— Você não está aqui, tremendo de frio neste vestido encharcado, alimentando

essa conversa-fiada por nada. Tem alguma segunda intenção.

— Segunda intenção? — perguntou Arista com um ar não muito convincente, mesmo para si própria. — Não sei do que está falando.

— Você quer saber se a versão da Igreja sobre a morte do seu pai é verdadeira ou falsa. Está achando que a usei como moeda de troca. Quer saber se a enganei, e fiz de você uma cúmplice involuntária na morte do seu pai.

Não havia mais por que fingir. Ela ficou perplexa, impressionada com a franqueza do mago, mal conseguindo respirar. Nada respondeu, apenas meneou a cabeça em sinal de afirmação.

— Desconfiei que eles iriam atrás de você porque não conseguiam seguir minha trilha.

— Foi mesmo você? — perguntou ela, recuperando a voz. — Foi você o responsável pela morte do meu pai?

Esrhaddon deixou que o silêncio pairasse entre os dois durante alguns instantes e enfim respondeu.

— Sim, Arista. Fui eu.

De início a princesa não disse uma palavra sequer. Ela duvidava do que acabara de ouvir. Lentamente, começou a balançar a cabeça, para a frente e para trás, incrédula.

— Como... — começou a dizer Arista. — Como você pôde fazer algo assim?

— Nada que eu, ou qualquer outra pessoa, possa dizer vai explicar a situação... não por enquanto. Talvez um dia você compreenda.

Lágrimas surgiram nos olhos da princesa. Ela as enxugou e encarou o mago.

— Antes que você me julgue, e sei que o fará, lembre-se de uma coisa. Atualmente, a Igreja de Nyphron está tentando convencê-la de que sou um demônio, um apóstolo de Uberlin. Você deve estar achando que eles têm razão. Antes de me condenar para sempre e correr para abraçar o patriarca, tente responder às seguintes questões: quem aprovou sua admissão à Universidade de Sheridan? Quem convenceu seu pai, que desaprovava seu ingresso, a permitir que você freqüentasse a universidade? Como você descobriu sobre minha existência? Como consegui entrar num cárcere secreto cuja existência era do conhecimento de poucas pessoas? Por que ensinar a você o uso de travas acionadas por pedras preciosas? E não é interessante que a pedra que você utilizava para abrir a porta de seu quarto fosse a mesma do anel que destravava a porta do cárcere? E como foi que uma jovem, princesa ou não, conseguia entrar no Cárcere de Gutaria e sair de lá livremente, não apenas uma ou duas vezes, mas diversas vezes, meses a fio, sem que tal atividade fosse questionada ou

informada ao rei, seu pai?

— O que está insinuando?

— Arista — disse o mago —, tubarões não comem peixe porque gostam de frutos do mar, mas porque galinha não sabe nadar. Todos fazemos o melhor possível com o que temos, mas em algum momento devemos nos perguntar de onde veio aquilo que temos.

Ela o encarou.

— Você sabia que eles matariam meu pai. Você contava com isso. Sabia até que, no fim, eles matariam Alric e a mim, e mesmo assim fingiu ser meu amigo, meu mestre. — O rosto dela endureceu. — O período letivo chegou ao fim. — Ela deu as costas e se afastou.

Quando chegou à beira da floresta queimada, Royce avistou uma série de barracas coloridas armadas em volta da clareira que ficava no centro do vilarejo. As barracas exibiam estandartes da Igreja de Nyphron, e ele viu também vários sacerdotes, além de integrantes da guarda imperial. Outras pessoas caminhavam lentamente pela encosta, nas proximidades do velho castelo, mas ele não reconhecia os presentes.

Royce se manteve escondido entre as árvores e ouviu o barulho de um galho quebrando a poucos metros. Dando a volta, localizou Magnus agachado entre os arbustos. O anão se assustou e deu um salto, caindo de costas no chão enquanto Royce se aproximava.

— Calma — sussurrou Royce, sentando-se ao lado do anão, que, bastante nervoso, olhava para o ladrão.

Royce, olhando a encosta, se deu conta de que o anão encontrara um local excelente para observar o acampamento. Tratava-se de um aclave, atrás de um conjunto de árvores queimadas, mas parte da vegetação rasteira havia sobrevivido. Daquela posição, eles avistavam perfeitamente as entradas de todas as barracas, o estábulo improvisado e as latrinas. Royce estimou que houvesse cerca de trinta homens no acampamento.

— O que você ainda está fazendo por aqui? — perguntou Royce.

— Eu estava fazendo uma espada para seu parceiro. Mas agora vou embora.

— O que aconteceu?

— Hein? Ah... Theron e Fanen foram mortos.

Royce meneou a cabeça, sem demonstrar surpresa ou pesar.

— E Hadrian? Sobreviveu?

O anão assentiu e procedeu ao relato dos eventos ocorridos na noite anterior.

— Depois que a criatura morreu, ou foi desencantada, ou sei lá o quê... Tomas e eu examinamos Hadrian. Ele estava inconsciente, mas vivo. Nós o agasalhamos com um cobertor e improvisamos uma barraca para ele, para Pickering e para o soldado de Melengar. Antes que o sol raiasse, o bispo Saldur e sua comitiva voltaram, trazendo duas carroças. Pelo jeito, ou Guy informou o que tinha acontecido e o bispo voltou com reforços, ou então eles ouviram quando o monstrinho morreu. Eles pararam e, rápidos como coelhos, armaram as barracas e começaram a preparar uma refeição matinal. Eu avistei a sentinela entre as tropas e por isso me escondi aqui em cima. Eles levaram Hadrian, Hilfred e Mauvin para aquela barraca branca, e logo depois designaram um soldado para vigiá-la.

— Foi só isso?

— Bem... eles mandaram um pelotão enterrar os mortos. A maioria foi enterrada no topo do morro, perto do castelo, inclusive Fanen, mas Tomas criou o maior caso, e eles levaram Theron trilha abaixo, até aquele sítio perto do rio, e o enterraram lá.

— Você não se esqueceu de mencionar que encontrou meu punhal?

— O Alverstone? Achei que estivesse com você.

— E está — disse Royce.

Magnus enfiou a mão na bota e praguejou.

— Quando você investigou meu passado, deve ter esbarrado no fato de que, na juventude, eu sobrevivi batendo carteira.

— Pois é... cheguei a ver isso, sim — rosnou o anão.

Royce desembainhou o Alverstone e encarou o anão.

— Olha, lamento muito por ter matado aquele rei maldito. Aquilo foi só um serviço para o qual fui contratado, está bem? Eu não teria aceitado se ele não representasse um grande desafio na construção da torre. Não sou assassino. Não tenho competência sequer para ser considerado um guerreiro. Sou um artesão. A bem da verdade, sou perito em armas. Essa é a minha maior paixão, mas todos os anões sabem trabalhar com pedra, por isso fui contratado para fazer aquele trabalho na torre. Então o serviço mudou, e, depois de meio ano de trabalho, se não apunhalasse o velho, eu não seria pago. Em retrospecto, vejo que deveria ter recusado, mas não fiz isso. Eu não sabia nada a respeito dele. Talvez fosse mau rei; talvez merecesse morrer; Braga com certeza achava isso, e era cunhado dele. Eu tento não me meter em questões dos humanos, mas acabei me envolvendo. Eu não queria; não procurei aquilo; simplesmente aconteceu. E

alguma outra pessoa teria feito o mesmo se eu recusasse.

— O que o faz pensar que me importo com o fato de você ter matado o rei Amrath? Nem me preocupo com a armadilha da torre. O seu erro foi ter fechado aquela porta.

Magnus se afastava, centímetro por centímetro.

— Matar você seria tão fácil... não, mais fácil do que matar um porco cevado. O desafio seria infligir o máximo de dor antes de matá-lo.

A boca de Magnus se abriu, mas nenhuma palavra foi pronunciada.

— Mas você é um anão sortudo, porque tem um sujeito dentro daquela barraca que não gostaria que eu o matasse... Um sujeito que você agasalhou com um cobertor e protegeu com uma barraca improvisada.

Lá embaixo, Royce avistou Arista entrando no acampamento. Ela falou com um guarda, que apontou para a barraca branca. A princesa correu até lá.

Royce voltou a olhar para o anão e disse, com clareza e serenidade:

— Se tocar mais uma vez no Alverstone sem minha permissão, mato você.

Magnus dirigiu a Royce um olhar amargurado. Em seguida, sua expressão se alterou e ele ergueu uma sobrancelha.

— Sem sua *permissão*? Quer dizer que existe a possibilidade de você *permitir* que eu examine o punhal?

Royce revirou os olhos.

— Eu vou tirar Hadrian de dentro daquela barraca. Você vai roubar dois cavalos do bispo e levá-los até a barraca branca sem ser visto.

— E aí a gente conversa sobre essa tal *permissão*?

Royce suspirou.

— Eu já disse que odeio anões?

— Mas, Vossa Excelência... — protestou o diácono Tomas, dentro da grande barraca listrada, diante do bispo Saldur e de Luis Guy. A figura do clérigo gorducho, em seu hábito roto, sujo de cinza e poeira, o rosto borrado de fuligem, os dedos enegrecidos, não causava boa impressão.

— Veja seu estado, Tomas — disse o bispo Saldur. — Você está tão exausto que parece prestes a tombar a qualquer instante. Os últimos dois dias foram difíceis, e faz meses que você tem vivido sob tremendo estresse. É natural que tenha tido visões no escuro. Ninguém pode culpá-lo. E ninguém aqui acha que você esteja mentindo. Sabemos que, neste momento, você acredita que viu essa aldeã

destruir o Gilarabrywn, mas acho que, depois que se deitar e cochilar um pouco, você vai acordar e perceber que estava enganado sobre várias questões.

— Eu não preciso de um cochilo! — gritou Tomas.

— Acalme-se, diácono — retorquiu Saldur, levantando-se bruscamente. — Lembre-se na presença de quem você está.

O diácono se intimidou, e Saldur suspirou aliviado. Sua fisionomia assumiu o tal ar de avô bonachão, e ele passou o braço por cima dos ombros do subalterno, dando-lhe uns tapinhas.

— Vá para uma das barracas e descanse um pouco.

Tomas hesitou, deu meia-volta e deixou Saldur e Luis Guy a sós.

O bispo desabou numa cadeira estofada, ao lado de uma tigela de frutas vermelhas colhidas por um criado diligente. Ele enfiou duas frutinhas na boca. Estavam azedas, e Saldur fez uma careta. Apesar de ser cedo, o bispo ansiava por uma taça de brandy, mas nenhuma garrafa sobrevivera à fuga do castelo. Somente pela graça de Maribor as barracas e os suprimentos do acampamento tinham sobrevivido, pois, por pura preguiça, haviam sido deixados nas carroças quando a comitiva chegara ao casarão. No tumulto da fuga, não deram grande atenção aos mantimentos.

O simples fato de ele ter sobrevivido já constituía um milagre. Não se lembrava de como havia atravessado o pátio, ou de como chegara aos portões. Supunha que houvesse descido correndo a encosta do morro, mas não se recordava de tê-lo feito. Suas lembranças eram como um sonho, vago e evanescente. Recordava-se apenas de ter ordenado ao cocheiro que batesse nos cavalos. O idiota queria esperar pelo arcebispo. O velho mal conseguia caminhar e, no momento em que as labaredas explodiram, os criados o abandonaram. O arcebispo tinha tantas chances de sobreviver quanto Rufus.

Com a morte do arcebispo Galien, o comando dos interesses da Igreja em Dahlgren coube a Saldur e Guy. Os dois herdaram um desastre de proporções míticas. Estavam isolados naquele fim de mundo, diante de decisões cruciais. O encaminhamento de tais decisões decidiria o destino das gerações futuras. Quem de fato detinha autoridade era algo que não estava bem definido. Saldur era um bispo, um líder devidamente designado, ao passo que Guy não passava de um oficial da guarda, cuja jurisdição se restringia principalmente aos insurgentes dentro da própria Igreja. Contudo, a sentinela interagiu diretamente com o patriarca. Saldur gostava de Guy, mas a admiração do bispo pela eficiência da sentinela não o impediria de sacrificá-la caso necessário. O bispo tinha certeza de que, se ainda contasse com os cavaleiros, Guy teria usurpado o comando, e a ele não restaria alternativa, exceto aceitar a situação. No entanto, os serets estavam

mortos e o próprio Guy estava ferido. Como Galien também estava morto, uma porta se abriu, e Saldur pretendia ser o primeiro a cruzá-la.

Saldur olhou para Guy.

— Como pôde permitir que isso acontecesse?

A sentinela, com o braço na tipoia e o ombro enfaixado, contraiu-se.

— Perdi sete homens excelentes e escapei por um triz. Eu não usaria a palavra *permitir*.

— E como foi que um bando de camponeses derrotou os temíveis serets?

— Não eram camponeses. Dois eram Pickering, e outro era Hadrian Blackwater.

— Quanto aos Pickering eu posso entender, mas Blackwater? Ele não passa de um vagabundo.

— Não, ele é mais do que isso... ele e o parceiro.

— Royce e Hadrian são exímios ladrões. Comprovaram isso em Melengar e em Chadwick. O coitado do Archibald ainda tem acessos de raiva quando se lembra deles.

— Não — disse Guy. — Acho que são mais do que isso. Blackwater tem conhecimento das técnicas de luta dos teshlor, e o amigo dele, Royce Melborn, é um elfo.

Saldur piscou.

— Um elfo? Tem certeza?

— Ele se faz passar por humano, mas tenho certeza.

— E já os encontramos duas vezes em companhia de Esrahaddon — murmurou Saldur, preocupado. — Esse tal Hadrian ainda está por aqui?

— Está na barraca da enfermaria.

— Designe um guarda para vigiá-lo imediatamente.

— Ele está sob vigia desde que foi levado para a barraca. Nós devemos nos preocupar é com a moça. Ela vai nos dar trabalho se não fizermos algo — disse Guy, e desembainhou o cabo da espada. — Está tão consternada com a morte do pai... não seria surpresa caso se lançasse catarata abaixo num ataque de desespero...

— E Tomas? — perguntou Saldur, pegando mais um punhado de frutas vermelhas. — E evidente que ele não vai ficar calado. Você vai matá-lo também? Que desculpa vai dar para a morte dele? E toda essa gente aqui do acampamento, que passou a manhã inteira ouvindo o homem dizer que ela é a

Herdeira? Vamos matar todos? Se fizermos isso, quem vai carregar nossa bagagem de volta a Ervanon? — acrescentou ele com um sorriso.

— Não estou vendo a graça — retorquiu Guy, voltando a enfiar a espada na bainha.

— Talvez porque não esteja olhando a coisa do jeito certo — disse Saldur. Guy era um cão de guarda bem-adestrado e cruel, mas carecia de imaginação. — E se não a matássemos? Se a coroássemos imperatriz?

— Uma camponesa? Imperatriz? — disse Guy em tom de zombaria. — Você enlouqueceu?

— Acho que nenhum de nós, nem mesmo o patriarca, estava muito satisfeito com a designação de Rufus, apesar da força política que ele tinha. Além de cabeçadura, ele era um imbecil... poderoso, mas imbecil. Todos achávamos que ele teria de ser eliminado no decorrer de um ano, o que lançaria o jovem império num estado de caos. Não seria muito melhor ter uma imperatriz que, desde o início, fizesse tudo o que lhe fosse ordenado?

— Mas como faríamos com que os nobres a aceitassem?

— Não precisaríamos — disse Saldur, e um sorriso surgiu em seu rosto enrugado.

— Vamos fazer com que a plebe a aceite.

— Como assim?

— O movimento nacionalista de Degan Gaunt comprovou que a plebe tem força. Condes, barões e até reis têm medo da força que aquele plebeu é capaz de reunir. Uma palavra dele pode deflagrar uma revolta entre os camponeses. Os lordes teriam de matar os próprios subalternos, a própria fonte de receita, só para preservar a ordem. Isso os deixa com duas opções igualmente indesejáveis: pobreza ou morte. Os proprietários de terra farão qualquer coisa para evitar uma situação dessas. E se nos aproveitarmos disso? Os camponeses já reverenciam a Igreja. Eles seguem nossos ensinamentos como verdades divinas. Não seria uma grande inspiração se lhes oferecêssemos uma líder que saísse de seu meio? Uma líder que pertencesse à classe deles e que compreendesse verdadeiramente o drama dos pobres, dos imundos, dos miseráveis? Ela não seria apenas uma rainha camponesa, mas também a Herdeira de Novron, e quantas expectativas não haveriam de girar em torno disso? Na hora de maior necessidade, Maribor, mais uma vez, entrega ao seu povo uma figura divina que há de nos indicar o caminho para sairmos das trevas. Nós poderíamos despachar bardos aos quatro cantos, espalhando a lenda épica da moça pura e casta que matou o demônio dos elfos que nem mesmo o lorde Rufus foi capaz de eliminar. A lenda pode se chamar *A maldição de Rufus*. Sim, gostei... muito melhor do que o impronunciável *Gilarabrywn*.

— Mas será que podemos convencê-la a fazer a parte dela? — perguntou Guy.

— Você a viu. Está quase em estado de choque. Não apenas ela não tem para onde ir, sem amigos, sem parentes, sem dinheiro, sem posses... além disso tudo, está emocionalmente arrasada. Acho que cortaria os próprios pulsos se tivesse uma faca. E o melhor de tudo isso é que, depois que a fizermos imperatriz, depois que garantirmos o apoio do povo, nobre algum vai se atrever a nos desafiar. Podemos fazer o mesmo que planejamos com Rufus. E, em vez de um assassinato desastrado que sem dúvida levantaria suspeitas, no caso da moça, podemos simplesmente arranjar um casamento. O marido governa como imperador, e nós a trancafiamos em algum quarto escuro, exibindo-a nas Festas do Inverno.

Guy sorriu diante da idéia.

— Você acha que o patriarca vai concordar com isso? — perguntou Saldur. — Talvez seja aconselhável enviarmos um emissário ainda hoje.

— Não, a questão é importante demais. Eu mesmo vou. Partirei assim que arrear meu cavalo. Nesse ínterim...

— Nesse ínterim, vamos anunciar que estamos considerando a possibilidade de que essa moça seja a Herdeira, mas que só a aceitaremos após uma completa investigação. Assim ganharemos cerca de um mês. Se o patriarca concordar, poderemos enviar agitadores que incitem as massas com boatos de que a Igreja está sendo forçada pelos nobres e pelos reis a não apontar a moça como Herdeira legítima. O povo vai denunciar nossos inimigos e exigir que ela seja entronada antes mesmo que nós a proclamemos.

— Ela vai ser o fantoche perfeito — disse Guy.

Saldur ergueu os olhos, vislumbrando o futuro.

— Uma jovem inocente atrelada a uma lenda mítica. Seu belo nome estará em todo lugar, e ela será amada. — O bispo fez uma pausa e refletiu. — Qual é mesmo o nome dela?

— Acho que Tomas a chama de... Thrace.

— Jura? — disse Saldur, fazendo uma careta. — Tudo bem, o nome pode ser mudado. Afinal, ela agora nos pertence.

Royce olhou ao redor. Não havia um guarda sequer de prontidão do lado de fora. Vários ainda se movimentavam pelo topo do morro, mas estavam tão longe que poderiam ser ignorados. Satisfeito, ele passou por baixo de uma das laterais da barraca branca. No interior, encontrou Tobis, Hadrian, Mauvin e Hilfred em camas de campanha. Hadrian estava sem camisa, com o tórax e a cabeça enfaixados, mas estava acordado e sentado. Mauvin, embora ainda pálido, estava

consciente, com ataduras que brilhavam de tão brancas. Hilfred estava enfaixado como uma múmia, e Royce não teve como saber se ele estava acordado ou dormindo. Arista debruçava-se sobre a cama de Hilfred, cuidando dele.

— Eu estava me perguntando quando você viria aqui — disse Hadrian.

Arista se virou.

— Sim, não achei que você fosse demorar tanto.

— Desculpem. Vocês sabem como é: quando está se divertindo, perde-se a noção do tempo. Mas achei suas armas. Você fica tão aborrecido quando se separa das espadas. Está em condições de montar?

— Se consigo andar, por que não? — Hadrian levantou um dos braços, e Royce ofereceu-lhe o ombro, ajudando-o a se levantar.

— E eu? — perguntou Mauvin, pressionando o quadril com uma das mãos e sentando-se na cama. — Vocês não vão me deixar aqui, vão?

— Vocês têm de levá-lo — declarou Arista. — Ele matou dois homens de Guy.

— Está em condições de montar? — perguntou Royce.

— Com um cavalo embaixo de mim, eu posso ao menos me agarrar nele.

— E Thrace? — perguntou Hadrian.

— Acho que você não precisa se preocupar com ela — disse Royce. — Acabei de passar pela barraca do bispo. Tomas está exigindo que eles a coroem imperatriz.

— Imperatriz? — disse Hadrian, estupefato.

— Ela matou o Gilarabrywn diante do diácono. Acho que ele ficou bastante impressionado.

— Mas e se resolverem não fazer isso? Não podemos abandoná-la.

— Não se preocupem com Thrace — disse Arista. — Eu cuido dela. Agora, vocês todos precisam sair daqui.

— Theron queria que ao menos um dos seus filhos fosse bem-sucedido — murmurou Hadrian —, mas imperatriz?

— Vocês não têm tempo a perder — disse Arista, ajudando Royce a levantar Mauvin. Ela beijou e abraçou fraternalmente os três e então os empurrou, como uma mãe que manda os filhos para a escola.

Do lado de fora da barraca, Magnus os aguardava com três cavalos encilhados. Nervoso, o anão olhou ao redor e sussurrou:

— Eu juro que vi guardas vigiando esta barraca hoje cedo.

— E viu mesmo — respondeu Royce. — Três cavalos... você leu a minha mente.

— Achei que eu também precisaria de um — respondeu o anão, apontando para os estribos mais curtos. Em seguida, olhou para Mauvin e franziu o cenho. — Pelo jeito, vou ter de conseguir outro.

— Nada disso — sussurrou Royce. — Você vai na garupa de Mauvin. Terá que ir devagar; não o deixe cair da sela.

Royce ajudou Hadrian a montar numa égua cujo pelo tinha uma tonalidade cinzenta e então deu uma risadinha.

— O que foi? — perguntou Hadrian.

— A Rata.

— Como?

Royce apontou para o cavalo que Hadrian montava.

— Entre todos os animais que poderia ter escolhido, o anão roubou a Rata.

Royce os levou para fora do acampamento, conduzindo os cavalos pela terra esturricada, cujas cinzas dificultam-lhes os movimentos. Ele manteve os olhos fixos nos guardas ao longe. Não houve alarmes, ninguém pareceu notar a retirada, e em breve eles haviam se embrenhado na folhagem da floresta. Ao chegar à mata, Royce deu meia-volta e seguiu em direção ao rio, a fim de despistar qualquer um que resolvesse seguir o rastro deles. Quando estavam a salvo numa clareira próxima ao Nidwalden, Royce pediu que o aguardassem ali enquanto ele voltava ao vilarejo.

Então ele se esgueirou pela mata até o limite da área queimada. O acampamento permanecia como antes. Satisfeito com a fuga, Royce voltou para a beira do rio, descendo a trilha que dava acesso ao sítio dos Wood. Inexplicavelmente, o fogo não havia chegado até ali, e o local estava intacto. Havia, no entanto, uma alteração no centro do quintal: onde pela primeira vez eles tinham avistado o velho lavrador afiando a foice via-se um montículo de terra, cercado por uma fileira de pedras retiradas das paredes da casa. Numa das extremidades, fincada no solo, havia uma tabuleta, com os seguintes dizeres gravados a fogo:

*THERON WOOG
CAMPONÊS*

Royce leu também uma inscrição quase apagada logo abaixo: Pai da imperatriz. Enquanto lia os dizeres, Royce percebeu algo... um calafrio que o deixou com os cabelos arrepiados. Estava sendo observado. Com a visão periférica, ele captou uma figura em meio às árvores. Outra estava posicionada à sua esquerda. E

havia outras atrás dele. Virando-se, apurou a visão, a fim de ver de quem se tratava... e nada. Ele enxergava apenas árvores. Olhou à esquerda e, mais uma vez, ninguém. Ficou quieto, com os ouvidos atentos. Nenhum graveto estalava, nenhuma folha se mexia, mas ele ainda sentia as presenças.

Afastando-se da clareira, ele adentrou a mata e deu a volta. Avançou o mais silenciosamente possível e, quando parou, estava só.

Royce ficou perplexo. Procurou rastros onde tinha visto as figuras, mas nada encontrou, nem mesmo uma folha amassada na relva. Finalmente desistiu e voltou ao local onde deixara os demais.

— Tudo bem? — perguntou Hadrian, montado na Rata, com o sol refletindo nos ombros nus e o peito enfaixado em bandagens largas.

— Acho que sim — disse ele, enquanto subia em sua montaria.

Então ele os conduziu em direção ao sudoeste, pelos morros próximos às cataratas, seguindo floresta adentro a trilha de um cervo. Era a mesma trilha que ele havia encontrado quando procurava um túnel de acesso à torre. Aparentemente, Hadrian e Mauvin estavam mais restabelecidos do que seria de se esperar, embora ambos estremeassem de dor a cada vez que a montaria pisava em falso.

Royce continuava a olhar por cima do ombro, mas não havia pessoa alguma.

No meio da tarde, saíram da mata e alcançaram a estrada principal, que, no sentido sul, os levaria a Alburn. Naquele ponto, fizeram uma parada a fim de verificar o estado das bandagens que enfaixavam Mauvin e Hadrian. Os ferimentos de Mauvin tinham voltado a sangrar, mas não muito, e Magnus se revelou um enfermeiro quase tão eficiente quanto o fabricante de espadas que era e preparou uma bela atadura. Royce revirou os alforjes e encontrou uma camisa para Hadrian.

— Acho que vamos ficar bem — disse Royce, examinando o estoque de mantimentos. — Com um pouco de sorte, chegaremos a Medford em uma semana.

— Você está com pressa, não é? — perguntou Hadrian.

— Digamos que sim.

— Está pensando em Gwen?

— Acho que está na hora de contar a ela algumas coisas a meu respeito.

Hadrian sorriu e concordou.

— Você acha que Thrace vai sobreviver?

— Parece que Tomas está cuidando muito bem dela.

— Você acha que eles vão mesmo coroá-la imperatriz?

— De jeito nenhum — disse Royce, sacudindo a cabeça. — O que você pretende fazer agora? — perguntou Royce a Magnus.

O anão encolheu os ombros.

— Quer dizer que você não vai me matar?

— Não vou matar, mas sua ex-patroa, a Igreja, talvez faça isso agora que você se voltou contra ela. Vai sair à sua caça, assim como vai atrás de Mauvin e de Hadrian. E, sem o apoio dela, você não vai durar muito. As cidades de Avryn não simpatizam muito com sua raça.

— Ninguém simpatiza.

— Eu sei — disse Royce, e suspirou. — Conheço um local bem escondido, onde talvez você possa ficar. Um local que não deverá ser visitado pela Igreja, Os habitantes precisam de um artesão experiente como você, que saiba trabalhar com pedra.

— Qual é a atitude deles em relação aos anões?

— Acho que você não vai ter problema algum. São do tipo de gente que gosta de todo mundo.

— Eu bem que gostaria de voltar a trabalhar como pedreiro — disse Magnus, assentindo.

— Myron vai enlouquecer Magnus com essa idéia de deixar o mosteiro exatamente como antes — disse Hadrian. — Eles já estão no quinto construtor...

— Eu sei — respondeu Royce com um sorrisinho.

Royce montou novamente na Rata enquanto Magnus se adiantou, no intuito de verificar como Mauvin estava.

Hadrian deu uma sacudidela na camisa antes de enfiar um dos braços na manga.

— Arista me disse que vocês dois estiveram com Esrahaddon na torre ontem à noite. Ela falou que ele precisava de ajuda com alguma coisa, mas não me disse o que era.

— Ele estava usando a torre para procurar pelo Herdeiro de Novron — respondeu Royce.

— E o encontrou?

— Acho que sim, mas você conhece Esra. É difícil ter certeza das coisas quando se lida com ele.

Hadrian concordou e fez uma careta enquanto vestia a camisa por cima dos

ombros.

— Tudo bem aí?

— Você já tentou se vestir com as costelas quebradas? Não é tão fácil.

Royce continuou a olhar para ele.

— O que foi? Estou divertindo você? — perguntou Hadrian.

— E que você usa esse medalhão de prata desde que nos conhecemos, mas nunca me disse onde foi que o conseguiu.

— Hein? Isto aqui? — disse Hadrian. — Eu tenho este medalhão desde que me entendo por gente. Herança do meu pai.

FIM

Glossário de Termos e Nomes

ABADIA DOS VENTOS: Monastério dos Monges de Maribor, perto do Lago Windermere, na região oeste de Melengar.

ADDIE WOOD: Mãe de Thrace, esposa de Theron.

ALABARDA: arma composta de longa haste, rematada por peça pontiaguda de ferro, atravessada por lâmina em forma de meia-lua.

ALBERT WINSLOW, VISCONDE: Nobre sem-terra, utilizado pela Riyria para obter a contratação de serviços por parte da aristocracia.

ALBURN: Reino de Avryn, governado pelo Rei Armand e pela Rainha Adeline.

ALENDIA LANAKLIN, DAMA: Filha do marquês Victor Lanaklin e irmã do Irmão Myron, monge da Abadia dos Ventos.

ALLIE: Filha de Wyatt Deminthal.

ALRIC BRENDON ESSENDON, PRÍNCIPE: Membro da família real de Melengar, filho de Amrath, irmão de Arista.

ALVERSTONE: punhal de Royce.

AMBROSE MOOR: Administrador da Prisão e Salina de Manzan.

AMRATH ESSENDON, REI: Governante de Melengar, pai de Alric e Arista.

AMRIL, CONDESSA: Mulher da nobreza, a quem Arista enfeitiçou, provocando-lhe furúnculos pelo corpo.

ANTUN BULARD: Historiador e autor da obra *A História de Apeladorn*.

APELADORN: Quatro nações de homens, incluindo Trent, Avryn, Delgos e Cális.

AQUESTA: Capital do reino de Warric.

ARCADIUS VINTARUS LATIMER: Professor de mitologia da Universidade de Sheridan.

ARCHIBALD BALLENTYNE: Conde de Chadwick

ARISTA ESSENDON, PRINCESA: Membro da família real de Melengar, filha de Amrath, irmã de Alric.

ARMAND, REI: Governante de Alburn, casado com Adeline.

ARTE, Æ: Magia, temida por nobres e plebeus supersticiosos.

ARVID MCDERN: Filho de Dillon McDern, de Dahlgren.

AVEMPARTHA: Antiga torre dos elfos.

AVRYN: A mais central e mais poderosa das quatro nações de Apeladorn, situada entre Trent e Delgos.

BAÍA DE TERLANDO: Porto de Tur Del Fur.

BALLENTYNE: Família que comanda o condado de Chadwick.

BA RAN GHAZEL: Duendes do mar.

BELINDA PICKERING: Bela esposa do conde Pickering, mãe de Lenore, Mauvin, Fanen e Denek.

BELSTRADS: Família de cavaleiros de Chadwick, que inclui as figuras de Sir Breckton e Wesley.

BERNICE: Dama de companhia da princesa Arista.

BETHAMY, REI: Governante que, supostamente, deixou ordens para que seu cavalo fosse enterrado na mesma cova que ele.

BLACKWATER: Sobrenome de Hadrian e de seu pai, Danbury.

BOCANT: Família que estabeleceu um comércio lucrativo com carne suína; segunda família mais rica de comerciantes de Colnora.

BOTHWICKS: Família de camponeses de Dahlgren.

BRECKTON BELSTRAD, SIR: Filho de Lorde Belstrad, cavaleiro de Chadwick, considerado por muita gente o melhor cavaleiro de Avryn.

BRODIC ESSENDON: Fundador da Dinastia de Essendon.

BYRNIE: Túnica (geralmente, sem mangas), confeccionada de malha de aço, usada antigamente como armadura.

CALIANO: Relativo à nação de Cális.

CALIANOS: Habitantes da nação de Cális; indivíduos de tez morena e olhos amendoados.

CÁLIS: Das quatro nações que constituem Apeladorn, a que se situa mais a sudeste, considerada exótica e em constante conflito com os Ba Ran Ghazel.

CAMAREIRO: Indivíduo encarregado de gerenciar a casa de um rei ou de um nobre.

CAMPOS DE DRONDIL: Castelo do conde Pickering, antiga fortaleza de Brodic Essendon, antiga sede de Melengar.

CASA DE MEDFORD: Bordel administrado por Gwen DeLancy, funcionando ao lado da taverna Rosa e Espinho.

CASTELO DE BLYTHIN: Castelo em Alburn.

CASTELO DE ESSENDON: Residência dos reis de Melengar.

CASWELL: Família de camponeses de Dahlgren.

CATEDRAL DE MARES: Sede da Igreja de Nyphron em Melengar, comandada pelo bispo Saldur.

CENZARS: Magos do antigo Império Novroniano.

CHAVE DE PEDRA: Pedra capaz de abrir uma "fechadura de pedra".

COLNORA: Maior e mais próspera cidade de Avryn; com inclinação para atividade comercial, a cidade cresceu no cruzamento de várias rotas mercantes.

COSMOS DELUR: Habitante mais rico de Colnora.

CUTTER: Assassino do Diamante Negro, melhor amigo de Royce, namorado de Jade.

DAGASTAN: Maior porto comercial de Cális.

DAHLGREN: Vilarejo remoto, nas margens do rio Nidwalden.

DANBURY BLACKWATER: PAI DE HADRIAN

DANTHEN: Lenhador de Dahlgren.

DAREF, LORDE: Nobre de Warric, ligado a Albert Winslow.

DARIUS SERET: Fundador dos Cavaleiros de Seret.

DAVENS, ESCUDEIRO: Rapaz pelo qual Arista se apaixonara na juventude.

DEGAN GAUNT: Líder dos Nacionalistas.

DELANO DEWITT, BARÃO: Nobre que contrata Hadrian para furtar a espada do conde Pickering.

DELGOS: Uma das quatro nações de Apeladorn; sendo a única república num mundo de monarquias, Delgos se rebelou contra o Império, depois que Glenmorgan III foi assassinado e depois que a república sobreviveu a um ataque dos Ba Ran Ghazel, sem qualquer auxílio do império.

DELORKAN, DUQ UE: Nobre caliano.

DELUR: Família de comerciantes ricos

DENEK PICKERING: Filho caçula ao conde Pickering.

DIAMANTE NEGRO, GUILDA: Corporação internacional de ladrões, sediada em Colnora.

DILLON MCDERN: Ferreiro de Dahlgren.

DIOYLION: Pergaminho raro, CARTAS RECOLHIDAS DE DIOYLION.

DISTRITO BAIXO: Área pobre da cidade de Medford.

DIXON TAFT: Bartender e gerente da taverna Rosa e Espinho.

DROME: Deus dos anões.

DRUMINDOR: Fortaleza construída pelos anões, situada à entrada da baía de Terlando, em Tur Del Fur.

DRUNDEL: Família de camponeses de Dahlgren, constituída por Mae, Went, Davie e Firth.

DUSTER: Apelido de Royce, enquanto integrante da Diamante Negro.

ECTON, SIR: Principal cavaleiro do conde Pickering e general de Melengar.

EDMUND HALL: Professor de geometria da Universidade de Sheridan, supostamente fundador de Percepliquis, declarado herege pela Igreja de Nyphron e aprisionado na Torre da Coroa.

ELAN: O mundo.

ELDEN: Homenzarrão, amigo de Wyatt Deminthal.

ELLA: Cozinheira em Campos de Drondil.

ENCANTAMENTO PLESIÂNTICO: Método utilizado na Arte para obter poderes da natureza.

ENDEN, SIR: Cavaleiro de Chadwick, superado apenas por Breckton.

ÉREBUS: Pai dos deuses, também conhecido como Kile.

ERIVAN: Império dos elfos.

ELRIC, SIR: Cavaleiro que compete num torneio em Dahlgren.

ERVANON: Cidade da região norte de Ghent, sede da Igreja de Nyphron, antigamente capital do Império fundado por Glenmorgan I.

ESPADAGÃO: Espada comprida, manejada com as mãos.

ESRAHADDON: Mago, ex-integrante da Ordem de Cenzar, acusado de destruir o Império Novroniano e condenado à prisão.

ESSENDON: Família real de Melengar.

ESTRAMNADON: Supostamente, a capital ou, ao menos, um local sagrado do Império Erivan.

ESTRENDOR: Desertos do norte.

ETCHER: Integrante da guilda do Diamante Negro.

FALINA BROCKTON: Nome verdadeiro de Esmeralda, garçõnete da taverna Rosa e Espinho.

FANEN PICKERING: Filho do meio do conde Pickering.

FAULD, ORDEM: Ordem de cavaleiros surgida após o império, dedicada à preservação das habilidades e da disciplina dos Cavaleiros de Teshlor.

FECHADURA DE PEDRA: Mecanismo inventado pelos anões, capaz de fechar um recipiente que só será aberto com uma pedra preciosa de determinado tipo e determinada lapidação.

FENITILIAN, IRMÃO: Monge de Maribor, fabricava sapatos térmicos.

FERROL: Deus dos elfos.

FESTA DO INVERNO: Feriado mais importante, no auge do inverno, celebrado com festas e torneios.

FESTA DO VERÃO: Feriado que ocorre no meio do verão, celebrado com piqueniques, danças, festas e torneios de cavalaria.

FINILESS: Autor célebre.

FLECHEIRO: Fabricante de flechas.

GALEANNON: Reino de Avryn, comandado por Fredricke e Josephine.

GALENTI: Termo caliano.

GALIEN, ARCEBISPO: Membro do alto escalão da Igreja de Nyphron.

GALILIN: Província de Melengar governada pelo conde Pickering.

GHAZEL: Ba Ran Ghazel, palavra que os anões designam para os duendes, literalmente: "duendes do mar".

GHENT: Propriedade eclesiástica da Igreja de Nyphron.

GILARABRYWN: Fera da guerra cultuada pelos elfos.

GINLIN, IRMÃO: Monge de Maribor, fabricante de vinho, recusa-se a tocar em facas.

GLAMRENDOR: Capital de Dunmore.

GLENMORGAN: 326 anos após a queda do Império Novroniano, esse nativo de Ghent uniu as quatro nações de Apeladorn; fundador da Universidade de Sheridan; construtor da grande Estrada Norte-Sul; construtor do Palácio de Ervanon (do qual resta apenas a Torre da Coroa).

GLENMORGAN II: Filho de Glenmorgan. Quando o pai morreu jovem, o novo imperador, inexperiente, confiou em representantes da igreja para assessorá-lo

na administração do império. Estes aproveitaram a oportunidade para manipular o imperador e convencê-lo a ceder plenos poderes à igreja e aos nobres leais a ela. Esses líderes se opuseram a defender Delgos contra a invasão dos Ba Ran Ghazel, em Cális, e dos Dacca, em Delgos, argumentando que a ameaça aumentaria a dependência de Delgos em relação ao império.

GLENMORGAN III: Neto de Glenmorgan. Pouco após assumir o governo, ele tentou restabelecer o controle sobre o reino criado pelo avô, comandando um exército contra os invasores Ghazel, que já haviam alcançado o sudeste de Avryn. Ele derrotou os Ghazel na Primeira Batalha das Colinas Vilan e anunciou a intenção de socorrer Tur Del Fur. Temendo o crescente poder de Glenmorgan III, os nobres o traíram, aprisionando-o no Castelo de Blythin. Invejosa da popularidade do líder e ressentida por ele ter diminuído os poderes da aristocracia e do clero, a Igreja o acusou de heresia. Ele foi condenado e executado. Isso deu início ao rápido colapso do que muitos chamaram de Império dos Tutores. Mais tarde, a Igreja alegou ter sido ludibriada pelos nobres e condenou muitos aristocratas, a maioria dos quais, segundo consta, acabou na miséria.

GLOUSTON: Província ao norte de Warric, na fronteira com o rio Galewyr, governada pelo marquês de Lanakin.

GRIGOLES: Autor da obra TRATADO DE GRIGOLES ACERCA DA LEI COMUM IMPERIAL.

GUARDIÃO DO HERDEIRO: Cavaleiro teshlor que jurou proteger o Herdeiro de Novron.

GUTARIA: Cárcere secreto da Igreja de Nyphron, destinado a manter Esrahaddon em cativeiro.

GWEN DELANCY: Prostituta caliana e proprietária da Casa de Medford e da taverna Rosa e Espinho.

HADRIAN BLACKWATER: Mercenário, metade da Riyria.

HERDEIRO DE NOVRON: Descendente direto do semi-deus Novron, destinada a governar toda a nação de Avryn.

HELDABERRY: Fruta silvestre utilizada na fabricação de vinho.

HESLON, IRMÃO: Monge de Maribor, excelente cozinheiro.

HILFRED: guarda-costas da princesa Arista.

HIMBOLT, BARÃO: Nobre de Melengar.

HOMENS DO. BALDE: Denominação genérica para assassinos, empregada pela guilda do Diamante Negro.

HOYTE: Antigo primeiro mandatário da guilda do Diamante Negro.

IGREJA DE NYPHRON: Congrega fies que cultuam Novron e Maribor.

IMPERIALISTAS: Partido político que pretende unir todos os reinos dos homens sob um único líder que seja descendente direto do semi-deus Novron.

JADE: Assassina que integra a guilda do Diamante Negro, namorada de Cutter, amigo de Royce.

JERISH GRELAD: Cavaleiro teshlor e primeiro guardião do Herdeiro.

JERL, LORDE: Vizinho da família Pickering, conhecido por seus cães de caça premiados.

JULIAN TEMPEST: Lorde camareiro de Melengar.

KILE: Mestre ferreiro, nome utilizado por Érebus em sua forma humana.

KRINDEL: Prelado da Igreja de Nyphron e historiador.

LANAKLIN: Família que governa Glouston.

LANIS ETHELRED: Rei de Warric, Imperialista.

LANKSTEER: Capital do reino Lordium, em Trent.

LENA BOTHWICK: Esposa de Russell, fazendeiro de Dahlgren.

LENORE PICKERING: Filha do conde Pickering e de Belinda; é irmã de Mauvin, Fanen e Denek.

LINGARD: Capital de Relison, no reino de Trent.

LONGWOOD: Floresta em Melengar.

LOTHOMAD, REI: Lothomad, o Calvo, governante de Lordium, em Trent, expandiu tremendamente seus territórios, na seqüência do colapso do Império dos Tutores, avançando por Ghent, ao sul, e chegando a Melengar, onde foi derrotado por Brodrick Essendon, na batalha de Campos de Drondil, em 2545.

Luís GUY: Sentinela da Igreja de Nyphron.

MAGNUS: Um anão.

MANDALIN: Capital de Cális.

MANZANT: Prisão terrível e salina localizadas em Manzar, Maranon.

MÃO CARMIM, GUILDA: Corporação de ladrões com sede em Melengar.

MARANON: Reino de Avryn, governado por Vicent e Regina.

MARIBOR: Deus dos homens.

MASON GRUMON: Ferreiro de Medford.

MAURICE SALDUR, BISPO: Chefe da Igreja de Nyphron em Melengar, amigo da família real Essendon.

MAUVIN PICKERING: Primogênito do conde Pickering.

MCDERN: Família de camponeses de Dahlgren.

MEDFORD: Capital de Melengar.

MELENGAR: Reino de Avryn, governado pela família real de Essendon.

MELENGARIANOS: Habitantes de Melengar.

MELISSA: Criada principal da princesa Arista, apelidada de Missy.

MERTON, MONSENHOR: Padre excêntrico de Ghent, conhecido por conversar com Maribor em voz alta.

MILLIE: Égua de Hadrian.

MIR: Indivíduo que tem sangue de elfo e de ser humano.

MONTEMORCEY: Vinho excelente, importado pela Companhia Vandom de Especiarias.

MOTTE: Montanha feita pela mão do homem.

MURIEL: Deusa da natureza, filha de Érebus, mãe de Uberlin.

MYRON: Monge de Maribor, filho de Victor, irmão de Alenda.

NAREION: Último governante do Império Novroniano.

NACIONALISTAS: Partido político comandado por Degan Gaunt, que pretende governar de acordo com a vontade do povo.

NEVRIK: Filho de Nareion, o herdeiro que se refugiou.

NOVRON: Salvador da humanidade, filho do deus Maribor, semi-deus que derrotou o exército dos elfos, nas Grandes Guerras dos Elfos, fundador do Império Novroniano, construtor de Percepliquis.

NYPHRONS: Membros da igreja homônima.

PATRIARCA: Chefe da Igreja de Nyphron, que habita a Torre da Coroa, em Ervanon.

PAULDRON: Armadura que protege o ombro, na articulação entre a parte que protege o tórax e a que protege o braço.

PERCEPLIQUIS: Antiga capital do Império Novroniano; o nome da cidade foi uma homenagem à esposa de Novron.

PERCY BRAGA, ARQUIDUQUE: Lorde conselheiro de Melengar, vencedor

do título do Grande Torneio dos Campeões; tio de Alric e Arista, por ter desposado a irmã do Rei Amrath.

PICKERING: Família nobre de Melengar, e governantes de Galilin. O conde Pickering é conhecido como o melhor espadachim de Avryn, e acredita-se que sua espada seja encantada.

PLANALTO SENON: Planalto de onde se pode avistar Chadwick.

PRAÇA DA NOBREZA: Bairro próspero de Melengar.

PRICE: Primeiro mandatário da guilda do Diamante Negro.

QUEDAS DE PARTHALOREN: Grandes cataratas do rio Nidwalden, próximas a Avempartha.

RATA: Cavalo de Royce.

RATIBOR: Capital do reino de Rhenydd.

RENDON, BARÃO: Nobre de Melengar.

RENIAN, IRMÃO: Amigo de infância de Myron, o monge.

RHELACAN: Espadagão que Maribor cooptou Drome a fabricar e Ferrol a encantar; foi entregue a Novron, para que este derrotasse os elfos.

RHENYDD: Reino da nação de Avryn, governado pelo rei Urith.

Rio BERNUM: Curso d'água que divide a cidade de Colnora.

Rio GALEWYR: Demarca a fronteira sul de Melengar e a fronteira norte de Warric, desembocando no mar perto de um vilarejo pesqueiro chamado Roe.

Rio NIDWALDEN: Demarca o limite oriental de Avryn e o começo do império de Erivan.

RIONILLION: Nome da cidade que existia no local onde mais tarde surgiu Aquesta; a cidade foi destruída durante as guerras civis que sucederam à queda do Império Novroniano.

RIYRIA: Palavra dos elfos que significa *dois, dupla ou ligação*.

RONDEL: Espécie comum de punhal de lâmina rígida com cabo arredondado.

ROSA E ESPINHO: Taverna em Medford, administrada por Gwen DeLancy e utilizada como sede da Riyria.

ROSWORT, REI: Governante de Dunmore.

ROYCE MELBORN: Ladrão, metade da Riyria.

RUFUS, LORDE: Guerreiro impiedoso do norte, respeitado no sul.

RUSSELL BOTHWICK: Fazendeiro de Dahlgren, marido de Lena.

SALIFAN: Planta silvestre aromática, utilizada como incenso.

SAULY: Apelido de Maurice Saldur, usado pelos mais íntimos.

SENTINELAS: Generais da Igreja de Nyphron, encarregados de perseguir heresias e localizar o Herdeiro perdido de Novron.

SERET: Cavaleiros de Nyphron. Setor militar da igreja, criado pelo lorde Darius Seret, indivíduo encarregado de encontrar o Herdeiro de Novron.

TABARDO: Túnica usada por cima da armadura, geralmente enfeitada com um brasão de armas.

TEK'CHIN: Luta marcial dos Cavaleiros Teshlor, preservada pelos Cavaleiros da Ordem de Faul e transmitida à família Pickering.

TESHLORS: Lendários cavaleiros do Império Novroniano, os maiores guerreiros de todos os tempos.

THERON WOOD: Pai de Thrace Wood e fazendeiro de Dahlgren.

THRACE WOOD: Filha de Theron e Addie.

TILINER: Florete extremamente ágil, de uso freqüente por mercenários em Avryn.

TOBIS RENTINUAL: Professor de história da Universidade de Sheridan.

TOLIN ESSENDON: Filho de Brodrick; foi Tolin quem transferiu a capital para Medford e construiu o Castelo de Essendon.

TOMAS, DIÁCONO: Vigário do povoado de Dahlgren.

TORRE DA COROA: Casa do Patriarca, centro da Igreja de Nyphron.

TORSÔNICO: Capaz de produzir torque, como no caso do cabo utilizado nas bestas.

TRENT: Reinos montanhosos do norte.

TRUMBUL, BARÃO: MERCENÁRIO.

TUR: Vilarejo mítico, supostamente situado em Delgos, local do primeiro registro de uma aparição de Kile, fonte mítica de grandes armas.

TUR DEL FUR: Cidade litorânea de Delgos, localizada na baía de Terlando, originalmente construída por anões.

UBERLIN: Deus dos Dacca e dos Ghazel, gerado por Érebus com sua própria filha, Muriel.

URITH, REI: Governante de Ratibor.

UNIVERSIDADE DE SHERIDAN: Reconhecida instituição de ensino, situada em Ghent.

VALE DE RILAN: Terra fértil que separa Glouston de Chadwick.

VALIN, LORDE: Ancião e cavaleiro de Melengar, conhecido pela coragem, mas carente de talento estratégico.

VANDON: Cidade portuária de Delgos, sede da Companhia Vandon de Especiarias, empreitada que surgiu para acolher piratas, até que Delgos se tornou uma república e o negócio foi legitimado.

VENLIN, PATRIARCA: Chefe da Igreja de Nyphron na ocasião da queda do Império Novroniano.

VERNES: Cidade portuária localizada na foz do rio Bernum.

VILLEIN: Indivíduo preso à terra e pertencente a um senhor feudal.

VINCE GRIFFIN: Fundador do vilarejo de Dahlgren.

WARRIC: Reino da nação de Avryn, governado por Ethelred.

WESBADEN: Importante cidade mercantil e portuária de Cális.

WESTBANK: Província recém-criada em Dunmore.

WICEND: Fazendeiro de Melengar cujo nome passou a designar o local onde o rio Galewyr é raso, possibilitando a travessia, a pé ou a cavalo, até Glouston.

WYATT DEMINTHAL: Ex-comandante de navio, pai de Allie.

WYLIN: Mestre de armas do Castelo de Essendon.